BFH

A BÍBLIA FALA HOJE

A Mensagem de Atos



John R. W. Stott

A Bíblia Fala Hoje

Editores da série: J. A. Motyer (AT)
John R. W. Stott (NT)

A MENSAGEM DE ATOS

Até os confins da terra

Crédito: Mazinho Rodrigues.

Doação Exclusiva para:

http://entretextosteologicos.blogspot.com.br/



Outros livros desta série:

A Mensagem de Rute - David Atkinson
A Mensagem de Eclesiastes - Derek Kidner
A Mensagem de Daniel - Ronald S. Wallace
A Mensagem de Oséias - Derek Kidner
A Mensagem de Amós (O Dia do Leão) - J. A. Motyer
A Mensagem do Sermão do Monte - John R. W. Stott
A Mensagem de Atos - John R. W. Stott
A Mensagem de Romanos 5-8 - John R. W. Stott
A Mensagem de 1 Coríntios - David Prior
A Mensagem de Gálatas - John R. W. Stott
A Mensagem de Efésios - John R. W. Stott
A Mensagem de 2 Timóteo (Tu, Porém) - John R. W. Stott
A Mensagem de Apocalipse - Michael Wilcock

MAZINHO RODRIGUES

A BÍBLIA FALA HOJE

A Mensagem de Atos

Até os confins da terra

John R. W. Stott

ABU Editora S/C
Livros Para Gente Que Pensa

A Mensagem de Atos
Traduzido do original em inglês
THE MESSAGE OF ACTS
Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra
Copyright © John R. W. Stott, 1990

Direitos reservados pela
ABU Editora S/C
Caixa Postal 7750
01064-970 - São Paulo - SP

Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami
Revisão de Solange Domingues da Silva e Lucy Yamakami

O texto bíblico utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada. Comentários do autor quanto às diferentes versões inglesas foram, sempre que possível, adaptados às principais versões da Bíblia em português.

1ª Edição - 1994

Prefácio Geral

A *Bíblia Fala Hoje* constitui uma série de exposições, tanto do Antigo como do Novo Testamento, que se caracterizam por um triplo objetivo: expor acuradamente o texto bíblico, relacioná-lo com a vida contemporânea e proporcionar uma leitura agradável.

Esses livros não são, pois, "comentários", já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de "sermões" que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que já falou, e que nada é mais necessário para a vida, o crescimento e a saúde das igrejas e dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua Palavra, tão antiga e, mesmo assim, sempre atual.

J. A. Motyer
J. R. W. Stott
Editores da Série

Índice

	Prefácio geral	5
	Prefácio do autor	9
	Principais abreviaturas	15
	Um quadro cronológico	16
	Introdução	
	1. *Introdução a Lucas* (Lucas 1:1-4)	*18*
	2. Introdução a Atos (Atos 1:1-5)	29
	A. Em Jerusalém (1:6 – 6:7)	
1.	À espera do Pentecoste (1:6-26)	38
2.	O dia de Pentecoste (2:1-47)	63
3.	O início da perseguição (3:1 – 4:31)	97
4.	O contra-ataque satânico (4:32 – 6:7)	116
	B. Os Fundamentos para a Missão Mundial (6:8 – 12:24)	
5.	Estêvão, o mártir (6:8 – 7:60)	139
6.	Filipe, o evangelista (8:1-40)	161
7.	A conversão de Saulo (9:1-31)	185
8.	A conversão de Cornélio (9:32 – 11:18)	203
9.	Expansão e oposição (11:19 – 12:24)	225
	C. O Apóstolo dos Gentios (12:25 – 21:17)	
10.	A primeira viagem missionária (12:25 – 14:28)	241
11.	O concílio de Jerusalém (15:1 – 16:5)	270
12.	A missão na Macedônia (16:6 – 17:15)	291
13.	Paulo em Atenas (17:16-34)	311
14.	Corinto e Éfeso (18:1 – 19:41)	329
15.	Ainda em Éfeso (20:1 – 21:17)	356

D. A Caminho de Roma (21:18 - 28:31)
16. A prisão e a defesa de Paulo (21:18 - 23:35) 379
17. O julgamento de Paulo (24:1 - 26:32) 405
18. *Finalmente Roma!* (27:1 - 28:39) 433

Bibliografia 459

Prefácio do Autor

Graças a Deus por *Atos dos Apóstolos*! O Novo Testamento seria imensamente mais pobre sem ele. Recebemos quatro relatos sobre a vida de Jesus, mas apenas um sobre a igreja primitiva. Atos, portanto, ocupa um espaço indispensável na Bíblia.

O valor de Atos

Em primeiro lugar, ele é importante por causa dos seus registros históricos. Lucas inicia sua história com o derramamento do Espírito no dia de Pentecoste e o período de lua-de-mel da comunidade cheia do Espírito que foi interrompido de forma abrupta pela oposição das autoridades judaicas. Ele prossegue descrevendo o estágio de transição, quando foram lançadas as primeiras bases para a missão entre os gentios, através do martírio de Estêvão e a evangelização de Filipe, as conversões de Saulo e Cornélio, e a fundação da primeira igreja grega em Antioquia. Foi desta igreja – e cidade – internacional que se espalhou a missão cristã de alcance mundial. Paulo e Barnabé evangelizaram o Chipre e a Galácia; o Concílio de Jerusalém reconheceu a legitimidade da conversão dos gentios; a Europa foi alcançada durante a segunda viagem missionária (incluindo Atenas e Corinto), e Éfeso durante a terceira. Então, Paulo foi preso em Jerusalém, e isso foi seguido de diversos julgamentos, seu apelo a César e uma longa viagem marítima a Roma, a cidade de seus sonhos. Lucas o deixa ali, limitado à sua própria casa alugada, mas ilimitado em sua pregação do evangelho. Sem Atos, jamais poderíamos reconstruir o desenvolvimento da carreira missionária de Paulo ou saber como o evangelho se espalhou pelas cidades estratégicas do mundo romano.

O livro de Atos também é importante devido à inspiração contemporânea que nos traz. Calvino o chamou de "enorme

tesouro".[1] Martin Lloyd-Jones se referiu a ele como "o mais lírico dos livros" e acrescentou: "Vivei neste livro, eu vos exorto; ele é um tônico, o maior tônico que conheço no domínio do Espírito."[2] De fato, tem sido um exercício salutar para a igreja cristã de todos os séculos comparar-se com a igreja do primeiro século e tentar reconquistar algo daquela confiança, daquele entusiasmo, daquela visão e daquele poder. Ao mesmo tempo, precisamos ser realistas. Existe o perigo de romantizarmos a igreja primitiva, falando dela em tom solene, como se não tivesse falhas. Isso significaria fechar os olhos diante das rivalidades, hipocrisias, imoralidades e heresias que atormentavam a igreja, como acontece ainda agora. Todavia uma coisa é certa: a igreja de Cristo fora enchida pelo Espírito Santo, que a espalhou para testemunhar.

A literatura sobre Atos

Devido à sua importância singular, Atos tem suscitado uma vasta literatura, e é praticamente impossível que alguém consiga lê-la por inteiro. Aprecio alguns comentaristas antigos que, hoje, são muitas vezes negligenciados. Penso nas cinqüenta e cinco homilias sobre Atos, pregadas por João Crisóstomo em Constantinopla em 400 d.C. e nos dois volumes de João Calvino, escritos em Genebra, no século XVI. Valorizo os comentários enérgicos de Johann Albrecht Bengel, do século XVIII; as explicações piedosas e claras de J. A. Alexander, o brilhante lingüista de Princeton, do século XIX; e os tratados arqueológicos de Sir Willian Ramsay, que escreveu dez livros entre 1893 e 191c5, sobre Lucas e/ou Paulo, dentre os quais o mais conhecido é *St. Paul, the Traveller and the Roman Citizen* (1895). Tenho me batido também com a postura crítica de obras liberais, como os cinco livros editados por F. J. Foakes-Jackson e Kirsopp Lake, sob o título *The Beginnings of Christianity* (1920-32) e as setecentas páginas do tratado erudito de Ernst Haenchen (1956).

Dentre os autores conservadores contemporâneos tenho tirado proveito, em especial, dos comentários de F. F. Bruce (grego, 1951; inglês, 1954), Howard Marshall (1980) e Richard Longenecker (1981). Sinto muito que a recente *magnum opus* de Dr. Colin Hemer, intitulada *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History* (1989) habilmente editada por Conrad Gempf, tenha sido publicada tarde demais para que eu pudesse estudá-la intensamente; só pude dedicar uma única manhã para examiná-

la, enquanto este manuscrito estava sendo preparado para a impressão. Isso me permitiu remeter o leitor a uma série de comentários feitos pelo Dr. Hemer. A riqueza de descobertas arqueológicas recentes (especialmente papiros, inscrições e moedas) que ele minuciosamente reuniu e selecionou, fará com que seu livro seja uma obra de referência padrão por muitos anos. Enciclopédico em conhecimentos, consciencioso em pesquisas e cuidadoso em julgamentos, Colin Hemer faz com que todos os estudantes de Atos lhe sejam devedores.

É fácil repetir o sentimento de Sir William Ramsay, que escreveu: "É impossível encontrar algo a dizer sobre Atos que não tenha sido dito por outra pessoas."[3] Como, então, alguém pode justificar o acréscimo de mais um volume à extensa biblioteca sobre Atos? Se algo distinto pode ser atribuído a este livro, é o fato de que, enquanto todos os comentários procuram iluminar o significado original do texto, a série *A Bíblia Fala Hoje* também se empenha em aplicá-la à vida atual. Procurei, portanto referir-me com integridade a algumas das principais questões que o livro de Atos levanta para o cristão de hoje, como o batismo do Espírito e os dons, sinais e milagres carismáticos; a comunhão econômica da primeira comunidade cristã em Jerusalém; a disciplina na igreja; a diversidade dos ministérios; a conversão cristã; o preconceito racial; os princípios missionários; o preço da unidade cristã; as motivações e os métodos na evangelização; o chamado para sofrer por Cristo; a igreja e o Estado; e a providência divina.

A interpretação de Atos

Mas será possível vencer o abismo dos dezenove séculos entre os apóstolos e nós, e aplicar o texto de Atos à nossa vida, sem manipulá-lo para que se adapte às nossas próprias opiniões preconcebidas? Sim, é correto afirmar que a Palavra de Deus é sempre relevante. Mas isso não significa que podemos, simplesmente, sair lendo o texto como se tivesse sido escrito originalmente para nós, em nosso contexto. Precisamos reconhecer as particularidades históricas das Escrituras, especialmente no caso da "história da salvação" que elas relatam. Por exemplo, em certo sentido, o Pentecoste foi singular e não pode ser repetido, pois o derramamento do Espírito naquele dia foi o ato final de Jesus, que seguiu aqueles outros eventos singulares e irrepetíveis: sua morte, ressurreição e ascensão.

Semelhantemente singular, em certo sentido, foi o ministério dos apóstolos, escolhidos por Jesus para serem os mestres pioneiros e o fundamento da igreja.[4] Não temos liberdade de copiar tudo o que eles fizeram.

É nesse sentido que preciso dizer algo sobre a diferença entre as partes narrativas e didáticas das Escrituras e sobre a importância de permitirmos que a parte didática controle a interpretação da parte narrativa. Alguns não entenderam corretamente aquilo que escrevi sobre isso em *Batismo e Plenitude do Espírito Santo*, então, tentarei ser mais claro.[5] Enfatizo veementemente que não estou dizendo que as narrativas bíblicas nada têm a nos ensinar, pois é claro que "toda Escritura é inspirada por Deus e útil".[6] E, além disso, tudo o que aconteceu aos outros em tempos remotos foi documentado para a nossa instrução.[7] A questão, porém, é: *como* interpretaremos essas passagens narrativas? Pois algumas delas *não se auto-interpretam e algumas contêm poucas indicações* (ou até nenhuma) sobre o que devemos aprender delas. Serão necessariamente normativas? Será que o comportamento relatado nelas deve ser copiado ou, talvez, evitado?

Não me refiro às questões carismáticas como o dom do Espírito aos samaritanos (Atos 8). A mesma discussão precisa ser levantada em relação a outras passagens descritivas. Devemos, por exemplo, fazer eleições nas igrejas jogando a sorte, porque foi isso que eles fizeram para escolher o apóstolo que substituiria Judas (1:23-26)? Devemos juntar nossas propriedades, vender os nossos bens e compartilhar o lucro disso com os necessitados, assim como fizeram os membros da igreja primitiva em Jerusalém (2:44,45; 4:32ss.)? E mais, devemos esperar que em nossa conversão vejamos uma luz intensa e ouçamos uma voz audível, como aconteceu com Saulo de Tarso (9:3ss.)? Esses exemplos devem mostrar muito bem que nem tudo aquilo que Atos relata sobre o que as pessoas fizeram ou experimentaram deve ser copiado em nossas vidas. Então, como decidir? É aqui que o aspecto didático deve nos guiar na avaliação e interpretação das partes descritivas. Precisamos procurar o que se ensina sobre o assunto, primeiramente no contexto imediato (dentro da própria narrativa), depois, naquilo que o autor escreve em outras passagens e, finalmente, no contexto mais amplo das Escrituras como um todo. Por exemplo, a simples afirmação do apóstolo Pedro a Ananias, dizendo que a propriedade, tanto antes como depois da venda, era sua e que ele poderia fazer o que bem

entendesse com ela (5:4), evitará que pensemos que todas as propriedades dos cristãos devem ser compartilhadas.

O texto bíblico usado neste livro é da Edição Revista e Atualizada no Brasil. Às vezes, aparece em bloco antes de sua exposição. Mas, quando todo o texto é incorporado dentro da exposição, não se julgou necessário incluí-lo independentemente.

Devo minha gratidão a muitas pessoas que contribuíram para fazer nascer este livro. Agradeço àqueles que, durante anos, pacientemente ouviram minhas tentativas desajeitadas de expor Atos, servindo assim como valiosas caixas de ressonância. Menciono aqui os estudantes do curso de verão de Regent College, de Vancouver, em julho de 1979, e em especial aqueles membros da Comunidade Evangélica da Igreja em Gales que, estoicamente, se submeteram a cursos anuais que duraram treze anos. Agradeço pela ajuda dos três revisores da editora IVP, John Marsh, Colin Duriez e, especialmente, Conrad Gempf, grande conhecedor de Atos, que vasculhou meu manuscrito com extrema severidade, fazendo diversas sugestões, das quais muitas eu adotei. Outro leitor a quem devo muito é Todd Shy, meu atual aluno-assistente. Mais de uma vez, ele leu diligentemente o texto datilografado, fez observações úteis, checou o texto bíblico e as notas de rodapé, elaborou a lista de abreviaturas e a bibliografia. Expresso também minha gratidão à minha hábil e incansável secretária, com trinta e três anos de serviço, Frances Whitehead, cuja tarefa de datilografia e correção tornou-se menos tediosa e mais prazerosa graças à incrível versatilidade de seu Apple Macintosh Plus.

John Stott
Páscoa de 1989

Notas:

1. Calvino, I, p. 20.
2. Martyn Lloyd-Jones, *The Christian Warfare* (Banner of Truth, 1976), p.274.
3. Ramsay, *St. Paul*, p. viii.
4. Veja Ef 2:20.
5. Veja *Batismo e Plenitude do Espírito Santo* (Vida Nova, 2ª ed., 1986), cap. 1. Em *The Charismatic Theology of St. Luke* (Hendrickson, 1984), Roger Stronstad escreve sobre aqueles que defendem "uma dicotomia não bíblica entre as chamadas passagens descritivas e didáticas das Escrituras" (p. 6) e me inclui entre eles. Mas "alego inocência"! Não nego que as narrativas

históricas possuem um propósito didático, pois é claro que Lucas era historiador e teólogo; o que estou simplesmente afirmando é que o propósito didático de uma narrativa nem sempre é óbvio, precisando muitas vezes ser complementado por outras passagens das Escrituras.

6. 2 Tm 3:16.
7. Rm 15:4; 1 Co 10:11.

Principais abreviaturas

BAGD Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, traduzido e adaptado por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, 2ª edição, revista e aumentada por F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker, de acordo com a 5ª edição de Bauer, 1958 (University of Chicago Press, 1979).

BC *The Beginnings of Christianity, Part I: The Acts of the Apostles*, 5 volumes, ed. F. J. Foakes-Jackson e Kirsopp Lake (Macmillan: vol. I, 1920; vol. II, 1922; vol. III, 1926; vols. IV e V, 1932; reimpressão, Baker, 1979).

BJ Bíblia de Jerusalém (Edições Paulinas, 1981).

BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (Sociedade Bíblica Brasileira).

ERAB Edição Revista e Atualizada no Brasil (Sociedade Bíblica do Brasil)

ERAC Edição Revista e Corrigida (Imprensa Bíblica Brasileira).

GT *A Greek-English Lexicon of the New Testament*, C. L. W. Grimm e J. H. Thayer (T&T Clark, 1901).

HDB *A Dictionary of the Bible*, ed. James Hastings, 5 volumes (T&T Clark, 1898-1904).

JBP *The New Testament in Modern English*, J. B. Philips (Collins, 1958).

LXX O Antigo Testamento em grego, de acordo com a Septuaginta, séc. III a.C.

NEB The New English Bible

TDNT *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. G. Kittel e G. Friedrich, traduzido para o inglês por G. W. Bromiley, 10 vols. (Eerdmans, 1964-76).

Um quadro cronológico *

Narrativa de Atos d.C.		*Império Romano* d.C.	
30	Crucificação, ressurreição e ascensão de Jesus (1:1-11)	14-37	Tibério, imperador
	Pentecoste (2:1-41)	26-36	Pôncio Pilatos, procurador da Judéia
32, 33	Apedrejamento de Estêvão (7:45-60) Conversão de Saulo (9:1-19)		
35 ou 36	Primeira visita de Paulo a Jerusalém (9:26-28; Gl 1:18-20)		
		37-41	Calígula, imperador
43 ou 44	Execução de Tiago, o apóstolo (12:1-2)	41-44	Herodes Agripa I, rei de Judá
46 ou 47	Segunda visita de Paulo a Jerusalém (11:27-30; Gl 2:1-10)	41-54	Cláudio, imperador
		45-47	Fome na Judéia
47, 48	Primeira viagem missionária (13 - 14)		
49	Concílio de Jerusalém (15:1-30)	49	Cláudio expulsa os judeus de Roma
	Começa a segunda viagem missionária (15:36ss.)	50-*c*.93	Herodes Agripa II, tetrarca do território do Norte
50-52	Paulo em Corinto (18:1-18a)	51-52	Gálio, procônsul de Acaia
52	Paulo volta a Antioquia da Síria via Éfeso e Cesaréia (18:18b-22)		

	Começa a terceira viagem missionária (18:23ss.)		
52-55	Paulo em Éfeso (19:1 - 21:1a)	52-59	Félix, procurador da Judéia
55-56	Paulo em Macedônia (20:1b-2a)	54-68	Nero, imperador
56-57	Paulo passa o inverno em Corinto (20:2b-3a)		
57	Viagem a Jerusalém via Macedônia, Trôade e Mileto (20:3b - 21:17)		
	Paulo é preso em Jerusalém (21:27-36)		
	Paulo é acusado diante de Félix (24:1-22)		
57-59	Prisão de Paulo em Cesaréia (23:23 - 24:27)		
59	Paulo é acusado diante de Festo e Agripa (25:6 - 26:32)	59-61	Festo, procurador da Judéia
59-60	Viagem a Roma (27:1 - 28:18)		
60-62	Prisão de Paulo em Roma (28:18ss.)		
64	Provável martírio de Pedro e Paulo em Roma	64	Nero dá início à perseguição dos cristãos
		70	Queda de Jerusalém

* Baseado na obra de Colin Hemer, pp. 159-175 e 251-270, usado com permissão.

Introdução

1. Introdução a Lucas (Lucas 1:1-4)

Antes de ler qualquer livro, é bom saber a intenção do autor ao escrevê-lo. Os livros da Bíblia não fogem a essa regra. Por que, então, Lucas escreveu?

Na verdade, ele escreveu dois livros. O primeiro foi o seu Evangelho, cuja autoria lhe foi atribuída por tradições antigas e reconhecidas e que, quase com absoluta certeza, é o "primeiro livro" mencionado no início de Atos. Assim, Atos foi o seu segundo livro. Os dois formam um par óbvio, ambos são dedicados a Teófilo e escritos no mesmo estilo literário grego. Além disso, como ressaltou Henry J. Cadbury há sessenta anos, Lucas considerava que Atos "não era apenas um apêndice nem um posfácio", mas que formava, juntamente com seu evangelho, "uma obra única e contínua". Cadbury prossegue sugerindo que, "a fim de enfatizar a unidade histórica dos dois volumes ... a expressão Lucas-Atos talvez seja justificável." [1]

Voltando à questão do motivo pelo qual Lucas escreveu sua obra em dois volumes sobre a origem do cristianismo, podemos dar pelo menos três respostas. Ele escreveu como um historiador cristão, como um diplomata e como um teólogo-evangelista.

a. Lucas, o historiador

É verdade que os críticos mais destrutivos do passado tinham pouca ou nenhuma confiança na fidedignidade histórica de Lucas. F. C. Baur, por exemplo, líder da Escola de Tübingen em meados do último século, escreveu que certas afirmações em Atos "só podem ser vistas como desvios intencionais da verdade histórica em função da tendência especial que possuem".[2] E o muito pouco ortodoxo Adolf Harnack (1851-1930), que podia descrever Atos como "essa grande obra histórica",[3] também escreveu no mesmo

livro, que Lucas "oferece exemplos gritantes de descuido e, muitas vezes, de completa confusão em sua narrativa".[4]

Existem, porém, numerosas razões para sermos céticos em relação a esse ceticismo. Em primeiro lugar, Lucas alega, no prefácio de seu Evangelho, estar relatando a histórica verídica e, geralmente, concorda-se que ele se referia aos seus dois livros. Pois "na antigüidade era costume", sempre que uma obra era dividida em mais de um volume, "afixar ao primeiro, um prefácio para o todo". Assim, Lucas 1:1-4 "é o verdadeiro prefácio de Atos, bem como do Evangelho".[5]

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, [2]conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, [3]igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, [4]para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.

Nessa importante declaração, Lucas esboça cinco estágios sucessivos:

Primeiro vêm os eventos históricos. Lucas os chama de certos "fatos que entre nós se cumpriram" (v. 1, ERC). E se a tradução for correta, isso parece indicar que esses eventos não ocorreram por acaso nem de forma inesperada, mas se realizaram para cumprir a profecia do Antigo Testamento.

Depois, Lucas menciona as testemunhas oculares contemporâneas, pois os fatos "que entre nós se realizaram" foram transmitidos pelos "que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra" (v. 2). Aqui, Lucas exclui a sua própria pessoa, pois, apesar de ter sido uma testemunha ocular de grande parte daquilo que relatará na segunda parte de Atos, ele não pertencia ao grupo de pessoas que eram testemunhas oculares "desde o princípio". Eles eram os apóstolos, testemunhas oculares do Jesus histórico que transmitiram (o significado de "tradição") aos outros o que tinham visto e ouvido.

O terceiro estágio é a investigação pessoal de Lucas. Apesar de pertencer à segunda geração, que recebeu a "tradição" sobre Jesus das testemunhas oculares, os apóstolos, ele não a aceitou sem questioná-la. Pelo contrário, fez uma "acurada investigação de

tudo desde sua origem" (v. 3).

Em quarto lugar, depois dos acontecimentos, da tradição das testemunhas oculares e da investigação, vem a escrita. "Muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos" (v.1), diz ele, e agora "igualmente a mim me pareceu bem ... escrever uma exposição em ordem" (v. 3). Entre os "muitos" autores, sem dúvida alguma, incluía-se Marcos.

E em quinto lugar, o escrito destinava-se a leitores, entre eles Teófilo, a quem Lucas se dirige: "para que tenhas plena certeza das verdades em que fostes instruído" (v. 4). Assim, os acontecimentos que haviam se cumprido, tinham sido testemunhados, transmitidos, investigados e escritos, deveriam ser (e ainda são) a base da fé e da certeza cristã.

E mais, Lucas, a pessoa que afirma estar registrando a história, era um homem qualificado para tal tarefa, pois era um médico culto,[6] companheiro de viagem de Paulo, e tinha morado na Palestina durante, pelo menos, dois anos.

Mesmo naqueles dias remotos, os médicos submetiam-se a um treinamento rigoroso, e o grego refinado de Lucas é próprio de uma pessoa culta. Há também, em Lucas-Atos, algumas evidências do vocabulário e do poder de observação que se podem esperar de um membro da classe médica. Em 1882, o erudito irlandês W. K. Hobart escreveu o livro *The Medical Language of St. Luke* , cujo propósito era mostrar que Lucas era "hábil no manuseio da linguagem das escolas gregas de medicina"[7] e que "a predominância do estilo médico" revela um autor médico em todo o Evangelho e em Atos.[8] Adolf Harnack endossa essa teoria.[9] Críticos mais recentes, porém, a rejeitam. Em diversos estudos, H. J. Cadbury, após vasculhar a lista de supostas palavras médicas usadas por Lucas, feita por Hobart, destacou que elas não pertenciam a um vocabulário médico técnico, mas, sim, ao repertório de todo grego culto. A verdade provavelmente se encontra entre esses dois extremos. Apesar da formação médica de Lucas não poder ser comprovada através de seu vocabulário, mesmo assim parece que alguns resíduos de interesse e terminologia médicos podem ser encontrados em seus escritos. "Instintivamente, Lucas emprega palavras médicas", escreveu William Barclay,[10] citando exemplos tirados do Evangelho[11] e de Atos. [12]

Outra razão para confiarmos em Lucas, quando ele afirma estar relatando a história, é que ele foi companheiro de viagem de

Paulo. É fato conhecido que, algumas vezes, na narração de Atos, Lucas muda da terceira pessoa do plural ("eles") para a primeira pessoa do plural ("nós"), e que nesses trechos na primeira pessoa, ele inevitavelmente chama a atenção para a sua pessoa. A primeira dessas ocorrências os levou de Trôade a Filipos, onde o evangelho foi plantado em terra européia (16:10-17); a segunda, de Filipos a Jerusalém, após a última viagem missionária (20:5-15 e 21:1-18); e a terceira, de Jerusalém a Roma, por mar (27:1-28:16). Nesses períodos, Lucas deve ter tido oportunidade suficiente para ouvir e absorver os ensinamentos de Paulo, e escreveu um diário de suas viagens e experiências, do qual tiraria proveito mais tarde.

Além de ser médico e amigo de Paulo, Lucas possuía uma terceira qualificação para escrever história: o fato de ter morado na Palestina. Isso aconteceu da seguinte maneira. Lucas chegou a Jerusalém com Paulo (27:17) e o acompanhou em sua viagem a Roma (27:1). Entre essas duas ocasiões, houve um período de mais de dois anos, durante os quais Paulo foi mantido prisioneiro em Cesaréia (24:27), enquanto Lucas estava livre. Como ele teria usado esse tempo? É razoável imaginar que Lucas aproveitou para viajar por toda Palestina, juntando material para o seu Evangelho e para os primeiros capítulos de Atos, que se passaram em Jerusalém. Sendo gentio, ele deve ter se familiarizado com a história, os costumes e as festas judaicas, e deve ter visitado os locais tornados sagrados pelo ministério de Jesus e o nascimento da comunidade cristã. Harnack ficou impressionado com o seu conhecimento de Nazaré (sua formação montanhosa e sinagoga), Cafarnaum (e o centurião que construiu a sinagoga local), Jerusalém (o Monte das Oliveiras, as aldeias vizinhas e a "Sinagoga dos Libertos"), o templo (seus pátios, portões e pórticos), Emaús a sessenta estádios, Lida, Jope, Cesaréia e outras cidades.[13]

Já que, segundo o que Lucas entendia por história antiga, as pessoas eram mais importantes do que os locais, ele certamente deve ter interrogado muitas testemunhas oculares. Algumas devem ter conhecido Jesus, incluindo, talvez, a virgem Maria, então já idosa; pois o seu relato do nascimento e da infância de Jesus, inclusive os pormenores da Anunciação, é narrado do ponto de vista de Maria e, em última análise, deve ser atribuído a ela. Outras, deviam estar associadas ao começo da igreja de Jerusalém, como João Marcos e sua mãe, Filipe, os apóstolos Pedro e João, e Tiago, o irmão do Senhor; que podiam ter dado a Lucas

informações de primeira mão sobre a Ascensão, o Dia de Pentecoste, as primeiras pregações do evangelho, a oposição do Sinédrio, o martírio de Estêvão, a conversão de Cornélio, a execução do apóstolo Tiago e a prisão e libertação de Pedro. Assim, não nos surpreende o fato de a primeira metade de Atos ter um "cunho semítico muito evidente".[14]

Temos, portanto, bons motivos para dar crédito à afirmação de Lucas, quando ele diz estar relatando a história. Historiadores profissionais e arqueólogos se encontram entre os maiores defensores de sua fidedignidade. Sir William Ramsay, por exemplo, que, antes, fora um estudante admirador da crítica radical de F. C. Baur, foi forçado, pelas suas próprias pesquisas, a mudar de opinião. Em seu livro *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1985), ele relata que deu início às suas investigações "sem nenhum preconceito que pudesse vir a favorecer a conclusão" a que chegou mais tarde, mas "pelo contrário... com uma mente desfavorável".[15] Apesar disso, ele foi capaz de apresentar razões "para colocar o autor de Atos entre os historiadores de primeira linha".[16]

Setenta anos depois, A. N. Sherwin-White, professor de história antiga da universidade de Oxford, denominado "historiador greco-romano profissional"[17], defendeu com vigor a acuidade do conhecimento contextual de Lucas. Sobre Atos, ele escreveu:

> O contexto histórico é exato. Em termos de tempo e espaço, os detalhes são precisos e corretos. Pode-se percorrer as ruas e os mercados, os teatros e as assembléias de Éfeso, Tessalônica, Corinto ou Filipos do primeiro século com o autor de Atos. Os grandes homens das cidades, os magistrados, a revolta e o seu líder estão todos ali... O mesmo acontece com a narrativa das experiências judiciais de Paulo perante os tribunais de Gaio, Félix e Festo. Como documentos, essas narrativas pertencem à mesma série histórica dos relatos de julgamentos regionais e imperiais em fontes epigráficas e literárias do primeiro e do início do século segundo d.C.[18]

E aqui está sua conclusão: "No caso de Atos, a confirmação de sua veracidade histórica é esmagadora ... Qualquer tentativa de rejeitar sua veracidade histórica básica, mesmo em relação a detalhes, deve, agora, parecer absurda. Historiadores romanos, há

muito, a aceitaram como autêntica."[19]

b. Lucas, o diplomata

Relatar a história não pode ter sido o único propósito de Lucas, pois a história que ele apresenta é seletiva e incompleta. Ele nos fala de Pedro, João, Tiago, irmão de Jesus, e Paulo, mas nada relata sobre os outros apóstolos, exceto que Tiago, filho de Zebedeu, foi decapitado. Ele descreve como o evangelho se espalhou ao Norte e Oeste de Jerusalém, mas nada escreve sobre o seu progresso no Sul e no Leste, a não ser a conversão do etíope. Ele retrata e igreja da Palestina no seu período imediato ao Pentecoste, mas depois segue a expansão da missão aos gentios, liderada por Paulo. Assim, Lucas é mais que um historiador. Ele é, na verdade, um "diplomata" cristão, sensível em relação à igreja e ao Estado.

Em primeiro lugar, Lucas desenvolve uma apologética política, pois ele se preocupa profundamente com a atitude das autoridades romanas para com o cristianismo. Portanto, sai de seu caminho para defender o cristianismo das críticas. As autoridades, argumenta, nada têm a temer dos cristãos, pois eles não são rebeldes nem subversivos, mas, pelo contrário, legalmente inocentes e moralmente inofensivos. Sendo mais positivo ainda: os cristãos exercem uma influência saudável sobre a sociedade.

Talvez seja esse o motivo de ambos os livros de Lucas serem dirigidos a Teófilo. Apesar de o adjetivo *theophiles* ("amado por Deus" ou "o que ama Deus", cf. BAGD) poder simbolizar qualquer leitor cristão, é mais provável que seja o nome de uma pessoa específica. E apesar de o adjetivo *kratistos* ("excelentíssimo", Lc 1:3) poder ser apenas "uma forma de tratamento educada, sem nenhuma conotação oficial" ou a "forma de tratamento honrosa usada para pessoas que ocupavam uma posição oficial ou social mais elevada que a do orador" (BAGD), o último uso parece ser o mais provável, pois ocorre mais tarde em referência aos procuradores, Félix (23:26; 24:3) e Festo (26:25). Um equivalente moderno seria "Vossa Excelência". Alguns eruditos chegam a sugerir que Teófilo era um oficial romano específico que tinha ouvido certas calúnias anticristãs, enquanto B. H. Streeter entende que a palavra seria um "pseudônimo prudente", na verdade (ele supõe) "o nome secreto pelo qual Flávio Clemente era conhecido na igreja romana".[20]

De qualquer forma, Lucas repetidamente enfatiza três pontos

de apologética política. Primeiro, os oficiais romanos eram invariavelmente favoráveis ao cristianismo, e alguns até se tornaram cristãos, como o centurião ao pé da cruz, o centurião Cornélio e Sérgio Paulo, procônsul de Chipre. Segundo, as autoridades romanas não conseguiram encontrar nenhuma acusação contra Jesus e seus apóstolos. Jesus fora acusado de sedição, mas nem Herodes nem Pilatos conseguiram estabelecer alguma base para essa acusação. Quanto a Paulo, em Filipos, os magistrados lhe pediram perdão; em Corinto, o procônsul Gálio se recusou a acusá-lo e, em Éfeso, o escrivão da cidade declarou que Paulo e seus amigos eram inocentes. Félix, Festo e Agripa, todos eles, fracassaram ao tentar culpá-lo de qualquer ofensa — três ocorrências que correspondem às três vezes em que Lucas relata que Pilatos declarou a inocência de Jesus.[21]

Em terceiro lugar, as autoridades romanas reconheceram que o cristianismo era uma *religio licita* (uma religião legal ou permitida), porque não era uma nova religião (que precisava ser aprovada pelo Estado), mas, sim, a forma mais pura do judaísmo (que gozava de liberdade religiosa concedida pelos romanos desde o segundo século a.C.). A vinda de Cristo era o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e a comunidade cristã desfrutava uma continuidade direta com o povo de Deus do Antigo Testamento.

Essa era a apologética política de Lucas. Ele reuniu provas para mostrar que o cristianismo era inofensivo (porque alguns oficiais romanos chegaram a adotá-lo pessoalmente), inocente (porque os juízes romanos não conseguiram encontrar nenhuma base para condená-lo) e legal (pois ele era o cumprimento verdadeiro do judaísmo). Semelhantemente, baseados nisso, todos os cristãos deveriam, sempre, poder reivindicar a proteção do Estado. Lembro-me de uma declaração feita em 1972 pelos batistas de Piryatin a N. V. Podgorny, diretor de um presídio da União Soviética, e a L. I. Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista. Citando artigos da constituição soviética e da Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com leis específicas e interpretações jurídicas, os batistas evangélicos de Piryatin reivindicaram o direito à liberdade de consciência e fé, e declararam que não haviam violado a lei: "pois não há nada de ofensivo, nada que se oponha ao governo, nada de fanático em nossa atividade; mas apenas o que é espiritualmente saudável, justo, honesto, pacífico, de acordo com os ensinamentos de Jesus

Cristo".[22]

O segundo exemplo da "diplomacia" de Lucas é o fato de ele ter sido um pacificador da igreja. Através de sua narração, ele demonstra que a igreja primitiva era uma igreja unida, que o perigo de divisão entre os cristãos judeus e samaritanos, e entre os cristãos judeus e gentios, fora providencialmente evitado e que os apóstolos Pedro, Tiago e Paulo estavam fundamentalmente de acordo em relação ao evangelho.

Foi Matthias Schneckenburger que, em *Über den Zweck der Apostelgeschichte* (1841), fez "a primeira investigação elaborada sobre o propósito de Atos".[23] Ele acreditava que Lucas estava defendendo Paulo contra a crítica judaico-cristã à sua missão entre os gentios, enfatizando suas práticas judaicas e suas boas relações com a igreja de Jerusalém. Ele também teria se esforçado para demonstrar "milagres, visões, sofrimentos e pregações paralelas",[24] a fim de "igualar Paulo e Pedro".[25]

F. C. Baur foi muito mais longe. Ele viu em Atos um propósito preciso e "tendencioso". Usando como base bastante frágil as facções coríntias ("Eu sigo Paulo ... Eu sigo Pedro ...", 1 Co 1:12), construiu uma teoria elaborada, dizendo que a igreja primitiva estava dividida pelo conflito entre o cristianismo judaico original, representado por Pedro, e o cristianismo gentio posterior, representado por Paulo. Atos seria uma tentativa feita por um "paulinista" (um seguidor de Paulo) do segundo século para minimizar, e até mesmo negar, a suposta hostilidade entre os dois líderes apostólicos e reconciliar, assim, os cristãos judeus e gentios. Ele retrata Paulo como um judeu fiel, que guardava a lei e cria nos profetas; e Pedro como evangelista através do qual o primeiro gentio se converteu. Os dois apóstolos são, assim, vistos em harmonia, não em contraposição. De fato, Lucas tentou reconciliar "os dois partidos, fazendo Paulo parecer o mais petrino possível, e, correspondentemente, Pedro, o mais paulino possível".[26]

Em geral, concorda-se que F. C. Baur e seus sucessores da Escola de Tübingen levaram essa teoria muito longe. Realmente não havia nenhuma evidência de que houvesse dois cristianismos (judaico e gentílico) na igreja primitiva, liderados por dois apóstolos (Pedro e Paulo), em irreconciliável oposição, um com o outro. Baur provavelmente foi influenciado pelo entendimento dialético de Hegel, que via a história em termos de um conflito recorrente entre tese e antítese. Certamente existe uma tensão

entre os cristãos judeus e gentios e, devido à atividade dos judaizantes, um rompimento sério parecia possível até que esse assunto foi resolvido pelo Concílio de Jerusalém. Lucas não omite esse fato. Certamente, também, em Antioquia, Paulo se opôs publicamente a Pedro, face a face,[27] por ter se retirado da comunhão com cristãos gentios. Mas esse confronto foi excepcional e temporário; Paulo escreveu sobre isso aos Gálatas usando os verbos no tempo passado. Pedro se recuperou de seu lapso momentâneo. A reconciliação entre os dois líderes apostólicos foi real, não fictícia, e a ênfase de Atos, Gálatas 1 e 2, e 1 Coríntios 15:11, está na concordância dos apóstolos em relação ao evangelho.

Lucas não inventou essa harmonia apostólica, como Baur argumentou; ele observou um fato e o relatou. É evidente, em sua história, que ele dá proeminência a Pedro (capítulos 1-12) e a Paulo (capítulos 13-28). Parece muito provável que ele os apresente deliberadamente exercendo ministérios paralelos, e não divergentes. As semelhanças são notáveis. Assim, tanto Pedro como Paulo eram cheios do Espírito Santo (4:8 e 9:17; 13:9), ambos pregaram a Palavra de Deus com clareza (4:13, 31 e 9:27, 29), e testemunharam diante do público judeu acerca da crucificação, ressurreição e exaltação de Jesus em cumprimento das Escrituras, como o caminho da salvação (e.g., 2:22ss. e 13:16ss.); ambos pregaram tanto aos gentios como aos judeus (10:34ss. e 13:46ss.); ambos receberam visões que deram a direção vital para a missão que a igreja estava desenvolvendo (10:9ss.; 16:9); ambos foram presos devido ao seu testemunho de Jesus e, depois, milagrosamente libertos (12:7ss. e 16:25ss.); ambos curaram um paralítico de nascença, Pedro em Jerusalém e Paulo em Listra (3:2ss. e 14:8ss.); ambos curaram outras pessoas doentes (9:41 e 28:8); ambos expulsaram espíritos malignos (5:16 e 16:18); ambos possuíam poderes tão excepcionais que pessoas foram curadas pela sombra de Pedro e pelos lenços e mantos de Paulo (5:15 e 19:12); ambos ressuscitaram mortos: Tabita, em Jope, por Pedro, e Êutico, em Trôade, por Paulo (9:36ss. e 20:7ss.); ambos invocaram o julgamento de Deus sobre um feiticeiro/falso mestre: Pedro sobre Simão o Mago, em Samaria, e Paulo sobre Elimas, em Pafos (8:20ss. e 13:6ss.); e ambos recusaram serem adorados por homens: Pedro recusou o culto de Cornélio e Paulo o dos moradores de Listra (10:25-26 e 14:11ss.).

É verdade que esses exemplos estão espalhados por Atos, não

sendo colocados em justaposição direta. Mas estão ali. Dificilmente podem ser acidentais. Lucas certamente os inclui em sua narrativa para mostrar que Pedro e Paulo eram ambos apóstolos de Cristo, com a mesma comissão, o mesmo evangelho e a mesma autenticidade. É nesse sentido que ele pode ser chamado "pacificador", uma pessoa que demonstrou a unidade da igreja apostólica.

c. Lucas, o teólogo-evangelista

O valor da "crítica da redação" é que ela retrata os autores dos evangelhos e de Atos, não como editores sem imaginação, mas como teólogos com idéias próprias, que conscientemente selecionaram, arranjaram e apresentaram seu material a fim de servir ao seu propósito pastoral específico. Foi na década de 50 que a crítica da redação começou a ser aplicada ao livro de Atos, primeiramente por Martin Dibelius (1951), depois por Hans Conzelmann (1954)[28] e a seguir por Ernst Haenchen (1956) em seu comentário. Infelizmente esses eruditos alemães acreditavam que Lucas se envolveu com suas preocupações teológicas às custas de sua fidedignidade histórica. O professor Howard Marshall, porém, que se baseou nas obras desses estudiosos (submetendo-as ao mesmo tempo a uma crítica rigorosa), especialmente em seu estudo: *Luke: Historian and Theologian* (1970) afirma veementemente que não precisamos colocar Lucas, o historiador, em oposição a Lucas, o teólogo, pois ele era ambos, e na verdade cada uma dessas ênfases exige a outra.

> Lucas é historiador *e* teólogo, e ... o melhor termo para descrevê-lo é "evangelista". Um termo que, cremos, inclui os dois outros ... Como teólogo, Lucas estava preocupado em buscar sua mensagem sobre Jesus e sobre a igreja primitiva em história fidedigna ... Ele colocou sua história a serviço de sua teologia.[29]

Novamente, Lucas era "um historiador confiável e um bom teólogo... Cremos que a validade de sua teologia se mantém ou cai de acordo com a fidedignidade da história em que ela se baseia ... Lucas está preocupado com o significado salvífico da história, e não na história em si como meros fatos".[30]

Particularmente, então, Lucas foi um teólogo da salvação. A

salvação, escreveu Howard Marshall, "é o tema central da teologia de Lucas",[31] no Evangelho (onde a vemos cumprida) e em Atos (onde a vemos proclamada). Michael Green chama a atenção para esse fato em *The Meaning of Salvation*: "É difícil superestimar a importância da salvação nos escritos de Lucas ... É surpreendente ... que, em vista da freqüência com que Lucas usa a terminologia da salvação, não se tenha prestado mais atenção a isso."[32]

A teologia da salvação de Lucas já está explícita no "Cântico de Simeão" ou *Nunc Dimittis*, registrado em seu Evangelho.[33] Três verdades fundamentais se destacam.

Em primeiro lugar, *a salvação vem sendo preparada por Deus*. Ao falar com Deus, Simeão disse: "a tua salvação, a qual preparaste diante de todos os povos" (Lc 2:30-31). Longe de ser um pensamento posterior, ela fora planejada e prometida havia séculos. Essa mesma ênfase se repete em todo o livro de Atos. Nos sermões de Pedro e Paulo (sem mencionar a defesa de Estêvão), a morte, ressurreição e exaltação de Jesus e a dádiva do Espírito são, todas, vistas como a culminação de séculos de promessas proféticas.

Em segundo lugar, *a salvação é dada por Cristo*. Quando Simeão falou a Deus sobre "tua salvação", que ele vira com seus próprios olhos, estava se referindo ao menino Jesus que ele estava segurando em seus braços e que nascera para ser "o Salvador" (Lc 2:11). O próprio Jesus, mais tarde, afirmou inequivocamente que tinha vindo para "buscar e salvar o perdido" (Lc 19:10), ilustrando isso com as três famosas parábolas sobre a perdição humana (Lc 15:1-32). Depois de sua morte e ressurreição, seus apóstolos declararam que o perdão dos pecados estava ao alcance de todos os que se arrependessem e cressem em Jesus (At 2:38-39; 13:38-39). De fato, a salvação não poderia ser encontrada em nenhuma outra pessoa (At 4:12). Pois Deus tinha exaltado Jesus, à sua direita, como "Príncipe e Salvador, a fim de conceder ... o arrependimento e a remissão dos pecados ..." (At 5:31).

Em terceiro lugar, *a salvação é oferecida a todos os povos*. Como Simeão o coloca, ela vem sendo preparada "na presença de todos os povos", para ser uma luz para todas as nações e, também, a glória de Israel (Lc 2:31-32). Sem dúvida é nessa verdade que Lucas imprime maior ênfase. Em Lucas 3:6, referindo-se a João Batista, ele prolonga a sua citação de Isaías 40, indo além do ponto em que Mateus e Marcos param, a fim de incluir a afirmação "toda a carne verá a salvação de Deus". Em Atos 2:17 ele relata a

promessa de Deus, dada através de Joel, citada por Pedro: "Derramarei meu Espírito sobre toda a carne". Essas duas palavras *pasa sarx* ("toda carne" ou "toda humanidade") são colocadas como sinaleiros no início de cada um dos volumes de Lucas, em ambos embutidas em uma profecia do Antigo Testamento, para indicar a mensagem principal de Lucas. Jesus é o Salvador do mundo; ninguém se encontra fora do alcance do seu amor. Em seu Evangelho, Lucas mostra a compaixão de Jesus pelas camadas sociais desprezadas pelos outros, isto é: as mulheres e as crianças, os pobres, os doentes, os pecadores e os desabrigados, os samaritanos e os gentios; enquanto que, em Atos, ele explica como Paulo se voltou para os gentios, e descreve o progresso triunfal do evangelho, partindo de Jerusalém, a capital dos judeus, até chegar a Roma, a capital do mundo.

É particularmente adequado que a proeminência dada à oferta universal do evangelho brote da pena de Lucas, pois ele é o único contribuinte gentio na formação do Novo Testamento.[34] Culto e viajado, ele é o único dos escritores dos evangelhos que chama o Mar da Galiléia de "lago", porque é capaz de compará-lo ao Grande Mar, o Mediterrâneo. Ele possui o amplo horizonte do mundo greco-romano, sua história, bem como sua geografia. Dessa forma ele situa as suas narrativas acerca de Jesus e da igreja primitiva dentro do contexto dos acontecimentos seculares contemporâneos. E emprega a palavra *oikoumene* ("a terra habitada") mais vezes (oito) do que todos ou outros autores do Novo Testamento juntos.

Mas Lucas, o teólogo da salvação, é, em sua essência, um evangelista. Pois ele proclama o evangelho da salvação de Deus em Cristo para todos os povos. Daí, a inclusão de tantos sermões e declarações, especialmente de Pedro e Paulo, em Atos. Ele não somente os mostra pregando aos seus ouvintes originais, mas também os capacita a pregar para nós que, séculos mais tarde, ouvimos seus sermões. Pois, conforme disse Pedro no Dia de Pentecoste, a promessa da salvação vale também para nós, e para todas as gerações, "isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar" (At 2:39).

2. Introdução a Atos (Atos 1:1-5)

Após a introdução geral a Lucas, e seu propósito ao escrever, chegamos agora mais especificamente ao livro de Atos e seu

prefácio. Precisamos notar cuidadosamente a forma como Lucas entendia a relação entre seus dois livros e o papel fundamental desempenhado pelos apóstolos.

a. Os dois volumes de Lucas

Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, [2] até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas.

Aqui Lucas nos diz como ele vê sua obra em dois volumes sobre as origens do cristianismo, que constitui aproximadamente um quarto do Novo Testamento. Ele não considera que o volume um seja a história de *Jesus Cristo*, desde o seu nascimento, passando pelos seus sofrimentos e sua morte, culminando em sua ressurreição e ascensão triunfais; e que o volume dois seja a história da *igreja de Jesus Cristo*, desde o seu nascimento em Jerusalém, passando pelos seus sofrimentos por causa da perseguição, culminando na conquista triunfal de Roma, cerca de trinta anos mais tarde. O contraste que ele apresenta entre os dois volumes não se dá entre Jesus e sua igreja, mas entre os dois estágios do ministério do mesmo Cristo. Em seu primeiro *livro* Lucas relata *todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar, até o dia em que foi elevado às alturas*, já que ele era "poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo".[35] Nesse segundo livro ele escreve sobre aquilo que Jesus continuou a fazer e a ensinar após sua ascensão, especialmente por intermédio dos apóstolos, cujos sermões e "sinais e milagres" autenticadores ele relata fielmente. Assim, o ministério de Jesus na terra, exercido de forma pessoal e pública, foi seguido por seu ministério celestial, exercido através do Espírito Santo por intermédio dos seus apóstolos. E mais, o que separa esses dois estágios é a ascensão. Ela não só conclui o primeiro livro de Lucas[36] e introduz o segundo (At 1:9), mas encerra o ministério terreno de Jesus e inaugura o seu ministério celestial.

Qual é, então, o título correto para o segundo volume de Lucas? O seu nome popular é "O Livro de Atos", o que se justifica pelo Codex Sinaiticus, do quarto século, no qual ele é simplesmente intitulado *Praxeis* ("Atos"). Mas isso não nos esclarece de quem são os atos que Lucas está relatando, nem nos ajuda a distinguir

seu livro das obras apócrifas posteriores, como *Os Atos de João*, *Os Atos de Paulo* e *Os Atos de Pedro*, do segundo século, e *Os Atos de André* e *Os Atos de Tomé*, do terceiro século. Esses eram romances criados para enfatizar a reputação dos respectivos apóstolos, sobretudo através de seus milagres lendários e, normalmente, visavam promover alguma tendência não ortodoxa sob o patrocínio deles.[37]

O título tradicional desde o segundo século tem sido "Os Atos dos Apóstolos", com ou sem o artigo definido. E certamente são os apóstolos que ocupam o centro do palco de Lucas – primeiro Pedro e João (capítulos 1-8), depois Pedro sozinho (capítulos 10-12), Tiago como presidente do Concílio de Jerusalém (capítulo 15), e especialmente Paulo (capítulos 9 e 13-28). Ainda assim, esse título é muito centrado no homem; ele omite o poder divino pelo qual os apóstolos agiam e falavam.

Outros, como Johann Albrecht no século XVIII, sugeriram o título "Os Atos do Espírito Santo". Albrecht escreveu que o segundo volume da obra de Lucas "descreve não tanto os Atos dos Apóstolos, mas, sim, os Atos do Espírito Santo, assim como o primeiro tratado contém os Atos de Jesus Cristo".[38] Esse conceito foi popularizado por Arthur T. Pierson, cujo comentário (1895) foi publicado sob esse título:

> Podemos, talvez, nos aventurar a chamar esse livro de *Os Atos do Espírito Santo*, pois, do começo ao fim, ele é o registro de seu advento e atividade. Aqui ele é visto chegando e operando ... Só se reconhece um único Ator e Agente verdadeiro; todos os outros, chamados atores ou trabalhadores, são apenas seus instrumentos, o agente sendo o que atua e o instrumento, aquilo através do qual ele atua.[39]

Pierson encerra seu livro com um desafio comovente:

> Igreja de Cristo! Os relatos desses atos do Espírito Santo nunca foram completados. Esse é o livro que não possui fim, pois está à espera de novos capítulos a serem acrescentados no ritmo e na medida em que o povo de Deus confirma o bendito Espírito na sua santa cadeira de comando.[40]

Essa, com toda certeza, é uma afirmação saudável. Em toda a narrativa de Lucas encontramos referências à promessa, à dádiva,

ao derramamento, ao batismo, ao poder, ao testemunho e à direção do Espírito Santo. Seria impossível explicar o progresso do evangelho, sem a obra do Espírito. Mesmo assim, se o título "Os Atos dos Apóstolos" superenfatiza o elemento humano, o título "Os Atos do Espírito Santo" superenfatiza o divino, pois não vê os apóstolos como os personagens principais, por intermédio de quem o Espírito atuou. Ele também é coerente com o primeiro verso de Lucas que indica que os atos por ele relatados são os do Cristo ressurreto, atuando através do Espírito Santo que, como Lucas sabe, é o "Espírito de Jesus" (At 16:7). O título mais correto, então (apesar de estranho), que faz jus à própria afirmação de Lucas nos versículos 1 e 2, seria algo parecido com "As Palavras e Obras de Jesus que Continuam Através de Seu Espírito por Intermédio dos Apóstolos".

Os primeiros dois versículos de Lucas, portanto, são de extrema importância. Não é exagero afirmar que eles separam o cristianismo de todas as outras religiões. Elas consideram que seu fundador completou seu ministério durante sua vida na terra; Lucas diz que Jesus apenas começou o seu. É verdade que ele completou sua obra de expiação, mas esse fim foi também um início. Pois após a ressurreição, a ascensão e a dádiva do Espírito, ele continuou sua obra, primeiro, e de um modo especial, através do ministério fundador e único dos seus apóstolos escolhidos, e depois, através da igreja pós-apostólica de cada época e lugar. É esse, portanto, o Jesus Cristo no qual cremos: ele é o Jesus histórico que viveu e o Jesus contemporâneo que vive. O Jesus da história começou o seu ministério na terra; o Cristo da glória tem agido através do seu Espírito desde então, de acordo com a sua promessa de permanecer com o seu povo "sempre, até à consumação do século".[41]

b. O ministério fundador dos apóstolos

Até o dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas. [3]*A esses também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus.* [4]*E, comendo com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes.* [5]*Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito*

depois desses dias.

Já notamos que a ascensão representa a separação das duas fases – a terrena e a celestial – do ministério de Jesus Cristo. Agora precisamos notar que Jesus não foi *elevado às alturas, sem que, antes,* desse *instruções através do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera.* Essa ênfase é clara na frase grega, que diz literalmente: "até o dia em que, tendo instruído os seus apóstolos escolhidos através do Espírito Santo, foi elevado". Assim, antes de encerrar seu ministério pessoal na terra, Jesus deliberadamente tomou providências para que ele continuasse ainda na terra (através de seus apóstolos) mas a partir do céu (através do Santo Espírito). Pelo fato de os apóstolos ocuparem uma posição tão singular, eles também receberam um preparo singular. Lucas esboça quatro estágios.

1) Jesus os escolheu

Eles eram *os apóstolos que escolhera* (v. 2). Lucas empregou o mesmo verbo *eklegomai* em seu relato do chamado e da escolha dos doze, "os quais também chamou apóstolos",[42] e o emprega novamente quando dois homens são indicados para preencher a vaga deixada por Judas e os crentes oram dizendo: "Senhor ... revela-nos qual destes dois tens escolhidos" (v. 24). É importante notarmos que esse mesmo verbo é usado posteriormente em relação a Paulo. O Senhor ressurreto o descreve a Ananias como "um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios ..." (9:15), e Ananias transmite essa mensagem a Paulo: "O Deus de nossos pais de antemão te escolheu ... Terás de ser sua testemunha ..." (22:14-15). Dessa forma, isso enfatiza que todos os apóstolos (os doze, Matias e Paulo) não se autonomearam, nem foram apontados por um ser humano, um comitê, um sínodo ou uma igreja, mas foram escolhidos, de modo direto e pessoal, por Jesus Cristo.

2) Jesus se revelou a eles

Os outros evangelistas indicam que Jesus escolheu os doze "para estarem com ele" e assim serem singularmente qualificados para testemunhar dele.[43] As testemunhas da fundação precisavam ser testemunhas oculares.[44] O sucessor de Judas, disse Pedro, precisava ser alguém que tivesse estado com os doze "todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós; começando no batismo

de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas" (1:21-22). E, em particular, precisava ser uma testemunha "conosco da sua ressurreição" (1:22, cf. 10:41). Assim, depois de ter padecido, o Senhor ressurreto se apresentou vivo àqueles homens (v. 3). Lucas enfatiza isso. Jesus deu-lhes muitas provas incontestáveis (*tekmerion* é uma "prova convincente, decisiva" - BAGD) de que estava vivo, o que continuou *durante quarenta dias*. Nesse período, *apresentou-se vivo* (tornando-se visível), *falou das coisas concernentes ao reino de Deus* (assim, eles puderam vê-lo e ouvi-lo) e, pelo menos uma vez, esteve *comendo com eles*, o que indica que ele não era um fantasma, mas que podia ser tocado (10:41).[45] Jesus, portanto, se apresentou aos seus sentidos: seus olhos, ouvidos e mãos. Essa convivência objetiva com o Senhor ressurreto era uma qualificação indispensável para um apóstolo, fato que explica por que Paulo[46] e Tiago[47] puderam ser incluídos e por que não houve mais apóstolos desde então e nem pode haver, hoje.

3) Jesus os enviou ou comissionou

Além de falar-lhes do reino de Deus (v. 3) e do Espírito Santo (vs. 4-5), fato que consideraremos no próximo capítulo, Jesus deu-lhes certos *mandamentos por intermédio do Espírito Santo* (o qual inspirou todos os seus mandamentos).[48] Quais eram essas instruções? É interessante que o texto bizantino[49] responde a essa pergunta quando acrescenta "os apóstolos que escolheu e comissionou para pregar o evangelho". Se isso for correto, então a instrução do Senhor ressurreto não era outra, senão a grande comissão, que Lucas já havia relatado no final de seu evangelho: "que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações"[50] e que Jesus logo repetiria em termos de ser suas testemunhas até os confins do mundo (1:8). Isso, então, acrescenta outro aspecto ao retrato de um apóstolo. *Apostolos* era um enviado, um delegado ou embaixador, que levava consigo a mensagem e a autoridade de quem o enviou. Assim Jesus escolheu os seus apóstolos e apresentou-se a eles após a ressurreição, como preparação para que pudesse enviá-los para pregar e ensinar em seu nome.

4) Jesus prometeu-lhes o Espírito Santo

No cenáculo, de acordo com João, Jesus já havia prometido aos apóstolos que o Espírito da verdade iria lembrá-los daquilo que ele havia lhes ensinado[51] e completar aquilo que não fora possível

lhes ensinar.[52] Agora Jesus manda que esperem em Jerusalém até que recebam a dádiva prometida (v. 4). Era a promessa de seu Pai (v. 4a, provavelmente através de profecias do Antigo Testamento como Jl 2:28ss, Is 32:15 e Ez 36:27), a sua própria promessa (já que Jesus a repetiu várias vezes durante o seu ministério, v. 4b), e a de João Batista, que chamou a "dádiva" ou "promessa" de "batismo" (v. 5). Jesus agora repete as palavras de João e acrescenta que a tripla promessa ("a promessa do Espírito Santo", 2:33) está para ser *cumprida em poucos dias*. E, portanto, eles devem esperar. Somente quando Deus tiver cumprido sua promessa e eles, "do alto", forem "revestidos" de poder, é que poderão cumprir a comissão.[53]

Nisto, portanto, consiste o quádruplo preparo dos apóstolos de Cristo. É claro que, num sentido secundário, todos nós, os discípulos de Jesus, podemos dizer que ele nos escolheu, revelou-se a nós, nos comissionou como suas testemunhas, e que ele prometeu e deu seu Espírito a nós. Mesmo assim, não é a esses privilégios gerais que Lucas aqui se refere, mas às qualificações específicas e especiais de um apóstolo – ser escolhido pessoalmente por Jesus para ser apóstolo, ser uma testemunha ocular do Jesus histórico, receber uma autorização e comissão de Jesus para falar em seu nome, e possuir o poder do Espírito de Jesus para inspirar-lhe o ensino. A princípio, foi através desses homens singularmente qualificados, que Jesus continuou "a fazer e a ensinar", e é a eles que Lucas deseja apresentar-nos em Atos.

Notas:

1. Cadbury, pp. 8-11.
2. Baur, *I*, p. 109.
3. Harnack, *Luke*, pp. 121, 146.
4. *Ibid.*, p.112.
5. *BC*, II, pp.491-492.
6. Cl 4:14.
7. Hobart, p. xxix.
8. *Ibid.*, p. xxxvi
9. Por exemplo em *Luke the Physician*. Veja sua conclusão à p. 198.
10. Barclay, p. xiv.
11. *Ibid.*, e.g. Lc 4:35; 9:38; 18:25.
12. *Ibid.*, e.g. At 3:7; 8:7; 9:33; 13:11; 14:8 e 28:8-9.
13. Harnack, *Acts*, capítulo 2. especialmente pp. 71-87. Ele conclui: "As referências geográficas e cronológicas e as notas no livro mostram a visão dupla, o cuidado, a consistência e a fidedignidade do autor" (p. 112).

Para o conhecimento específico de Lucas acerca dos lugares, das pessoas e das circunstâncias em relação às viagens de Paulo (Atos 13-28), veja Hemer, pp. 108-158.

14. Citando C. C. Torrey, especialista de Harvard, que, em *The Composition and Date of Acts* (1916), desenvolveu uma teoria interessante (apesar de não conseguir ser convincente): "os documentos mais antigos dessa comunidade judaico-cristã poderiam ter sido escritos em aramaico, a língua do povo", e que Lucas teria feito uma "busca especial por documentos semíticos, como fontes primitivas e autênticas, a fim de traduzi-los para o grego" (p. 5).
15. Ramsay, *St. Paul*, pp.7, 8.
16. *Ibid.*, p. 4.
17. Sherwin-White, p. 186.
18. *Ibid.*, pp. 120-121.
19. *Ibid.*, p. 189. Veja também a riqueza de informações no capítulo 5 de Hemer, "Evidence from Historical Details in Acts" (pp. 159-220).
20. B. H. Streeter, *The Four Gospels: A Study of Origins*. (Macmillan, 1924), pp. 534-539.
21. Lc 23:4, 14, 22.
22. Citado em *Religion In Communist Lands*, Jan.-Fev., 1973 (publicado por Keston College).
23. Veja o artigo de A. J. Mattill, intitulado "The Purpose of Acts: Schneckenburger reconsidered" em Gasque e Martin, pp. 108-122.
24. *Ibid.*, p. 110.
25. *Ibid.*, p. 111.
26. F. C. Baur em *History of the Criticism of The Acts of the Apostles*, p. 326; tradução de Dr. Ward Gasque.
27. Gl 2:11.
28. *Die Mitte der Zeit* (1954), cujo título em inglês é *The Theology of St. Luke* (1960).
29. Marshall, *Luke*, pp. 18-19.
30. *Ibid.*, p. 85.
31. *Ibid.*, p. 93.
32. Green, *The Meaning of Salvation*, pp. 125-131.
33. Lc 2:29-32.
34. Cl 4:10ss. Para esclarecer a ênfase de Lucas na expansão mundial da igreja, veja especialmente *The Salvation of the Gentiles*, de Dupont.
35. Lc 24:19.
36. Lc 24:51.
37. James, pp. 228-438.
38. Bengel, p. 512.
39. Pierson, p. 18.
40. *Ibid.*, pp. 141-142.
41. Mt 28:20.
42. Lc 6:13, cf. Jo 6:70.
43. Mc 3:14; Jo 15:27, cf. At 22:14-15.
44. Lc 1:2.

45. Cf. Lc 24:41-43 e Jo 21:10ss.
46. 1 Co 9:1; 15:8ss.
47. 1 Co 15:7.
48. Cf. Lc 4:18.
49. Atos era conhecido pela igreja primitiva em dois textos gregos, o "alexandrino", especialmente nos grandes códices dos séculos IV e V (sinaítico, vaticano e alexandrino), e o "bizantino", especialmente no códice bezae do século V ou VI (guardado na Biblioteca da Universidade de Cambridge), apesar de sua existência remontar ao século II. O último difere do primeiro, sendo maior em tamanho (cerca de 1.500 palavras a mais), mais agradável em estilo e mais colorido em conteúdo. Alguns eruditos crêem que o próprio Lucas escreveu duas edições de Atos, começando com um esboço, depois abreviado, ou com um esboço impreciso, elaborado posteriormente. Outros acham que Lucas produziu apenas um original, que mais tarde foi deliberadamente alterado por um escriba (que o expandiu ou o resumiu). "Com certeza", escreve C. K. Barrett, "cada um tem algo a oferecer para o nosso conhecimento do texto de Lucas" (*Luke the Historian in Recent Study*, p. 8). Para uma discussão profunda, veja Metzger, pp. 259-272, Haenchen, pp. 50-60 e Hemer pp. 193-201.
50. Lc 24-47.
51. Jo 14:26.
52. Jo 16:12ss.
53. Lc 24:49.

A. Em Jerusalém
1:6 – 6:7

Atos 1:6-26
1. À espera do Pentecoste

O principal evento dos primeiros capítulos de Atos deu-se no dia de Pentecoste, no qual o agora exaltado Senhor Jesus realizou a última obra de sua carreira salvadora (até a segunda vinda) e "derramou" o Espírito Santo sobre o seu povo que aguardava por isso. Sua vida, morte, ressurreição e ascensão – tudo culminou com essa grande dádiva que os profetas haviam predito e que poderia ser reconhecida como a principal evidência de que o reino de Deus fora inaugurado, pois esse encerramento da obra de Cristo na terra era também um novo começo. Assim como o Espírito veio sobre Jesus, equipando-o para o ministério público,[1] agora o Espírito deveria vir sobre o seu povo, equipando-o para o serviço. O Espírito Santo não só atribuiria a eles a salvação que Jesus havia alcançado através de sua morte e ressurreição, mas os impulsionaria para que proclamassem as boas novas dessa salvação pelo mundo inteiro. A salvação é dada para ser compartilhada.

Antes do dia de Pentecoste, porém, haveria um tempo de espera, quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão de Jesus (1:3), e mais dez entre a ascensão e o Pentecoste. As instruções de Jesus eram bem claras e Lucas as repete para enfatizá-las; primeiro no fim de seu Evangelho e, depois, no início de Atos. "Permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder."[2] "Determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes" (1:4). Durante os cinqüenta dias de espera, porém, eles não permaneceram inativos. Pelo contrário, Lucas seleciona e comenta quatro eventos importantes. Primeiro, eles foram comissionados (1:6-8). Segundo, eles viram Jesus ser elevado às alturas (1:9-12). Terceiro, eles perseveravam juntos em oração, provavelmente

para que o Espírito viesse (1:13-14). E quarto, eles substituíram Judas por Matias, como o décimo segundo apóstolo (1:21-26). Não devemos pensar que essas atividades sejam meramente humanas, pois foi Cristo quem os comissionou, subiu ao céu, lhes prometeu o Espírito pelo qual estavam orando e escolheu o novo apóstolo. Dr. Richard Longenecker vai além e vê nestes quatro fatores o que denomina "os elementos essenciais da missão cristã", ou sejam: a comissão para testemunhar, o Senhor exaltado que dirige sua missão do céu, a centralidade dos apóstolos nessa tarefa e a vinda do Espírito Santo para capacitá-los.[3] A missão só poderia começar quando esses quatro elementos estivessem em seus lugares.

1. Eles foram comissionados (1:6-8)

6Então os que estavam reunidos lhe perguntavam: Senhor, será esse o tempo em que restaures o reino a Israel?

7Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade; 8*mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.*

Lucas indica aquilo que o Senhor lhes ensinou durante os quarenta dias em que, ressurreto, "se apresentou" aos apóstolos, dando "muitas provas incontestáveis" de que estava vivo (v. 3). Primeiro, ele lhes falou do "reino de Deus" (v. 3), o qual tinha sido o centro da sua mensagem durante seu ministério público e, também (considerando-se o uso do particípio presente *legon*, "falando") após a sua ressurreição. Em segundo lugar, ele lhes ordenou que esperassem pela dádiva do batismo do Espírito, prometida por ele, por seu Pai e também por João Batista, e que iriam receber "não muito depois destes dias" (vs. 4-5).

Parece-nos, então, que os dois principais assuntos desenvolvidos por Jesus entre a sua ressurreição e ascensão foram o reino de Deus e o Espírito de Deus. É provável que ele também tenha mostrado a relação entre ambos, pois os profetas, muitas vezes, os associaram um ao outro. Quando Deus estabelecer o reino do Messias, disseram, ele derramará o seu Espírito; esse derramamento generoso e a alegria universal provocada pelo Espírito serão um dos principais sinais e bênçãos do seu reinado; e o Espírito de Deus fará com que o reinado de Deus seja uma realidade viva e presente para o povo.[4]

Assim, a pergunta que os apóstolos fizeram a Jesus quando estavam reunidos (*Senhor, será esse o tempo em que restaures o reino a Israel?*, v. 6) não era tão *non sequitor* quanto possa parecer. Pois, se o Espírito estava por vir, como ele mesmo tinha falado, isso não indicaria que seu reino também estaria chegando? O erro que cometeram foi confundir a natureza do reino e a relação entre o reino e o Espírito. A pergunta deles deve ter deixado Jesus muito desanimado. Será que eles ainda não compreendiam? Como Calvino comenta, "os erros são tantos quantas são as palavras."[5] O verbo, o objeto e o advérbio dessa frase, todos eles demonstram uma confusão doutrinária sobre o reino. O verbo *restaures* mostra que eles estavam esperando um reino político e territorial; o objeto, *Israel*, que eles estavam esperando um reino nacional; e *será este o tempo*, que estavam esperando uma restauração imediata. Em sua resposta (vs. 7-8), Jesus corrigiu essas noções falsas da natureza, extensão e chegada do reino.[6]

a. O reino de Deus é espiritual quanto ao caráter

Na língua portuguesa, é claro, um "reino", normalmente, é um território que pode ser localizado num mapa, como o reino islamita da Jordânia, o reino hindu do Nepal, o reino budista da Tailândia, ou o Reino Unido. Mas o reino de Deus não é um conceito territorial. Ele não consta – e não pode constar – em nenhum mapa. E era exatamente isso que os apóstolos tinham em mente ao confundir o reino de Deus com o reino de Israel. Eles eram como os membros do remanescente justo de Israel que Lucas menciona em seu Evangelho como os que "esperavam o reino de Deus" ou "a consolação de Israel",[7] e como os dois a caminho de Emaús, que esperavam "que fosse ele (Jesus) quem havia de redimir a Israel",[8] mas tinham ficado desiludidos devido à cruz. A esperança dos apóstolos, porém, evidentemente, reacendeu com a ressurreição. Eles ainda estavam sonhando com o domínio político, o restabelecimento da monarquia, a libertação de Israel do jugo colonial de Roma.

Ao responder-lhes, Jesus voltou ao assunto do Espírito Santo. Ele falou do Espírito que viria sobre eles, dando-lhes poder para serem suas testemunhas (v. 8). Nas notáveis palavras de Charles Williams, ele partiu "espalhando promessas de poder".[9] É importante lembrar que a promessa de que *receberiam poder* era parte da resposta à pergunta concernente ao reino, pois o exercício

do poder é inerente ao conceito de reino. Mas o poder no reino de Deus é diferente do poder nos reinos humanos. A referência ao Espírito Santo define sua natureza. O reino de Deus são os seus mandamentos estabelecidos na vida de seu povo através do seu Espírito. Ele é aumentado por testemunhas, soldados, através de uma mensagem de paz, e não uma declaração de guerra, e pela atuação do Espírito, não pela força de armas, intriga política ou violência revolucionária. Ao mesmo tempo, ao rejeitar a politização do reino, precisamos ter o cuidado de não cair no outro extremo de espiritualizá-lo em demasia, como se o reinado de Deus operasse apenas no céu e não na terra. O fato é que, apesar de não se identificar com nenhuma ideologia ou programa político, ele possui implicações políticas e sociais radicais. Os valores do reino entram em conflito direto com os valores seculares. E os cidadãos do reino de Deus insistentemente negam a César a lealdade suprema que ele almeja e, decididamente, a concedem somente a Jesus.

b. O reino de Deus é internacional quanto a seus membros

Os apóstolos ainda nutriam aspirações limitadas, nacionalistas. Indagaram a Jesus se ele restauraria a independência nacional de Israel, que os macabeus haviam reconquistado no segundo século a.C., por um breve período extasiante, para depois perdê-la novamente.

Em sua resposta, Jesus ampliou-lhes o horizonte. Ele prometeu que o Espírito Santo lhes daria o poder de serem suas testemunhas. Começariam em Jerusalém, a capital nacional onde o Senhor fora condenado e crucificado, o lugar de onde não deveriam sair até que recebessem o Espírito. Permaneceriam nas vizinhanças da Judéia. Mas, depois, a missão cristã irradiaria partindo daquele centro, de acordo com a antiga profecia de que "de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém",[10] primeiro para a desprezada Samaria e, a seguir, ultrapassando as fronteiras da Palestina, para as nações gentílicas, até *aos confins da terra*. A tese de Johannes Blauw, em seu livro *The Missionary Nature of the Church*, é que a perspectiva do Antigo Testamento envolvia uma preocupação com as nações (Deus as criou e elas virão e se curvarão diante dele), mas não uma missão às nações (sair para conquistá-las). Até mesmo a visão veterotestamentária dos últimos dias consiste numa "peregrinação das nações" ao Monte

Sião: "para ele afluirão todos os povos".[11] Somente no Novo Testamento, acrescenta Blauw, a "consciência missionária centrípeta" é substituída por uma "atividade missionária centrífuga", e o grande "ponto de virada é a ressurreição, depois da qual Jesus recebe autoridade universal e delega ao seu povo a comissão universal de ir e discipular as nações."[12]

O mandato missionário do Senhor ressurreto começa a ser cumprido em Atos. Na verdade, como muitos comentaristas já ressaltaram, Atos 1:8 é uma espécie de "índice" do livro. Os capítulos 1-7 descrevem os acontecimentos em Jerusalém; o capítulo 8 menciona como os discípulos se espalham pela Judéia e Samaria (8:1) e relata a evangelização de uma cidade samaritana por meio de Filipe (8:5-24) e "de muitas aldeias dos samaritanos" por meio dos apóstolos Pedro e João (8:25); enquanto que a conversão de Saulo, no capítulo 9, conduz a uma série de expedições missionárias, e finalmente sua viagem para Roma, relatadas no restante do livro. O reino de Deus, mesmo não sendo incompatível com o patriotismo, não tolera o nacionalismo estreito. Ele domina sobre uma comunidade internacional em que raça, nação, posição e sexo não são barreiras para a comunhão. E quando o seu reino for consumado no final, a inumerável multidão dos remidos será recolhida de "todas as nações, tribos, povos e línguas".[13]

c. O reino de Deus é gradual quanto à expansão

A pergunta dos apóstolos incluía uma referência específica ao tempo: "Será *esse o tempo* em que restaures o reino a Israel?" (1:6). "É agora que o Senhor vai devolver o Reino de Deus ao povo de Israel?" (BLH). Essa fora a expectativa de muitos, durante o ministério público de Jesus, fato que Lucas deixa claro em seu Evangelho. Ele relata uma parábola que (assim ele explica) Jesus contou "visto estar perto de Jerusalém e lhes parecer que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente."[14] Desse modo, os apóstolos perguntaram se Jesus faria naquele momento, após a ressurreição, o que tinham esperado que ele fizesse durante a sua vida; e se o faria imediatamente.

A resposta de Jesus foi dupla. Em primeiro lugar, *não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade* (v. 7). "Tempos" (*chronoi*) ou "épocas" (*kairoi*), juntos, formam o plano de Deus; "os *tempos* ou momentos críticos de sua

história e as *épocas* de seu desenvolvimento".[15] A pergunta dos apóstolos denunciava curiosidade ou impaciência, ou talvez ambas. Pois o próprio Pai havia determinado os tempos pela sua própria autoridade, e o Filho havia confessado que não sabia o dia nem a hora de sua volta (*parousia*).[16] Assim, os apóstolos são forçados a abafar a curiosidade e permanecer na ignorância. Não é apenas em relação ao cumprimento da profecia, mas também em relação a muitas outras verdades, que Jesus ainda nos adverte: "Não vos compete conhecer". Os mistérios pertencem a Deus e não cabe a nós espreitá-los; são as coisas reveladas que nos pertencem e devemos nos contentar com elas.[17]

Em segundo lugar, apesar de não lhes ser permitido conhecer os tempos e as épocas, eles precisavam saber que receberiam poder para que, no período entre a vinda do Espírito e a segunda vinda do Filho, pudessem ser suas testemunhas, em círculos cada vez maiores. Na verdade, todo o período entre o Pentecoste e a Parousia (seja longo ou curto) deve ser preenchido com a missão mundial da igreja no poder do Espírito Santo. Os seguidores de Jesus deviam anunciar o que ele realizou em sua primeira vinda e chamar o povo para arrepender-se e crer, preparando-se para a sua segunda vinda. Eles deviam ser suas testemunhas "até aos confins da terra" (1:8) e "até a consumação do século".[18] Esse foi um dos principais temas do bispo Lesslie Newbigin, em seu livro *The Household of God* (A Casa de Deus):

> A igreja é o povo peregrino de Deus. Ela está em movimento, correndo para os cantos da terra para implorar que todos os homens se reconciliem com Deus, correndo para o final dos tempos para encontrar o seu Senhor que reunirá a todos ... Ela não pode ser entendida corretamente, exceto sob uma perspectiva ao mesmo tempo missionária e escatológica.[19]

Não temos a liberdade de parar antes que ambos os fins sejam alcançados. Na verdade, os dois fins, assim ensinou Jesus, coincidirão, já que, apenas quando o evangelho do reino for pregado em todo o mundo para testemunho a todas as nações, "virá o fim".[20]

Essa era a essência do ensino de Jesus (que também vemos nos Evangelhos) durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão: quando o Espírito viesse em poder, o tão prometido reino de Deus, que o próprio Jesus inaugurara e proclamara,

começaria a se expandir. Ele seria espiritual quanto ao caráter (transformando as vidas e os valores dos seus cidadãos), internacional quanto aos membros (incluindo tanto gentios como judeus) e gradual quanto à expansão (começando em Jerusalém e expandindo-se até alcançar o fim dos tempos e do espaço terreno). Essa visão e comissão devem ter dado uma direção clara às orações dos discípulos durante os dez dias de espera pelo Pentecoste. Mas, antes que o Espírito pudesse vir, o Filho precisava partir. Esse é o próximo assunto de Lucas.

2. Eles viram Jesus subir ao céu (1:9-12)

Ditas essas palavras, foi Jesus elevado às alturas, à vista deles, e um nuvem o encobriu dos seus olhos.

[10]E, estando eles com os olhos fitos no céu, enquanto Jesus subia, eis que dois varões vestidos de branco se puseram ao lado deles, [11]e lhes perguntaram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentro vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir.

[12]Então voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado.

Pelo menos três perguntas se formam em nossa mente enquanto lemos essa história da "ascensão" de Jesus – literal, histórica e teológica. Em primeiro lugar, os dois relatos de Lucas acerca da ascensão de Jesus[21] não se contradizem? Em segundo lugar, a ascensão de Jesus aconteceu literalmente? E, em terceiro lugar, se for esse o caso, há algum significado permanente nisso?

a. Lucas se contradiz?

Certamente era apropriado, como já vimos, que Lucas encerrasse o seu primeiro volume e introduzisse o segundo relatando o mesmo acontecimento, a ascensão de Jesus, já que isso indicava o fim de seu ministério terreno e o prelúdio para o seu ministério contínuo a partir do céu, através do Espírito. É, porém, em princípio, improvável que o mesmo autor, contando a mesma história, se contradissesse. Entretanto, é isso que alguns eruditos modernos afirmam. Ernst Haenchen, por exemplo, escreve: "Duas ascensões – uma na páscoa (Lc 24:51), a outra quarenta dias depois (At 1:9) – é demais."[22] Mas, o fato é que não existem diferenças

substanciais, e é possível harmonizar os dois relatos sem forçar as evidências.

É verdade que em seu Evangelho Lucas não menciona os quarenta dias. Mas é ridículo sugerir, a partir daí, que ele tivesse se esquecido deles ou pensado que a ressurreição e a ascensão tivessem ocorrido no mesmo dia. Absolutamente. No Evangelho, ele simplesmente considerou as aparições da ressurreição, não vendo necessidade de relatar as diferenças quanto ao tempo e as circunstâncias. Indubitavelmente, Lucas está relatando uma única ascensão, e não duas.

É também verdade que cada relato inclui detalhes que não constam do outro, sendo que a versão de Atos é mais completa que a do Evangelho. No final do Evangelho, por exemplo, quando está sendo elevado, Cristo ergue os braços para abençoar os discípulos e eles o adoram.[23] Lucas omite tais ações em seu segundo livro, mas acrescenta a nuvem que o escondeu dos seus olhos e o aparecimento dos "dois varões vestidos de branco", os quais, presume-se, eram anjos. Ora, esses aspectos da história se complementam e não se contradizem mutuamente.

Em terceiro lugar, é verdade que o relato de Atos parece indicar que Jesus ascendeu do Monte das Oliveiras (1:12), e está correto quando diz que "dista daquela cidade tanto quanto a jornada de um sábado" , isto é (de acordo com o Mishná) a 2.000 côvados ou cerca de 1.100 metros, enquanto que a versão do Evangelho diz que Jesus "os levou para Betânia",[24] a aldeia ao lado leste do monte, entre três e quatro quilômetros de Jerusalém. Conzelmann declara que isso contradiz terminantemente a referência geográfica de Atos 1:12,[25] e Haenchen entende que Lucas "não tinha uma noção exata da topografia de Jerusalém".[26] Contudo, a afirmação de Lucas em seu Evangelho pode muito bem ser intencionalmente vaga. Ele não diz que Jesus ascendeu de Betânia, mas que ele levou os seus discípulos naquela direção, sendo mais apropriado traduzir por "para a vizinhança de Betânia".

Tendo examinado as chamadas três divergências principais (quanto a data, detalhes e local), podemos agora observar os cinco pontos que os dois relatos têm em comum. 1) Ambos os relatos dizem que a ascensão de Jesus seguiu-se ao comissionamento dos apóstolos para que fossem suas testemunhas. 2) Ambos dizem que ela se deu fora de Jerusalém e ao leste dela, em algum lugar do Monte das Oliveiras. 3) Ambos dizem que Jesus "foi elevado às alturas", sendo que o uso da voz passiva indica que a ascensão,

assim como a ressurreição, foi um ato do Pai que, primeiro, o levantou dentre os mortos e, depois, o elevou às alturas. Como Crisóstomo o expressa, "a carruagem real foi enviada para ele".[27] Ambos relatam que os apóstolos "voltaram a Jerusalém"; o Evangelho acrescenta: "tomados de grande júbilo". 5) Ambos dizem que depois disso eles aguardaram a vinda do Espírito, de acordo com a ordem e promessa expressa do Senhor. Assim, as concordâncias evidentes são bem maiores que as aparentes divergências. Essas divergências são suficientemente explicadas pela suposição de que Lucas fez uso de sua liberdade editorial ao selecionar detalhes diferentes do relato ou relatos ouvidos, evitando repetir palavra por palavra.

b. A ascensão aconteceu realmente?

Hoje, muitas pessoas, até mesmo dentro da igreja, negam a historicidade da ascensão. A crença numa ascensão literal seria compreensível nos dias de Lucas, dizem, quando as pessoas criam que o céu ficava "lá em cima", de modo que Jesus precisava ser "elevado" a fim de chegar lá. Mas aquilo foi numa era pré-científica; hoje temos uma cosmologia completamente diferente. Não seria, portanto, necessário "demitizar" a ascensão? Poderíamos, então, manter a verdade de que Jesus "voltou ao Pai", livrando-a ao mesmo tempo de uma "roupagem mitológica primitiva" que projeta a imagem de um "lançamento", como que de um foguete, seguido de uma entrada no céu. Além disso, Lucas é o único evangelista que relata a ascensão. Os outros a omitem. De fato, geralmente, os autores do Novo Testamento quase não fazem distinção entre a ressurreição e a ascensão; eles parecem vê-las como o mesmo acontecimento ou, talvez, dois aspectos do mesmo acontecimento. Assim Harnack chegou a afirmar que "o relato da ascensão é inútil para o historiador".[28] Até mesmo William Neil, que normalmente é bastante conservador em suas conclusões, fala aos seus leitores (sem argumentação) que Lucas, ciente de que "muitas vezes a verdade teológica pode ser mais bem transmitida através de retratos falados imaginativos" não deve ser interpretado literalmente. "Seria um grave equívoco em relação à mente e ao propósito de Lucas ver o seu relato da ascensão de Cristo como se não fosse simbólico ou poético."[29]

Diversas razões plausíveis, porém, podem ser apresentadas para justificar a rejeição dessa tentativa de não aceitar a ascensão

como um fato real e histórico.

Em primeiro lugar, os milagres não precisam de precedentes para autenticá-los. O argumento clássico dos deístas do século XVIII era que podemos acreditar em acontecimentos estranhos, fora da nossa experiência, apenas se pudermos produzir algo análogo dentro da nossa própria experiência. Esse "princípio da analogia", se correto, seria suficiente para invalidar muitos dos milagres bíblicos, pois não temos nenhuma experiência de alguém andando nas águas, multiplicando pães e peixes, ressuscitando pessoas ou ascendendo ao céu. Uma ascensão, em especial, negaria a lei da gravidade que, em nossa experiência, funciona sempre e em todo lugar. O princípio da analogia, porém, não é relevante para a ressurreição e a ascensão, pois ambos os acontecimentos foram *sui generis*. Não estamos alegando que pessoas ressuscitam e ascendem ao céu freqüentemente (ou mesmo ocasionalmente), mas apenas que ambos os eventos aconteceram uma vez. O fato de sermos incapazes de produzir analogias, antes ou depois, confirma sua veracidade ao invés de negá-la.

Em segundo lugar, a ascensão é um fato aceito em todo o Novo Testamento. Apesar de Lucas ser o único evangelista a descrevê-la (Mc 16:19 não é uma parte autêntica do Evangelho de Marcos, mas um acréscimo posterior), é incorreto dizer que ela é desconhecida a outros. João registra o Jesus ressurreto recomendando a Maria Madalena que não o detivesse, pois ainda não subira para o Pai.[30] Pedro, em seu sermão no dia de Pentecoste, diz que Jesus foi "exaltado à destra de Deus" e trata esse fato como sendo algo diferente de sua ressurreição e conseqüência dela (At 2:31ss.), e ele confirma isso em sua primeira carta.[31] Paulo freqüentemente fala da exaltação de Jesus ao lugar de suprema honra e poder, e a distingue de sua ressurreição.[32] E na Epístola aos Hebreus, a ressurreição e o reinado de Jesus não são confundidos.[33]

Em terceiro lugar, Lucas conta a história da ascensão com simplicidade e sobriedade. Não existe toda aquela extravagância associada aos evangelhos apócrifos. Não encontramos aqueles exageros tão comuns nas lendas. Não há evidência de poesia ou simbolismo. Até mesmo Haenchen admite esse fato: "a história não é sentimental, é quase excepcional em austeridade".[34] O relato é redigido como se fosse história, como se Lucas pretendesse que o aceitássemos como parte real da história.

Em quarto lugar, Lucas enfatiza a presença de testemunhas oculares e repetidamente se refere ao que eles viram com seus próprios olhos: "foi Jesus elevado às alturas, *à vista deles*, e uma nuvem o encobriu *dos seus olhos*. E, estando eles *com os olhos fitos* no céu, enquanto Jesus subia ..." Os dois anjos, então, lhes disseram: "por que estais *olhando* para as alturas? Esse Jesus ... assim virá do modo como o *vistes* subir." Neste relato extremamente curto, por cinco vezes é enfatizado que a ascensão foi um acontecimento visível. Lucas não escreveu essas frases à toa. Ele tem muito a dizer em seus registros sobre a importância da confirmação do evangelho pelo testemunho dos apóstolos. E aqui ele inclui a ascensão de Jesus entre as verdades históricas que as testemunhas oculares podiam certificar (e certificaram). De fato, quando Judas é substituído, Pedro faz do batismo de João e da ascensão de Jesus o início e o fim do ministério público acerca do qual os apóstolos *precisam testemunhar* (1:22).

Em quinto lugar, não existe uma explicação alternativa para justificar o fim das aparições após a ressurreição e o fato de Jesus ter desaparecido da terra. O que, então, aconteceu a ele e por que ele deixou de aparecer? Qual foi a origem da tradição de que as suas aparições duraram quarenta dias exatos? Em vista da falta de outras respostas a essas perguntas, damos preferência à explicação para a qual há evidências, ou seja: o período de quarenta dias começou com a ressurreição e terminou com a ascensão.

Em sexto lugar, a ascensão histórica e visível tinha um propósito inteligível. Jesus não precisava fazer uma viagem pelo espaço, e é tolice da parte de alguns críticos ridicularizar sua ascensão, apresentando-o como o primeiro cosmonauta. Não, na transição de seu estado terreno para o celestial, Jesus poderia, perfeitamente, sumir como em outras ocasiões, voltando para o Pai secretamente, de forma invisível. A razão para uma ascensão pública e visível certamente é que ele desejava que os discípulos soubessem que ele estava partindo de vez. Ele passou aqueles quarenta dias, aparecendo, desaparecendo e reaparecendo. Mas esse período havia terminado. Dessa vez, sua partida era definitiva. Portanto, eles não deviam aguardar uma outra aparição. Pelo contrário, deveriam esperar outra pessoa, o Espírito Santo (1:4). Pois o Espírito viria somente após a partida de Jesus, e então os discípulos estariam aptos a dar início à missão no poder que receberiam dele.

De qualquer modo, a forma como partiu (uma ascensão visível)

atingiu o efeito planejado. Os apóstolos voltaram para Jerusalém e esperaram pelo Espírito.

c. Qual o valor permanente da história da ascensão?

Vimos o efeito da ascensão visível sobre os apóstolos; mas o que ela tem a nos oferecer? Para uma resposta profunda a essa pergunta seria necessário fundirmos as diferentes linhas de ensino de todos os autores do Novo Testamento, incluindo o sacrifício perfeito e a intercessão contínua do Sumo Sacerdote descritos em Hebreus; a glorificação do Filho do homem ensinada por João; o senhorio cósmico enfatizado por Paulo; e o triunfo final, quando seus inimigos finalmente estarão sob os seus pés, profetizado em Salmo 110:1 e reforçado por todos os que o citam. Mas Lucas não está preocupado com essas verdades. Para entendermos sua preocupação primária ao contar a história da ascensão, precisamos prestar atenção àqueles *dois varões vestidos de branco* (v. 10) que *se puseram ao lado deles* (os apóstolos) e lhes falaram. Lucas os chama de "varões" ("homens" na BLH) porque essa era a aparência deles, mas as roupas brilhantes e o tom de autoridade indicam que se tratavam de anjos. Em seu Evangelho, Lucas registra o ministério dos anjos em diversos momentos cruciais da história. Eles anunciaram e presenciaram o nascimento de Jesus.[35] De acordo com alguns manuscritos, um anjo apareceu no Jardim do Getsêmani para fortalecê-lo.[36] E "dois varões com vestes resplandecentes", posteriormente identificados como anjos, proclamaram a ressurreição às mulheres.[37] Assim, era muito natural que surgissem anjos para interpretar sua ascensão. Eles lançaram uma pergunta intrigante aos discípulos: *Varões galileus, por que estais olhando para as alturas?* (v. 11a). No original grego a expressão *eis ton ouranon* ("para o céu") ocorre quatro vezes nos versículos 10 e 11. Sua repetição, especialmente na repreensão dos anjos, enfatiza que os apóstolos não deviam ser vasculhadores do céu. São dadas duas razões.

Em primeiro lugar Jesus voltará. *Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu, assim virá do modo como o vistes subir* (v. 11b). A implicação disso parece ser que eles não o trarão de volta olhando para o céu. Jesus se foi e eles devem deixá-lo ir; ele voltará no seu próprio tempo, e da mesma forma. Precisamos dar todo o crédito à confirmação angelical da parúsia (segunda vinda). Mas precisamos ter cuidado em nossa interpretação de *houtos* (esse

mesmo Jesus) e *houtos* (do *mesmo* modo). Não é correto forçar essas palavras, fazendo-as significar que a parúsia é como um filme da ascensão mostrado de trás para frente, ou que Jesus voltará exatamente no mesmo ponto do Monte das Oliveiras, vestindo a mesma roupa. Só é possível discernir as semelhanças e diferenças entre a ascensão e a parúsia quando permitimos que as Escrituras interpretem as Escrituras. "Esse *mesmo* Jesus" certamente indica que a sua vinda será pessoal, o Filho Eterno ainda em posse da natureza e do corpo humano glorificado. E "do *mesmo* modo como" indica que a sua vinda também será visível e gloriosa. Eles viram a sua partida; eles veriam a sua volta. Lucas relata o que o próprio Jesus disse: "Então se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória."[38] A mesma nuvem que o ocultou dos olhos deles (1:9), que anteriormente envolveu a ele e aos três apóstolos mais íntimos no monte da transfiguração,[39] e que em todo o Antigo Testamento foi o símbolo da presença gloriosa de Javé, será a carruagem em sua vinda, assim como o foi na partida.

Mas haverá algumas diferenças importantes entre a partida de Jesus e o seu retorno. Sua volta será pessoal, mas ela não será vista por poucos, como na ascensão. Apenas os onze apóstolos o viram partir, mas quando ele voltar "todo olho o verá".[40] Em vez de voltar sozinho (como partiu), milhões de santos – humanos e angelicais – formarão sua comitiva.[41] E em vez de ser uma volta restrita a um local ("Lá está!" ou "Ei-lo aqui!"), será "assim como o relâmpago, fuzilando, brilha de uma à outra extremidade do céu".[42]

Em segundo lugar, até a volta de Jesus, deviam continuar sendo testemunhas, pois esse era o seu mandato. Era fundamentalmente anormal ficarem a olhar para o *céu*, quando tinham sido comissionados para irem até aos confins da *terra*. A terra, e não o céu, deveria ser o centro de sua preocupação. Eles tinham sido chamados para serem testemunhas, não vasculhadores do céu. A visão que eles deveriam cultivar não era a vertical, de nostalgia do céu onde Jesus foi recebido, mas, sim, a horizontal, de compaixão pelo mundo perdido que precisava dele. O mesmo vale para nós. A curiosidade sobre o céu e seus habitantes, a especulação sobre profecias e o seu cumprimento, a obsessão por "tempos e épocas"– tratam-se de aberrações que nos desviam da missão dada por Deus. Cristo virá de modo pessoal, visível e glorioso. Disso fomos assegurados. Os outros detalhes podem esperar.

Enquanto isso, temos muito trabalho a fazer no poder do Espírito.

O antídoto para a vã especulação espiritual é uma teologia cristã *da história, uma compreensão da ordem dos acontecimentos* dentro da programação divina. Primeiro, Jesus voltou ao céu (Ascensão). Segundo veio o Espírito Santo (Pentecoste). Terceiro, a igreja sai para ser testemunha (missão). Quarto, Jesus voltará (Parúsia). A confusão se estabelece sempre que esquecemos um desses eventos ou o colocamos na seqüência errada. Precisamos lembrar especialmente que entre a Ascensão e a Parúsia (o desaparecimento e o reaparecimento de Jesus), alonga-se um período de duração indeterminada que deve ser preenchido pelo testemunho da igreja, que deve alcançar o mundo inteiro no poder do Espírito. Precisamos dar ouvidos à mensagem dos anjos: "Vocês o viram partir. Vocês o verão voltar. Mas entre essa ida e vinda é necessário que haja outra. O Espírito precisa *vir*, e vocês precisam *ir* – para o mundo, por Cristo."

Olhando para trás, creio que podemos dizer que os apóstolos cometeram dois erros opostos, que tinham de ser corrigidos. Primeiro, eles estavam à espera de um poder político (a restauração do reino de Israel). Segundo, eles estavam observando o céu (preocupados com o Jesus celestial). Ambos eram fantasias falsas. O primeiro é o erro do político que sonha em fazer a utopia na terra. O segundo é o erro do pietista que sonha apenas com os prazeres celestiais. A primeira visão é terrena demais, e a segunda, celestial demais. Seria um exagero se traçássemos aqui um paralelo entre o Evangelho de Lucas e Atos? Assim como no início do Evangelho, no deserto da Judéia, Jesus dá as costas aos fins e meios falsos, no início de Atos, os apóstolos também tinham de virar as costas ao ativismo e ao pietismo falsos antes do Pentecoste, e, em lugar deles, ou como antídoto para eles, deveria estar o testemunho de Jesus no poder do Espírito, com todas as suas implicações em termos de responsabilidade terrena e capacitação celestial.

3. Eles oraram pela chegada do Espírito (1:12-14)

Então voltaram para Jerusalém, do monte chamado Olival, que dista daquela cidade tanto como a jornada de um sábado.

[13]Quando ali entraram, subiram para o cenáculo onde se reuniam Pedro, João, Tiago e André; Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, Simão o Zelote, e Judas, filho de Tiago. [14]Todos estes

perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, estando entre elas Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

A caminhada de volta a Jerusalém, equivalente apenas à quilometragem permitida no sábado, não deve ter levado mais do que quinze minutos. Lucas, então, descreve como eles preencheram os dez dias seguintes, antes do Pentecoste. Em seu Evangelho, ele diz que "estavam sempre no templo, louvando a Deus",[43] e, em Atos, relata que "perseveravam unânimes em oração" (v. 14) na sala onde se alojavam. Era uma combinação saudável: louvor contínuo no templo e oração contínua em casa. Lucas não especifica se a sala era "o espaçoso cenáculo mobiliado",[44] no qual Jesus passou a última noite com os doze, ou se era a casa de Maria, mãe de João Marcos, onde mais tarde, muitos membros da igreja de Jerusalém se reuniram para orar (At 12:12), ou se era algum outro aposento. O que ele registra é que as orações deles tinham duas características que, segundo Calvino, são "dois fatores essenciais para a oração verdadeira, ou sejam: eles perseveravam e eram unânimes".[45] Vou tomá-los em ordem inversa.

a. A oração deles era unânime

Quem eram essas pessoas que se reuniam para orar? Lucas escreve que formavam uma "assembléia de umas cento e vinte pessoas" (v. 15). O professor Howard Marshall supõe que Lucas menciona o número de participantes porque "conforme a lei judaica, era necessário um mínimo de 120 homens judeus para estabelecer uma comunidade com seu próprio concílio"; assim, os discípulos já eram suficientemente numerosos "para formar uma nova comunidade".[46] Outros crêem ter descoberto algum simbolismo nesse número, já que as doze tribos e os doze apóstolos fazem do número doze um símbolo óbvio da igreja, e 120 é igual a 12 x 10, assim como os 144.000 do livro de Apocalipse são 12 x 12 x 1.000. Outros ainda sugerem que os 120 devem ter sido apenas parte da comunidade total dos crentes, já que, em certa ocasião, "mais de quinhentos" viram o Senhor ressurreto ao mesmo tempo,[47] embora com certeza, isso tenha acontecido na Galiléia. Em todo o caso, esse grupo incluía os onze apóstolos sobreviventes. Lucas os alista (v. 13) tal como o fez em seu Evangelho.[48] E a lista é a mesma, com apenas pequenas variações.

Por exemplo: o círculo íntimo de quatro que, no Evangelho, foram alistados como irmãos, "Simão e André, Tiago e João" são agora *Pedro, João, Tiago e André*, tendo em primeiro lugar aqueles que deveriam tornar-se os líderes dos apóstolos e também separando os irmãos de sangue, como que indicando uma nova irmandade em Cristo em substituição ao antigo parentesco (veja no versículo 16, "Irmãos ..."). Os dois pares seguintes também foram redistribuídos, apesar de não haver nenhum motivo aparente para tal modificação. Em vez de "Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé",[49] Lucas escreve *Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus*. Os outros apóstolos permanecem os mesmos, exceto, é claro, pela omissão de Judas, o traidor.

Além dos onze apóstolos, são mencionadas *as mulheres* (v. 14), provavelmente referindo-se a Maria Madalena, Joana (cujo marido cuidava da manutenção do palácio de Herodes) e Susana – o trio que Lucas mencionou em seu Evangelho [50] com as que "lhe (sc. a Jesus e seus apóstolos) prestavam assistência com seus bens", juntos, talvez, com "Maria, mãe de Tiago" e as outras que encontraram o túmulo vazio,[51] a quem o Senhor ressurreto se revelou mais tarde.[52] A seguir, em destaque, como que ocupando uma posição de honra especial, Lucas acrescenta *Maria, mãe de Jesus*, cujo papel singular no nascimento de Jesus ele descreveu nos dois primeiros capítulos do seu Evangelho, juntamente com *os irmãos dele* (v. 14), que não haviam crido nele durante o seu ministério,[53] mas que agora – talvez devido a uma aparição particular a um deles, Tiago, após a ressurreição [54] – estão alistados entre os crentes.

Todos esses (os apóstolos, as mulheres, a mãe e os irmãos de Jesus, e os restantes que completavam os cento e vinte) *perseveravam unânimes em oração*. A palavra "unânimes" traduz *homothymadon*, uma das palavras preferidas de Lucas, que ele emprega dez vezes e que ocorre apenas uma vez em todo o resto do Novo Testamento. Essa palavra pode significar simplesmente que os discípulos se reuniam no mesmo lugar ou que eles estavam fazendo a mesma coisa, ou seja, orando. Mas, em outros textos, ela descreve tanto a oração unânime (4:24) quanto a decisão unânime (15:25), dando a entender que essa "unanimidade" era mais do que uma simples reunião e atividade conjunta, envolvendo uma concordância quanto àquilo pelo que estavam orando. Eles oravam com "uma mente ou um propósito ou um impulso"(BAGD).

b. A oração deles era perseverante

O verbo traduzido por *perseveravam* (*proskartereo*) significa estar "ocupado" ou ser "persistente" em toda atividade. Lucas o emprega mais tarde em relação aos novos convertidos que "perseveraram na doutrina dos apóstolos" (2:42) e aos apóstolos que resolveram dar prioridade à oração e à pregação (6:4). Aqui ele o emprega em relação à perseverança na oração, como Paulo o faz diversas vezes.[55]

Não pode existir muita dúvida quanto ao fato de a base dessa união e perseverança na oração ser o mandamento e a promessa de Jesus. Ele prometera que logo lhes enviaria o Espírito (1:4, 5, 8). E ordenara que esperassem a sua vinda, para então começar a testemunhar. Aprendemos, portanto, que as promessas de Deus não tornam a oração supérflua. Pelo contrário são somente as suas promessas que nos dão a garantia para orarmos e a confiança de que ele nos ouvirá e responderá.

4. Eles substituíram Judas por Matias como apóstolo (1:15-26)

Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos (ora, compunha-se a assembléia de umas cento e vinte pessoas) e disse: [16]*Irmãos: Convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus,* [17]*porque ele era contado entre nós e teve parte neste ministério.*

[18]*(Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniqüidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram;* [19]*e isso chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue).*

[20]*Porque está escrito no Livro dos Salmos:*

Fique deserta a sua morada;
e não haja quem nela habite;

e:

Tome outro o seu cargo.

[21]*É necessário, pois, que, dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós,* [22]*começando no batismo de João, até o dia em que dentre nós foi levado às alturas, um destes se torne testemunha conosco da sua ressurreição.*

[23]Então propuseram dois: José chamado Barsabás, cognominado Justo, e Matias. [24]E, orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, revela-nos qual destes dois tens escolhido, [25]para preencher a vaga neste ministério e apostolado, do qual Judas se transviou, indo para o seu próprio lugar. [26]E os lançaram em sortes, vindo a sorte a recair sobre Matias, sendo-lhe então votado lugar com os onze apóstolos.

Tendo relatado a comissão do Senhor, sua Ascensão e as orações perseverantes dos discípulos, Lucas chama a atenção para apenas mais uma ação antes do Pentecoste (*naqueles dias* é uma expressão vaga que indica uma data qualquer entre a Ascensão e o Pentecoste): a eleição de um outro apóstolo, para substituir Judas. Precisamos considerar a necessidade de tal eleição (a traição e morte de Judas), a garantia para isso (o cumprimento das Escrituras) e a escolha feita (Matias).

a. A morte de Judas (1:18-19)

Os versículos 18 e 19 não parecem fazer parte da fala de Pedro, pois eles interrompem a seqüência de seus pensamentos. Além do mais, se Pedro estava falando em aramaico para pessoas que falavam o aramaico, ele não tinha necessidade de traduzir a palavra *Aceldama* (v. 19). Mas Lucas, que estava escrevendo para leitores gentios, precisava explicar o significado do termo. Assim, é melhor entender esses dois versículos como parênteses editoriais, em que Lucas informa os seus leitores sobre as circunstâncias da morte de Judas. É essa a interpretação dada por ERAB e BLH.

Lucas é incisivo ao chamar a traição de Judas de um ato de *iniqüidade* (*adikia*, v. 18), infâmia ou crime (BLH, BJ). Mesmo assim, algumas pessoas expressam simpatia para com ele porque seu papel fora predito e, com isso, (pensa-se) predefinido. Mas não é assim. O próprio Calvino, apesar de toda a sua ênfase na soberania de Deus, escreveu: "Judas não pode ser justificado pelo fato de sua ação ter sido profetizada, já que ele caiu, não por causa da compulsão da profecia, mas devido à iniqüidade de seu próprio coração".[56]

Nos Evangelhos, apenas Mateus relata o que aconteceu com Judas,[57] e ele e Lucas parecem basear-se em duas tradições independentes. Mas seus relatos não divergem tanto, como argumentam algumas pessoas, e certamente não é necessário

concordarmos com R. P. C. Hanson quando diz que "ambos não podem ser verdadeiros".[58] Ambos afirmam que Judas teve uma morte miserável, que se comprou um campo com o dinheiro que recebera (trinta moedas de prata), e que foi chamado "Campo de Sangue". As divergências aparentes dizem respeito à forma como ele morreu, a quem comprou o campo e à razão pela qual foi chamado "Campo de Sangue".

Em primeiro lugar, analisemos a forma como morreu Judas. Mateus escreve que ele cometeu suicídio: "retirou-se e foi enforcar-se".[59] Lucas escreve que ele, *precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram* (v. 18b). As primeiras tentativas de harmonizar essas afirmações remontam pelo menos a Agostinho. É perfeitamente possível supor que, depois de se enforcar, seu corpo caiu de cabeça para baixo (o significado comum de *prenes*), presumindo-se que a corda ou o galho se quebrou ou se vergou (seguindo outra derivação de *prenes*, que BAGD declara "lingüisticamente possível"), e, em ambos os casos, rompeu-se.

Em segundo lugar, existe a questão sobre quem comprou o campo. Mateus diz que Judas, cheio de remorso, tentou devolver o dinheiro aos sacerdotes e (quando eles se recusaram a aceitá-lo) o jogou no templo e saiu. Ele acrescenta que, mais tarde, os sacerdotes pegaram o dinheiro e compraram o campo do oleiro. Lucas, por sua vez, diz: *esse homem adquiriu um campo com o preço da iniqüidade* (v. 18a). Então, será que foram os sacerdotes que compraram o campo ou foi Judas? Pode-se responder que ambos o fizeram: os sacerdotes efetuaram a transação, mas com o dinheiro de Judas. Pois segundo Edersheim, "pela lei, considerava-se que o dinheiro ainda pertencia a Judas" e teria sido aplicado por ele na compra desse conhecido "campo do oleiro".[60]

Em terceiro lugar, por que o campo adquirido tornou-se conhecido como "O Campo de Sangue"? A resposta de Mateus é que ele foi comprado com "dinheiro de sangue".[61] Lucas não dá nenhuma razão explícita, mas sugere que foi porque o sangue de Judas foi ali derramado. Evidentemente, desenvolveram-se tradições diferentes (como sempre acontece) sobre como o campo adquiriu tal nome, fazendo com que as pessoas o chamassem de "Campo de Sangue" por motivos diferentes.

É justo concluir que esses relatos independentes da morte de Judas não são incompatíveis e, concordando com J. A. Alexander, podemos dizer: "dificilmente um júri americano ou inglês

hesitaria em aceitar esses relatos como perfeitamente compatíveis".[62]

b. O cumprimento das Escrituras (1:15-17, 20)

A justificativa para substituir Judas estava no Antigo Testamento. Essa era a convicção de Pedro, expressa perante os crentes: *Irmãos: Convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas* (v. 16). Precisamos lembrar que, de acordo com Lucas, o Senhor ressurreto tinha aberto as Escrituras perante seus discípulos e, também, as suas mentes para que pudéssemos entendê-las.[63] Como conseqüência, a partir da ressurreição, eles começaram a ter um entendimento diferente de como o Antigo Testamento profetizou os sofrimentos, a glória, a rejeição e o reino do Messias. E, estimulados pelas explicações de Jesus durante os cinqüenta dias de espera, eles provavelmente vasculharam as Escrituras buscando mais luz. Sabemos que várias listas de testemunhos do Antigo Testamento sobre o Messias foram compiladas posteriormente e postas em circulação. Mas o processo deve ter começado imediatamente após a ressurreição.

Pedro cita dois Salmos (Sl 69 e 109), o primeiro para explicar o que aconteceu (a traição de Judas e a sua morte) e o segundo, para indicar o que eles deviam fazer (substituí-lo). O Salmo 69 é aplicado a Jesus cinco vezes no Novo Testamento. Nele, um sofredor inocente descreve como os seus inimigos o odeiam e o insultam sem causa (Sl 69:4), e como ele é dominado pelo zelo da casa de Deus (Sl 69:9). Esses dois versículos também são citados no Evangelho de João; o versículo 4 pelo próprio Jesus [64] e o versículo 9 pelos seus discípulos,[65] enquanto Paulo usa esse Salmo duas vezes em referência a Jesus.[66] Quase no fim (Sl 69:24), o salmista faz uma oração pedindo que o julgamento de Deus recaia sobre essas pessoas más e impertinentes. Pedro individualiza esse texto e o aplica a Judas, sobre quem o julgamento de Deus já havia caído: *Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite* (v. 20a). O Salmo 109 é semelhante. Ele fala de homens maldosos e fraudulentos que, sem justificativa, odeiam, caluniam e atacam o escritor. Então, destaca-se uma única pessoa, talvez o líder dos oponentes e se clama o julgamento de Deus sobre esse homem (Sl 109:8): *Tome outro o seu encargo* (v. 20b). Baseando-se naquilo que o Dr. Longenecker chama de "o princípio exegético comumente

aceito do assunto análogo",[67] Pedro também aplica esse versículo a Judas.

Pedro e os fiéis entenderam que essas duas passagens continham orientações gerais adequadas quanto à necessidade de substituir Judas. Talvez houvesse um fator adicional, que Lucas menciona em seu Evangelho,[68] isto é: que Jesus traçou um paralelo entre os doze apóstolos e as doze tribos de Israel. Se a igreja primitiva deveria ser aceita e vista como continuação direta (e, na verdade, como a plenitude) do Israel do Antigo Testamento, o número de seus fundadores não poderia ser alterado. Alguns anos mais tarde, não se julgou necessário substituir Tiago, pois ele não foi traidor, e sim fiel até a morte (12:1-2).

c. A escolha de Matias (1:21-26)

A proposta de Pedro de que fosse escolhido um décimo segundo apóstolo para substituir Judas (vs. 21-22) lança luz ao seu entendimento do apostolado, ao qual fizemos referência no capítulo anterior.

Em primeiro lugar, o ministério apostólico (v. 25, *esse ministério e apostolado*, tradução de *diakonia* e *apostole*) era ser "testemunha da sua ressurreição" (v. 22b). A ressurreição foi logo reconhecida como a prova divina da pessoa e da obra de Jesus Cristo, e Lucas descreve como "com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus" (At 4:33; cf. 13:30-31).

Em segundo lugar, para ser qualificado como apóstolo, portanto, era necessário ter presenciado a ressurreição da qual tinham sido chamados a testemunhar (e.g. 2:32; 3:15; 10:40-42). Era indispensável ter visto o Senhor ressurreto. Foi esse o fato que fez com que Paulo fosse acrescentado ao grupo apostólico.[69] Mas para substituir Judas, tornando-se membro dos doze, cuja responsabilidade era preservar a verdadeira tradição sobre Jesus, eram necessárias ainda outras qualificações além dessas. É *necessário*, disse Pedro, *que seja um dos homens que nos acompanharam todo o tempo que o Senhor andou entre nós, começando no batismo de João, até ao dia em que dentre nós foi levado às alturas* (vs. 21-22; cf. 10:39; 13:31). É por isso que eu não posso concordar com Campbell Morgan, que (seguindo outros) escreveu: "A eleição de Matias foi errada ... Ele era um homem bom, mas o homem errado para essa posição ... Não me disponho a omitir Paulo dos doze, pois creio que ele era

o homem de Deus para preencher a vaga".[70] Mas Lucas não oferece nenhum indício de que tenha havido um erro, apesar do fato óbvio de Paulo ter sido seu herói. Ademais, Paulo não possuía a plena qualificação que Pedro exigia.

Em terceiro lugar, a escolha apostólica deveria ser feita pelo próprio Senhor Jesus. Foi ele quem escolheu os doze originais.[71] Assim, ele também deveria escolher o substituto de Judas. É verdade que a escolha seria feita pelos cento e vinte fiéis (v. 21), mas o que eles fizeram foi destacar os possíveis candidatos e, dentre eles, escolher dois: José (cujo outro nome era Barsabás em hebraico e Justo em latim) e Matias, sendo que acerca deles nada mais sabemos, embora Eusébio diga que ambos eram membros dos Setenta; então eles oraram a Jesus, o Senhor, chamando-o (literalmente) de "conhecedor do coração" de todos (*kardiognostes*, palavra que Lucas usa mais tarde em relação a Deus)[72] e pediram que ele lhes mostrasse qual dos dois havia escolhido (v. 24). *E os lançaram em sortes* (v. 26), um método para descobrir a vontade de Deus, usado no Antigo Testamento,[73] mas que não parece ter sido usado após a vinda do Espírito.[74] Matias foi escolhido; *sendo-lhe então votado lugar com os onze apóstolos.*

É muito instrutivo notarmos o conjunto de fatores que propiciaram a descoberta da vontade de Deus quanto a essa questão. Primeiro vieram as orientações gerais das Escrituras, indicando que deveria haver uma substituição (vs. 16-21). Depois, eles usaram de bom senso: se o substituto de Judas deveria ter o mesmo ministério apostólico, ele deveria também ter as mesmas qualificações, incluindo a experiência de ser uma testemunha ocular de Jesus e ser escolhido pessoalmente pelo Mestre. Esse raciocínio dedutivo e saudável levou à indicação de José e Matias. Em terceiro lugar, eles oraram, pois, apesar de Jesus ter ido embora, ainda havia um acesso a ele através da oração e sabia-se que ele possuía o conhecimento do coração de todos, coisa de que careciam. Finalmente, eles lançaram a sorte através da qual criam que Jesus manifestaria sua vontade e escolha. Deixando de lado este quarto fator, pois agora o Espírito já nos foi dado, os outros três (as Escrituras, o bom senso e a oração) constituem uma combinação completa, confiável, pelo qual Deus nos guia hoje.

O palco agora está pronto para o dia de Pentecoste. Os apóstolos receberam a comissão de Cristo e viram sua ascensão. A equipe apostólica está novamente completa, pronta para ser sua testemunha escolhida. Só uma coisa está faltando: o Espírito ainda

não chegou. A vaga de Judas fora preenchida por Matias, mas a vaga de Jesus ainda não fora preenchida pelo Espírito. Desse modo, deixamos o primeiro capítulo de Lucas com os cento e vinte em Jerusalém, esperando, perseverando em oração em um só coração e mente, prontos para cumprir a ordem de Cristo, assim que ele cumprisse sua promessa.

Notas:

1. Lc 3:21-22; 4:14, 18.
2. Lc 24:49.
3. Longenecker, *Acts*, pp. 253ss.
4. E.g. Is 32:15ss.; 35:6ss.; 43:29ss.; 44:3; Ez 11:19; 36:26-27; 37:11ss.; 39:29; Jl 2:28-29.
5. Calvino, I, p. 29.
6. Na exposição desses versículos, sigo aquilo que, com justiça, pode ser chamado de perspectiva "reformada", ou seja, que os autores do Novo Testamento entendiam que as profecias do Antigo Testamento relacionadas com a semente de Abraão, a terra prometida e o reino teriam se cumprido em Cristo. Apesar de Paulo predizer uma grande conversão de judeus a Cristo antes do fim (Rm 11:25ss.), ele não a relaciona com a terra. Na verdade, o Novo Testamento não contém nenhuma promessa clara de uma retorno dos judeus à terra. Reconheço que a visão "dispensacionalista" é diferente. Ela afirma que as promessas do Antigo Testamento relacionadas com a ocupação judaica da terra serão (de fato, já estão sendo) cumpridas literalmente, e que no Novo Testamento isso é indicado por Marcos 13:28ss. (o florescer da figueira, simbolizando Israel) e Lucas 21:24 (o esmagamento de Jerusalém pelos gentios "até que os tempos dos gentios se completem", indicando que após esse período Jerusalém será reconstruída). Na visão dispensacionalista, portanto, os apóstolos estavam certos ao perguntar sobre a restauração do reino de Israel, pois um dia lhes será totalmente restaurado (provavelmente durante um reino literalmente milenar de Cristo na terra). Nesse caso, o motivo da repreensão de Jesus não teria sido o anseio deles por um reino nacional, mas simplesmente pelo desejo de conhecerem "tempos e épocas", juntamente, talvez, com uma conseqüente despreocupação com a missão mundial.
7. Lc 23:51; cf. 2:25, 38.
8. Lc 24:21.
9. *He Came Down From Heaven*, Charles Williams (1938; Eerdmans, 1984), p. 82.
10. Is 2:3 = Mq 4:2.
11. Is 2:2-3.
12. *The Missionary Nature of the Church*, Johannes Blauw (1962; Eerdmans, 1974), especialmente pp. 34, 54, 66, 83-84.
13. Ap 7:9.

14. Lc 19:11.
15. Rackham, p. 7. Cf. também Conzelmann, *The Theology of St. Luke*.
16. Mc 13:32.
17. Dt 29:29.
18. Mt 28:20.
19. *The Household of God*, Lesslie Newbigin (SCM, 1953), p. 25.
20. Mt 24:14; cf. Mc 13:10.
21. Lc 24:50ss.; At 1:9ss.
22. Haenchen, p. 145.
23. Lc 24:50ss.
24. Lc 24:50.
25. Conzelmann, p. 94.
26. Haenchen, p. 150.
27. Crisóstomo, Homilia II, p. 14.
28. Harnack, *Acts*, p. 241.
29. Neil, p. 66.
30. Jo 20:17.
31. 1 Pe 3:21-22.
32. E.g. 1 Co 15:1-28; Ef 1:18-23; Fp 2:9-11; 3:10, 20; Cl 3:1; *cf.* 1 Tm 3:16.
33. E.g. Hb 1:3; 4:14ss.; 8:11; 9:11ss.; 13:20.
34. Haenchen, p. 151. Como exemplo de uma descrição extravagante considere o fim de *Epistle to the Apostles*, datada por volta de 160 d.C.: "havia trovoadas e relâmpagos e um terremoto, e os céus se partiram, e apareceu uma nuvem resplandescente que o elevou" (James, p. 503).
35. Lc 1:26ss.; 2:9-10, 13-15.
36. Lc 22:43.
37. Lc 24:4ss., 23.
38. Lc 21:27.
39. Lc 9:34.
40. Ap 1:7.
41. Lc 9:26; cf. 1 Ts 4:14ss.; 2 Ts 1:7.
42. Lc 17:23-24.
43. Lc 24:53.
44. Lc 22:12.
45. Calvino, I, p. 38.
46. Marshall, *Atos*, p. 64.
47. 1 Co 15:6.
48. Lc 6:14-16.
49. Lc 6:14-15.
50. Lc 8:2-3.
51. Lc 24:10, 22.
52. Cf. Mt 28:8ss.
53. Cf. Mc 3:21; 31-34; Jo 7:5.
54. 1 Co 15:7.
55. E.g. Rm 12:12 e Cl 4:2.
56. Calvino, I, p. 40.
57. Mt 27:3-5.
58. Hanson, p. 60.

59. Mt 27:5.
60. Edersheim, *Life and Times*, II, p. 575.
61. Mt 27:6.
62. Alexander, I, p. 28.
63. Lc 24:25-27, 32, 45-49.
64. Jo 15:25.
65. Jo 2:17.
66. Rm 11:9-10; 15:3.
67. Longenecker, *Acts*, p. 264.
68. Lc 22:28-30.
69. 1 Co 9:1; 15:8-9.
70. Morgan, pp. 19, 20.
71. Lc 6:12-13; At 1:2.
72. At 15:8; cf. 1 Sm 16:7; Ap 2:23.
73. E.g. Lv 16:8; Nm 26:55; Pv 16:33; Lc 1:9.
74. Crisóstomo explicou o emprego da sorte dizendo que "o Espírito ainda não fora enviado" (Homilia III, p.19).

Atos 2:1-47
2. O dia de Pentecoste

Sem o Espírito Santo, o discipulado cristão seria inconcebível, impossível, até. Não pode haver vida sem o doador da vida, nem entendimento sem o Espírito da verdade, nem comunhão sem a unidade do Espírito, nem caráter semelhante a Cristo sem o seu fruto, nem testemunho efetivo sem o seu poder. Assim como um corpo sem respiração é um cadáver, a igreja sem o Espírito é morta.

Lucas sabia muito bem disso. Dos quatro evangelistas, ele é o que mais enfatiza o Espírito. No início de cada um dos seus dois volumes, ele demonstra a indispensabilidade da capacitação do Espírito. Assim como o Espírito desceu sobre Jesus quando João o batizou, para que iniciasse o seu ministério "cheio" do Espírito Santo, "guiado pelo Espírito", "no poder do Espírito" e "ungido" pelo Espírito (Lc 3:21-22, 4:1, 14 ,18), ele também viria agora sobre os discípulos de Jesus para equipá-los para a missão mundial (At 1:5, 8, 2:33). Nos primeiros capítulos de Atos, Lucas se refere à promessa, à dádiva, ao batismo, ao poder e à plenitude do Espírito na experiência do povo de Deus. Os termos são muitos e intercambiáveis; a realidade é uma só e não há substituto para ela.

Mas essa realidade é multifacetada, e existem pelo menos quatro perspectivas do dia de Pentecoste. Em primeiro lugar, foi o ato final do ministério salvador de Jesus antes da segunda vinda. Ele, que nasceu conforme nossa humanidade, viveu nossa vida, morreu pelos nossos pecados, ressurgiu dos mortos e ascendeu ao céu, envia o seu Espírito para os fiéis para que constitua seu corpo e aperfeiçoe neles o que conquistou para eles. Nesse sentido, o dia de Pentecoste não pode ser repetido. O Natal, a Sexta-feira Santa, a Páscoa, a Ascensão e o dia de Pentecoste são celebrações anuais, mas o nascimento, a morte, a ressurreição, a ascensão e a dádiva do Espírito que eles comemoraram aconteceram uma única vez.

Em segundo lugar, o Pentecoste trouxe aos apóstolos a ferramenta de que eles precisavam para exercer o seu papel especial. Cristo lhes havia designado como suas testemunhas primárias e autorizadas, e prometido o ministério do Espírito Santo para lhes ensinar e lhes fazer lembrar dos seus ensinos. O Pentecoste foi o cumprimento dessa promessa. Em terceiro lugar, o Pentecoste inaugurou a nova era do Espírito. Embora sua vinda tenha sido um acontecimento histórico único e sem repetição, todo o povo de Deus pode agora, sempre, e em qualquer lugar, beneficiar-se de seu ministério. Embora ele tenha equipado os apóstolos para que fossem testemunhas primárias, ele também nos equipa para que sejamos testemunhas secundárias. Embora a inspiração do Espírito só tenha sido dada aos apóstolos, a plenitude do Espírito é para todos nós. Em quarto lugar, o Pentecoste tem sido chamado – corretamente – o primeiro "reavivamento", empregando-se o termo para descrever uma daquelas visitações de Deus completamente atípicas, nas quais uma comunidade inteira torna-se consciente de sua proximidade e presença poderosa. É possível, portanto, que não só os fenômenos físicos (vs. 2ss.), mas também a profunda convicção do pecado (v. 37), as três mil conversões (v. 41) e o sentimento de temor que se espalhou (v. 43) tenham sido sinais de "reavivamento". Precisamos ter cuidado, porém, para não usar essa possibilidade como desculpa para diminuir nossas expectativas ou para relegar à categoria do excepcional aquilo que Deus talvez queira que seja a experiência normal da igreja. O vento e o fogo eram anormais, e, provavelmente, também as línguas; mas a nova vida e a alegria, a comunhão e o culto, a liberdade e o poder não eram.[1]

Atos 2 possui três seções. Lucas começa com a descrição do evento do Pentecoste propriamente dito (vs. 1-13), continua com a explicação do evento dado por Pedro em seu sermão (vs. 4-41) e encerra com os seus efeitos sobre a vida da igreja de Jerusalém (vs. 42-47).

1. A narrativa de Lucas: o evento do Pentecoste (2:1-13)

A narração de Lucas começa com uma breve referência ao tempo e local da vinda do Espírito. *Estavam todos reunidos no mesmo lugar*, escreve e, evidentemente, não se preocupa em ir além disso. Não sabemos, portanto, se a "casa" do versículo 2 ainda é o cenáculo (At 1:13; 2:46b) ou mais um dos muitos salões ou salas do templo

(Lc 24:53; At 2:46a). O tempo, porém, é indicado com precisão: *ao cumprir-se o dia de Pentecoste* (v. 1). Essa festa tinha dois significados, um agrícola e outro histórico. Originalmente, ela era a segunda das três festas anuais dos judeus para comemorar a ceifa[2] e era chamada Festa da Colheita,[3] pois nela se comemorava o fim da colheita dos cereais; ou Festa das Semanas ou Pentecoste, porque acontecia sete semanas ou cinqüenta dias (*pentekostos* significa qüinquagésimo) após a Páscoa, dia em que se iniciava a colheita dos cereais.[4] Já perto do fim do período intertestamentário, porém, começou-se a observá-la também como aniversário da entrega total da lei no Monte Sinai, pois se sabia que isso acontecera cinqüenta dias após o Êxodo.

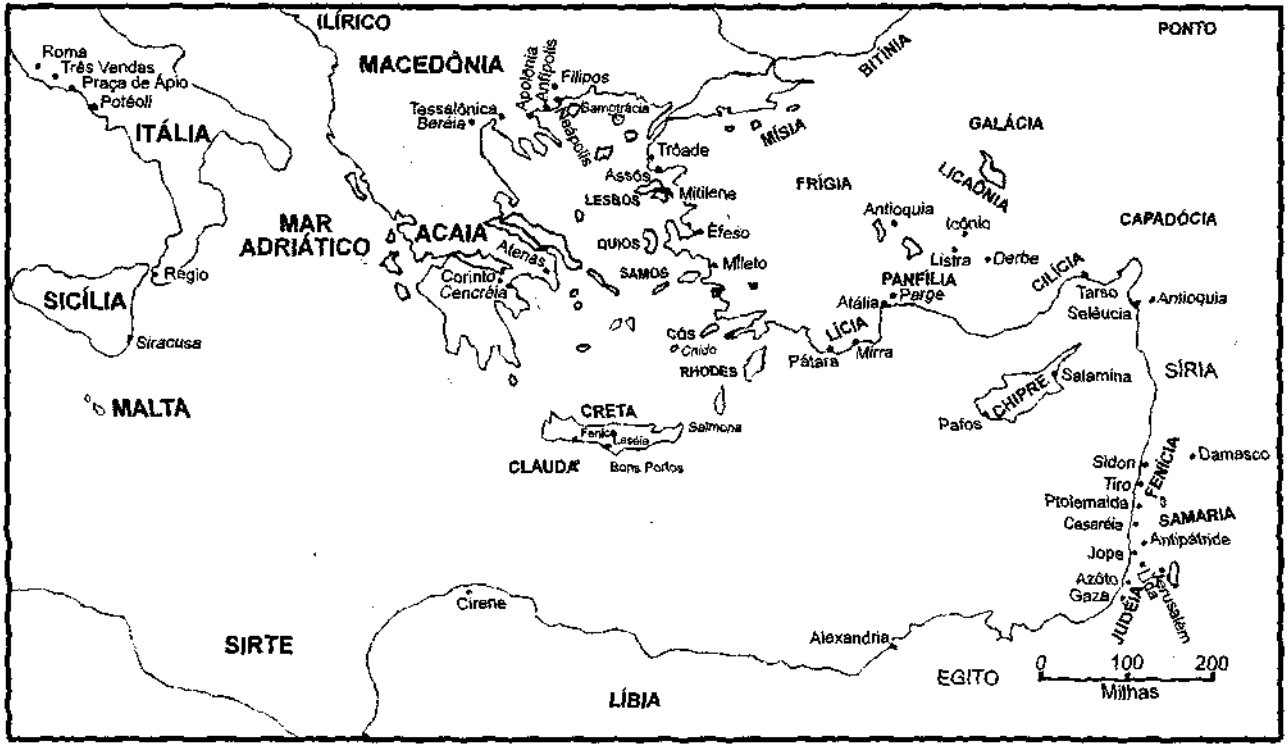
É, portanto, tentador encontrar um simbolismo duplo, de ceifa e de entrega da lei, no dia de Pentecoste. Certamente houve uma grande ceifa de três mil almas naquele dia, os primeiros frutos da missão cristã. Crisóstomo escreve que "havia chegado a hora de lançar a foice da palavra, pois aqui, tal como uma foice afiada, desceu o Espírito".[5] Certamente, também, os profetas consideravam quase idênticas as duas promessas da Nova Aliança do Senhor: "porei dentro de vós o meu Espírito"[6] e "na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei",[7] pois o que o Espírito Santo faz quando entra em nossos corações é escrever ali a sua lei, como Paulo ensinou claramente. Mesmo assim, Lucas não explora esse simbolismo. Sendo assim, não podemos saber se isso era importante para o autor, apesar da tradição judaica associar o vento, o fogo e as vozes com o monte Sinai,[8] os três fenômenos que ele descreverá logo em seguida.

a. Os três fenômenos

De repente, diz Lucas, ocorreu o grande fenômeno. O Espírito de Deus desceu sobre eles. E sua vinda foi acompanhada por três sinais sobrenaturais – um som, uma visão e uma voz estranha. Primeiro, *veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados* (v. 2). Segundo, apareceram-lhes visivelmente *línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles* (v. 3), tornando-se, para cada um, uma propriedade individual. E terceiro, *todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas* (*i.e.* algum tipo de língua) *segundo o Espírito lhes concedia que falassem* (v. 4).

Essas três experiências pareciam fenômenos naturais (vento,

O Oriente Médio no primeiro século d. C.



fogo e fala); mas elas eram sobrenaturais tanto na origem como no caráter. O som não era vento, mas soava como vento; a visão não era fogo, mas lembrava o fogo; e se falava em línguas que não eram as comuns, mas "outras", de alguma maneira. Novamente, três de seus sentidos superiores foram afetados: ouviram um som como de um vento, viram uma aparição como de fogo e falaram em "outras" línguas. Mas o que eles experimentaram foi mais do que sensorial; foi significativo. Assim, eles procuraram uma explicação: "O que significa isso?", as pessoas perguntaram mais tarde (v. 12). Se permitirmos que outras partes das Escrituras nos guiem na interpretação, parece que esses três sinais representavam pelo menos o início da nova era do Espírito (João Batista havia associado o vento ao fogo[9]) e a nova obra que ele viera realizar. Se for esse o caso, o som como de um vento pode simbolizar o *poder* (que Jesus lhes havia prometido, para que testemunhassem, Lc 24:49; At 1:8), a visão de fogo, a pureza (como a brasa viva que purificou Isaías, 6:6-7) e o falar em outras línguas, a *universalidade* da igreja cristã. No que se segue, não se fala mais sobre os fenômenos como vento e fogo; Lucas se concentra apenas no terceiro, as línguas.

Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, de todas as nações, debaixo do céu. [6]Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na própria língua. [7]Estavam, pois, atônitos, e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus esses que aí estão falando? [8]E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?

Lucas enfatiza a natureza internacional da multidão que se reuniu. Todos eram *judeus, homens piedosos* e todos estavam *habitando em Jerusalém* (v. 5). Mas eles não tinham nascido naquela cidade: vinham da dispersão, *de todas as nações debaixo do céu* (v. 5). O que segue deixa claro que não precisamos incluir nas palavras de Lucas, "de todas as nações", os índios americanos, os aborígenes australianos e os maoris da Nova Zelândia. Ele estava falando, assim como a maioria dos autores bíblicos, do seu próprio horizonte, e não do nosso, referindo-se ao mundo greco-romano situado ao redor do Mediterrâneo, ou seja, a todas as nações em que havia judeus.

A lista de Lucas menciona cinco agrupamentos, à medida que, mentalmente vai de Leste a Oeste. Primeiro, ele menciona os

partos, medos e elamitas e os naturais da Mesopotâmia (v. 9a), ou seja, os povos a oeste do Mar Cáspio, muitos dos quais provavelmente eram descendentes dos judeus exilados, transportados para lá nos séculos VIII e VI a.C. Segundo, nos versículos 9b-10a, Lucas se refere a cinco áreas que chamamos de Ásia Menor ou Turquia: *Capadócia* (Leste), *Ponto* (Norte), *e Ásia* (Oeste), *Frígia e Panfília* (Sul). Pelo fato de *Judéia* (v. 9) vir estranhamente entre a Mesopotâmia e a Capadócia, alguns comentaristas acham que Lucas está se referindo a uma área mais ampla, como toda a Palestina e a Síria, incluindo até mesmo a Armênia, enquanto outros seguem uma versão latina antiga onde conta *joudaioi* ("judeus"), em vez de *joudaian* ("Judéia"), traduzindo assim "os judeus naturais da Mesopotâmia e Capadócia, *etc.*" O terceiro grupo (v. 10b) vem do Norte da África: *do Egito e as regiões da Líbia nas imediações de Cirene* (sua cidade principal), o quarto (vs. 10c-11) é composto por *romanos que aqui residem*, vindos do outro lado do Mediterrâneo, (*tanto judeus como prosélitos*), e o quinto, que mais se parece um acréscimo, são *cretenses e arábios* (v. 11b).[10]

Essa era a multidão internacional e poliglota que se reuniu em torno dos cento e vinte crentes. *Como ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus* (v. 11c), indagavam, *cada um em nossa própria língua materna?* (v. 8). Além disso, sabia-se que os que falavam eram galileus (v. 7), conhecidos por serem incultos.[11] Eles também "tinham dificuldade em pronunciar sons guturais e o costume de engolir sílabas quando falavam; assim, eles eram malvistos pelo povo de Jerusalém por serem provincianos".[12] Não nos surpreende, portanto, que a multidão reagisse com perplexidade (v. 6). Literalmente, *atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isso dizer?* (v. 12). *Outros, porém,* uma minoria que, por algum motivo, não entendeu nenhuma das línguas, *zombando, diziam: Estão embriagados!* (v. 13).

b. Glossolalia

Que era, exatamente, esse terceiro fenômeno que Lucas enfatiza, e que fez com que as pessoas ouvissem acerca dos milagres de Deus em suas próprias línguas? Como Lucas vê a *glossolalia?* Começaremos a responder de forma negativa.

Em primeiro lugar, não era a conseqüência de uma intoxicação, excesso de *gleukos* ("vinho doce e novo", v. 13. BAGD). Pedro é enfático em relação a isso: "Estes homens não estão embriagados,

como vindes pensando, sendo essa a terceira hora do dia!" (v. 15). Tão cedo, comenta Haenchen, "que nem mesmo os bêbados começaram a se embebedar."[13] Além disso, durante as festas, os judeus jejuavam até o encerramento dos cultos matinais. Precisamos acrescentar, também, que a experiência da plenitude do Espírito não parecia algo causado por intoxicação, pois não perderam suas funções físicas e mentais. Pelo contrário, o fruto do Espírito é "domínio próprio" [14] e não descontrole. Ademais, apenas alguns faziam essa objeção e, apesar de dizerem tal coisa, não pareciam estar falando sério. Pois, segundo Lucas, eles "zombavam". Era, portanto, mais um gracejo do que um comentário.

Em segundo lugar, não se tratava de um engano ou um milagre de audição, e não de fala, de tal forma que os ouvintes pensassem que os crentes estavam falando em outras línguas, quando não falavam.[15] Algumas das afirmações de Lucas parecem reforçar essa teoria: "cada um os *ouvia* falar em sua própria língua" (v. 6); "como os *ouvimos* falar, cada um em nossa própria língua materna?" (v.8); e "como os *ouvimos* falar em nossas próprias línguas?" (v. 11). Quando, porém, Lucas escreve sua própria narração descritiva, ele coloca o assunto acima de qualquer dúvida: eles "passaram a *falar* em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia" (v. 4). *Glossolalia* de fato era um fenômeno de audição, mas somente porque, primeiramente era um fenômeno de fala.

Em terceiro lugar, não eram sons incoerentes. Comentaristas liberais, imbuídos de preconceitos em relação a milagres, sugerem que os cento e vinte crentes se puseram a falar de modo ininteligível e extasiado, e que Lucas, que tinha estado com Paulo em Corinto, erroneamente supôs serem línguas literais. Assim, Lucas teria se atrapalhado, confundindo duas coisas bem diferentes. O que ele pensou serem línguas, na realidade eram "sons inarticulados e extáticos"[16] ou "uma onda de sons ininteligíveis em qualquer língua conhecida".[17] Porém, aqueles que confiam em Lucas como um historiador fidedigno e, muito mais, como um contribuinte inspirado do Novo Testamento, concluem que não foi ele quem errou, e, sim, seus intérpretes racionalistas.

Em quarto lugar, a *glossalalia* no dia de Pentecoste foi uma habilidade sobrenatural para falar em línguas reconhecíveis. Alguns acreditam que eram o aramaico, o grego e o latim, que

eram falados na Galiléia; que "outras línguas" seriam "línguas, outras, que não o hebraico" (a língua bíblica sagrada que teria sido apropriada para tal ocasião); e que a perplexidade da multidão teria sido provocada pelos milagres de Deus e não pelas línguas, pelo conteúdo e não pelo meio de comunicação. Isso é razoável e pode se dizer que faz justiça ao relato de Lucas. Por outro lado, a sua ênfase recai mais no meio lingüístico (vs. 4, 6, 8, 11) do que na mensagem (v. 2); é mais normal traduzir "outras línguas" por "línguas diferentes das suas línguas maternas", do que por "línguas que não o hebraico"; a lista de quinze regiões nos versículos 9-11 nos leva a esperar um espectro mais amplo de línguas do que apenas o aramaico, o grego e o latim, e a perplexidade da multidão parece dever-se ao fato de as línguas, que para os que falavam eram "outras" (v. 4), *i.e.* estranhas, eram as "próprias línguas dos ouvintes" (vs. 6, 11), de fato, sua "própria língua materna" (v. 8). Concluo, portanto, que o milagre do Pentecoste, apesar de talvez incluir a essência daquilo que os cento e vinte falavam (*as grandezas de Deus*), estava primariamente no meio pelo qual falavam (línguas estranhas que nunca tinham aprendido).

Até agora, só me concentrei no entendimento do próprio Lucas acerca da *glossolalia* no dia de Pentecoste, que pode ser descoberto através da exegese de Atos 2. Provavelmente a *glossolalia*, a que ele se refere em Atos 10:46 e 19:6, era o mesmo que falar em línguas estranhas, já que ele emprega o mesmo vocabulário (apesar de a maioria dos manuscritos omitirem a palavra "outras"). O que dizer, então, das referências ao falar em línguas em 1 Coríntios 12 e 14? Os fenômenos mencionados em Atos 1 e 1 Coríntios seriam iguais ou diferentes? Precisamos tentar chegar a uma resposta com base no texto bíblico e não nas afirmações contemporâneas.

Alguns crêem que os fenômenos eram diferentes em vários aspectos. Em primeiro lugar, eles eram diferentes em termos de *direção: glossolalia* em Atos seria algo similar à "declaração" pública dos milagres de Deus (v. 11), compartilhando-os com outros, enquanto em 1 Coríntios, os que falam em línguas "não falam a homens, senão a Deus".[18] Em segundo lugar, eles eram diferentes em *caráter: glossalalia* em Atos seriam línguas entendidas por grupos de pessoas, enquanto que em 1 Coríntios 14 a fala era ininteligível e existia a necessidade de um intérprete. Em terceiro lugar, eles eram diferentes em *propósito*. Em Atos, *glossolalia* parece ser uma evidência, um "sinal" inicial dado a todos, para certificar

o recebimento do Espírito, enquanto que em 1 Coríntios, ele tem um fim edificador, é uma "dádiva" contínua outorgada a alguns para a edificação da igreja.

Outros, porém, ressaltam que as palavras e expressões gregas são as mesmas em todo o Novo Testamento. *Glossa* ("língua") possui apenas dois significados (o órgão da boca e a linguagem) e *hermeneuo* ("interpretar") normalmente significa traduzir uma língua. Concluem, portanto, que Atos e 1 Coríntios se referem à mesma coisa, as línguas. Mesmo aqueles que pensam que o *propósito* era diferente, afirmam que o *caráter* era o mesmo. O comentarista, Stanley M. Horton, da Assembléia de Deus, por exemplo, escreve que "as línguas aqui (sc. em Atos 2) e as línguas em 1 Coríntios capítulos 12 a 14 são as mesmas".[19] Segundo a *declaração* oficial das Assembléias de Deus (§ 8), ambas "possuem a mesma essência", mas "são diferentes em propósito e uso". Em suma, rejeitando a abordagem liberal, que declara que a *glossolalia* de 1 Coríntios eram sons ininteligíveis e incorpora a ela o fenômeno de Atos, é melhor adotarmos a proposição oposta, isto é: que o fenômeno de Atos eram línguas inteligíveis e que a experiência de 1 Coríntios deve ser incorporada a ele. O argumento principal em favor disso é que, apesar de a *glossolalia* ser mencionada sem explicação em vários trechos do Novo Testamento, Atos 2 é a única passagem em que ela é descrita e explicada; assim, parece ser mais razoável interpretar o inexplicado à luz do explicado, e não vice-versa.[20]

A discussão sobre a natureza da *glossolalia* não deve desviar nossa atenção do entendimento de Lucas sobre o seu significado no dia de Pentecoste. Ela simbolizou uma nova união no Espírito, transcendendo barreiras raciais, nacionais e lingüísticas. Assim, Lucas faz de tudo para enfatizar o caráter cosmopolita da multidão, especialmente pela expressão "de todas as nações debaixo do céu" (v. 5). Apesar de nem todas as nações estarem presentes *literalmente*, elas ali estavam *representativamente*. Pois em sua lista, Lucas inclui descendentes de Sem, Cão e Jafé, e, em Atos 2, nos dá uma lista das nações semelhante à de Gênesis 10. O bispo Stephen Neill comenta que: "A maioria dos povos mencionados por Lucas pertence aos semitas; sendo Elam a primeira das nações semíticas mencionadas em Gênesis. Mas Lucas é cuidadoso o suficiente para acrescentar também o Egito e a Líbia que descendem dos camitas, e os cretenses (Quitim) e os moradores de Roma que pertencem à seção de Jafé ... Lucas não dá maior ênfase

ao que está fazendo; mas à sua própria maneira sutil, ele está nos dizendo que no dia de Pentecoste todo o mundo ali estava, através dos representantes das diversas nações."[21]

Nada poderia ter demonstrado de forma mais clara a natureza multirracial, multinacional e multilíngüe do reino de Cristo. Desde os pais da igreja, os comentaristas têm visto a bênção do Pentecoste como uma reversão deliberada e dramática da maldição de Babel. Em Babel, as línguas humanas foram confundidas e as nações espalhadas; em Jerusalém, a barreira lingüística foi vencida de forma sobrenatural, como sinal de que as nações agora seriam reunidas em Cristo, como um prenúncio do grande dia em que o povo remido será recolhido "de todas as nações, tribos, povos e línguas".[22] Além disso, em Babel, a terra orgulhosamente tentou subir ao céu, enquanto que em Jerusalém, o céu humildemente desceu à terra.

2. O sermão de Pedro: a explicação do Pentecoste (2:14-41)

Antes de estudarmos o sermão de Pedro em particular, é necessário considerar os discursos de Atos em geral.

a. Os discursos de Atos

Todo leitor de Atos se surpreende com a posição proeminente que os discursos ocupam no texto de Lucas. Observamos novamente quão incompleto é o título desse livro, quer os "Atos" se refiram aos de Cristo, aos do Espírito ou aos dos apóstolos; pois ele contém igualmente "discursos" e "atos". Lucas é fiel à sua intenção de relatar o que Jesus continuou a "fazer e a ensinar" (após a ascensão; 1:1). Não menos que dezenove palestras cristãs significativas aparecem em seu segundo livro (sem contar as palestras não cristãs de Gamaliel, do oficial de Éfeso e de Tertúlio). Oito são de Pedro (nos capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 10, 11 e 15), uma de Estêvão e uma de Tiago (nos capítulos 7 e 15), e nove de Paulo (cinco sermões nos capítulos 13, 14, 17, 20 e 28 e quatro discursos em sua própria defesa nos capítulos 22 a 26). Aproximadamente 20% do texto de Lucas é devotado às palestras de Pedro e Paulo; se acrescentarmos a palestra de Estêvão, o índice sobe para quase 25%.

Mas será que esses discursos foram genuinamente proferidos pelas pessoas às quais são atribuídos? São exatos? Existem três

respostas possíveis.

Em primeiro lugar, provavelmente nunca se pensou que os discursos de Atos são relatos *verbatim* daquilo que se disse em cada ocasião. Existem várias razões para rejeitarmos essa idéia. Eles são muito curtos para serem completos (o sermão de Pedro no dia de Pentecoste, segundo relatado por Lucas, teria levado três minutos, e o de Paulo em Atenas apenas um minuto e meio). Lucas diz especificamente, no fim do seu relato do sermão de Pedro, que ele continuou a exortar a multidão "com muitas outras palavras" (v. 40); naturalmente não existia nenhum equipamento de gravação naquela época, mesmo que a taquigrafia estivesse sendo desenvolvida; e, de qualquer forma, Lucas não esteve presente para ouvir pessoalmente cada palestra, de modo que ele deve ter dependido de resumos posteriores fornecidos pelos oradores ou por um dos ouvintes. Lucas, portanto, só pode afirmar que está dando um resumo confiável de cada palestra.

Em segundo lugar, a abordagem crítica moderna, desenvolvida e popularizada entre as duas grandes guerras por H. J. Cadbury no mundo anglo-saxônico e por Martin Dibelius na Alemanha, é muito mais cética. Suas afirmações sobre a inautenticidade substancial dos discursos baseiam-se em dois argumentos principais. Primeiro, se alguém comparar os discursos entre si e com as passagens narrativas de Lucas, verá que a totalidade do seu texto reflete o mesmo estilo e vocabulário, enquanto que muitas das palestras apresentam a mesma forma, a mesma ênfase teológica e as mesmas citações das Escrituras. A explicação natural para essa semelhança é que tudo vem da mente e da pena de Lucas, e não de oradores diferentes. O segundo argumento é que "entre os historiadores antigos, prevalecia o costume de inserir discursos dos personagens principais na narrativa",[23] compondo, eles mesmos, livremente esses trechos. Assim, na história grega, os discursos tinham a mesma função interpretativa do coro, no drama grego. E mais, os autores sabiam que seus leitores entendiam e aceitavam esse artifício literário que era empregado tanto por historiadores judeus como gregos.

O exemplar grego mais citado é Tucídides, o historiador da guerra do Peloponeso, no quinto século a.C. A passagem chave de sua crônica inclui a seguinte afirmação:

> Quanto aos discursos foi difícil para mim, e para aqueles que os reportaram a mim, reproduzir as palavras exatas.

> Coloquei, portanto, na boca de cada orador, os sentimentos próprios à ocasião, expressos da forma que julguei provável que eles expressassem, enquanto que, ao mesmo tempo, esforcei-me para relatar, do modo mais fiel possível, o conteúdo geral daquilo que realmente se disse.

Por causa das referências de Tucídides à dificuldade de lembrar aquilo que fora dito e à sua própria opinião sobre o que poderia ter sido dito, em geral se entende que ele simplesmente inventou os discursos que registrou. Geralmente, o exemplo judaico citado é Josefo, que parece ter sido muito menos rigoroso do que Tucídides, até mesmo completamente desprovido de princípios. H. J. Cadbury descreve como, às vezes, ele transforma a narrativa do Antigo Testamento "em seus próprios chavões tediosos", às vezes, "inserindo em cenas inadequadas longas diatribes de sua própria composição", e no caso da história mais contemporânea "é evidente que ele inventou discursos".[25] Juntando essa tradição da história judaica e grega, Cadbury escreve: "A partir de Tucídides, as palestras relatadas pelos historiadores são confessadamente pura imaginação".[26] Sendo esse o costume supostamente universal dos escritores de história grega e judaica, os críticos da Bíblia entendem que Lucas, como historiador cristão, não era diferente. "A evidência ... é forte", escreveu Cadbury, "de que seus discursos geralmente não são baseados em informações definidas -- mesmo que as narrativas que os acompanham pareçam ser totalmente fidedignas".[27]

A terceira forma de entender os discursos de Atos, rejeitando o liberalismo extremo e a crítica extrema, consiste em vê-los como resumos confiáveis daquilo que se disse em cada ocasião. Pode-se fazer uma crítica tríplice à reconstrução de Cadbury-Dibelius. Primeiro, ela não faz jus a todos os historiadores antigos. Parece que Josefo e alguns historiadores gregos consideravam que os discursos por eles inseridos pertenciam mais à retórica do que à história. Isso, porém, não diz respeito a Tucídides. Comentaristas conservadores argumentam que Tucídides foi mal-interpretado. Por um lado, não se deu atenção suficiente à frase final da afirmação acima citada, ou seja, que ele se manteve o mais próximo possível do conteúdo geral, daquilo que "realmente se disse", uma expressão que, segundo F. F. Bruce, expressa a "consciência histórica de Tucídides".[28] Por outro lado, a citação ficou incompleta. Pois Tucídides prossegue:

> Dos acontecimentos da guerra não me arrisquei a falar a partir de informações incertas, nem de acordo com qualquer noção minha; nada descrevi além daquilo que eu mesmo vi ou ouvi de outros, junto a quem fiz uma investigação muito cuidadosa e particular. A tarefa foi muito trabalhosa ... [29]

A.W. Gomme resumiu esse capítulo de Tucídides da seguinte forma: "Tentei relatar esses eventos com a maior acuidade possível, tanto os discursos como os atos, apesar de todas as dificuldades."[30]

Dr. Ward Gasque também ressalta que Políbio, um historiador grego do século II a.C., "vez após vez condena explicitamente o costume de os historiadores inventarem discursos livremente". O Dr. Gasque conclui que "a livre invenção de discursos não era uma prática universalmente aceita entre os historiadores no mundo greco-romano".[31]

Em segundo lugar, o ceticismo crítico em relação aos discursos de Atos também não faz jus a Lucas. Como já vimos, Lucas afirmou, em seu prefácio, que estava escrevendo uma história cuidadosamente investigada e, no início de seu segundo livro, que o seu conceito de história incluía tanto palavras como atos. É, portanto, previamente improvável que ele tenha inventado os discursos, assim como ele não poderia fabricar eventos. E também é injusto pressupor que, porque alguns – ou muitos – historiadores antigos tomaram certas liberdades em relação às suas fontes, Lucas tenha feito o mesmo. Pelo contrário, conhecemos através do seu Evangelho, o respeito consciencioso com que tratou sua fonte principal, Marcos. Até mesmo Cadbury reconheceu que, em seu Evangelho, "ele transfere o material discursivo da sua fonte para o seu próprio manuscrito com um mínimo de alterações verbais".[32] Assim, apesar de os discursos de Atos serem diferentes dos discursos e das parábolas de Jesus, existe vasta razão para crermos que Lucas trataria um com o mesmo cuidado com o que tratou o outro. Além disso, ele de fato ouviu pessoalmente um certo número das palestras de Paulo e encontrou pessoas que ouviram as outras palestras que ele relata; logo, ele estava bem mais perto dos originais do que os outros historiadores.

Em terceiro lugar, os críticos céticos não são justos em sua avaliação da variedade e da adequação dos discursos de Atos.

Quando lemos os primeiros sermões de Pedro em Atos 2 a 5, temos a impressão que estamos ouvindo a primeira formulação apostólica do evangelho. H. N. Ridderbos chamou atenção para o seu caráter decididamente "arcaico", pois "nem a terminologia cristológica nem o notável método de citar as Escrituras usados nesses discursos ... apresentam os sinais do desenvolvimento posterior."[33] E quando lemos os sermões de Paulo, ficamos maravilhados com sua capacidade de adaptação, ao falar com os judeus na sinagoga de Antioquia da Pisídia (capítulo 13); aos pagãos ao ar livre, em Listra (capítulo 14); aos filósofos do Areópago, em Atenas (capítulo 17), e aos anciãos da igreja de Éfeso, em Mileto (capítulo 20). Cada um é diferente, cada um é adequado. Devemos realmente supor que Lucas possuía um conhecimento teológico, uma sensibilidade histórica e uma habilidade literária tão ricos que compôs todos eles? Não seria muito mais razoável supor que Lucas estivesse resumindo palestras genuínas de Paulo, embora, no processo, o seu próprio estilo e vocabulário tenham se manifestado naturalmente? Como F. F. Bruce escreve: "Em vista disso tudo, cada discurso é adequado ao seu orador, ao público e às circunstâncias; e isso... dá uma boa base... para crermos que esses discursos não são invenções do historiador, mas relatos resumidos de discursos que de fato aconteceram, e, portanto, são fontes independentes valiosas de história e teologia da igreja primitiva".[34]

b. A citação de Joel (2:14-21)

Então se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos: Varões judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras. [15]*Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia.* [16]*Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel:*

> [17]*E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos;* [18] *até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.*

Pedro agora explica o que Lucas havia descrito nos versículos 1-13. O fenômeno extraordinário dos crentes cheios do Espírito

proclamando as grandezas de Deus em línguas estranhas é o cumprimento da profecia de Joel de que Deus derramaria o seu Espírito sobre toda a carne. A exposição de Pedro é similar àquilo que os Rolos do Mar Morto chamam de "pesher" ou "interpretação" de uma passagem do Antigo Testamento à luz do seu cumprimento. Assim: 1) Pedro começa seu sermão com as palavras "isso é aquilo" (v. 16, literal), ou seja, *isso* que os seus ouvintes testemunharam é *aquilo* que Joel profetizou; 2) ele deliberadamente substitui o "depois" de Joel (o tempo em que o Espírito será derramado) por "nos últimos dias" a fim de enfatizar que, com a vinda do Espírito, chegaram os últimos dias, e 3) ele aplica a passagem a Jesus de modo que "o Senhor" que traz a salvação já não é Javé, que abriga os sobreviventes no Monte Sião,[35] mas Jesus, que salva do pecado e do julgamento todos os que o chamam pelo seu nome (v. 21).[36]

Os autores do Novo Testamento são unânimes na convicção de que Jesus inaugurou os últimos dias ou a era messiânica, e que a prova final disso foi o derramamento do Espírito, já que essa era a promessa das promessas do Antigo Testamento para o final dos tempos. Assim sendo, precisamos ser cuidadosos em não citar novamente a profecia de Joel como se ainda estivéssemos à espera de seu cumprimento, ou como se o seu cumprimento tivesse sido apenas parcial, e ainda esperássemos por algum cumprimento completo e futuro. Pois não foi assim que Pedro entendeu e aplicou esse texto. Toda a era messiânica, que se estende entre as duas vindas de Cristo, é a era do Espírito, na qual o seu ministério é abundante. Não é esse o significado do verbo "derramar"? A imagem, provavelmente, é a de uma forte tempestade tropical, e parece ilustrar a generosidade da dádiva divina do Espírito (não apenas uma garoa ou uma chuva, mas, sim, uma tempestade), sua irreversibilidade (pois o que foi "derramado" não pode ser recolhido) e sua universalidade (amplamente distribuído entre os diferentes grupos humanos. Pedro continua enfatizando essa universalidade. *Toda a carne* (*pasa sarx*, v. 17a), não significa todas as pessoas, à parte de sua prontidão interior para receber essa dádiva, mas todas as pessoas, à parte de seu status aparente. Ainda existem condições espirituais para que se receba o Espírito, mas não há distinções sociais como sexo (*vossos filhos e vossas filhas*, v. 17b), idade (*vossos jovens ... vossos velhos ...* , v. 17c) ou categoria (*até sobre os meus servos e sobre as minhas servas*, v. 18 – que não são apenas "servos", como no hebraico, mas aqueles a quem Deus

dignifica como pessoas que pertencem a Ele).

E profetizarão (v. 18). Esse parece ser um emprego do verbo "profetizar" num sentido amplo. Segundo Lutero, "profecias, visões e sonhos são *todos uma coisa só*".[37] Isto é, uma dádiva universal (o Espírito) levará a um ministério universal (profecia). Mas essa promessa é surpreendente porque em todo o restante de Atos – e no Novo Testamento em geral – apenas alguns são chamados de profetas. Como, então, devemos entender um ministério profético universal? Se, em sua essência, profecia é Deus falando, Deus tornando-se conhecido através de sua Palavra, certamente, então, a expectativa do Antigo Testamento era de que nos dias da Nova Aliança, o conhecimento de Deus fosse universal, e os autores do Novo Testamento declaram que isso se cumpriu através de Cristo.[38] Nesse sentido, agora, no povo de Deus, todos são profetas, assim como todos são sacerdotes e reis. *Assim, Lutero entendia a profecia "como o conhecimento de Deus* através de Cristo que o Espírito Santo acende e faz queimar através da palavra do evangelho",[39] enquanto Calvino escreveu que isso "significa simplesmente a rara e excelente dádiva do entendimento".[40] De fato, esse conhecimento universal de Deus através de Cristo pelo Espírito é a base da comissão universal para o testemunho (1:18). Porque o conhecemos, precisamos torná-lo conhecido.

Pedro continua a citação de Joel: *Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra; sangue, fogo e vapor de fumo* (v. 19). *O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor* (v. 20). É possível entender essas profecias literalmente, como fenômenos da natureza (que começaram já na sexta-feira santa,[41] e acerca dos quais Jesus profetizou que haveria mais, antes do fim [42]), ou metaforicamente, como convulsões da história (já que esse é o simbolismo apocalíptico tradicional que indica os tempos de revolução social e política [43]). Enquanto isso, entre o dia de Pentecoste (quando o Espírito veio, inaugurando os últimos dias) e o dia do Senhor (quando Jesus virá para encerrá-los) estende-se um longo dia de oportunidade, durante o qual o evangelho da salvação será pregado em todo o mundo: *E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo* (v.21).

c. O testemunho de Pedro acerca de Jesus (2:22-41)

A melhor forma, porém, de entendermos o Pentecoste não é através da profecia do Antigo Testamento, e, sim, através do cumprimento, no Novo Testamento; não por meio de Joel, mas de Jesus. Quando Pedro pede a atenção dos *varões israelitas*, suas primeiras palavras são: *Jesus, o Nazareno*, e ele conta a história de Jesus em seis estágios:

1) Sua vida e ministério (2:22)
Ele verdadeiramente era *varão* (homem), *aprovado por Deus* com obras sobrenaturais, que receberam três nomes -- *milagres* ou, literalmente, "poderes" (*dynameis*, cuja natureza era uma demonstração do poder de Deus), *prodígios* (*terata*, cujo efeito era provocar perplexidade) *e sinais* (*semeia*, cujo propósito era ilustrar ou demonstrar uma verdade espiritual). *Deus realizou* essas coisas *por intermédio dele*, publicamente (*entre vós*), *como vós mesmos sabeis.*

2) Sua morte (2:23)
Pedro diz que *esse* foi morto, em parte porque foi *entregue* a eles não por Judas (apesar de o mesmo verbo ser empregado em relação à sua traição) mas *pelo determinado desígnio e presciência de Deus*, e em parte porque eles, *por mãos de iníquos* (provavelmente os romanos), o *mataram, crucificando-o*. Assim, o mesmo acontecimento, a morte de Jesus, é atribuído simultaneamente ao propósito de Deus e à iniqüidade do homem. Nenhuma doutrina desenvolvida de expiação é apresentada até aqui, mas já existe um entendimento de que, através da morte de Jesus, o propósito da salvação de Deus estava sendo cumprido.

3) Sua ressurreição (2:24-32)
Ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela. [25]*Porque a respeito dele diz Davi:*

> *Diante de mim via sempre o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja abalado.*
> [26]*Por isso se alegrou o meu coração e a minha língua exultou; além disso também a minha própria carne repousará em esperança,* [27]*porque*

não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção.
[28]Fizeste-me conhecer os caminhos da vida, encher-me-ás de alegria na tua presença.

[29]Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente, a respeito do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. [30]Sendo, pois, profeta, e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono; [31]prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte, nem o seu corpo experimentou corrupção. [32]A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas.

Não era possível fosse ele retido por ela [a morte] (v. 24; Pedro vê essa impossibilidade moral sem explicá-la). Assim, apesar de os homens terem matado Jesus, *Deus o ressuscitou*, e o libertou dos *grilhões da morte*. "Grilhões" significa literalmente "dores de parto", ilustrando a ressurreição como uma regeneração, um novo nascimento da morte para a vida.

Pedro então confirma a verdade da ressurreição de Jesus, apelando ao Salmo 16:8-11, no qual, alega, ela fora predita. Davi não podia estar se referindo a si mesmo, quando escreveu que Deus não o deixaria na morte, nem permitiria que o seu Santo visse corrupção (v. 27), pois Davi *morreu e foi sepultado*, e seu túmulo ainda estava em Jerusalém (v. 29). Pelo contrário, sendo profeta e lembrando-se da promessa de que Deus colocaria um descendente de destaque em seu trono,[44] *referiu-se à ressurreição de Cristo* (vs. 30-31). O modo como Pedro usa as Escrituras provavelmente soa estranho para nós, mas precisamos ter três pontos em mente. Primeiro, as Escrituras testemunham de Cristo, especialmente de sua morte, ressurreição e missão mundial. Esse é o seu caráter e o seu propósito. O próprio Jesus disse isso antes e depois da ressurreição.[45] Portanto, em segundo lugar, até mesmo devido ao ensino de Jesus ressurreto, seus discípulos passaram naturalmente a entender que as referências do Antigo Testamento ao rei ou ao ungido de Deus, a Davi e a sua descendência real, tinham o seu cumprimento em Jesus.[46] Isso é o que Dom Jacques Dupont chamou de "o caráter cristológico radical da exegese cristã primitiva".[47] E, terceiro, uma vez garantido esse fundamento, um emprego cristão do Antigo Testamento, como o de Pedro em referência ao Salmo 16, é "escrupulosamente lógico e

internamente coerente".[48]

Depois de citar esses versículos do Salmo 16 e aplicá-los à ressurreição de Jesus, Pedro acrescenta: *A esse Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas* (v. 32). Assim, o testemunho falado dos apóstolos e a profecia escrita dos profetas convergem. Ou, como teríamos dito, as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento coincidem em seu testemunho da ressurreição de Cristo.

4) Sua exaltação (2:33-36)

Agora, da ressurreição de Jesus, Pedro salta direto para a sua exaltação à destra de Deus. Tendo recebido o Espírito prometido pelo Pai, Jesus derramou o seu Espírito dessa posição de suprema honra e absoluto poder.

Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isso que vedes e ouvis. [34]*Porque Davi não subiu aos céus, mas ele mesmo declara:*

> *Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita,*
> [35]*até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés.*

[36]*Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.*

Pedro, mais uma vez, reforça seu argumento com uma citação adequada do Antigo Testamento. Assim como aplicou o Salmo 16 à ressurreição do Messias, ele agora aplica o Salmo 110 à sua ascensão. Pois Davi *não subiu aos céus* (v. 34), assim como não foi poupado do deterioramento. Além disso ele designou como "meu Senhor" a pessoa a quem Javé havia instruído a sentar à sua destra. Jesus já tinha aplicado esse versículo a si mesmo,[49] assim como, mais tarde, o fizeram Paulo e o autor de Hebreus.[50] A conclusão de Pedro é que todo Israel deveria agora ter a certeza de que *este Jesus*, a quem tinham rejeitado e crucificado, Deus havia feito *Senhor e Cristo*. É claro que Jesus não se tornou Senhor e Cristo só por ocasião de sua ascensão, pois ele era (e afirmava ser) ambos durante todo o seu ministério público. Significa que agora Deus o exaltou para ser em realidade e poder o que ele já era por direito.

5) Sua salvação (2:37-39)

Lucas agora descreve a reação da multidão ao sermão de Pedro, juntamente com a resposta dele.

Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? [38]*Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.* [39]*Pois para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar.*

Compungiu-se-lhes o coração, isto é, convictos de seu pecado e com a consciência pesada, os ouvintes de Pedro perguntaram ansiosamente o que deveriam fazer (v. 37). Pedro respondeu que eles precisavam *arrepender-se*, mudar completamente de idéia em relação a Jesus e de atitude perante ele, e *ser batizados* em seu nome, submetendo-se à humilhação do batismo, que os judeus julgavam necessário apenas para os gentios convertidos, e submetendo-se a isso em nome daquele que anteriormente haviam rejeitado. Isso seria um sinal claro e público de seu arrependimento – e de sua fé em Cristo. Apesar de Pedro não apelar especificamente para que a multidão cresse, eles evidentemente o fizeram, pois são chamados de "os que creram" no versículo 44, e, em todo o caso, arrependimento e fé se incluem mutuamente, sendo impossível deixar o pecado sem voltar-se para Deus, e vice-versa (cf. 3:19). E ambos são expressos pelo batismo em nome de Cristo, ou seja, "pela sua autoridade, reconhecendo seus direitos, submetendo-se às suas doutrinas, empenhando-se em seu serviço e confiando em seus méritos".[51]

Então, receberiam dois presentes de Deus – o perdão dos pecados (até mesmo do pecado de terem rejeitado o Cristo de Deus) e a dádiva do Espírito Santo (para regenerá-los, habitar neles, uni-los e transformá-los). Pois eles não deviam pensar que a dádiva do Pentecoste era apenas para apóstolos, ou para os cento e vinte discípulos que tinham aguardado a vinda do Espírito por dez dias, ou para um grupo de elite, ou apenas para aquela nação ou geração. Deus não colocou esse tipo de limitação em sua oferta e dádiva. Pelo contrário (v. 39), *a promessa* – ou "dom" ou "batismo" – do Espírito (1:4, 2:33) era também para eles (que estavam ouvindo as palavras de Pedro), e para os seus filhos (das subseqüentes gerações), e para todos os que estavam longe

(certamente os judeus da dispersão e, talvez, profeticamente, o distante mundo gentílico[52]), *para quantos* (sem exceção) *o Senhor nosso Deus chamar*. Cada pessoa que é chamada por Deus através de Cristo recebe ambas as dádivas. As dádivas de Deus coexistem com o chamado de Deus.

6) Sua nova comunidade (2:40-41)

Lucas acrescenta que esse não foi o fim do sermão de Pedro, pois ele *deu testemunho e exortou-os*. E a essência de sua exortação e apelo era: *Salvai-vos desta geração perversa* (v. 40). Em outras palavras, Pedro não estava invocando apenas conversões particulares e individuais, mas também uma identificação pública com os outros crentes. Compromisso com o Messias implica também compromisso com a comunidade messiânica, isto é, a igreja. Na verdade, teriam de mudar de comunidade, transferindo-se da que era velha e *perversa* para outra, que era nova e estava *sendo salva* (v. 47).

A resposta surpreendente ao apelo de Pedro é agora relatada. Grande número de pessoas *aceitaram a palavra* (*i.e.* se arrependeram e creram) e, em conseqüência, foram *batizadas*. De fato, houve um *acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas* (v. 41). O corpo de Cristo em Jerusalém multiplicou-se 26 vezes, de 120 para 3.120. De acordo com a promessa de Pedro, todos devem ter recebido o perdão e o Espírito, embora, aparentemente sem sinais sobrenaturais. Pelo menos, Lucas não menciona nenhum fenômeno parecido com vento, fogo ou línguas.

d. O evangelho para hoje

Vimos que Pedro enfocou a pessoa de Cristo, contando sua história em seis estágios: 1) ele era um homem, mas sua divindade era reconhecida pelos seus milagres; 2) ele foi morto por mãos iníquas, mas segundo o propósito de Deus; 3) ele ressurgiu dos mortos, com previram os profetas e testemunharam os apóstolos; 4) ele foi elevado à destra de Deus, e de lá derramou o seu Espírito; 5) ele dá o perdão e o Espírito a todos que se arrependem, crêem e são batizados; e 6) ele os acrescenta à sua nova comunidade.

Houve inúmeras tentativas de reconstruir esse material. Precisamos mencionar especialmente os famosos discursos de C. H. Dodd em King's College, Londres, sobre o *kerigma* de Pedro

e Paulo, e a coincidência entre ambos, publicados sob o título *The Apostolic Preaching and its Developments*.[53] Dodd resumiu os sermões de Pedro da seguinte forma: 1) raiou a era do cumprimento, a era messiânica; 2) isso aconteceu através do ministério, morte e ressurreição de Jesus, testemunhados pelas Escrituras; 3) Jesus foi exaltado à destra de Deus como Senhor e como cabeça do Novo Israel; 4) a atividade do Espírito Santo na igreja é o sinal do poder e da glória atual de Cristo; 5) a era messiânica alcançará rapidamente a sua consumação na volta de Cristo; e 6) o perdão e o Espírito são oferecidos àqueles que se arrependem.[54]

O nosso desafio, hoje, é sermos fiéis ao evangelho apostólico, ao mesmo tempo em que o apresentamos de forma que alcance as pessoas de nossos dias. O que se torna claro imediatamente é que, assim como os apóstolos, precisamos focalizar Jesus Cristo. O convite inicial de Pedro, "atendei a estas palavras: Jesus ..." (v. 22), deve ser também o nosso. É impossível pregar o evangelho sem proclamar Cristo. Mas como? Eu mesmo tenho descoberto na seguinte estrutura um meio de manter-me fiel à mensagem dos apóstolos, à medida que apresento o evangelho.

Em primeiro lugar, *os acontecimentos do evangelho:* a morte e ressurreição de Jesus. É verdade que Pedro se referiu à vida e ao ministério de Jesus (v. 22) e chegou à sua exaltação (v. 33), e em outra passagem, à sua volta como juiz. Os apóstolos sentiam-se livres para narrar toda a sua carreira salvadora. Mas eles se concentraram na cruz e na ressurreição (vs. 23-23), como acontecimentos históricos e significativamente salvíficos. Apesar de não ter se desenvolvido uma doutrina completa de expiação, ela já se encontra implícita nas referências ao propósito de Deus (v. 23), às passagens do servo sofredor (vs. 3:13, 18) e ao "madeiro", o local da maldição divina (5:30; 10:39; 13:29).[55] A ressurreição também teve um significado salvífico, já que, através dela, Deus reverteu o veredicto humano para Jesus, tirou-o do lugar da maldição e o exaltou ao lugar de honra.

Em segundo lugar, *os testemunhos do evangelho*. Os apóstolos não proclamavam a morte e a ressurreição de Jesus num vácuo, mas no contexto das Escrituras e da história. Eles se apoiavam numa dupla evidência para autenticar Jesus, para que, pela boca de duas testemunhas, a verdade pudesse ser estabelecida. A primeira eram as Escrituras do Antigo Testamento, que ele cumpriu. Em Atos 2, Pedro se refere ao Salmo 16, ao Salmo 110 e a Joel 2, a fim de

iluminar o seu ensino sobre a ressurreição, a exaltação e o dom do Espírito. A segunda era o testemunho dos apóstolos. "Nós somos testemunhas" repetia Pedro constantemente (e.g. 2:32; 3:15; 5:32; 10:39ss.), e essa experiência como testemunha ocular era indispensável ao apostolado. Assim, Cristo possui um duplo atestado. Não temos a liberdade de pregar o Cristo da nossa própria imaginação ou de enfocar nossas experiências, pois não somos testemunhas oculares do Jesus histórico. Nossa responsabilidade é pregar o Cristo autêntico do Antigo e do Novo Testamento. Os testemunhos primários a favor dele pertencem aos profetas e aos apóstolos; os nossos sempre serão secundários em relação ao deles.

Em terceiro lugar, *as promessas do evangelho*. O evangelho não é apenas as boas novas daquilo que Jesus *fez* (ele morreu pelos nossos pecados e ressuscitou, de acordo com as Escrituras), mas também daquilo que ele nos *oferece* como resultado. Àqueles que lhe atendem, ele promete perdão dos pecados (apagando-lhes o passado) e a dádiva do Espírito (transformando-os em novas pessoas). Juntas, essas promessas constituem a liberdade que muitos estão procurando: liberdade para sermos as pessoas que Deus deseja que sejamos. O perdão e o Espírito compreendem a "salvação", e ambos são publicamente expressos no batismo, isso é: a purificação dos pecados e o derramamento do Espírito.

Em quarto lugar, *as condições do evangelho*. Jesus Cristo não nos concede suas dádivas incondicionalmente. O que o evangelho exige é que se deixe o pecado e se volte radicalmente a Cristo, o que é expresso internamente pelo arrependimento e fé, e, externamente, pelo batismo. Pois nos submetemos ao batismo em nome do Cristo que anteriormente rejeitamos, e isso é a prova pública da nossa fé penitente nele. Além disso, através desse mesmo arrependimento, fé e batismo, mudamos de aliança, pois somos transferidos para a nova comunidade de Jesus.

Aqui, então, está a quádrupla mensagem – dois acontecimentos (a morte e a ressurreição de Cristo), certificados por duas testemunhas (os profetas e os apóstolos), em cuja base Deus faz duas promessas (o perdão e o Espírito), com duas condições (o arrependimento e a fé, com o batismo). Não temos a liberdade de amputar esse evangelho apostólico, proclamando a cruz sem a ressurreição, ou referindo-nos ao Novo Testamento mas não ao Antigo, ou oferecendo o perdão sem o Espírito, ou exigindo fé sem arrependimento. Existe uma inteireza no evangelho bíblico.

Não basta "proclamar Jesus"; pois existem muitos tipos de Jesus sendo apresentados hoje em dia. De acordo com o Novo Testamento, porém, ele é *histórico* (ele realmente viveu, morreu, ressuscitou e ascendeu no palco da história), *teológico* (sua vida, morte, ressurreição e ascensão têm um significado salvífico) e *contemporâneo* (ele vive e reina para conceder a salvação àqueles que respondem ao seu chamado). Assim, os apóstolos contaram a mesma história de Jesus em três níveis diferentes – como um acontecimento histórico (testemunhado pelos seus próprios olhos), como um fato teológico (interpretado pelas Escrituras), e como uma mensagem contemporânea (confrontando homens e mulheres com a necessidade da decisão). Hoje, temos a mesma responsabilidade de contar a história de Jesus como fato, doutrina e evangelho.

3. A vida da igreja: o efeito do Pentecoste (2:42-47)

Tendo primeiramente descrito em suas próprias palavras o que aconteceu no dia de Pentecoste e fornecendo, a seguir, uma explicação disso através do sermão cristocêntrico de Pedro, Lucas nos mostra agora os efeitos do Pentecoste, dando-nos uma linda descrição da igreja cheia do Espírito. É óbvio que a igreja não começou naquele dia, e não é correto dizer que o dia de Pentecoste é "o aniversário da igreja". Pois a igreja, como povo de Deus, remonta a pelo menos 4.000 anos, até os tempos de Abraão. O que aconteceu no Pentecoste foi que o remanescente do povo de Deus tornou-se o corpo de Deus cheio do Espírito. Quais foram, então, as evidências da presença e do poder do Espírito Santo? Lucas descreve-as para nós.

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. [43]*Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.* [44]*Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum.* [45]*Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade.* [46]*Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração,* [47]*louvando a Deus, e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.*

a. Uma igreja que aprendia

A primeira evidência da presença do Espírito que Lucas menciona é que *eles perseveravam na doutrina dos apóstolos*. Poderíamos até dizer que, naquele dia, o Espírito Santo abriu uma escola em Jerusalém; seus professores eram os apóstolos que Jesus escolhera; e havia três mil alunos no jardim de infância! Vemos que esses novos convertidos não estavam se deliciando com uma experiência mística que os levasse a rejeitar a própria mente ou a teologia. O antiintelectualismo e a plenitude do Espírito são mutuamente incompatíveis, pois o Espírito Santo é o Espírito da verdade. Esses primeiros discípulos também não pensavam que, devido ao fato de terem recebido o Espírito, esse era o único professor de que precisavam, podendo dispensar os mestres humanos. Pelo contrário, eles se assentavam aos pés dos apóstolos, ansiosos por receberem instruções, e nisso perseveravam. Mais que isso, a autoridade didática dos apóstolos, à qual se submeteram, era autenticada por milagres: *muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos* (v. 43). As duas referências aos apóstolos, no versículo 42 (a doutrina deles) e no versículo 43 (aos seus prodígios), dificilmente podem ser acidentais.[56] Considerando que o ensino dos apóstolos chegou até nós em sua forma definitiva no Novo Testamento, a devoção contemporânea ao ensino apostólico significará submissão à autoridade do Novo Testamento. Uma igreja cheia do Espírito é uma igreja neotestamentária, no sentido de que ela estuda o Novo Testamento e se submete às suas instruções. O Espírito de Deus leva o povo de Deus a se submeter à Palavra de Deus.

b. Uma igreja que amava

Perseveravam ... na comunhão (*koinonia*). *Koinonia* (de *koinos*, "comum") testemunha a vida comunitária da igreja em dois sentidos. Primeiro, o termo expressa o que compartilhamos. A saber o próprio Deus, pois "a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo",[57] e há "a comunhão do Espírito Santo".[58] Assim, *koinonia* é uma experiência trinitária; é a parte que temos em comum com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Mas, em segundo lugar, *koinonia* também expressa o que partilhamos uns com os outros, tanto o que damos como o que recebemos. *Koinonia* é a palavra que Paulo usou para a oferta que recolheu entre as

igrejas gregas,[59] e *koinonikos* é a palavra grega para "generoso". É a isso, especificamente, que Lucas está se referindo aqui, pois ele continua descrevendo como esses primeiros cristãos compartilhavam suas propriedades uns com os outros. *Todos os que creram estavam juntos, e tinham tudo em comum (koina). Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o seu produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade* (vs. 44-45). Esses versículos são perturbadores. Será que cada crente e cada comunidade cheia do Espírito deve seguir literalmente esse exemplo?

Alguns quilômetros a leste de Jerusalém, os líderes essênios da comunidade de Qumran se comprometiam a compartilhar as propriedades. De acordo com o Documento de Damasco, todos os membros da "Aliança", onde quer que morassem, eram obrigados a "socorrer o pobre, o necessitado e o estrangeiro",[60] mas o candidato à iniciação na comunidade monástica aceitava uma disciplina mais rigorosa: "suas propriedades e seus ganhos devem ser entregues ao tesoureiro da congregação ... suas propriedades serão absorvidas ... ".[61] Esse acordo, comenta Geza Vermes, "é muito parecido com o costume adotado pela igreja primitiva em Jerusalém".[62]

Então, será que os cristãos primitivos imitaram essa seita judaica e devemos nós fazer o mesmo hoje? Em épocas diferentes da história da igreja, alguns pensaram e agiram dessa forma. E não duvido que Jesus ainda chame alguns de seus discípulos, como fez com o jovem rico, para uma vida de pobreza total, voluntária. Todavia, nem Jesus nem os apóstolos proibiram os cristãos de manterem propriedades privadas. Até os anabatistas do século XVI, na chamada "reforma radical", que queriam que a comunhão e o amor fraternal fossem acrescentados à definição reformada da igreja (em termos de palavra, sacramentos e disciplina), e que falavam muito sobre Atos 2 e 4 e a "comunhão de bens", reconheciam que isso não era obrigatório. Os irmãos hutteritas da Morávia parecem ter sido a única exceção, pois eles colocavam como condição aos membros a comunhão total de bens. Mas Menno Simons, o líder mais influente do movimento, ressaltou que a experiência de Jerusalém não era universal nem permanente, escrevendo: "nós ... nunca ensinamos nem praticamos a comunhão de bens".[63]

É importante notar que até mesmo em Jerusalém a comunhão de propriedades e bens era voluntária. De acordo com o versículo 46, eles *partiam pão de casa em casa*. Evidentemente, portanto,

muitos ainda possuíam casas; nem todos as tinham vendido. Vale também notar que ambos os verbos no versículo 45 estão no tempo imperfeito, o que indica que a venda e a partilha eram ocasionais, em resposta a necessidades específicas, não feitas de uma só vez. Além disso, o pecado de Ananias e Safira, ao qual ainda chegaremos em Atos 5, não foi a ganância ou o materialismo, mas sim, a fraude; não foi o fato de terem ficado com parte do produto da sua venda, mas o fato de o terem feito, fingindo que estavam dando tudo. Pedro deixa isso bem claro quando lhes diz: "Conservando-o, porventura, não seria teu? E vendido, não estaria em teu poder?" (5:4).

Ao mesmo tempo, apesar de a venda e a partilha serem voluntárias, e de todo cristão precisar tomar decisões conscientes diante de Deus quanto a essa questão, todos somos chamados à generosidade, especialmente em relação aos pobres e necessitados. Já no Antigo Testamento havia uma forte tradição de cuidado pelo pobre, e os israelitas deviam dar um décimo de sua renda "ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva".[64] Como os crentes cheios do Espírito poderiam dar menos? Esse princípio é mencionado duas vezes em Atos: *distribuindo ... à medida que alguém tinha necessidade* (v. 45), e "nenhum necessitado havia entre eles ... se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade" (4:34-35). E, como João escreveria posteriormente, se nós temos algum bem material e vemos um irmão em necessidade, mas não compartilhamos o que possuímos com ele, como podemos afirmar que o amor de Deus permanece em nós?[65] A comunhão cristã é cuidado cristão, e cuidado cristão é compartilhamento cristão. Crisóstomo deu uma linda descrição disso: "Aquilo era uma comunidade angelical, não consideravam exclusivamente deles nem uma das coisas que possuíam. Imediatamente, foi cortada a raiz dos males ... ninguém acusava, ninguém invejava, ninguém tinha ressentimentos; não havia orgulho nem desprezo ... O pobre não sabia o que era vergonha, o rico não conhecia a arrogância."[66] Não podemos escapar do desafio desses versículos. O fato de termos centenas de milhares de irmãos carentes é uma contínua reprimenda para nós que somos mais ricos. Minorar as necessidades e abolir a miséria dentro da nova comunidade de Jesus são parte da responsabilidade dos crentes cheios do Espírito Santo.

c. Era uma igreja que adorava

Perseveravam ... no partir do pão e nas orações (v. 42). Ou seja: a comunhão era expressa não somente no cuidado mútuo, mas também no culto conjunto. Mais que isso: os artigos definidos nas duas expressões (literalmente, "o partir do pão e as orações") sugerem de um lado, uma referência à ceia do Senhor (embora seja quase certo que, naquele primeiro estágio, fazia parte de uma refeição maior) e, do outro, cultos ou reuniões de oração (mais do que orações individuais). Há dois aspectos do culto da igreja primitiva que exemplificam seu equilíbrio.

Em primeiro lugar, era formal e informal, pois era realizado tanto *no templo* como *de casa em casa* (v. 46), o que é uma combinação interessante. Pode causar surpresa o fato de terem continuado a usar o templo, por um tempo, mas usaram. Eles não abandonaram imediatamente o que poderíamos chamar de igreja institucionalizada. Não creio que ainda participassem dos sacrifícios do templo, pois já tinham começado a compreender que haviam sido cumpridos no sacrifício de Cristo. Mas parece que participavam dos cultos de oração no templo (cf. 3:1), a não ser que, como se sugere, fossem ao templo para pregar, e não para orar. Ao mesmo tempo, complementavam os cultos do templo com reuniões mais informais e espontâneas (que incluíam o partir do pão) em suas casas. Talvez nós, que compreensivelmente ficamos impacientes com as estruturas eclesiásticas herdadas, possamos aprender uma lição deles. De minha parte, creio que o Espírito Santo conduz a igreja institucionalizada, que desejamos ver reformada de acordo com o evangelho, por um caminho de reforma paciente e não de rejeição impaciente. E, com certeza, é sempre saudável que os cultos mais formais e solenes da igreja local sejam complementados com a informalidade e exuberância das reuniões nas casas. Não há necessidade de polarizar entre o estruturado e o desestruturado, o tradicional e o espontâneo. A igreja precisa de ambos.

O segundo exemplo de equilíbrio no culto da igreja primitiva está no fato de ele ser alegre e reverente. Não se pode duvidar da alegria deles; está escrito que tinham *alegria e singeleza de coração* (v. 46), que significa literalmente "em exultação [*agalliasis*]e sinceridade de coração". Deus havia enviado seu Filho ao mundo, e agora lhes enviava o seu Espírito. Eles tinham muitos motivos para se alegrarem. Além disso, "o fruto do Espírito é ... alegria",[67]

às vezes, uma alegria mais desinibida do que aquela que se vê (ou, até, se aceita) dentro das tradições sóbrias das igrejas históricas. Mas cada culto de adoração deveria ser uma alegre celebração dos atos poderosos de Deus através de Jesus Cristo. O culto público pode ser majestoso, mas é imperdoável que seja enfadonho. Ao mesmo tempo, a alegria deles nunca era irreverente. Se a alegria do Senhor for uma obra do Espírito, o temor do Senhor também será autêntico. *Em cada alma havia temor* (v. 43), isso parece incluir tanto cristãos como não-cristãos. Deus havia visitado a cidade; estava no meio deles, e eles sabiam disso: curvavam-se diante dele com humildade, maravilhados. Entretanto, é errado imaginar que, no culto público, reverência e alegria sejam mutuamente excludentes. A combinação entre alegria e temor, bem como de formalidade e informalidade, dá um equilíbrio saudável à adoração.

d. Era uma igreja evangelística

Até aqui, analisamos o estudo, a comunhão e a adoração da igreja de Jerusalém, pois Lucas afirma que eles perseveravam nessas três áreas. Mas esses aspectos fazem parte da vida interna da igreja; eles não nos esclarecem sobre o movimento misericordioso da igreja em direção ao mundo. Já se pregaram dezenas de milhares de sermões sobre Atos 2:42, e isso ilustra muito bem o perigo de isolar um texto de seu contexto. Sozinho, o verso 42 apresenta um quadro muito incompleto da vida da igreja. É preciso acrescentar o versículo 47b: *enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos.* Aqueles primeiros cristãos de Jerusalém não estavam preocupados em estudar, compartilhar e adorar a ponto de esquecerem de evangelizar. Pois o Espírito Santo é um Espírito missionário que criou uma igreja missionária. Como Harry Boer expressou em seu livro desafiador, *Pentecost and Missions*,[68] Atos "é governado por um tema dominante que prevalece sobre todos os outros e controla todas as coisas. Esse tema é a expansão da fé através do testemunho missionário no poder do Espírito ... O Espírito leva a igreja a testemunhar incessantemente e os testemunhos fazem com que igrejas surjam continuamente. A igreja é uma igreja missionária."[69]

Podemos aprender três lições vitais sobre evangelização da igreja local com esses primeiros crentes de Jerusalém. Primeiro, foi o Senhor (ou seja, Jesus) quem fez: *acrescentava-lhes o Senhor*. Sem

dúvida, ele o fez através da pregação dos apóstolos, do testemunho dos membros da igreja, do amor impressionante na vida comunitária deles e do exemplo de todos, pois estavam *louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo* (v. 47a). Mesmo assim, ele fez, pois é a cabeça da igreja. É somente ele que, do seu trono, tem o privilégio de admitir pessoas, tornando-as membros do seu corpo, e de conceder a salvação. Essa é uma ênfase muito necessária, pois muitos, hoje, falam de evangelização de forma repreensível, com excesso de auto-confiança e até triunfalismo, como se pensassem que a evangelização do mundo é a maior conquista da tecnologia humana. Precisamos empregar toda a tecnologia que Deus nos deu para evangelizar, mas só faremos isso se dependermos humildemente dele, o principal evangelista.

Segundo, Jesus fez duas coisas ao mesmo tempo: ele *acrescentava ... os que iam sendo salvos* (o particípio presente *sozomenous* indica algo atemporal ou enfatiza que a salvação é uma experiência progressiva que culmina com a glorificação final). Ele não os acrescentou à igreja sem salvá-los (no começo, não havia cristãos nominais), nem os salvou sem acrescentá-los à igreja (também não havia cristãos solitários). Salvação e participação na igreja andavam juntas; e continuam andando. Terceiro, o Senhor acrescentava pessoas *dia a dia*. O verbo está no imperfeito ("continuava acrescentando"), e o advérbio ("diariamente") não deixa nenhuma dúvida. A evangelização não era uma atividade ocasional ou esporádica da igreja primitiva. Eles não organizavam campanhas qüinqüenais ou decenais (campanhas são boas, conquanto que não passem de episódios dentro de um programa contínuo). Não, o culto deles era diário (46a), e assim também o testemunho. O louvor e a proclamação eram o transbordamento natural de corações cheios do Espírito Santo. Eles buscavam as pessoas de fora continuamente, e então os convertidos eram acrescentados continuamente. Precisamos recobrar essa expectativa de crescimento constante e ininterrupto da igreja.

Revendo essas marcas da primeira comunidade cheia do Espírito, fica evidente que todos eles se preocupavam com os relacionamentos dentro da igreja. Em primeiro lugar, estavam relacionados aos apóstolos (em submissão). Estavam ansiosos para receber as instruções deles. Uma igreja cheia do Espírito Santo é uma igreja apostólica, uma igreja neotestamentária, ansiosa para crer naquilo que Jesus e seus apóstolos ensinaram,

pronta para obedecer. Em segundo lugar, eles estavam ligados uns aos outros (em amor). Eles perseveravam na comunhão, amparando-se mutuamente a ajudando os pobres nas suas necessidades. Em terceiro lugar, estavam ligados a Deus (em adoração). Eles o adoravam no templo e em casa, nas ceias do Senhor e nas orações, com alegria e reverência. Uma igreja cheia do Espírito é uma igreja que cultua. Em quarto lugar, eles estavam ligados ao mundo (em evangelização). Eles estavam engajados numa evangelização contínua. Nenhuma igreja egocêntrica, auto-suficiente (absorta em seus próprios negócios paroquiais) pode afirmar que está cheia do Espírito. O Espírito Santo é um Espírito missionário. Portanto, uma igreja cheia do Espírito é uma igreja missionária.

Não precisamos esperar, como os cento e vinte, pela vinda do Espírito Santo. Pois o Espírito Santo veio no dia de Pentecoste, e nunca mais deixou a sua igreja. Nossa responsabilidade é nos humilharmos diante de sua autoridade soberana, decididos a não apagá-lo, mas a lhe dar toda a liberdade. E então, nossas igrejas irão manifestar, novamente, as marcas da presença do Espírito que muitos jovens estão buscando especialmente: ensino bíblico, comunhão em amor, adoração viva e uma evangelização contínua e ousada.

Notas:

1. A incapacidade de entender esses quatro significados do Pentecoste e fazer uma distinção entre eles está, penso eu, por trás da contínua tensão entre os cristãos "carismáticos" e os "não-carismáticos". Roger Stronstad, por exemplo, seguramente está certo ao enfatizar o aspecto "vocacional" da dádiva do Espírito, isso é, que ele "unge" e "equipa" as pessoas para o seu ministério. Isso foi particularmente evidente no caso dos apóstolos. Roger Stronstad, porém, parece expandir demais a sua tese argumentando que, de acordo com a teologia de Lucas, o Espírito não foi dado para a salvação nem para a santificação, mas exclusivamente para o serviço (Stronstad, pp. 1, 12, 83).
2. Dt 16:16.
3. Êx 23:16.
4. Êx 34:22; Lv 23:15ss; Nm 28:26.
5. Crisóstomo, Homilia IV, p. 25.
6. Ez 36:27.
7. Jr 31:33.
8. Cf. Hb 12:18-19.
9. Lc 3:16.
10. Devido à ordem um tanto estranha em que Lucas cita as nações, alguns

eruditos sugerem que ele pode ter seguido uma antiga "geografia astrológica" como a de Paulo de Alexandria, do século IV, que alistou as nações de acordo com os doze signos do zodíaco. Para uma avaliação sóbria dessa especulação, veja o trabalho de Bruce Metzger, em Gasque e Martin, pp. 123-133.

11. Cf. Jo 1:46; 7:52.
12. Longenecker, *Acts*, p. 272. Veja também Mt 26:73 e Lc 22:59 em relação ao sotaque peculiar dos galileus.
13. Haenchen, p. 178.
14. Gl 5:23.
15. E.g. "muitos dos presentes pensavam que reconheciam palavras de louvor a Deus em outras línguas" (Dunn, *Jesus*, pp. 151.s.)
16. Neil, p. 71.
17. Barclay, p. 15.
18. 1 Co 14:2; cf. vs. 14-17, 28.
19. Horton, p. 33, nota de rodapé 11.
20. O debate sobre a experiência contemporânea de *glossolalia* ser, ou poder incluir, o falar de línguas reconhecíveis, continua. Afirmações nesse sentido foram feitas, por exemplo, por Morton T. Kelsey em *Speaking with Tongues* (1964; Epworth, 1965) e John L. Sherrill em *Eles falam em outras línguas* (1969; Betânia). Por outro lado, duas pesquisas sociolingüísticas imparciais e objetivas chegaram à conclusão de que não há nenhum relato cientificamente comprovado de que a *glossolalia* é uma língua desconhecida e estranha. Elas são: *Tongues of Man and Angels* (MacMillan, 1972), de William J. Samarin, e *The Psychology of Speaking in Tongues* (Hodder and Stoughton, e Harper and Row, 1972), de John P. Kildahl.
21. *Call to Mission*, de Stephen C. Neill (Fortress, 1970, p. 12).
22. Gn 11:1-9; Ap 7:9.
23. Cadbury, p. 184.
24. *Thucydides*, traduzido para o inglês por Benjamin Jowett (Oxford: Clarendon Press, 1881), vol. I, I.22.
25. *BC*, V, p. 405.
26. *BC*, II, p. 13.
27. *BC*, V, p. 406.
28. Bruce, *Speeches* (2), p. 54.
29. Tucídides, *ibid.*, I.22.
30. Gomme, I. p. 157. Veja também o capítulo 3 de Colin Hemer "Ancient Historiography" (pp. 63-100), e seu apêndice sobre os discursos de Atos (pp. 415-427). Conrad Gempf enfatiza, em sua conclusão ao livro de Hemer, que "contra a opinião moderna sobre o assunto, os historiadores antigos eram capazes de métodos e princípios muito rigorosos e críticos" (p. 411).
31. Gasque, *History*, pp. 226-228. Veja também Gasque, "Book", pp. 58-63; Longenecker, *Acts*, pp. 212-214 e 229-231; e A. W. Gomme, "The Speeches in Thucydides", em seu *Essays in Greek History and Literature* (Oxford, 1937), p. 166 e *A Historical Commentary on Thucydides*, I, pp. 140-141, 157. Collin Hemer menciona a "exposição devastadora" dos erros de Timeu como historiador, feita por Políbio. Em suas palavras, "Timeu *de fato*

inventa falas". Hemer concluí "Políbio explode com indignação contra tal procedimento indefensável" (p. 75).

32. *BC*, V, p. 416.
33. Ridderbos, p. 10.
34. Bruce, *Speeches* (1), p. 27.
35. Jl 2:32.
36. R. N. Longenecker mostra (em *Exegesis*) que a interpretação "pesher" era característica do próprio ensino de Jesus. "O motivo do cumprimento, 'isto é o que', característico da exegese pesher, surge repetidamente nas palavras de Jesus" (p. 70). E mais, os apóstolos aprenderam esse método com ele, quando eram guiados pelo Espírito. Conseqüentemente, "a interpretação pesher é muito característica em seu tratamento das Escrituras" (p. 98). Veja também pp. 38-45. 70-75 e 129-132.
37. Citado por Lenski, p. 74.
38. Jr 31:34, "todos me conhecerão"; 1 Ts 4:9, "vós mesmos estais por Deus instruídos"; 1 Jo 2:27, "como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas".
39. Lenski, p. 75.
40. Calvino, I, p.59.
41. Lc 23:44-45.
42. Lc 21:11.
43. E.g. Is 13:9ss.; 34:1ss.; Ez 32:7ss.; Am 8:9; Mt 24:29; Lc 21:25-26; Ap 6:12ss.
44. Cf. 2 Sm 7:16; Sl 89:3ss.; 132:11-12.
45. E.g. Lc 4:21; Jo 5:39-40; Lc 24:27; 44ss.
46. E.g. Sl 2:8; 16:10; 110:1.
47. Dupont, p. 120.
48. *Ibid.*, p. 109; e pp.. 103-128, 136, 154-157. Veja também os comentários de Longenecker em *Acts*, pp. 279-280, e em *Exegesis*, especialmente pp. 85-103 e 205-209.
49. Mc 12:35-37; Lc 20:41-44.
50. 1 Co 15:25; Hb 1:13.
51. Alexander, I, p. 85.
52. Como em Is 49:1, 12; 57:19, cf. Ef 2:13, 17.
53. *The Apostolic Preaching and its Developments*, de C. H. Dodd (Hodder and Stoughton, 1936).
54. *Ibid.*, pp. 38-45.
55. Cf. Gl 3:13.
56. Cf. 2 Co 12:12; Hb 2:1-4.
57. 1 Jo 1:3.
58. 2 Co 13:13.
59. 2 Co 8:4; 9:13.
60. Vermes, p. 103.
61. Regra da Comunidade VI, *ibid.*, p. 82.
62. *Ibid.*, p. 30.
63. Veja *Every Need Supplied: Mutual Aid and Christian Community in the Free Churches - 1525-1675*, ed. Donald F. Durnbaugh (Filadélfia: Temple University Press, 1974).

64. Dt 26:12.
65. 1 Jo 3:17.
66. Crisóstomo, Homilia VII, p. 47.
67. Gl 5:22.
68. *Pentecost and Missions*, de Harry Boer (Lutterworth, 1961).
69. *Ibid.*, pp. 161-162.

Atos 3:1 – 4:31
3. O início da perseguição

Lucas pinta uma imagem idílica da primeira comunidade cristã em Jerusalém. Tendo recebido o perdão e o Espírito Santo, seus membros se empenhavam no ensino dos apóstolos, na adoração a Deus, no cuidado mútuo e no testemunho perante os que ainda estavam fora da sua comunidade. Tudo era doce e bonito. O amor, a alegria e a paz reinavam. Comissionados por Cristo e com o poder do Espírito, eles estavam no início da grande aventura missionária que Lucas passa a descrever. O bravo navio *Igreja de Cristo* estava pronto para içar as velas, impulsionado pelo vento do Espírito, e iniciar sua viagem de conquista espiritual. Mas quase imediatamente surgiu uma enorme tempestade, uma tempestade tão feroz que a existência da igreja estava ameaçada.

Alternativamente, poderíamos dizer que, se o protagonista da história de Atos 1 e 2 é o Espírito Santo, o ator principal em Atos 3 a 6 parece ser o diabo. Na verdade, ele só é chamado uma vez pelo nome, mas sua atividade pode ser vista em todo lugar. Ele é mencionado especificamente quando Pedro confronta Ananias: "Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo ... ?" (5:3). Aqui, o Espírito Santo e o espírito mau, muitas vezes chamado de diabo, aparecem em contraposição. De acordo com a aparência externa, dois homens se confrontaram e um deles mentiu para o outro, mas Pedro possuía o discernimento espiritual para enxergar além das aparências e reconhecer a realidade invisível: Satanás tinha mentido para Deus (5:3-4). De fato, Satanás "enchera" o coração de Ananias para induzi-lo a fazer isso – um tipo de equivalente diabólico para o fato de Pedro estar cheio do Espírito.

Para entendermos plenamente a igreja primitiva, precisamos ler *Atos dos Apóstolos* e *O Livro de Apocalipse* lado a lado. Ambos contam aproximadamente a mesma história da igreja e sua

experiência de conflito, mas de perspectivas diferentes. Em Atos, Lucas relata o que aconteceu no palco da história diante dos olhos dos observadores; em Apocalipse, João faz-nos ver as forças ocultas trabalhando. Em Atos, seres humanos se opõem à igreja e a corrompem; em Apocalipse, a cortina se levanta e vemos a hostilidade do diabo em pessoa, descrito como enorme dragão vermelho , assistido e ajudado por dois monstros grotescos e uma prostituta lasciva. Na verdade, o Apocalipse traz uma visão da batalha milenar entre o Cordeiro e o dragão; Cristo e Satanás; Jerusalém, a cidade santa, e Babilônia, a grande cidade; a igreja e o mundo. Além disso, dificilmente seria uma coincidência o fato de o simbolismo dos três aliados do dragão, em Apocalipse, corresponder às três armas do diabo levantadas contra a igreja nos primeiros capítulos de Atos, ou sejam, a perseguição, o comprometimento moral e o perigo da exposição ao falso ensino, quando os apóstolos foram desviados de sua principal responsabilidade: "o ministério da Palavra e oração".

A arma mais primitiva do diabo era a violência física, e Lucas descreve duas perseguições do Sinédrio. Na primeira, Pedro e João são presos, julgados e proibidos de pregar, advertidos e soltos (4:1-22); na segunda, eles e outros ("os apóstolos" em geral) são presos e julgados, e, dessa vez, torturados antes de serem perdoados e novamente soltos. Lucas vê isso como o cumprimento das profecias de Jesus, relatadas em seu Evangelho, segundo as quais os discípulos seriam odiados, insultados e rejeitados (Lc 6:22, 26), julgados diante de "governadores e autoridades" (Lc 12:11) e perseguidos e presos por causa de seu nome (Lc 21:12ss.).

Vale a pena notarmos que a estrutura que Lucas adota nos capítulos 3 e 4 é a mesma do capítulo 2. Primeiro, ele descreve um milagre do ponto de vista de um observador – no capítulo 2, a vinda do Espírito (2:1-13), no capítulo 3, a cura de um coxo (3:1-10). A história é contada de forma objetiva e direta, embora se diga, em ambos os casos, que a multidão ficou muito perplexa, sem poder explicar o que aconteceu.[1] Segundo, Lucas relata um discurso de Pedro, que toma como assunto esse milagre e o interpreta de maneira a glorificar Cristo, a quem os ouvintes tinham matado, mas que Deus havia ressuscitado, como os apóstolos testemunharam. Além disso, o Cristo agora exaltado tinha derramado seu Espírito e curado um coxo, demonstrando assim o poder do seu nome àqueles que crêem (2:23-39; 3:13-16;

4:12). Em cada caso, Pedro concluiu seu sermão com um apelo ao público para que se arrependesse para receber as bênçãos prometidas (2:38ss. e 3:17ss.). E terceiro, Lucas descreve as conseqüências do milagre e da explicação de Pedro: uma igreja cheia do Espírito que, no primeiro caso, aprende, cultua, compartilha e testemunha (2:42-47) e, no segundo, é perseguida, mas também ora e compartilha (4:1-37).

Enquanto Lucas desenvolve o segundo retrato da igreja após o Pentecoste, ele enfoca sucessivamente o coxo curado (3:1-10), o apóstolo Pedro que fala à multidão (3:11-26), o conselho que prende os apóstolos (4:1-22) e a igreja que se volta para Deus em oração (4:23-31).

1. Um coxo de nascença é curado (3:1-10)

O que ocasionou a oposição das autoridades judaicas foi a cura do coxo, juntamente com o sermão de Pedro que a seguiu. Lucas iniciou seu segundo volume afirmando aos leitores que iria relatar o que Jesus continuou "a fazer e ensinar", após a ascensão, através de seus apóstolos (1:1-2). Ele também disse que "muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos" (2:43). Agora ele fornece um exemplo especialmente dramático. *Pedro e João subiam ao templo* (v. 1). Lucas não especifica a data (aconteceu *um dia*), mas a hora é as três da tarde, que é a *hora da oração* (v. 1). Isso aconteceu pouco depois do sacrifício da tarde que era observado por todos os judeus piedosos como Daniel e pelos "tementes a Deus" como Cornélio.[2] A chegada dos apóstolos ao templo coincidiu com a chegada de *um coxo de nascença*, que era levado ali, provavelmente por amigos ou parentes, para que pudesse pedir esmolas aos que vinham adorar e que pensavam (incidentalmente) que ganhariam algum mérito com isso.

O lugar do mendigo, diz Lucas, era *à porta do templo, chamada Formosa* (v. 2). Os comentaristas normalmente a identificam com a porta de Nicanor, a entrada principal do lado oriental, que separava o recinto do templo do pátio dos gentios. O fato de Lucas denominá-la "porta Formosa", faz supor que era a porta feita de bronze coríntio, que Josefo descreveu como a que "superava grandemente as que eram apenas cobertas com ouro e prata".[3] A porta media cerca de vinte e dois metros de altura e tinha enormes portões duplos. Mas, ao pé dessa magnífica porta, sentava-se o coxo a mendigar. O interesse médico de Lucas parece ser revelado

na breve análise clínica que ele nos dá: era um coxo de nascença; o homem agora *tinha mais de quarenta anos* (4:22); e era tão inválido que precisava ser carregado, de modo que o *punham diariamente ... para pedir esmola aos que entravam* (v. 2). Quando *Pedro e João iam entrar no templo*, implorou-lhes *uma esmola* (v.3). Os apóstolos pararam, *fitaram-no*, e Pedro deu-lhe duas ordens. Primeira, *Olha para nós* (v. 4). *Ele os olhava atentamente, esperando receber alguma coisa* (v. 5). Mas em sua segunda ordem, Pedro disse-lhe que tinha algo melhor do que dinheiro para oferecer: *Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!* (v. 6). O apóstolo não deu um passo para trás, enquanto o homem se esforçava para se pôr de pé: ele se curvou para frente e, *tomando-o pela mão direita, o levantou* (v. 7a). Como comenta Thomas Walker, "o poder era de Cristo, mas a mão era de Pedro".[4] Aquele não era um gesto de descrença, mas sim de amor. Além disso, era algo que Pedro havia visto Jesus fazer quando tomou a filha de Jairo pela mão.[5] Então, *imediatamente*, comenta o Dr. Lucas, *os pés e artelhos se firmaram* (v. 7b) – tão fortes e ágeis que *de um salto se pôs em pé* (v. 8), o que jamais fizera antes. Não só isso, ele também acompanhou os apóstolos *e entrou com eles no templo, saltando e louvando a Deus* sem parar (v. 8). Era um cumprimento extraordinário da profecia messiânica: "os coxos saltarão como cervos".[6]

Rapidamente se formou uma multidão. Pois eles o viram a *andar e louvar a Deus* (v. 9). Essa é a quarta vez que Lucas descreve o homem *andando*, como se quisesse enfatizar o incrível fato de suas pernas coxas estarem funcionando perfeitamente pela primeira vez. *Reconheceram ser ele o mesmo* que lhes era uma visão familiar havia décadas, pois ele *esmolava, diariamente, assentado à porta Formosa do templo; e se encheram de admiração e assombro, por isso que lhe acontecera* (v. 10).

2. O apóstolo Pedro prega à multidão (3:11-26)

Apegando-se ele a Pedro e a João, curado mas se agarrando a eles, ainda não muito confiante, *todo o povo correu atônito para junto deles*, e se reuniram *no pórtico chamado de Salomão* (v. 11). Esse "pórtico" ou "alpendre" (BLH) era formado por duas fileiras de colunas de mármore com um telhado de cedro, que percorria toda a parede oriental do átrio externo. O próprio Jesus andara e ensinara ali, algumas vezes.[7]

Pedro aproveitou a oportunidade para pregar. Da mesma forma que o incidente do Pentecoste serviu de tema para o seu sermão, a cura do coxo tornou-se o pretexto para o segundo. Os dois acontecimentos eram obras poderosas do Cristo exaltado. Ambos eram sinais que o proclamavam como Senhor e Salvador. Ambos deixaram a multidão atônita.

Pedro começou atribuindo todo o crédito a Jesus. *Israelitas, por que vos maravilhais disto?*, perguntou (v. 12), provavelmente apontando para o coxo curado. E *por que fitais os olhos em nós*, provavelmente apontando para si mesmo e para João, *como se pelo nosso próprio poder ou piedade o tivéssemos feito andar?* (v. 12). O que ele fez foi redirecionar o olhar daquela multidão para Jesus, em cujo nome acontecera aquele poderoso milagre. Pois *o Deus de Abrãao, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus* (v. 13a). Com essa referência a Deus, Pedro expressou a convicção de que o que era novo em Jesus gozava de uma continuidade direta com o Antigo Testamento. Então, em contraste com a honra que Deus dera a Jesus, Pedro é extremamente direto ao descrever a desonra quádrupla com que os habitantes de Jerusalém trataram o Mestre: 1) *vós (o) traístes* e 2) *negastes perante Pilatos* (assim como Pedro o havia "negado" diante de uma criada e de outros[8]), *quando este havia decidido soltá-lo* (v. 13b), 3) *Vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos concedessem um homicida* (v. 14), exigindo assim "a condenação do inocente" e "o perdão do culpado".[9] 4) *Matastes o Autor da vida*, um paradoxo perturbador, em que o próprio pioneiro ou doador da vida (*archegos*, tem os dois significados) é privado da vida, *a quem Deus*, revertendo maravilhosamente essa quádrupla rejeição, *ressuscitou dentre os mortos*, e dessa grandiosa ressurreição *nós* (os apóstolos) *somos testemunhas* (v. 15). Assim, então, é *pela fé em o nome de Jesus*, do Jesus antes rejeitado mas agora ressurreto e reinante, que foi fortalecido este coxo *que agora vedes e reconheceis*. Pedro continua, repetindo para enfatizar melhor, dessa vez, separando o nome e a fé em questão. Pois foi o *nome de Jesus* (tudo o que ele é e fez), juntamente com *a fé que vem dele*, sendo despertada naqueles que entendem as implicações do seu nome, que *deu a este saúde perfeita na presença de todos vós* (v. 16).

O aspecto mais notável no segundo sermão de Pedro, tal como do primeiro, é o seu fator cristocêntrico. Ele desviou os olhos da multidão do coxo curado e dos apóstolos e os fixou em Cristo, a quem os homens haviam rejeitado, matando-o, mas a quem Deus

vindicou, ressuscitando-o dentre os mortos, e cujo nome, uma vez adotado pela fé, era poderoso o bastante para curar completamente o homem. Além disso, em seu testemunho acerca de Jesus, Pedro lhe atribui vários títulos significativos. Ele começou chamando-o de "Jesus Cristo, o Nazareno" (v. 6), mas, continuando, chamou-o de "Servo" de Deus (v. 13), que primeiro sofreu e depois foi glorificado, em cumprimento de Isaías 52:13ss. (cf. 18 e 26; 4:27, 30). Depois, chamou-o de "o Santo e o Justo" (v. 14) e "o Autor [ou Pioneiro] da vida" (v. 15), enquanto que, na conclusão do sermão, ele o identificou como o "profeta" prometido por Moisés (v. 22) e, diante do Sinédrio, como a pedra rejeitada que se tornou a pedra angular (4:11). Servo e Cristo, Santo e fonte da vida, Profeta e Pedra – esses títulos expressam a singularidade de Jesus em seu sofrimento e glória, seu caráter e missão, sua revelação e redenção. Tudo isso está contido em seu "Nome" e ajuda a explicar o seu poder salvador.

Tendo exaltado o nome de Jesus, Pedro encerra seu sermão desafiando os ouvintes (*irmãos*, ele os chama), falando da necessidade e das bênçãos do arrependimento. *Eu sei*, diz ele, *que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades* (v. 17). O seu propósito, ao dizer isso, não era desculpá-los do pecado, nem dar a entender que o perdão era desnecessário, mas mostrar a razão pela qual ele era possível. Pedro estava repetindo a distinção veterotestamentária entre os pecados por "ignorância" e os pecados por "atrevimento".[10] E, embora não soubessem o que estavam fazendo, Deus sabia o que ele estava fazendo. Pois o que aconteceu a Jesus foi o cumprimento da profecia: *Deus assim cumpriu o que dantes anunciara por boca de todos os profetas que o seu Cristo havia de padecer* (v. 18). Entretanto, nem a ignorância, nem a predição de Deus lhes justificava. Eles precisavam de arrependimento e conversão (v. 19a). Então, viriam três bênçãos sucessivas.

A primeira bênção é *serem cancelados os vossos pecados* (v. 19b), até mesmo o pecado de terem matado o Autor da vida. *Exaleipho* significa lavar, apagar. Ela é usada em Apocalipse, em referência ao ato de Deus limpar as nossas lágrimas[11] e de Cristo se recusar a apagar os nossos nomes do livro da vida.[12] William Barclay explica que "os escritos antigos eram feitos em papiros e a tinta usada continha ácido. Portanto, não se infiltrava no papiro como a tinta moderna; ela simplesmente 'repousava' sobre ele. Para apagar o escrito, bastava pegar uma esponja molhada e passar por

cima".[13] Igualmente, quando Deus nos perdoa os pecados, ele esquece o passado.[14]

A segunda bênção prometida é que *da presença de Deus venham tempos de refrigério* (v. 20). A palavra grega *anapsyxis* pode significar repouso, alívio ou refrigério. Nesse contexto, ela está se referindo ao complemento do perdão, pois Deus não apaga os nossos pecados sem dar o seu refrigério para as nossas almas.

A terceira bênção prometida é que *envie ele o Cristo que já vos foi designado, Jesus* (v. 20). Embora, nesse interim, ele continue nos dando o seu perdão e refrigério, é necessário *que o céu o receba até aos tempos da restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade* (v. 21). Alguns comentaristas acreditam que o pronome "todas", nessa frase se refere não ao universo que Deus "restaurará", mas às promessas que "estabelecerá". Assim, uma versão inglesa traduz: "até aos tempos de estabelecer tudo o que Deus falou por boca dos seus santos profetas ..." Mas é mais natural entender *apokatastasis* como a "restauração" escatológica, que Jesus chamou de "regeneração",[15] quando a natureza será libertada de sua escravidão à dor e decadência[16] e Deus fará um novo céu e uma nova terra.[17] Essa perfeição final espera pela volta de Cristo.

Essas promessas cristocêntricas -- de perdão total (pecados apagados), refrigério espiritual e restauração universal – estavam todas contidas no Antigo Testamento. Assim, Pedro encerra com citações e alusões mais significativas. Ele se refere às três grandes correntes proféticas associadas a Moisés, Samuel (e seus sucessores) e Abraão. Primeira: *Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser* (v. 22). *Acontecerá que toda alma que não ouvir a esse profeta, será exterminada do meio do povo* (v. 23).[18] Segunda: *todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias*, os dias do Messias (v. 24). Embora essa seja uma afirmação muito genérica, talvez se refira principalmente à promessa de Deus, que começou com Samuel, de estabelecer o reino de Davi.[19] Em todo caso, Pedro assegurou aos seus ouvintes, *vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com os vossos pais* (v. 25a). É impressionante como Pedro considera as várias correntes proféticas do Antigo Testamento como um testemunho único, aplicando-as a "estes dias" porque se cumpriram em Cristo e seu povo. Em terceiro lugar, Deus disse a Abraão: "Na tua descendência serão

abençoadas todas as nações da terra" (v. 25 b).[20] Essa era a promessa básica do Antigo Testamento. Considere os beneficiados e a natureza das bênçãos prometidas. Quanto aos beneficiados, *tendo Deus ressuscitado ao seu Servo, enviou-o primeiramente a vós outros para vos abençoar* (v. 26a), os descendentes físicos de Abraão, como Paulo enfatiza várias vezes.[21] Mais tarde, porém, Paulo argumenta, especialmente em suas cartas aos romanos e gálatas, que a bênção prometida é para todos os que crêem, incluindo os gentios que, pela fé, tornaram-se filhos espirituais de Abraão. E qual é a bênção? Não é somente o perdão, mas também a retidão. Pois Deus enviou seu servo Jesus Cristo *para vos abençoar, no sentido de que cada um se aparte das suas perversidades* (v. 26).

Revendo esse sermão de Pedro, é surpreendente que ele apresente Cristo à multidão "de acordo com as Escrituras", sucessivamente como o servo sofredor (vs. 13, 18), o profeta semelhante a Moisés (vs. 22-23), o rei davídico (v. 24) e a semente de Abraão (vs. 25-26). E se acrescentarmos seu sermão do Pentecoste e dermos uma olhada em seu discurso no Sinédrio (4:8ss.), veremos que é possível tecer uma tapeçaria bíblica que forma um retrato completo de Cristo. Organizados cronologicamente de acordo com os acontecimentos de sua carreira salvífica, os textos do Antigo Testamento declaram que ele é descendente de Davi (Sl 132:11 = 2:30); que ele sofreu e morreu por nós como servo de Deus (Is 53 = 2:23; 3:18); que a pedra que os construtores rejeitaram, ainda assim se tornou a pedra angular (Sl 118:22 = 4:11), pois Deus o ressuscitou dentre os mortos (Is 52:13 = 2:25ss.), já que a morte não podia segurá-lo e Deus não permitiria que ele se deteriorasse (Sl 16:8ss. = 2:24, 27, 31); que Deus então o exaltou à sua destra, para esperar o seu triunfo final (Sl 110:1 = 2:34-35); que nesse ínterim, através dele seria derramado o Espírito Santo (Jl 2:28ss. = 2:16ss., 33); que agora o evangelho deve ser pregado no mundo inteiro, até aos confins da terra (Is 57:19 = 2:39), apesar de ter sido profetizada uma oposição a ele (Sl 2:1ss. = 4:25-26); que as pessoas devem ouvi-lo ou receber o castigo pela sua desobediência (Dt 18:18-19 = 3:22-23); e que aqueles que ouvirem e atenderem herdarão a bênção prometida a Abraão (Gn 12:3; 22:18 = 3:25-26).

Esse amplo testemunho acerca de Jesus – aquele que foi rejeitado pelos homens mas aceito por Deus, em cumprimento da profecia do Antigo Testamento; aquele que exige o arrependimento e promete a bênção; aquele que é o autor e doador

da vida, em nível físico ao coxo curado e espiritual àqueles que crêem – provocou a indignação e o antagonismo das autoridades. O diabo não pode suportar a exaltação de Jesus Cristo. Por isso ele instigou os membros do Sinédrio para que perseguissem os apóstolos.

3. O conselho leva os apóstolos a julgamento (4:1-22)

Falavam eles ainda ao povo quando sobrevieram os sacerdotes, o capitão do templo e os saduceus, [2] *ressentidos por ensinarem eles o povo e anunciarem em Jesus a ressurreição dentre os mortos;* [3] *e os prenderam, recolhendo-os ao cárcere até ao dia seguinte, pois já era tarde.* [4] *Muitos, porém, dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil.*

Lucas deixa bem claro que ambas as ondas de perseguição foram iniciadas pelos saduceus (4:1 e 5:17). Eles eram a classe governante dos aristocratas ricos. Politicamente, integraram-se ao sistema romano e adotavam uma atitude de colaboração, de modo que temiam as implicações subversivas dos ensinos dos apóstolos. Teologicamente, criam que a era messiânica havia iniciado no período dos macabeus; portanto, não estavam à espera de um Messias. Eles também rejeitavam a doutrina da *ressurreição dos mortos* que os apóstolos proclamavam *em Jesus* (v. 2b). Assim, viram os apóstolos como agitadores e hereges, perturbadores da paz e inimigos da verdade. Como conseqüência, eles ficaram *ressentidos*, "doendo-se muito" (ERC), até mesmo "aborrecidos" (BLH) com o que os apóstolos estavam ensinando ao povo (v. 2a), pois aquilo era "uma pregação não autorizada de pregadores não profissionais".[22]

Liderados pelo *capitão do templo* (v. 1) isto é, o chefe da guarda do templo, responsável pela manutenção da lei e da ordem, cujo cargo sacerdotal ficava abaixo apenas do sumo sacerdote, *prenderam* Pedro e João, e, porque *já era tarde*, isto é, tarde demais para reunir o conselho, *recolheram-nos ao cárcere até ao dia seguinte* (v. 3). Imediatamente Lucas assegura aos seus leitores que a oposição dos homens não impediu o avanço da Palavra de Deus. Os saduceus podiam prender os apóstolos, mas não o evangelho. Pelo contrário, *muitos ... dos que ouviram a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil* (v. 4) – sem contar as mulheres e crianças, é o que o autor parece insinuar.

No dia seguinte, reuniram-se em Jerusalém as autoridades (ou seja, o Sinédrio, que era composto de setenta e um membros, presidido pelo sumo sacerdote), incluindo *os anciãos* (provavelmente líderes dos clãs) e *os escribas* (que copiavam, conservavam e interpretavam a lei) (v. 5). Lucas nos conta que *Anás* estava presente. Ele também o chama de *sumo sacerdote* pois, apesar de os romanos terem-no deposto em 15 d.C., ainda mantinha seu prestígio, sua influência e seu título entre os judeus.[23] *Caifás*, genro de Anás, também estava presente. Ambos tinham desempenhado papéis importantes no julgamento e na condenação de Jesus.[24] Lucas também menciona *João e Alexandre* (a respeito de quem nada se sabe com certeza) e *todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote* (v. 6). Quando eles se sentaram em meio-círculo, como era de costume, e puseram Pedro e João *perante eles* (v. 7), algumas lembranças do julgamento devem ter surgidos na cabeça dos apóstolos. Será que a história se repetiria? Dificilmente poderiam esperar justiça daquele tribunal que tinha dado ouvidos a falsas testemunhas e condenado o Senhor injustamente. Será que iriam ter o mesmo destino? Será que também seriam entregues aos romanos e crucificados? Eles devem ter feito essas perguntas para si mesmos.

a. A defesa de Pedro (4:8-12)

O tribunal começou o interrogatório com uma pergunta direta a Pedro e João: *Com que poder, ou em nome de quem fizestes isto* (ou seja, curar o coxo)? Lembramo-nos dos líderes judeus que perguntaram a Jesus com que autoridade ele tinha purificado o templo.[25] Como resposta, os apóstolos deram testemunho de Jesus Cristo. Pregando à multidão no templo ou respondendo às acusações no tribunal, a preocupação deles não era a sua própria defesa, mas a honra e a glória do Senhor. Naquele momento de necessidade, e em cumprimento da promessa de Jesus de que "palavras e sabedoria" lhes seriam dadas sempre que fossem acusados,[26] Pedro foi novamente *cheio do Espírito Santo, e lhes disse: Autoridades do povo e anciãos* (v. 8): *Visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado* (v. 9), *tomai conhecimento vós todos e todo o povo de Israel de que, em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, sim, em seu nome é que este está curado perante vós* (v. 10). *Este Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores,*

a qual se tornou a pedra angular (v. 11). Esta é a terceira vez que Pedro usa essa fórmula vívida: "a quem vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou" (2:23-24; 3:15), pois Jesus é a pedra do Salmo 118 que os construtores rejeitaram, mas que Deus promoveu, fazendo-a pedra angular (v. 11), uma passagem citada por Jesus.[27] E mais, *não há salvação em nenhum outro, porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos* (v. 12). Percebemos a facilidade com que Pedro passa da cura para a salvação, do particular para o geral. Ele vê a cura física de um homem como uma ilustração da salvação que é oferecida a todos em Cristo. Os dois negativos (*nenhum outro* e *nenhum outro nome)* proclamam a singularidade positiva do nome de Jesus. A sua morte e ressurreição, sua exaltação e autoridade fazem dele o único Salvador, já que nenhum outro possui tais qualificações.

b. A decisão do tribunal (4:13-22)

Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus. [14]*Vendo com eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário.* [15]*E, mandando-os sair do Sinédrio, consultavam entre si,* [16]*dizendo: Que faremos com estes homens? pois, na verdade, é manifesto a todos os habitantes de Jerusalém que um sinal notório foi feito por eles, e não podemos negar;* [17]*mas, para que não haja maior divulgação entre o povo, ameacemo-los para não mais falarem neste nome a quem quer que seja.*

[18]*Chamando-os, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem nem ensinassem em o nome de Jesus.* [19]*Mas Pedro e João lhes responderam: Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus;* [20]*pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos.*

[21]*Depois, ameaçando-os ainda, os soltaram, não tendo achado como os castigar, por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera.* [22]*Ora, tinha mais de quarenta anos aquele em quem se operara essa cura milagrosa.*

Os membros do tribunal *admiraram-se* ao verem *a intrepidez de Pedro e João*, especialmente porque eles eram *iletrados* (*agrōmatoi* não significa que eram analfabetos, mas que não haviam recebido treinamento adequado em teologia rabínica) e *incultos* (*idiotai*

significa "leigos" ou "não profissionais"). Então, *reconheceram que haviam eles estado com Jesus*, que também não possuía uma educação teológica formal[28] nem status profissional como rabino (v. 13). Entretanto podiam ver diante de seus olhos a prova inegável do coxo curado. Apesar de se saber em toda a cidade que o homem nunca tinha andado em sua vida, ali estava ele, de pé, ao lado dos apóstolos. Assim, *nada tinham que dizer em contrário* (v. 14). Eles não podiam negar e não queriam reconhecer. Confusos, mandaram que saíssem do Sinédrio, para que pudessem ter uma conversa particular (v. 15).

Os críticos liberais regalam-se indagando como Lucas podia saber o que aconteceu na discussão confidencial do Sinédrio. "O autor relata as decisões secretas", comenta Haenchen sarcasticamente, "como se tivesse estado presente".[29] Mas Paulo pode ter estado lá. É bem provável que Gamaliel estivesse, e ele pode ter contado a Paulo, mais tarde, o que aconteceu. Em todo o caso, o conselho estava num verdadeiro dilema. Por um lado, *um sinal notório* havia sido feito, *todos os habitantes de Jerusalém* bem sabiam; portanto, não podiam *negá-lo* (v. 16). Por outro lado, eles tinham de fazer algo para que não houvesse *maior divulgação entre o povo* (v. 17a). (Lembramos de passagem que eles não fizeram nenhuma tentativa de desmentir o testemunho dos apóstolos sobre a ressurreição, apesar de saberem que ela era o centro da mensagem deles, v. 2.) O que, então, poderiam fazer? Tudo que conseguiram pensar foi ameaçá-los, fazer uma advertência legal diante de testemunhas, *para não mais falarem neste nome a quem quer que seja* (v. 17b) – o poderoso nome pelo qual o coxo fora curado, que Pedro havia pregado, e que eles não tinham nem coragem de pronunciar.

Assim, *chamando-os*, ordenaram-lhes solenemente *que não falassem nem ensinassem em o nome de Jesus* (v. 18). Diante dessa proibição, os apóstolos reagiram com uma resposta espirituosa, desafiando o tribunal a julgar se seria justo diante de Deus obedecer a eles ou a Deus. Porque, acrescentaram: *nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos* (v. 20). O tribunal os ameaçou mais uma vez e depois os soltou. Não parecia possível *castigá-los, por causa do povo, porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera* (v. 21), especialmente porque o coxo que fora curado *tinha mais de quarenta anos* (v. 22).

4. A igreja ora (4:23-31)

Uma vez soltos, procuraram aos irmãos e lhes contaram quantas coisas lhes haviam dito os principais sacerdotes e anciãos. [24]*Ouvindo isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há;* [25]*que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de nosso pai Davi, teu servo:*

> *Por que se enfureceram os gentios,*
> *e os povos imaginaram coisas vãs?*
> [26]*Levantaram-se os reis da terra*
> *e as autoridades ajuntaram-se à uma*
> *contra o Senhor e contra o seu Ungido;*

[27]*porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e povos de Israel,* [28]*para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram;* [29]*agora, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos teus servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra,* [30]*enquanto estendes a mão para fazer curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus.*

[31]*Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus.*

Qual foi a reação dos apóstolos diante da proibição e ameaça do conselho? *Uma vez soltos*, relata Lucas, eles foram diretamente *aos irmãos*, parentes e amigos em Cristo, *contaram* tudo o que o conselho lhes havia falado (v. 23), e então, imediatamente eles se reuniram e *levantaram a voz a Deus* (v. 24a). Eis aqui a *koinonia* cristã em ação. Vimos os apóstolos no Sinédrio, agora os vemos na igreja. Tendo sido diretos no testemunho, foram igualmente diretos na oração. A primeira palavra foi *Despotes* (*Soberano Senhor*), termo usado para denominar um proprietário de escravos e uma autoridade de poder inquestionável. O Sinédrio podia fazer ameaças e proibições, e tentar silenciar a igreja, mas a autoridade deles estava sujeita a uma autoridade maior. Os decretos dos homens não podem passar por cima dos decretos de Deus.

Em seguida observamos que, antes de fazer qualquer pedido, o povo encheu a mente, pensando na soberania divina. Primeiro, ele é o Deus da criação, que *fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles*

há (v. 24). Segundo, ele é o Deus da revelação, que *falou por intermédio do Espírito Santo por boca de ... Davi*, e que no Salmo 2 (reconhecido como messiânico já no primeiro século a.C.) tinha predito a oposição do mundo ao seu Cristo, com gentios enfurecidos, povos imaginando coisas vãs, reis se levantando e autoridades ajuntando-se contra o Ungido do Senhor (vs. 25-26). Terceiro, ele é o Deus da história, que fez com que até os seus inimigos (Herodes e Pilatos, os gentios e os judeus, unidos numa conspiração contra Jesus, v. 27) fizessem *tudo o que a mão e o propósito de Deus predeterminaram* (v. 28). Portanto, era assim que a igreja primitiva entendia o Deus da criação, da revelação e da história, cujas ações características são resumidas em três verbos: "fizeste" (v. 24), "disseste" (v. 25) e "predeterminaste" (v. 28).

Somente agora, com uma clara visão de Deus, e com humildade perante ele, estavam finalmente prontos para orar. Lucas nos relata três pedidos principais. O primeiro era que Deus *olhasse para as suas ameaças* (v. 29a). Não era uma oração pedindo que suas ameaças caíssem sob o julgamento divino ou que não fossem cumpridas, para que a igreja pudesse permanecer em paz e segurança, mas simplesmente que Deus *olhasse* para elas, que se lembrasse delas. O segundo pedido era que Deus os capacitasse a serem seus *servos* (literalmente, "escravos") para falar da sua Palavra *com toda a intrepidez* (v. 29b), que não fossem impedidos pela proibição do Sinédrio nem temessem suas ameaças. A terceira petição era para que Deus lhes *estendesse a mão para fazer curas, sinais e prodígios, por intermédio do nome ... de Jesus* (v. 30). Como ressaltou Alexander, "agora eles não exigiam milagres de vingança ou destruição, como fogo dos céus,[30] mas, sim, milagres de misericórdia".[31] Além disso, a palavra e os sinais deviam vir juntos; os sinais e os milagres confirmavam a palavra proclamada com intrepidez.

Em resposta a essa oração sincera e unânime: 1) *tremeu o lugar* e, segundo comentou Crisóstomo, "aquilo os tornou mais inabaláveis";[32] 2) *todos ficaram cheios do Espírito Santo*; e 3) em resposta ao seu pedido específico (v. 29), *anunciavam a palavra de Deus, com intrepidez* (v. 31). Nada se diz neste contexto em relação ao outro pedido específico – os milagres de cura (v. 30) – mas provavelmente seria legítimo ver a resposta em 5:12: "Muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos."

Conclusão: sinais e prodígios

Provavelmente, os três aspectos mais notáveis da narrativa de Lucas em Atos 3 e 4 são: 1) o milagre de cura espetacular e a oração por mais milagres, 2) a pregação cristocêntrica de Pedro e 3) o início da perseguição. Uma vez que o testemunho de Pedro acerca de Cristo já foi considerado em detalhes ao longo da exposição, e também que voltaremos a falar sobre esse assunto no próximo capítulo, vamos nos concentrar nos milagres.

A controvérsia atual sobre os sinais e prodígios não nos deve levar a uma polarização ingênua entre os que são a favor e os que são contra. Pelo contrário, deve-se começar no vasto campo de concordância que existe entre nós. Todos os cristãos bíblicos crêem que, apesar de a fidelidade do Criador ser revelada na uniformidade e na regularidade do seu universo, que são a base indispensável do empreendimento científico, ele, às vezes, também se desvia das normas da natureza, provocando fenômenos anormais que chamamos de "milagres". Mas chamá-los de "desvios da natureza" não é depreciá-los (como fizeram os deístas do século XVIII) como se fossem "violações da natureza" que não podem acontecer e, portanto, não aconteceram e não acontecem. Não, a nossa doutrina bíblica da criação, segundo a qual Deus fez tudo de um nada inicial, exclui esse tipo de ceticismo. Como diz Campbell Morgan, "admitindo a veracidade dos primeiros versículos da Bíblia, não há dificuldade alguma em relação aos milagres".[33] E mais, se cremos que os milagres relatados na Bíblia, e não somente em Atos, aconteceram, não existe motivo *a priori* para afirmar que não podem ocorrer hoje. Não temos a liberdade de ditar a Deus o que ele pode ou não fazer. E se hesitarmos diante de algumas evidências de "sinais e prodígios" hoje em dia, precisamos conferir se não confinamos Deus e nós mesmos na prisão da descrença racionalista ocidental.[34]

O famoso expoente do ensino de "sinais e prodígios" dos nossos dias é John Wimber da Vineyard Fellowship, na Califórnia. Ele e Kevin Springer resumiram sua posição em *Power Evangelism* (1985) e *Power Healing* (1986). Apesar de ser impossível fazer jus a essas obras em apenas algumas frases, suas idéias principais são: 1) Jesus inaugurou o reino de Deus e demonstrou sua vinda através de sinais e milagres, e quer que nós proclamemos e dramatizemos o seu avanço de modo similar; 2) os sinais e os

prodígios eram "acontecimentos cotidianos na época do Novo Testamento" e "parte da vida diária",[35] servindo para ilustrar "a vida cristão normal" também para nós; e 3) o crescimento da igreja em Atos era causado, em grande parte, pela predominância dos milagres. "Catorze vezes em Atos, os sinais e milagres ocorreram ligados à pregação, resultando no crescimento da igreja. E mais, em vinte ocasiões o crescimento da igreja foi resultado direto dos sinais e prodígios efetuados pelos discípulos."[36]

John Wimber defende sua argumentação com sinceridade e empenho. Mas algumas perguntas permanecem em aberto. Deixe-me expor três, relacionadas ao presente estudo de Atos. Em primeiro lugar, será que os sinais e prodígios são o principal segredo do crescimento da igreja? John Wimber fornece uma lista de catorze ocasiões descritas em Atos, nas quais, segundo ele, os *sinais e prodígios acompanharam a pregação e "produziram um* crescimento evangelístico na igreja". Um ou dois são casos indiscutíveis, como quando as multidões samaritanas "atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava" e assim "deram crédito a Filipe" (8:6, 12). Em vários outros casos, porém, a ligação entre os milagres e o crescimento da igreja é feita por John Wimber, e não por Lucas. Por exemplo: analisando os únicos dois casos que ele cita dos capítulos que estudamos até agora, não há evidência no texto de que os fenômenos pentecostais de vento, fogo e línguas (2:1-4) foram a causa direta das três mil conversões do versículo 41, nem que a cura do coxo (3:1ss.) foi a causa direta do crescimento que fez o grupo chegar a cinco mil (4:4), como alega John Wimber. Lucas parece atribuir o crescimento muito mais ao poder da pregação de Pedro. Nesse sentido, toda evangelização verdadeira é "poderosa", pois a conversão e o novo nascimento, e conseqüentemente o crescimento da igreja, só podem acontecer pelo poder de Deus, através de sua Palavra e de seu Espírito.[37]

Em segundo lugar, será que os sinais e prodígios devem ser "acontecimentos cotidianos" e fazer parte da "vida cristã normal"? Creio que não. Os milagres não somente são, por definição, "anormalidades" e não "normalidades", como também o livro de Atos não fornece evidências de que eram muito difundidos. A ênfase de Lucas está no fato de que eles eram feitos principalmente pelos apóstolos (2:43, 5:12), e especialmente pelos apóstolos Pedro e Paulo, nos quais ele concentra sua atenção. É

verdade que Estêvão e Filipe também fizeram sinais e prodígios, e talvez outros tenham feito. Mas podemos alegar que Estêvão e Filipe eram pessoas especiais, não porque os apóstolos tinham imposto suas mãos sobre eles (6:5-6), mas porque cada um recebeu um papel singular no estabelecimento dos fundamentos da missão mundial da igreja (veja 7:1ss. e 8:5ss.). A ênfase da Bíblia certamente repousa no fato de os milagres acontecerem ao redor dos principais agentes da revelação divina em novas épocas de revelação; em específico citemos Moisés o doador da lei, os novos testemunhos proféticos representados por Elias e Eliseu, e o ministério messiânico de Jesus e os apóstolos, fazendo com que Paulo se referisse aos seus milagres como "credenciais do apostolado".[38] Hoje, pode muito bem haver situações em que os milagres sejam apropriados nas frentes missionárias, por exemplo, e em uma atmosfera de total descrença que exija um encontro poderoso entre Cristo e o Anticristo. Mas as próprias Escrituras afirmam que serão ocasiões especiais, e não "parte do dia-a-dia".

E em terceiro lugar, será que os sinais e prodígios anunciados hoje estão à altura dos relatados no Novo Testamento? Alguns estão, pelo menos aparentemente. Mas em seu ministério público, transformando água em vinho, acalmando a tempestade, multiplicando pães e peixes, e andando na água, Jesus nos dá um vislumbre da submissão final da natureza a ele – uma submissão que não pertence ao "já agora" mas ao "ainda não" do reino. Não devemos, portanto, esperar essas coisas hoje. Nem devemos esperar sermos miraculosamente libertos da prisão por um anjo do Senhor ou vermos membros da igreja sendo mortos como Ananias e Safira. Além disso, os milagres de cura nos Evangelhos e Atos apresentam aspectos que poucas vezes se manifestam hoje, mesmo no atual movimento de sinais e prodígios.

Deixe-me voltar a Atos para ilustrar isso, e tomar a cura do coxo como exemplo. Essa é a primeira e mais detalhada cura milagrosa relatada no livro. Ela contém cinco características notáveis que, juntas, indicam qual é a visão neotestamentária de um milagre de cura. 1) A cura era de uma doença orgânica grave, e não podia ser vista como uma cura psicossomática. Lucas insiste em explicar que o homem era coxo de nascença (3:2), tinha mais de quarenta anos (4:22), e era tão inválido que precisava ser carregado para todos os lugares (3:2). Humanamente falando, aquele era um caso perdido. Os médicos nada podiam fazer por ele. 2) A cura

aconteceu através de uma palavra de ordem direta em nome de Cristo, sem o emprego de nenhum recurso médico. Nem sequer a oração, imposição de mãos ou a unção de óleo foram usadas. É verdade que Pedro estendeu a mão para ajudá-lo (3:7), mas isso não fazia parte da cura. 3) A cura foi instantânea, não gradual, pois imediatamente os pés e os artelhos se fortaleceram, e ele saltou e começou a andar (3:7-8). 4) A cura foi completa e permanente, não parcial nem temporária. Isso é afirmado duas vezes. O homem obteve "saúde perfeita", disse Pedro à multidão (3:16), e mais tarde encontrou-se diante do Sinédrio, "completamente curado" (4:10, BLH). 5) A cura foi publicamente reconhecida como inquestionável. Não havia nenhuma dúvida a respeito. O mendigo coxo era bem conhecido na cidade (3:10, 16). Agora estava curado. Não foram apenas os discípulos de Jesus que se convenceram disso, mas também os inimigos do evangelho. A multidão ainda descrente se encheu de admiração e assombro e o Sinédrio o chamou de "sinal notório" que não podiam negar (4:14, 16).

Tomando, pois, as Escrituras como guia, evitaremos extremos opostos. Não diremos que os milagres "nunca aconteceram" nem que são "acontecimentos cotidianos", não os consideraremos "impossíveis" nem "normais". Pelo contrário, estaremos inteiramente abertos ao Deus que opera tanto através da natureza quanto dos milagres. E, havendo um milagre de cura, esperaremos que esse se pareça com os dos Evangelhos e Atos: uma cura instantânea e completa de uma doença orgânica, sem o emprego de recursos médicos ou cirúrgicos, desafiando uma investigação e convencendo não-crentes. Pois foi esse o caso do coxo de nascença. Pedro tomou essa cura milagrosa como base para o seu sermão dirigido à multidão e sua defesa perante o Sinédrio. A palavra e o sinal, juntos, deram um testemunho do nome singularmente poderoso de Jesus. A cura física do coxo foi uma dramatização vívida da mensagem apostólica da salvação.

Notas:

1. 2:7, 12; 3:10.
2. Dn 9:20-21; At 10:2, 22.
3. Josefo, *Guerras*, V.5.3.
4. Walker, p. 67.
5. Lc 8:54.
6. Is 35:6.

7. Jo 10:23.
8. Cf. Lc 22:54-62.
9. Alexander, I, p. 109.
10. E.g. Nm 15:27ss., e cf. Lc 23:34; 1 Co 2:8; 1 Tm 1:13.
11. Ap 7:17; 21:4.
12. Ap 3:5.
13. Barclay, p. 32.
14. Cf. Is 43:25.
15. Mt 19:28.
16. Rm 8:19ss.
17. 2 Pe 3:13; Ap 21:5.
18. Dt 18:15ss., cf. Lc 9:35.
19. E.g. 2 Sm 7:12ss.
20. Gn 12:3; 22:18; 26:4.
21. "Primeiro do judeu", e.g. Rm 1:16; 2:9-10; 3:1-2.
22. Neil, p. 88.
23. Cf. Lc 3:2.
24. Cf. Jo 18:12ss.
25. Lc 20:1-2.
26. Lc 21:12ss.
27. Lc 20:17.
28. Jo 7:15.
29. Haenchen, p. 218.
30. Lc 9:54.
31. Alexander, I, p. 172.
32. Crisóstomo, Homilia XI, p. 73.
33. Morgan, p. 91.
34. John Wimber, ao qual são feitas outras referências neste capítulo, está certo ao advertir-nos em *Power Evangelism* (Hodder and Stoughton, 1985; capítulo 5) e *Power Healing* (Hodder and Stoughton, 1986; pp. 28 e 30) da "influência corrosiva da ideologia ocidental secularizada", para que não sejamos "presos na teia do secularismo ocidental".
35. *Power Evangelism*, p. 117.
36. *Ibid.*, p. 117.
37. E.g. 1 Co 2:1-5; 1 Ts 1:5.
38. 2 Co 12:12.

Atos 4:32 – 6:7
4. O contra-ataque satânico

Vimos no início do capítulo 3 que tão logo o Espírito veio sobre a igreja, Satanás lançou um contra-ataque feroz. O Pentecoste foi seguido de perseguição. Um título alternativo para este capítulo seria "A estratégia de Satanás". Sua estratégia foi cuidadosamente planejada. Ele atacou em três frentes. A primeira tática, mais rude, foi a violência física; ele tentou esmagar a igreja através da perseguição. O segundo ataque, mais engenhoso, foi a corrupção moral. Não conseguindo destruir a igreja de fora, ele tentou infiltrar o mal em sua vida interna, através de Ananias e Safira, arruinando assim a comunhão cristã. O seu terceiro plano, mais sutil, foi a distração. Ele tentou desviar os apóstolos de suas responsabilidades prioritárias, a oração e a pregação, preocupando-se com a administração social, que não era tarefa deles. Se fosse bem sucedido, a igreja, por não ser instruída, ficaria exposta a todos os ventos de falsa doutrina. Eram estas, então, as suas armas – física (perseguição), moral (subversão) e profissional (distração).

Não possuo nenhuma familiaridade ou intimidade com o diabo. Mas tenho certeza de que ele existe, e é totalmente inescrupuloso. Outra coisa que aprendi a seu respeito é que sua peculiaridade é a falta de imaginação. Ao longo dos anos, ele não mudou sua estratégia, nem suas táticas, nem suas armas; ele continua na velha rotina. Assim sendo, estudando sua campanha contra a igreja primitiva, devíamos ficar alertas contra a sua provável estratégia hoje. Se formos surpreendidos, não teremos desculpa.

Lucas, porém, não se preocupa apenas em expor a malícia do diabo, mas também em mostrar como ele foi vencido. Em primeiro lugar, não se permitiu que a hipocrisia de Ananias e Safira se espalhasse, pois o julgamento de Deus caiu sobre eles, e

a igreja cresceu rapidamente (5:12-16). Em segundo lugar, quando o Sinédrio usou novamente a violência, eles foram impedidos de matar os apóstolos pelo conselho cauteloso de Gamaliel (5:17-42). E em terceiro lugar, quando a questão das viúvas ameaçou ocupar todo o tempo e energia dos apóstolos, a obra social foi delegada a outros, os apóstolos retomaram suas tarefas prioritárias e a igreja começou a se multiplicar novamente (6:1-7).

1. Os crentes gozam de uma vida em comum (4:32-37)

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum. [33]*Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.* [34]*Pois nenhum necessitado havia entre eles, porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes,* [35]*e depositavam aos pés dos apóstolos; então se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade.*

[36]*José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer filho de exortação, levita, natural de Chipre,* [37]*como tivesse um campo, vendendo-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos.*

Lucas, acabara de relatar que, em resposta às suas orações, os cristãos ficaram novamente "cheios do Espírito Santo" (v. 31). O resultado imediato foi que com intrepidez "anunciavam a palavra de Deus". Talvez pudéssemos relacionar isso com o versículo 33: *com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus*, o que era uma das suas principais responsabilidades apostólicas (cf. 1:22). Desse modo, ignoraram a proibição do Sinédrio, sendo o seu testemunho caracterizado por intrepidez e poder. *Em todos eles havia abundante graça*, uma expressão que talvez descreva seu "maravilhoso espírito de generosidade" (JBP), ou se refira ao fato de que "eram estimados por todos" (BHL), ou seja uma afirmação mais genérica, indicando que a graça de Deus estava sustentando o grupo.

Lucas, porém, não pára por aí. Ele está preocupado em mostrar que a plenitude do Espírito se manifesta tanto nos atos como nas palavras, tanto no serviço como no testemunho, tanto no amor pela família como na proclamação ao mundo. E assim como, logo após a primeira vinda do Espírito, ele descreveu as características de uma comunidade cheia do Espírito (2:42-47), agora quando os

cristãos são novamente cheios do Espírito, ele apresenta uma segunda descrição (4:32-37). E, em ambos os casos, sua ênfase é a mesma. *A multidão dos que creram,* começa ele em 4:32 como em 2:44, formava um grupo muito unido. Eles estavam juntos (2:44) quando se dedicavam à comunhão (2:42) e *tinham um só coração e alma* (4:32). Essa era a solidariedade de amor fundamental que os crentes gozavam, e a comunhão econômica era apenas uma expressão da união de seus corações e almas.

É instrutivo compararmos os dois relatos da mesma igreja unida e cheia do Espírito em Jerusalém pintados por Lucas. Apesar de os relatos serem verbalmente independentes um do outro, o autor menciona em cada um as mesmas três conseqüências de seu compromisso mútuo. Chamarei a primeira de atitude radical, especialmente em relação às suas propriedades. Eles "tinham tudo em comum" (2:44); *ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum* (4:32b). Ambos os versículos contêm as duas palavras chaves *hapanta koina,* "todas as coisas em comum". À luz da afirmação posterior de Pedro a Ananias de que a sua propriedade lhe pertencia (5:4), não podemos atribuir a essas palavras o sentido de que os crentes tivessem literalmente renunciado à propriedade privada, para o bem comum.Talvez a frase mais importante seja que *ninguém considerava suas* as propriedades. Embora de fato e de direito continuassem possuindo seus próprios bens, no coração e na alma cultivavam uma atitude tão radical que consideravam que suas posses estavam à disposição para ajudar os irmãos necessitados.

Em segundo lugar, a atitude radical deles levou a uma ação sacrificial, *porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes, e depositavam aos pés dos apóstolos,* para que pudessem distribuí-los (vs. 34b-35). Essas mesmas ações de venda e distribuição foram mencionadas em 2:45. Em ambos os casos, a venda era voluntária e esporádica, à medida que surgia a necessidade de dinheiro.

Em terceiro lugar, a atitude radical e a ação prática baseavam-se no princípio de que a distribuição seria proporcional à necessidade real. Os dois relatos empregam palavras idênticas: *kathoti an tis chreian eixen,* que significam "conforme alguém tinha necessidade" (v. 35b, cf. 2:45). Todavia, é apenas na segunda descrição que Lucas declara a conseqüência da distribuição criteriosa de ajuda: *nenhum necessitado havia entre eles* (v. 34a).

Calvino escreveu em seu comentário:

> Seria preciso que tivéssemos corações mais duros do que o aço para não sermos tocados pela leitura desta narrativa. Naqueles dias os crentes davam abundantemente daquilo que era deles; hoje, não nos contentamos em guardar egoisticamente aquilo que é nosso, mas insensíveis, queremos roubar os outros ... eles vendiam os seus próprios bens naqueles dias; hoje é o desejo de possuir que reina supremo. Naquele tempo, o amor fez com que a propriedade de cada homem se tornasse propriedade comum para todos os necessitados; hoje a desumanidade de muitos é tão grande que de má vontade concedem que o pobre more nesta terra e desfrute a água, o ar e o céu juntamente com eles.[1]

Ao tentar avaliar a chamada "experiência de Jerusalém", precisamos ser sábios para evitar posições extremas. Não podemos rejeitá-la como uma precipitação boba e equivocada motivada pela falsa expectativa de uma parúsia iminente, originando uma pobreza que, mais tarde, Paulo teve de remediar com uma oferta das igrejas gregas. Lucas não nos dá nenhuma sugestão desse tipo. Também não podemos dizer que a igreja de Jerusalém, por ser cheia do Espírito, apresenta um modelo obrigatório – um tipo de "comunismo" cristão primitivo – o qual Deus deseja que todas as comunidades cheias do Espírito copiem. O fato de a venda e a partilha serem voluntárias deve ser suficiente para descartar isso. O que certamente deveríamos fazer é estudar e procurar imitar o cuidado pelos necessitados e a generosidade sacrificial que o Espírito Santo criou. É claro que muitas comunidades já sonharam com o fim da pobreza. Os gregos, por exemplo, lembravam-se de uma era dourada, quando toda propriedade era pública, e diz-se que Pitágoras a praticou com os seus discípulos e cunhou a frase "entre amigos, tudo em comum" (*koina*). Mais tarde, Platão incorporou esse ideal à sua visão de uma república utópica. Depois disso, Josefo escreveu que os essênios, conhecidos como a comunidade de Qumran, "levaram o mesmo tipo de vida daqueles que os gregos chamam de pitagoristas".[2] Mas a inspiração para a vida e o amor em comum da igreja em Jerusalém não veio de Pitágoras, nem de Platão, nem dos essênios, mas do Antigo Testamento iluminado por Jesus. Pois a lei era bastante clara a respeito deste assunto:

"que entre ti não haja pobre" (Dt 15:4). Além disso, Lucas enfatiza que, segundo o ensino de Jesus, o evangelho do reino são boas novas para os pobres.[3] Mas como poderia ser, a menos que isso lhes oferecesse justiça bem como salvação, a abolição de sua pobreza bem como a remissão de seus pecados?

Tendo retratado a solidariedade de amor gozada pela igreja de Jerusalém, Lucas fornece ao leitor dois exemplos contrastantes: Barnabé, cuja generosidade e sinceridade cumpriu o ideal (4:36-37); e Ananias e Safira, cuja ganância e hipocrisia o contradisseram (5:1ss.). Barnabé (*filho da exortação*) era um cognome dado pelos apóstolos a *José, levita, natural de Chipre* (v. 36), devido à sua prontidão em ajudar. *Como tivesse um campo*, provavelmente em Chipre, *vendendo-o, trouxe o preço e o depositou aos pés dos apóstolos* (v. 37). Esse foi um ato de liberalidade, que condiz totalmente com o caráter de Barnabé que vem à tona posteriormente, na narrativa de Atos. Lucas o introduz a esta altura deliberadamente.

2. Ananias e Safira são castigados por sua hipocrisia (5:1-11)

A história da mentira e morte desse casal é relevante por vários motivos. Ela ilustra a honestidade de Lucas como historiador; ele não omitiu este sórdido episódio. Ela ilumina a vida interna da primeira comunidade cheia do Espírito: nem tudo era romântico e justo. Ela também é mais um exemplo da estratégia de Satanás. Vários comentaristas sugeriram um paralelo entre Ananias e Acã – aquele que roubou dinheiro e roupas após a destruição de Jericó. Bengel escreveu: "O pecado de Acã e o de Ananias eram semelhantes em muitos aspectos, no início das igrejas do Antigo e do Novo Testamento respectivamente".[4] F. F. Bruce vê outra analogia: "A história de Ananias é para o livro de Atos o que a história de Acã é para o livro de Josué. Em ambas as narrativas, uma mentira interrompe o progresso vitorioso do povo de Deus".[5]

O que Lucas nos conta é que *certo homem, chamado Ananias, com sua mulher Safira, vendeu uma propriedade* (v. 1). E, então, *de acordo com sua mulher* (ou "de conivência com a esposa", BJ) *reteve parte do preço, e, levando o restante, depositou-o aos pés dos apóstolos* (v. 2). Aparentemente, Barnabé e Ananias praticaram a mesma ação. Ambos venderam uma propriedade. Ambos trouxeram o dinheiro da venda para os apóstolos e ambos o entregaram à sua disposição. A diferença é que Barnabé trouxe todo o dinheiro, enquanto que Ananias trouxe uma parte. Assim, Ananias e Safira

cometeram um pecado duplo, uma combinação de desonestidade e fraude. À primeira vista, não havia nada de errado em ficar com parte do dinheiro da venda. Como Pedro disse mais tarde, claramente, a propriedade era deles, tanto antes como depois da venda (veja o v. 4, abaixo). Eles não tinham a obrigação de vender a terra, nem de, após vendê-la, doar uma parte do dinheiro da venda e, muito menos, todo ele. Entretanto, a história não está completa. Existe outra coisa, algo meio obscuro. Pois, ao declarar que Ananias *reteve* parte do dinheiro, Lucas emprega o verbo *nosphizomai*, que significa "apropriar-se indevidamente" (BAGD). A mesma palavra foi usada na Septuaginta em relação ao roubo de Acã,[6] e na única outra ocorrência no Novo Testamento, esse verbo significa roubar.[7] Devemos, portanto, pressupor que, antes da venda, Ananias e Safira assumiram algum tipo de compromisso no sentido de darem à igreja todo o dinheiro. Por causa disso, quando trouxeram apenas parte do valor, em vez de tudo, eles se tornaram culpados de apropriação *indébita*.

Contudo, Pedro não se concentrou nesse pecado e sim no pecado da hipocrisia. O apóstolo não denunciou a falta de honestidade (trazer apenas uma parte do dinheiro da venda), mas a falta de integridade (trazer apenas uma parte, fingindo que era todo o dinheiro). Eles não eram avarentos; eram ladrões e -- sobretudo -- mentirosos. Queriam o crédito e o prestígio da generosidade sacrificial, sem terem que arcar com as inconveniências. Assim, a fim de conquistar uma reputação à qual não tinham direito, contaram uma mentira deslavada. A motivação do casal, ao dar, não era aliviar os pobres, mas inflar o próprio ego.

Pedro viu, por trás da hipocrisia de Ananias, a atividade sutil de Satanás. Ele confrontou: *Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando* [*nosphizomai*, de novo] *parte do valor do campo?* (v. 3). Pedro o acusou de apropriação indébita e de falsidade; de roubo e, depois, de mentira. Mas nenhum desses pecados era necessário. *Conservando, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder? Como, pois, assentaste no coração este desígnio? Não mentiste aos homens, mas a Deus* (v. 4). Notamos de passagem que Pedro afirma a deidade do Espírito Santo, já que mentir para ele (v. 3) era mentir para Deus.

Ouvindo estas palavras, Ananias caiu e expirou, sobrevindo grande

temor a todos os ouvintes. [6]*Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram.*

[7]*Quase três horas depois, entrou a mulher de Ananias, não sabendo o que ocorrera.* [8]*Então Pedro, dirigindo-se a ela, perguntou-lhe: Dize-me, vendeste por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto.*

[9]*Tornou-lhe Pedro: Por que entrastes em acordo para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e eles também te levarão.*

[10]*No mesmo instante caiu ela aos pés de Pedro e expirou. Entrando os jovens, acharam-na morta e, levando-a, sepultaram-na junto ao marido.* [11]*E sobreveio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos.*

Não se registra nenhuma resposta de Ananias às acusações e perguntas de Pedro. Lucas só escreve que o juízo de Deus veio sobre ele: "caiu morto" (BLH). Compreensivelmente, *grande temor*, a solenidade experimentada na presença de Deus, *sobreveio a todos os ouvintes* (v. 5b), mesmo enquanto *os moços* cuidavam do sepultamento (v. 6). *Quase três horas mais tarde*, o incidente se repetiu. Não sabendo da morte de seu marido, Safira *entrou*. Pedro deu-lhe uma oportunidade para que se arrependesse, perguntando-lhe o valor que tinham recebido pela terra, mas ela simplesmente se identificou com a fraude do marido (vs. 7-8). Pedro os acusou de terem conspirado *para tentar o Espírito do Senhor*, pensando que seria possível saírem ilesos de sua traição, e a advertiu de que os que tinham enterrado seu marido também a sepultariam (v. 9); *no mesmo instante caiu ela aos pés de Pedro e expirou*, e os jovens *sepultaram-na junto do marido* (v. 10). Pela segunda vez, Lucas menciona *o grande temor* que *sobreveio a toda a igreja* e, na realidade, *a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos* (v. 11).

Muitos leitores desta história ficam melindrados com o que consideram uma severidade do juízo de Deus. Alguns dizem até "esperar que Ananias e Safira pertençam a uma lenda".[8] Outros tentam livrar Deus da culpa, atribuindo a morte do casal a Pedro que, segundo eles, ou lançou-lhes uma maldição ou colocou-os sob pressão psicológica excessiva, antecipando, assim, o uso de um detector de mentiras atual. Mas, mesmo que a angústia de uma consciência violada tenha contribuído para a morte deles em nível humano, Lucas claramente nos induz a entendê-la como obra do juízo divino. Se aceitarmos isso, teremos pelo menos três

valiosas lições a aprender.

Em primeiro lugar, a gravidade do pecado de Ananias e Safira. Pedro enfatizou isso ao repetir que a mentira deles não foi dirigida primeiramente a ele, mas, sim, ao Espírito Santo, isto é, a Deus. E Deus odeia a hipocrisia. Lucas relatou as denúncias de Jesus contra ela,[9] juntamente com sua advertência de que os que blasfemarem contra o Espírito Santo (desafiando deliberadamente a verdade conhecida) não serão perdoados (Lc 12:10). Mas Ananias e Safira também pecaram contra a igreja. Será que Lucas emprega propositalmente aqui, pela primeira vez, a palavra *ekklesia* (v. 11)? Dessa maneira, ele reafirma a continuidade da comunidade cristã com o povo de Deus remido e reunido no Antigo Testamento.[10] Lucas parece sublinhar o grande mal de pecar contra o povo de Deus. A falsidade acaba com a comunhão. Se a hipocrisia de Ananias e Safira não tivesse sido exposta e castigada publicamente, o ideal cristão de uma comunhão aberta não teria sido preservado, e a afirmação atual: "existem tantos hipócritas dentro da igreja" teria sido ouvida desde o início.

A segundo lição a ser aprendida diz respeito à importância, ou mesmo à sacralidade da consciência humana. Mais tarde, Lucas registra a afirmação de Paulo perante Festo de que ele sempre procurou manter sua "consciência" pura diante de Deus e dos homens (24:16). Parece ser isto o que João quis dizer com "andar na luz". É ter uma vida transparente diante de Deus, sem engano ou evasivas, cuja conseqüência é termos "comunhão uns com os outros".[11] Os "irmãos" do reavivamento do Leste Africano, que deram grande ênfase a esse ensino, ilustram isso com humor quando expressam seu desejo de "viver numa casa sem telhado nem paredes", ou seja, de não permitir que nada se ponha entre eles e Deus ou entre eles e outras pessoas. Essa é a abertura que Ananias e Safira não conseguiram manter.

Em terceiro lugar, esse incidente nos ensina que é necessário haver disciplina na igreja. Apesar de a morte física poder ter continuado em algumas situações, como castigo para os pecados que "menosprezavam a igreja de Deus",[12] ela veio a ser associada à excomunhão.[13] Nessa área, a igreja tem oscilado entre a severidade extrema (disciplinando membros pelas ofensas mais triviais) e a permissividade extrema (não exercendo nenhuma disciplina, mesmo em casos de ofensas sérias). Uma boa regra geral é tratar secretamente os pecados secretos, tratar particularmente os pecados particulares, e publicamente apenas

os pecados públicos. As igrejas também são sábias quando seguem os estágios sucessivos ensinados por Jesus.[14] Normalmente, o culpado se arrepende antes que seja alcançado o último estágio da excomunhão. Mas quando uma pessoa não se arrepende de ofensas sérias e que se tornaram um escândalo público, o caso deve ser julgado.Os presbiterianos estão certos em "cercar a mesa", ou seja, fazer com que a participação na ceia do Senhor seja condicionada. Pois, embora a mesa do Senhor esteja aberta aos pecadores (quem, a não ser eles, precisa ou deseja participar dela?), ela só está aberta para os pecadores arrependidos.

Vimos agora que, se a primeira tática do diabo era destruir a igreja através da violência externa, a segunda foi destruí-la através da falsidade interna. Ele não desistiu de tentar, seja pela hipocrisia dos que confessam, mas não praticam, ou pela dureza dos corações daqueles que pecam, mas não se arrependem. A igreja precisa permanecer vigilante.

3. Os apóstolos curam muitas pessoas (5:12-16)

Lucas está prestes a relatar a segunda onda de perseguição que o diabo tramou para aniquilar a igreja. Ao fazê-lo, o narrador focalizará várias atitudes que estavam se desenvolvendo naquela ocasião, especialmente "a inveja e o antagonismo cada vez mais profundos dos saduceus, a moderação dos fariseus e a alegria e confiança crescente dos cristãos".[15] Antes disso, porém, ele se refere ao fato de que *muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo, pelas mãos dos apóstolos*, especialmente Pedro (v. 12a). Tendo documentado a mensagem deles, Lucas agora descreve os sinais extraordinários que a autenticavam. Tudo indica que aconteceram no pórtico de Salomão, onde Pedro pregou seu segundo sermão (3:11) e onde agora *costumavam todos reunir-se, de comum acordo* (v. 12b). Os milagres provocaram dois resultados interessantes e opostos. Por um lado, *dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração* (v. 13). Isso pode significar que a oposição não tinha coragem de "entrar em disputa com eles",[16] mas o contexto sugere que tais pessoas simplesmente preferiram ficar de fora, em vez de se associarem a eles. Por outro lado, *crescia mais e mais a multidão dos crentes, tanto homens como mulheres, agregados aos Senhor* (v. 14). "Num extremo, uma reserva temerosa", com diz Haenchen, "no outro, grandes sucessos

missionários".[17] Essa situação paradoxal tem ocorrido muitas vezes, desde então. A presença do Deus vivo, manifesto na pregação ou nos milagres, ou em ambos, é alarmante para alguns e atraente para outros. Alguns fogem de medo, outros são atraídos para a fé.

E o movimento crescia, continua Lucas, *a ponto de levarem os enfermos até pelas ruas e os colocarem sobre leitos e macas, para que, ao passar Pedro, ao menos a sua sombra se projetasse nalguns deles* (v. 15). A atitude deles pode ter sido um tanto supersticiosa, mas não vejo razão para condená-la como uma espécie de crença em magia, assim como não condenaria a fé da mulher que tocou na roupa de Jesus, crendo que isso seria suficiente para curá-la. Não, as pessoas ficaram profundamente impressionadas pelas palavras e obras de Pedro, reconheceram-no como homem de Deus e apóstolo de Cristo, e creram que a sua proximidade poderia curá-las. Talvez seja significativo que o verbo *episkiazo*, escolhido por Lucas, "cobrir com a sombra", tenha sido usado por duas vezes em seu Evangelho, em referência à sombra da presença de Deus.[18]

Agora, *afluía também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, levando* não só *doentes* mas também *atormentados de espíritos imundos* (Lucas não confunde as duas condições) *os quais eram todos curados* (v. 16). Tratava-se de uma notável demonstração do poder de Deus para curar e libertar seres humanos, assim como o episódio de Ananias e Safira tinha sido uma demonstração de seu poder para julgá-los.

4. O Sinédrio intensifica sua oposição (5:17-42)

O ministério de cura dos apóstolos provocou o segundo ataque por parte das autoridades, da mesma forma que a cura do coxo havia provocado o primeiro. Irados pelo fracasso de sua primeira investida contra os apóstolos e perplexos ao verem que haviam menosprezado a proibição e as ameaças do tribunal, por *inveja*(v. 17) por causa do poder e da popularidade deles, *o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele, isto é, a seita dos saduceus* resolveram agir novamente.

a. A prisão (vs. 18-25)

Prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública. [19]*Mas de noite um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora,*

lhes disse: [20]*Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida.*

[21]*Tendo ouvido isto, logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam.*

Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o Sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel, e mandaram buscá-los no cárcere. [22]*Mas os guardas, indo, não os acharam no cárcere; e, tendo voltado, relataram,* [23]*dizendo: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos junto às portas; mas, abrindo-as, a ninguém encontramos dentro.* [24]*Quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas informações, ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto.*

[25]*Nesse ínterim, alguém chegou e lhes comunicou: Eis que os homens que recolhestes no cárcere, estão no templo, ensinando o povo.*

Dessa vez, eles não só prenderam Pedro e João, mas *os apóstolos*, a maioria deles, se não todos (veja v. 29) e *os recolheram à prisão pública* (v. 18). Mas, *de noite*, eles foram soltos por *um anjo do Senhor*. William Neil especula que este era simplesmente um "carcereiro simpático" ou "um simpatizante secreto da guarda" que mais tarde veio a ser visto como um "anjo disfarçado".[19] Mas não podemos desmistificar o que Lucas evidentemente quer que seus leitores entendam, ou seja, que se tratava de um visitante celestial, o qual não somente *abriu as portas do cárcere* e conduziu os apóstolos para fora (v. 19), mas também os instruiu a se apresentarem no templo, proclamando publicamente *todas as palavras desta Vida* (v. 20). *Logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam* (v. 21a). Vemos que eles desobedeceram ao Sinédrio, que lhes havia ordenado que não falassem no nome de Jesus (4:17), para obedecer ao anjo, que lhes ordenara que falassem palavras da Vida.

Enquanto isso, o Sinédrio, que Lucas descreve como *todo o senado dos filhos de Israel*, foi convocado (v. 21). E foram humilhados quando, tendo mandado buscar os apóstolos, descobriram que já não estavam no cárcere onde os haviam colocado, apesar de este ter estado *fechado com toda a segurança e as sentinelas nos seus postos juntos às portas* (vs. 22-24). Pelo contrário, estavam *no templo, ensinando o povo* (v. 25), fazendo exatamente o que lhes haviam proibido.

b. O julgamento (vs. 26-39)

Nisto, indo o capitão e os guardas, os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo.

[27]Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio. E o sumo sacerdote interrogou-os, [28]dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome, contudo enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.

[29]Então Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes importa obedecer a Deus do que aos homens. [30]O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro. [31]Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados. [32]Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem.

[33]Eles, porém, ouvindo, se enfureceram e queriam matá-los. [34]Mas, levantando-se no Sinédrio um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os homens, por um pouco, [35]e lhes disse: Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. [36]Porque antes destes dias se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa, ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. [37]Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos. [38]Agora vos digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; [39]mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus. E concordaram com ele.

O capitão do templo e os seus guardas prenderam novamente os apóstolos, porém *sem violência* porque temiam ser *apedrejados pelo povo* (v. 26). *Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio* pela segunda vez, para que fossem interrogados (v. 27). A maneira como o sumo sacerdote se dirigiu a eles era, na verdade, uma admissão de que o tribunal não tinha nenhum poder diante do propósito de Deus. Pois o Sinédrio havia condenado e crucificado Jesus, ordenado aos apóstolos *expressamente, para que não ensinassem nesse nome* (nome que ainda preferiram não pronunciar), e os havia prendido no cárcere. Todo o poder e autoridade pareciam estar claramente do lado deles. Ainda assim, desacatando o tribunal e desafiando a sua autoridade, os apóstolos foram bem sucedidos, *enchendo Jerusalém*

com seu ensino, e (na opinião do tribunal) estavam determinados a lançar sobre eles a culpa pelo *sangue* daquele *homem* (v. 28), que, havia algum tempo (como pareciam ter esquecido), tinham instigado o povo a clamar que caísse sobre eles e seus próprios filhos.[20]

A resposta dos apóstolos assumiu a forma de um pequeno sermão, pois eles ainda não estavam preocupados em se defenderem, mas em exaltar o nome de Cristo. *Antes importa obedecer a Deus do que aos homens!* disseram eles (v. 29), e, fazendo isso, criaram o princípio da desobediência civil e eclesiástica. Vamos esclarecer que os cristãos são chamados para serem cidadãos conscientes e, em termos gerais, devem se submeter à autoridade humana.[21] Mas, se a autoridade em questão emprega erroneamente o poder que Deus lhe concedeu, ordenando o que ele proíbe e proibindo o que ele ordena, o dever dos cristãos é desobedecer a autoridade humana a fim de obedecer a Deus.

Tendo afirmado que a responsabilidade primordial deles era obedecer a Deus, os apóstolos enfatizaram três verdades a seu respeito. Em primeiro lugar, *o Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus*, a quem os líderes judeus *mataram, pendurando-o num madeiro* (v. 30). Eis aqui o contraste familiar: vocês o mataram, mas Deus o ressuscitou; vocês o rejeitaram, mas Deus o vindicou. Em segundo lugar, *Deus, com a sua destra, o exaltou a Príncipe* (*archegos*, novamente, como em 3:15) *e Salvador*, de modo que, dessa posição suprema de honra e poder, ele é capaz de *conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados* (que são, ambos, dádivas de Deus) (v. 31). E mais, os apóstolos eram *testemunhas* da morte e ressurreição de Jesus, não apenas testemunhas oculares, mas também testemunhas verbais, pois eles foram chamados para testemunhar daquilo que haviam visto. Mas a principal testemunha de Jesus Cristo é o *Espírito Santo*,[22] *que Deus outorgou aos que lhe obedecem* (v. 32). Essa é a terceira afirmação dos apóstolos sobre Deus. Ele ressuscitou Jesus dentre os mortos, o exaltou como Salvador e deu o Espírito Santo ao seu povo obediente. Assim, o sermão começou e terminou com uma referência à obediência a Deus. O povo de Deus tem a obrigação de obedecer-lhe e se o fizerem, ainda que sofram quando têm de desobedecer a autoridades humanas, serão recompensados ricamente através do ministério do Espírito Santo.

Ouvindo essas palavras de desafio e de triunfo, os membros do

conselho *se enfureceram* ("ficaram com raiva", BLH), e, não fosse a intervenção diplomática de Gamaliel, provavelmente teriam cumprido seu desejo de *matá-los* (v. 33). Gamaliel era fariseu e, como tal, possuía um espírito mais tolerante do que o seu partido rival, os saduceus. Neto e seguidor de Hillel, famoso rabino liberal, foi-lhe concedido o título honorífico e carinhoso de "rabban", "nosso mestre", e Saulo de Tarso foi um dos seus alunos (22:3). Ele possuía uma boa reputação por causa de sua erudição, sabedoria e moderação, e era *acatado por todo o povo*. O seu comportamento nesta ocasião foi completamente coerente com a sua imagem pública. Ele se levantou e ordenou que os apóstolos fossem *retirados, por um pouco*, para que o Sinédrio pudesse debater em sessão particular (v. 34). Então, começou a refrear-lhes a ira, recomendando cuidado (v. 35), tendo em vista certos precedentes históricos. Ele citou dois exemplos: Teudas e Judas, o galileu.

O relato de Gamaliel sobre as carreiras dos dois é breve. Quando Teudas se levantou, *insinuando ser alguma coisa*, a ele *se agregaram cerca de quatrocentos homens*. Mas ele mesmo *foi morto e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram*, e seu movimento *deu em nada* (v. 36). Em seguida, surgiu *Judas, o galileu, nos dias do recenseamento* (sempre um evento inflamatório, a taxação, um símbolo do reinado romano), e "conseguiu levar muita gente com ele" (BLH). Mas ele também pereceu, "e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos" (v. 37). Assim, Gamaliel esboçou ambas as histórias paralelamente. Os dois líderes se *levantaram*, lançaram apelos e ganharam seguidores. Mas, então, cada um *foi morto*, e *todos os seus seguidores* foram dispersos, e seus movimentos desapareceram.

Os comentaristas compreensivelmente têm consultado Josefo para confirmar e estudar melhor essas revoltas, encontrando referências a dois rebeldes com os mesmos nomes. Segundo ele, quando Fado era procurador da Judéia, havia "um certo mágico" chamado Teudas que convenceu muitos a "segui-lo até o rio Jordão, pois lhes falou que era profeta e que dividiria o rio com uma ordem". Mas ele foi capturado e decapitado.[23] E Josefo também descreve "certo galileu" chamado Judas, que incentivou seus conterrâneos a se revoltarem, dizendo-lhes que seriam "covardes se continuassem pagando impostos aos romanos", submetendo-se assim a "homens mortais como seus senhores", quando só se deveria pagar tributo a Deus.[24] Ele foi o precursor dos zelotes.

Até agora, então, existem certas semelhanças entre Gamaliel e Josefo. O problema surge quando verificamos as datas. O recenseamento contra o qual Judas se revoltou foi introduzido por Quirino, quando este veio de Roma para a Judéia, mais ou menos em 6 d.C. O Teudas de Josefo, porém, não se rebelou *antes* de Judas (como Lucas registra como palavras de Gamaliel, vs. 36-37) mas, sim, durante o tempo em que Fado era procurador (44-46 d.C.), o que aconteceu cerca de quarenta anos *depois* dele, e, de fato, mais ou menos uma década após Gamaliel ter falado!

A reação que teremos frente a essa divergência dependerá de nossas pressuposições básicas. Os comentaristas liberais concluem rapidamente que Lucas cometeu um anacronismo desencadeador de um erro ainda maior, o qual, fatalmente, deve abalar nossa confiança nele como historiador fidedigno. Os conservadores, por outro lado, chegam à conclusão oposta: "Não podemos pressupor que Lucas pode ter cometido o erro grosseiro atribuído a ele, haja vista sua costumeira exatidão".[25] Se houve algum equívoco, é bem mais provável que tenha sido cometido por Josefo (o qual estava "muito longe de ser um historiador infalível"[26]) do que Lucas. Uma explicação alternativa melhor é que Josefo e Lucas estavam se referindo a dois Teudas diferentes. As histórias que os dois contam divergem (Josefo não menciona os quatrocentos seguidores nem, tampouco, Lucas diz que ele os levou ao rio Jordão). As únicas semelhanças são que ambos os homens chamavam-se Teudas e lideraram uma revolta que foi aniquilada. Mas Josefo nos conta que após a morte de Herodes, o Grande, "houve outras dez mil desordens na Judéia que foram como tumultos",[27] e Teudas não era um nome incomum. Assim, talvez nem Lucas nem Josefo tinham cometido um equívoco, e Gamaliel tenha se referido a um Teudas que Josefo não menciona, que liderou uma revolta cerca de 4 a.C., e que foi, de fato, seguido, entre outros, por Judas, o galileu, em 6 d.C.

Em todo o caso, Gamaliel tirou uma lição dos fracassos de ambas as revoltas, justificando a política do *laissez-faire*. Seu conselho ao Sinédrio é relatado nos versículos 38 e 39: *Dai de mão a estes homens, deixai-os; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus.* Não devemos nos precipitar em conceder a Gamaliel o crédito de ter pronunciado um princípio absoluto. É verdade que, afinal de contas, o que vem de Deus triunfará, e o que é meramente humano (e quanto mais

diabólico) perecerá. Todavia, a curto prazo, planos malignos às vezes obtêm sucesso, enquanto que bons planos, concebidos de acordo com a vontade de Deus às vezes fracassam. Por isso, o conselho de Gamaliel não é princípio confiável para se verificar se algo vem ou não de Deus.

c. A conclusão (vs. 40-42)

O Conselho, porém, aceitou o raciocínio de Gamaliel. *E concordaram com ele* (v.39). *Chamando os apóstolos*, eles primeiro *açoitaram-nos* (provavelmente com os terríveis "quarenta açoites menos um") e, *ordenando-lhes* (pela segunda vez) *que não falassem em o nome de Jesus, os soltaram* (v. 40).

A reação dos apóstolos desperta nossa admiração. *Eles se retiraram do Sinédrio*, com as costas brutalmente laceradas e sangrando, mas, ainda assim, *regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome* (v. 41). A expressão de Lucas é uma "linda antítese (a honra de ser desonrado, a graça de ser desgraçado)".[28] Eles, de fato, estavam fazendo o que, no Sermão do Monte, Jesus lhes havia ordenado que fizessem: isto é, estavam contentes na perseguição.[29] E, muito mais, corajosamente passaram mais uma vez por cima da proibição do tribunal, pois *todos os dias*, em público e em particular, *no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de pregar Jesus, o Cristo* (v. 42).

Lucas conclui assim o seu relato das duas ondas de perseguição que caíram sobre a igreja recém-nascida. Na primeira, o conselho promulgou uma proibição e uma ameaça, que levou os apóstolos a pedirem ao Deus soberano intrepidez para continuarem pregando; na segunda, eles receberam proibição e açoites que os levou a adorar a Deus pela honra de sofrer por Cristo.

O diabo nunca desistiu da tentativa de destruir a igreja pela força. Sob Nero (54-68 d.C.), os cristãos foram presos e executados, incluindo provavelmente Pedro e Paulo. Domiciano (81-96 d.C.) oprimiu os cristãos que se recusaram a lhe prestar as honras divinas exigidas; sob seu mandado, João foi exilado na ilha de Patmos. Marco Aurélio (161-180 d.C.), crendo que o cristianismo era perigoso e imoral, fechou os olhos a sérias explosões locais de violência popular. Então, no século III, o que havia sido esporádico tornou-se sistemático. Sob Décio (249-251 d.C.), morreram milhares, incluindo Fabiano, bispo de Roma, que se

recusou a oferecer sacrifício ao nome imperial. O último imperador que perseguiu os cristãos antes da conversão de Constantino foi Diocleciano (284-305 d.C.). Ele promulgou quatro decretos que pretendiam acabar com o cristianismo de uma vez por todas. Ele ordenou que as igrejas fossem queimadas, que as Escrituras fossem confiscadas, que os clérigos fossem torturados e que confiscassem a cidadania dos servos civis cristãos e, se obstinados, não se arrependessem, que fossem executados. Ainda hoje, especialmente em alguns países marxistas, hindus e muçulmanos, muitas vezes a igreja é perseguida. Mas não precisamos recear que ela não sobreviva. Tertuliano, falando às autoridades do Império Romano, exclamou: "Matem-nos, torturem-nos, condenem-nos, façam de nós pó ... Quanto mais vocês nos oprimirem, tanto mais cresceremos; *a semente é o sangue dos cristãos*".[30] Ou, como disse o bispo Festo Kivengere, em fevereiro de 1979, no segundo aniversário do martírio do arcebispo Janani Luwum da Uganda: "Sem sangue, a igreja não consegue abençoar". A perseguição refina a igreja, mas não a destrói. Se a perseguição levar à adoração e à oração, ao reconhecimento da soberania de Deus e da solidariedade com Cristo em seus sofrimentos, então – por mais dolorosa que seja – ela pode até ser bem-vinda.

5. Os sete são escolhidos e comissionados (6:1-7)

O próximo ataque do diabo foi o mais inteligente dos três. Tendo fracassado na tentativa de vencer a igreja através da perseguição e da corrupção, ele agora tenta a distração. Se conseguisse preocupar os apóstolos com a administração social, que, apesar de essencial, não fazia parte do chamado deles, negligenciariam as responsabilidades de orar e pregar, dadas por Deus, deixando assim a igreja sem defesa contra as falsas doutrinas.

a. O problema (v. 1)

A situação é clara. Por um lado, *naqueles dias, multiplicou-se o número dos discípulos*. Por outro, a excitação do crescimento da igreja foi abafada por um lamentável *goggysmos*, uma "queixa ... expressa em murmuração" (BAGD). O verbo cognato é empregado na Septuaginta para expressar a "murmuração" dos israelitas contra Moisés,[31] e é evidente que os membros da igreja

de Jerusalém estavam murmurando contra os apóstolos, que recebiam o dinheiro das contribuições (4:35, 37). Esperava-se, portanto, que o distribuíssem eqüitativamente. Mas tal murmuração não é adequada para um cristão.[32]

A reclamação dizia respeito ao bem-estar das viúvas, cuja causa Deus prometera defender no Antigo Testamento.[33] Percebendo que elas não eram capazes de ganhar o próprio sustento e que não tinham parentes que as sustentassem,[34] a igreja assumiu essa responsabilidade, fazendo-se a distribuição diária de comida entre elas. Mas havia dois grupos na igreja de Jerusalém, um chamado *hellenistai* e o outro *hebraioi*, e o primeiro *murmurava* contra o segundo porque *as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária* (v. 1). Nada indica que esse esquecimento fosse proposital ("as viúvas hebréias estavam recebendo um tratamento preferencial", JBP); a causa provável era uma falha na administração ou supervisão.

Qual a identidade exata desses dois grupos? Normalmente, supõe-se que o fator que diferenciava um grupo do outro era uma mistura de geografia e língua. Ou seja, os *hellenistai* vinham da dispersão, tinham se estabelecido na Palestina e falavam grego, enquanto que os *hebraioi* eram nativos da Palestina e falavam o aramaico. Mas essa explicação é inadequada. Já que Paulo se chamou de *hebraios*,[35] apesar de ter vindo de Tarso e falar grego, a distinção deve estar na cultura, e não apenas na origem e língua.

Nesse caso, os *hellenistai* não só falavam o grego, mas pensavam e agiam como gregos, enquanto que os *hebraioi* não só falavam aramaico, mas estavam profundamente imersos na cultura hebraica. Assim sendo, *judeus gregos* é uma boa tradução, enquanto que *comunidade que fala aramaico* não o é, pois se refere apenas à língua e não à cultura. Richard Longenecker escreve: "Aqui, é necessário uma tradução do tipo "judeus gregos" e "judeus aramaicos".[36] Evidentemente sempre houve uma rivalidade entre esses grupos na cultura judaica; a tragédia é que ela continuou dentro da nova comunidade de Jesus que, através de sua morte, tinha abolido tal tipo de distinção.[37]

A questão, porém, ia além de uma tensão cultural. Os apóstolos discerniram um problema mais profundo: a administração social (tanto a organização da distribuição como a resolução da disputa) estava ameaçando ocupar todo o tempo deles, impedindo-os, assim, de fazer a obra específica que lhes fora confiada por Cristo:o ensino e a pregação.

b. A solução (vs. 2-6)

Os doze não impuseram uma solução à igreja, mas *convocaram a comunidade dos discípulos* e compartilharam o problema com eles. Disseram: *Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas* (v. 2). Não há aqui nenhuma sugestão de que os apóstolos considerassem a obra social inferior à obra pastoral, ou de que a achassem pouco digna para eles. Era apenas uma questão de chamado. Eles não podiam ser desviados de sua tarefa prioritária. Assim, fizeram uma sugestão à igreja: *Irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria* (JBP, "práticos e espirituais"), *aos quais encarregaremos deste serviço* (v. 3) *e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra* (v. 4). É digno de nota que agora os doze acrescentaram a oração à pregação (provavelmente pensando em intercessão pública e particular) ao especificarem a essência do ministério apostólico. Esses ingredientes formam uma dupla natural, já que o ministério da palavra, sem a oração para que o Espírito cuide da semente, certamente não produz frutos. Normalmente, pensa-se que essa delegação do trabalho social aos sete deu origem ao diaconato. Talvez, pois a palavra *diakonia* é usada nos versículos 1 e 2, como veremos mais tarde. Não obstante, os sete não são realmente chamados de *diakonoi*.[38]

A igreja entendeu o plano dos apóstolos: *O parecer agradou a toda a comunidade.* Portanto, eles o puseram em ação. *Elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Pármenas e Nicolau, prosélito* (*i.e.*, um gentio convertido ao judaísmo) *de Antioquia* (v. 5). Alguns salientam que todos os sete tinham nomes gregos. É possível que todos eles fossem *hellenistai*, escolhidos deliberadamente para satisfazer o grupo queixoso. Mas isso é especulativo. Parece mais provável *a priori* que "alguns, de ambos os grupos de judeus, foram eleitos de modo justo e apropriado".[39] Sendo ou não diáconos, sendo ou não *hellenistai*, *apresentaram-nos perante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos* (v. 6), comissionando e autorizando-os para exercerem esse ministério.

c. O princípio

Esse incidente ilustra um princípio vital, que é de importância urgente para a igreja de hoje: Deus chama todo o seu povo para o

ministério, ele chama pessoas diferentes para ministérios diferentes, e aqueles chamados para a "oração e ministério da palavra" não devem permitir que sejam desviados de suas prioridades.

A obra dos doze e a obra dos sete são igualmente chamadas de *diakonia* (vs. 1, 4), "ministério" ou "serviço"; e isso certamente é deliberado. A primeira é o "ministério da palavra" (v. 4) ou o trabalho pastoral; a segunda, o "ministério junto às mesas" (v. 2) ou o trabalho social. Nenhum ministério é superior ao outro. Pelo contrário, ambos são ministérios cristãos, ou seja, meios de servir a Deus e ao seu povo. Ambos exigem pessoas espirituais, "cheias do Espírito", para exercê-los. E ambos podem ser ministérios cristãos de tempo integral. A única diferença está na forma que cada ministério assume, exigindo dons e chamados diferentes.

Prestamos grande desserviço à igreja sempre que nos referimos ao pastorado como "o ministério", quando, por exemplo, falamos da ordenação em termos de "entrar para o ministério". O emprego do artigo definido pressupõe que o pastorado seja o único ministério que existe. Mas *diakonia* é um termo geral para serviço; ele não é específico, a não ser que receba um adjetivo como "pastoral", "social", "político", "médico" ou outro. Todos os cristãos, sem exceção, sendo seguidores daquele que veio "não para ser servido, mas para servir", são chamados para ministrar, ou melhor, para darem suas vidas em ministério. Mas a expressão "ministério cristão de tempo integral" não se restringe à obra da igreja e ao serviço missionário; ele também pode ser exercido no governo, na mídia, nas profissões liberais, nos negócios, nas indústrias e em casa. Precisamos recuperar essa visão da ampla diversidade dos ministérios para os quais Deus chama o seu povo.

Em específico, é vital para a saúde e para o crescimento da igreja que os pastores e as pessoas das congregações locais aprendam essa lição. É certo que pastores não são apóstolos, pois aos apóstolos foi dada a autoridade de formular e ensinar o evangelho, enquanto que os pastores são responsáveis pela exposição da mensagem que os apóstolos nos deixaram no Novo Testamento. Não obstante, os pastores são chamados a dedicarem a vida a um verdadeiro "ministério da palavra". Os apóstolos não estavam ocupados demais para ministrar; eles estavam preocupados com o ministério errado. O mesmo acontece com muitos pastores. Em vez de se concentrarem no ministério da palavra (que inclui pregar para a congregação, aconselhar as

pessoas e treinar grupos), eles se tornam superatarefados com a administração. Às vezes, a culpa é do pastor (que quer segurar todas as rédeas em suas próprias mãos) e às vezes a culpa é do povo (que exige que o pastor seja um factótum). Em ambos os casos, as conseqüências são desastrosas. O nível da pregação e do ensino caem, já que o pastor tem pouco tempo para se dedicar ao estudo e à oração. E os leigos não exercem os papéis que Deus lhes deu, já que o pastor faz tudo sozinho. Por essas duas razões, a igreja é impedida de chegar à maturidade em Cristo. É necessário reconhecer a verdade bíblica básica de que Deus chama homens e mulheres diferentes para ministérios diferentes. Então, a congregação cuidará para que o seu pastor fique livre de encargos administrativos desnecessários, a fim de que se dedique ao ministério da palavra, e o pastor cuidará para que os membros descubram os seus dons e desenvolvam ministérios que lhes sejam adequados.

d. O resultado (v. 7)

Como resultado direto da ação dos apóstolos de delegar a obra social, a fim de se concentrarem na prioridade pastoral, *crescia a palavra de Deus* (v. 7a). Mas é claro! A palavra não pode se espalhar quando o ministério da palavra está sendo negligenciado. Por outro lado, quando os pastores se dedicam à palavra, ela se espalha. Então, como outro resultado, *em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos;* e (um desenvolvimento notável) *também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé* (v. 7b). Os dois verbos "crescia" e "multiplicava" estão no tempo imperfeito, indicando que o crescimento da palavra e a multiplicação da igreja eram contínuos. Este versículo é o primeiro de seis sumários sobre crescimento, que entremeiam a narrativa de Lucas. Eles aparecem em pontos cruciais da história: após a decisão dos apóstolos de se dedicarem à oração e à pregação (6:7);[40] após a dramática conversão de Saulo de Tarso (9:31); depois da igualmente maravilhosa conversão do primeiro gentio, Cornélio, seguido pela queda de Herodes Agripa I (12:24); após a primeira viagem missionária de Paulo e o Concílio de Jerusalém (16:5); após a segunda e a terceira viagem missionária (19:20); e no fim de livro, após a chegada de Paulo a Roma, onde pregou com "intrepidez e sem impedimento" (28:30-31). Em cada um desses versículos, lemos que a palavra estava se espalhando e/ou que a igreja estava crescendo. Deus estava

agindo e nem homens nem demônios conseguiam fechar-lhe o caminho.

Acabamos de ver as três táticas que o diabo usou em sua estratégia para destruir a igreja. Primeiro, ele tentou suprimi-la pela força das autoridades judaicas; segundo, tentou corrompê-la com a hipocrisia, através do casal Ananias e Safira; e, terceiro, tentou distrair seus líderes da oração e da pregação através de algumas viúvas murmuradoras, para expor a igreja a erros e ao mal. Se ele tivesse obtido sucesso em qualquer uma dessas tentativas, a nova comunidade de Jesus teria sido aniquilada em sua infância. Mas os apóstolos estavam alertas o suficiente para detectar "as ciladas do diabo".[41] Precisamos desse discernimento espiritual hoje, para reconhecer a atividade do Espírito Santo e a do espírito maligno (cf. 5:3). Precisamos também da fé que eles tinham no poderoso nome de Jesus, pois os poderes das trevas só podem ser vencidos através dessa autoridade.[42]

Notas:

1. Calvino, I, p. 130.
2. Josefo, *Antiguidades*, XV.10.4.
3. E.g. Lc 4:18; 6:20; 7:22.
4. Bengel, p. 556.
5. Bruce, *English*, p. 110.
6. Js 7:1.
7. Tt 2:10.
8. W. L. Knox, citado por Haenchen, p. 237.
9. E.g. Lc 6:42; 12:1, 56; 13:15.
10. Cf. *ekklesia* em 7:38 e na LXX, e.g. Js 8:35.
11. 1 Jo 1:7.
12. E.g. 1 Co 11:22, 30.
13. E.g. 1 Co 5:5; 1 Tm 1:20.
14. *Mt* 18:15ss.
15. Longenecker, *Acts*, p. 316.
16. Neil, p. 95.
17. Haenchen, p. 244.
18. Lc 1:35; 9: 34.
19. Neil, pp. 96, 97.
20. Mt 27:25.
21. E.g. Rm 13:1ss.; Tt 3:1; 1 Pe 2:13ss.
22. Cf. Jo 15:26.
23. Josefo, *Antiguidades*, XX.5.1.
24. Josefo, *Guerras*, II.8.1; cf. *Antiguidades*, XVIII.1.1.
25. Knowling, p. 158.
26. Neil, p. 99.

27. *Antiguidades*, XVII.10.4; cf. *Guerras*, II.4.1.
28. Alexander, I, p. 239.
29. Mt 5:10-12; Lc 6:22-23.
30. Tertuliano, *Apologia*, capítulo 50.
31. E.g. Êx 16:7; Nm 14:27; 1 Co 10:10.
32. E.g. Fp 2:14; 1 Pe 4:9.
33. E.g. Êx 22:22ss.; Dt 10:18.
34. Cf. 1 Tm 5:3-16.
35. 2 Co 11:22; Fp 3:5.
36. *Acts*, p. 323. Dr. Longenecker apresenta uma profunda discussão das opções às pp. 326-329.
37. E.g. Gl 3:28; Ef 2:14ss.; Cl 3:11.
38. Cf. Rm 16:1; Fp 1:1; 1 Tm 3:8, 12; 4:6.
39. Lenski, p. 246.
40. Cf. At. 2:47; 4:4; 5:14; 6:1.
41. Ef 6:11.
42. Cf. At 3:6, 16; 4:7, 10, 12, 18.

B. Os Fundamentos Para A Missão Mundial 6:8 — 12:24

Atos 6:8 — 7:60

5. Estêvão, o mártir

Após a vinda do Espírito e o contra-ataque de Satanás (cuja derrota Lucas comemorou em 6:7), a igreja está quase pronta para dar início à sua missão mundial. Até agora, ela se compunha apenas de judeus e estava restrita a Jerusalém. Agora, porém, o Espírito Santo está para espalhar seu povo pelo mundo, e o apóstolo Paulo (o herói de Lucas) é o instrumento escolhido de Deus para ser o pioneiro desse desenvolvimento. Primeiramente, porém, nos próximos seis capítulos de Atos, Lucas explica como os fundamentos da missão entre os gentios foram lançados por dois homens notáveis (Estêvão, o mártir, e Filipe, o evangelista), seguidos por duas conversões notáveis (a de Saulo, o fariseu e a de Cornélio, o centurião). Esses quatro homens, cada um à sua própria maneira, juntamente com Pedro, cujo ministério alcançou Cornélio, deram uma contribuição indispensável à expansão global da igreja.

Estêvão, o mártir, foi o primeiro (6:8-8:2). Sua pregação provocou fortíssima oposição dos judeus, mas em sua defesa perante o Sinédrio, cuidadosamente elaborada, ele enfatizou que o Deus vivo é livre para ir aonde bem entende e, também, para levar o seu povo a avançar. Apesar de não ter conseguido convencer o conselho e ter sido apedrejado até a morte, o seu martírio parece ter exercido uma profunda influência em Saulo de Tarso, além de provocar a dispersão dos discípulos por toda a Judéia e Samaria.

Filipe, o evangelista (8:4-40), teve a distinção de ter sido o primeiro a compartilhar as boas novas com os samaritanos odiados e desprezados, e o meio pelo qual a barreira judaico-samaritana foi derrubada. Ele também levou a Cristo o primeiro

africano, o eunuco etíope, e o batizou.

A conversão e a comissão simultânea de Saulo, o fariseu (9:1-31), foram um prelúdio indispensável à missão entre os gentios, já que fora chamado para ser, preeminentemente, o apóstolo dos gentios.

Cornélio, o centurião (10:1-11:18), foi o primeiro gentio que se converteu e foi recebido na igreja. A dádiva do Espírito a ele, autenticou plenamente sua inclusão na comunidade messiânica, nos mesmos termos dos judeus, vencendo assim os resquícios de preconceito judaico do apóstolo Pedro.

É somente após a participação desses quatro homens na história de Lucas que entra em cena a primeira viagem missionária, relatada em Atos 13 e 14.

Lucas já introduziu Estêvão: sendo um dos sete, ele estava "cheio do Espírito e de sabedoria" (6:3). E fora particularmente descrito como "cheio de fé e do Espírito Santo" (6:5); agora é novamente apresentado como alguém *cheio de graça e poder* (6:8a). Estando cheio do Espírito e igualmente cheio de sabedoria, fé, graça e poder, é evidente que causava uma impressão de plenitude ao povo. "Graça e poder" formam uma combinação surpreendente que Campbell Morgan descreve como "doçura e força ... mescladas em uma só personalidade".[1] "Graça" certamente indica o caráter bondoso, semelhante a Cristo, enquanto que seu "poder" era visto em *prodígios e grandes sinais* que fazia *entre o povo* (v. 8b). Até o momento, Lucas creditara prodígios e sinais apenas a Jesus (2:22) e aos apóstolos (2:43; 5:12); agora, pela primeira vez, diz-se que outros os realizam. Alguns concluem que Estêvão (6:8) e Filipe (8:6) eram casos especiais, porque os apóstolos haviam imposto as mãos sobre ambos (6:6), incluindo-os assim em seu próprio ministério apostólico, e também porque ocupavam um lugar especial na história da salvação, na transição de um movimento judaico para uma missão mundial. Mas isso não pode ser provado. Estêvão e Filipe certamente são testemunhas de que, embora, segundo Lucas, os sinais e prodígios se limitassem basicamente aos apóstolos, essa restrição não era absoluta.

Mas, apesar de todas as qualidades extraordinárias de Estêvão, o seu ministério provocou um antagonismo feroz. Ainda não sabemos a razão, mas Lucas explica que *levantaram-se alguns dos que eram da sinagoga, chamada dos Libertos.* Ele menciona também *Cireneus, Alexandrinos e judeus da Cilícia e Ásia* (v. 9a). Os "Libertos"

(*libertinoi*, uma transliteração grega de uma palavra latina) eram escravos libertos e seus descendentes. Mas quem eram os judeus de Cirene, Alexandria, Cilícia e Ásia? Alguns acreditam que eles formavam quatro sinagogas diferentes, com os Libertos formando a quinta. Outros pensam que duas, três ou quatro sinagogas estão em mente. Mas talvez seja mais plausível entender que Lucas se refere a apenas uma sinagoga (pois a palavra está no singular). A ERAB e a ERC adotam essa interpretação, descrevendo uma sinagoga composta de pessoas dos quatro lugares mencionados. Por terem sido libertos da escravidão, seriam judeus estrangeiros que haviam se mudado para Jerusalém. Era possível até que Saulo de Tarso estivesse entre os da Cilícia. De qualquer modo, a indicação de Estêvão como um dos sete encarregados do cuidado com as viúvas não exigiu que ele deixasse de pregar, pois foi contra a sua mensagem que os membros da sinagoga levantaram objeções.

Em primeiro lugar, aqueles homens começaram a discutir com Estêvão (v. 9b). Mas não tinham reconhecido o calibre do homem que estavam enfrentando, pois *não podiam sobrepor-se à sabedoria e ao Espírito com que ele falava* (v. 10), significando talvez "a sabedoria inspirada com que falava".[2] Isso foi um cumprimento da promessa de Jesus, relatada por Lucas, de que ele daria aos seus seguidores "palavras e sabedoria", às quais os seus adversários não poderiam resistir ou se opor.[3]

Em segundo lugar, frustrados em debate aberto, os adversários de Estêvão deram início a uma campanha de difamação contra ele, pois quando faltam os argumentos, muitas vezes a lama parece ser um excelente substitutivo. Assim, *subornaram homens que disseram: Temos ouvido este homem proferir blasfêmias contra Moisés e contra Deus* (v. 11). Dessa forma, *sublevaram ao povo, aos anciãos e aos escribas* (v. 12a).

Em terceiro lugar, *investiram* contra Estêvão, *arrebataram-no, levaram-no ao Sinédrio* (v. 12b) e *apresentaram testemunhas falsas* (v. 13b).

Assim, a oposição desceu da teologia para a violência. Essa mesma ordem de acontecimentos repetiu-se muitas vezes. No início, há um sério debate teológico. Quando isso fracassa, as pessoas começam uma campanha pessoal de mentiras. Finalmente, recorrem a ações legais ou quase legais numa tentativa de se livrarem do adversário pela força. Talvez outros usem essas armas contra nós, mas que Deus nos ajude para que

nunca recorramos a elas.

Depois dessa introdução a Estêvão, Lucas esclarece a acusação que foi levantada contra ele (6:13-15), então resume a defesa que ele apresentou perante o conselho (7:1-53), e finalmente descreve o julgamento sumário que foi executado, em outras palavras, sua morte por apedrejamento.

1. Estêvão é acusado (vs. 13-15)

O rumor que circulou foi de que Estêvão estava blasfemando contra Moisés e contra Deus (v. 11). Agora, perante o Sinédrio, as testemunhas falsas elaboraram a acusação: *Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei* (v. 13). Paramos para notar que essa dupla acusação era extremamente séria. Pois nada era mais sagrado para os judeus, e nada mais precioso, do que o seu templo e a sua lei. O templo era o "lugar santo", o santuário da presença de Deus, e a lei era a "escritura sagrada", a revelação da mente e da vontade de Deus. Ora, se o templo era a casa de Deus e a lei a palavra de Deus, falar contra essas coisas era falar contra Deus ou, em outras palavras, blasfêmia.

Mas em que sentido Estêvão teria falado contra o templo e contra a lei? As testemunhas falsas explicaram: *porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu* (v. 14). As palavras de Estêvão contra o templo e contra a lei, portanto, seriam seu ensino sobre o que Jesus, o Nazareno, faria a ambos. Mas será que Estêvão estava certo? Será que Jesus era um iconoclasta que ameaçava destruir o templo e mudar a lei, tirando de Israel os tesouros mais preciosos e se opondo ao Deus que lhes deu essas coisas? É certo que Jesus foi acusado disso, e podemos concluir que Estêvão repetiu fielmente o ensino de Jesus.

Então, o que Jesus falou sobre o templo e sobre a lei? Em primeiro lugar, ele disse que substituiria o templo. "Nós o ouvimos declarar", afirmaram as falsas testemunhas: "Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e em três dias construirei outro, não por mãos humanas".[4] Seus ouvintes pensavam que ele estava falando literalmente, e perguntaram: "Em quarenta e seis anos foi edificado este santuário, e tu, em três dias, o levantarás?"[5] "Ele, porém," comenta João, "se referia ao santuário do seu corpo",[6] tanto ao seu corpo que seria ressuscitado ao terceiro dia, quanto ao seu corpo espiritual, a igreja, que

assumiria o lugar do templo material. Assim, Jesus se atreveu a falar de si mesmo como o novo templo de Deus que substituiria o antigo. "Aqui está", afirmou Jesus, "quem é maior que o templo".[7] Conseqüentemente, apesar de no passado as pessoas terem se reunido no templo para se encontrarem com Deus, no futuro, o local de reunião de Deus seria ele mesmo.

Em segundo lugar, Jesus disse que cumpriria a lei. Obviamente, ele foi acusado de desrespeitar a lei; por exemplo, em relação ao sábado. Mas os escribas e fariseus não o entenderam. O que ele fez foi contradizer as interpretações erradas dos escribas e anular todas as tradições dos anciãos. Mas ele nunca desrespeitou a lei propriamente dita. Pelo contrário, ele disse: "não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir".[8] Especificando, sua decisão de dar a vida por nós cumpriria todo o sacerdócio e sacrifício.

O que Jesus ensinou, portanto, foi que o templo e a lei seriam substituídos. Isso não significava que eles nunca foram dádivas divinas a princípio, mas, sim, que encontrariam seu cumprimento nele, o Messias. Jesus era e é o substituto do templo e o cumprimento da lei. Ademais, afirmar que o templo e a lei apontavam para ele e que estão agora cumpridos nele é aumentar sua importância, não negá-la.

Até onde sabemos, o ensino de Estêvão era basicamente o mesmo de Jesus. As testemunhas falsas o acusavam de dizer que Jesus, o Nazareno, destruiria o templo e mudaria a lei. Ou seja, retratavam a obra de Cristo em termos negativos, destrutivos. Mas o que Estêvão estava fazendo era proclamar a Cristo, de forma positiva e construtiva, como Aquele em quem tudo o que o Antigo Testamento predizia e prenunciava é cumprido, incluindo o templo e a lei.

Nesse ponto, *todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo* (v. 15). Certamente é significativo que o conselho, olhando para o prisioneiro no banco dos réus, visse seu rosto brilhando como se fosse de um anjo, pois foi exatamente isso o que aconteceu no rosto de Moisés quando desceu do monte Sinai com a lei.[9] Não terá sido propósito deliberado de Deus dar a Estêvão, acusado de se opor à lei, o mesmo rosto radiante dado a Moisés quando este recebeu a lei? Dessa forma, Deus estava mostrando que tanto o ministério de lei de Moisés como a interpretação de Estêvão tinham sua aprovação. Na verdade a bênção de Deus sobre Estêvão é evidente

em toda a narrativa. A graça e o poder de seu ministério (v. 8), sua sabedoria irresistível (v. 10) e seu rosto radiante (v. 13) eram todos sinais de que a graça de Deus estava com ele.

2. Estêvão apresenta sua defesa (7:1-53)

Muitos que estudam o discurso de Estêvão, o criticam, considerando-o desconexo, obscuro e até mesmo incoerente. Um exemplo é George Bernard Shaw, em seu prefácio a *Ândrocles e o Leão*. Chamando Estêvão de "um jovem orador intolerável" e "pessoa enfadonha, presunçosa e sem tato", ele o descreve como tendo "feito um discurso perante o conselho no qual ... infligiu-lhes um tedioso esboço da história de Israel, a qual, provavelmente, conheciam tão bem quanto ele".[10] Outros acham que seu discurso carece não só de interesse como também de objetividade. Dibelius, por exemplo, escreve acerca da "irrelevância da maior parte de seu discurso".[11] Mas essas avaliações negativas da oratória de Estêvão não são, de forma alguma, universais. William Neil chega a intitular seu discurso "uma proclamação sutil e inteligente do evangelho".[12]

É importante lembrarmos a natureza e o propósito do discurso de Estêvão. Após levantarem duas sérias acusações contra ele, o sumo sacerdote o desafiou com uma pergunta direta: *Porventura é isto assim?* (7:1). Conseqüentemente, Estêvão precisava se defender de maneira a desenvolver uma *apologia* para o seu evangelho radical. O que ele fez não foi apenas enumerar os principais acontecimentos da história do Antigo Testamento, com que o Sinédrio estava tão familiarizado quanto ele, mas, sim, fazê-lo de tal forma que lhe permitisse tirar lições nunca aprendidas ou percebidas por eles. A preocupação de Estêvão era demonstrar que sua posição, longe de ser uma "blasfêmia" por desrespeito à palavra de Deus, a honrava e glorificava. Pois o próprio Antigo Testamento confirmava o seu ensino sobre o templo e a lei, especialmente ao profetizar sobre o Messias; ora, rejeitando-o, eram eles que estavam negando a lei, não Estêvão. A mente de Estêvão evidentemente tinha absorvido o Antigo Testamento, pois sua defesa é como uma colagem de alusões a ele.

a. O templo

Não era por causa da sua magnitude arquitetônica que os judeus

valorizavam tanto o templo, mas porque Deus prometera "colocar o seu Nome" nele e ali encontrar o seu povo. Vários Salmos testificam o conseqüente amor de Israel pelo templo. Por exemplo: "Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor, e meditar no seu templo".[13] Isso era certo, mas muitos tiravam conclusões erradas. Para eles, Javé se identificava com o templo de forma tão completa que a sua existência garantia-lhes a proteção divina, enquanto que sua destruição significaria que Deus os abandonara. É contra esses conceitos que os profetas se levantaram.[14] Muito antes deles, porém, como ressaltou Estêvão, os grandes personagens do Antigo Testamento jamais imaginaram que Deus estivesse confinado a um edifício.

O que Estêvão fez foi escolher quatro das principais épocas da história de Israel, dominadas por quatro personagens principais. Primeiro, ele destacou Abraão e o período patriarcal (7:2-8); depois José e o exílio no Egito (vs. 9-19); passando para Moisés, o Êxodo e a peregrinação no deserto (vs. 20-44); e finalmente Davi e Salomão, e o estabelecimento da monarquia (vs. 45-50). A característica comum a estes quatro períodos é que em nenhum deles a presença de Deus esteve limitada a um lugar específico. Pelo contrário, o Deus do Antigo Testamento era um Deus vivo, um Deus em movimento, em marcha, que sempre estava chamando o seu povo para novas aventuras, e sempre acompanhando e guiando-os em sua caminhada.

1) Abraão (vs. 2-8)

Aqui está o resumo de Estêvão acerca do primeiro período, o período patriarcal em que Abraão era o personagem central:

Estêvão respondeu: Varões, irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, quando estava na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, [3]e lhe disse: Sai da tua terra e da tua parentela, e vem para a terra que eu te mostrarei.

[4]Então saiu da terra dos caldeus e foi habitar em Harã. E dali, com a morte de seu pai, Deus o trouxe para esta terra em que vós agora habitais.
[5]Nela não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela, e depois dele à sua descendência, não tendo ele filho.
[6]E falou Deus assim, que a sua descendência seria peregrina em terra estrangeira, onde seriam escravizados e maltratados por quatrocentos

anos; [7]eu, disse Deus, julgarei a nação da qual foram escravos; e depois disto sairão daí e me servirão neste lugar. [8]Então lhe deu a aliança da circuncisão; assim nasceu Isaque, e Abraão o circuncidou ao oitavo dia; de Isaque procedeu Jacó, e deste os doze patriarcas.

Não é por acaso que Estêvão descreve Javé como *o Deus da glória*, pois a sua "glória" é a sua automanifestação, e Estêvão dá, a seguir, detalhes de como ele se fez conhecer a Abraão. Deus *apareceu* a ele pela primeira vez quando ainda *estava na Mesopotâmia*, especificamente em Ur dos caldeus,[15] quando ele e sua família "adoravam a outros deuses".[16] Mas, mesmo nesse contexto idólatra, Deus apareceu e falou a Abraão, ordenando-lhe que se desligasse de sua casa e do seu povo e migrasse para outro país, que mais tarde lhe mostraria. Alguns comentaristas acreditam que Estêvão cometeu um erro aqui, pois deduzem de Gênesis 11:31 a 12:1 que a ordem de Deus foi dada a Abraão em Harã, e não em Ur. Mas Gênesis 12:1 pode ser traduzido por "O Senhor havia falado a Abrão", sugerindo que o que lhe fora falado em Harã era, na verdade, uma confirmação daquilo que já lhe falara em Ur. É certo que, mais tarde, Deus se anunciou a Abrão como "o Senhor que o tirou de Ur dos caldeus ...", e tanto José como Neemias testificam isso.[17] Assim, Abrão deixou Ur *e foi habitar em Harã*. Mas de lá *Deus o trouxe*, em outra etapa de sua jornada, para a terra de Canaã. *Nela não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé*, mas prometeu que *sua descendência* (apesar de, naquela época, Abraão não ter nenhum filho) tomaria *posse dela*. Ao mesmo tempo, eles também não a herdariam imediatamente, pois, antes, deveriam ser forasteiros *em terra estrangeira, onde seriam escravizados e maltratados por quatrocentos anos* (Estêvão se contenta com um número redondo, embora o número preciso de anos que passaram em escravidão fosse 430).[18] Deus não se esqueceu deles, nem os abandonou, nem mesmo durante a cruel escravidão: ele interveio para *julgar a nação da qual foram escravos*, e, assim, libertá-los da escravidão (v. 7).

Não podemos deixar de ver a ênfase que Estêvão coloca na iniciativa divina. Foi Deus quem apareceu, falou, enviou, prometeu, julgou e libertou. De Ur a Harã, de Harã a Canaã, de Canaã ao Egito, do Egito de volta a Canaã, Deus estava dirigindo cada etapa da peregrinação do seu povo. Apesar de todo o "crescente fértil" desde o rio Eufrates até o Nilo ter sido o palco de suas migrações, Deus estava com eles. Por quê? Porque Deus *lhe*

deu a aliança da circuncisão (v. 8), ou seja, ele prometeu solenemente a Abraão que abençoaria a ele e a sua descendência, e deu-lhe a circuncisão para selar essa aliança. Assim, muito antes de existir um lugar santo, existia um povo santo, com o qual Deus tinha se comprometido. Ele então renovou a promessa que tinha feito a Abraão, primeiro com seu filho Isaque, depois com seu neto Jacó, e depois com seus bisnetos, *os doze patriarcas* (v. 8b). Desse modo, Estêvão faz a transição de Abraão para José, o segundo grande personagem do Antigo Testamento que ele destaca (vs. 9-16).

2) José (vs.9-16)

Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito; mas Deus
estava com ele, [10]e livrou-o de todas as suas aflições, concedendo-lhe
também graça e sabedoria perante o Faraó, rei do Egito, que o constituiu
governador daquela nação e de toda a casa real.
[11]Sobreveio, porém, fome em todo o Egito; e, em Canaã, houve grande
tribulação, e nossos pais não achavam mantimentos. [12]Mas, tendo ouvido
Jacó que no Egito havia trigo, enviou a primeira vez os nossos pais. [13]Na
segunda vez José se fez reconhecer por seus irmãos, e se tornou conhecida
de Faraó a família de José. [14]Então José mandou chamar a seu pai, Jacó, e
toda a sua parentela, isto é, setenta e cinco pessoas. [15]Jacó desceu ao Egito,
e ali morreu ele e também nossos pais; [16]e foram transportados para
Siquém e postos no sepulcro que Abraão ali comprara a dinheiro aos filhos
de Emor.

Notamos imediatamente que, se a Mesopotâmia foi o contexto surpreendente no qual Deus apareceu a Abraão (7:2), o Egito foi o cenário igualmente surpreendente em que Deus lidou com José. Seis vezes em sete versículos, Estêvão repete a palavra "Egito", como se quisesse garantir que seus ouvintes captassem seu significado. Essa era a "terra estrangeira", na qual os descendentes de Abraão seriam escravizados e maltratados durante 400 anos (v. 6), e a emigração aconteceu devido à inveja dos patriarcas em relação ao seu irmão mais novo, José (v. 9). Apesar de José ser estrangeiro e escravo no Egito, *Deus estava com ele* (v. 9). Por conseguinte, *Deus o livrou de todas as suas aflições*, ("aflições" sendo um eufemismo para a prisão injusta causada por Potifar) *concedendo-lhe sabedoria* (especialmente para interpretar sonhos), de modo que ganhou a confiança do Faraó, que o fez *governador daquela nação e de toda a casa real* (v. 10).

Deus não estava apenas com José, mas também com toda a sua família, pois ele os salvou da morte durante a grande fome (v. 11). O local dessa libertação divina também foi o Egito. Estêvão relata as três visitas que os irmãos de José fizeram ao Egito: a primeira para obter grãos (v. 12), a segunda quando José se identificou a eles (v. 13) e a terceira, quando levaram Jacó, juntamente com suas esposas e filhos, num total de *setenta e cinco* pessoas (v. 14). Esse é o número dado na Septuaginta, em Gênesis 46:27 e Êxodo 1:5, apesar de o texto hebraico em ambos os trechos apresentar o número setenta. Provavelmente a discrepância se deve à inclusão ou exclusão dos filhos de José. É difícil para nós imaginarmos, e Estêvão não menciona, como essa descida ao Egito foi traumática para Jacó. Ele certamente sabia que numa fome anterior o Senhor havia especificamente proibido o seu pai, Isaque, de ir ao Egito, ordenando-lhe que permanecesse na terra prometida.[19] Essa proibição também incluiria Jacó? Sem dúvida alguma foi para acalmar as dúvidas de Jacó que em Berseba, perto da fronteira entre Canaã e o Egito, Deus lhe falou numa visão durante o sono que ele não deveria ter medo de ir ao Egito, pois o Senhor iria com ele, abençoá-lo-ia ali e o traria de volta.[20] Assim, *Jacó desceu ao Egito* (v. 15). E lá morreram ele e todos os seus filhos, longe da terra prometida, à qual nunca retornaram. Apenas seus corpos *foram transportados* de volta e sepultados (v. 16).

Os patriarcas tinham dois terrenos para sepultamento em Canaã. O primeiro era o campo e a caverna de Macpela, perto de Hebrom, que Abraão comprou de Efrom, o heteu;[21] o segundo era um terreno perto de Siquém, que Jacó comprou dos filhos de Emor.[22] Alguns comentaristas caçoam de Estêvão (ou de Lucas) por tê-los confundidos, pois ele diz que Abraão, em vez de Jacó, comprou o túmulo de Siquém. Mas, pelo antecedente, é improvável que Estêvão, com seu conhecimento íntimo do Antigo Testamento, tivesse cometido esse engano. É melhor concluir que ou Jacó comprou o terreno de sepultamento em Siquém em nome de Abraão, ou que, ao dar um relato conjunto do sepultamento de todos os patriarcas, Estêvão tenha unido deliberadamente os dois locais, já que Jacó foi enterrado, a seu pedido, no campo de Macpela,[23] enquanto que os ossos de José foram enterrados muitos anos depois, em Siquém.[24]

3) Moisés (vs. 17-43)

O terceiro período mencionado por Estêvão foi dominado por Moisés, através de cujo ministério Deus cumpriu sua promessa a Abraão, a qual parecia ter caído no esquecimento. Talvez Estêvão se alongue mais ao tratar da carreira de Moisés (que ele divide em três períodos de quarenta anos) do que dos outros porque ele foi acusado de falar contra Moisés (6:11). Estêvão, portanto, não deixa seus juízes em dúvida quanto ao seu imenso respeito pela liderança de Moisés e sua lei.

Como, porém, se aproximasse o tempo da promessa que Deus jurou a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito, 18até que se levantou ali outro rei que não conhecia a José. 19Este outro rei tratou com astúcia a nossa raça e torturou os nossos pais a ponto de forçá-los a enjeitar seus filhos, para que não sobrevivessem.

20Por esse tempo nasceu Moisés, que era formoso aos olhos de Deus. Por três meses foi ele mantido na casa de seu pai; 21quando foi exposto, a filha de Faraó o recolheu e criou como seu próprio filho. 22E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras.

23Quando completou quarenta anos, veio-lhe a idéia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel. 24Vendo um homem tratado injustamente, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. 25Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar, por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam. 26No dia seguinte, aproximou-se de uns que brigavam, e procurou reconduzi-los à paz, dizendo: Homens, vós sois irmãos; por que vos ofendeis uns aos outros?

27Mas o que agredia ao próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu autoridade e juiz sobre nós? 28Acaso queres matar-me, como fizeste ontem ao egípcio? 29A estas palavras Moisés fugiu e tornou-se peregrino na terra de Midiã, onde lhe nasceram dois filhos.

30Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe no deserto do monte Sinai um anjo, por entre as chamas de uma sarça que ardia. 31Moisés, porém, diante daquela visão ficou maravilhado e, aproximando-se para observar, ouviu-se a voz do Senhor: 32Eu sou o Deus dos teus pais, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Moisés, tremendo de medo, não ousava contemplá-la.

33Disse-lhe o Senhor: Tira a sandália dos pés; porque o lugar em que estás, é terra santa. 34Vi, com efeito, o sofrimento do meu povo no Egito, ouvi o seu gemido, e desci para libertá-lo. Vem agora e eu te enviarei ao Egito.

35A este Moisés, a quem negaram reconhecer, dizendo: Quem te

constituiu autoridade e juiz? a este enviou Deus como chefe e libertador, com a assistência do Anjo que lhe apareceu na sarça. [36]*Este os tirou, fazendo prodígios e sinais na terra do Egito, assim como no Mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos.* [37]*Foi Moisés quem disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim.* [38]*É este Moisés quem esteve na congregação no deserto, com o Anjo que lhe falava no monte Sinai, e com os nossos pais; o qual recebeu palavras vivas para no-las transmitir.*

[39]*A quem nossos pais não quiseram obedecer, antes o repeliram e nos seus corações voltaram para o Egito,* [40]*dizendo a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque, quanto a este Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.* [41]*Naqueles dias fizeram um bezerro e ofereceram sacrifício ao ídolo, alegrando-se com as obras de suas mãos.* [42]*Mas Deus se afastou e os entregou ao culto da milícia celestial como está escrito no livro dos profetas:*

> *Ó casa de Israel, porventura me oferecestes vítimas e sacrifícios no deserto pelo espaço de quarenta anos,* [43]*e acaso não levantastes o tabernáculo de Moloque e a estrela do deus Renfã, figuras que fizeste para as adorar? Por isso vos desterrei para além de Babilônia.*

O exílio e a escravidão dos israelitas no Egito duraram quatro amargos séculos. Será que Deus tinha esquecido o seu povo e a sua promessa de abençoá-lo? Não. Ele tinha advertido Abraão dos quatrocentos anos de escravidão e tortura (v. 6). Mas finalmente *se aproximou o tempo* (o tempo predeterminado, pois Deus é o Senhor da história) *da promessa que Deus jurou a Abraão* (v. 17a). Deus tinha duas promessas a Abraão: dar-lhe uma semente (uma numerosa descendência) e uma terra (Canaã).[25] A primeira promessa estava sendo cumprida mesmo durante o cativeiro egípcio, pois *o povo cresceu e se multiplicou no Egito* (v. 17b). Mas como seria cumprida a promessa de terra? Somente após muito sofrimento. Pois *se levantou ali* outro faraó que, nada sabendo a respeito de José, explorou os israelitas e os *torturou*, forçando-os *a enjeitar seus filhos* (vs. 18-19).

Foi *por esse tempo*, quando o sofrimento do povo tinha atingido o auge e suas perspectivas eram mais desoladoras, que *nasceu Moisés*, o libertador escolhido por Deus. "Ele não era uma criança comum", diz uma versão inglesa, traduzindo uma expressão que combina as idéias de que ele era formoso e agradava a Deus (v. 20). Nos primeiros *três meses* de sua vida, ele foi alimentado por sua

própria mãe, mas depois foi educado no palácio egípcio como filho adotivo da filha do Faraó (v. 21). Desse modo, *foi educado em toda a ciência dos egípcios, e tornou-se poderoso em palavras e obras* (v. 22).

Quando tinha quarenta anos, *veio-lhe a idéia de visitar seus irmãos, os filhos de Israel*, no sentido de ver sua luta e tentar ajudá-los (v. 23). Testemunhando dois casos de injustiça, Moisés tentou resolvê-los sozinho. Primeiro, ele tentou defender um israelita, e matou um egípcio que estava a maltratá-lo (v. 24). No dia seguinte, tentou reconciliar dois israelitas que estavam brigando, e rogou a eles que se lembrassem de que eram irmãos e não deviam ofender um ao outro (v. 26). Em ambos os casos, pensou que *seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar, por intermédio dele* (v. 25). *Eles, porém, não compreenderam.* Pelo contrário, o israelita que estava maltratando o outro contestou a idoneidade de Moisés para ser *autoridade e juiz* sobre eles, e perguntou se ele pretendia matá-lo, assim como havia matado o egípcio (vs. 27-28). Alarmado pelo fato de seu assassinato ter se tornado público, Moisés *fugiu* para a *terra de Midiã*, onde se estabeleceu com *peregrino*, casou-se e teve *dois filhos* (v. 29). Esse foi o início do seu segundo período de quarenta anos.

No fim desse período, surgiu o momento decisivo de sua carreira, quando Deus se encontrou com ele e o comissionou. Na verdade, diz-se que foi *um anjo* que lhe apareceu *por entre as chamas de uma sarça que ardia* (v. 30). Mas foi a *voz do Senhor* que o chamou e se apresentou como *o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó*, e *Moisés, tremendo de medo, não ousava contemplá-la* (vs. 31-32). A voz divina então lhe ordenou que tirasse as sandálias, pois o local onde estava, na presença de Deus, era *terra santa* (v. 33). Essa afirmação era o centro da tese de Estêvão. Havia terra santa fora da terra prometida. Qualquer lugar onde Deus está é santo. E mais, o mesmo Deus que encontrou Moisés no deserto de Midiã também estava presente no Egito, pois ele vira *o sofrimento* do seu povo no Egito, ouvira *o seu gemido,* e descera pessoalmente para *libertar* o seu povo, e agora estava *enviando* Moisés de volta para o Egito para concretizar a libertação deles (v. 34). *Este Moisés*, a quem os israelitas tinham rejeitado como *autoridade e juiz*, estava sendo escolhido como *chefe e libertador, com a assistência do Anjo que lhe apareceu na sarça* (v. 35).

O terceiro período de quarenta anos na vida de Moisés passou-se no deserto após ele ter *tirado* o povo da *terra do Egito*. Além

disso, tanto *no Egito, ... como no Mar Vermelho e no deserto*, seu ministério singular como libertador e legislador foi autenticado (tal como o ministério singular dos apóstolos) *por prodígios e sinais* (v. 36). *Foi Moisés*, continuou Estêvão, querendo magnificar o seu ministério, quem predisse a vinda do Messias, um profeta semelhante a ele,[26] quem *esteve na congregação (ekklesia) no deserto*, com o povo e *com o Anjo que lhe falava no monte Sinai*, e quem *recebeu palavras vivas*, oráculos de Deus, para transmitir ao povo (vs. 37-38). É verdade (e aqui Estêvão antecipa o final de sua defesa) que essa nação grandemente privilegiada *não quis obedecer* a Deus. E não somente *nos seus corações voltaram para o Egito*, mas, rejeitando a liderança de Moisés, encarregaram Arão de fazer deuses substitutos para irem adiante deles até a terra prometida (vs. 39-40). Então, *ofereceram sacrifício* ao bezerro de ouro, *alegrando-se com as obras das suas mãos* (v. 41), o que fez com que Deus se afastasse deles e os entregasse *ao culto da milícia celestial* (v. 42a). Embora Estêvão sustente sua defesa com uma frase de Amós 5, escrita alguns séculos mais tarde, esse trecho se refere ao culto corrupto de Israel durante seus quarenta anos no deserto. As suas *vítimas e sacrifícios* não eram oferecidos a Javé, ainda que alegassem isso, mas a ídolos pagãos (vs. 42b e 43).

Estêvão termina assim de esboçar a vida e o ministério de Moisés no Egito, em Midiã e no deserto, mostrando que Deus estava com ele em cada período e lugar. Crisóstomo entendeu a importância disso. Não há "nenhuma palavra sobre templo, nenhuma palavra sobre sacrifício" (Crisóstomo repete essa frase), nem quando Moisés estava sendo educado no palácio egípcio, nem quando Deus lhe apareceu no deserto de Midiã. De fato, a "terra santa" na sarça ardente era "muito mais maravilhosa ... do que ... o Santo dos Santos", pois em nenhuma passagem é dito que Deus apareceu no santuário interno de Jerusalém como o fez na sarça ardente.

Assim, as lições que devemos aprender da experiência de Moisés é que "Deus está presente em todos os lugares" e que "a terra santa está em qualquer lugar onde Deus possa estar".[27]

4) Davi e Salomão (vs. 44-50)

É no quarto período relatado por Estêvão (vs. 44-50), no qual se inclui a colonização da terra prometida e o estabelecimento da monarquia, que uma estrutura religiosa é mencionada pela

primeira vez, *o tabernáculo do testemunho*, que estava entre eles *no deserto* (v. **44**).

O tabernáculo do testemunho estava entre nossos pais no deserto, como determinara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha visto. [45]*O qual também nossos pais, com Josué, tendo-o recebido, o levaram, quando tomaram posse das nações que Deus expulsou da presença deles, até os dias de Davi.* [46]*Este achou graça diante de Deus e lhe suplicou a faculdade de prover a morada para o Deus de Jacó.* [47]*Mas foi Salomão quem lhe edificou a casa.*

[48]*Entretanto, não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas; como diz o profeta:*

> *O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés; que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso?* [50]*Não foi, porventura, a minha mão que fez todas estas coisas?*

Ao referir-se ao tabernáculo e ao templo, Estêvão não deprecia nenhum dos dois. Pelo contrário, eles foram associados com alguns dos maiores nomes da história de Israel – Moisés, Josué, Davi e Salomão. E mais, o tabernáculo foi construído *como determinara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha visto* (v. 44). Então *os pais, com Josué, ... o levaram* para a terra que tomaram das nações (v. 45a). Durante um longo período, ele permaneceu na terra como centro da vida nacional, *até aos dias de Davi* (v. 45b), que *achou graça diante de Deus* e pediu permissão para construir uma morada mais sólida e permanente (v. 46). Seu pedido, porém, foi recusado e *foi Salomão quem lhe edificou a casa* (v. 47). Nesta história da transição do tabernáculo para o templo, alguns pensam que Estêvão mostra uma simpatia pelo primeiro, por ter sido móvel. Mas ele não demonstra preferência pelo tabernáculo nem aversão pelo templo, pois ambos foram construídos de acordo com a vontade de Deus. Isso, porém, não contradiz a tese de Estêvão? Não, Estêvão não estava querendo provar que tinha sido um erro construir o tabernáculo ou o templo, mas que eles nunca deveriam ser considerados a casa do Senhor, em algum sentido literal. Porque *não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas* (v. 48). Paulo iria ressaltar esse mesmo ponto diante dos filósofos de Atenas (17:24). E, apesar de essa noção não ter sido expressa no Antigo Testamento de forma

direta, o próprio Salomão a entendeu. Após o término da construção do templo, ele orou: "Mas, de fato habitaria Deus na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei!"[28] Contudo, em vez de citar isso, Estêvão cita Isaías 66:1-2, onde Deus diz: *O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés.* Portanto, *que casa* ou *lugar de repouso* poderia ser edificado para ele? Ele mesmo é o Criador; como o Autor de tudo pode ser confinado em estruturas feitas por homens? (vs. 49-50).

Não é difícil, portanto, entender a tese de Estêvão. Um único fio percorre toda a primeira parte de sua defesa: o Deus de Israel é um Deus peregrino, que não se restringe a um lugar. As principais afirmações desse discurso são: o Deus da glória apareceu a Abraão enquanto esse ainda estava na Mesopotâmia pagã (v. 2); Deus estava com José mesmo quando ele ainda era escravo no Egito (v. 9); *Deus foi ao encontro de Moisés no deserto de Midiã, e assim* transformou aquele lugar em "terra santa" (vs. 30, 33); apesar de no deserto Deus ter andado de "tenda em tenda",[29] "não habita o Altíssimo em casas feitas por mãos humanas" (v. 48). É, portanto, evidente, com base nas próprias Escrituras, que a presença de Deus não pode ser restrita a um local, e que nenhum edifício pode confiná-lo ou inibir sua atividade. Se ele realmente possui uma casa aqui na terra, então ela está no povo no qual vive. Ele se comprometeu a ser o Deus deles através de uma aliança solene. E, de acordo com essa promessa da aliança, onde quer que seu povo esteja, ali também está ele.

b. A lei

As testemunhas falsas acusaram Estêvão de duas blasfêmias: "falar contra o lugar santo e contra a lei" (6:13). Em resposta às duas acusações, ele desenvolveu uma defesa semelhante, isto é, que em cada questão ele estava sendo mais bíblico do que eles. Ou seja, as Escrituras do Antigo Testamento davam menos ênfase ao templo e mais ênfase à lei do que eles. Já seguimos seu raciocínio em relação ao templo; agora, em relação à lei, ele vira o jogo contra os juízes. Não é ele, afirma, quem desrespeitou a lei, mas eles, bem como seus ancestrais. O acusado assume o papel de acusador.

Esse assunto já foi esboçado na primeira parte da defesa de Estêvão. Seu respeito por Moisés e pela lei era inequívoco. E era evidente que seu reconhecimento da vocação divina de Moisés era

inquestionável. O nascimento e a educação de Moisés foram dirigidos por Deus (vs. 20-22). Seu chamado veio diretamente de Deus, que falou com ele de uma sarça ardente (vs. 31-32). Sua escolha como libertador e juiz de Israel havia sido feita pelo "próprio Deus" (v. 35, NIV), e do mesmo Deus "recebeu palavras vivas" para transmitir ao povo (v. 38). O desrespeito terrível, então, que Moisés recebeu, não vinha de Estêvão, mas dos próprios israelitas. Foram eles que não o reconheceram como seu libertador enviado pelo céu (v. 25), repelindo-o (v. 27), não aceitando sua liderança (v. 35) e, no deserto, "se recusaram a obedecê-lo", voltando para o Egito em seus corações e se tornando idólatras (vs. 39ss.). Isso também aconteceu com os profetas. Estêvão citou dois profetas (Amós nos versículos 42-43, e Isaías nos versículos 48-50), mas, em ambas as citações, eles estavam repreendendo Israel.

Agora, portanto, tendo exposto a infidelidade de Israel à lei e aos profetas no passado, Estêvão acusa seus juízes do mesmo pecado.

Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo, assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. [52]*Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos,* [53]*vós que recebestes a lei por ministérios de anjos, e não a guardastes.*

Notamos o atrevimento com que Estêvão chamou o Sinédrio de homens de *dura cerviz*, o que significa teimosos, um epíteto que Moisés e os profetas aplicaram a Israel.[30] E apesar de insistirem na circuncisão física, ele os descreveu com sendo *incircuncisos de coração e de ouvidos*, outra expressão usada por Moisés e pelos profetas[31] e que significava que eles ainda "eram pagãos de coração e surdos à verdade" (NEB). Na verdade, em sua rejeição consciente da palavra de Deus, ele lhes disse: *vocês são como os seus antepassados* (v. 51, BLH).

Reforçando sua acusação com mais detalhes, Estêvão os declarou culpados de pecarem contra o Espírito Santo, o Messias e a lei. Primeiro: *sempre resistis ao Espírito Santo* (v. 51) rejeitando seus apelos. Segundo: seus pais perseguiram todos os profetas,[32] e até *mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo*, eles eram ainda piores, pois se tornaram *traidores e assassinos* daquele

que fora anunciado pelos profetas (v. 52). Terceiro, apesar de serem especialmente privilegiados por terem recebido a lei por intermédio de anjos, *não têm obedecido essa lei* (v. 53, BLH).

O discurso de Estêvão não foi tanto uma autodefesa mas, sim, um testemunho de Cristo. Seu tema principal era inegável: que Jesus, o Messias, tinha vindo para substituir o templo e cumprir a lei, que testemunhavam, ambos, dele. Como Calvino expressou: "Não se pode causar nenhum dano ao templo e à lei, quando Cristo está abertamente firmado como o fim e a verdade de ambos."[33]

3. Estêvão é apedrejado (7:54-60)

Ouvindo eles isto, enfureciam-se nos seus corações e rilhavam os dentes contra ele. [55]*Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à sua direita,* [56]*e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus.*

[57]*Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e unânimes arremeteram contra ele.* [58]*E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem, chamado Saulo.*

[59]*E apedrejavam a Estêvão que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito!* [60]*Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras adormeceu.*

Estêvão estava pronto para ser o primeiro *martys* verdadeiro, que selou seu testemunho com o próprio sangue. Sua morte estava cheia de Cristo. Lucas relata outras três frases que ele disse; a primeira refere-se a Cristo, e as outras duas são dirigidas a Cristo.

Quando os membros do Sinédrio, enfurecidos com as suas acusações, *rilhavam seus dentes contra ele* (v. 54), bufando como animais salvagens, Estêvão, cheio do Espírito, teve uma visão da glória de Deus (v. 55), e exclamou: *Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem em pé à destra de Deus* (v. 56). Já se levantaram várias explicações para o fato de Jesus estar *em pé* (que se repete nos versículos 55 e 56), e não sentado,[34] à destra de Deus. É possível que o Filho do homem que, na visão de Daniel,[35] foi levado à presença de Deus, estivesse em pé diante dele para receber autoridade e poder. Mas parece mais provável que o fato de Jesus estar em pé esteja mais diretamente relacionado com Estêvão: ele estaria em pé para ser seu advogado celestial ou para receber seu

primeiro mártir. Citando F. F. Bruce, "Estêvão estivera confessando Cristo diante dos homens, e agora vê Cristo confessando seu servo diante de Deus."[36]

Não querendo ouvir o testemunho de Estêvão acerca da exaltação de Jesus, os membros do conselho *taparam os ouvidos*, procurando abafar a voz dele com uma gritaria. Pior, estavam decididos a silenciá-lo. Assim, *arremeteram contra ele* (v. 57), *e, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram* (v. 58a). Já que os romanos haviam tirado dos judeus o direito de executarem a pena capital,[37] o apedrejamento seria mais um linchamento popular do que uma execução oficial. Mas ainda havia uma vaga lembrança de justiça, pois, de acordo com a lei,[38] os primeiros a lançarem as pedras deveriam ser "as testemunhas", ou seja, os acusadores, apesar de, no caso de Estêvão, serem as falsas testemunhas de 6:13 ou os membros do Sinédrio. De qualquer maneira, *deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo* (v. 58b), uma experiência da qual ele nunca se esqueceu (22:20). Assim, discretamente, Lucas introduz em sua narrativa o homem que logo passará a dominá-la.

Foi durante o seu apedrejamento que Estêvão pronunciou sua segunda frase: *Senhor Jesus, recebe o meu espírito* (v. 59). Sua oração é parecida com a que, segundo Lucas, Jesus pronunciou pouco antes de morrer: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!"[39] Mas essas não seriam as últimas palavras de Estêvão. Ele disse uma terceira frase ao se ajoelhar. *Clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado* (v. 60). É uma reminiscência da primeira frase dita por Jesus na cruz, relatada por Lucas: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."[40] Quer tenha sido Estêvão quem imitou seu Mestre deliberadamente ou Lucas quem observou e ressaltou o fato, existem várias semelhanças entre a morte de Jesus e a morte de Estêvão. Em ambos os casos, foram contratadas falsas testemunhas e a acusação era blasfêmia. As duas execuções foram acompanhadas por duas orações, rogando o perdão para os acusadores e a aceitação de seus próprios espíritos ao morrerem. Portanto – conscientemente ou não -- o discípulo imitou seu Mestre. A única diferença foi que Jesus dirigiu suas orações ao Pai, enquanto que Estêvão as dirigiu a Jesus, chamando-o de "Senhor" e colocando-o no mesmo nível de Deus.

Lucas encerra esse episódio com um dramático contraste entre Estêvão e Saulo. Estêvão *adormeceu* (v. 60b), o que Bengel denomina "uma palavra cheia de tristeza, mas doce"[41] e F. F.

Bruce, "uma descrição inesperadamente bonita e cheia de paz para uma morte brutal".[42] Em contraposição, *Saulo consentia na sua morte* (8:1a). Voltaremos mais tarde à influência de Estêvão sobre Saulo. Por enquanto, basta notar de que forma resplandecente brilha a fé tranqüila de Estêvão contra o pano de fundo sombrio da ira assassina de Saulo (8:1, 3).

Conclusão

Para muitas pessoas, o que mais interessa em Estêvão é que ele foi o primeiro mártir cristão. Porém, a preocupação principal de Lucas está em outro ponto. Ele enfatiza o papel vital que Estêvão representa no desenvolvimento da missão cristã mundial através de seu ensino e sua morte.

O ensino de Estêvão, considerado "blasfêmia" contra o templo e a lei, consistia em que Jesus (como ele mesmo havia afirmado) era o cumprimento de ambos. Já no Antigo Testamento, Deus estava atado ao seu povo, onde quer que estivesse, e não a edifícios. Da mesma forma, Jesus está pronto para acompanhar o seu povo onde quer que seja. Logo depois, quando Paulo e Barnabé partirem para o desconhecido em sua primeira viagem missionária, eles vão descobrir (como Abraão, José e Moisés antes deles) que Deus está com eles. E é exatamente isso que relatam ao voltar (14:27; 15:12). De fato, essa certeza é indispensável para a missão. Mudanças são dolorosas para todos nós, especialmente quando afetam nossos tão queridos edifícios e costumes, e não devemos procurar mudanças apenas para mudar. Mas o verdadeiro radicalismo cristão está aberto a mudanças. Ele sabe que Deus mesmo se atou à sua igreja (prometendo que ele nunca a deixará) e à sua palavra (prometendo que ela nunca perecerá). Mas a igreja de Deus é um povo, não edifícios; e a palavra de Deus são as Escrituras, não as tradições. Enquanto esses fundamentos forem preservados, os edifícios e as tradições podem continuar, se necessário. Não podemos permitir que eles prendam o Deus vivo ou impeçam a sua missão no mundo.

O martírio de Estêvão complementou a influência de seu ensino. Ele não só impressionou profundamente a Saulo de Tarso, contribuindo para a sua conversão, levando-o a se tornar apóstolo dos gentios, mas também ocasionou "uma grande perseguição", que provocou a dispersão dos discípulos "pelas regiões da Judéia e Samaria" (8:1b).

A igreja ficou abalada, até mesmo aturdida com o martírio de Estêvão e com a oposição violenta que se seguiu. Mas, olhando adiante, podemos ver como a providência de Deus usou o testemunho de Estêvão, em palavras e em obras, na vida e na morte, para promover a missão da igreja.

Notas:

1. Morgan, pp. 142-143.
2. *New English Bible.*
3. Lc 21:15; cf. 12:12.
4. Mc 14:58; cf. 15:29; Mt 26:61.
5. Jo 2:20.
6. Jo 2:21.
7. Mt 12:6.
8. Mt 5:17.
9. Êx 34:29ss.
10. Prefácio a *Androcles and the Lion*, de George Bernard Shaw (1912; Constable, 1916), p. lxxxv.
11. Dibelius, pp. 167 e 169.
12. Neil, p. 107.
13. Sl 27:4; cf. Sl 15, 42 – 43, 84, 122, 134, 147, 150.
14. E.g. Jr 7:4.
15. Gn 11:28.
16. Js 24:2.
17. Gn 15:7; Js 24:3; Ne 9:7.
18. Cf. Gn 15:13; Êx 12:40-41.
19. Gn 26:1ss.
20. Gn 46:1ss.; cf. 28:10ss.
21. Gn 23.
22. Gn 33:18-20.
23. Gn 47:29-30; 49:29-33; 50:12-14.
24. Gn 50:26; Js 24:32.
25. Veja Gn 12:1-3; 15:18-21; 22:15-18.
26. Dt. 18:15.
27. Crisóstomo, *Homilias* XVI e XVII, pp. 100-112.
28. 1 Rs 8:27; cf. 2 Cr 6:18.
29. 1 Cr 17:5; cf. 2 Sm 7:6.
30. E.g. Êx 32:9; 33:3, 5; 34:9; Dt 9:6, 13; 10:16; 31:27; 2 Cr 30:8; Jr 17:23.
31. E.g. Lv. 26:41; Dt 10:16; 30:6; Jr 6:10; 9:26; Ez 44:7.
32. Cf. Lc 6:23; 11:49ss.; 13:34.
33. Calvino, I, p. 212.
34. Sl 110:1; cf. Lc 22:69; At 2:34-35.
35. Dn 7:13-14.
36. Bruce, *English*, p. 168.
37. Jo 18:31.

38. Dt 17:7.
39. Lc 23:46.
40. Lc 23:34.
41. Bengel, p. 584.
42. Bruce, English p. 172.

Atos 8:1-40
6. Filipe, o evangelista

Lucas parece ter visto Estêvão e Filipe como um par. Ambos pertenciam ao grupo dos setenta, tendo, portanto, responsabilidades sociais na igreja de Jerusalém. Mas ambos também pregavam o evangelho (6:10; 8:5) e ambos realizavam sinais e prodígios (6:8; 8:6). Além disso, Lucas entendia que o ministério de ambos tinha ajudado a preparar o caminho para a missão entre os gentios. A contribuição de Estêvão se encontra em seu ensino sobre o templo, a lei e o Cristo, e nos efeitos de seu martírio; enquanto a de Filipe se encontra em sua evangelização corajosa dos samaritanos e de um líder etíope, pois os judeus viam os samaritanos como hereges e a Etiópia como a "extrema fronteira de um mundo habitável no calor do sul".[1]

Um aspecto notável deste capítulo é a ocorrência de duas palavras distintamente cristãs para evangelização. Lucas já descreveu os apóstolos testemunhando Cristo, anunciando (*katangellein*, 4:2) a mensagem dele, entregando-se ao ministério da palavra de Deus e ensinando o povo. Agora, porém, ele apresenta o verbo *kerysso* ("anunciar"), falando da proclamação a respeito de Cristo feita por Filipe (v. 5), e populariza o verbo *euangelizo* ("trazer boas novas"). Ele já havia usado este último uma vez (5:42), mas, neste capítulo, o verbo ocorre cinco vezes. Duas vezes, o objeto do verbo são as cidades ou vilas evangelizadas (vs. 25, 40), enquanto que, nas outras três ocorrências, o objeto é a própria mensagem, ou seja, as boas novas "da palavra" (v. 4), do "reino de Deus" e do nome de "Jesus Cristo" (v. 12), e simplesmente de "Jesus" (v. 35). Esse é um lembrete salutar de que não pode haver evangelização sem evangelho, e de que a evangelização cristã pressupõe as boas novas de Jesus Cristo. A evangelização eficaz se torna possível apenas quando a igreja recupera o evangelho bíblico e a confiança em sua verdade, relevância e poder.

Nos primeiros quatro versículos Lucas apresenta o cenário para as campanhas evangelísticas de Filipe que ele irá narrar, começando com esta afirmação: *E Saulo consentia na sua morte* (de Estêvão, v. 1a). Lucas parece estar dirigindo nossa atenção para uma tripla corrente de causa e efeito.

Em primeiro lugar, o martírio de Estêvão provocou uma *grande perseguição contra a igreja em Jerusalém*. Ela começou *naquele dia*, o dia da morte de Estêvão, e *levantou-se* com a ferocidade de uma tempestade repentina (v. 1b). É verdade que nem toda a população da cidade pertencia à oposição, pois havia *homens piedosos* (provavelmente judeus piedosos, não crentes) que *sepultaram a Estêvão e fizeram grande pranto sobre ele* (v. 2), lamentando a injustiça de sua morte. Eles devem ter corrido um risco considerável ao se identificarem com Estêvão dessa maneira. Em contraste, Saulo, que tinha aprovado o apedrejamento de Estêvão (v. 1a; cf. 22:20), agora *assolava a igreja* (v. 3a). O verbo *lumaino* expressa "uma crueldade sádica e violenta".[2] Procurando crentes *de casa em casa*, arrastava *homens e mulheres e os jogava nas cadeias* (v. 3b, BLH). Ele não poupou as mulheres, e também foi mais adiante, procurando – e assegurando – a morte de suas vítimas (9:1; 22:4; 26:10). Saulo de Tarso tinha sangue em suas mãos, pois vários outros seguiram Estêvão, sendo martirizados.

Em segundo lugar, a grande perseguição levou a uma grande dispersão: *todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria* (v. 1c). Lucas lembra como o Senhor ressurreto havia ordenado que seus seguidores fossem testemunhas "em toda a Judéia e Samaria" (1:8), como em Jerusalém; agora ele mostra como a comissão foi cumprida em virtude de uma perseguição. Conhecemos muito bem a diáspora judaica, que levou à propagação do judaísmo; "esse foi o início da dispersão da Nova Israel",[3] que proporcionou a disseminação do evangelho. O sermão de Estêvão havia sido verdadeiramente profético. Jerusalém e o templo agora começam a desaparecer de vista, à medida que Cristo chama o seu povo para deixá-los e o acompanhar. Os apóstolos não são acusados por ficarem atrás. Por algum tempo, Jerusalém continuaria sendo o quartel-general da nova comunidade cristã, e eles evidentemente viam que era seu dever permanecerem ali. Além disso, teria sido perigoso para eles deixar a cidade, ainda que a perseguição fosse dirigida mais contra os "helenistas" como Estêvão do que contra os "hebraístas" como eles.

Em terceiro lugar, se o martírio de Estêvão causou a perseguição, e a perseguição a diáspora, a diáspora agora resultou numa ampla evangelização. A dispersão dos cristãos foi seguida por uma dispersão da boa semente do evangelho. Pois *os que foram dispersos*, enquanto fugiam, longe de se esconderem, ou até mesmo de manterem um silêncio prudente, *iam por toda parte pregando a palavra* (v. 4). Até aqui os apóstolos haviam conduzido a evangelização, desafiando a proibição do Sinédrio, não dando atenção à sua violência e ameaças; a partir de então, porém, enquanto os apóstolos permaneciam em Jerusalém, a grande massa de crentes assumiu a tarefa de evangelizar. Eles não se tornaram, todos, "pregadores" ou "missionários" com uma vocação de tempo integral. A afirmação feita aqui de que "pregavam a palavra" pode ser mal interpretada; a expressão grega não significa, necessariamente, mais que "compartilharam as boas novas". Logo mais, Filipe pregaria às multidões samaritanas (v. 6); quanto aos outros fugitivos, convém considerá-los como testemunhas leigas ("missionários amadores anônimos"[4]).

O que é claro é que o "feitiço" do diabo (que está por trás de toda a perseguição à igreja) se voltou contra ele mesmo. Seu ataque resultou num efeito contrário àquele que havia planejado. Ao invés de aniquilar o evangelho, a perseguição apenas o espalhou. Bengel comenta: "o vento aumenta a chama".[5] Um exemplo moderno é o que aconteceu na China, em 1949, quando o governo foi derrotado pelos comunistas. 637 missionários da Missão para o Interior da China foram obrigados a deixar o país. Parecia um desastre total. Dentro de quatro anos, 286 deles foram trabalhar no Japão e no Sudoeste da Ásia, enquanto que os cristãos chineses, mesmo sob severa perseguição, começaram a se multiplicar e agora perfazem um número trinta ou quarenta vezes maior do que o existente quando os missionários saíram (os números exatos não são conhecidos).

Tendo montado o cenário nos primeiros quatro versículos deste capítulo, Lucas agora parte para dois exemplos de evangelização cristã primitiva, nos quais Filipe é o protagonista. O autor pode ter obtido os fatos do próprio Filipe, pois cerca de vinte anos mais tarde, ele se hospedou em sua casa, na Cesaréia (21:8).

1. Filipe, o evangelista, e uma cidade samaritana (8:5-25)

Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo. [6]*As multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele operava.* [7]*Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam gritando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos foram curados.* [8]*E houve grande alegria naquele cidade.*

[9]*Ora, havia certo homem, chamado Simão, que ali praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria, insinuando ser ele grande vulto;* [10]*ao qual todos davam ouvidos, do menor ao maior, dizendo: Este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder.* [11]*Aderiam a ele porque havia muito que os iludira com mágicas.* [12]*Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, assim homens como mulheres.* [13]*O próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados.*

[14]*Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João;* [15]*os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo;* [16]*porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus.* [17]*Então lhes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.*

[18]*Vendo, porém, Simão que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos era concedido o Espírito [Santo] ofereceu-lhes dinheiro,* [19]*propondo: Concedei-me também a mim este poder, para que aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo.*

[20]*Pedro, porém, lhe respondeu: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus.* [21]*Não tens parte nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus.* [22]*Arrepende-te, pois, da tua maldade, e roga ao Senhor; talvez que te seja perdoado o intento do coração;* [23]*pois vejo que estás em fel de amargura e laço de iniqüidade.*

[24]*Respondendo, porém, Simão lhes pediu: Rogai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes sobrevenha a mim.*

[25]*Eles, porém, havendo testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém, e evangelizavam muitas aldeias dos samaritanos.*

Para nós, é difícil entender a audácia do passo dado por Filipe ao pregar o evangelho aos samaritanos, pois a hostilidade entre judeus e samaritanos existia havia mil anos. Ela começou com o

fim da monarquia no século X a.C., quando as dez tribos desertaram, fazendo de Samaria a sua capital, e apenas duas tribos permaneceram leais a Jerusalém. A situação piorou drasticamente quando Samaria foi capturada pela Assíria em 722 a.C.; milhares de habitantes foram deportados e o país foi repovoado por estrangeiros. No século VI a.C., quando os judeus voltaram para sua terra, recusaram a ajuda dos samaritanos na reconstrução do templo. Mas foi no século IV a.C. que o cisma samaritano se consolidou, com a construção de um templo rival no monte Gerizim e a rejeição das Escrituras do Antigo Testamento, exceto o Pentateuco. Os samaritanos eram desprezados pelos judeus como híbridos, tanto na raça como na religião: hereges e cismáticos. João resumiu a situação numa simples afirmação: "os judeus não se dão com os samaritanos".[6] Mas a simpatia de Jesus por eles já é evidente no Evangelho de Lucas.[7] Agora, em Atos 8, vemos claramente que Lucas está entusiasmado com a evangelização dos samaritanos e com a incorporação deles à comunidade messiânica.

Não podemos ter certeza quanto à cidade que Filipe evangelizou, já que em alguns manuscritos consta *uma cidade em Samaria* e em outros, "a cidade de Samaria". O manuscrito mais confiável possui o artigo definido, nesse caso "a cidade" (provavelmente significando "a capital" ou "a cidade principal") deve ter sido ou a cidade chamada Samaria no Antigo Testamento, que Herodes, o grande, renomeou como "Sebastos" em honra ao imperador Augusto, ou a antiga Siquém, que então era chamada de "Neápolis" e agora se chama "Nablus". Por outro lado, *uma cidade em* (ou na província de) *Samaria* pode estar correto, já que nem aqui nem no versículo 25 Lucas parece preocupar-se com a identificação da cidade ou das aldeias em questão.

Lucas se preocupa mais em contar-nos o que aconteceu na cidade. Ele relata a história em cinco estágios.

a. Filipe evangeliza a cidade (vs. 5-8)

O evangelista tanto *anunciava-lhes a Cristo* (v. 5), já que os samaritanos também estavam esperando o Messias,[8] como operava *sinais* (v. 6), expulsando *espíritos imundos*, que *saíam gritando* de suas vítimas, e curando *muitos paralíticos e coxos* (v. 7). Alguns pensam que esses milagres eram uma característica especial de Filipe; outros os vêem como demonstração de uma

norma de evangelização. Mas é certo que, se nem Estêvão nem Filipe eram apóstolos, as Escrituras não restringem rigidamente os milagres aos apóstolos. Em todo o caso, ouvindo a mensagem de Filipe e vendo os seus sinais, *as multidões atendiam, unânimes, às coisas que Filipe dizia* (v. 6), e a combinação de salvação e cura trouxe *grande alegria* à cidade (v. 8).

b. Simão, o mágico, confessa sua fé (vs. 9-13)

Antes de Filipe chegar à cidade, ela se encontrava sob uma influência muito diferente. *Certo homem, chamado Simão ... praticava a mágica, iludindo o povo de Samaria,* e até da circunvizinhança da cidade, não só com sua mágica (v. 11), mas também com suas afirmações extravagantes (v. 9). Pois *insinuava ser ele grande vulto* ou "alguém importante" (BJ). E *todos,* cidadãos proeminentes e pessoas comuns, ao que parece um grupo ingênuo, realmente afirmavam: *este homem é o poder de Deus, chamado o Grande Poder* (v. 10). Os comentaristas divergem quanto ao significado dessa frase. Haenchen considera óbvio "que 'o grande poder' era uma designação samaritana da divindade suprema", e que "Simão declarou que essa divindade tinha descido à terra em sua pessoa para a redenção do homem".[9] Outros acham mais provável que Simão se considerava e passou a ser considerado um tipo de emanação ou representante do ser divino. É certo que, na metade do segundo século, Justino Mártir, que era nascido em Samaria, descreveu "um samaritano, Simão", que "fazia grandes obras de mágica", de modo que "foi considerado um deus", sendo cultuado não só por "quase todos os samaritanos" mas até por alguns em Roma, que ergueram uma estátua em sua honra.[10] No fim do segundo século, Irineu o apresentou como "glorificado pelos homens como se fosse 'um deus' " e como autor de "todo tipo de heresias",[11] enquanto que, por volta do terceiro século, ele veio a ser visto como fundador do gnosticismo e o arquiinimigo do apóstolo Pedro. Mas isso é mais lenda do que história.

Agora, porém, em Samaria, Simão é desafiado por Filipe; não apenas porque os milagres de Filipe concorriam com a sua mágica; mas especialmente porque enquanto Simão se vangloriava, Filipe *os evangelizava a respeito do reino de Deus e do nome de Jesus Cristo* (v. 12). Primeiro, as pessoas "prestavam muita atenção no que Filipe dizia" (v. 6a, BLH), depois criam. Lucas parece querer dizer que eles creram no evangelho de Filipe, em outras palavras, que se converteram, pois *iam sendo batizados, assim homens como*

mulheres (v. 12b). Não é tão evidente, porém, o que Lucas quer dizer quando afirma que *o próprio Simão abraçou a fé; e, tendo sido batizado, acompanhava a Filipe de perto, observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados* (v. 13). Ele, que extasiava os outros, estava agora extasiado. Não é necessário supormos que ele estivesse apenas fingindo crer. Nem que, por outro lado, ele estivesse exercendo a fé salvadora, pois, mais tarde, Pedro declara que seu coração não era "reto diante de Deus" (v. 21). Calvino sugere que devemos procurar "alguma posição intermediária entre fé e mero fingimento".[12] Provavelmente, "tudo indicava que o mago creu como os outros; professou sua crença, tornou-se um convertido à vista dos outros, submetendo-se ao rito do batismo como era o costume."[13] A linguagem do Novo Testamento nem sempre diferencia crer de professar a fé.[14]

c. Os apóstolos enviam Pedro e João (vs. 14-17)

Os apóstolos, que estavam em Jerusalém, ficaram sabendo que o povo de Samaria também havia recebido a palavra de Deus; (v. 14, BLH). Isso é mais do que uma declaração factual, parece ser quase uma expressão técnica por meio da qual Lucas assinala um novo e importante estágio no avanço do evangelho. Ele já a usou em referência ao dia de Pentecoste, quando três mil judeus "aceitaram a palavra [de Pedro]" (2:41). Aqui, ele se refere aos primeiros samaritanos que "receberam a palavra de Deus". E a usará novamente, após a conversão de Cornélio, quando os apóstolos ouviram que "também os gentios haviam recebido a palavra de Deus" (11:1). Nessas três expansões, Pedro desempenhou um papel decisivo, usando as chaves do reino (embora Lucas não as mencione), abrindo-o sucessivamente para judeus, samaritanos e gentios.

Quando os apóstolos ouviram a respeito da conversão dos samaritanos, *enviaram* dois dos seus, *Pedro e João*, para investigarem o fato (v. 14). Era muito apropriado que um deles fosse João, pois Lucas escreve em seu Evangelho, que em certa ocasião, ele queria que caísse fogo do céu para consumir uma cidade samaritana.[15] Agora o seu desejo é ver os samaritanos salvos, não destruídos. *Quando os dois chegaram* (BLH) descobriram (não ficamos sabendo de que forma) que, apesar de os samaritanos terem recebido o evangelho e o batismo cristão, eles ainda não tinham recebido o Espírito. Assim *oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo* (v. 15), *porquanto* (explica Lucas) *não*

havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome [ou seja, em obediência ou até para posse] *do Senhor Jesus* (v. 16). Além de orar por eles, *lhes impunham as mãos*, identificando assim aqueles pelos quais estavam orando e, em resposta a suas orações, *recebiam estes o Espírito Santo* (v. 17). Lucas não diz uma palavra sobre como os apóstolos sabiam que as pessoas tinham agora recebido o Espírito, assim como nada relata sobre como souberam que os samaritanos não o tinham recebido previamente. Alguns atribuem tal conhecimento ao dom de discernimento, outros sugerem que havia evidências públicas: o falar em línguas como no dia de Pentecoste, a exaltação de alegria ou o testemunho corajoso.

Creio que Howard Marshall está certo em dizer que o versículo 16 ("porquanto não havia descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus") seja, "talvez, a declaração mais extraordinária em Atos",[16] pois Pedro havia prometido a dádiva do Espírito apenas aos que se arrependessem (em conseqüência da fé) e fossem batizados (2:38). Como, então, os samaritanos podem ter crido e recebido o batismo, *sem* receberem o Espírito? A questão tem causado muita confusão e provocado divisões entre leitores cristãos; voltaremos a ela brevemente.

d. Simão tenta comprar o poder (vs. 18-24)

Quando ele viu *que, pelo fato de imporem os apóstolos as mãos era concedido o Espírito*, Simão, o mágico, o qual podemos também chamar de Simão, o supersticioso, a quem os apóstolos pareciam "praticantes de mágica religiosa extraordinariamente talentosos",[17] *ofereceu-lhes dinheiro* (v. 18) em troca do poder de conceder o Espírito ao povo pela imposição das mãos (v. 19).

Pedro o repreendeu imediatamente, de maneira direta e pública, por imaginar que o dom de Deus pudesse ser comprado (v. 20). Ele acrescentou que Simão não podia *ter parte nem sorte* no *ministério*, porque seu coração não era *reto diante de Deus* (v. 21). E lançou-lhe um apelo: *arrepende-te, pois, da tua malícia, e roga ao Senhor;* pois *talvez* o Senhor lhe perdoasse por alimentar um pensamento tão maligno em sua mente (v. 22), e por estar *em fel de amargura e laço de iniqüidade* (v. 23). Desde aquele dia, a tentativa de transformar o espiritual em comércio, de negociar as coisas de

Deus e, especialmente, de comprar o ministério eclesiástico, é denominada "simonia".

A resposta de Simão à advertência de Pedro não é animadora. Ele não mostrou nenhum sinal de arrependimento, nem mesmo de contrição. Em vez de orar por perdão, como Pedro lhe havia recomendado (v. 22), ele se sentiu tão incapaz de orar, ou tão pouco confiante em suas próprias orações, que pediu a Pedro que o fizesse por ele. O que realmente o preocupava não era o perdão de Deus, mas apenas que pudesse escapar do juízo de Deus, com o qual Pedro o havia ameaçado (v. 24). É verdade que o texto bizantino acrescenta que ele "não parava de chorar copiosamente". Mas essas palavras não constam dos originais; e, se constassem, as lágrimas de Simão seriam lágrimas de remorso ou ira, não de arrependimento.[18]

e. Pedro e João evangelizam muitas aldeias samaritanas (v. 25)

Depois que a missão apostólica estava cumprida e os samaritanos tinham recebido o Espírito, Pedro e João permaneceram ali por um tempo indeterminado a fim de proclamar *a palavra do Senhor*, provavelmente para ensinar os novos convertidos. *Voltaram para Jerusalém*, porém não diretamente, e visitaram *muitas aldeias dos samaritanos* no percurso, no intuito de pregar o evangelho também nelas, reunindo assim ainda mais convertidos samaritanos (v. 25).

2. Filipe, os samaritanos, os apóstolos e o Espírito Santo

Voltamos agora à questão do dom do Espírito levantada pela história samaritana. Como é que, através do ministério de Filipe, os samaritanos receberam apenas o batismo "e nada mais" (NEB), e receberam o Espírito Santo mais tarde, através do ministério dos apóstolos Pedro e João? O que os apóstolos tinham que Filipe não tinha? Como devemos entender as relações entre Filipe, os samaritanos, os apóstolos e o Espírito Santo?

Por trás dessas questões, porém, encontra-se outra, bem mais importante. Será que Lucas quer que os seus leitores entendam a experiência separada dos samaritanos (primeiro o batismo, depois a dádiva do Espírito) como típica ou atípica, como normal ou anormal? Ela deve ser colocada diante de nós como padrão normal da experiência cristã hoje, ou como exceção cuja repetição não devemos esperar?

Há respostas contraditórias para essa questão crucial. De acordo com a primeira corrente, a iniciação cristã ou o ato de tornar-se cristão é um processo em dois estágios, consistindo primeiro na conversão e no batismo na água e depois na dádiva ou no batismo do Espírito, de modo que a experiência dos samaritanos deve ser considerada normal. De acordo com a segunda, a iniciação cristã é um acontecimento que consiste em um só estágio, compreendendo arrependimento/fé, o batismo na água e o batismo no Espírito, de modo que o que aconteceu em Samaria deve ser julgado anormal.

a. A iniciação em dois estágios

Atos 8 é o texto principal dos dois grandes grupos em extremos opostos do espectro eclesiástico, de um lado os "católicos" (os católicos romanos e alguns católicos anglicanos) e de outro, os "pentecostais" (pentecostais clássicos, juntamente com alguns neo-pentecostais ou cristãos carismáticos dentro de denominações mais antigas). Ambos dizem que essa passagem confirma a sua crença de que a iniciação compõe-se de dois estágios, sendo que o segundo estágio (a dádiva do Espírito) é acompanhado pela imposição de mãos com oração. É verdade que existem algumas diferenças entre eles: o esquema católico é amplamente exterior e cerimonial, enquanto que o esquema pentecostal é amplamente interior e espiritual. Permanece, porém, uma semelhança surpreendente.

Os católicos crêem que o primeiro estágio da iniciação é o batismo, e o segundo, a confirmação por um bispo tido como sucessor dos apóstolos, através de cuja imposição das mãos o Espírito é dado. Essa posição pode remontar a Hipólito e Cipriano, no século III. Cipriano comentou sobre o acontecimento samaritano: "Exatamente a mesma coisa ocorre conosco hoje; os que foram batizados na igreja são apresentados aos bispos da igreja, para que, por nossa oração e imposição de mãos, possam receber o Espírito Santo".[19] Autores católicos modernos tendem a ensinar o mesmo. George D. Smith, por exemplo, escreve que o episódio samaritano "apresenta todos os sinais de um procedimento normal".[20] Baseando-se na mesma passagem, Ludwig Ott sistematiza a posição católica da seguinte forma: "a) os apóstolos cumpriram um ritual sacramental, que consiste em imposição de mãos e oração; b) o efeito desse ritual exterior foi a

comunicação do Espírito Santo ...; c) os apóstolos agiram em nome de Cristo ... O jeito natural (*sc.* deles) pressupõe ser uma ordenança de Cristo".[21] Semelhantemente R. B. Rackham, um comentarista devoto anglo-católico, argumenta que, em virtude de, em Atos 8, o Espírito ter sido concedido através das mãos dos apóstolos, "a igreja aceitou isso como método normal", e o perpetuou em seu ritual da confirmação episcopal.[22] O Livro de Oração da Igreja Anglicana, de 1928, passa a mesma impressão. Na verdade, o texto de sua Ordem da Confirmação fala apenas do Espírito Santo "fortalecendo" aqueles que já foram "renegerados". Todavia, o prefácio ao culto declara que "ao ministrar-se a confirmação, a igreja deve seguir o exemplo dos apóstolos de Cristo", citando Atos 8 como apoio e atribuindo-lhe o ensino de que "uma dádiva especial do Espírito Santo é concedida através da imposição de mãos com oração", sem esclarecer o que seria essa "dádiva especial".

As igrejas pentecostais, juntamente com algumas (de forma nenhuma todas) carismáticas, também ensinam a iniciação cristã em dois estágios, mas a formulam de maneira diferente. Para elas, o primeiro estágio consiste em conversão (a meia-volta do homem em arrependimento e fé) e regeneração (a obra do novo nascimento), enquanto que o segundo estágio é o "batismo no (ou do) Espírito", muitas vezes (mas nem sempre) associado com a imposição de mãos por um líder pentecostal. Por exemplo, no sétimo parágrafo da Declaração das Verdades Fundamentais, das Assembléias de Deus, consta que "todos os crentes são chamados para o batismo no Espírito Santo e fogo, e devem esperá-lo ardentemente e buscá-lo sinceramente, de acordo com o mandamento de nosso Senhor Jesus Cristo. Era essa a experiência de todos na igreja cristã primitiva ..." Semelhantemente, Myer Pearlman, um professor bíblico da Assembléia de Deus, escreve: "Embora admitamos abertamente que os cristãos nasceram do Espírito, e que os obreiros foram ungidos com o Espírito, afirmamos que nem todos os cristãos experimentaram a operação carismática (i.e., o batismo) do Espírito, seguida por elocuções sobrenaturais repentinas".[23]

Ao procurarmos avaliar os pontos de vista acima, estamos, no momento, preocupados apenas com uma pergunta: será que a experiência samaritana de dois estágios deve ser considerada uma norma de iniciação cristã? Não negamos que a experiência

samaritana se deu, de fato, em dois estágios. Nem temos direito algum de negar que, tendo acontecido uma vez, ela possa acontecer novamente, sobretudo se as circunstâncias forem semelhantes. Não podemos infringir a soberania do Espírito Santo. Mas perguntamos novamente: é o propósito normal de Deus que a recepção do Espírito seja uma segunda experiência, subseqüente à conversão e ao batismo?

Precisamos dar uma resposta negativa a essa pergunta (analisaremos a alternativa positiva mais tarde), pois o que aconteceu em Samaria divergiu do ensino simples e geral dos apóstolos. A iniciação cristã, de acordo com o Novo Testamento, é uma experiência única, na qual nos arrependemos, cremos, somos batizados e recebemos o perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo, após a qual, pelo poder do Espírito que habita em nós, crescemos rumo à maturidade cristã. Durante esse período de crescimento pode, de fato, haver experiências mais profundas, mais plenas e mais ricas com Deus; mas devemos rejeitar a insistência no estereótipo de dois estágios. Ademais, não é necessária nenhuma imposição de mãos humanas para completar a obra salvífica inicial de Deus. Para não deixar nenhuma dúvida, a imposição de mãos é um gesto significativo que acompanha a oração em favor de alguém, seja para bênção, consolo, cura ou ordenação. E a Igreja Anglicana a manteve na confirmação episcopal, apesar de seu propósito nesse contexto ser o de assegurar aos candidatos a aceitação de Deus em relação a eles e conduzi-los à plena participação na igreja – e, de modo nenhum, conceder-lhes o Espírito Santo.

A situação samaritana, portanto, na qual houve uma experiência composta de dois estágios, juntamente com a imposição de mãos dos apóstolos, foi excepcional e não deve ser vista como norma para nós hoje, nem em termos católicos nem pentecostais.

b. A iniciação em um estágio

Uma possível forma de lidar com a primeira metade de Atos 8 é dizer que mesmo a experiência dos samaritanos, apesar de ocorrer em duas etapas, não foi uma iniciação em dois estágios como pode parecer à primeira vista, pois um dos dois estágios não é iniciatório.

Alguns argumentam que no primeiro estágio dos samaritanos

não houve uma conversão genuína. Campbell Morgan interpreta tal aceitação da palavra de Deus (v. 14) como uma assimilação meramente intelectual: "eles não tinham recebido o Espírito que traz regeneração, o início da nova vida".[24] Em nossos dias, Dunn apresenta um desenvolvimento profundo dessa tese. Ele sugere que os samaritanos foram levados "pelo instinto gregário de um movimento popular de massa". Diz-se, apenas, que eles "deram crédito a Filipe" (v. 12), o que, segundo ele, não significa que eles creram em Jesus Cristo; e o batismo deles (como o de Simão) teria sido um ritual vazio. Além disso, já que "nos tempos neotestamentários a possessão do Espírito Santo era a marca registrada do cristão", simplesmente não podemos considerar que os samaritanos fossem cristãos naquele estágio. O segundo estágio, portanto, era na verdade o primeiro. Foi através de Pedro e João, e não de Filipe, que eles se tornaram cristãos.[25]

Essa é uma reconstrução engenhosa, mas ela não foi amplamente aceita. A principal objeção é de que Lucas não oferece nenhum indício de que tivesse considerado inadequada a primeira resposta dos samaritanos, apesar de deixar bem claro que a confissão de Simão havia sido falsa. Lucas escreve que bênçãos extraordinárias acompanhavam o ministério de Filipe (vs. 4-8); que os samaritanos "deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito de ... Jesus Cristo" (v. 12), sendo inadmissível separar entre dar crédito a Filipe e dar crédito ao Cristo que ele pregava; que Samaria "recebera a palavra de Deus" (v. 14), com o mesmo sentido de crer que ele dá a essa frase em outros trechos (e.g. 2:41 e 11:1); e que os apóstolos não deram nenhuma indicação no sentido de julgarem o ministério de Filipe ou a fé dos samaritanos imperfeitos.

Outros afirmam que os samaritanos realmente creram em Jesus e que, portanto, devem ter recebido o Espírito naquele instante, de acordo com o ensino do Novo Testamento. Conseqüentemente, o que eles receberam através da imposição de mãos dos apóstolos não foi o dom inicial do Espírito (que receberam na hora de sua conversão) mas, sim, algumas manifestações carismáticas do Espírito. Calvino ensinou isso: "Resumindo, desde que os samaritanos já tinham recebido o Espírito da adoção, as graças extraordinárias do Espírito são acrescentadas como culminação".[26] E comentaristas reformados tendem a segui-lo. Eles podem estar corretos. A afirmação de que o Espírito "não havia ainda descido sobre nenhum deles" (v. 16) pode, com certeza, referir-se a dons

e graças especiais. Por outro lado, Lucas jamais mencionou que os samaritanos receberam o Espírito quando creram e foram batizados, mas ele usa essa linguagem de "receber" e "conceder" o Espírito (vs. 15,17-19) como sinônimos de o Espírito "descer" sobre eles, sugerindo que o que receberam através do ministério dos apóstolos era o dom inicial do Espírito.

Embora essas duas reconstruções se excluam mutuamente, elas têm uma coisa em comum. Ambas afirmam que a iniciação cristã dos samaritanos foi um acontecimento único, pois elas negam que um dos estágios tenha sido iniciatório. De acordo com o primeiro ponto de vista, o primeiro estágio foi uma conversão espúria e o batismo irregular, de modo que o segundo estágio seria a iniciação completa, incluindo a fé e o dom do Espírito. De acordo com o segundo ponto de vista, o primeiro estágio foi a iniciação completa dos samaritanos, incluindo sua conversão e recebimento do Espírito, de modo que o segundo estágio não teria sido iniciatório mas, sim, uma dotação carismática subseqüente. Em ambos os casos, eliminando-se um dos dois estágios (declarando falso o primeiro ou complementar o segundo) chega-se ao mesmo resultado, ou seja: a iniciação cristã envolve um único estágio.

Entretanto, nenhuma das reconstruções é satisfatória, já que Lucas parece ver o primeiro estágio como a conversão genuína e o segundo estágio como o recebimento inicial do Espírito. Nesse caso, por Lucas descrever uma iniciação em duas etapas na Samaria, a explicação alternativa é considerá-la completamente incomum. Existem duas fortes indicações disso, ou seja, de que ela seria diferente do ensino e da prática normais dos apóstolos.

Atentemos para o ensino dos apóstolos. É sempre perigoso isolar qualquer passagem das Escrituras, e sempre sábio interpretar as Escrituras pelas Escrituras. Qual seria, então, o ensino geral das Escrituras sobre o recebimento do Espírito? De acordo com o primeiro sermão de Pedro, o perdão e o dom do Espírito são bênçãos iniciais gêmeas que Deus concede a todos a quem ele chama, a quem se arrepende, crê e é batizado (2:38-39). Paulo concorda com Pedro. Deus dá o seu Espírito a todos os seus filhos, de modo que: "se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele".[27]

Lucas deve ter conhecido muito bem esse ensino apostólico, pois ele foi um constante companheiro de Paulo em suas viagens, e é ele quem recorda a instrução de Pedro em Atos 2:38-39. Não estranhamos, portanto, ao detectarmos um tom de surpresa em

sua narrativa quando ele relata que os samaritanos não tinham recebido o Espírito, mas "somente" haviam sido batizados em Cristo. "*Somente* implica que se esperava ou era de costume que as duas coisas acontecessem juntas."[28] Mas, contrariando as expectativas, eles haviam recebido o batismo na água sem o batismo no Espírito, o signo sem o significante. Lucas indica que havia algo distintamente estranho nessa separação. Foi devido a essa irregularidade, escreve Dunn, que "os dois apóstolos desceram de Jerusalém o mais rápido possível para consertar a situação que estava errada".[29]

Em segundo lugar, havia uma divergência em relação à prática dos apóstolos. Lucas nos conta que nessa ocasião a assembléia dos apóstolos, se assim podemos chamar, enviou uma delegação de dois de seus líderes para avaliar o que estava acontecendo em Samaria. Essa foi uma atitude singular. Os apóstolos normalmente não exerciam o papel de "inspetores da evangelização". Em outras ocasiões em que o povo recebeu o evangelho, eles não foram investigar nem julgaram necessário acrescentar a sua insígnia ao que havia sido feito. Eles não o fizeram em relação à evangelização dos outros cristãos mencionada no início deste capítulo (vs. 1, 4) ou à conversão do etíope, relatada no final dele (vs. 26-40). "A imagem de apóstolos correndo para cima e para baixo no extremo Leste do Mediterrâneo, na tentativa de manter sob controle a rápida expansão do evangelho cristão, com pouco tempo para outra coisa além de 'cultos de confirmação' é engraçada, mas inconcebível".[30] Por que, então, foi necessário que uma delegação apostólica oficial fosse investigar e confirmar a obra de Filipe? E por que, em todo o caso, o Espírito não foi concedido através do próprio Filipe que tinha feito a pregação e o batismo? Que motivo especial teria Deus para impedir a descida do Espírito? Não há nenhuma indicação de que a pregação de Filipe fosse deficiente. Nesse caso, os apóstolos a teriam complementado, mas o que eles fizeram foi orar pelos samaritanos e impor-lhes a mãos, não instruí-los.

A explicação mais natural para esse atraso da dádiva do Espírito é que era a primeira vez que o evangelho tinha sido pregado não só fora de Jerusalém, mas também dentro de Samaria. Esta é, evidentemente, a importância deste episódio na narrativa de Lucas, pois os samaritanos eram um tipo de campo intermediário entre judeus e gentios. De fato "a conversão de Samaria foi como os primeiros frutos do chamado dos gentios".[31]

Os equivalentes mais próximos da investigação realizada por Pedro e João ocorreram quando os gentios creram pela primeira vez. Quando Cornélio se converteu, os apóstolos pediram a Pedro que explicasse suas ações (11:1-18), e quando os gregos se voltaram para o Senhor em Antioquia, Barnabé foi enviado para fazer um reconhecimento da situação (11:20-24).

Como vimos anteriormente, o cisma samaritano existia havia séculos. Mas agora os samaritanos estavam sendo evangelizados, e estavam respondendo ao evangelho. Era um momento de avanço significativo, carregado também de grande perigo. O que aconteceria a seguir? Será que a antiga rixa continuaria? O evangelho fora bem recebido pelos samaritanos, mas seriam os samaritanos bem recebidos pelos judeus? Ou haveria facções separadas de cristãos samaritanos? O atraso foi apenas temporário, até que os apóstolos viessem para investigar, endossassem o corajoso programa de evangelização dos samaritanos feito por Filipe, orassem pelos convertidos, impusessem as mãos sobre eles como "sinal de comunhão e solidariedade",[33] e assim dessem um sinal público à igreja inteira, bem como aos próprios convertidos samaritanos, de que eles eram cristãos *bona fide*, a serem incorporados na comunidade redimida nos mesmos termos que os convertidos judeus. Citando Geoffrey Lampe novamente, "neste ponto crucial na missão, era necessário algo mais, além do batismo normal dos convertidos. Era necessário demonstrar aos samaritanos que, sem dúvida alguma, eles haviam se tornado membros da igreja, em comunhão com as "colunas" originais ... Uma situação sem precedentes exigia métodos excepcionais."[34]

Essa parece ser a única explicação que leva em consideração todos os dados de Atos 8, analisa o episódio dentro de seu contexto histórico, a missão cristã em desenvolvimento, e é coerente com o resto do Novo Testamento. Essa versão tem sido cada vez mais aceita em ambos os lados da divisa carismática. Apesar de J. I. Packer considerá-la não mais do que uma "tentativa", acrescenta que "ela parece ser racional e reverente".[35] Semelhantemente, Michael Green interpreta o atraso como "um veto divino contra um cisma na igreja infante, um cisma que poderia ter penetrado quase despercebido na comunidade cristã, à medida que os convertidos de ambos os lados da 'cortina samaritana' fossem encontrando Jesus sem se encontrarem uns com os outros. Isso seria a negação do um só batismo e de tudo o

que ele representava."[36]

Em todo caso, a ação dos apóstolos parece ter sido eficaz. A partir dali, os judeus e os samaritanos seriam recebidos na comunidade cristã sem distinção. Havia um só corpo porque havia um só Espírito.

Resumindo, o acontecimento samaritano não fornece nenhuma confirmação bíblica para a doutrina da iniciação cristã em dois estágios, nem para a prática da imposição de mãos para inaugurar um suposto segundo estágio. A visita oficial e a ação de Pedro e João foram historicamente excepcionais. Esses fatos não possuem equivalentes precisos em nossos dias, porque já não existem samaritanos nem apóstolos de Cristo. Hoje, por não sermos samaritanos, recebemos o perdão e o Espírito, juntos, no momento em que cremos. Quanto à imposição de mãos, apesar de poder ser um gesto adequado e útil em vários contextos, seu emprego como meio pelo qual o Espírito é concedido e recebido não possui autoridade, seja na confirmação episcopal ou no ministério carismático, porque nem os bispos nem os líderes pentecostais são comparáveis a Pedro e João, nem mesmo Filipe, apesar de ter sido escolhido diretamente por eles.

3. Filipe, o evangelista, e o líder etíope (8:26-40)

Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Dispõe-te e vai para a banda do sul, no caminho que desce de Jerusalém a Gaza; este se acha deserto. Ele se levantou e foi. [27]*Eis que um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro, que viera adorar em Jerusalém,* [28]*estava de volta, e, assentado no seu carro, vinha lendo o profeta Isaías.* [29]*Então disse o Espírito a Filipe: Aproxima-te desse carro, e acompanha-o.*

[30]*Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías, e perguntou: Compreendes o que vens lendo?*

[31]*Ele respondeu: Como poderei entender, se alguém não me explicar? E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele.*

[32]*Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era esta:*

Foi levado como ovelha ao matadouro; e como um cordeiro, mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abre a sua boca. [33]*Na sua humilhação lhe negaram justiça; quem lhe poderá descrever a geração? Porque da terra a sua vida é tirada.*

[34]Então o eunuco disse a Filipe: Peço-te que me expliques a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de algum outro? [35]Então Filipe explicou; e, começando por esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus.

Logo depois que Pedro e João partiram da cidade de Samaria, Filipe recebeu outro encargo evangelístico. Foi-lhe ordenado que fosse "para a banda do sul". A pessoa que lhe deu essa ordem é chamada de *um anjo do Senhor*, apesar de, em momentos posteriores, nesse mesmo episódio, ser o "Espírito do Senhor" quem o conduz até o etíope (v. 29) e quem o tira de lá (v. 39). Filipe foi enviado *ao caminho* (de cerca de cem quilômetros) *que desce de Jerusalém a Gaza*, que, dentre as cinco cidades dos filisteus era a que ficava mais ao sul, perto da costa mediterrânea. Não sabemos se a Gaza em questão era a "antiga Gaza", destruída em 93 a.C. ou a "nova Gaza" construída ainda mais ao sul, uns trinta e cinco anos depois. Em todo o caso, a estrada era muito usada, pois, passando por Gaza, seguia até o Egito e, portanto, até o continente africano.

a. Filipe encontra o etíope (vs. 27-29)

A "Etiópia" daqueles dias correspondia ao que chamamos hoje de "Nilo Superior", indo aproximadamente de Assuã a Cartum. O homem daquela região que Lucas nos apresenta não era apenas um *eunuco* (como a maioria dos que trabalhavam na corte naquela época) mas *alto oficial de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todo o seu tesouro* (v. 27). Sabe-se que "Candace" não era um nome pessoal e, sim, um título dinástico da rainha-mãe que exercia certas funções em nome do rei. O oficial etíope a quem Filipe foi enviado era tesoureiro ou ministro das finanças, provavelmente um negro africano. Mas *viera adorar em Jerusalém*, como um peregrino em uma das festas anuais, e agora *estava de volta, e, assentado no seu carro, vinha lendo* um rolo do *profeta Isaías* (v. 28). Isso pode significar que ele era de fato judeu por nascimento ou conversão, pois a dispersão judaica tinha alcançado pelo menos o Egito e, provavelmente, além. Talvez a promessa aos eunucos descrita em Isaías 56:3-4 já tivesse vencido a maldição de Deuteronômio 23:1. É pouco provável que ele fosse gentio, já que Lucas não o apresenta como o primeiro convertido gentio; essa distinção é reservada para Cornélio. Ele vê a

conversão do etíope mais como outro exemplo da diluição dos laços com Jerusalém (prevista por Estêvão em sua defesa) e da libertação da palavra de Deus para ser o evangelho do mundo. É especialmente significativo que esse africano, que *viera adorar em Jerusalém*, agora a estava deixando e provavelmente nunca retornaria. Ao terminar a história, Lucas afirma que ele "foi seguindo o seu caminho; cheio de júbilo" (v. 39), afastando-se de Jerusalém, mas em companhia de Cristo.

b. Filipe compartilha as boas novas com o etíope (vs. 30-35)

Atendendo à ordem: *Aproxima-te desse carro, e acompanha-o* (v. 29), Filipe *corre* a seu lado, perto o suficiente para ouvir o homem *ler o profeta Isaías* (pois todos liam em voz alta naquela época), e perto o suficiente para perguntar: *Compreendes o que vens lendo?* (v. 30). Respondendo que não poderia entender se alguém não lhe explicasse, *convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele*, em sua carruagem (v. 31).

Calvino ressalta a modéstia do etíope, que "reconhece sua ignorância livre e abertamente", contrastando-o com uma pessoa "cheia de confiança em suas próprias capacidades". Ele continua: "É por isso que a leitura das Escrituras frutifica em tão poucas pessoas hoje, porque mal se pode encontrar um em cem que alegremente se submeta ao ensino."[37] A verdade é que Deus nos concedeu duas dádivas: as Escrituras e os mestres (para abrirem, exporem e aplicarem as Escrituras). É maravilhoso ver a providência de Deus na vida do etíope, primeiro, permitindo-lhe obter uma cópia do rolo de Isaías e, depois, enviando-lhe Filipe para ensiná-lo a respeito. Como escreve Howard Marshall, "o modo como a história é narrada tem certas semelhanças, quanto à estrutura, com outra história na qual um Estranho acompanhou dois viajantes e abriu perante eles as Escrituras, participou de um ato sacramental, e depois desapareceu de vista (Lc 24:13-35)."[38]

Imaginemos, portanto, o etíope com o rolo de Isaías 53 aberto sobre o colo, agora com Filipe sentado ao seu lado, enquanto a carruagem segue seu caminho aos solavancos, em direção ao sul. Os versículos que Lucas cita[39] falam de um homem sofredor que *foi levado como ovelha ao matadouro* e ficou mudo *como um cordeiro ... perante o seu tosquiador*. Ele experimenta profunda *humilhação, negam-lhe* justiça, e é morto (vs. 32-33). O etíope pergunta se o profeta *fala de si mesmo ou de algum outro* (v. 34). Em resposta,

começando por esta passagem da Escritura, Filipe *anunciou-lhe a Jesus* (v. 35). Não há nenhuma evidência de que alguém dentro do judaísmo do primeiro século estivesse esperando um Messias sofredor, em vez de um Messias triunfante. Não, foi Jesus mesmo que aplicou Isaías 53 a si e entendeu sua morte à luz dessa passagem.[40] Foi dele, portanto, que os cristãos primitivos aprenderam a ler Isaías 53 dessa forma. O coração do etíope estava tão bem preparado pelo Espírito Santo que ele parece ter crido imediatamente, pedindo que fosse batizado.

Crisóstomo contrasta a conversão do etíope com a de Saulo de Tarso, relatada em Atos 9. Diz ele: "Verdadeiramente, temos motivos para admirar esse eunuco." Pois, diferente de Saulo, ele não teve nenhuma visão sobrenatural de Cristo, mas creu. "Como é maravilhosa a leitura cuidadosa das Escrituras!"[41]

c. Filipe batiza o etíope (vs. 36-39a)

Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, provavelmente um rio intermitente ao longo da estrada, o etíope disse: *Eis aqui água, que impede que seja eu batizado?* (v. 36). O versículo seguinte (v. 37) é um acréscimo ocidental, não encontrado em manuscritos mais antigos: "Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus". As duas frases parecem ter pertencido a uma liturgia primitiva do batismo. Provavelmente foram inseridas no texto por um escriba que não tinha dúvida de que Filipe, antes de batizar o etíope, se assegurou de que este cria de coração, ao contrário de Simão, o mágico, cujo coração não era "reto diante de Deus" (v. 21). De qualquer forma, o etíope *mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco* (v. 38). A água era um sinal visível da purificação dos seus pecados e do batismo com o Espírito. A propósito, as palavras "desceram à água", como comenta J. A. Alexander, "não afirmam nada sobre sua extensão ou profundidade".[42] *Pode* estar implícita uma imersão total, mas, nesse caso, o batizador e o batizando seriam submersos juntos, pois a afirmação se refere aos dois. Por isso a expressão deve significar, como sugerem as primeiras pinturas, que eles entraram na água até a cintura, e que Filipe então derramou água sobre o etíope.[43] Vários manuscritos acrescentam que "o Espírito Santo veio sobre o eunuco", e alguns eruditos aceitam essas palavras como autênticas. Mas parece mais provável

que elas tenham sido acrescentadas especificamente para "tornar explícito o fato de que o batismo do etíope foi seguido pelo dom do Espírito Santo".[44]

d. Filipe é retirado da presença do etíope (vs. 39b-40)

Lucas dá a entender que imediatamente depois *de saírem da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe* (v. 39) e ele *veio a achar-se em Azoto* (v. 40a). Alguns entendem essa viagem como um "passeio supersônico",[45] que se deu "numa velocidade milagrosa".[46] De fato, o verbo grego para "arrebatar" (*harpazo*) normalmente significa "agarrar" ou "apoderar-se" como num rapto.[47] Mas eu creio que a opinião de Campbell Morgan seja a correta: "De forma nenhuma é necessário que isso seja considerado um milagre. Nunca tento ver milagres onde não há, assim como nunca tento cancelar um milagre que está lá."[48] Seja como for, o eunuco *não o viu mais, porém continuou a sua viagem cheio de alegria* (v. 39b, BLH), sem o evangelista, mas com o evangelho, sem a ajuda humana, mas com o Espírito divino que não só lhe deu alegria, mas também, de acordo com Irineu, deu-lhe coragem e poder em seu país natal "para pregar aquilo em que ele mesmo crera".[49] Filipe também continuou a evangelizar; subindo para o norte pelo litoral, *evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia* (v. 40b), onde, mais tarde (se não agora), fixou residência (21:8).

4. Algumas lições sobre evangelização

Lucas reuniu aqui dois exemplos do trabalho evangelístico de Filipe, e é instrutivo compará-los e contrastá-los. As semelhanças são claras. Em ambos os casos o mesmo espírito pioneiro foi apresentado por Filipe, que ganhou os primeiros samaritanos e o primeiro africano para Cristo. A ambos os públicos foi apresentada a mesma mensagem, ou seja, as boas novas de Jesus Cristo (vs. 12, 35), pois existe apenas um evangelho. Em ambas as situações houve a mesma resposta, pois os ouvintes creram e foram batizados (vs. 12, 36-38). E em ambos os casos é registrado o mesmo resultado, a alegria (vs. 8, 39).

As diferenças também são surpreendentes. Não estou pensando na maneira como o Espírito foi recebido ou na delegação apostólica enviada a Samaria, que não teve equivalente na conversão do etíope. Estou pensando mais nas pessoas

evangelizadas e nos métodos empregados.

Analisemos as pessoas que foram evangelizadas. As pessoas com quem Filipe compartilhou as boas novas eram diferentes em raça, posição e religião. Os samaritanos eram de uma raça mista, meio-judeus, meio-gentios, e asiáticos, enquanto que o etíope era um negro africano, embora, provavelmente fosse judeu por nascimento ou um prosélito. Quanto à posição, os samaritanos certamente eram cidadãos comuns, enquanto que o etíope era um funcionário público distinto, a serviço da coroa. Isso nos leva à religião. Os samaritanos reverenciavam Moisés, mas rejeitavam os profetas. Recentemente haviam sido iludidos por Simão, o feiticeiro, e seus poderes ocultos. Eles davam ouvidos a ele (v. 10) antes de ouvirem a Filipe (v. 6). O etíope, por outro lado, tinha uma forte ligação com o judaísmo, talvez como convertido, e isso o levou a peregrinar para Jerusalém e a ler um dos profetas rejeitados pelos samaritanos. Os samaritanos eram instáveis e crédulos, enquanto que o etíope buscava sinceramente a verdade. Ainda assim, apesar das diferenças de origem racial, classe social e condição religiosa, Filipe apresentou a ambos as mesmas boas novas de Jesus.

Consideremos agora os métodos empregados por Filipe. Sua missão aos samaritanos foi um exemplo precoce de "evangelização em massa", pois "as multidões" ouviram sua mensagem, viram seus sinais, deram-lhe atenção, creram e foram batizadas (vs. 6, 12). A conversa de Filipe com o etíope, porém, foi um exemplo de "evangelização pessoal", pois aqui era um homem sentado ao lado de outro, falando em particular e com paciência sobre Jesus, a partir das Escrituras. É notável, também, que o mesmo evangelista fosse maleável o suficiente para empregar ambos os métodos, ou seja, a proclamação pública e o testemunho particular. Mas, apesar de alterar seu método, ele não alterou sua mensagem bíblica.

É essa combinação de mudança (em relação aos contextos e métodos) e imutabilidade (em relação ao evangelho em si), juntamente com a capacidade de discernir esses dois elementos, que constitui um dos valiosos legados de Filipe à igreja.

Notas:

1. Hengel, p. 80.
2. Barclay, p. 64.

3. Neil, p. 119; *diaspeiro* é a palavra traduzida por "dispersos" nos versículos 1 e 4.
4. Green, *Evangelism*, p. 180; cf. p. 208.
5. Bengel, p. 585.
6. Jo 4:9.
7. E.g. Lc 9:52-56; 10:30-37; 17:11-19; cf. Jo 4. A proibição de Jesus quanto à evangelização em qualquer cidade samaritana (Mt 10:5) restringia-se ao período de seu ministério público, e estava agora suspensa.
8. Cf. Jo 4:25.
9. Haenchen, p. 303.
10. Justino Mártir, *Apologia*, I. 26.
11. Irineu, *Contra Heresias*, 1.23.1-5. Para um sumário completo das tradições e lendas posteriores sobre Simão, o mágico, veja nota de R. P. Casey em *BC*, V, pp. 151-163.
12. Calvino, I, p. 233.
13. Alexander, I, p. 329.
14. Cf. Tg 2:19.
15. Lc 9:51-56.
16. Marshall, *Atos*, p. 152.
17. Bruce, *English*, p. 183.
18. Veja Metzger, pp. 358-359.
19. Cipriano, *Cartas*, 73.9; de *Early Latin Theology*, traduzido e editado por S. L. Greenslade, vol. V da Library of Christian Classics (SCM, 1956).
20. *The Teaching of the Catholic Church*, de George D. Smith (Burns and Oates, segunda edição, 1953), p. 816.
21. *Fundamentals of Catholic Dogma*, de Ludwig Ott (Mercier Press, sexta edição, 1963), p. 362.
22. Rackham, p. 117.
23. *Knowing the Doctrines of the Bible*, de Myer Pearlman (Gospel Publishing House, Springfield, Missouri, edição revisada, 1981), p. 313.
24. Morgan, p. 157.
25. Dunn, *Baptism*, pp. 63-68.
26. Calvino, I, p. 236. Semelhantemente, B. B. Warfield escreveu que aquilo que os samaritanos receberam através do ministério de Pedro e João foram "os dons extraordinários do Espírito" (*Miracles Yesterday and Today* [1918; Eerdmans, 1965], p. 22).
27. Rm 8:9; cf. Rm 8:14-16; 1 Co 6:19; Gl 3:2, 14; 4:6.
28. Alexander, I, p. 332.
29. Dunn, *Baptism*, p. 58.
30. *Ibid.*, p. 59.
31. Calvino, I, p. 225.
32. *Ibid.*, p. 235.
33. *The Seal of the Spirit*, de G. W. H. Lampe (SPCK, segunda edição, 1967), p. 70.
34. *Ibid*, pp. 69-70.
35. *Keep in Step with the Spirit*, de J. I. Packer (IVP, 1984), p. 204.
36. Green, *I Believe in the Holy Spirit*, p. 168.

37. Calvino, I, p. 247.
38. Marshall, *Atos*, p. 156.
39. Is 53:7-8.
40. E.g. Mc 10:45; 14:24:ss.; Lc 22:37.
41. Crisóstomo, Homilia XIX, p. 126.
42. Alexander, I, p. 350.
43. Veja Hanson, pp. 107, 111.
44. Metzger, pp. 360-361.
45. Horton, p. 112.
46. Bengel, p. 592.
47. 1 Ts 4:17.
48. Morgan, p. 171.
49. Irineu, *Contra Heresias*, 3.12.8.

Atos 9:1-31
7. A conversão de Saulo

Agora que Estêvão e Filipe deram suas contribuições pioneiras nos preparativos para a missão mundial, Lucas está pronto para contar a história de duas conversões notáveis que a fizeram disparar. A primeira é a de Saulo de Tarso, que se tornou apóstolo dos gentios,[1] e a segunda, a do centurião Cornélio, que foi o primeiro gentio a se tornar cristão. A conversão de Saulo está neste capítulo, e a de Cornélio no próximo.

A experiência de Saulo na estrada de Damasco é a conversão mais famosa na história da igreja. Lucas fica tão impressionado com a sua importância, que a relata três vezes, uma vez em sua própria narrativa, e duas nos discursos de Paulo. Ele evidentemente anseia, como afirma o Livro de Oração Comum, que "tenhamos essa maravilhosa conversão na lembrança".

Entretanto, à medida que lemos, surge uma pergunta crucial em nossas mentes. Será que Lucas espera que consideremos a conversão de Saulo como um padrão de conversão cristã para hoje ou como algo excepcional? Muitas pessoas a rejeitam, considerando-a completamente incomum, não podendo ser, de modo nenhum, norma para a conversão hoje em dia. "Eu não tive uma experiência na estrada de Damasco", dizem. Certamente alguns aspectos foram atípicos. Por um lado, havia eventos dramáticos e sobrenaturais, como o flash de luz e a voz que o chamou pelo seu nome. Por outro lado, havia os aspectos históricos únicos, como a aparição do Jesus ressurreto, que Paulo alega, mais tarde, ter sido a última (9:17, 27 e 1 Co 15:8), e a sua comissão como apóstolo, semelhante ao chamado de Isaías, Jeremias e Ezequiel para serem profetas, e mais particularmente para ser o apóstolo aos gentios.[2] Para sermos convertidos não é necessário sermos atingidos por uma luz divina, ou cairmos no chão, ou ouvirmos nosso nome sendo falado em aramaico, assim

como não é necessário viajarmos para o ponto exato daquela estrada de Damasco. Nem podemos garantir uma aparição de Jesus ressurreto ou um chamado para o apostolado como aconteceu com Paulo.

Mesmo assim, fica muito claro, de acordo com o resto do Novo Testamento, que outros aspectos da conversão e comissão de Saulo podem ser aplicados a nós hoje. Pois nós também podemos (e devemos) experimentar um encontro pessoal com Jesus Cristo, submeter-nos a ele em arrependimento e fé, e receber o seu chamado para o serviço. Contanto que façamos uma distinção entre o historicamente singular e o universal, entre os complementos dramáticos externos e a experiência interna essencial, o que aconteceu a Saulo continua sendo um caso instrutivo de conversão cristã. E mais, a "paciência ilimitada" de Cristo para com ele deveria ser um "exemplo" encorajador para outros.[3]

Deve-se considerar ainda outro tipo de ataque à história da conversão de Saulo: a tentativa de eliminar todos os elementos sobrenaturais. No último século, alguns comentaristas especularam que Saulo foi vencido pelo sol intenso ou por um ataque epilético. Na nossa geração, foi proposta uma explicação parcialmente psicológica e parcialmente fisiológica para a sua conversão, especialmente por Dr. William Sargant, em seu livro *Battle for the Mind*.[4] Com o subtítulo "uma fisiologia da conversão e da lavagem cerebral", o objetivo do livro é mostrar "como crenças ... podem ser implantadas à força na mente humana, e como pessoas podem ser desviadas para crenças arbitrárias, completamente contrárias ao que criam anteriormente", enquanto que a conclusão é que "existem mecanismos fisiológicos simples de conversão".[5] Baseando sua tese na experiência de Pavlov com cachorros e em sua própria experiência, durante a guerra, no tratamento de pacientes que não resistiram à exaustão do combate", Dr. Sargant conjectura que algo semelhante aconteceu a Saulo. Depois de um "estágio agudo de excitação nervosa" vieram "colapso total, alucinações e um estado de crescente sugestionabilidade",[6] intensificados pelos três dias de jejum. Nessa condição, novas crenças, exatamente contrárias às de antes, foram implantadas, primeiro por Ananias e, depois, pelo "período necessário de doutrinamento" com os cristãos de Damasco.[7]

Não discordamos da análise geral do Dr. Sargant sobre a terrível técnica da lavagem cerebral, na qual a mente é

incessantemente bombardeada por idéias estranhas, até que sofre um colapso e se torna dócil e sugestionável. Também não negamos que danças rítmicas e batidas de tambores em cultos religiosos primitivos e até mesmo algumas formas de evangelização manipulativa e emocional provocam algo semelhante. Mas não concordamos com sua tentativa artificial de enquadrar a conversão de Saulo nesse caso. Pois os fatos não apóiam essa reconstrução. Não existe nenhuma evidência de que alguém tenha aplicado alguma "técnica" para "bombardear" Saulo até derrubá-lo, a não ser que tenha sido o próprio Jesus. Mas isso exigiria uma explicação sobrenatural, que destruiria a tese do Dr. Sargant. Além disso, as conversões em Atos são tão variadas que não podem ser explicadas de forma tão simples, em termos fisiológicos ou psicológicos.[8]

Contrastando totalmente com os incrédulos que tentam desacreditar a conversão de Saulo, eu gostaria de mencionar uma carta do século XVIII, escrita para Gilbert West pelo barão George Lyttelton publicada sob o título *Observação sobre a Conversão e o Apostolado de São Paulo*.[9] Ele estava tão convencido da autenticidade da conversão de Saulo que acreditava que ela em si, à parte de outros argumentos, "era suficiente para provar que o cristianismo é uma revelação divina".[10] Dirigindo a atenção para as referências de Paulo à sua conversão, tanto em seus discursos como em suas cartas, ele elaborou sua tese detalhadamente. Já que Saulo não era "um impostor, que dizia algo que sabia ser falso, com a intenção de enganar", nem "um entusiasta, que foi levado pela força de sua própria imaginação exagerada", nem "tinha sido enganado pela fraude dos outros", portanto "o que declarou ter sido a causa de sua conversão, e o que declarou ter acontecido em conseqüência disso, tudo aconteceu de fato, e a religião cristã, portanto, é uma revelação divina".[11]

Assim, aceitando o fato de que a conversão de Saulo realmente aconteceu devido a uma intervenção de Jesus Cristo, e aceitando a necessidade de fazermos uma distinção entre seus aspectos essenciais e excepcionais, estamos prontos para examinar sua causa e seus efeitos. Examinaremos sucessivamente: Saulo antes da conversão, Saulo e Jesus em seu encontro na estrada, Saulo e Ananias, que o recebeu na igreja de Damasco, e Saulo e Barnabé, que o apresentou aos apóstolos em Jerusalém.

1. Saulo em Jerusalém, antes da conversão (9:1-2)

Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote, 2e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém.

Se perguntarmos o que causou a conversão de Saulo, só existe uma resposta possível. O que sobressai na narrativa é a graça soberana de Deus através de Jesus Cristo. Saulo não se "decidiu por Cristo", como poderíamos dizer. Pelo contrário, ele estava perseguindo Cristo. É melhor dizer que Cristo se decidiu por ele e interveio em sua vida. A evidência disso é inquestionável.

Consideremos primeiro o estado mental de Saulo na época. Lucas já o mencionou três vezes, sempre como feroz adversário de Cristo e sua igreja. Ele nos conta que, no martírio de Estêvão, "as testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo" (7:58), que "Saulo consentia na sua morte" (8:1), e que, em seguida, "Saulo assolava a igreja" (8:3), procurando cristãos casa por casa, arrastando homens e mulheres para a prisão. Agora, Lucas resume a história dizendo que ele estava *respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor* (9:1). Ele não tinha mudado desde a morte de Estêvão; ele *ainda* estava na mesma condição mental de ódio e hostilidade.

E pior do que isso. É evidente que Saulo esperava segurar os seguidores de Jesus em Jerusalém, a fim de destruí-los ali (8:3). Mas alguns tinham escapado da sua rede, fugindo para Damasco, onde várias sinagogas serviam uma grande colônia judaica. Determinado a perseguir esses discípulos fugitivos em cidades estranhas, Saulo elaborou uma trama para liquidá-los e persuadiu o sumo sacerdote a sancioná-la (9:1b-2). Então, esse inquisidor auto-nomeado deixou Jerusalém, armado com a autorização escrita às sinagogas de Damasco para que, *caso achasse alguns que eram do Caminho* (uma descrição muito interessante dos seguidores de Jesus, que vamos considerar mais tarde), *assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém* (v. 2). Em linguagem moderna, o sumo sacerdote lhe concedeu uma ordem de extradição.

Alguns dos termos que Lucas usa para descrever Saulo antes da sua conversão parecem ser deliberadamente escolhidos para retratá-lo como "um animal selvagem e feroz".[12] O verbo

lymainomai, cuja única ocorrência no Novo Testamento se encontra em 8:3, em referência à "destruição" que Saulo causou à igreja, é empregado no Salmo 80:13 (LXX), em relação a animais selvagens destruindo uma vinha; o seu sentido específico é "destruição de um corpo por um animal selvagem".[13] Um pouco mais tarde, os cristãos de Damasco o descreveram como aquele que tinha causado um "extermínio em Jerusalém" (v. 21), onde o verbo empregado é *portheo* (como em Gl 1:13, 23), que C. S. C. Williams traduz como "espancar".[14] Continuando a mesma imagem, J. A. Alexander sugere que a menção de Saulo "respirando ameaças e morte" (v. 1) era uma "alusão ao arfar e ao bufar dos animais selvagens",[15] enquanto que, mais tarde, de acordo com Calvino, a graça de Deus é vista "não apenas em um lobo tão cruel sendo transformado numa ovelha, mas também em ele assumir o caráter de um pastor".[16]

Esse, portanto, era o homem (mais animal selvagem do que ser humano) que em poucos dias seria um cristão convertido e batizado. Mas ele não estava propenso a considerar as reivindicações de Cristo. Seu coração estava cheio de ódio e sua mente estava envenenada por preconceitos. Em suas próprias palavras, estava "demasiadamente enfurecido" (26:11). Se o tivéssemos encontrado quando saía de Jerusalém e (podendo prever o futuro) lhe disséssemos que antes de chegar a Damasco ele se tornaria cristão, ele teria considerado ridícula a idéia. Mas foi o que aconteceu. Ele tinha deixado a graça soberana de Deus fora dos seus cálculos.

2. Saulo e Jesus: sua conversão na estrada de Damasco (9:3-9)

Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma
luz do céu brilhou ao seu redor, [4]e, caindo por terra, ouviu uma voz que
lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

[5]Ele perguntou: Quem és tu, Senhor?

E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues; [6]mas, levanta-te,
e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer.

[7]Os seus companheiros de viagem, pararam emudecidos, ouvindo a
voz, não vendo, contudo, ninguém. [8]Então se levantou Saulo da terra e,
abrindo os olhos, nada podia ver. E guiando-o pela mão, levaram-no para
Damasco. [9]Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu nem
bebeu.

A segunda evidência de que a conversão de Saulo se devia apenas à graça de Deus é a narrativa de Lucas sobre o que aconteceu. Vamos coletar dados de todos os três relatos em Atos, e num capítulo posterior vamos compará-los e contrastá-los. Saulo e sua escolta (não sabemos quem eram) tinham quase completado sua viagem de cerca de 240 quilômetros, que deve ter levado por volta de uma semana. Quando se aproximaram de Damasco, um lindo oásis cercado pelo deserto, perto do meio dia, de repente, *uma luz do céu brilhou ao seu redor* (v. 3), mais clara do que o sol (26:13). Foi uma experiência tão grandiosa que ele ficou cegado (v. 8, 9) e caiu *por terra* (v. 4), "prostrado aos pés de seu conquistador".[17] Então *uma voz* dirigiu-se a ele (em aramaico, 26:14), de forma pessoal e direta:*Saulo, Saulo* [Lucas mantém o original aramaico, *Saoul*], *por que me persegues?* E, respondendo à pergunta de Saulo sobre a identidade daquele que falava, a voz continuou: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues* (v. 5). Imediatamente, Saulo deve ter entendido, pela forma extraordinária como Jesus se identificou com os seus seguidores, que persegui-los era perseguir a ele, que Jesus estava vivo e que suas afirmações eram verdadeiras. Assim obedeceu prontamente à ordem de levantar-se e entrar na cidade (v. 6), onde lhe seriam dadas outras instruções. Enquanto isso, *os seus companheiros de viagem, pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém* (v. 7). Eles também não entenderam as palavras do orador invisível (22:9). Mesmo assim, *guiando-o pela mão, levaram-no para Damasco* (v. 8). Ele, que esperava entrar em Damasco na plenitude de seu orgulho e bravura, como um autoconfiante adversário de Cristo, estava sendo guiado por outros, humilhado e cego, capturado pelo Cristo a quem se opunha. Não podia haver dúvidas sobre o que acontecera. O Senhor ressurreto aparecera a Saulo. Não era um sonho ou uma visão subjetiva; era uma aparição objetiva de Jesus Cristo ressurreto e exaltado.[18] A luz que viu era a glória de Cristo, e a voz que ouviu era a voz de Cristo. Cristo interrompeu a sua impetuosa carreira de perseguição e fez com que se voltasse em direção contrária.

A terceira evidência que atribui a conversão à graça de Deus são as próprias referências de Paulo. Ele nunca mencionou sua conversão sem deixar isso bem claro. "Aprouve" a Deus, escreveu, "revelar seu Filho em mim".[19] Deus tomou a iniciativa, de acordo com a sua própria vontade. E Paulo ilustrou essa verdade com pelo menos três imagens dramáticas. Em primeiro lugar, Cristo o

conquistou,[20] o verbo *katalambano* talvez até seja uma sugestão de que Cristo o "capturou" antes que tivesse a oportunidade de capturar algum cristão em Damasco. Em segundo lugar, ele comparou sua iluminação interior com a ordem criadora "Haja luz"[21] ou "De trevas resplandecerá a luz."[22] E em terceiro lugar, ele escreveu que a misericórdia de Deus "transbordou" sobre ele, como um rio em época de cheia, inundando seu coração com fé e amor.[23] Assim, a graça de Deus o capturou, iluminou seu coração e o inundou como uma enchente. Essa variedade de imagens lembra-me outra série de metáforas usadas por C. S. Lewis nos últimos capítulos de sua autobiografia. Sentindo que Deus o buscava implacavelmente, ele o compara com o "grande Pescador" fisgando seu peixe, a um gato caçando um rato, a um bando de cães de caça encurralando uma raposa e, finalmente, a um enxadrista divino colocando-o na posição mais desvantajosa até que, enfim, reconhece o "xeque mate".[24]

Entretanto, creditar a conversão de Saulo à iniciativa de Deus pode, facilmente, causar mal-entendidos, e precisa receber dois esclarecimentos: a graça soberana que conquistou Saulo não foi repentina (no sentido de que não teria havido preparação anterior) nem compulsiva (no sentido de que ele não tinha opção).

Em primeiro lugar, a conversão de Saulo não foi, de maneira alguma, uma "conversão repentina", como se diz muitas vezes. É certo que a intervenção final de Deus foi repentina: "Subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor" (v. 3), e uma voz se dirigiu a ele. Mas essa não foi a primeira vez que Jesus Cristo falou com ele. De acordo com a própria narrativa de Paulo, Jesus lhe disse: "Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões" (26:14). Com esse provérbio (que parece ter sido bastante comum na literatura grega e latina) Jesus comparou Saulo a um touro jovem, forte e obstinado, e ele mesmo a um fazendeiro que usa aguilhões para domá-lo. A implicação disso é que Jesus estava perseguindo Saulo, usando esporas e chicotes, e era "duro" (doloroso, até mesmo fútil) resistir. Quais eram esses aguilhões, contra os quais Saulo estava lutando? Não sabemos exatamente, mas o Novo Testamento dá uma série de indicações.

Com certeza, um aguilhão eram as suas dúvidas. Seu consciente rejeitou Jesus como impostor, aquele que fora rejeitado pelo seu próprio povo e que tinha morrido numa cruz sob a maldição de Deus. Mas, no seu inconsciente, ele não conseguia deixar de pensar em Jesus. Será que já o tinha visto ou se havia encontrado

com ele? "Existem aqueles que categoricamente ... negam essa possibilidade", escreve Donald Coggan, mas "eu não posso pertencer a esse grupo". Por que não? Porque é "mais provável que eles fossem contemporâneos, com idades muito próximas um do outro". Portanto, é provável que ambos tenham visitado Jerusalém e o templo ao mesmo tempo, nesse caso sendo "não só possível, como bem provável, que o jovem professor da Galiléia e o jovem fariseu de Tarso tenham olhado nos olhos um do outro, e que Saulo tenha ouvido os ensinos de Jesus".[25] Mesmo que eles não tenham se encontrado, Saulo certamente ouviu relatos sobre os ensinos e milagres de Jesus, seu caráter e suas reivindicações, juntamente com os comentários persistentes de muitas testemunhas que diziam que ele havia ressuscitado dentre os mortos e tinha sido visto.

Outro aguilhão deve ter sido Estêvão. Não era de ouvir falar, pois Saulo estava presente no seu julgamento e execução. Ele havia visto com seus próprios olhos o rosto resplandecente de Estêvão, como o de um anjo (6.15), e sua corajosa não-resistência enquanto era apedrejado até a morte (7.58-60). Ele havia ouvido, com seus próprios ouvidos, a defesa eloqüente de Estêvão diante do Sinédrio, talvez a sua sabedoria na sinagoga (6.9-10), sua oração pedindo o perdão para os seus executores, e sua afirmação extraordinária sobre a visão de Jesus como Filho do homem, em pé à destra de Deus (7.56). É desse modo que "Estêvão, e não Gamaliel, foi o verdadeiro mestre de S. Paulo".[26] Pois Saulo não podia esquecer o testemunho de Estêvão. Havia algo inexplicável naqueles cristãos – algo sobrenatural, algo que falava do poder divino de Jesus. O próprio fanatismo da perseguição de Saulo traía a sua crescente perturbação interior, "pois o fanatismo só é encontrado", escreve Jung, "em indivíduos que estão compensando dúvidas secretas".[27]

Mas os aguilhões de Jesus eram morais e intelectuais. A má consciência de Saulo provavelmente lhe causou mais confusão interna do que as suas dúvidas, pois apesar de poder afirmar ter sido "impecável" em retidão exterior,[28] ele sabia que seus pensamentos, suas motivações e seus desejos não eram puros aos olhos de Deus. O décimo mandamento, contra a cobiça, condenava-o especialmente. Aos outros mandamentos, ele podia obedecer em palavra e ação, mas a cobiça não era palavra nem ação, mas uma atitude do coração que não podia controlar.[29] Assim, ele não tinha poder nem paz. Mas ele não admitiria isto.

Ele estava brigando violentamente contra os aguilhões de Jesus e isso o machucava. Sua conversão na estrada de Damasco era, portanto, o clímax repentino de um longo processo em que o "Caçador dos Céus" tinha estado em seu encalço. Curvou-se a dura cerviz auto-suficiente. O touro estava domado.

Se a graça de Deus não era repentina, ela também não era compulsiva. Ou seja, o Cristo que lhe apareceu e falou com ele não o esmagou. Ele o humilhou, fazendo-o cair ao chão, mas ele não violentou sua personalidade. Ele não o reduziu a um robô nem o forçou a realizar algumas coisas por meio de um tipo de transe hipnótico. Pelo contrário, Jesus lhe fez uma pergunta penetrante: "Por que me persegues?", apelando, assim, à sua razão e consciência, a fim de conscientizá-lo da tolice e do mal que estava fazendo. Jesus então lhe ordenou que se levantasse e fosse à cidade, onde receberia instruções. E Saulo não estava dominado pela visão e pela voz a ponto de perder a fala, ficando incapaz de responder. Não, ele respondeu à pergunta de Cristo com duas perguntas: primeira, "Quem és tu, Senhor?" (v. 5) e segunda, "Que devo fazer, Senhor?" (22.10). Sua resposta foi racional, consciente e livre. A palavra *kyrios* ("Senhor") pode ter significado não mais do que "senhor". Mas, uma vez que estava consciente de que estava falando com Jesus, e que ele tinha ressurgido dentre os mortos, a palavra já deveria ter começado a adquirir o sentido teológico que teria mais tarde nas cartas de Paulo.

Resumindo, a causa da conversão de Saulo foi graça, a graça soberana de Deus. Mas a graça soberana é uma graça gradual e suave. Gradualmente, e sem violência, Jesus picou a mente e a consciência de Saulo com os seus aguilhões. Então ele se revelou através da luz e da voz, não para esmagá-lo, mas de um modo que Saulo pudesse responder livremente. A graça divina não atropela a personalidade humana. Pelo contrário, faz com que os seres humanos sejam verdadeiramente humanos. É o pecado que encarcera; a graça liberta. Portanto, a graça de Deus nos liberta da escravidão do nosso orgulho, preconceito e egocentrismo, fazendo-nos capaz de nos arrepender e crer. Não podemos fazer outra coisa, senão engrandecer a graça de Deus que teve misericórdia de um fanático enfurecido como Saulo de Tarso, e de criaturas tão orgulhosas, rebeldes e obstinadas como nós.

C. S. Lewis, cuja consciência de ser perseguido por Deus já foi mencionada, também expressou seu sentimento de liberdade em sua resposta a Deus:

Conscientizei-me de que estava em apuros, segurando ou barrando alguma coisa. Ou, se você quiser, que eu estava vestindo alguma roupa rígida, como um espartilho, ou talvez uma armadura, como se fosse uma lagosta. Eu senti, naquele exato momento, que eu tinha ganhado uma liberdade de escolha. Eu poderia abrir a porta ou mantê-la fechada; poderia tirar aquela armadura ou permanecer com ela. Nenhuma escolha era obrigatória; nenhuma ameaça ou promessa estava ligada a ela; apesar disso, sabia que abrir a porta ou sair da armadura significaria o incalculável. A escolha parecia solene mas ela tambem parecia estranhamente não-emocional. Eu não era movido por desejos nem medos. Em certo sentido, não era movido por coisa alguma. Decidi abrir, tirar, soltar as rédeas. Disse "Eu escolho", mas ao mesmo tempo não parecia ser, mesmo, possível fazer o contrário. Por outro lado, eu não via nenhum estímulo. Você poderia argumentar que eu não era um agente livre, mas estou mais inclinado a pensar que foi um dos atos mais livres que já realizei. Necessidade não precisa ser o contrário de liberdade, e talvez o homem seja mais livre quando, em vez de procurar motivos, ele pode dizer, "Eu sou o que faço".[30]

3. Paulo e Ananias: sua recepção na igreja de Damasco (9:10-25)

Ora, havia em Damasco um discípulo, chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor.

[11]Então o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando, [12]e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista.

[13]Ananias, porém, respondeu: Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; [14]e para aqui trouxe autorização dos principais sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome.

[15]Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; [16]pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome.

[17]Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs sobre ele as mãos dizendo: Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que

te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo. [18]*Imediatamente lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir levantou-se e foi batizado.* [19]*E depois de ter-se alimentado, sentiu-se fortalecido. Então permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos.*

Seguindo a história como Lucas a conta, passamos às conseqüências da conversão de Saulo. É maravilhoso ver a transformação que começou a aparecer imediatamente em suas atitudes, em seu caráter e, de modo especial, em seu relacionamento com Deus, com a igreja cristã e com o mundo incrédulo.

Em primeiro lugar, Saulo tinha uma nova reverência para com Deus. Ananias, instruído a ir e ministrar ao novo convertido, foi informado de que ele estava orando (v. 11). Três dias haviam passado desde o seu encontro com o Senhor ressurreto, *durante os quais nada comeu nem bebeu* (v. 9). Supõe-se, então, que passou aqueles dias em jejum e oração, ou seja, abstendo-se de alimentos a fim de dedicar-se inteiramente à oração. Não que ele não tivesse jejuado ou orado antes. Como o fariseu da parábola de Jesus, ele deve ter subido ao templo para orar e, como ele, pode ter exclamado "Jejuo duas vezes por semana".[31] Mas agora, através de Jesus e sua cruz, Saulo fora reconciliado com Deus e, conseqüentemente, gozava de um novo acesso direto ao Pai, *desde que o Espírito havia testificado com o seu espírito que ele* era filho de Deus.[32] Qual era o conteúdo de suas orações? Podemos supor que ele orou pelo perdão de todos os seus pecados, especialmente o de ser auto-suficiente e o de perseguir cruelmente a Jesus e seus seguidores; pediu sabedoria para discernir o que Deus queria que ele fizesse agora; e poder para exercer o ministério que recebesse, qualquer que fosse. Sem dúvida alguma, suas orações também incluíam adoração, ao derramar sua alma em louvor, por Deus ter sido misericordioso com ele. A mesma boca, que havia respirado ameaças e morte contra os discípulos do Senhor (v. 1), agora respirava louvores e preces a Deus. "O rugido do leão foi transformado no balido de um cordeiro." [33]

Ainda hoje, o primeiro fruto da conversão sempre é uma nova consciência da paternidade de Deus, quando o Espírito nos capacita a clamar "Aba, Pai",[34] juntamente com a gratidão pela sua misericórdia e o desejo de conhecê-lo, agradá-lo e servi-lo melhor. Isso é piedade, e nenhuma conversão é genuína se não resultar em

uma vida que agrade a Deus.

Em segundo lugar, Saulo passou a ter um novo relacionamento com a igreja, à qual foi apresentado por Ananias. Não nos surpreende que William Barclay chame Ananias de "um dos heróis esquecidos da igreja cristã".[35] A princípio, porém, quando ordenado a ir até Saulo, Ananias vacilou. Ele estava muito relutante em fazer um trabalho de "follow-up" (para usar um jargão atual), e sua hesitação era compreensível. Ir até Saulo seria o mesmo que se entregar à polícia. Seria suicídio. Pois já tinha ouvido a respeito dele e dos males que havia feito ao povo de Jesus em Jerusalém (v. 13). Ananias também sabia que Saulo viera a Damasco *com autorização dos principais sacerdotes para prender* todos os crentes (v. 14). Mas Jesus repetiu sua ordem, dizendo "Vai!"; e acrescentou que Saulo era *um instrumento escolhido* para levar o seu nome *perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel* (v. 15) – um ministério que lhe traria muito sofrimento por amor a esse mesmo nome (v. 16).

Assim, Ananias foi até a rua *Direita* (v. 11), que ainda é a principal rua que vai de leste a oeste de Damasco, e entrou na casa de Judas, no quarto em que estava Saulo. Lá ele lhe impôs suas mãos (v. 17), talvez para identificar-se com Saulo enquanto orava pela cura de sua vista e pela plenitude do Espírito Santo para dar-lhe poder para exercer seu ministério. E mais, desconfio que essa imposição de mãos foi um gesto de amor por um homem cego, que não podia ver o sorriso do rosto de Ananias, mas podia sentir a pressão de suas mãos. Ao mesmo tempo, Ananias chamou-o de "Saulo, irmão", ou "Saulo, meu irmão". Sempre sou tocado por essas palavras. Podem muito bem ter sido as primeiras palavras que Saulo ouviu de lábios cristãos após a sua conversão, e eram palavras de boas vindas fraternais. Devem ter sido música para seus ouvidos. O quê? Será que o arquiinimigo da igreja estava sendo recebido como irmão? Será que o terrível fanático estava sendo recebido como membro da família? É isso mesmo. Ananias explicou como o mesmo Jesus que lhe aparecera na estrada, o tinha enviado a ele para que pudesse recuperar sua vista e *ficar cheio do Espírito Santo* (v. 17). Imediatamente *lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver* (aqui o Dr. Lucas emprega uma terminologia médica). Depois disso, ele *foi batizado* (v. 18), provavelmente por Ananias, que assim o recebeu de forma visível e pública na comunidade de Jesus. Só depois, Saulo se alimentou e, então, após três dias de jejum, *sentiu-se fortalecido* (v. 19a). Será

que Ananias lhe preparou e serviu uma refeição, da mesma forma como o batizou? Nesse caso, ele reconheceu que o recém-convertido tinha necessidades físicas, além das espirituais.

A próxima coisa que ficamos sabendo é que Saulo *permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos* (v. 19b). Ele sabia que agora pertencia àquele grupo que havia tentado destruir anteriormente, e mostrou isso claramente, ao pregar *nas sinagogas a Jesus*, afirmando que era *o Filho de Deus* (v. 20). É incrível o fato de ele ter sido aceito. Tanto que o povo que o ouviu pregar ficou *atônito*, perguntando se ele não era *o que exterminava em Jerusalém aos que invocavam o nome de Jesus* e que viera a Damasco *com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes* (v. 21). Lucas não nos conta como essas perguntas cheias de preocupação foram respondidas, mas talvez Ananias tenha ajudado a tranqüilizá-los. Enquanto isso, Saulo *mais e mais se fortalecia* como testemunha e apologista, a ponto de *confundir os judeus ... em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo* (v. 22).

Entretanto, Saulo não ficou entre os cristãos de Damasco. Lucas descreve como ele deixou a cidade *decorridos muitos dias* (v. 23a). Essa referência ao tempo é intencionalmente vaga, mas sabemos por Gálatas 1:17-18 que esses "muitos dias" somaram três anos e que durante esse período Saulo esteve na Arábia. Ele não precisou viajar muito, pois, naquela época, o extremo noroeste da Arábia ficava perto de Damasco. Mas por que ele foi à Arábia? Alguns acham que ele foi pregar, mas outros são convincentes em sugerir que ele precisava de tempo para meditar, e que Jesus teria revelado a ele aquelas verdades características da solidariedade judaico-gentia no corpo de Cristo que ele depois chamaria de "o mistério" dado a conhecer através de "revelação", "meu evangelho" e "o evangelho ... (que) recebi ... mediante revelação de Jesus Cristo".[36] Alguns chegam a conjecturar que aqueles três anos na Arábia foram uma compensação pelos três anos que os outros apóstolos haviam passado com Jesus, mas ele não. Em todo o caso, depois desse período, ele voltou para Damasco;[37] porém, não por muito tempo: pois *os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida* (v. 23b) e *dia e noite guardavam ... as portas, para o matarem* (v. 24). De alguma forma *o plano deles chegou ao conhecimento de Saulo*, e então *seus seguidores* (uma interessante indicação de que sua liderança já era reconhecida e que tinha atraído seguidores), *colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha* (v. 25), e ele fugiu para Jerusalém.

4. Saulo e Barnabé: sua apresentação aos apóstolos em Jerusalém (9:26-31)

Tendo chegado a Jerusalém, procurou juntar-se com os discípulos; todos, porém, o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo. [27]*Mas Barnabé tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus.* [28]*Estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor.* [29]*Falava e discutia com os helenistas; mas eles procuravam tirar-lhe a vida.*

[30]*Tendo, porém, isto chegado ao conhecimento dos irmãos, levaram-no até Cesaréia, e dali o enviaram para Tarso.*

A experiência de Saulo em Jerusalém foi similar à que havia tido em Damasco. Chegando à capital, *procurou juntar-se com os discípulos,* pois sabia que fazia parte do grupo, mas eles estavam cheios de ceticismo e medo: *todos ... o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo* (v. 26). Provavelmente não tinham tido notícias dele durante três anos. Mas dessa vez, Barnabé veio socorrê-lo. Fiel ao seu temperamento e ao próprio nome, *tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos* (especialmente a Pedro e Tiago, de acordo com Gl 1:18-20), e contou-lhes como ele *vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus* (v. 27). Como resultado desse testemunho, Saulo foi aceito como irmão cristão. E ficou *com eles em Jerusalém, entrando e saindo* durante as duas semanas que, sabemos, passou ali.[38]

Assim, Saulo foi confirmado como membro da nova sociedade de Jesus. Primeiro em Damasco, depois em Jerusalém, ele procurou os discípulos (vs. 19, 26). É verdade que ambos os grupos hesitaram, mas o ceticismo inicial foi vencido. Graças a Deus por Ananias que apresentou Saulo à comunidade em Damasco, e a Barnabé que fez o mesmo em Jerusalém. Sem eles, e a recepção que asseguraram a Saulo, toda a história da igreja teria sido diferente.

Conversões verdadeiras sempre resultam em adesão à igreja. Não significa, apenas, que os convertidos devem se unir à comunidade cristã, mas que a comunidade cristã também precisa receber os convertidos, especialmente aqueles que vêm de um contexto religioso, étnico ou social diferente. Existe uma necessidade urgente de Ananias e Barnabés modernos que vençam seus escrúpulos e suas hesitações e tomem a iniciativa de

ajudar os recém-chegados.

Além de sua nova reverência para com Deus e do novo relacionamento com a igreja, Saulo reconhecia que ele tinha uma nova responsabilidade perante o mundo, o de ser uma testemunha. De acordo com seu próprio relato da conversão, foi na estrada de Damasco que Jesus o apontou como "ministro e testemunha" e como apóstolo aos gentios (26:16ss.). Jesus, então, confirmou a Ananias que Saulo era seu "instrumento escolhido" (v. 15), e Ananias comunicou a Saulo a comissão dada por Jesus: ser "sua testemunha a todos os homens", divulgando aquilo que vira e ouvira (22:15). Várias características de seu testemunho são notáveis. Em primeiro lugar, ele era cristocêntrico. Em Damasco, Saulo "pregou" que Jesus era o Filho de Deus (v. 20) e "demonstrou" que ele era o Cristo (v. 22). Os argumentos do Antigo Testamento coincidiam com os de sua própria experiência. Ambos eram centralizados em Cristo, e essa é a tarefa de todo testemunho cristão. Testemunho não é sinônimo de autobiografia. Testemunhar é falar de Cristo. A nossa experiência pode ilustrar, mas nunca deve dominar o testemunho.

Em segundo lugar, Saulo testemunhava de Cristo no poder do Espírito Santo (v. 17), de modo que "mais e mais se fortalecia" (v. 22). Nenhuma surpresa, pois a função suprema do Espírito é testemunhar de Cristo.[39]

Em terceiro lugar, seu testemunho era corajoso. Duas vezes Lucas menciona a "ousadia" de sua pregação, primeiro em Damasco (v. 27), nas mesmas sinagogas às quais o sumo sacerdote tinha enviado cartas, autorizando Saulo a prender os cristãos (vs. 2, 20), e depois em Jerusalém (v. 28), a sede do Sinédrio de onde viera a autorização. Ele também debateu com os judeus gregos ou helenistas (v. 29), como Estêvão, talvez na mesma sinagoga (6:8ss.).

Em quarto lugar, o testemunho de Saulo custou caro. Ele sofreu por causa de seu testemunho, como Jesus havia predito: "eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome" (v. 16). Já em Damasco ele correu risco de vida (vs. 23-24) de modo que, quando todas as saídas da cidade estavam guardadas, ele teve de empreender uma fuga vergonhosa, usando uma cesta (v. 25).[40] Também em Jerusalém, alguns helenistas tentaram matá-lo (v. 29) e Jesus o persuadiu a deixar a cidade imediatamente (22:17-18). Então, os seus irmãos cristãos *levaram-no até Cesaréia*, no litoral, e de lá *o enviaram de navio para Tarso*, sua cidade natal, onde

permaneceu incógnito durante os sete ou oito anos seguintes.

Assim, a história da conversão de Saulo em Atos 9 começa com sua partida de Jerusalém com um mandato oficial do sumo sacerdote para prender cristãos fugitivos, e termina com sua partida de Jerusalém, como um fugitivo cristão. Saulo, o perseguidor, tornou-se Saulo, o perseguido. E no restante da história de Atos, Lucas nos conta mais do sofrimento de seu herói: como foi apedrejado e dado por morto em Listra, açoitado e preso em Filipos, o centro de uma revolta pública em Éfeso, capturado e preso em Jerusalém, ficou naufragado no Mediterrâneo, e, finalmente, foi mantido sob custódia em Roma. Testemunhar de Cristo envolve sofrer por Cristo. Não é por acaso que a palavra grega para testemunho (*martys*) veio a ser associada com o martírio. "O sofrimento, portanto, é o sinal do verdadeiro discipulado", escreveu Bonhoeffer.[41]

Mas a oposição do mundo não impediu que o evangelho fosse espalhado ou que a igreja crescesse. Pelo contrário, Lucas encerra a narrativa da conversão de Saulo, que culminou com uma escapada providencial, com outro de seus sumários (v. 31). Ele descreve a igreja, que agora se espalhava pela *Judéia, Galiléia e Samaria*, citando cinco características – paz (livre de interferência externa), força (consolidando sua posição), coragem (gozando *paraklesis*, o ministério especial do Espírito Santo), crescimento (multiplicando-se numericamente) e santidade (*vivendo no temor do Senhor*).

Conclusão

Consideramos a causa e os efeitos da conversão de Saulo. O que mais nos impressiona é a graça de Deus que causou efeitos tão grandiosos, agarrando um rebelde obstinado como ele e transformando-o completamente de "lobo em cordeiro".[42] A história de Lucas deveria persuadir-nos a esperar mais de Deus em relação aos incrédulos e aos recém-convertidos.

Quanto aos incrédulos, existem muitos Saulos de Tarso no mundo. Como ele, são intelectualmente bem dotados e têm caráter; homens e mulheres de personalidade, energia, iniciativa e impulso; tendo a coragem de suas convicções seculares; profundamente sinceros, mas sinceramente enganados; viajando de Jerusalém para Damasco, e não de Damasco para Jerusalém; duros, teimosos, até mesmo fanáticos, em sua rejeição de Jesus

Cristo. Mas eles não estão fora do alcance de sua graça soberana. Precisamos ter mais fé, mais expectativa santa, que nos levarão a orar por eles (como, com certeza, os cristãos primitivos oraram por Saulo) para que Cristo primeiro pique com seus aguilhões para depois agarrá-los definitivamente.

Mas nunca devíamos nos dar por satisfeitos com a conversão de uma pessoa. Isso é apenas o começo. A mesma graça que leva a pessoa ao novo nascimento é capaz de transformá-la à imagem de Cristo.[43] Todo novo convertido se torna uma pessoa transformada, e recebe novos títulos para provar esse fato: ele é um "discípulo" (v. 26) ou "santo" (v. 13) que tem uma nova relação com Deus, um "irmão" (v.17) ou irmã que tem uma nova relação com o mundo. Se esses três relacionamentos – com Deus, a igreja e o mundo – não são vistos em um convertido confesso, temos boas razões para questionar a realidade de sua conversão. Mas sempre que sua presença for visível, temos bons motivos para engrandecer a graça de Deus.

Notas:

1. Rm 11:13.
2. Cf. Atos 9:5; 22:14-15; 26:17-18, 20: Rm 1:1, 5, 13; 11:13; 15:15-18; Gl 1:15-16; 2:2, 7-8; Ef 3:1-8; Cl 1:24-29. Para uma analogia entre a conversão de Saulo e o chamado dos profetas do Antigo Testamento, veja *Paul and the Salvation of Mankind*, de Johannes Munck (tradução inglesa, John Knox, Richmond, VA, 1959), pp. 24-30. Semelhantemente, Krister Stendahl ao enfatizar, corretamente, o chamado de Saulo, vai longe demais ao negar que esse foi também a sua conversão (*Paul among Jews and Gentiles* [Fortress, 1976; SCM, 1977]), pp. 7-23.
3. 1 Tm 1:16.
4. *Battle for the Mind*, William Sargant (Heinemann, 1957; edição revisada por Pan Books, 1959).
5. *Ibid*, p. 20.
6. *Ibid*, p. 106.
7. *Ibid*, p. 106.
8. Veja *Conversions, Psychological and Spiritual*, D. M. Lloyd-Jones (IVP, 1960); "Dr. William Sargant's Writings on Conversion", de Gaius Davies, em *In the Service of Medicine* (CMF, vol. 22, no. 84, jan. 1976); e *Psychology and Christianity: the view both ways*, de Malcolm A. Jeeves (IVP, 1976), especialmente pp. 133-139.
9. Publicado em Edimburgo, edição revisada, 1769.
10. *Ibid*, p. 3.
11. *Ibid*, pp. 9-10.
12. Calvino, I, p. 256.

13. Bruce, *English*, p. 175, n. 8. Ele está se referindo a *BC*, IV, p. 88, onde Lake e Cadbury dizem que é usado "especialmente em relação à mutilação causada por animais selvagens, e.g. leões".
14. Williams, pp. 124-125.
15. Alexander, I, p. 355.
16. Calvino, *I*, pp. 256, 260.
17. Walker, p. 207.
18. Atos 9:17; cf. 22:14-15; 26:16; 1 Co 9:1; 15:8.
19. Gl 1:15-16.
20. Fp 3:12.
21. Gn 1:3.
22. 2 Co 4:6.
23. 1 Tm 1:14.
24. *Surprised by Joy*, C. S. Lewis (Geoffrey Bles, 1955; Collins reimpressão, 1986), pp. 169-183.
25. Coggan, pp. 33-34.
26. Rackham, p. 88.
27. *Contributions to Analytical Psychology*, C. G. Jung (Routledge and Kegan Paul, *1928*), p. *257*.
28. Fp 3:6.
29. Rm 7:7ss.
30. *Surprised by Joy*, p. 179.
31. Lc 18:10, 12.
32. Rm 8:16.
33. Lenski, p. 360.
34. Rm 8:15.
35. Barclay, p. 74.
36. E.g. Ef 3:3; Rm 16:25: Gl 1:11-12.
37. Gl 1:17.
38. Gl 1:18.
39. E.g. Jo 15:26-27.
40. Cf. 2 Co 11:32-33.
41. *The Cost of Discipleship*, Dietrich Bonhoeffer (Macmillan, 1963), p. 100.
42. Calvino, II p. 273.
43. E.g. 2 Co 3:18.

Atos 9:32 – 11:18
8. A conversão de Cornélio

Da conversão de Saulo, que seria o apóstolo dos gentios, Lucas passa à conversão de Cornélio, o primeiro gentio a se tornar crente. Ambas as conversões foram fundamentos essenciais para a construção da missão entre os gentios. E em ambas destaca-se um apóstolo: a primeira conversão tem Paulo como centro, a segunda tem Pedro como seu agente. Ambos os apóstolos (apesar de terem recebido chamados diferentes)[1] tinham um papel chave na tarefa de liberar o evangelho de sua roupagem judaica e na abertura do reino de Deus para os gentios. Lucas, portanto, faz uma transição abrupta de Paulo para Pedro em 9:32. Ele deixa Paulo em Tarso (9:30), temporariamente fora da vista, até trazê-lo ao centro do palco em sua primeira viagem missionária (13:1ss.). Enquanto isso, por mais de três capítulos (9:32 - 12:25), apesar de mencionar Paulo duas vezes (11:25-30; 12:25), ele se concentra em Pedro. Assim, se o livro relata os "Atos dos Apóstolos", esta parte relata alguns "Atos de Pedro", após os quais Pedro some totalmente de vista.

As três histórias de Pedro selecionadas por Lucas são: a) a história de um milagre duplo (como Enéias foi curado e Tabita ressuscitada), b) a história de uma conversão (como Cornélio abraçou a fé), e c) a história de uma fuga (como Pedro foi liberto da prisão e das más intenções de Herodes). Cada uma pode ser vista como uma confrontação – com a doença e a morte, com a alienação gentia, e com uma tirania política. E mais, em cada caso, o conflito deu lugar à vitória – a cura de Enéias, a ressurreição de Tabita, a conversão de Cornélio, e a eliminação de Herodes. O apóstolo Pedro é retratado como um agente efetivo pelo qual o Senhor ressurreto, através de seu espírito, continuou a agir e a ensinar. Deixando a prisão e a libertação de Pedro para o próximo

capítulo, vamos nos concentrar em seu ministério junto a Enéias, Tabita e Cornélio.

1. Pedro cura Enéias e ressuscita Tabita (9:32-43)

Passando Pedro por toda parte, desceu também aos santos que habitavam em Lida. [33]Encontrou ali certo homem, chamado Enéias, que havia oito anos jazia de cama, pois era paralítico. [34]Disse-lhe Pedro: Enéias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te, e arruma o teu leito. Ele imediatamente se levantou. [35]Viram-no todos os habitantes de Lida e Sarona, os quais se converteram ao Senhor.

[36]Havia em Jope uma discípula, por nome Tabita, nome este que traduzido quer dizer Dorcas; ela era notável pelas boas obras e esmolas que fazia. [37]Ora, aconteceu naqueles dias que ela adoeceu e veio a morrer; e depois de a lavarem, puseram-na no cenáculo. [38]Como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, enviaram-lhe dois homens que lhe pedissem: Não demores em vir ter conosco.

[39]Pedro atendeu e foi com eles. Tendo chegado, conduziram-no para o cenáculo; e todas as viúvas o cercaram, chorando e mostrando-lhe túnicas e vestidos que Dorcas fizera enquanto estava com elas.

[40]Mas Pedro, tendo feito sair a todos, pondo-se de joelhos, orou; e voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se. [41]Ele, dando-lhe a mão, levantou-a; e chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva. [42]Isto se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor. [43]Pedro ficou em Jope muitos dias em casa de um curtidor, chamado Simão.

Pedro é apresentado empenhado num ministério itinerante: ele passava *por toda parte* (v. 32a). Antes, quando a perseguição começou, os apóstolos julgaram prudente permanecerem em Jerusalém (8:1b). Agora, entretanto, que a igreja estava gozando um tempo de paz (v. 31), eles se sentiam livres para deixar a cidade. O objetivo de Pedro não era apenas pregar o evangelho, mas também visitar *os santos* (v. 32b), a fim de ensiná-los e encorajá-los. Em uma de suas viagens, percorrendo a costa ocidental, ocorreram dois incidentes que Lucas, evidentemente, considerou complementares. Em Lida, a cerca de vinte quilômetros ao sudeste de Jope, vivia um homem chamado Enéias, que estava paralítico e *jazia de cama* havia *oito anos* (v. 33). Em Jope, atual Jafa, o porto mais próximo a Jerusalém, morava

uma mulher chamada Tabita ou Dorcas (as palavras aramaica e grega para "gazela"), que Lucas descreve como *uma discípula ... notável pelas boas obras e esmolas que fazia* (v. 36). Ela parece ter feito roupas de uso interno (íntimas) e externo, "túnicas e vestidos" (v. 29) para os necessitados. Mas ela *adoeceu e veio a morrer* (v. 37). Essa era a situação básica nesses dois casos. Pela forma como Lucas relata os milagres, parece que ele deliberadamente retrata Pedro como um autêntico apóstolo de Jesus Cristo, que apresentava as "credenciais" de um verdadeiro apóstolo.[2] Milagres semelhantes tinham autenticado o ministério profético de Elias e Eliseu.[3] Quatro fatores sustentam essa sugestão.

Em primeiro lugar, ambos os exemplos seguiram *o exemplo de Jesus*. Enéias faz lembrar aquele outro paralítico que morava em Cafarnaum. Assim como Jesus lhe disse: "Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa",[4] Pedro falou a Enéias: "Levanta-te, e arruma o teu leito" (v. 34). E a ressurreição de Tabita lembra a ressurreição da filha de Jairo. Devido ao fato de as pessoas estarem chorando em alta voz, Pedro "fez sair a todos", exatamente como Jesus havia feito. E mais, as palavras dirigidas à pessoa morta foram praticamente idênticas. Na verdade, como ressaltam alguns comentaristas, se Pedro falou aramaico naquela ocasião, apenas uma única letra teria sido diferente, pois Jesus disse *Talitha koum!*, [5]enquanto que Pedro teria dito *Tabitha koum!* (v. 40).

Em segundo lugar, ambos os milagres foram operados pelo *poder de Jesus*. Pedro sabia que não podia vencer a doença e a morte com sua própria autoridade e poder. Assim, ele não tentou fazê-lo. Em vez disso, a Enéias, o paralítico preso à cama, disse: "Jesus Cristo te cura" (v. 34), e antes de se dirigir a Tabita, que estava morta, colocou-se "de joelhos" e "orou" (v. 40), um detalhe que deve ter sido relatado por Pedro, pois ninguém mais estava presente.

Em terceiro lugar, ambos os milagres eram sinais da *salvação de Jesus*. Por confiar no poder de Cristo, Pedro ousou dirigir-se ao homem doente e à mulher morta com a mesma palavra: *anastethi*, "Levanta-te!" (vs. 34, 40). *Anistemi* é o verbo usado em relação à ação de Deus em ressuscitar Jesus, o que dificilmente pode ser acidental. Não se deve esquecer que Tabita foi "ressuscitada" para a sua vida antiga (apenas para morrer novamente), enquanto que Jesus foi "ressucitado" para uma nova vida (para nunca mais morrer). Isto, apenas para ressaltar que a cura do paralítico e a ressurreição eram sinais visíveis daquela nova vida para a qual

nós, pecadores, somos levantados dentre os mortos pelo poder da ressurreição.

Em quarto lugar, ambos os milagres resultaram na *glória de Jesus*. Quando Enéias foi curado, *viram-no todos os habitantes de Lida e Sarona* (a planície costeira), *os quais se converteram ao Senhor* (v. 35). Não é necessário entender que "todos" significa literalmente cada um dos habitantes, pois, como sabiamente comenta Calvino, "quando as Escrituras dizem 'todos', isso não se refere a cada um dos que são descritos, mas emprega 'todos' em lugar de muitos, ou a maioria, ou uma multidão de pessoas".[6] Semelhantemente, quando Tabita foi ressuscitada, *isto se tornou conhecido por toda Jope, e muitos creram no Senhor* (v. 42). Correspondendo ao propósito dos sinais, que era autenticar e ilustrar a mensagem da salvação do apóstolo, as pessoas ouviram a palavra, viram os sinais, e creram.

2. Pedro é chamado por Cornélio (10:1-8)

Morava em Cesaréia um homem, de nome Cornélio, centurião da coorte,
chamada a italiana, [2]piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, e que
fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus. [3]Esse homem
observou claramente durante uma visão, cerca da hora nona do dia, um
anjo de Deus, que se aproximou dele e lhe disse: [4]Cornélio!

Este, fixando nele os olhos, e possuído de temor, perguntou: Que é
Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e as tuas esmolas subiram para
memória diante de Deus. [5]Agora envia mensageiros a Jope, e manda
chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro. [6]Ele está hospedado com
Simão, o curtidor, cuja residência está situada à beira-mar.

[7]Logo que se retirou o anjo que lhe falava, chamou a dois dos seus
domésticos e a um soldado piedoso dos que estavam no seu serviço [8]e,
havendo-lhes contado tudo, enviou-os a Jope.

Pedro respondeu ousadamente aos desafios da doença e da morte; como responderá ao desafio da discriminação racial e religiosa? Lucas pode estar dando uma indicação de uma relativa boa-vontade, ao encerrar a história de Enéias e Tabita com a informação de que "Pedro ficou em Jope muitos dias em casa de um curtidor, chamado Simão" (9:43). Pois, por trabalharem com animais mortos, transformando suas peles em couro, os curtidores eram considerados cerimonialmente impuros. Mas Pedro ignorou isso, o que "parece mostrar que [ele] já tinha uma atitude mental

que o tornava apto para a revelação no próximo capítulo e para receber instruções para ir e batizar o gentio Cornélio".[7]

Em todo o caso, nós que agora lemos Atos 10 nos lembramos de que Jesus havia dado a Pedro "as chaves do reino", embora seja Mateus e não Lucas quem nos conte isso.[8] E já o vimos usar essas chaves efetivamente, abrindo o reino aos judeus no dia de Pentecoste e logo depois aos samaritanos. Agora ele está para usá-las novamente para abrir o reino aos gentios, através da evangelização e do batismo de Cornélio, o primeiro convertido gentio (cf. Atos 15:7).

Cornélio estava servindo em Cesaréia, cidade onde ficava uma guarnição romana, cujo nome fora lhe concedido em honra a Augusto César, a capital administrativa da província de Judéia, com um esplêndido porto construído por Herodes o Grande. Lucas o apresenta como *centurião da coorte, chamada a italiana* (v. 1). *"Coorte" traduz a palavra speira; consistia em seis "centúrias"* (cem homens), cada uma sob o comando de um "centurião". Dez coortes formavam uma legião. Assim, um centurião corresponderia a um "capitão".

Além disso, ele parece ter sido um *pater familias* exemplar, pois ele e *toda a sua casa* eram *piedosos*, sua piedade sendo expressa em generosidade perante os necessitados e em oração regular a Deus (v. 2). Discute-se se "temente a Deus" deve ser entendido no sentido geral, isto é, que Cornélio temia a Deus, era religioso (como no v. 35) ou no sentido mais técnico, isto é, que ele se tornara um "prosélito do portão", "quase" prosélito, "temente a Deus" (e.g. 13:16, 26).[9] Se o segundo for correto, isso significa que ele tinha aceitado o monoteísmo e os padrões éticos dos judeus, e que freqüentava as reuniões na sinagoga, mas que ainda não se tornara um prosélito pleno, sendo circuncidado. Assim, apesar de ter "bom testemunho de toda a nação judaica" (v. 22), ele ainda era um gentio, um estranho, excluído da aliança de Deus com Israel.

É difícil entendermos o abismo intransponível que existia, naquela época, entre os judeus e os gentios (incluindo até mesmo os "tementes a Deus"). Não que o Antigo Testamento aprovasse tal divisão. Pelo contrário, paralelamente a seus oráculos contra as nações hostis, ele afirmava que Deus tinha um propósito para elas. Escolhendo e abençoando uma família, ele queria abençoar todas as famílias da terra.[10] Assim, os salmistas e os profetas predisseram o dia em que o Messias de Deus herdaria as nações, o servo do Senhor seria a sua luz, todas as nações "afluiriam" para

a casa do Senhor, e Deus derramaria o seu Espírito sobre toda a humanidade.[11] A tragédia é que Israel torceu a doutrina da eleição, transformando-a em uma doutrina de favoritismo, encheu-se de orgulho e ódio racial, desprezou os gentios, considerando-os "cães", e desenvolveu tradições que os mantiveram afastados. Um judeu ortodoxo não podia entrar na casa de um gentio, mesmo que fosse temente de Deus, nem convidá-lo para a sua casa (veja o v. 28). Pelo contrário, "qualquer relacionamento familiar com os gentios era proibido" e "obviamente, nenhum judeu piedoso sentaria à mesa com um gentio".[12]

Esse era o preconceito profundamente enraizado que tinha de ser vencido antes que os gentios pudessem ser aceitos na comunidade cristã em igualdade de condições com os judeus, e antes que a igreja pudesse tornar-se uma sociedade verdadeiramente multirracial e multicultural. Em Atos 8, vimos as providências especiais que Deus tomou para evitar a perpetuação do cisma judaico-samaritano na igreja; como ele poderia evitar um cisma judaico-gentio? Para Lucas, esse episódio é tão importante que ele o relata duas vezes, primeiro em suas próprias palavras (Atos 10), e depois nas palavras de Pedro, quando ele explicou os acontecimentos à igreja em Jerusalém (11:1-18).

Primeiro, deixa-se bem claro que Pedro deve ser o instrumento de Deus nessa expansão, pois Cornélio é instruído a mandar buscá-lo. *Um dia, mais ou menos às três horas da tarde* (BLH), que Lucas já identificou como hora de oração dos judeus (3:1), ele teve *uma visão* na qual *claramente observou* um anjo que o chamou pelo nome (v. 3). Em resposta à sua pergunta aterrorizada, o anjo lhe disse que as suas *orações e esmolas* tinham subido *para memória diante de Deus* (v. 4), de modo que ele as havia anotado, e que Cornélio agora deveria enviar *mensageiros a Jope*, cerca de cinqüenta e um quilômetros ao sul seguindo pelo litoral, para buscar Simão Pedro que estava hospedado à *beira-mar* na casa de seu homônimo, Simão o curtidor (vs. 5-6). Foi em Jope, séculos antes, que Jonas, o profeta desobediente, embarcou em um navio, numa tentativa tola de fugir de Deus.[13] Mas Cornélio o centurião, que estava acostumado a dar ordens, obedeceu imediatamente, enviando dois servos e um soldado a Jope (vs. 7-8). O anjo não pregou o evangelho ao centurião; esse privilégio deveria ser confiado ao apóstolo Pedro.

Esse acontecimento inicial prepara o cenário para o que se segue, pois a pergunta mais importante agora é como Deus iria

lidar com Pedro. Como ele conseguiria romper a profunda intolerância racial de Pedro? O assunto principal deste capítulo não é tanto a conversão de Cornélio, mas, sim, a de Pedro.

3. Pedro recebe uma visão (10:9-23)

No dia seguinte, depois da visão de Cornélio, por volta do meio-dia (ou seja, mais ou menos vinte e uma horas mais tarde), quando os homens de Cornélio já estavam *perto da cidade* de Jope, Pedro *subiu ao eirado* da casa do curtidor, *a fim de orar* (v. 9). *Estando com fome, quis comer: mas, enquanto lhe preparavam a comida sobreveio-lhe um êxtase* (v. 10) e ele teve uma visão extraordinária. *Então viu o céu aberto e descendo um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas* (v. 11). Alguns comentaristas especulam que, em seu êxtase induzido pela fome no eirado à beira-mar, o que Pedro realmente viu não foi um lençol, mas a vela de um barco que passava. E certamente *othone* poderia ser traduzido como "pano de vela" (v. 11, NEB). O ponto principal de sua visão, porém, era o que o lençol *continha*, isto é: *toda a sorte de quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu* (v. 12, BLH, "todos os tipos de animais de quatro patas, de animais que se arrastavam pelo chão e de aves"), evidentemente uma mistura de criaturas puras e impuras que provocaria repulsa em qualquer judeu ortodoxo. Depois da visão, ele ouviu *uma voz* que lhe deu uma ordem surpreendente: *levanta-te, Pedro: mata e come* (v. 13). *Mas Pedro replicou: De modo nenhum, Senhor!*, como havia feito duas vezes durante o ministério público de Jesus,[14] acrescentando: *jamais comi coisa alguma comum e imunda* (v. 14). Assim, *segunda vez a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum* (v. 15). Depois disso, parece que a visão do lençol se repetiu *por três vezes, e logo aquele objeto foi recolhido ao céu* (v. 16).

A visão deixou Pedro confuso. Mas *enquanto Pedro estava perplexo sobre qual seria o significado da visão eis que os homens enviados da parte de Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta* (v. 17); *e, chamando, indagavam se estava ali hospedado Simão, por sobrenome Pedro* (v. 18). Então, *enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito* (de alguma forma direta e inconfundível): *Estão aí dois homens que te procuram* (v. 19); *levanta-te, pois, desce e vai com eles nada duvidando; porque eu* [o Espírito] *os enviei* (v. 20). A expressão chave *meden diakrinomenos*, em 10:20, e *medem diakrinanta*, em 11:12, normalmente é traduzida como "sem

hesitação" ou "sem dúvida" (ERAB), mas poderia significar também "sem fazer distinção", ou seja, "sem fazer uma distinção odiosa gratuita entre judeus e gentios".[15] Assim, apesar de a visão ter contestado a distinção básica entre alimentos puros e impuros que Pedro fora educado a respeitar, o Espírito a relacionou com a discriminação entre pessoas puras e impuras, e lhe ordenou que parasse com isso. A afirmação posterior de Pedro deixa claro que ele entendeu: "Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo" (v. 28).

Assim, *descendo para junto dos homens* enviados por Cornélio, *disse: Aqui me tendes, sou eu a quem buscais? A que viestes?* (v. 21). *Então disseram: O centurião Cornélio, homem reto e temente a Deus, e tendo bom testemunho de toda a nação judaica, foi instruído por um santo anjo para chamar-te a sua casa e ouvir as tuas palavras* (v. 22). *Pedro, pois, convidando* os três homens *a entrar, hospedou-os* (v. 23a). Isso parece significar que "eles ficaram hospedados ali naquela noite" (BLH), apesar de serem gentios incircuncisos.

Percebemos como Deus harmonizou com perfeição a sua obra em Cornélio e Pedro. Pois enquanto Pedro estava orando e tendo a sua visão, os homens de Cornélio estavam se aproximando da cidade (vs. 9-16); enquanto Pedro estava perplexo sobre o significado daquilo que vira, eles chegaram à sua casa (vs. 17-18); enquanto Pedro ainda estava pensando sobre a visão, o Espírito lhe avisou que os homens estavam à sua procura e que ele deveria acompanhá-los sem hesitar (vs. 19-20); e quando Pedro desceu e se apresentou, eles lhe explicaram o propósito de sua visita (vs. 21-23).

4. Pedro prega à família de Cornélio (10:23b – 48)

No dia seguinte levantou-se e partiu com eles; também alguns irmãos dos que habitavam em Jope foram na sua companhia. [24]*No dia imediato entrou em Cesaréia. Cornélio estava esperando por eles, tendo reunido seus parentes e amigos íntimos.* [25]*Aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se-lhe aos pés, o adorou.* [26]*Mas Pedro o levantou, dizendo: Ergue-te, que eu também sou homem.*

[27]*Falando com ele, entrou, encontrando muitos reunidos ali,* [28]*a quem se dirigiu, dizendo: Vós bem sabeis que é proibido a um judeu ajuntar-se ou mesmo aproximar-se a alguém de outra raça; mas Deus me demonstrou que a nenhum homem considerasse comum ou imundo;* [29]*por*

isso, uma vez chamado, vim sem vacilar. Pergunto, pois, por que razão me mandastes chamar?

[30]Respondeu-lhe Cornélio: Faz hoje quatro dias que, por volta desta hora, estava eu observando em minha casa a hora nona de oração, e eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes, [31]e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas lembradas na presença de Deus. [32]Manda, pois, alguém a Jope a chamar Simão, por sobrenome Pedro; acha-se este hospedado em casa de Simão, o curtidor, à beira-mar. [33]Portanto, sem demora, mandei chamar-te, e fizeste bem em vir. Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor.

No dia seguinte, Pedro e sua comitiva partiram para Cesaréia, em direção ao norte pela estrada costeira. Era um grupo de dez: os três gentios enviados por Cornélio, o próprio Pedro e *alguns irmãos dos que habitavam em Jope* (v. 23b), em número de seis (11:12). Se foram a pé, devem ter levado nove ou dez horas, sem contar as paradas. Foi, então, no dia seguinte que chegaram ao destino. Eles encontraram um grupo considerável à sua espera, pois *Cornélio estava esperando por eles* e tinha reunido não só os da sua própria casa mas também *seus parentes e amigos íntimos* (v. 24). Sua humildade e receptividade espirituais podem ser deduzidas pelo fato de que, *indo Pedro a entrar*, ele "se jogou aos seus pés – como se ele fosse um visitante celestial".[16] Era, porém, um gesto inadequado. Pedro *o levantou*, afirmando que ele também era apenas um homem.[17]

Se o ato de Cornélio se prostrar diante de Pedro era inadequado, o fato de Pedro entrar na casa de um gentio também era impróprio, de acordo com a tradição judaica. *É proibido*, disse Pedro (v. 28). Essa, porém, não é a melhor tradução da palavra *athemitos*, que "denota o que é contrário ao costume ou à prescrição (*themis*) antiga, e não uma proibição expressa (*nomos*)".[18] Na verdade, a palavra descreve o que é um "tabu".[19] Mas Pedro sentiu-se livre para romper com esse tabu tradicional ao entrar na casa de Cornélio, pois Deus havia lhe mostrado que nenhum ser humano era imundo perante ele.

Consciente ou inconscientemente, Pedro acabava de rejeitar as duas atitudes extremas e contrárias que os seres humanos têm adotado uns com os outros. Ele reconheceu que era totalmente inadequado tanto adorar uma pessoa como se fosse divina (o que

Cornélio tentara fazer com ele), como rejeitar alguém, considerando-a imunda (como teria feito anteriormente com Cornélio). Pedro não aceitou que Cornélio o tratasse como Deus, e se recusou a tratar Cornélio como cachorro.

Pedro continuou, dizendo que, uma vez chamado, tinha vindo *sem vacilar* (v. 29), ou "sem demora" (NEB). Qual seria, então, o motivo para Cornélio mandar chamá-lo?

Como resposta, Cornélio contou a história da visão do anjo (vs. 30-33), que ocorrera quatro dias antes. O seu relato é idêntico ao de Lucas (vs. 3-6), exceto pelo fato de agora ele descrever o anjo como *um varão de vestes resplandecentes* e omitir qualquer referência ao medo que sentira na ocasião (v. 4). Ele, então, agradeceu a Pedro por ter vindo e acrescentou: *Agora, pois, estamos todos aqui, na presença de Deus, prontos para ouvir tudo o que te foi ordenado da parte do Senhor* (v. 33). Era um extraordinário reconhecimento de que eles estavam na presença de Deus, que o apóstolo Pedro deveria ser o portador da palavra de Deus para eles, e que todos eles estavam prontos e abertos para ouvi-la. Nenhum pregador poderia exigir um público mais atento.

Pedro começou o sermão com uma solene afirmação pessoal daquilo que aprendera através de suas experiências nos últimos dias. Ele as expressou em forma positiva e negativa. Primeiro, *"Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas"* (v. 34). *Prosopolempsia* significa "partidarismo". Na LXX, isso era proibido aos juízes: eles não podiam perverter a justiça, discriminando a favor do rico ou do pobre;[20] porque não há no juiz divino "injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno".[21] Mas a afirmação de Pedro possui uma conotação mais ampla. Ele diz que a atitude de Deus para com as pessoas não é determinada por critérios externos, como aparência, raça, nacionalidade ou classe social. Pelo contrário, e inegavelmente, *em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável* (v. 35). Ou melhor, literalmente, "em todas as nações, qualquer um que teme a Deus e age com justiça é aceitável (*dektos*) a ele". Por enquanto, não darei uma explicação completa dessa afirmação. É suficiente, por ora, prestar atenção ao seu contexto em Atos 10 e em seu contraste com "imparcialidade". Enfatiza-se aqui que a nacionalidade gentia de Cornélio era aceitável, de modo que não lhe era necessário tornar-se judeu, e não que a sua própria retidão fosse suficiente para que não precisasse tornar-se cristão. Pois Deus não é indiferente às religiões, ele é indiferente à nacionalidade.[22] Como pergunta

Lenski: "Se suas sinceras convicções pagãs fossem suficientes, por que procuraria a sinagoga? Se a sinagoga fosse suficiente, por que Pedro estava ali?"[23] Pedro logo lhe ensinaria que é necessário ter fé para ser salvo (v. 43).

Após essa introdução, afirmando que "não há obstáculo racial para a salvação cristã",[24] Lucas resume o sermão de Pedro (vs. 36-43). Apesar de ter sido dirigido a um público gentio, o conteúdo era essencialmente o mesmo daquele que pregava aos judeus. E Pedro mesmo afirmou isso, chamando-o de *palavra que Deus enviou aos filhos de Israel* e *o evangelho da paz* (a reconciliação com Deus e com o próximo) *por meio de Jesus Cristo*, que é *o Senhor de todos*, não apenas de Israel (v. 36). Ele mencionou certos acontecimentos recentes, que os ouvintes de Pedro conheciam pois tinham sido públicos, cuja data e local Pedro podia indicar com precisão: *Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judéia, tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou* (v. 37; cf. 1:22). Esses acontecimentos giravam em torno do Jesus histórico, nos estágios sucessivos de sua carreira salvífica, e na salvação que ele oferece como conseqüência.

Primeiro, Pedro se referiu à vida e ao ministério de Jesus: *como Deus ungiu a Jesus de Nazaré* para sua obra como o Messias, não com óleo, como os reis de Israel e Judá, mas *com o Espírito Santo e poder*, ou seja, com o poder do Espírito Santo.[25] Ungido, *andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo*, ou "tiranizados" por ele,[26] de modo que seu poder foi considerado maior do que o do diabo, *porque Deus era com ele* (v. 38; cf. 2:22). E mais, Pedro continuou, *somos testemunhas* [testemunhas oculares] *de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém* (v. 39a), e, portanto, podemos dar evidências ou testemunhos de primeira mão. Isso deixa claro que "algum tipo de relato da vida e do caráter de Jesus era parte essencial da pregação da igreja primitiva, especialmente de sua evangelização inicial".[27]

O próximo ponto foi a morte de Jesus. As autoridades *tiraram a vida* de Jesus, crucificando-o. Mas Pedro indica, como havia feito em seus sermões anteriores (2:23; 5:30), que, por trás do acontecimento histórico havia um significado teológico; por trás da execução humana, havia um plano divino. Pois eles o tinham matado, *pendurando-o no madeiro* (v. 39b). Pedro não precisava chamar a cruz de "madeiro"; ele o fez deliberadamente a fim de indicar que Jesus estava carregando, em nosso lugar, a "maldição" ou o julgamento de Deus pelos nossos pecados.[28]

O terceiro acontecimento foi a ressurreição (vs. 40-41). Pedro enfatizou que ela foi um ato divino (*tiraram-lhe a vida ... a este ressuscitou Deus*, o mesmo contraste dramático encontrado em 2:23-24 e 5:30-31), num tempo determinado (*no terceiro dia*), tendo sido também confirmada fisicamente, pois Deus deliberadamente *concebeu que fosse manifesto, não a todo povo, mas às testemunhas* especiais *que foram anteriormente escolhidas por Deus*, particularmente a *nós*, os apóstolos. E mais: o corpo ressurreto visto pelos apóstolos, apesar de milagrosamente transfigurado e glorificado, podia materializar-se, de modo que eles comeram e beberam com ele, e ele com eles, *depois que ressurgiu dentre os mortos.*[29]

A vida, a morte e a ressurreição de Jesus foram acontecimentos mais do que significativos; eles também formavam o evangelho, que *nos* (novamente os apóstolos) *mandou pregar*, em primeiro lugar *ao povo*, ou seja, aos judeus. Mas o alcance do evangelho era universal. Assim, os apóstolos também deviam proclamá-lo como o "Senhor de todos" (v. 36), como o juiz de todos e como o Senhor de todos os que crêem. Eles deviam *testificar que ele* voltaria no dia do juízo, porque *ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos* (v. 42; cf. 17:31). Todos serão incluídos; ninguém pode escapar. Mas não precisamos temer o juízo de Cristo, porque ele também é aquele que concede a salvação. Muito antes de os apóstolos começarem a testemunhar sobre ele como o Salvador, *todos os profetas* já o haviam feito no Antigo Testamento, e ainda o fazem através de sua palavra escrita: eles *dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê*, isto é no Jesus único, histórico, encarnado, crucificado e ressurreto, *recebe remissão de pecados* (v. 43), ou seja, através da eficácia da sua pessoa e das suas obras. Esse "todo" inclui tanto gentios como judeus: a frase "despedaça as fronteiras" de raça e nacionalidade.[30]

Era uma mensagem maravilhosamente abrangente, um resumo das boas novas de acordo com Pedro, que Marcos posteriormente relataria de forma mais completa em seu Evangelho e que Lucas inclui em seu. Concentrando-se em Jesus, Pedro o apresentou como uma pessoa histórica, em quem e através de quem Deus estava preparando a salvação, e que agora oferecia aos crentes a salvação e o escape do juízo. Assim, história, teologia e evangelho novamente se combinam, como em outros sermões apostólicos. Quando Cornélio, sua família, seus parentes, amigos e servos ouviram, seus corações foram abertos: eles captaram a mensagem

de Pedro, acreditaram nela, e, assim, se arrependeram e creram em Jesus.

Então, enquanto *Pedro falava estas coisas,* antes de terminar (11:15), *caiu o Espírito Santo sobre todos* os gentios que ouviram a *palavra* e creram (v. 44), a condição que Pedro acabara de mencionar (v. 43). Os poucos cristãos judeus (*que eram da circuncisão) que vieram com Pedro, admiraram-se* ("ficaram absolutamente perplexos", JBP) *porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo* (v. 45), como acontecera no dia de Pentecoste. Era um tipo de reconciliação entre judeus e gentios, cuja longa alienação fora assegurada e simbolizada pela diferença de línguas.[31]

Pedro logo deduziu o inevitável. Se Deus havia aceitado os crentes gentios, o que de fato aconteceu (15:8), a igreja também precisava aceitá-los. Se Deus havia-lhes batizado com seu Espírito (11:16), *porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?* (v. 47). Como o sinal poderia ser negado aos que já tinham recebido a realidade que ele simboliza? Crisóstomo discorreu sobre essa lógica. Dando o Espírito a Cornélio e à sua casa antes do batismo, Deus deu a Pedro uma *apologia megale* (uma poderosa razão ou justificativa) para conceder-lhes o batismo na água.[32] Mas, em certo sentido, o batismo deles "já estava completo",[33] pois Deus o tinha feito. Pedro deixou bem claro que "de forma alguma ele era o autor, mas que, em tudo, o autor era Deus". Como se ele dissesse: "Deus os batizou, não eu."[34]

Assim, Pedro *ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então,* tendo-os recebido na família de Deus, *lhe pediram que permanecesse* em sua casa por *alguns dias* (v. 48), sem dúvida alguma, para nutri-los em sua nova fé e vida. O dom do Espírito não era suficiente: eles também precisavam de mestres humanos. E o fato de Pedro aceitar a hospitalidade deles demonstrou uma nova solidariedade judaico-gentia estabelecida por Cristo.

5. Pedro justifica suas ações (11:1-18)

Chegou ao conhecimento dos apóstolos e dos irmãos que estavam na Judéia que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. [2]*Quando Pedro subiu a Jerusalém, os que eram da circuncisão o argüiram, dizendo:* [3]*Entraste em casa de homens incircuncisos, e comeste com eles.*

4Então Pedro passou a fazer-lhes uma exposição por ordem, dizendo:
5Eu estava na cidade de Jope orando e, num êxtase, tive uma visão em que observei descer um objeto como se fosse um grande lençol baixado do céu pelas quatro pontas, e vindo até perto de mim. 6E, fitando para dentro dele os olhos, vi quadrúpedes da terra, feras, répteis, e aves do céu. 7Ouvi também uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come.
8Ao que respondi: De nenhum modo, Senhor; porque jamais entrou em minha boca qualquer coisa comum ou imunda.
9Segunda vez falou a voz do céu: Ao que Deus purificou não consideres comum. 10Isto sucedeu por três vezes, e de novo tudo se recolheu para o céu.
11E eis que na mesma hora pararam, junto da casa em que estávamos, três homens enviados de Cesaréia para se encontrarem comigo. 12Então o Espírito me disse que eu fosse com eles, sem hesitar. Foram comigo também estes seis irmãos; e entramos na casa daquele homem. 13E ele nos contou como vira o anjo em pé em sua casa, e que lhe dissera: Envia a Jope e manda chamar Simão, por sobrenome Pedro, 14o qual te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa.
15Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós no princípio. 16Então me lembrei da palavra do Senhor, como disse: João, na verdade batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. 17Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?
18E, ouvindo eles estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida.

A notícia de que *os gentios haviam recebido a palavra de Deus* se espalhou rapidamente por toda parte. Os *apóstolos* e os *irmãos que estavam na Judéia* ficaram sabendo do caso. É compreensível que, assim como os apóstolos tiveram de ratificar a evangelização dos samaritanos que receberam "a palavra de Deus" (8:14), agora também estavam preocupados com a conversão e o batismo dos primeiros gentios, que a haviam aceitado de modo semelhante (v. 1). Eles não intimaram Pedro a prestar contas de seus atos. Lucas apenas escreve que *Pedro subiu a Jerusalém* por vontade própria (v. 2). E o editor do texto bizantino, preocupado em não dar margem a nenhuma dúvida, acrescentou que Pedro "havia muito desejava viajar para Jerusalém", que ele fez isso por iniciativa própria, e que ele "lhes relatou a graça de Deus".[35]

Em todo o caso, chegando em Jerusalém, *os que eram da circuncisão o argüiram* por ter entrado *em casa de homens incircuncisos* e ter comido com eles (v. 3). Alguns sugerem que os críticos de Pedro eram do "partido da circuncisão" (JBP), ou seja, "os cristãos judeus de direita", "os extremistas" ou "os rigoristas".[36] Mas a frase grega permite apenas um significado, "os que eram judeus por nascimento", (NEB), ou seja, toda a comunidade cristã em Jerusalém, que era composta apenas de judeus naquele tempo. Naturalmente, os fatos recentes, ocorridos em Cesaréia, haviam-lhes perturbado.

Nos versículos 4-17, Pedro *passou a fazer-lhes uma exposição por ordem* (v. 4). De fato, Lucas repete toda a história uma segunda vez, resumidamente, ordenando os acontecimentos de forma diferente, através dos lábios de Pedro. A narrativa de Lucas seguiu a cronologia dos quatro dias, começando com a visão de Cornélio. Pedro, porém, relatando as coisas como ele as experimentou, começa com sua própria visão do lençol, e não menciona a de Cornélio até o quarto dia, quando a ouviu dos lábios de Cornélio (apesar de os três mensageiros já a terem mencionado, 10:22). O modo de Pedro ordenar os acontecimentos é importante porque nos ajuda a viver sua experiência junto com ele, e a aprender assim como Deus lhe mostrou que não deveria considerar ninguém impuro ou imundo (10:28). Como explicou à igreja em Jerusalém, ele precisou de quatro bordoadas de revelação divina antes que seu preconceito racial e religioso fosse vencido.

A primeira bordoada foi a *visão divina* (vs. 4-10) do lençol que continha quadrúpedes, répteis e aves. No versículo 6, são acrescidas as *feras* e também a afirmação de que Pedro "olhou bem dentro" do lençol. A visão foi seguida por uma voz que deu a Pedro uma ordem surpreendente: *"Levanta-te, mata e come"* e, depois de seu protesto, censurou-o, dizendo: *"ao que Deus purificou não consideres comum"*. Toda a visão, incluindo a ordem e a repreensão, repetiu-se três vezes, de modo que a voz celestial se dirigiu a ele seis vezes, basicamente com a mesma mensagem. Como resultado, Pedro entendeu que os animais puros e imundos (uma distinção abolida por Jesus)[37]simbolizavam pessoas puras e impuras, circuncisas e incircuncisas. Como disse Rackham, "o lençol é a igreja", que irá "conter todas as raças e classes sem distinção alguma",[38] embora Pedro só tenha entendido o significado pleno disso mais tarde.

A segunda foi a *ordem divina* (vs. 11-12) de acompanhar os três homens que vieram de Cesaréia para buscá-lo. Pois *na mesma hora*, assim que terminou a visão, os homens de Cornélio chegaram à casa de Pedro, e o Espírito lhe ordenou que fosse com eles sem hesitação ou distinção (v. 12), apesar de serem gentios incircuncisos. Os *seis irmãos*, que agora estavam com Pedro em Jerusalém, tinham-no acompanhado de Jope até Cesaréia (10:23), sendo, portanto, testemunhas daquilo que acontecera. Com Pedro, formavam um grupo de sete pessoas, fato que William Barclay julga importante, pois "na lei egípcia, que os judeus certamente conheciam bem, eram necessárias sete testemunhas para provar completamente um fato", enquanto "na lei romana, que também deviam conhecer bem, eram necessários sete selos para autenticar um documento realmente importante, como um testamento".[39]

A terceira bordoada foi a *preparação divina* (vs. 13-14). Ou seja, quando Pedro e sua comitiva entraram na casa de Cornélio, ele lhes contou como Deus havia-lhe preparado para a visita deles. Apareceu um anjo, dizendo-lhe que procurasse Simão Pedro em Jope, porque ele lhe traria a mensagem da salvação. No relato de Lucas, o conteúdo da mensagem de Cornélio para Pedro não fora mencionado (19:5-6, 22, 32-33), mas Pedro sabia da expectativa que o anjo havia criado em Cornélio.

Enquanto recontava a história das duas visões à igreja em Jerusalém, Pedro deve ter ficado novamente impressionado com a sua cronologia. Pois Deus estava operando em ambos os lados, em Cornélio e em Pedro, aprontando-os deliberadamente para o encontro, e preparando-os para isso, dando a cada um, em dias sucessivos, uma visão especial, independente e adequada. Ele disse para Cornélio em Cesaréia mandar buscar Pedro em Jope; e disse para Pedro em Jope ir à casa de Cornélio em Cesaréia, sincronizando perfeitamente os dois acontecimentos. Haenchen acha que Lucas exagera as intervenções sobrenaturais de Deus, e que dessa forma, "virtualmente exclui toda e qualquer decisão humana" transformando a obediência da fé em algo "muito parecido com movimentos de um marionete"[40]. Mas isso não é justo. A intervenção divina é clara, tanto na vida de Cornélio como na de Pedro, mas nenhum deles foi manipulado a ponto de ter anulada a mente ou a vontade. Pelo contrário, eles refletiram sobre o que viram e ouviram, interpretaram seu significado e livremente decidiram obedecer.

A quarta e última revelação a Pedro foi a *ação divina* (vs. 15-17).

Pois quando Pedro começou a falar ou, pelo menos, enquanto Pedro ainda falava (10:44), (já que os comentaristas nos aconselham a não entendermos literalmente essa construção semítica), *caiu o Espírito Santo sobre eles*, exatamente como, acrescentou, *sobre nós no princípio.* Foi a extraordinária semelhança entre os dois acontecimentos que o deixou atônito. Ele lembrou aquilo que o Jesus ressurreto havia dito após sua ressurreição (1:5), ou seja, que *João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo.* Em outras palavras, esse foi o Pentecoste gentio em Cesaréia, que correspondia ao Pentecoste judaico em Jerusalém.

Aqui, então, estavam as quatro bordoadas celestiais, todas habilmente voltadas contra o preconceito racial dos judeus e, especialmente, contra o de Pedro: a visão, a ordem, a preparação e a ação. Juntos, demonstraram claramente que Deus havia recebido gentios convertidos em sua família, em igualdade de condições com os convertidos judeus. Pedro foi convencido. Imediatamente, tirou as conclusões corretas do fato de Deus ter dado aos gentios o mesmo dom do Espírito que havia dado aos judeus. Ele fez duas perguntas retóricas. A primeira foi feita em Cesaréia: "Porventura pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, como nós, receberam o Espírito Santo?" (10:47). A segunda foi dirigida aos seus críticos em Jerusalém; "Pois se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou ... quem era eu para que pudesse resistir a Deus?" (11:17). Ambas as perguntas não podiam ser respondidas. E ambas eram ainda mais fortes porque continham praticamente a mesma expressão grega, ou seja, *dynatai kolysai* (10:47) e *dynatos kolysai* (11:17), literalmente "capaz de proibir, recusar ou evitar". O batismo na água não podia ser negado àqueles convertidos gentios, pois Deus não podia ser proibido de fazer o que fez, isto é, batizá-los no Espírito. O argumento era irrefutável. Pedro fora "confrontado com um fato divino consumado".[41] Certamente, conceder o batismo cristão a um gentio incircunciso era um passo ousado e inovador, mas recusá-lo seria "obstruir o caminho de Deus" (NEB).

Assim como Pedro foi convencido pela evidência, também agora a igreja: pois *apaziguaram-se* (literalmente, "permaneceram calados") *e glorificaram a Deus.* Como F. F. Bruce coloca de forma concisa, "pararam de criticar; começaram a louvar".[42] E eles

tinham bons motivos para glorificar a Deus pois, assim concluíram, *também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida* (11:18).

6. Lições a serem aprendidas

Lucas conta a história da conversão de Cornélio com grande habilidade dramática. Mas será que ela possui algum significado permanente? Hoje em dia não existem centuriões romanos e os gentios são membros plenos da igreja há séculos. Será que esse incidente possui algum interesse além do histórico – talvez, até, antiquário? Sim, ele fala diretamente acerca de algumas questões modernas sobre a igreja, o Espírito Santo, religiões não-cristãs e o evangelho.

a. A unidade da igreja

A ênfase fundamental da história de Cornélio é que, se Deus não faz distinções em sua nova sociedade, não temos direito de fazê-las. Entretanto, por mais trágico que seja, a igreja nunca chegou a aprender irrevogavelmente a verdade de sua própria unidade ou da igualdade dos seus membros em Cristo. Até o próprio Pedro, apesar do quádruplo testemunho celestial recebido, cometeu um grave lapso mais tarde, em Antioquia, quando se retirou da comunhão com crentes gentios, precisando ser advertido publicamente por Paulo.[43] Mesmo depois disso, o partido da circuncisão continuava a sua propaganda, e o Concílio de Jerusalém teve de ser convocado para resolver a questão (At 15). E mesmo assim, esse feio pecado da discriminação continua reaparecendo na igreja em forma de racismo (preconceito de cor), nacionalismo ("meu país, esteja certo ou errado"), discriminação de tribos na África e de castas na Índia, esnobismo cultural e social,[44] ou sexismo (discriminação da mulher). Todo tipo de discriminação é imperdoável mesmo em sociedades não-cristãs; na comunidade cristã, ela é uma obscenidade (porque ofende a dignidade do ser humano) e uma blasfêmia (porque ofende a Deus, que aceita sem discriminação todo o que se arrepende e crê). Como Pedro, devemos aprender que "Deus não faz acepção de pessoas" (10:34).

b. A dádiva do Espírito

Lucas, cujo aguçado interesse pelo ministério do Espírito Santo já notamos, dá a ele muita proeminência na história da conversão de Cornélio. Isso é uma repreensão para aqueles cristãos que deixam de lado ou subestimam a sua obra hoje. Mesmo que o falar em línguas estranhas, que caracterizou o Pentecoste judaico e gentio (2:4; 10:46), não seja uma bênção cristã universal, a dádiva do Espírito é. E esta história gera perguntas incômodas aos que insistem na iniciação cristã em dois estágios, já que é evidente que Lucas está descrevendo a conversão de Cornélio, e não um segundo batismo no Espírito, após a conversão. Pois Pedro pregou o evangelho a ele, e relata que Cornélio se arrependeu (11:18) e creu (15:7, 9). O que ele experimentou também é chamado de forma intercambiável de "receber" a dádiva do Espírito (10:45, 47; 11:17) ou ser "batizado" com o Espírito (11:16). De fato, no caso de Cornélio, o batismo na água simbolizava e selava a salvação total (11:14) que Deus havia lhe dado, incluindo o perdão de pecados e a dádiva do Espírito (10:43, 45), como no dia de Pentecoste (2:38).

c. O status das religiões não-cristãs

A história de Cornélio ganha uma nova importância em relação ao novo pluralismo de muitas sociedades e das religiões não-cristãs contemporâneas. Alguns argumentam que ela seja "talvez o indicador mais poderoso da amplitude da atividade salvífica de Deus" e contém afirmações que são "pistas importantes para o entendimento cristão do *status* daqueles que não são cristãos em nossos dias, diante de Deus."[45] Precisamos, portanto, examinar cuidadosamente esse "indicador" e essas "pistas".

É verdade que Lucas descreve Cornélio como homem "devoto" (*eusebes*, "piedoso") e "temente a Deus", que "fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus" (10:2). Mais tarde, seus próprios servos o descrevem como "homem reto [*dikaios*] e temente a Deus, tendo bom testemunho de toda a nação judaica" (10:22), enquanto Pedro o inclui entre os que temem a Deus e fazem o que é justo (10:35). E mais do que isso, relata-se que Deus se agradava dele. Suas orações e seus pedidos "subiram para memória diante de Deus" (10:4, 31). "Memória" é uma tradução de *mnemosynos*, uma palavra sacrificial usada na LXX para "porção memorial", uma oferta que era queimada.[46] Será que isso significa

que as orações e esmolas foram aceitas como sacrifício aos olhos de Deus (v. 31)?[47] E o que Pedro quis dizer quando afirmou que Deus "aceita" (*dektos*) em qualquer nação aquele "que o teme e faz o que é justo" (10:35)? Que tipo de "aceitabilidade" perante Deus está implícita na palavra *dektos* e no uso da imagem sacrificial em 10:4 e 31?

Uma possibilidade é que *dektos* se refira à aceitação chamada "justificação", mas que o temer a Deus e fazer o que é justo (v. 35) não sejam "condições meritórias ou pré-requisitos para se experimentar a graça divina, mas seus frutos e evidências", e que Pedro estaria descrevendo crentes, e não incrédulos (como faz Paulo em Rm 2:10). A ênfase, então, é que Deus aceita todo que o teme e faz o que é justo, não à parte de sua fé em Jesus (porque eles creram e agora mostram sua fé em suas obras), mas sim à parte de sua raça ou classe social. "O significado essencial é que tudo o que é aceitável perante Deus em uma raça é aceitável em qualquer outra."[48] Uma explicação alternativa, porém, parece se ajustar melhor ao contexto. Esta afirma que *dektos* não significa "aceito" no sentido absoluto de "justificado", mas "aceitável" no sentido comparativo, pois Deus prefere justiça à injustiça e sinceridade à insinceridade em qualquer pessoa, e, no caso de Cornélio, Deus providenciou para que ele ouvisse o evangelho da salvação.

O que, enfaticamente, Pedro não quis dizer é que qualquer um de qualquer nação ou religião que seja devoto ("temente a Deus") e reto ("faz o que é justo") é, por isso, justificado. Calvino está correto em rejeitar essa idéia, considerando-a "um erro extremamente infantil".[49] Ela não só contradiz o evangelho de Paulo, que Lucas fielmente relata em Atos, mas ela é refutada pelo restante da história de Cornélio; pois esse homem devoto, temente a Deus, justo, sincero e generoso ainda precisava ouvir o evangelho, arrepender-se (11:18) e crer em Jesus (15:7). Somente então Deus o salvou (11:14; 15:11) em sua graça (15:11), deu-lhe o perdão dos seus pecados (10:43), a dádiva do Espírito (10:45; 15:8) e da vida (11:18), e purificou o seu coração pela fé (15:9). E mais, apenas então ele foi batizado, sendo, assim, recebido de forma visível e pública na comunidade cristã.

É, portanto, um mal uso de Atos 10 e 11 sugerir que antes de ouvir Pedro, Cornélio estava num relacionamento correto com Deus, ou "justificado". A essência da história é que (negativamente) Deus não faz acepção de pessoas (10:34) e não faz distinção entre raças (10:20, 29; 11:12; 15:9), e que (positivamente)

ele deu e dá o mesmo Espírito a todos igualmente, não à parte da fé, mas sim da circuncisão.

d. O poder do evangelho

Lucas recontou as conversões de Saulo e Cornélio. As diferenças entre esses dois homens eram consideráveis. Quanto à raça, Saulo era judeu, Cornélio era gentio; quanto à cultura, Saulo era um erudito, e Cornélio um soldado; quanto à religião, Saulo era um fanático, Cornélio um simpatizante. Mas ambos foram convertidos através da graciosa iniciativa de Deus; ambos receberam o perdão de pecados e a dádiva do Espírito; e ambos foram batizados, sendo recebidos na família cristã em igualdade de condições. Esse fato é um testemunho do poder e da imparcialidade do evangelho de Cristo, que ainda é o "poder de Deus para salvação de todo o que crê; primeiro do judeu e também do grego".[50]

Notas:

1. Gl 2:1ss.
2. 2 Co 12:12.
3. 1 Rs 17:17-24; 2 Rs 4:32-37.
4. Mc 2:11.
5. Mc 5:41.
6. Calvino, I, p. 277.
7. Knowling, p. 249. Veja Nm 19:11-13; Strack e Billerbeck, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. 2 (1924), p. 695; e Edersheim, *Jewish Social Life*, p. 158.
8. Mt 16:19.
9. Veja Conrad Gempf, "The God-fearers", apêndice 2 em Hemer, pp. 444-447.
10. Gn 12:1-4.
11. Sl 2:7-8; 22: 27-28; Is 2:1ss.; 42:6; 49:6; Jl 2:28ss.
12. Edersheim, *Jewish Social Life*, pp. 25-29.
13. Jn 1:3.
14. Mt 16:22; Jo 13:8.
15. Alexander, I, p. 398.
16. Haenchen, p. 350.
17. Cf. At 14:11ss.; Ap 19:10; 22:8-9.
18. Alexander, I, p. 403.
19. Bruce, *English*, p. 222.
20. E.g. Lv 19:15.
21. 2 Cr 19:7.

22. Bengel, p. 605.
23. Lenski, p. 419.
24. Haenchen, p. 351.
25. Lc 4:18.
26. Lenski, p. 422.
27. Stanton, p. 13. Contra a insistência de Bultmann e outros em afirmar que a igreja primitiva se preocupava apenas com o Senhor ressurreto e não com o Jesus histórico, professor Stanton assume o que se chama de visão "fora de moda" de que "a igreja primitiva estava interessada no passado de Jesus" (p. 186), que sua vida e seu caráter eram parte essencial de sua pregação evangelística (p. 30), e que "a fé na ressurreição da igreja não obscureceu" essas coisas (p. 191).
28. Dt 21:22-23; cf. Gl 3:10-13; 1 Pe 2:24.
29. Cf. Lc 24:30, 41ss.; Jo 21:13; At 1:4.
30. Haenchen, p. 353.
31. Alexander, I, p. 417.
32. Crisóstomo, *Homilia XXIV*, p. 155.
33. *Ibid.*, p. 157.
34. *Ibid.*, p. 158.
35. Metzger, pp. 382-384.
36. Neil, pp. 141-142.
37. Mc 7:19.
38. Rackham, p. 153.
39. Barclay, pp. 91-92.
40. Haenchen, p. 362.
41. Bruce, *English*, p. 230.
42. *Ibid.*, p. 236.
43. Gl 2:11ss.
44. Tg 2:1ss.
45. *Towards a Theology for Inter-Faith Dialogue* (Anglican Consultative Council, 1984; segunda edição, 1986), pp. 24-25.
46. E.g. Lv 2:2, 9, 16.
47. Alguns entendem que Is 56:6ss. e Ml 1:10-11 ensinam que Deus aceitará os sacrifícios dos gentios. Mas no primeiro texto os "estrangeiros" em vista são aqueles que se curvam diante de Javé, amam seu nome e guardam sua aliança, enquanto que no último Javé rejeita as ofertas de Israel e, em seu lugar, aceita as ofertas daquelas nações em que seu "nome é grande".
48. Alexander, I, p. 409.
49. Calvino, I, p. 288.
50. Rm 1:16.

Atos 11:19 – 12:24
9. Expansão e oposição

Lucas encerrou a seção anterior com as palavras "também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida" (v. 18). Partindo de líderes judeus conservadores da igreja em Jerusalém, a declaração marcou época. Assim como Pedro fora convencido pelas evidências circunstanciais de que Deus queria que os gentios fossem recebidos na comunidade redimida, também os seus críticos foram convencidos por seu relato dessa evidência. O próprio Deus havia colocado a questão além de qualquer dúvida, concedendo o seu Espírito a uma família gentia.

A inclusão dos gentios será o assunto principal de Lucas no restante de Atos, e no capítulo 13 ele começa a sua crônica das campanhas missionárias de Paulo. Antes disso, porém, ela dá aos seus leitores dois esboços que formam uma transição entre a conversão do primeiro gentio (por intermédio de Pedro) e a evangelização sistemática dos gentios (por intermédio de Paulo). A primeira (11:19-30) relata a expansão da igreja para o norte, como resultado da atividade evangelística de missionários anônimos. O palco é Antioquia, e Paulo aparece na história, embora Barnabé seja mais destacado. A segunda (12:1-25) descreve a oposição à igreja feita pelo rei Herodes Agripa I, que concentra seus ataques sobre os membros do círculo apostólico. O palco é Jerusalém, e Pedro é o personagem principal. Na verdade, esta é a última história de Pedro contada por Lucas, antes que a liderança seja assumida por Paulo e Jerusalém seja eclipsada pelo novo alvo, Roma.

1. Expansão: a igreja em Antioquia (11:19-30)

A expressão chave no fim do último parágrafo era "também aos gentios" (v. 18); a expressão chave deste parágrafo é "também aos

gregos" (v. 20). O acréscimo de "também" em ambos os versículos (*kai*) é importante. Não significa que a evangelização dos gentios precisava parar, mas que a evangelização dos judeus precisava começar. Como Paulo escreveria mais tarde (sendo quase um refrão nos primeiros capítulos de Romanos), o evangelho era "primeiro ao judeu, depois ao gentio".[1]

a. A missão entre os gregos é iniciada por evangelistas anônimos (11:19-21)

Em 8:1, Lucas escreveu que, como resultado da perseguição que se iniciou após o martírio de Estêvão, "todos, exceto os apóstolos, foram dispersos [*diesparesan*] pelas regiões da Judéia e Samaria". Ele agora resume sua narrativa: *Então os que foram dispersos (diesparentes), por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão, se espalharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia* (v. 19a). Em ambos os casos ele apresenta essa dispersão dos crentes como uma diáspora cristã. Em ambos os casos o resultado foi o mesmo, ou seja, "os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra" (8:4), *anunciando ... a palavra* (v. 19b). E em ambos os casos ele mantém os evangelistas no anonimato, só dizendo que eles não eram apóstolos (8:1) e mencionando Filipe (8:5ss.).

Lucas agora mostra como o movimento externo do evangelho cresceu em dois aspectos: geográfico e cultural. Geograficamente, a missão se espalhou para o norte, passando da "Judéia e Samaria" (8:1b) *até à Fenícia*, que corresponde ao Líbano hoje, à ilha de *Chipre* e à cidade da *Antioquia* da Síria (v. 19). Culturalmente, a missão passou dos judeus para os gentios. A maioria dos missionários estava anunciando a palavra *somente aos judeus* (v. 19c), e a ninguém mais. *Alguns deles, porém, que eram de Chipre* (que, por acaso, era a terra de Barnabé, 4:36) *e de Cirene*, no litoral norte da África (será que entre esses estava "Lúcio de Cirene" mencionado em 13:1?), *foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus* (v. 20), proclamando Jesus, agora, não como "o Cristo", mas como "o Senhor". E mais, sua inovação foi ricamente abençoada por Deus, pois *a mão do Senhor estava com eles* (seu poder confirmando sua palavra), *de modo que muitos, crendo, se converteram ao Senhor* (v. 21) naquela combinação de arrependimento e fé que normalmente caracteriza a "conversão". Alguns especulam que o próprio Lucas era um desses convertidos, pois o texto ocidental inicia o versículo 28 com

as palavras "quando *nós* nos reunimos", indicando que Lucas estava presente, e porque existe uma tradição que remonta ao final do século II, segundo a qual Lucas teria sido natural de Antioquia.

Mas é possível ter certeza de que esses "espíritos ousados"[2] realmente evangelizaram os gregos em Antioquia, e não apenas helenistas, ou seja, judeus que falavam grego? Essa pergunta tem preocupado os eruditos há muito tempo. A leitura um pouco melhor do versículo 20 não é *hellenas*, "gregos", mas *hellenistes*, "helenistas".

Então, quem eram eles? A palavra em si (*hellenistes*) não nos revela nada, pois ela "não é encontrada em literatura grega anterior ou em literatura judaico-helenista", escreve Dr. Bruce Metzger, e, "no Novo Testamento, ocorre apenas aqui e em 6:1 e 9:29". Tudo o que se pode afirmar com certeza é que ela "parece ser uma nova derivação de *hellenizein*, 'falar grego' ou 'usar métodos gregos' ";[3] indicando assim a cultura das pessoas em questão, mas não a sua nacionalidade.

Se, então, o significado da palavra é, por si, incerto, o contexto precisa decidir. Mas mesmo isso é, até certo ponto, ambíguo. Alguns dizem que o contraste entre "somente aos judeus" (v. 19) e "também aos gregos" (v. 20) resolve a questão. Não haveria nada de especial em pregar a judeus de fala grega, pois isso vinha acontecendo desde o início. Isso não teria exigido investigação especial por parte de Jerusalém. Assim, concluem (como a maioria dos Pais da igreja) que o contexto exige que *hellenistas* seja entendido como sinônimo de *hellenas*, devendo ser traduzida por "gregos", "gentios" ou "pagãos".

Outros, porém, ressaltam que, mesmo que o contexto mais próximo seja claro (o contraste nos vs. 19-20 entre "somente aos judeus" e "também aos gregos"), o contexto mais amplo não o é. Haveria, de fato, um anacronismo em considerar que a missão gentia em escala completa tenha tido como pioneiros os evangelistas anônimos de Antioquia, já que Lucas reserva essa inovação para Paulo em sua primeira viagem missionária (At 13). Dificilmente Lucas teria a intenção de antecipá-la (At 11).

Já que existe uma ambigüidade nas palavras e no contexto, parece sábio procurar uma solução conciliatória entre os judeus que falavam grego e os que eram completamente pagãos. Lingüisticamente, podemos apenas ter certeza de que *hellenistas* indica pessoas de língua e cultura grega; a palavra não indica a sua origem étnica, se "a pessoa é judeu, romano ou de qualquer

origem não-grega".[4] Certamente, a palavra não exige que a pessoa seja um judeu. Em termos de contexto, Richard Longenecker sugere que os *hellenistas* de fato eram gentios, mas gentios "que tinham algum relacionamento com o judaísmo", talvez "tementes a Deus". Sua conclusão é que "Lucas não viu os gregos no versículo 20 apenas como gentios, sem influência do judaísmo, e que ele não considerou que a aproximação entre eles e os cristãos helenistas diminuiria a singularidade do trabalho de Paulo junto aos gentios, que viria mais tarde".[5] Em vez disso, *hellenistas* "deve ser entendido no sentido mais amplo: 'pessoas que falavam grego', referindo-se, portanto, à população mista de Antioquia, em contraste aos *joudaioi* no versículo 19".[6] Atos 15:1 e Gálatas 2:1ss. deixam claro que, naquela época, judeus e gentios, circuncisos e incircuncisos tinham comunhão à mesa em Antioquia.

Essa nova expansão da missão aconteceu em *Antioquia* (v. 20), e não se poderia imaginar localização mais adequada para a primeira igreja internacional e o ponto de partida para a missão cristã mundial. A cidade foi fundada em 300 a.C. por Seleuco Nicator, um dos generais de Alexandre o Grande. Ele a chamou de "Antioquia" em homenagem ao seu pai, Antíoco, e chamou seu porto, distante vinte e quatro quilômetros, em direção ao oeste, à beira de um rio navegável, o Orontes, de "Selêucida", em homenagem a si mesmo. Ao correr dos anos, tornou-se conhecida como "Antioquia, a Bela" por causa de seus edifícios refinados, e nos dias de Lucas ela era famosa por seu longo *boulevard* pavimentado, que se estendia de norte a sul e era ladeada por uma fileira dupla de árvores e fontes. Apesar de ser uma cidade grega quanto à fundação, sua população, estimada em pelo menos 500.000, era extremamente cosmopolita. A cidade possuía uma grande colônia judaica, atraídos pela oferta da cidadania plena prometida por Seleuco, e também orientais da Pérsia, Índia, e até mesmo da China, que lhe conferiu outro de seus nomes, "A Rainha do Oriente". Desde que foi incorporada ao Império Romano por Pompeu, em 64 a.C., e se tornou capital da província imperial da Síria (à qual, mais tarde, foi acrescentada a Cilícia), passou a ser habitada também por latinos. Assim, gregos, judeus, orientais e romanos formavam uma multidão mista que Josefo chamou de "a terceira cidade do Império", depois de Roma e Alexandria.[7]

b. A missão grega é ratificada por Barnabé (11:22-24)

A notícia desse novo progresso *chegou aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém,* assim como anteriormente haviam ouvido que "Samaria recebera a palavra de Deus" (8:14) e que "também os gentios [Cornélio e sua casa] haviam recebido a palavra de Deus" (11:1). Lucas parece indicar que eles sentiram a necessidade de verificar se tudo estava em ordem, além de ajudar a nutrir essa jovem igreja multirracial. Desta vez, porém, não enviaram um apóstolo: *enviaram Barnabé até Antioquia* (v. 22), a quem Barclay chamou de "o homem com o maior coração da igreja",[8] e que era fiel ao seu nome "filho de exortação" (4:36). *Tendo ele chegado* a Antioquia, logo viu pessoalmente *a graça de Deus* nas vidas transformadas dos convertidos e na nova comunidade internacional, e, como resultado, *alegrou-se,* provavelmente expressando seu gozo em louvor, *e exortava a todos* ("exortava" sendo, talvez, um trocadilho deliberado em função de seu nome) *a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor* (v. 23). Era uma exortação dupla: para que fossem perseverantes e íntegros de coração. É evidente que Lucas ficou impressionado com o caráter cristão de Barnabé, e atribuiu seu ministério a isso: pois *era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé.* Não nos surpreende que *muita gente se uniu* (literalmente, "foi acrescida") *ao Senhor* (v. 24).

O verbo para "se uniu" no versículo 24 (*prostithemi*) tornou-se para Lucas uma palavra quase técnica para descrever o crescimento da igreja. Ele a usou duas vezes em relação ao dia de Pentecoste, primeiro em relação aos três mil que foram acrescentados naquele dia (2:41) e depois em relação aos acréscimos diários subseqüentes (2:47). Mais tarde, ele descreveu que "mais e mais" homens e mulheres crentes no Senhor foram acrescidos à igreja (5:14), enquanto em Antioquia da Síria, "muita gente" foi acrescentada (11:24). Esse emprego do verbo *prostithemi* levou o famoso teólogo holandês Abraham Kuyper a propor a palavra "protética" para definir a missiologia (apesar de hoje esta palavra ser usada em relação à reposição cirúrgica de membros e órgãos), já que deveria dizer respeito à expansão da igreja através do acréscimo de membros. Hermann Bavinck respondeu que esse não seria um termo adequado pois, no Novo Testamento, é o Senhor quem dá o crescimento (2:47), e não os missionários humanos.[9] Deveríamos comentar também que os acréscimos não são apenas para a igreja, mas também para o Senhor (11:24).

Quando vemos "o Senhor acrescentando ao Senhor", fazendo com que ele seja sujeito e objeto, fonte e alvo da evangelização, precisamos nos arrepender dos nossos conceitos egocêntricos e autoconfiantes de missão cristã.

c. A missão grega é consolidada por Saulo (11:25-26)

A próxima ação de Barnabé foi ir *para Tarso à procura de Saulo* (v. 25), pois Tarso era a cidade natal de Saulo, para onde os crentes de Jerusalém o haviam enviado, quando sua vida estava ameaçada (9:28-30). Isso teria acontecido sete ou oito anos antes. Não sabemos o que ele esteve fazendo nesse período, embora sua carta aos Gálatas pareça indicar que esteve pregando na Síria e Cilícia.[10] Alguns comentaristas sugerem que foi durante esse período que ele sofreu algumas das perseguições físicas às quais se referiu mais tarde,[11] e foi deserdado pela família.[12]

Não podemos deixar de admirar a humildade de Barnabé em querer compartilhar o ministério com Saulo, e também o seu senso estratégico. Ele deve ter ouvido falar do chamado de Saulo para ser apóstolo dos gentios (9:15, 17), e é bem possível que as conversões gentias em Antioquia tenham-lhe feito pensar em Saulo. Em todo caso, *tendo-o encontrado, levou-o para Antioquia. E por todo um ano se reuniram naquela igreja,* cuja maioria eram novos convertidos sem instrução, *e ensinaram numerosa multidão* (v. 26a).

Eles devem ter ensinado sobre Cristo, assegurando-se de que os novos convertidos conheciam os fatos e o significado de sua vida, morte, ressurreição, exaltação, dádiva do Espírito, o reinado presente e sua vinda futura. E será que o fato de a palavra "Cristo" estar constantemente em seus lábios teria sido a razão pela qual *em Antioquia foram os discípulos pela primeira vez chamados cristãos* (v. 26b)? Até agora, Lucas tem se referido a eles como "discípulos" (6:1), "santos" (9:13), "irmãos" (1:16; 9:30), "fiéis" (10:45), os que estavam "sendo salvos" (2:47) e os seguidores "do Caminho" (9:2). Parece que foi o povo incrédulo de Antioquia, conhecido por sua sagacidade e sua habilidade em dar apelidos, que, supondo que "Cristo" fosse um nome próprio, e não um título (o Cristo ou o Messias), criaram o termo *christianoi*. Provavelmente era mais familiar e jocoso do que um sinal de desprezo. Apesar de não ter se difundido inicialmente, pois só aparece mais duas vezes no Novo Testamento (At 26:28 e 1 Pe 4:16), pelo menos enfatiza a natureza cristocêntrica do discipulado, pois a formação dessa

palavra é paralela a *herodianoi* (herodianos) e *kaisarianoi* (o povo de César): ela descrevia os discípulos como sendo, acima de tudo, o povo, os seguidores, os servos de Cristo.

d. A missão grega é autenticada pelas boas novas (11:27-30)

Foi *naqueles dias*, continua Lucas, *que desceram alguns profetas de Jerusalém para Antioquia* (v. 27). *Um deles, Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo* (o *oikoumene* ou "terra habitada", sendo visto como mais ou menos sinônimo do Império Romano). Lucas acrescenta em forma de parênteses que essa fome predita *sobreveio nos dias de Cláudio* (v. 28). Cláudio reinou de 41 a 54 d.C., mas os historiadores não registram "uma grande fome mundial" durante esse período. F. F. Bruce, portanto, propõe uma expressão mais geral como "grande escassez", acrescentando que esse período "de fato foi marcado por uma sucessão de más colheitas e sérias fomes em várias partes do Império".[13] Josefo, por exemplo, escreveu sobre uma grande fome que, durante o reinado de Cláudio, oprimiu o povo da Judéia, sendo que "muitas pessoas morreram por não terem como obter alimento", apesar de a rainha Helena ter comprado e distribuído grandes quantidades de cereais e figos.[14]

A preocupação de Lucas, porém, não é tanto o cumprimento da profecia de Ágabo, mas a resposta generosa da igreja de Antioquia. Pois *os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia* (v. 29). E mais, a decisão deles resultou em ação. Logo, as dádivas foram enviadas *aos presbíteros por intermédio de Paulo e Barnabé* (v. 30), que, tendo servido como evangelistas e mestres, estavam felizes em poder servir também como assistentes sociais. Essa segunda visita de Paulo a Jerusalém, relatada por Lucas, parece ser (embora nem todos os eruditos concordem com isso) a mesma segunda visita que Paulo menciona em Gálatas 2:1-10. As semelhanças são surpreendentes. Paulo escreve que viajou "com Barnabé", que ele foi "em obediência a uma revelação" (i.e. a profecia de Ágabo), e que os líderes o exortaram a continuar lembrando "dos pobres", "o que também" ele se esforçou "por fazer", ou seja, levar alívio aos esfomeados.

Naturalmente alguém talvez pergunte por que, independentemente da fome, a igreja de Jerusalém estaria tão pobre, a ponto de precisar dessa ajuda, e se a sua extrema generosidade,

descrita por Lucas em Atos 2 e 4, teria contribuído para isso. Seja lá como for, tinha chegado a vez de os crentes de Antioquia serem generosos. Eles deram *conforme as suas posses*,[15] da mesma forma como os crentes de Jerusalém, no passado, haviam distribuído "à medida que alguém tinha necessidade" (2:45; 4:35). Muitas vezes fico pensando se Marx conhecia essas duas passagens, tendo-as guardado em sua mente. Pois em sua famosa *Crítica do Programa de Gotha* (1875), sobre a política unificada dos dois ramos do socialismo alemão, ele exigiu algo muito mais radical do que eles propunham, quando a sociedade poderia "inscrever em seus estandartes: de cada um, de acordo com suas capacidades; a cada um, de acordo com suas necessidades!"[16]

Independentemente de nossas convicções políticas e econômicas, é muito claro que são princípios bíblicos, ou seja: a capacidade de um lado, a necessidade do outro, e como relacionar uma coisa à outra. Esses princípios deviam caracterizar a família de Deus. Não é por acaso que os receptores da ajuda vinda de Antioquia são chamados de "irmãos" (v. 29). E ainda mais importante, essa irmandade ou família incluía crentes judeus e gentios, e a comunhão entre eles foi ilustrada no relacionamento entre as duas igrejas. A igreja de Jerusalém tinha enviado Barnabé a Antioquia; agora, a igreja de Antioquia envia Barnabé, com Paulo, de volta a Jerusalém. Essa ajuda foi um prenúncio da oferta que Paulo levantaria mais tarde, com que as ricas igrejas gregas da Macedônia e de Acaia contribuíram para suprir as necessidades das igrejas empobrecidas da Judéia.[17] Para Paulo, era importante porque era um símbolo da solidariedade entre gentios e judeus em Cristo, "porque se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus", escreveu, "devem também servi-los com bens materiais".[18]

2. Oposição: a igreja em Jerusalém (12:1-25)

Lucas vem relatando uma conversão maravilhosa após a outra – os três mil no dia de Pentecoste, os samaritanos, o eunuco etíope, Saulo de Tarso, Cornélio o centurião gentio, e a multidão heterogênea em Antioquia. A palavra de Deus estava se espalhando em círculos concêntricos. Lucas está para descrever aquele grande salto que chamamos de primeira viagem missionária. Mas, antes, ele precisa relatar um sério revés, pela morte de Tiago e prisão de Pedro, ambos apóstolos e líderes da

igreja em Jerusalém. Herodes Agripa I foi o tirano responsável por esse ataque duplo contra a obra de Deus. Naquela época, deve ter parecido uma grave crise, apesar de Lucas descrever, a seguir, a libertação de Pedro, por intervenção de Deus. Assim, faz-se um contraste entre o poder destrutivo de Herodes e o poder salvador de Deus. De fato, em toda a história da igreja, o pêndulo tem se movimentado entre expansão e oposição, entre crescimento e retração, entre avanço e retirada, apesar da promessa de que os poderes da morte e do inferno nunca prevalecerão contra a igreja de Cristo, já que esta foi construída firmemente sobre a rocha.

Herodes Agripa I era o neto de Herodes o Grande. Ele possuía algumas das características do avô, e após receber porções sucessivas do território palestino dos imperadores Calígula e Cláudio, o seu reino era tão extenso quanto o de seu ancestral.

a. O plano de Herodes (12:1-4)

Por aquele tempo (Lucas é propositalmente vago, e os eruditos ainda discutem a ordem exata dos acontecimentos relatados em At 10 a 12) *o rei Herodes* (Lucas usa corretamente o título que o imperador Calígula havia lhe dado) *mandou ... prender alguns da igreja para os maltratar* (v. 1). Ele deve ter se informado bem sobre Jesus e seus seguidores, pois seu tio Antipas havia conhecido e julgado Jesus.[19] Sabe-se também que ele estava preocupado em preservar a paz romana na Palestina e, portanto, não via com bons olhos as minorias que ameaçavam rompê-la. É totalmente coerente com sua política o fato de ele tentar se aproximar dos judeus (que naturalmente o desprezavam devido à sua educação romana e seus ancestrais edomitas) observando conscienciosamente a lei e, agora, perseguindo a igreja. Assim ele fez *passar o fio da espada a Tiago, irmão de João* (v. 2), ou seja, o decapitou. Jesus tinha advertido Tiago e João, que lhe haviam pedido os melhores lugares em seu reino, que eles beberiam de seu cálice e compartilhariam o seu batismo,[20] ou seja, participariam de seus sofrimentos. Mas é um mistério da providência de Deus saber por que isso significaria execução para Tiago e exílio para João,[21] enquanto que, por ora, Pedro escapava do destino que Herodes havia lhe preparado. Pois, *vendo ser isto agradável aos judeus, prosseguiu prendendo também a Pedro. E eram os dias dos pães asmos* (v. 3), que se seguiam imediatamente à Páscoa; a lei judaica não permitia julgamento nem execuções nesse período. *Tendo-o feito*

prender, portanto, Herodes *lançou-o no cárcere*, talvez na torre de Antônia, no canto noroeste da área do templo, *entregando-o* a uma guarda de segurança máxima que consistia em *quatro escoltas de quatro soldados cada uma*, que trabalhavam em turnos, de modo que *cada escolta trabalhava seis horas de cada vez ou, talvez, três horas* durante a noite. Herodes planejava *apresentá-lo ao povo*, para o que chamaríamos hoje de "julgamento-espetáculo", *depois da páscoa*, incluindo os dias da festa dos pães asmos (v. 4). O julgamento de Pedro seria, obviamente, seguido por sua execução.

A situação mostrava-se desoladora, sem esperança. Parecia que Pedro não tinha como escapar. O que a pequena e pouca influente comunidade de Jesus poderia fazer contra o poder armado de Roma?

b. A derrota de Herodes (12:5-19a)

A igreja de Jerusalém não tinha esquecido as últimas duas prisões de Pedro, decretadas pelo Sinédrio (4:3; 5:18). Nem tinha esquecido como Pedro e João, após terem sido soltos pela primeira vez, tinham se juntado ao resto da igreja em oração, afirmando que Deus era soberano e que Herodes Antipas e Pôncio Pilatos, os gentios e os judeus, tinham conspirado contra Jesus, apenas para fazerem tudo aquilo que sua *mão* e seu *propósito predeterminaram* (4:23-28). *Quanto à segunda prisão dos apóstolos, um anjo do* Senhor havia aberto as portas do cárcere, libertando-os (5:19); ele não poderia fazer isso mais uma vez? Dessa forma, enquanto Pedro ainda estava *guardado no cárcere, havia oração incessante a Deus por parte da igreja a favor dele* (v. 5). Lucas emprega o advérbio *ektenos* ("incessante"; "com fervor" - BLH), que anteriormente havia aplicado à intensa agonia de Jesus no Getsêmani.[22] Eles acreditavam que, de alguma forma, realizando ou não um milagre, Deus poderia soltar o apóstolo em resposta a suas orações.[23] Portanto, havia duas comunidades, o mundo e a igreja, colocadas uma contra a outra, cada uma fazendo uso de suas armas. De um lado estava a autoridade de Herodes, o poder da espada e a segurança da prisão. Do outro, a igreja se voltou à oração, a única arma daqueles que não têm poder.

Quando Herodes estava para apresentá-lo, naquela mesma noite Pedro dormia entre dois soldados, acorrentado com duas cadeias, e sentinelas à porta guardavam o cárcere (v. 6). Lucas faz questão de destacar a segurança máxima com que Pedro estava sendo guardado para

evitar uma fuga ou um resgate. Normalmente considerava-se suficiente acorrentar o preso a um soldado, mas, por precaução especial, Pedro tinha um soldado de cada lado e seus dois punhos estavam algemados, enquanto que, do lado de fora da cela, os outros dois soldados da escolta estavam de vigia. Apesar da aparente impossibilidade de uma libertação, e de todas as indicações de que no dia seguinte ele sofreria o mesmo destino de Tiago (cumprindo a profecia de Jesus de que ele morreria como um mártir),[24] Pedro não mostrou nenhum sinal de preocupação, muito menos de aflição. Pelo contrário, ele dormia. Mais tarde, em situação parecida em Filipos, Paulo oraria e louvaria a Deus (16:25). Isso levou Crisóstomo a comentar: "é lindo o fato de Paulo cantar hinos, enquanto Pedro, aqui, dorme".[25] Ambos os heróis de Lucas, Pedro e Paulo, mostraram-se igualmente corajosos diante da morte.

Então, de repente *sobreveio um anjo do Senhor*. A nossa compreensão da identidade desse "anjo" depende muito de nossas pressuposições e, em especial, do fato de crermos ou não na existência de anjos e na possibilidade de haver milagres. É verdade que a palavra *angelos* pode ser simplesmente traduzido como "mensageiro" e que Lucas a empregou diversas vezes em relação a seres humanos em seu Evangelho, por exemplo, os mensageiros que João Batista enviou a Jesus (Lc 7:24), o próprio João Batista (7:27) e os que Jesus enviou à sua frente para que lhe fizessem os preparativos (9:52). Conseqüentemente, suponho que alguém poderia argumentar que tratava-se de um mensageiro. Além disso, de acordo com William Neil, alguns considerariam a libertação de Pedro "não menos 'milagrosa' se tivesse sido planejada por simpatizantes dentro da própria guarda".[26] R. P. C. Hanson acha "razoável" entender que Pedro "conseguiu escapar através de suborno, negligência ou simplesmente pelo fato de as autoridades mudarem de idéia".[27] Mas a questão hermenêutica chave é o que o próprio Lucas queria transmitir e, nesse sentido, há pouca dúvida. Ele já se referiu a seres angelicais sobrenaturais em cerca de quinze ocasiões em seu Evangelho e nos primeiros capítulos de Atos, e, nesta história, ele enfatiza a intervenção divina através de um agente celestial. Assim, como que para tornar esse fato inequívoco, *uma luz iluminou a prisão*, e a libertação foi concretizada numa sucessão de ações rápidas, enquanto Pedro, meio desacordado, não sabia se estava ou não sonhando. A narrativa de Lucas não precisa de mais comentários:

Eis, porém, que sobreveio um anjo do Senhor, e uma luz iluminou a prisão; e, tocando ele o lado de Pedro, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. Então as cadeias caíram-lhe das mãos.

[8]Disse-lhe o anjo: Cinge-te, e calça as tuas sandálias. E ele assim o fez. Disse-lhe mais: Põe a tua capa, e segue-me. [9]Então, saindo, o seguia, não sabendo que era real o que se fazia por meio do anjo; parecia-lhe antes uma visão. [10]Depois de terem passado a primeira e a segunda sentinela, chegaram ao portão de ferro que dava para a cidade, o qual se lhes abriu automaticamente; e, saindo, enveredaram por uma rua, e logo adiante o anjo se apartou dele.

[11]Então Pedro, caindo em si, disse: Agora sei verdadeiramente que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judaico.

Considerando ele a sua situação, pois já estava bem acordado, *resolveu ir à casa de Maria, mãe de João, cognominado Marcos* (v. 12). O fato de que lhe parecia natural ir diretamente para lá sugere que aquela casa era um local de reunião muito conhecido (até principal) dos crentes de Jerusalém. Maria, a quem pertencia a casa, é conhecida apenas como mãe de João Marcos, um primo de Barnabé,[28] que é mencionado por Lucas, aqui, pela primeira vez e que logo deve aparecer novamente como o membro renegado da primeira viagem missionária (12:25; 13:5, 13). Alguns comentaristas especulam que essa casa de Maria abrigava o "grande cenáculo" que Marcos menciona[29] como o lugar em que Jesus comeu a ceia da páscoa com os doze, antes de ser preso, julgado e crucificado. Talvez também fosse a casa em que moravam os doze, e onde eles e os outros se encontravam para orar, durante os dez dias entre a ascensão e o Pentecoste (1:12-14). Certamente ela era espaçosa, já que possuía um portão externo ou um vestíbulo, onde Pedro bateu e, provavelmente, uma área entre este e a casa principal. Era aqui, em todo o caso, que *muitas pessoas estavam congregadas e oravam* (v. 12), apesar de ser noite alta.

Quando Pedro *bateu ao postigo do portão*, o grupo que estava orando deve ter pensado imediatamente que estavam recebendo uma visita da polícia secreta. Enquanto esperavam em suspense, *veio uma criada, chamada Rode* (que participou desse episódio de forma tão proeminente que seu nome foi lembrado e registrado) *ver quem era* (v. 13). *Reconhecendo a voz de Pedro*, pois, naqueles dias, os visitantes costumavam chamar, além de bater, *tão alegre ficou ... que voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão,*

deixando-o a esperar lá fora (v. 14). *Estás louca!* disseram. É irônico que o povo que estava orando com fervor e persistência pela libertação de Pedro pudesse considerar louca a pessoa que lhes informava que suas orações haviam sido respondidas! A alegria simples de Rode brilha fortemente contra a escura incredulidade da igreja. Mas como *persistia em afirmar que assim era,* pois estava certa de que tinha identificado corretamente a voz de Pedro, eles mudaram de tom e disseram: *É o seu anjo* (v. 15), referindo-se aos chamados "anjos da guarda".[30] Como F. F. Bruce afirma, "O anjo aqui é visto como a contraparte espiritual do homem, capaz de assumir a sua aparência e ser confundido com ele."[31] *Entretanto Pedro continuava batendo; então eles abriram, viram-no e ficaram atônitos* (v. 16). Eles também devem ter começado um coro barulhento de boas-vindas, pois Pedro fez um *sinal com a mão para que se calassem,* talvez temendo que o barulho acordasse os vizinhos, *e contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão.* Ele, então, deu-lhes uma única instrução: *Anunciai isto a Tiago* [o irmão do Senhor que, ao que parece, já havia sido reconhecido como o líder da igreja de Jerusalém, cf. 15:13; 21:18; Gl 1:19; 2:9, 12] *e aos irmãos* [o restante da congregação cristã em Jerusalém]. *E, saindo, retirou-se para outro lugar* (v. 17). Com toda a certeza, não foi a Roma, como sugere o apócrifo *Atos de Pedro* e como alguns comentaristas católicos romanos argumentam, acrescentando que ele teria ficado ali vinte e cinco anos, como o primeiro papa. Lucas fala apenas que ele se escondeu temporariamente, quer o local fosse conhecido ou não por alguém. O que sabemos é que um ou dois anos mais tarde ele estava em Antioquia[32] e, depois, de volta a Jerusalém para a reunião do Concílio (15:7ss.).

Talvez a afirmação mais importante de toda a narrativa da libertação de Pedro esteja no versículo 17: "o Senhor o tirara da prisão". Todos os detalhes dramáticos incluídos por Lucas parecem enfatizar a intervenção de Deus e a passividade de Pedro. Ele estava dormindo e o anjo teve de acordá-lo. Suas cadeias caíram das mãos. A ordem para se vestir foi como que em etapas: "Levanta-te; cinge-te e calça as tuas sandálias; põe a tua capa, e segue-me." Eles passaram pelos guardas no corredor, que, provavelmente, estavam num sono profundo, e o portão externo da prisão abriu-se automaticamente. O próprio Pedro não sabia se tudo isso era fato ou imaginação, realidade ou sonho.

Sendo já dia, o dia em que Pedro deveria ser julgado e executado, *houve não pouco alvoroço entre os soldados sobre o que teria acontecido*

a Pedro, pois o prisioneiro deles não podia ser encontrado em lugar nenhum (v. 18). Quando essa notícia chegou a Herodes, primeiro ele o procurou e, *não o achando, submetendo as sentinelas a inquérito, ordenou que fossem justiçadas* (v. 19a), porque, de acordo com a lei romana, o carcereiro que deixasse escapar a presa era submetido à pena de seu prisioneiro (cf. 16:27; 27:42).

c. A morte de Herodes (12:19b-24)

Apesar de a vítima de Herodes ter escapado de suas garras, o próprio Herodes continuava em liberdade. Assim, Lucas encerra esta parte de sua crônica descrevendo a morte desse tirano. *Ele desceu da Judéia para Cesaréia*, a capital da província, e *passou ali algum tempo* (19b). Lucas então esboça a história que está por trás do acontecimento que irá relatar. Herodes havia tido uma *séria divergência com os habitantes de Tiro e de Sidom* no litoral fenício, ou estava "com muita raiva" (BLH) deles. Assim, *estes, de comum acordo, se apresentaram a ele*. Para isso, precisavam de um intermediário. Então, *depois de alcançar o favor de Blasto* (talvez através de um suborno), identificado como um "alto funcionário do palácio" (BLH) ou o *camarista do rei, pediram reconciliação*. Para eles era urgente reconciliarem-se com Herodes, *porque a sua terra se abastecia do país do rei*, especialmente dos cereais da Galiléia.

Esse era o pano de fundo. No *dia designado*, no qual Blasto deveria apresentar o caso deles, *Herodes, vestido de trajo real, assentado no trono, dirigiu-lhes a palavra* ou "fez um discurso" (BLH, v. 21). A multidão gritava: *É a voz de um deus, e não de homem!* (v. 22). *E no mesmo instante, por ele não haver dado glória a Deus* e, portanto, ter usurpado a honra devida a Deus, *um anjo do Senhor o feriu, e, comido por vermes, morreu* (v. 23).

Josefo também descreveu em detalhes bem delineados as circunstâncias da morte de Herodes.[33] O seu relato e o de Lucas divergem em alguns detalhes, o que mostra que eles são independentes. Mas o seu esboço geral é o mesmo. Ambos concordam que Herodes estava em Cesáreia na época, apesar de Josefo dizer que ele tinha ido participar de uma festa em honra a César, presenciada por uma grande multidão de cidadãos de destaque. Ambos mencionam o traje real que vestia, enquanto Josefo acrescenta que sua veste "era feita totalmente de prata, de um tecido verdadeiramente maravilhoso", que brilhava tanto sob o sol da manhã, que as pessoas o aclamaram como deus. Mas "o

rei", continua Josefo, "não os advertiu quanto a isso nem rejeitou suas ímpias adulações." Lucas e Josefo concordam, portanto, que o juízo de Deus veio sobre Herodes porque ele se glorificou, em vez de glorificar a Deus. Apesar de Lucas dizer que ele foi "comido de vermes", Josefo se satisfaz com uma afirmação mais genérica: que "uma dor severa ... surgiu em sua barriga", que se tornou tão violenta que ele foi carregado para o seu palácio onde morreu cinco dias depois. A descrição deles é parecida com a dos últimos dias do arquiperseguidor Antíoco Epifânio que em sua arrogância "almejara alcançar as estrelas do céu", mas foi acometido por "uma dor insuportável nas entranhas e tormentos atrozes no ventre", até morrer.[34]

Dr. A. Rendle Short, que era professor de cirurgia na universidade de Bristol e escreveu um livro chamado *The Bible and Modern Medicine*, afirmou que muitas pessoas na Ásia "carregam vermes intestinais", que podem formar uma bola compacta e causar uma "obstrução intestinal aguda". Essa pode ter sido a *causa mortis* de Herodes.[35]

É em admirável contraste com a morte desse tirano, que Lucas acrescenta um dos seus sumários: *Entretanto a palavra do Senhor crescia e se multiplicava* (v. 24, cf. 6:7; 9:31). De fato, é impossível deixar de admirar o talento artístico com que Lucas descreve a mudança completa na situação da igreja. No início do capítulo, Herodes está agindo violentamente – prendendo e perseguindo líderes da igreja; no fim, ele é derrotado e morre. O capítulo começa com a morte de Tiago, a prisão de Pedro e Herodes triunfante; ele encerra com a morte de Herodes, a libertação de Pedro e a palavra de Deus triunfante. Este é o poder de Deus para acabar com planos humanos hostis e estabelecer os seus próprios planos em seu lugar. Deus pode permitir que os tiranos se orgulhem e se assanhem por um tempo, oprimindo a igreja e impedindo a expansão do evangelho, mas eles não vencem. No final, o império deles será derrotado e seu orgulho quebrado.

Notas:

1. Rm 1:16; 2:9-10; cf. 3:29; 9:24; 10:12; 1 Co 1:24; 12:13; Cl 3:11.
2. Bruce, *English*, p. 238.
3. Metzger, p. 386.
4. *Ibid.*, p. 388.
5. Longenecker, *Acts*, pp. 400-401.
6. Metzger, pp. 388-389.

7. Josefo, *Guerras*, III.2.4.
8. Barclay, p. 95.
9. Veja *An Introduction to the Science of Missions*, J. H. Bavinck, 1954 (Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1960), p. xvii.
10. Gl 1:21ss.
11. 2 Co 11:23ss.
12. Fp 3:8.
13. Bruce, *Greek*, *p. 239; English*, p. 243.
14. Josefo, *Antiguidades*, XX.2.5; cf. XX.5.2 e III.15.3.
15. Cf. 2 Co 8:3.
16. *Karl Marx: Selected Writings*, ed. David Mc Lellan (OUP, 1977), pp. 564-569.
17. 2 Co 8 - 9.
18. Rm 15:27.
19. Lc 23:7ss.; At 4:27.
20. Mc 10:38-39.
21. Ap 1:9.
22. Lc 22:44.
23. Cf. Fp 1:19; Fm 22.
24. Jo 21:18-19.
25. Crisóstomo, *Homilia XXVI*, p. 172.
26. Neil, p. 149.
27. Hanson, pp. 133-134.
28. Cl 4:10.
29. Mc 14:15.
30. Cf. Mt 18:10.
31. Bruce, *Greek*, p. 247.
32. Gl 2:11.
33. Josefo, *Antiguidades*, XIX.8.2.
34. 2 Macabeus 9:5ss. (BJ).
35. *The Bible and Modern Medicine*, Rendle Short (Paternoster, 1955), pp. 66-68.

C. O Apóstolo dos Gentios 12:25 – 21:17

Atos 12:25 – 14:28
10. A primeira viagem missionária

Lucas chegou a um ponto decisivo em sua narrativa. Cumprindo a profecia do Senhor ressurreto (1:8), seu nome foi testemunhado "em Jerusalém" e "em toda a Judéia e Samaria": agora o horizonte se alarga "até aos confins da terra". Os dois diáconos evangelistas prepararam o caminho – Estêvão através de seu ensino e martírio, Filipe através de sua evangelização ousada junto aos samaritanos e ao etíope. O mesmo efeito tiveram as duas principais conversões relatadas por Lucas, a de Saulo, que também fora comissionado a ser o apóstolo dos gentios, e a de Cornélio, através do apóstolo Pedro. Evangelistas anônimos também pregaram o evangelho aos "helenistas" em Antioquia. Mas sempre a ação esteve limitada à Palestina e à Síria. Ninguém tinha tido a visão de levar as boas novas às nações além-mar, apesar de Chipre ter sido mencionada em 11:19. Agora, finalmente, vai ser dado esse passo significativo.

1. Barnabé e Saulo são enviados de Antioquia (12:25 – 13:4a)

Esses homens estiveram no sul, em Jerusalém, na época da fome, a fim de entregar a oferta dada pela igreja de Antioquia (11:30). Agora, *cumprida a sua missão, voltaram de Jerusalém* (12:25). É verdade que a leitura melhor é "*para* Jerusalém". Nesse caso, o versículo indicaria que "retornaram após terem cumprido a sua missão em Jerusalém". Mas essa construção é desajeitada e a evidência textual deve ser ignorada devido às exigências do contexto, ou seja, que Barnabé e Saulo, que tinham viajado *de* Antioquia *para* Jerusalém, com a sua oferta (11:30), agora voltavam *de* Jerusalém *para* Antioquia depois de entregá-la (12:25).[1] E mais, levaram consigo *a João, apelidado Marcos*, que os acompanharia quando partiram para a primeira expedição missionária.

A população cosmopolita de Antioquia se refletia nos membros de sua igreja e até mesmo em sua liderança, que consistia em cinco *profetas e mestres* que moravam na cidade. Lucas não explica a diferença entre esses ministérios, nem se todos os cinco exerciam ambos os ministérios ou (como alguns sugerem) se os primeiros três eram profetas e os últimos dois mestres. Ele só nos dá os seus nomes. O primeiro era *Barnabé*, que já foi descrito anteriormente como "um levita, natural de Chipre" (4:36). O segundo era *Simeão* (um nome hebraico) *por sobrenome Níger* ("negro"), que provavelmente era um africano negro, e supostamente ninguém senão Simão Cireneu, que carregou a cruz para Jesus[2] e que deve ter se convertido, já que seus filhos, Alexandre e Rufo, eram conhecidos na comunidade cristã.[3] O terceiro líder, *Lúcio de Cirene*, certamente veio da África do Norte, mas a conjectura de alguns Pais da igreja primitiva, de que Lucas estava se referindo a si mesmo, é extremamente improvável, já que ele preserva cuidadosamente o seu anonimato em todo o livro. Em quarto lugar, havia *Manaém*, em grego chamado o *syntrophos de Herodes o tetrarca*, isto é, de Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande. A palavra pode significar que Manaém foi "criado" com ele de forma geral ou, mais especificamente, que ele era seu "irmão de leite" ou seu "amigo íntimo". Em todo o caso, já que Lucas sabia muito sobre a corte e a família de Herodes, Manaém pode ter sido seu informante. O quinto líder da igreja era *Saulo* que, é claro, vinha de Tarso na Cilícia. Esses cinco homens, portanto, simbolizavam a diversidade étnica e cultural de Antioquia.

Foi quando eles estavam *servindo ... ao Senhor, e jejuando*, que o *Espírito Santo* lhes disse: *Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado* (v. 2). Essa ocasião foi tão importante que é útil fazermos algumas perguntas a respeito.

Em primeiro lugar, a quem o Espírito Santo revelou a sua vontade? Quem eram "eles", as pessoas que estavam servindo e jejuando, e a quem ele falou? Parece improvável que devamos restringi-los ao pequeno grupo dos cinco líderes, pois isso implicaria em três deles serem instruídos acerca dos outros dois. É mais provável que se refira aos membros da igreja como um todo, já que eles e os líderes são mencionados juntos no versículo 1, e na ocasião semelhante, em que deveriam ser escolhidos os Sete, a igreja atuou como um todo (6:2-6). E mais, quando Paulo e Barnabé retornaram, reuniram a igreja para prestar contas porque eles haviam sido comissionados por ela (14:26-27). Além disso, se

o Espírito Santo revelou o seu propósito à igreja, não há necessidade de excluir Barnabé e Saulo. Pelo contrário. Será que a instrução do Espírito Santo, "separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado", não implica em que ele já os havia chamado, antes de tornar esse fato conhecido diante da igreja?

Em segundo lugar, o que o Espírito Santo revelou à igreja? Algo muito vago. A natureza do trabalho para o qual tinha chamado Barnabé e Saulo não foi especificada. Não foi muito diferente do chamado de Abrão. Deus lhe disse: "Vai para a terra que te mostrarei".[4] À igreja de Antioquia, Deus disse: "Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado." Em ambos os casos, o chamado para ir estava claro, mas o país e o trabalho não. Assim, em ambos os casos, a resposta ao chamado de Deus exigia um ousado passo de fé.

Em terceiro lugar, como foi revelado o chamado de Deus? Não sabemos. O mais provável é que Deus tenha falado à igreja através de um de seus profetas. Mas seu chamado também poderia ter sido interno, e não externo, ou seja, através do testemunho do Espírito em seus corações e mentes. Independentemente de como o receberam, a primeira reação deles foi a de orar e jejuar, em parte (ao que parece) para testar o chamado de Deus e em parte para interceder pelos dois que seriam enviados. Notamos que o jejum não é mencionado isoladamente. Ele é ligado ao culto no versículo 2 e à oração no versículo 3. Pois raras vezes (ou nunca) o jejum é um fim em si mesmo. O jejum é uma ação negativa (abstenção de comida e outras distrações) em função de uma ação positiva (culto e oração). Então, *jejuando e orando*, e assim seguros do chamado de Deus e preparados para prestar-lhe obediência, *impondo sobre eles as mãos, os despediram* (v. 3). Não era uma ordenação para um ministério, muito menos uma nomeação para o apostolado (já que Paulo insiste que seu apostolado não era "da parte de homens, nem por intermédio de homem algum",[5] mas sim uma despedida, comissionando para o serviço missionário.

Quem, então, comissionou os missionários? Essa é nossa quarta questão. De acordo com o versículo 4, Barnabé e Saulo foram *enviados pelo Espírito Santo*, que anteriormente havia instruído a igreja no sentido de separá-los para ele (v. 2). Mas, de acordo com o versículo 3, foi a igreja que, após a imposição de mãos, *os despediu*. É verdade que o último verbo poderia ser traduzido como "deixou-os ir", livrando-os de suas responsabilidades de

ensino na igreja de Antioquia, a fim de deixá-los disponíveis para um ministério mais amplo. Pois, às vezes, Lucas usa o verbo *apoluo* no sentido de "soltar".[6] Mas ele também o usa no sentido de "dispensar".[7] Assim, em nossa ansiedade de fazer justiça à iniciativa do Espírito Santo, não podemos subestimar o papel da igreja, considerando-a completamente passiva. Não seria certo dizer que o Espírito os enviou, instruindo a igreja a fazê-lo, e que a igreja os enviou, por ter recebido instruções do Espírito? Esse equilíbrio é sadio e evita ambos os extremos. O primeiro é a tendência para o individualismo, pelo qual uma pessoa alega direção pessoal e direta do Espírito, sem nenhuma referência à igreja. O segundo é a tendência para o institucionalismo, pelo qual todas as decisões são tomadas pela igreja sem nenhuma referência ao Espírito. Apesar de não podermos negar a validade da escolha pessoal, ela só é sadia e segura quando vinculada ao Espírito e à igreja. Não há evidências de que Barnabé e Saulo se dispuseram "voluntariamente" ao serviço missionário; eles foram "enviados" pelo Espírito através da igreja. Ainda hoje cabe a toda igreja local (especialmente aos seus líderes) ser sensível ao Espírito Santo, a fim de descobrir a quem ele está concedendo dons ou chamado.

2. Barnabé e Saulo em Chipre (13:4b-12)

Os missionários da igreja de Antioquia, *enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia*, o porto situado perto da desembocadura do rio Orontes, a uns vinte e quatro quilômetros dali, e *navegaram para Chipre* (v. 4). Não sabemos por que Chipre foi escolhido como primeiro destino, apesar de sabermos que Barnabé era de lá (4:36). Naquilo que se segue, Lucas é inevitavelmente seletivo. Para começar, ele se concentra nas campanhas de Paulo ao oeste e ao norte, com seus olhos em Roma, e não fala sobre a expansão da igreja para o leste e para o sul, ou sobre as aventuras missionárias dos outros apóstolos, de Tomé, por exemplo, que, de acordo com as igrejas ortodoxas sírias e Mar Thoma de Kerala, viajou da Síria até a Índia. Mesmo nas viagens de Paulo, Lucas é seletivo, de acordo com as fontes disponíveis e seus propósitos editoriais. Assim, na primeira viagem missionária, apesar de esboçar todo o itinerário, ele se concentra em três acontecimentos principais. Ele retrata Paulo evangelizando o procônsul e confrontando o mágico em Pafos, a capital da província de Chipre, pregando o evangelho na sinagoga em Antioquia da Pisídia, no sul da Galácia, e falando

ao ar livre a uma multidão pagã em Listra. Esses incidentes ilustram a extraordinária versatilidade do apóstolo em adaptar-se a situações diferentes; ele parecia estar igualmente à vontade com indivíduos e multidões, judeus e gentios, religiosos e não religiosos, cultos e incultos, amigáveis e hostis.

Chegados a Salamina, uma cidade comercial na costa leste de Chipre, *anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas judaicas.* Mas Lucas não nos conta nada mais que isso, além do fato de terem *João* (*i.e.*, Marcos, 12:25) *como auxiliar* (v. 5). Gostaríamos de saber que tipo de ajuda ele lhes dava, e se estamos certos em supor que, enquanto Barnabé e Saulo foram especialmente escolhidos e enviados pelo Espírito Santo, João Marcos fora escolhido por eles, sem um chamado divino parecido. Tudo o que podemos dizer é que a palavra *hyperetes* era usada em relação a um servo ou assistente de médicos, oficiais do exército, sacerdotes e políticos, e não nos fala se o serviço de Marcos era de natureza pastoral (e.g. instruindo os interessados e nutrindo os convertidos) ou prática (e.g. cozinhando e limpando).

Deixaram Salamina, *atravessando toda a ilha até Pafos* (v. 6a). Isso os levou da costa leste à costa oeste, uma viagem de cerca de cento e quarenta e cinco quilômetros, que Ramsay, partindo da palavra *dierchomai* usada por Lucas, interpretou como sendo "uma turnê evangelística por toda a ilha".[8] Em *Pafos, encontraram* um homem que Lucas imediatamente identifica como *judeu, mágico, falso profeta, de nome Barjesus,* "filho da salvação" (v. 6). Sua profissão era servir ao (literalmente, apenas "estar com") *procônsul Sérgio Paulo,* ou seja, um tipo de mágico da corte. *O procônsul,* que Lucas descreve como um homem *inteligente,* apesar de seu evidente fascínio pelas práticas supersticiosas e ocultas, mandou chamar *Barnabé e Saulo,* pois em sua fome intelectual e espiritual, *diligenciava para ouvir a palavra de Deus* (v. 7). Sem dúvida alguma, os missionários responderam a esse convite, e podemos imaginar Paulo, o apóstolo cristão, compartilhando as boas novas de Jesus Cristo com Paulo, o procônsul romano.

Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico (porque assim se interpreta o seu nome). Lucas agora se refere a ele usando outro nome, e as palavras entre parênteses têm deixado os comentaristas perplexos. A BLH pode estar certa em traduzir simplesmente "o mágico Elimas (esse é o nome dele em grego)". Alternativamente, se Lucas está explicando o significado da palavra "Elimas", pode ter sido originalmente uma palavra árabe para uma pessoa "habilidosa"

ou "especialista", em outras palavras, um mago ou um sábio. Em todo caso, Elimas via nos missionários cristãos uma ameaça contra o seu prestígio e meio de vida. Assim, procurou *afastar da fé o procônsul* (v. 8). O apóstolo viu essa tentativa como um ataque extremamente sério do diabo, e confrontou Elimas, o mágico, assim como Pedro havia confrontado Simão, o mágico, em Samaria (8:20ss.). Lucas escolhe esse momento para informar-nos de que *Saulo* era *também chamado Paulo*. Os judeus tinham o costume de adotar um segundo nome grego ou romano, como José Barsabás (1:23) e João Marcos (12:12, 25), e chegara a hora de Lucas mencionar o de Saulo, pois esse estava penetrando cada vez mais num contexto não-judaico. Ele não chama Paulo de "Saulo" novamente. Em seguida, ele nos conta que Paulo estava novamente *cheio do Espírito Santo*, para mostrar que sua ousadia, sua eloqüência e seu poder ao condenar Elimas vinham de Deus. Assim, capacitado por Deus, *fixando neles os olhos disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Pois agora eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo* (vs. 10-11a).

Paulo condenou Elimas por ele não ter correspondido ao seu nome "Barjesus", sendo muito mais filho do diabo do que filho da salvação, e por ser inimigo da retidão e da verdade, sendo "um impostor e charlatão" (NEB, edição de 1961). Confirmando o seu caráter, ele torceu os retos caminhos do Senhor e era culpado de causar "perversão" (*diastrepho*, vs. 8, 10), em vez de "conversão" (*epistrepho*, e.g. 9:35; 11:21; 14:15).

Deus lhe aplicou um castigo sob medida. Pois aqueles que apresentam a escuridão como luz e a luz como escuridão[9] não têm direito à luz que originalmente receberam. *No mesmo instante caiu sobre ele névoa e escuridade* (Dr. Lucas usa dois termos médicos da época) *e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão* (v. 11b). Paulo deve ter se lembrado do dia em que, não muitos anos atrás, ele mesmo fora cegado, se bem que pela glória resplandecente do Senhor, e fora guiado pela mão até Damasco.

Então o procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor. O que o deixou atônito foi a combinação entre a palavra e o sinal, o ensino do apóstolo e a derrota do feiticeiro. Não é necessário alegar, como fazem alguns, que o procônsul não se converteu de fato, porque não há nenhuma menção de batismo, ou que os missionários podem ter "confundido cortesia com

conversão".[10] A afirmação de que ele *creu* é clara o suficiente e está de acordo com a terminologia de Lucas em todos os outros lugares (e.g. 14:1; 17:34; 19:18). Ele não dá nenhuma indicação, como o fez em relação a Simão, o mágico, (8:13, 18ss.), de que a fé do procônsul teria sido uma confissão destituída de realidade. Não, ele apresenta ao leitor um dramático encontro de poderes, no qual o Espírito Santo venceu o diabo, o apóstolo desmascarou o feiticeiro, o evangelho triunfou sobre o oculto. E mais do que isso, com toda a certeza, Lucas quer que vejamos Sérgio Paulo como o primeiro convertido totalmente gentio, alguém que não tinha nenhuma ligação com o judaísmo. O modo como Paulo abordou diretamente os gentios foi "a grande inovação no desenvolvimento dessa primeira viagem missionária".[11]

3. Paulo e Barnabé em Antioquia da Pisídia (13:13-52)

Navegando de Pafos, Paulo e seus companheiros foram para o norte, em direção *a Perge da Panfília* (v. 13a). Nisso, eles passaram da "ilha natal de Barnabé" para o litoral sul da "terra natal de Paulo, a Ásia Menor".[12] Provavelmente, eles atracaram em Atália e então caminharam mais ou menos dezenove quilômetros em direção ao interior, até Perge.

Em Perge, sofreram um revés: *João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém* (v. 13b). Lucas menciona o fato de passagem e parece não levantar nenhuma culpa. Mas em 15:38 torna-se claro que ele vê a atitude de Marcos como uma deserção (ERAB traz "afastar-se", mas o verbo tem o sentido de "desertar", "abandonar"). Mais tarde, porém, ele se recuperou e voltou a ser "útil" para o ministério de Paulo.[13] Por que, então, ele desertou? Foram levantadas várias possibilidades. Estaria com saudades, sentindo falta de sua mãe, de sua casa espaçosa em Jerusalém, e de seus servos? Teria ficado ressentido com o fato de a sociedade "Barnabé e Saulo" (vs. 2, 7) ter se tornado "Paulo e Barnabé" (vs. 13, 46, etc.), já que Paulo agora estava assumindo a liderança, deixando seu primo em segundo lugar? Será que ele, como membro fiel da igreja judaica conservadora de Jerusalém, não concordava com a ousadia do programa de evangelização dos gentios adotado por Paulo? Teria sido ele quem, voltando a Jerusalém, provocou a oposição dos judaizantes contra Paulo (15:1ss.)? Ou será que Marcos simplesmente não quis enfrentar a dura escalada das montanhas de Taurus, conhecidas por serem

infestadas por bandidos (cf. "em perigo de salteadores"[14])? Não sabemos.

Ou será que era porque Paulo estava doente e Marcos considerava imprudente sua determinação de ir em direção ao norte, passando pelas montanhas? Sabemos que quando Paulo chegou às cidades do sul do planalto da Galácia, ele estava sofrendo de uma doença debilitante ("e vós sabeis que vos preguei o evangelho a primeira vez, por causa de uma enfermidade física"[15]). Essa doença parece tê-lo desfigurado de alguma forma — o que poderia permitir que os gálatas o tratassem com desprezo — [16] e ter prejudicado sua visão, de modo que, se possível, teriam lhe dado os seus próprios olhos.[17] Sir William Ramsay sugere que Paulo sofria de "uma espécie de malária crônica" (doença conhecida e temida entre os antigos gregos e romanos), que provocava "paroxismos muito doloridos e extenuantes", juntamente com dores de cabeça lancinantes "como um ferro em brasa varando a cabeça" (talvez o seu "espinho na carne"[18]); e que sua febre exigia que ele deixasse o clima debilitante da planície costeira, apesar da dura escalada envolvida, a fim de procurar o frio revigorante do planalto de Taurus a uns 1.100 metros acima do nível do mar.[19] Talvez essa pressa explique por que os missionários não permaneceram em Perge para evangelizar, fazendo isso na volta.

Em todo o caso, Marcos os deixou por algum motivo, e Paulo e Barnabé continuaram sem ele. Atravessaram *de Perge para a Antioquia da Pisídia*, que ficava ao norte, a mais de cento e sessenta quilômetros, além das montanhas. Era uma colônia romana, e algumas colunas de seu aqueduto, construído no primeiro século, ainda continuam em pé. Era também "o centro administrativo e militar da metade meridional da imensa província da Galácia".[20] Embora, em termos políticos, fizesse parte da Galácia, em termos de língua e geografia, a cidade pertencia à Frígia. *Num sábado* foram *à sinagoga e assentaram-se* (v. 14). O culto começava com uma recitação do *Shema* ("O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus ...") e algumas orações, prosseguia com duas lições, uma do pentateuco e outra dos profetas, seguidas por um sermão expositivo, e terminava com uma bênção. *Depois da leitura da lei e dos profetas* (que, naquele dia, podem ter sido Deuteronômio 1 e Isaías 1, por causa das citações de Paulo), *os chefes da sinagoga*, talvez reconhecendo que Paulo era rabino, devido à sua roupa, *mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes*

alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a (v. 15).

Lucas agora fornece o primeiro resumo completo de um sermão de Paulo. Apesar da presença de alguns gentios "tementes a Deus", em sua essência, é um sermão dirigido a um público judeu. Lucas, mais tarde, dará duas amostras dos sermões de Paulo aos gentios, ou seja, aos pagãos de Listra e aos filósofos de Atenas. Mas agora toda a atmosfera é judaica. O dia é sábado, o local é a sinagoga, as lições são tiradas da lei e dos profetas, os ouvintes são "varões israelitas" (v. 16), e o assunto é como "o Deus do povo de Israel" (v. 17),"conforme a promessa, trouxe ... a Israel o Salvador, que é Jesus" (v. 23). Lucas evidentemente está preocupado em demonstrar que a mensagem de Paulo era essencialmente a mesma de Pedro; que Paulo só se voltou aos gentios depois de oferecer o evangelho aos judeus e ser rejeitado; e que, longe de ser inovador, Paulo estava declarando apenas o que Deus havia prometido nas Escrituras e tinha se cumprido em Jesus.

a. A introdução do sermão: a preparação do Antigo Testamento (13:16-25)

Paulo, levantando-se e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas, e vós outros que também temeis a Deus, ouvi: [17]O Deus deste povo de Israel, escolheu nossos pais, e exaltou o povo durante sua peregrinação na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso; [18] e suportou-lhes os maus costumes por cerca de quarenta anos no deserto; [19] e, havendo destruído sete nações na terra de Canaã, deu-lhes essa terra por herança, [20]vencidos cerca de quatrocentos e cinqüenta anos.

Depois disto lhes deu juízes até o profeta Samuel. [21]Então eles pediram um rei, e Deus lhes deparou Saul, filho de Quis, da tribo de Benjamim, e isto pelo espaço de quarenta anos. [22]E, tendo tirado a este, levantou-lhes o rei Davi, do qual também, dando testemunho, disse: Achei a Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração, que fará toda a minha vontade.

[23]Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus; [24]havendo João primeiro pregado a todo o povo de Israel, antes da manifestação dele, batismo de arrependimento. [25]Mas, ao completar João a sua carreira, dizia: Não sou quem supondes; mas após mim vem aquele de cujos pés não sou digno de desatar as sandálias.

Nesta breve recapitulação da história de Israel, dos patriarcas à monarquia, Paulo enfatiza a iniciativa da graça de Deus. Pois ele é o sujeito de quase todos os verbos. Deus *escolheu nossos pais, e*

exaltou o povo ... na terra do Egito, donde os tirou com braço poderoso (v. 17). No deserto, ele *suportou-lhes os maus costumes* (v. 18, um eco de Dt 1:31),[21] e em Canaã *destruiu sete nações* e *deu-lhes essa terra por herança* (v. 19). Tudo isso levou *cerca de quatrocentos e cinqüenta anos*, Paulo acrescenta, fazendo uma pausa para respirar. É claro que esse é um número arredondado, e provavelmente deve incluir quatrocentos anos de exílio, quarenta no deserto e dez gastos na conquista da terra. Após terem se estabelecido, Deus *lhes deu juízes* (v. 20), Deus *deparou-lhes Saul* como primeiro rei (v. 21), e então Deus *levantou-lhes o rei Davi*, chamando-o *homem segundo o meu coração* (v. 22). Agora, tendo chegado a Davi, Paulo vai direto para o *Salvador* prometido, *Jesus* descendente de Davi (v. 23),[22] e menciona João Batista como seu precursor imediato, que desviou para Jesus a atenção que era dirigida para si (vs. 24-25). Agora, Paulo segue o exemplo de João Batista e direciona a atenção de seus ouvintes para o mesmo Jesus.

b. O centro do sermão: a morte e a ressurreição de Jesus (13:26-37)

Irmãos, descendência de Abraão e vós outros os que temeis a Deus, a nós foi enviada a palavra desta salvação. [27]*Pois os que habitavam em Jerusalém, e as suas autoridades, não conhecendo a Jesus nem os ensinos dos profetas que se lêem todos os sábados, quando o condenaram, cumpriram as profecias;* [28]*e, embora não achassem nenhuma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto.* [29]*Depois de cumprirem tudo o que a respeito dele estava escrito, tirando-o do madeiro, puseram-no em um túmulo.* [30]*Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos;* [31]*e foi visto muitos dias pelos que com ele subiram da Galiléia para Jerusalém, os quais são agora as suas testemunhas perante o povo.*

[32]*Nós vos anunciamos o evangelho da promessa feita a nossos pais,* [33]*como Deus a cumpriu plenamente a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, como também está escrito no Salmo segundo:*

Tu é meu Filho,
eu hoje te gerei.

[34]*E, que Deus o ressuscitou dentre os mortos para que jamais voltasse à corrupção, desta maneira o disse:*

E cumprirei a vosso favor as santas e fiéis promessas feitas a Davi.

[35]Por isso também diz em outro Salmo:

Não permitirás que o teu Santo veja corrupção.

[36]Porque, na verdade, tendo Davi servido à sua própria geração conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção. [37]Porém, aquele a quem Deus ressuscitou, não viu corrupção.

Paulo conta a história de Jesus, assim como contou a história de Israel. Ao fazê-lo, ele se concentra nos dois grandes acontecimentos salvíficos, sua morte e ressurreição, e demonstra que ambas eram o cumprimento daquilo que Deus havia predito nas Escrituras. Ele admite que o povo e as autoridades de Jerusalém não conheciam a Jesus. Mesmo assim, acrescenta, *quando o condenaram, cumpriram as profecias* que bem conheciam, já que elas eram lidas todos os sábados na sinagoga (v. 27). Apesar de não encontrarem razão para matá-lo, *pediram a Pilatos que ele fosse morto* (v. 28). E novamente, ao fazerem isso, apesar de não estarem conscientes, eles estavam cumprindo *tudo o que a respeito dele estava escrito,* incluindo a transferência do seu corpo *do madeiro* (o local da maldição divina) para um *túmulo* (v. 29). Mas *Deus o ressuscitou dentre os mortos* (v. 30), e lhe permitiu que fosse visto por aqueles que o acompanharam *da Galiléia para Jerusalém* (1:21-22), ou seja, os apóstolos, *os quais são agora as suas testemunhas* (v. 31). Paulo diz "eles", não "nós", pois ele não era um dos Doze que podia testemunhar sobre aquilo que tinham visto e ouvido durante o seu ministério público. Mas agora ele passa de "eles" para "nós", incluindo a si mesmo: *Nós vos anunciamos o evangelho,* que na ressurreição (assim como na cruz) Deus cumpriu a nós o que prometeu aos nossos pais (vs. 32-33). Paulo cita três passagens do Antigo Testamento para fundamentar essa afirmação – Salmo 2:7 sobre o Filho de Deus, provavelmente ligado em sua mente com a promessa divina a Davi de que seu descendente, cujo trono seria estabelecido, seria seu filho;[23] Isaías 55:3 sobre *as santas e fiéis promessas feitas a Davi* (v. 34), que podiam ser "fiéis", *i.e.* permanentes, apenas devido à ressurreição do filho de Davi; e Salmo 16:10 sobre o fato de não se permitir que o Santo de Deus fosse corrompido (v. 35). Davi morreu, foi enterrado e conheceu a corrupção (v. 36), mas o filho de Davi ao qual Deus ressuscitou *não viu corrupção* (v. 37). Todos os três textos podem ter sido

considerados messiânicos no judaísmo pré-cristão (a evidência não é clara em cada caso); todos os três se referem a Davi do qual "Deus trouxe a Israel o Salvador Jesus" (v. 23).

c. A conclusão do sermão: a escolha entre a vida e a morte (13:38-41)

Depois de juntar as Escrituras e a história, e mostrar como o que Deus predisse nas Escrituras se cumpriu na morte e na ressurreição de Jesus, Paulo chega ao apelo:

Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; [39]e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés. [40]Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas:

> *[41]Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não crereis se alguém vo-la contar.*

A escolha é brutal. De um lado, existe a promessa de *remissão de pecados por intermédio deste*, ou seja, de Jesus crucificado e ressurreto (v. 38). Pois *por meio dele* (repetido, porque ele é o único mediador) *todo o que crê é justificado*, ou seja, declarado justo diante de Deus. Através da *lei de Moisés* não há justificação para ninguém, já que todos nós violamos a lei e a lei condena os que violam a lei; entretanto, por intermédio de Jesus, há justificação para todo o que crê, ou seja, confia nele (v. 39). Precisamos lembrar que Paulo está se dirigindo aos gálatas. Apenas alguns meses mais tarde ele estará escrevendo sua Carta aos Gálatas. É muito surpreendente, portanto, que ele junte aqui, na conclusão de seu sermão, as cinco grandes palavras que serão as pedras fundamentais do evangelho exposto em sua carta. Tendo se referido à morte de Jesus no madeiro (v. 29),[24] ele fala do pecado (v. 38), da fé, da justificação, da lei (v. 39) e da graça (v. 43). W. C. van Unnik afirmou que "Lucas não entende que a doutrina da salvação pela fé seja o centro do pensamento paulino".[25] Mas creio que Lutero estava mais perto da verdade quando escreveu em seu *Prefácio aos Atos dos Apóstolos* (1533):

> Deve-se notar que, através deste livro, São Lucas ensina todo o cristianismo ... que o verdadeiro e principal artigo da doutrina cristã é este: Todos nós precisamos ser justificados somente pela fé em Jesus Cristo, sem nenhuma contribuição da lei ou ajuda de nossas obras. Essa doutrina é o propósito central do livro e a principal razão para o autor escrevê-lo.[26]

Do outro, em contraposição à oferta de perdão, Paulo lança uma solene advertência aos que a rejeitam. Ele faz seus ouvintes se lembrarem das denúncias dos profetas. Em específico, ele cita Habacuque (Hq 1:5), que predissera a ascensão da Babilônia como instrumento do juízo divino sobre Israel (vs. 40-41).

Quando vemos as três partes do sermão de Paulo, não podemos deixar de notar sua semelhança com o esboço do *kerygma* apostólico que aparece em 1 Coríntios 15:3-4. Aqui, como lá, encontramos os mesmos quatro acontecimentos (ele morreu, foi sepultado, foi ressuscitado e foi visto) juntamente com a mesma insistência: que os dois acontecimentos principais, sua morte e sua ressurreição, estavam "de acordo com as Escrituras". A estrutura também é praticamente idêntica ao sermão de Pedro no dia de Pentecoste, no qual detectamos os acontecimentos do evangelho (a cruz e a ressurreição), as testemunhas do evangelho (os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento), as promessas do evangelho (a nova vida da salvação em Cristo, através do Espírito) e as condições do evangelho (arrependimento e fé).

d. As conseqüências do sermão: uma reação heterogênea (13:42-52)

A reação foi extraordinariamente favorável:

Ao saírem eles, rogaram-lhes que no sábado seguinte lhes falassem estas mesmas palavras. [43]Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram a Paulo e a Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiram a perseverar na graça de Deus.

O interesse do povo tinha sido aceso. Eles imploravam para ouvir mais. Tanto judeus como prosélitos rodearam os missionários, ansiosos por obter mais instruções antes do próximo sábado. Pelo

menos alguns deles creram e receberam a graça de Deus, pois Paulo e Barnabé *os persuadiram a perseverar na graça de Deus* (v.43b).

No sábado seguinte, afluiu quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus (v. 44). O entusiasmo de Lucas pode ter levado a um pequeno exagero. Mas ele não exagera quanto à oposição. *Os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja*, pelo fato de os visitantes terem atraídos uma grande congregação, que eles nunca tinham conseguido reunir, e eles *blasfemando, contradiziam o que Paulo falava* (v. 45).

46Então Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram: Cumpria que a vós outros em primeiro lugar fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios. 47Porque o Senhor assim no-lo determinou:

Eu te constituí para luz dos gentios, a fim de que sejas para salvação até aos confins da terra.

48Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna.

Este texto exige somente alguns comentários. Paulo e Barnabé deixaram bem claro que "era necessário" (BLH) que a palavra de Deus fosse pregada *a vós outros* (i.e. aos judeus) *em primeiro lugar*. Pois essa era a vontade de Deus (3:26, "primeiramente a vós outros"). E essa ordem deveria permanecer, como Paulo escreveu mais tarde: "primeiro ao judeu, e também ao grego".[27] A mesma prioridade continuou nas expedições missionárias de Paulo descritas em Atos, mesmo após ter começado a evangelizar também os gentios.[28] Contudo, foi a oposição dos judeus em relação ao evangelho que o levou a voltar-se para os gentios e a encontrar uma base escripturística para essa mudança decisiva em Isaías 49:6 ("luz para os gentios"), que ele citou livremente a partir da LXX. Lucas já relatou como Simeão aplicou esse versículo a Jesus,[29] e logo relatará como Jesus a aplica a Paulo (Atos 26:17-18). Isso, porém, não é uma contradição, pois o servo sofredor do Senhor é o Messias, que reúne em torno de si uma comunidade messiânica para participar do seu ministério às nações.

Os que atenderam à palavra e creram são descritos como tendo sido *destinados para a vida eterna* (v. 48). Alguns comentaristas,

perturbados com o que consideram um predestinacionismo extremado nessa frase, tentam amenizá-la de várias formas. Mas o verbo grego *tasso* significa "ordenar", às vezes no sentido de "designar alguém para uma (certa) classificação" (BAGD). F. F. Bruce recorre aos papiros, encontrando evidências de que pode significar "inscrever" ou "arrolar",[30] e nesse caso seria uma referência ao "Livro da Vida".[31] Certamente, todos aqueles que creram em Jesus e dele receberam a vida eterna atribuem isso à graça de Deus, e não ao seu próprio mérito. Mas a recíproca não é verdadeira. É significativo que nesta mesma passagem, considera-se que os que rejeitaram o evangelho fizeram isso deliberadamente, pois se "julgaram indignos da vida eterna" (v. 46).

Os acontecimentos subseqüentes em Antioquia da Pisídia seguiram esse mesmo padrão de aceitação e rejeição:

[49]E divulgava-se a palavra do Senhor por toda aquela região. [50]Mas os judeus instigaram as mulheres piedosas de alta posição e os principais da cidade, e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os do seu território. [51]E estes, sacudindo contra aqueles o pó de seus pés, partiram para Icônio. [52]Os discípulos, porém, transbordavam de alegria e do Espírito Santo.

Nada podia impedir a disseminação da palavra do Senhor; *toda aquela região* a ouviu (v. 49). Mas ao mesmo tempo a perseguição se intensificou. Paulo chegou a experimentá-la. Isso é sugerido no versículo 50, pois a expulsão dos missionários provavelmente foi violenta; e é confirmado posteriormente quando Paulo afirma que Timóteo sabia de todas as suas perseguições e seus sofrimentos "em Antioquia, Icônio e Listra".[32] Os missionários, de sua parte, sacudiram *o pó de seus pés* – um protesto público contra aqueles que rejeitaram o evangelho – de acordo com o ensino de Jesus.[33] A despeito da oposição, *os discípulos transbordavam de alegria e do Espírito Santo*, pois, como Paulo logo escreveria aos gálatas, "o fruto do Espírito Santo é ... alegria".[34]

4. Paulo e Barnabé em Icônio (14:1-7)

A cerca de cento e sessenta quilômetros de Antioquia da Pisídia, em direção ao sudeste, dominando o amplo planalto que se

estende entre as cordilheiras de Taurus e Sultão, e muito bem irrigada por seus rios, encontra-se uma cidade muito antiga chamada Icônio, que hoje é a quarta cidade da Turquia: Konya. Quando Paulo e Barnabé a visitaram, ela ainda era uma cidade grega, um centro agrícola e comercial.

Como de costume, os missionários *Paulo e Barnabé entraram* primeiro na *sinagoga judaica*, mas era evidente que a sua missão em Icônio não era dirigida apenas aos judeus. Pelo contrário, *falaram de tal modo que veio a crer grande multidão, tanto de judeus como de gregos* (v. 1). *Mas* se alguns judeus e gentios foram unidos na fé, outros se uniram na oposição. *Pois os judeus incrédulos* (literalmente "desobedientes", já que a fé e a obediência andam juntos, assim como a incredulidade e a desobediência) *incitaram e irritaram os ânimos dos gentios contra os irmãos* (v. 2) através de uma campanha de difamação sem escrúpulos.

Entretanto, sem se deixarem abalar por essa propaganda, e até mesmo por causa dela (subentende-se), *demoraram-se ali muito tempo*, corrigindo o falso testemunho e dando um testemunho verdadeiro, *falando ousadamente no Senhor*, ou melhor, "confiando no Senhor" (*epi*), *o qual confirmava a palavra da sua graça*, "uma nobre definição do evangelho",[35] *concedendo que por mão deles se fizessem sinais e prodígios* (v. 3). Novamente vemos uma associação íntima entre palavras e sinais, estes confirmando aquelas. Como comentou Calvino: "Deus dificilmente permite que eles (sc. milagres) sejam desvinculados da sua Palavra." A sua verdadeira função é "estabelecer o evangelho em sua autoridade completa e genuína".[36]

O povo da cidade ficou completamente dividido, pois o evangelho tanto une como separa: *uns eram pelos judeus*, acreditando em suas calúnias maldosas, enquanto *outros* eram *pelos apóstolos* (v. 4), convencidos pela verdade de suas palavras e seus sinais. A atribuição do título de "apóstolo" a Barnabé e Paulo, aqui e no versículo 14, nos surpreende, até que nos lembramos de que essa palavra é empregada em dois sentidos no Novo Testamento. De um lado, havia os "apóstolos de Cristo", escolhidos pessoalmente por ele para que fossem testemunhas da ressurreição, incluindo os doze, Paulo e provavelmente Tiago (1:21; 10:41).[37] Não há evidência de que Barnabé pertencia a esse grupo. Do outro lado, havia os "apóstolos das igrejas",[38] enviados por uma ou mais igrejas em missões específicas, como Epafrodito, que era um apóstolo ou mensageiro da igreja de Filipos.[39] Assim,

ambos, Paulo e Barnabé, também eram apóstolos da igreja de Antioquia da Síria, enviados por ela, enquanto que apenas Paulo era apóstolo de Cristo.

A difamação contra os missionários degenerou em violência planejada. *Surgiu um tumulto dos gentios e judeus, associados com as suas autoridades,* ou seja, com a conivência das autoridades da cidade, não apenas para *os ultrajar (hybrizo* envolve insulto e humilhação) mas para os *apedrejar* (v. 5). Mas *sabendo-o eles, fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e circunvizinhança* (v. 6). Lucas está certo ao localizar essas duas pequenas cidades na Licaônia, que era uma das divisões da província romana da Galácia (Frígia e Pisídia eram outras). Mas por que os missionários as teriam escolhido para evangelizar? Nenhuma das cidades tinha uma grande população nem se encontrava em uma importante rota comercial, e os licaônios eram em geral incultos, até analfabetos. Ramsay chega a descrever Listra como um "lugar calmo e atrasado".[40] Talvez fossem refúgios temporários aos quais recorreram (vs. 6 e 19-20). Em todo o caso, aqui também *anunciavam o evangelho* (v. 7), pois nada podia silenciá-los.

5. Paulo e Barnabé em Listra e Derbe (14:8-20)

Lucas se concentra naquilo que aconteceu em Listra, e não nos dá detalhes sobre a missão em Derbe.

a. A cura de um coxo (14:8-10)

Em Listra costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar. [9]Esse homem ouviu falar Paulo, que fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, [10]disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés. Ele saltou e andava.

Evidentemente, Lucas vê a cura dramática desse homem como um paralelo da cura do coxo de nascença em Jerusalém (3:1ss.), já que várias expressões nas duas histórias são idênticas (e.g. *paralítico desde o seu nascimento* e *fixando nele os olhos*). Mas, em Jerusalém, o agente da cura divina foi Pedro; aqui é Paulo. A reação da multidão também é diferente.

b. A tentativa de adorar Paulo e Barnabé (14:11-15a)

Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua licaônica, dizendo: Os deuses, em forma de homens baixaram até nós. [12]*A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra.* [13]*O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar juntamente com as multidões.*

[14]*Porém, ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando:* [15]*Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós.*

É difícil compreender o comportamento supersticioso e até mesmo fanático da multidão, mas um pouco da história local ilumina a questão. Uns cinqüenta anos antes, o poeta latino Ovídio tinha contado em *Metamorphoses*, uma antiga lenda local. Certa vez, o supremo deus Júpiter (o Zeus para os gregos) e seu filho Mercúrio (Hermes) visitaram a região montanhosa da Frígia, disfarçados de homens mortais. Anônimos, procuraram hospitalidade mas foram rejeitados milhares de vezes. Finalmente, porém, foi-lhes oferecido um abrigo numa pequena cabana coberta de palha e junco. Ali morava um casal de camponeses idosos, chamados Filemon e Baucis, que os hospedou apesar de sua pobreza. Mais tarde os deuses os recompensaram, mas, com uma enchente, destruíram as casas dos que os rejeitaram. É razoável supor que o povo de Listra conhecia essa história sobre sua vizinhança, não querendo sofrer o mesmo destino dos frígios, caso os deuses voltassem a visitar o distrito. Além da evidência literária de Ovídio, duas inscrições e um altar de pedra foram encontrados perto de Listra, e eles indicam que Zeus e Hermes eram adorados juntos, como divindades padroeiras locais.

Já que era *em língua licaônica* que o povo anunciava a sua crença de que os deuses estavam visitando-os novamente, chamando Barnabé de Zeus e Paulo de Hermes, é compreensível que os missionários não tenham entendido logo o que estava acontecendo (vs. 11-12). Eles só começaram a entender quando *o sacerdote de Júpiter ... trouxe touros e grinaldas*, com a intenção de *sacrificar juntamente com as multidões* (v. 13). Nisto, os missionários *rasgaram as suas vestes*, para expressar seu horror perante a blasfêmia do povo,[42] e *saltaram para o meio da multidão*, protestando

contra a intenção deles e insistindo no fato de que eram humanos como eles (vs. 14-15).

c. O sermão de Paulo (14:15b-18)[43]

Vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; [16]o qual nas gerações passadas permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; [17]contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e de alegria. [18]Dizendo isto, foi ainda com dificuldade que impediram as multidões de lhes oferecer sacrifícios.

Apesar de Lucas incluir apenas um resumo muito curto do sermão de Paulo, ele é muito mais importante por ser o único registro de um discurso dirigido a pagãos iletrados. Ele nos convida a compará-lo com o seu sermão a judeus cultos e religiosos na sinagoga de Antioquia da Pisídia, a única, além desta, que Lucas relata durante a primeira viagem missionária. Somos forçados a admirar a flexibilidade da abordagem evangelística de Paulo. Não duvido que em qualquer lugar que ele fosse, a sua mensagem sempre incluía as boas novas de Jesus Cristo, que nunca mudam. Deve ser isso que Lucas quer dizer quando fala que os missionários pregavam "a palavra de Deus",[44] "a palavra da salvação", (13:26), "a palavra da sua graça" (14:3) ou "as boas novas" (ou "o evangelho").[45] Mesmo assim, apesar de a substância da sua mensagem ser invariável, ele mudava a abordagem e a ênfase. O contexto em que ele pregou aos judeus em Antioquia foi o Antigo Testamento, sua história, suas profecias e sua lei. Mas com os pagãos de Listra, Paulo não se concentrou em uma Escritura que eles conheciam, mas no mundo natural ao redor, que eles conheciam e podiam ver. Ele lhes implorou que se voltassem do culto idólatra e vão para o Deus vivo e verdadeiro. Ele falou do Deus vivo como o Criador do céu, da terra e do mar, e de tudo que há neles (v. 15). Será que ele apontou para o céu, para as montanhas do Taurus ao sul e para o Grande Mar além delas? E mais, aquele que fizera tudo isso não permanecera inativo desde então. No passado, ele *permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos* (v. 16), mas, mesmo assim, nunca e em

lugar algum *se deixou ficar sem testemunho de si mesmo.* Pelo contrário, ele deu um testemunho sólido de si mesmo, *fazendo o bem* a toda humanidade, inclusive aos ouvintes de Paulo. Ele lhes deu *chuvas* do céu e *estações frutíferas*, providenciando assim *fartura* para os seus corpos e enchendo seus *corações de alegria* (v. 17). Aterrada pela majestade dessa perspectiva, foi com muita dificuldade que a multidão foi impedida *de lhes oferecer sacrifícios* (v. 18).

Precisamos aprender com a flexibilidade de Paulo. Não podemos reduzir o âmago das boas novas de Jesus Cristo. Nem há necessidade de fazê-lo. Mas precisamos começar onde o povo está, para encontrarmos um ponto de contato com eles. Com pessoas secularizadas de hoje, esse ponto poderia ser o humanismo autêntico, a procura universal pela transcendência, a fome de amor e solidariedade, a busca da liberdade ou o anseio por um significado pessoal. Mas, qualquer que seja o começo, precisamos terminar com Jesus Cristo, que é as boas novas, e o único que pode satisfazer todas as aspirações humanas.

d. O apedrejamento de Paulo (14:19-20)

Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade dando-o por morto. [20]*Rodeando-o, porém, os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. No dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe.*

O apedrejamento que fora planejado em Icônio (v. 5) aconteceu agora em Listra. Não foi uma execução judicial, mas um linchamento. Enquanto as pedras eram lançadas contra ele, será que Paulo se lembrou de Estevão ou, até, de sua oração? Essa deve ter sido a ocasião sobre a qual mais tarde diria: "uma vez (fui) apedrejado".[46] Entretanto os inimigos do evangelho não o mataram; eles só o deram *por morto* (v.19). Lucas não está afirmando que o que aconteceu em seguida foi uma ressurreição. Os discípulos, tendo seguido aqueles que arrastaram seu corpo para fora da cidade, *rodeando-o*, esperavam poder servi-lo, certamente orando por ele, quando, de repente, ele *se levantou*. Isso foi uma ilustração vívida de outro versículo que Paulo escreveria em 2 Coríntios: "abatidos, porém não destruídos".[47] Paulo não era apenas resistente; era corajoso. Ele *entrou na cidade* que o tinha

rejeitado, para passar a noite (v. 20a).

No dia seguinte, Lucas escreve como se fosse trivial, Paulo e Barnabé *partiram para Derbe* (v. 20b). Era uma caminhada de pelo menos noventa e seis quilômetros. Como o corpo machucado de Paulo pôde resistir a isso? "Eu trago no corpo as marcas de Jesus", escreveria em breve aos Gálatas;[48] estaria pensando nas feridas que recebera em Listra? "Certa vez vi sobre a neve o rastro de uma lebre que sangrava", disse o Dr. J. H. Jowett; "era o rastro de Paulo cruzando a Europa."[49] É claro que o companheirismo de Barnabé o encorajou. Mas quando trilhei sua rota de Listra a Derbe, não pude deixar de perguntar se o seu espírito não fora estimulado pela visão espetacular dos picos das montanhas cobertos de neve, ao seu redor, pelas cegonhas brancas aninhadas nos telhados das aldeias e pelo lindo canto das calhandras.

Ficamos assombrados com a inconstância da multidão. Um dia, tentam oferecer sacrifícios a Paulo e Barnabé como se eles fossem deuses, e logo depois juntam-se para apedrejar Paulo como se ele fosse um criminoso. Mas Lucas registrou algo semelhante sobre a multidão de Jerusalém que, com altas vozes, primeiro exaltou a Jesus e depois exigiu sua execução.[50] Assim como Jesus, Paulo permaneceu firme. O seu caráter decidido não se abalou nem com a adulação nem com a oposição.

6. Paulo e Barnabé retornam a Antioquia da Síria (14:21-28)

E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade, e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio e Antioquia, [22]fortalecendo as almas dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus. [23]E, promovendo-lhes em cada igreja a eleição de presbíteros, depois de orar com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido.

[24]Atravessando a Pisídia, dirigiram-se a Panfília. [25]E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália, [26]e dali navegaram para Antioquia onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam cumprido. [27]Ali chegados, reunida a igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira aos gentios a porta da fé. [28]E permaneceram não pouco tempo com os discípulos.

Tudo o que Lucas nos conta sobre a missão em Derbe é que os missionários anunciaram *o evangelho naquela cidade* e que fizeram *muitos discípulos*. Talvez "Gaio de Derbe" (20:4) fosse um deles.

Então voltaram pelo mesmo caminho, revisitando (apesar do perigo) as mesmas três cidades da Galácia que haviam evangelizado na viagem de ida – Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia (v. 21). Era um ministério de *fortalecimento* (*episterizontes*) e *exortação* (*parakalountes*). E ambos os verbos eram termos quase técnicos para designar o estabelecimento e fortalecimento de novos convertidos e igrejas.[51] Mas a exortação não excluía a advertência, uma vez que precisamos passar por *muitas tribulações*, diziam os missionários, *se quisermos entrar no reino de Deus* (v. 22). Foi o próprio sofrimento "em Antioquia, Icônio e Listra" que, mais tarde, levou Paulo a afirmar que "todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos".[52]

Além de encorajar os convertidos *a permanecerem firmes na fé* (v. 22), Paulo e Barnabé promoveram *em cada igreja a eleição de presbíteros* (v. 23a), que continuariam a ensinar-lhes a fé. E então, assim como os missionários tinham sido enviados de Antioquia com oração e jejum, os presbíteros das igrejas da Galácia foram *encomendados ao Senhor*, com jejum e oração (v. 23b).

Após fazerem uma nova visita às cidades da Galácia, onde haviam implantado igrejas, os missionários dirigiram-se para casa. Atravessaram as montanhas de Taurus e desceram para os pântanos costeiros da Panfília (v. 24). Dessa vez, não deixaram Perge de lado, mas tendo *anunciado a palavra* ali, desceram a Atália (v. 25), o porto de onde *navegaram para Antioquia*, tendo completado a obra para a qual haviam sido recomendados à graça de Deus (v. 26).

Quando chegaram, reuniram a igreja e lhes relataram *quantas coisas fizera Deus com eles*, literalmente "em conjunto com eles, como seus instrumentos, seus agentes, seus co-obreiros".[53] Em especial, falaram da grande inovação, como Deus *abrira aos gentios a porta da fé* (v. 27). Se por acaso o texto Ocidental de 11:28 estiver correto onde se lê "quando estávamos reunidos", indicando a presença de Lucas naquela ocasião, então ele também deve ter ouvido o relato empolgante dos missionários. Eles devem ter viajado durante quase dois anos. Assim *permaneceram* em Antioquia da Síria *não pouco tempo com os discípulos* (v. 28).

7. O programa missionário de Paulo

"A primeira e maior diferença entre a sua (sc. de Paulo) ação e a nossa é que ele fundou 'igrejas' enquanto nós fundamos

'missões'." "Nada pode alterar ou dissimular o fato de que o apóstolo Paulo deixou igrejas completas atrás de si, depois de sua primeira visita." De fato, "em pouco mais de dez anos, Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Antes de 47 d.C. não havia igrejas nessas províncias; em 57 d.C., Paulo podia dizer que sua obra estava completa naquele lugar."[54] Essas três citações eloqüentes saíram da mão de Roland Allen, um missionário anglicano que esteve no norte da China de 1895 a 1903, e cujos principais livros: *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?* (1912) e *The Spontaneous Expansion of the Church and the Causes which Hinder it* (1927) continuam sendo lidos e debatidos hoje, e cujos princípios foram provados de forma notável nos últimos anos na mesma China que ele amou e serviu.

A afirmação principal de Roland Allen é indiscutível: em suas viagens missionárias, Paulo deixou igrejas por onde passou. Foi assim desde o início. Após ele e Barnabé voltarem por Derbe, Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia, "fortalecendo" e "exortando" os convertidos, eles não montaram uma organização missionária: eles os deixaram e foram para casa. Em que se fundamentava, então, o seu programa de indigenização? Havia três fundamentos.

a. A instrução apostólica

Paulo exortou os membros da igreja para que *permanecessem firmes na fé* (v. 22) que haviam recebido dele. Uma série de expressões semelhantes são empregadas em diferentes partes do Novo Testamento, indicando que havia um corpo de doutrina reconhecível, um conjunto de crenças centrais ensinadas pelos apóstolos. Aqui é chamado de "a fé", em outros lugares de "a tradição", "o depósito", "o ensino" ou "a verdade". Sem dúvida alguma, em sua viagem de volta, os dois missionários relembraram isso aos gálatas. Até certo ponto, podemos reconstruí-lo a partir das cartas dos apóstolos. O ensino básico deve ter incluído as doutrinas do Deus vivo, o Criador de todas as coisas; de Jesus Cristo, seu Filho, que morreu pelos nossos pecados e foi ressuscitado de acordo com as Escrituras, e que agora reina e voltará; do Espírito Santo que habita no crente e dá vida à igreja; da salvação de Deus; da nova comunidade de Jesus; e dos níveis elevados de santidade e amor que ele espera de seu povo; dos sofrimentos que são o caminho para a glória; e da grande esperança guardada para nós no céu. Foram essas as

verdades, talvez já estruturadas de alguma forma simples que mais tarde se transformou no Credo Apostólico, que Paulo deixou atrás de si e elaborou em suas cartas. Cada igreja começaria a colecionar cartas apostólicas,[55] juntamente com as Escrituras do Antigo Testamento que já possuíam, e em seus cultos públicos no dia do Senhor, leriam partes de ambos em voz alta.

b. A supervisão pastoral

Paulo e Barnabé também promoveram *a eleição de presbíteros* (v. 23). Isso começou a ser feito a partir da primeira viagem missionária e tornou-se universal. Apesar de não haver uma ordem ministerial fixa no Novo Testamento, considera-se indispensável para o bom andamento da igreja que haja algum tipo de supervisão pastoral (*episkope*), sem dúvida alguma, adaptada às necessidades locais. Notamos que ela era local e coletiva – local no fato de os presbíteros serem escolhidos dentro da própria congregação, sem imposição externa; e coletiva porque o modelo moderno tão familiar, de "um pastor, uma igreja", era simplesmente desconhecido. Em seu lugar, havia uma equipe pastoral, que provavelmente incluía (dependendo do tamanho da igreja) ministros de tempo integral e parcial, obreiros pagos e voluntários, presbíteros, diáconos e diaconisas. Mais tarde, Paulo formulou as suas qualificações por escrito.[56] Na sua maioria, eram questões de integridade moral, mas a fidelidade ao ensino dos apóstolos e o dom de ensino também eram essenciais.[57] Assim os pastores cuidariam das ovelhas de Cristo, alimentando-as. Em outras palavras, zelariam por elas, ensinando-as.

Esta, e nada mais, foi a dupla provisão humana para aquelas jovens igrejas: de um lado, um padrão de instrução doutrinária e ética, guardado no Antigo Testamento e nas cartas dos apóstolos; e, do outro, pastores para ensinar o povo a partir desses escritos e cuidar deles em nome do Senhor. As Escrituras e o pastorado: isso era tudo. Mas havia uma terceira provisão, a divina.

c. A fidelidade divina

Os princípios de indigenização baseiam-se essencialmente na convicção de que a igreja pertence a Deus e que podemos ter a certeza de que ele cuida de seu próprio povo. Assim, antes de deixarem as igrejas da Galácia, Paulo e Barnabé encomendaram

tanto os membros como os presbíteros *ao Senhor em quem haviam crido* (v. 23b), exatamente como haviam exortado os convertidos de Antioquia "a perseverar na graça de Deus" (13:43).

Essas eram as razões pelas quais Paulo acreditava que não era preciso ter medo de deixar as igrejas cuidando de sua própria vida. Elas tinham os apóstolos para ensiná-las (através "da fé" e de suas cartas), pastores para cuidar delas, e o Espírito Santo para guiá-las, protegê-las e abençoá-las. Com essa provisão tripla (a instrução apostólica, a supervisão pastoral e a fidelidade divina) elas estariam bem guardadas.

Embora Roland Allen não exponha especificamente esta passagem de Atos, nem a mencione, certamente é significativo que ele tenha desenvolvido os mesmos três argumentos. Primeiro, "o apóstolo Paulo parece ter deixado suas igrejas recém-fundadas com um sistema simples de ensino do evangelho, dois sacramentos, uma tradição acerca dos principais fatos da morte e da ressurreição, e o Antigo Testamento."[58] Segundo, ele ordenou presbíteros através de uma combinação de eleição e designação.[59] E, terceiro, ele confiou no Espírito Santo e assim "não recuou diante dos riscos".[60] "Ele creu no Espírito Santo ... como Pessoa que habita em seus convertidos. Ele creu, portanto, em seus convertidos. Paulo podia confiar neles. Paulo não confiou neles porque acreditava em suas virtudes naturais ou em sua capacidade intelectual. Mas acreditou no Espírito Santo que estava neles. Acreditou que Cristo podia e queria manter aquilo que ele lhe encomendara."[61] Portanto, Paulo precisava "afastar-se de seus convertidos para dar lugar a Cristo."[62]

Roland Allen viveu e trabalhou no auge do colonialismo, quando os missionários tendiam a ser paternalistas. "Em todos os lugares", escreveu Allen em 1912, "o cristianismo ainda é uma planta exótica ... Em todos os lugares, nossas missões são dependentes ... Em todos os lugares vemos os mesmos tipos ... Desejamos ver o cristianismo estabelecido em climas diferentes, vestindo roupas diferentes e desenvolvendo novas formas de glória e de beleza."[63] O bispo Lesslie Newbigin concorda com ele. Os missionários, escreve, precisam diferenciar entre *traditum* (o que de fato recebemos) e *tradendum* (os fundamentos que *precisam* ser passados para frente). Roland Allen "declarou guerra contra tudo o que foi confundido com o essencial, tudo o que faz com que missões pareçam uma parte do imperialismo ocidental – todo o aparato: ministério profissional, instituições, edifícios e

organizações eclesiásticas, escritórios diocesanos – tudo, desde harmônios até os arquidiáconos."[64]

É claro que Roland Allen não foi o primeiro a levantar essas questões. Em meados do último século, aqueles amigos transatlânticos, Henry Venn de Londres e Rufus Anderson de Boston, compartilhavam a mesma visão sobre igreja nativa. Em um memorando de 1851, Venn escreveu sobre "uma igreja nativa sob pastores nativos num sistema de auto-sustento, autogoverno e auto-expansão." Ele especificou quatro estágios nesse desenvolvimento até que finalmente "a missão atinja sua eutanásia."[65] Anderson usou esses mesmos princípios (auto-sustento, autogoverno e auto-expansão), mas em ordem contrária, e considerou o estabelecimento de igrejas como o começo e não o fim.

Entretanto, a tese de Venn, Anderson e Allen não é imune a críticas. Em primeiro lugar, ela não é suficientemente radical em relação à identidade da igreja. Os seus três princípios eram "auto-sustento, autogoverno e auto-expansão", mas a identidade autêntica da igreja vai além do aspecto financeiro, administrativo e evangelístico, envolve toda a sua expressão cultural, incluindo sua teologia, seu culto e estilo de vida. A indigenização (autonomia local) deveria levar à contextualização (identidade cultural). Em segundo lugar, ele não é suficientemente imaginativo em relação aos missionários. Henry Venn pensava que, uma vez estabelecida a igreja, os missionários deveriam partir. Mas não. O pedido de uma moratória, editada em 1974 por John Gatu, líder presbiteriano em Quênia, não queria dizer que os missionários eram supérfluos, mas que *alguns* missionários impedem que a igreja nacional se torne independente. Mas, uma vez estabelecida a identidade da igreja, os missionários estrangeiros serão bem recebidos como hóspedes, para trabalharem sob a liderança nativa, para oferecer suas habilidades especiais e para demonstrar a natureza internacional da igreja. Em terceiro lugar, a visão de Roland Allen não é suficientemente flexível em relação às suas expectativas. A identidade das igrejas é alcançada em estágios diferentes e em circunstâncias diferentes. Allen provavelmente não reconheceu devidamente a posição singular das pessoas convertidas por Paulo, tanto judeus como tementes a Deus, que já tinham uma forte formação no Antigo Testamento, suas doutrinas e sua ética. Joachim Jeremias escreveu sobre o judaísmo, "a primeira grande religião missionária a

aparecer no mundo mediterrâneo", e sobre o "período sem igual de atividade missionária" que se seguiu. Como conseqüência, os missionários cristãos encontraram prosélitos e tementes a Deus em todos os lugares. "O sucesso extraordinário da missão do apóstolo Paulo, que num período de dez anos estabeleceu centros de fé cristã em quase todo o mundo contemporâneo, devia-se portanto ao fato de poder construir, em todos os lugares, sobre uma terra preparada pela missão judaica."[66] Duvido que, em poucos meses, Paulo pudesse indicar presbíteros numa congregação inteiramente composta de ex-pagãos e ex-idólatras. Nesse caso, é quase certo que teria havido um período de transição de missão para igreja, enquanto os presbíteros estariam sendo ensinados e treinados.

Concluindo, e voltando à primeira viagem missionária, o seu aspecto mais notável é a sensibilidade dos missionários à direção divina. Foi o próprio Espírito Santo de Deus que ordenou que a igreja de Antioquia separasse Barnabé e Saulo. Foi o Espírito que os enviou, os conduziu de cidade em cidade, e deu poder às suas pregações, que resultaram em pessoas convertidas e igrejas implantadas. A igreja que os enviou havia-lhes encomendado à graça de Deus para sua obra (14:26), e, voltando, eles relataram "quantas coisas fizera Deus com eles, e como abrira aos gentios a porta da fé" (14:27). É verdade que ele tinha feito o trabalho "com eles", em cooperação ou sociedade com eles, mas ele o fez, e eles lhe deram todo o crédito. A graça viera dele; a glória precisava ser dada a ele.

Notas:

1. Veja Metzger, pp. 398-400.
2. Lc 23:26.
3. Mc 15:21 e, talvez, Rm 16:13.
4. Gn 12:1.
5. Gl 1:1.
6. E.g. At 3:13; 5:40; 16:35-36.
7. E.g. At 15:30, 33; 19:40.
8. Ramsay, *St. Paul*, p. 73.
9. Is 5:20.
10. *BC*, IV, p. 147.
11. Longenecker, *Acts*, p. 420.
12. Bruce, *English*, p. 266.
13. Cl 4:10; 2 Tm 4:11.
14. 2 Co 11:26.

15. Gl 4:13.
16. Gl 4:14.
17. Gl 4:15.
18. 2 Co 12:7.
19. Ramsay, *St. Paul*, pp. 92-97; cf. *Church*, pp. 62-64.
20. Ramsay, *Church*, p. 25.
21. Veja Metzger, pp. 405-406.
22. Cf. Lc 1:32, 69; 2:4; cf. Rm 1:3; 2 Tm 2:8.
23. 2 Sm 7:13-14.
24. Cf. Gl 3:10-13.
25. Keck e Martin, p. 26.
26. De *Luther's Works*, vol. 35, ed. E. Theodore Bachman (edição americana: Muhlenberg Press, 1960), p. 363.
27. Rm 1:16; 2:9-10.
28. E.g. At 17:2, "como seu costume"; 14:1; 16:13; 17:10, 17; 18:4, 19; 19:8; 28:17, 23.
29. Lc 2:32.
30. Bruce, *English*, p. 283; cf. *Greek*, p. 275.
31. Veja Lc 10:20; Fp 4:3; Ap 13:8; 20:12-13; 21:27.
32. 2 Tm 3:10-11.
33. Lc 9:5; 10:11.
34. Gl 5:22.
35. Bengel, p. 639.
36. Calvino, II, p. 3.
37. 1 Co 9:1; 15:7-9.
38. 2 Co 8:23.
39. Fp 2:25.
40. Ramsay, *Cities*, p. 408.
41. Os detalhes e as referências são fornecidos por Bruce (*Greek*, p. 281; *English*, pp. 291-292) e Longenecker (*Acts*, p. 435).
42. Cf. Mc 14:63.
43. É verdade que na narrativa, Paulo e Barnabé, ambos, "saltaram para o meio da multidão, exclamando ..." (v. 14). Assim, Lucas pode estar atribuindo o sermão aos dois. Certamente, eles dividiram o ministério de pregação (vs. 1, 3, 7, 21, 24, 27). Por outro lado, o propósito de Lucas nesses capítulos é apresentar o ministério de Paulo, e, em Listra, ele especifica que é Paulo quem fala (v. 9a), cura (vs. 9b-11a) e é apedrejado (v. 19).
44. At 13:5, 7, 44, 46, 48-49.
45. At 13:32; 14:7, 15, 21.
46. 2 Co 11:25.
47. 2 Co 4:9.
48. Gl 6:17.
49. Ouvido e citado por W. E. Sangster em *The Craft of the Sermon* (Epworth, 1954), p. 214.
50. Lc 19:37-40; 23:23.
51. E.g. At 9:31; 15:32, 41; 18:23.

52. 2 Tm 3:11-12.
53. Alexander, II, p. 68.
54. *Missionary Methods: St. Paul's or Ours?*, Roland Allen (1912; sexta edição, Eerdmans, 1962), pp. 83, 87, 3.
55. Cf. Cl 4:16; 1 Ts 5:27.
56. 1 Tm 3 e Tt 1.
57. Tt 1:9; 1 Tm 3:2.
58. *Missionary Methods*, p. 90.
59. *Ibid.*, pp 99-107
60. *Ibid.*, p. 91.
61. *Ibid.*, p. 149.
62. *Ibid.*, p. 148.
63. *Ibid.*, p. 141-142.
64. *The Finality of Christ*, Lesslie Newbigin (SCM, 1969) p. 107.
65. *To Apply the Gospel: Selections from the Writings of Henry Venn*, ed. Max Warren (Eerdmans, 1971), p. 28.
66. *Jesus' Promise to the Nations*, Joachim Jeremias (1956; tradução inglesa, SCM, 1958), pp. 11 e 16.

Atos 15:1-16:5
11. O Concílio de Jerusalém

Havia alguns anos que os gentios estavam sendo levados à fé em Cristo e recebidos na igreja, através do batismo. Tudo começou em Cesaréia, com aquele centurião temente a Deus, Cornélio. Ele não só ouviu o evangelho, creu, recebeu o Espírito e foi batizado sob circunstâncias bastante extraordinárias, mas os líderes de Jerusalém, depois de ouvirem todos os fatos, "adoraram a Deus" (11:8), em vez de levantarem objeções. Depois veio o notável movimento em Antioquia da Síria, quando missionários anônimos começaram a falar "também aos gregos" (11:20), dos quais grande número creu. A igreja de Jerusalém também ouviu falar disso e enviou Barnabé para investigar. Este, "vendo a graça de Deus, alegrou-se"(11:23). O terceiro progresso relatado por Lucas é a primeira viagem missionária, em que a primeira pessoa totalmente pagã veio a crer (Sérgio Paulo, procônsul de Chipre) e mais tarde Paulo e Barnabé responderam à descrença dos judeus com uma declaração ousada: "nos volvemos para os gentios" (13:43). Dali em diante, em todos os lugares que foram, judeus e gentios se converteram (e.g. 14:1), e voltando para Antioquia da Síria, os missionários puderam relatar que "Deus ... abrira também aos gentios a porta da fé" (14:27).

Tudo isso aconteceu praticamente em linha reta. Depois da conversão de Cornélio e dos gregos de Antioquia, os líderes de Jerusalém puderam ter a certeza de que Deus estava envolvido nisso. Como reagiriam ao programa ainda mais audacioso de Paulo? A missão entre os gentios estava ganhando ímpeto. As conversões dos gentios, que antes pareciam gotas, estavam se transformando rapidamente em correnteza. Os líderes judeus não tinham dificuldade de aceitar o conceito geral de gentios convertidos, pois muitas passagens do Antigo Testamento prediziam a inclusão deles. Mas agora uma pergunta estava se

formando em suas mentes: como Deus pretendia incorporar os gentios à comunidade cristã? Até então, supunha-se que eles seriam absorvidos por Israel pela circuncisão, e que seriam reconhecidos como membros *bona fide* da aliança do povo de Deus, pela observância da lei. Agora, porém, estava acontecendo algo bem diferente, algo que perturbou e até alarmou muitos. Os convertidos gentios eram recebidos na comunidade através do batismo, sem circuncisão. Eles estavam se tornando cristãos sem se tornarem também judeus. Estavam mantendo sua própria identidade e integridade como membros de outras nações. Para os líderes de Jerusalém, uma coisa era ratificar a conversão dos gentios, mas será que poderiam ratificar uma conversão sem circuncisão, a fé em Jesus sem as obras da lei, o compromisso com o Messias sem a inclusão no judaísmo? Será que sua visão era ampla o suficiente para ver o evangelho de Cristo não como um movimento reformador dentro do judaísmo, mas como as boas novas para todo o mundo, e a igreja de Cristo não como uma seita judaica, mas como família internacional de Deus? Essas eram as questões revolucionárias que alguns se arriscavam a perguntar.

Não nos surpreende que Haenchen tenha escrito: "O capítulo 15 é o ponto crucial, a 'parte central', o 'divisor de águas' do livro, o episódio que completa os acontecimentos passados e torna os acontecimentos futuros possíveis."[1] Isso não é um exagero. Lucas dirige nossa atenção para esse ponto através de leves mudanças na ênfase. Neste capítulo, Jerusalém ainda é o centro das atenções, e Pedro aparece pela última vez na história. De agora em diante, Pedro desaparece e é substituído por Paulo, e Jerusalém passa para o segundo plano, à medida que Paulo avança da Ásia para a Europa, e Roma aparece no horizonte. E nós, com a visão da história da igreja que temos hoje, podemos ver a importância crucial desse primeiro concílio ecumênico que ocorreu em Jerusalém. A sua decisão unânime liberou o evangelho de suas incômodas vestimentas judaicas para se tornar a mensagem de Deus para toda a humanidade, dando à igreja judaico-gentílica uma identidade autoconsciente como o povo reconciliado de Deus, o único corpo de Cristo. E apesar de todo o concílio tê-lo afirmado, Paulo afirma que era uma nova compreensão concedida especialmente a ele, o "mistério" antes escondido, mas agora revelado, ou seja, que através da fé em Cristo os gentios se igualam aos judeus: "co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes" em sua nova comunidade.[2]

1. O ponto em questão (15:1-4)

A tranqüilidade da comunhão cristã em Antioquia da Síria foi quebrada com a chegada de um grupo que Paulo mais tarde chama de "perturbadores".[3] *Alguns indivíduos desceram da Judéia* para Antioquia (v. 1). Antes de ver quem eram e o que eles estavam ensinando, preciso dizer aos meus leitores que defendo o chamado ponto de vista do "Sul da Galácia", ou seja: a carta de Paulo aos Gálatas foi escrita às igrejas do sul da Galácia (Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, as quais ele e Barnabé tinham acabado de visitar em sua primeira viagem missionária); ele a ditou durante o auge dessa crise teológica, antes de o concílio resolvê-la (pois sua carta não menciona o "decreto apostólico"); ele a escreveu provavelmente em sua viagem para o concílio em Jerusalém, que seria sua terceira visita à cidade, apesar de não mencioná-la em *Gálatas* porque ainda não tinha acontecido; e, portanto, a situação que Lucas descreve no início de Atos 15 é a mesma à qual Paulo se refere em Gálatas 2:11-16.[4]

Se isso for correto, então a afirmação de que *alguns homens desceram da Judéia* (v. 1) corresponde a "chegaram alguns da parte de Tiago".[5] Não que Tiago os tivesse enviado, visto que ele o nega mais tarde (v. 24), mas isso era o que afirmavam. Eles estavam tentando jogar um apóstolo contra o outro, proclamando Tiago como o seu campeão e Paulo como o seu adversário. Eles eram "fariseus" (v. 5) e "zelosos da lei" (21:20). E isso era o que *ensinavam aos irmãos: Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos* (v. 1). A circuncisão dos gentios não era a única exigência deles; eles iam além. Os convertidos gentios também tinham de observar a *lei de Moisés* (v. 5). Por não considerarem suficente uma conversão sem circuncisão, eles organizaram um pequeno grupo de pressão, a quem muitas vezes chamamos de "judaizantes" ou "partido da circuncisão". Eles não se opunham à missão entre os gentios, mas estavam convictos de que ela devia acontecer sob a guarda da igreja judaica e que os crentes gentios precisavam se submeter não só ao batismo em nome de Jesus, mas também à circuncisão e à observância da lei, como os prosélitos do judaísmo. Não nos surpreende que o ensino deles tenha provocado *da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles* (v. 2a).

Precisamos determinar o que eles estavam dizendo e qual era o ponto em discussão. De acordo com o resumo revelador de

Lucas, eles insistiam que os convertidos incircuncisos *não podiam ser salvos*. É claro que a circuncisão era o sinal da aliança instituído por Deus, e sem dúvida os judaizantes enfatizavam isso, mas eles iam mais longe, fazendo da circuncisão uma condição para a salvação. Eles diziam aos convertidos gentios que a fé em Jesus não era suficiente, não bastava para a salvação: eles deviam acrescentar a circuncisão à fé, e à circuncisão a observância da lei. Em outras palavras, eles precisavam permitir que Moisés completasse o que Jesus havia começado, e permitir que a lei completasse o evangelho. O problema era imenso. O caminho da salvação estava em jogo. O evangelho estava sendo questionado. Os fundamentos básicos da fé cristã estavam sendo minados.

O apóstolo Paulo viu isso com grande clareza e ficou revoltado. Sua indignação aumentou quando os judaizantes conquistaram o apóstolo Pedro, que também estava em Antioquia naquela época. Antes da chegada deles, como Paulo explica em Gálatas 2:11-14, Pedro "comia com os gentios". É verdade que eles não tinham sido circuncidados, mas eram convertidos. Eles haviam crido, recebido o Espírito e o batismo. Assim Pedro, lembrando-se de Cornélio, estava muito feliz em se juntar a eles livremente, e até mesmo em comer com eles, sem dúvida alguma incluindo a ceia do Senhor, reconhecendo-os como irmãos e irmãs no Senhor. Mas quando o partido da circuncisão chegou a Antioquia, eles o persuadiram a se retrair, afastando-se dos gentios.

Infelizmente, isso foi apenas o começo. Paulo descreve o que aconteceu em seguida em Gálatas 2. O restante dos crentes judeus seguiram o mau exemplo de Pedro e "dissimulavam com ele", ou participaram de sua hipocrisia (pois Paulo sabia que Pedro estava agindo por medo, e não por convicção), e até mesmo Barnabé, apesar de tudo o que tinha visto em sua primeira viagem missionária, foi levado pela "dissimulação deles". Paulo estava tomado de ira – não por motivos pessoais, por estar perdendo terreno, mas por se preocupar com a verdade. Ele viu que Pedro e seus seguidores "não procediam corretamente segundo a verdade do evangelho". Assim, ele "resistiu-lhe [a Pedro] face a face, porque se tornara repreensível" e o advertiu publicamente por incoerência. O seu comportamento contradizia vergonhosamente o evangelho. Assim lhe disse: "Nós ... sabendo [você e eu – Pedro e Paulo – concordamos nisso] que o homem não é justificado por obras da lei, e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos

justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois por obras da lei ninguém será justificado."[6] Como, então, se sabemos disso e nós mesmos o experimentamos, podemos pregar um evangelho diferente aos gentios? E mais, se Deus os aceitou pela fé, assim como nos aceitou, como podemos romper a comunhão uns com os outros? Como ousamos rejeitar àqueles que Deus aceitou? A lógica de Paulo era irrefutável. O seu confronto corajoso com Pedro evidentemente obteve o resultado desejado, pois quando Pedro chegou a Jerusalém para o concílio, ele havia recuperado seu equilíbrio teológico e, durante a assembléia, testemunhou fielmente do evangelho da graça e de suas conseqüências para a comunhão judaico-gentia. Barnabé também havia se recuperado.

O assunto pode ser esclarecido através de uma série de perguntas. O pecador é salvo pela graça de Deus através do Cristo crucificado, quando ele simplesmente crê, ou seja, procura refúgio em Cristo? Será que, através de sua morte e ressurreição, Jesus Cristo fez tudo o que era necessário para a salvação? Ou somos salvos em parte pela graça de Cristo e em parte pelas nossas próprias boas obras e desempenho religioso? A justificação é *sola fide*, "pela fé somente", ou através de uma mistura de fé e obras, graça e lei, Jesus e Moisés? Os convertidos gentios são uma divisão do judaísmo ou membros autênticos de uma família internacional? Não eram algumas práticas cultuais judaicas que estavam em jogo, mas sim a verdade do evangelho e o futuro da igreja.

Não nos surpreende, portanto, a *contenda e não pequena discussão* (v. 2) que surgiu. Podemos ser gratos à igreja de Antioquia, que percebeu o problema e adotou medidas práticas para resolver a questão. A convocação de um concílio pode ser extremamente valiosa, se o seu propósito é esclarecer alguma doutrina, acabar com controvérsias e promover a paz. Então *resolveram que esses dois* [Paulo e Barnabé] *e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão* (v. 2). *Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos* (v. 3). *Tendo eles chegado a Jerusalém, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, e relataram tudo o que Deus fizera com eles* (v. 5).

2. O debate em Jerusalém (15:5-21)

Mal a delegação chegou de Antioquia, sendo bem recebida pela igreja de Jerusalém, especialmente pelos apóstolos e presbíteros, e a controvérsia ressurgiu com nova força. *Insurgiram-se, entretanto, alguns da seita dos fariseus, que haviam crido: É necessário circuncidá-los e determinar-lhes que observem a lei de Moisés* (v. 5). Eles estavam sendo completamente bíblicos ao valorizar a circuncisão e a lei como dádivas de Deus para Israel. Mas iam além, tornando-as obrigatórias para todos, inclusive gentios. Notamos a expressão "é necessário", como notamos a expressão "não podem" no versículo 1. Circuncisão e observância da lei, insistiam, eram essenciais para a salvação. *Então se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão* (v. 6), apesar de estarem presentes também outras pessoas. Lucas não nos fornece detalhes do *grande debate* (v. 7a) que se deu, mas ele resume os discursos decisivos, feitos sucessivamente pelos três apóstolos envolvidos – o apóstolo Pedro (vs. 7-11), o apóstolo Paulo apoiado por Barnabé (v. 12) e o apóstolo Tiago (vs. 13-21).

a. Pedro (15:7-11)

A contribuição de Pedro foi relembrar à assembléia o incidente de Cornélio, no qual ele fora o fator humano principal e que acontecera *há muito*, provavelmente dez anos antes. Pedro humildemente atribuiu toda a iniciativa a Deus. Primeiro, ele disse, *Deus me escolheu dentre vós para que, por meu intermédio, ouvissem os gentios a palavra do evangelho e cressem* (v. 7). A escolha havia sido de Deus e seu, o privilégio. Segundo, *Deus que conhece os corações* (a palavra *kardiognostes*, "conhecedor do coração", fora usada por Jesus em 1:24), *lhes deu testemunho* (ou seja, mostrou-lhes sua aprovação), *concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera* (v. 8). Isso prova que a afirmação anterior de Pedro: "em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável ..." (10:35) significa que não há obstáculo racial para a conversão; mas Deus os aceitou, no sentido de recebê-los em sua família, apenas quando lhes deu seu Espírito. Terceiro, Deus *não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações* (v. 9), demonstrando que é a pureza interior, do coração, que torna a comunhão possível, não a pureza externa, da dieta e do ritual. É uma purificação pela fé, não por obras.

Essa tríplice obra de Deus (escolhendo Pedro, dando o Espírito, purificando o coração) levou a uma conclusão inevitável. Ao expressá-la, Pedro se dirigiu diretamente à oposição: *Agora, pois, por que tentais a Deus* (ou seja, por que o provocais, resistindo ao que revelou claramente?), *pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais puderam suportar, nem nós?* (v. 10). Nós, judeus, não obtivemos a salvação por obediência à lei; como, então, podemos esperar isso dos gentios? Não, Pedro conclui, *cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram* (v. 11).

Ao fazer sua afirmação final, percebemos que ele repete, talvez inconscientemente, a afirmação evangélica que Paulo lhe fizera em Antioquia ao desafiá-lo publicamente. Juntos, eles deixam claro que a salvação é "pela graça do Senhor Jesus" e "mediante a fé em Cristo Jesus". Graça e fé não podem ser separadas.

Paulo: Sabendo que o homem ... é ... justificado ... mediante a fé em Cristo Jesus, também nós temos crido em Cristo Jesus (Gl 2:16).

Pedro: Cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram (At 15:11).

O tema central do testemunho de Pedro não era apenas que os gentios tinham ouvido o evangelho, crido em Jesus, recebido o Espírito e sido purificados pela fé, mas que, em cada estágio, Deus *não estabeleceu distinção alguma* (v. 9, cf. 10:15, 20, 29; 11:9, 12, 17). A idéia de "nós ... eles" se repete quatro vezes neste relato resumido da palestra de Pedro. Deus deu o Espírito para eles como o deu para nós (v. 8) e não fez distinção entre eles e nós (v. 9). Por que, então, colocar sobre eles o jugo que nós não conseguimos suportar? (v. 10). Concluímos que nós somos salvos pela graça assim como eles (v. 11). Se os judaizantes compreendessem que Deus não faz distinção entre judeus e gentios, mas salva ambos pela graça através da fé, eles também não fariam distinção. Graça e fé nos nivelam; elas tornam possível a comunhão fraternal.

b. Paulo e Barnabé (15:12)

E toda a multidão silenciou, evidentemente por profundo respeito, *passando a ouvir a Barnabé e Paulo* (talvez a prioridade dada a

Barnabé seja porque ele seria mais conhecido em Jerusalém do que Paulo) *que contavam quantos sinais e prodígios Deus fizera por meio deles entre os gentios.* Antes, haviam dito que Deus operara "com" eles (*meta* em 14:27 e 15:4); agora, "por meio" deles (*dia*), como seus agentes. Este resumo extremamente curto talvez se deva ao fato de os leitores de Lucas já estarem completamente familiarizados com os detalhes da primeira viagem missionária, após lerem os capítulos 13 e 14. E a ênfase nos sinais e prodígios provavelmente não pretende renegar a pregação da palavra, mas confirmar e validar a pregação.

c. Tiago (15:13-21)

O próximo a falar foi "Tiago, o Justo", como se tornaria conhecido mais tarde devido à sua reputação como homem justo e piedoso, um dos irmãos de Jesus, que provavelmente se converteu depois de ver Jesus ressuscitado.[7] Em sua carta no Novo Testamento, mais tarde, ele enfatizaria que a fé salvadora sempre resulta em boas obras de amor e que a sabedoria celestial é "pura, pacífica, indulgente, sem fingimento".[8] Ele manifesta parte dessa sabedoria agora. Provavelmente contado entre os apóstolos[9] e já reconhecido como um (até mesmo "o") líder da igreja de Jerusalém (12:17),[10] evidentemente ele era o coordenador da assembléia. Tiago esperou que os líderes missionários, os apóstolos Pedro e Paulo, terminassem seus discursos. Então, *depois que eles terminaram, falou Tiago*, chamando seu público de "irmãos" e pedindo que lhe ouvissem (v. 13). Então, referindo-se a Pedro pelo seu nome hebraico (um toque autêntico), ele resumiu seu testemunho com as seguintes palavras: *Expôs Simão* [literalmente, *Symeon*] *como Deus primeiro visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome* (v. 14).

Sua afirmação é consideravelmente mais importante do que parece à primeira vista, pois as expressões "povo" (*laos*) e "para o seu nome" são regularmente empregados no Antigo Testamento em relação a Israel. Tiago estava expressando sua crença de que os convertidos gentios agora faziam parte do Israel verdadeiro, chamados e escolhidos por Deus para pertencerem ao seu único povo e para glorificar o seu nome. Ele não se referiu também ao testemunho de Paulo e Barnabé, talvez porque era o programa missionário deles que estava em julgamento. Em vez disso, ele saiu diretamente da evidência apostólica para a palavra profética:

Conferem com isto as palavras dos profetas (v. 15). Os concílios não têm autoridade na igreja a não ser que possam mostrar que suas conclusões estão de acordo com as Escrituras. Tiago citou Amós 9:11-12 para fundamentar a sua afirmação.

> [16]*Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei.*
> [17]*Para que os demais homens busquem o Senhor, e todos os gentios, sobre os quais tem sido invocado o meu nome,* [18]*diz o Senhor que faz estas coisas conhecidas desde séculos.*

Essa citação de Amós é uma afirmação poderosa de duas verdades relacionadas. Primeiro, Deus promete restaurar o tabernáculo caído de Davi e reedificar as suas ruínas (que os olhos cristãos vêem como uma profecia da ressurreição e exaltação de Cristo, a semente de Davi, e o estabelecimento de seu povo) de modo que, depois, um remanescente gentio procurará o Senhor. Em outras palavras, através do Cristo davídico, os gentios serão incluídos em sua nova comunidade.[11]

Assim Tiago, aclamado campeão pelo partido da circuncisão, declarou que estava de pleno acordo com Pedro, Paulo e Barnabé. A inclusão dos gentios não era uma idéia posterior de Deus, mas algo predito pelos profetas. As próprias Escrituras confirmavam os fatos experimentados pelos missionários. O que Deus havia feito através dos apóstolos conferia com o que ele havia dito através dos profetas. Essa concordância entre Escrituras e experiência, entre o julgamento dos profetas e o dos apóstolos, era conclusiva para Tiago. Ele estava pronto para declarar o seu *julgamento*. O verbo grego *krino* poderia significar meramente "expressar uma opinião". Mas o contexto exige algo mais forte do que isso. "Julgo eu", por outro lado, é forte demais, como o é a explicação de Kirsopp Lake, de que "é uma sentença definitiva de um juiz, e o *ego* (eu) implica que ele está agindo com uma autoridade pessoal".[12] Assim, precisamos de uma palavra mais forte do que "opinião" e mais fraca do que "decreto", talvez "convicção", já que Tiago estava fazendo uma proposta firme que os líderes de fato endossaram, de modo que a decisão foi unânime, e uma carta foi enviada em nome dos apóstolos e dos presbíteros, "com toda a igreja" (v. 22).

Qual, então, foi a decisão? Em termos gerais, foi que *não deviam perturbar* (impor restrições pesadas) *aqueles que, dentre os gentios, se*

convertem a Deus (v. 19), *mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, bem como das relações sexuais ilícitas, da carne dos animais sufocados e do sangue* (v. 20). Juntando essas duas frases, Tiago estava dizendo que eles deveriam reconhecer e abraçar os convertidos gentios como irmãos e irmãs em Cristo, e não sobrecarregá-los, exigindo que acrescentassem à fé em Jesus a circuncisão ou todo o código das práticas judaicas. Ao mesmo tempo, tendo estabelecido o princípio de que a salvação se dá somente pela graça e pela fé, sem obras, era necessário lembrar aos gentios que deviam respeitar a consciência de seus colegas judeus, abstendo-se de algumas práticas que poderiam ofendê-los. *Porque,* explica Tiago, *Moisés tem, em cada cidade desde tempos antigos, os que pregam nas sinagogas, onde é lido todos os sábados* (v. 21). Nesse contexto, onde os ensinos de Moisés eram bem conhecidos e altamente respeitados, os judeus eram muito escrupulosos e, por caridade, os gentios deviam respeitá-los.

Um certo grau de incerteza envolve, porém, o que às vezes é chamado de "o quadrilátero de Jerusalém", ou seja, as quatro abstenções exigidas. À primeira vista, parecem uma estranha mistura de questões morais e cerimoniais, já que a imoralidade sexual pertence ao primeiro grupo, e "contaminações dos ídolos", "animais sufocados" e "sangue" ao último. Como Tiago poderia combiná-los, como se fossem iguais em importância? Além disso, a castidade sexual é um ingrediente elementar da santidade cristã; por que, então afirmar o óbvio, incluindo-a na lista? E o versículo 20 levanta questões textuais complexas, já que as variantes do texto grego refletem interpretações diferentes. Duas soluções principais têm sido sugeridas, ambas visando separar o ético do ritual.

A primeira considera que todas as abstenções exigidas são morais. Já que a terceira ("carne de animais sufocados") não pode ser transformada numa questão ética, nem por uma imaginação prodigiosa, nem por ingenuidade, propõe-se seguir o texto Ocidental e omiti-la. Ficamos, então, com três: "contaminações dos ídolos" (v. 20) ou "coisas sacrificadas a ídolos" (v. 29) são vistas como idolatria; "sangue" é interpretado como o derramamento de sangue, ou seja, assassinato; e "relações sexuais ilícitas" mantêm seu significado moral. Essas três (idolatria, assassinato, imoralidade) eram, do ponto de vista judaico, as principais ofensas morais que um ser humano poderia cometer. Essa seria uma solução simples, mas levanta mais problemas do

que resolve. (i) A evidência textual para deixar de fora "a carne de animais sacrificados" é muito fraca; (ii) a interpretação da simples palavra "sangue", que no texto não recebe nenhuma explicação, como assassinato é muito forçada; (iii) os três pecados são tão graves que não seria necessário um decreto apostólico especial para proibi-los; (iv) a escolha de apenas três proibições morais nos faz perguntar se os gentios podiam violar o restante dos Dez Mandamentos; e.g., roubar, dar falso testemunho, cobiçar. Talvez essa lacuna tenha levado um escriba a acrescentar a lei áurea em forma negativa, preservada no texto Ocidental: "e não fazerem aos outros o que não quiserem que seja feito a eles mesmos."

A solução alternativa é o oposto, ou seja, considerar cerimoniais as quatro abstenções, todas como questões de pureza exterior. Nesse caso, a primeira não seria a idolatria, mas sim comer carne sacrificada aos ídolos, ao que Paulo faria referência mais tarde, em Romanos 14 e 1 Coríntios 8. "Sangue" não seria uma referência ao seu derramamento mas ao ato de comê-lo, o que era proibido em Levítico; enquanto que "a carne de animais sufocados" significaria "animais mortos, sem que o seu sangue fosse escorrido e cuja carne os judeus eram proibidos de comer (Lv 17:13-14)".[13] Em lugar desses dois, os gentios deviam comer alimentos "kosher", preparados de acordo com as regras dietéticas judaicas. Resta-nos a quarta abstenção, a imoralidade sexual. Parece-nos ser a exceção moral numa lista de exigências cerimoniais, assim como os "animais sufocados"eram a exceção cerimonial numa lista de exigências morais. Uma forma de lidar com esse problema é omitir a palavra, e parece que havia pelo menos um manuscrito, conhecido de Orígenes, no terceiro século, que fazia isso. Mas a evidência é extremamente frágil. A melhor forma é interpretar que *porneia* (que inclui, em todo o caso, "qualquer tipo de relação sexual não legítima", BAGD) se refira, nesse caso, "a todos os casamentos ilícitos alistados em Levítico 18" (JB), especialmente o "casamento entre parentes de sangue ou por afinidade proibido pela legislação de Levítico 18".[14] Uma série de comentaristas concorda com essa interpretação.

Se essa reconstrução for correta, então todas as abstenções exigidas estavam ligadas às leis cerimoniais estabelecidas em Levítico 17 e 18, e três delas diziam respeito a questões dietéticas que poderiam impedir refeições comunitárias entre judeus e gentios. Abster-se seria uma concessão gentil e temporária (apesar de "essenciais" – v. 28 – em certas circunstâncias) às consciências

dos judeus, uma vez que a circuncisão fora declarada desnecessária, protegendo, assim, a verdade do evangelho e estabelecendo o princípio da igualdade. A abstinência aqui recomendada deve ser entendida ... não como um dever cristão essencial, mas como uma concessão às consciências dos outros, i.e., dos convertidos judeus, que ainda consideravam tais comidas como ilícitas e abomináveis perante Deus."[15]

3. A carta do concílio (15:22-29)

O concílio concordou com o sumário de Tiago. A combinação das Escrituras proféticas com a experiência apostólica parecia-lhes conclusiva, como tinha sido para ele. A sua idéia de propor abstenção aos cristãos gentios, em quatro áreas culturais, parecia ser uma sábia solução para promover tolerância mútua e comunhão. *Então pareceu bem aos apóstolos e aos presbíteros, com toda a igreja, tendo elegido homens dentre eles* (i.e., membros da igreja de Jerusalém), *enviá-los, juntamente com Paulo e Barnabé, a Antioquia: foram Judas, chamado Barsabás,* evidentemente um crente que falava hebraico, do qual nada mais se sabe, a não ser que, por acaso, tenha sido irmão de José Barsabás (1:23), *e Silas,* cujo nome latino era Silvano, um helenista que também era cidadão romano (16:37) e que mais tarde viria a se associar intimamente com Paulo[16] e Pedro.[17] Lucas diz que esses *homens* eram *notáveis entre os irmãos* (v. 22). A igreja não só escolheu emissários para enviá-los à igreja de Antioquia, de onde viera o pedido para julgar esta controvérsia, mas também escreveu uma carta às igrejas que possuíam membros gentios, a fim de comunicar as decisões. Uma carta pode parecer impessoal; era sábio enviar pessoas que pudessem explicar sua origem, interpretar seu significado e assegurar sua aceitação.

A carta tem sido descrita como uma "obra-prima de tato e delicadeza".[18] Ela começa de forma muito fraternal: *Escrevendo, por mão deles* (Judas Barsabás e Silas):

> *Os irmãos, tanto os apóstolos como os presbíteros,*
> *aos irmãos de entre os gentios em Antioquia, Síria e Cilícia,*
> *saudações.* (v. 23).

Sempre que irmãos se comunicam com irmãos, há boas razões para se esperar um espírito conciliatório. Foi isso o que aconteceu. O texto da carta era o seguinte.

> [24]*Visto sabermos que alguns [que saíram] de entre nós, sem nenhuma autorização, vos têm perturbado com palavras, transtornando as vossas almas,* [25]*pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, eleger homens e enviá-los a vós outros com os nossos amados Barnabé e Paulo,* [26]*homens que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo.* [27]*Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais pessoalmente vos dirão também estas coisas.* [28]*Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais:* [29]*Que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sacrificados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Saúde.*

A igreja em Jerusalém e seus líderes apresentaram três pontos importantes em sua carta. Em primeiro lugar, eles negam um envolvimento com o partido da circuncisão e, portanto, por clara implicação, com a exigência da circuncisão. Esses homens saíram *de entre nós*, mas *sem nenhuma autorização*. A mensagem não autorizada tinha *perturbado* seus ouvintes (v. 24, o verbo é *tarasso*, perturbar, transtornar, criar confusão; é interessante notar que Paulo emprega a mesma palavra em Gálatas 1:7 e 5:10 para se referir a eles). Em segundo lugar, deixaram bem claro que os homens eleitos e enviados por eles (v. 25), ou seja, *Judas e Silas*, tinham apoio e aprovação. Eles não só entregariam a carta, como também confirmariam *pessoalmente* o seu conteúdo (v. 27). Em terceiro lugar, eles anunciaram sua decisão unânime (tomada *pelo Espírito Santo e ... nós*) de *não ... impor maior encargo* sobre os gentios convertidos, *além destas coisas essenciais* (v. 28), ou sejam, as quatro abstenções especificadas, que já estudamos, excluindo assim a circuncisão. A conclusão da carta, que expressa mais uma recomendação do que uma ordem, era: *fareis bem se vos guardardes* (v. 29).

4. As conseqüências do Concílio (15:30 - 16:5)

Tendo compartilhado com seus leitores o conteúdo da carta, Lucas passa a registrar sua aceitação nas igrejas em que havia muitos gentios: primeiro em Antioquia da Síria (15:30-35), depois na Síria

e Cilícia (15:36-40) e finalmente na Galácia (16:1-5).

a. Antioquia recebe a carta (15:30-35)

Antioquia foi mencionada no cabeçalho da carta como o primeiro destinatário, pois de lá vieram a controvérsia e o pedido de ajuda.

Os que foram enviados desceram logo para Antioquia e, tendo reunido a comunidade, entregaram a epístola. [31]*Quando a leram sobremaneira se alegraram, pelo conforto recebido.* [32]*Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram.* [33]*Tendo-se demorado ali por algum tempo, os irmãos os deixaram voltar em paz, aos que os enviaram.* [34]*[Mas pareceu bem a Silas permanecer ali.]* [35]*Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra de Deus.*

Esta reunião da igreja em Antioquia deve tê-los lembrado de uma reunião parecida, realizada algum tempo antes (14:27). Paulo e Barnabé estavam presentes em ambas as ocasiões. A primeira fora para receber o relatório da primeira viagem missionária, com notícias maravilhosas sobre a conversão dos gentios; agora recebiam a carta de Jerusalém com notícias igualmente maravilhosas: os gentios que haviam crido em Jesus eram aceitos como cristãos, sem a necessidade de se tornarem também judeus. Não nos surpreende que, quando ouviram o texto da carta, todos *sobremaneira se alegraram, pelo conforto recebido* (v. 31). *Judas e Silas*, agora identificados como *profetas*, permaneceram por algum tempo, *consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram* (v. 32), mas depois voltaram para Jerusalém, enviados *em paz* (v. 33). A afirmação do versículo 34: "Silas permaneceu ali", parece ser um erro. Os melhores manuscritos a omitem. Provavelmente foi acrescentada para explicar como, no versículo 40, Silas estava em Antioquia, mas ela contradiz a afirmação clara do versículo 33, segundo a qual ele e Judas partiram. *Paulo e Barnabé*, porém, permaneceram ali, *ensinando e pregando* (literalmente "evangelizando"), *com muitos outros, a palavra do Senhor* (v. 35).

b. A Síria e a Cilícia recebem a carta (15:36-41)

As províncias da Síria (à qual pertencia Antioquia) e da Cilícia (onde se situava Tarso) tinham sido palco de algumas das

primeiras campanhas evangelísticas de Paulo (9:30).[19] Evidentemente, possuíam algumas igrejas gentias, pois são citadas nominalmente no cabeçalho da carta de Jerusalém (v. 23). Mas antes de narrar como a carta chegou até eles, Lucas, em sua honestidade, é obrigado a nos contar a triste história da separação entre Paulo e Barnabé.

Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos agora para visitar os irmãos por todas as cidades, nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam. [37]*E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos.* [38]*Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho.* [39]*Houve entre eles tal desavença que vieram a separar-se. Então Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre.* [40]*Mas Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor.* [41]*E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas.*

Observamos que foi *alguns dias depois* (talvez quando o inverno deu lugar à primavera, tornando-se possível uma viagem) que Paulo propôs a Barnabé uma nova visita aos gálatas convertidos para ver como eles estavam (v. 36). Barnabé concordou, mas queria levar seu primo João Marcos, talvez para lhe dar uma segunda chance (v. 37). Mas Paulo achou que isso não seria sábio, pois considerava séria a deserção de Marcos e a sua falta de perseverança (v. 38). O desentendimento entre os dois foi tão grave que eles se separaram: Barnabé tomou Marcos e navegou para sua terra natal, Chipre (v. 39), enquanto Paulo escolheu Silas, cujo ministério recente em Antioquia o havia impressionado, e os dois foram *encomendados* pela igreja *à graça do Senhor* (v. 40), exatamente como havia acontecido com Paulo e Barnabé em sua viagem missionária (14:26). Deus certamente controlou "este desentendimento melancólico",[20] já que, como resultado dele, "de um par foram feitos dois", como comentou Bengel.[21] Mas esse exemplo da providência de Deus não deve ser usado como desculpa para brigas entre cristãos. Só então é que ele (Paulo, com Silas, como já vimos) *passou pela Síria e Cilícia*, que pode ter incluído uma passagem pela majestosa trilha através das montanhas de Taurus, conhecida como "Portões da Cilícia", *confirmando as igrejas* (v. 41), sem dúvida alguma, tanto através da entrega da carta como também de seus ensinos e exortações.

c. A Galácia recebe a carta (16:1-5)

Chegou também a Derbe e a Listra. Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego; 2dele davam bom testemunho os irmãos em Listra e Icônio. 3Quis Paulo que ele fosse em sua companhia e, por isso, circuncidou-o por causa dos judeus daqueles lugares; pois todos sabiam que seu pai era grego. 4Ao passar pelas cidades, entregavam aos irmãos, para que observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém. 5Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia.

Listra e Derbe eram as últimas cidades da Galácia visitadas na primeira viagem missionária. Agora, viajando de leste a oeste, obviamente Derbe e Listra eram as primeiras cidades a serem revisitadas. O evento mais notável se deu em Listra. Ali moravam Timóteo (um discípulo) e sua mãe, Eunice,[22] que era *judia*, mas que se tornara *crente*. Supõe-se que mãe e filho tinham se convertido durante a primeira visita de Paulo, cerca de cinco anos antes.[23] O pai de Timóteo, porém, era grego (v. 1), e devido ao fato de, no versículo 3, o verbo estar no imperfeito ("era", *hyperchen*), alguns comentaristas concluem que havia morrido. Já que Timóteo tinha uma excelente reputação entre os cristãos de Icônio e Listra (v. 2), Paulo queria recrutá-lo para sua equipe missionária, não apenas como acompanhante, mas como obreiro, talvez para assumir o lugar de Marcos, assim como Silas ocupara o de Barnabé. A ascendência greco-judaica facilitaria sua entrada em ambas as comunidades. Mas, apesar de ter sido criado pela mãe na fé judaica, ele nunca fora circuncidado. Assim, Paulo o circuncidou *por causa dos judeus daqueles lugares* e para tornar o seu ministério aceitável a eles, já que todos sabiam que *seu pai era grego* (v. 3) e poderiam supor que ele fosse incircunciso. É realmente maravilhoso que, tendo passado tão pouco tempo desde a sua grande indignação por causa dos judaizantes em Antioquia (15:1) e suas afirmações veementes contra a circuncisão em sua Carta aos Gálatas,[24] ele estivesse pronto para circuncidar Timóteo. Mentes fechadas o condenariam por incoerência. Mas havia uma profunda coerência em seu pensamento e ação. Uma vez que fora estabelecido o princípio de que a circuncisão não era necessária para a salvação, ele estava disposto a fazer concessões em sua prática. O que era desnecessário para ser aceito por Deus era recomendável para ser aceito por alguns seres humanos.

É possível que Timóteo também tenha sido "ordenado" antes de deixar Listra. Pelo menos, Paulo e os presbíteros da igreja impuseram suas mãos sobre ele,[25] provavelmente a fim de comissioná-lo para o ministério. Agora, Paulo, Silas e Timóteo, *ao passar pelas cidades, entregavam aos irmãos, ... as decisões* contidas na carta e, como resultado, as igrejas *eram fortalecidas na fé e aumentavam em número dia a dia* (como em 2:47).

É notável que, em cada um desses três parágrafos em que descreve o recebimento da carta de Jerusalém, Lucas faz uma afirmação parecida em relação à igreja. Em Antioquia, as palavras de Silas e Judas *fortaleceram* os irmãos (15:32). Então, Paulo e Silas passaram pela Síria e Cilícia, *confirmando as igrejas* (15:41) e, continuando sua viagem pela Galácia, *as igrejas eram fortalecidas* (16:5). Os primeiros dois verbos são *episterizo*, como em 14:22, onde notamos que é quase um termo técnico para designar o estabelecimento e a consolidação de indivíduos cristãos e igrejas; o terceiro é um verbo semelhante, *stereoo*, fortalecer ou firmar. A decisão do concílio de Jerusalém incorporada na carta, era tão sábia e saudável que, onde chegavam essas boas novas, as igrejas cresciam em estabilidade e firmeza.

5. Lições permanentes

Os estudantes que lêem Atos 15 hoje são tentados a pô-lo de lado, impacientes, como se seu interesse fosse puramente histórico. Hoje não existe um partido da circuncisão, tentando impor os rituais mosaicos, e seria absurdo esperar que algum grupo cristão aceite as quatro abstenções apostólicas, embora algumas delas (a comida "kosher", por exemplo) ainda possam ser aplicadas aos cristãos que vivem entre judeus conservadores. Dessa forma, todo esse incidente parece remoto, até mesmo irrelevante. Mas ele contém pelo menos duas lições de valor permanente, a primeira relativa à salvação, e a segunda, à comunhão.

a. Salvação: uma questão de verdade cristã

Os judaizantes afirmavam que a circuncisão era necessária para a salvação (v. 1). Havia, portanto, o perigo de a igreja se dividir em facções teológicas rivais, cada apóstolo ensinando um evangelho diferente, destruindo a unidade da igreja. O perigo era muito real. Os judaizantes recorriam à autoridade de Tiago e contradiziam

Paulo. Pedro foi induzido por eles, sendo censurado por Paulo. Os três apóstolos pareciam estar em desacordo, com Tiago e Paulo em lados opostos, e Pedro oscilando entre eles. A situação era crítica. Por isso, Lucas se deu ao trabalho de descrever como, no concílio, Pedro falou primeiro, seguido de Paulo e depois Tiago; como as Escrituras e a experiência coincidiam; e como os apóstolos (Pedro, Paulo e Tiago), os presbíteros e toda a igreja chegaram a uma decisão unânime (vs. 22, 28). Assim, a unidade do evangelho preservou a unidade da igreja. Apesar de receber uma diversidade de formulação e ênfase no Novo Testamento, há apenas um evangelho apostólico. Temos o dever de resistir aos teólogos modernos que jogam os autores do Novo Testamento uns contra os outros, e falam de posições paulinas, petrinas e joaninas como se fossem evangelhos incompatíveis. Até Paulo e Tiago, que se reconciliaram durante o concílio, podem ser conciliados em suas cartas neotestamentárias. Eles ensinaram o mesmo caminho da salvação.

E mais, o evangelho dos apóstolos de Cristo é o evangelho da livre graça de Deus, de seu amor imerecido pelos pecadores, na morte de seu Filho, em nosso lugar. Além disso, é o evangelho da graça suficiente de Deus. Ele não pode ser considerado como um complemento de nenhuma outra coisa (e.g., o judaísmo) ou como algo que precisa ser complementado por alguma outra coisa (e.g. a circuncisão). Mas foi exatamente esse o erro dos judaizantes. Para eles, a fé em Jesus não era suficiente; a circuncisão e as obras da lei tinham de ser acrescentadas. Hoje, as pessoas tentam acrescentar outro tipo de obras, talvez filantropia ou observâncias religiosas, ou alguma experiência ou cerimônia especial. Em cada caso é um evangelho de "Jesus mais ...", que deprecia o valor de sua obra. Precisamos repetir as palavras de Pedro: "Cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus, como também aqueles o foram" (v. 11). Nós e eles, judeus e gentios, somos salvos da mesma forma, através do único evangelho apostólico da graça de Deus.

b. Comunhão: uma questão de amor cristão

Uma coisa era não deixar o evangelho corromper-se, outra era não permitir a fragmentação da igreja. Paulo estava decididamente resolvido a não comprometer "a verdade do evangelho".[26] Ele se opôs aos judaizantes, advertiu Pedro publicamente e escreveu um

apelo apaixonado aos gálatas.[27] Ao mesmo tempo, estava extremamente preocupado em manter a solidariedade judaico-gentia no corpo de Cristo. Mas como poderia unir a igreja sem comprometer o evangelho, ou defender a integridade do evangelho sem sacrificar a unidade da igreja? A sua resposta revela a grandeza de sua mente e seu coração. Uma vez que o princípio teológico fora estabelecido firmemente: a salvação era apenas pela graça, e a circuncisão não era algo obrigatório, mas sim neutro, ele estava disposto a adaptar suas práticas. Ele fez duas concessões notáveis, ambas pelo mesmo motivo conciliatório. Primeiro, aceitou as quatro abstenções propostas pelos líderes judeus aos convertidos gentios, porque Moisés era muito conhecido, e pregado, e essa concessão dos gentios aliviaria a consciência dos judeus, facilitando o relacionamento social entre judeus e gentios. Em segundo lugar, circuncidou Timóteo (ele, que tinha sido fulminante contra a circuncisão!), por consideração aos judeus que poderiam sentir-se ofendidos se ele permanecesse incircunciso.

Alguns comentaristas ficaram tão surpresos diante da discrepância entre o Paulo inflexível, que se opôs à circuncisão, e o Paulo flexível, que circuncidou Timóteo, que os declararam inconciliáveis. Essa foi a principal razão pela qual F. C. Baur escreveu: "O Paulo de Atos é uma pessoa bem diferente do Paulo das epístolas".[28] Mas o fato é que a discrepância é encontrada na própria narrativa de Atos. Além disso, as concessões de Paulo em Atos 15 e 16 estão em plena harmonia com o ensino conciliatório de suas cartas. Ele advertiu que os cristãos com uma consciência "forte" (ou instruída) não violassem as consciências dos "fracos" (ou superescrupulosos). Uma consciência forte nos dá liberdade de ação, mas devemos limitar nossa liberdade por amor aos fracos.[29] Mais uma vez, apesar de livre, Paulo estava disposto a tornar-se escravo dos outros. Aos que estavam sob a lei, ele estava disposto a tornar-se como alguém sob a lei, a fim de ganhar aqueles que estavam sob a lei.[30] Não era exatamente isso que ele estava fazendo quando circuncidou Timóteo e, também, alguns anos mais tarde, quando aceitou a proposta de Tiago em Jerusalém, juntando-se a ele em certos ritos judaicos de purificação (21:17-26)?

Podemos dizer, então, que o concílio de Jerusalém conseguiu uma dupla vitória – uma vitória da verdade ao confirmar o evangelho da graça, e uma vitória do amor ao preservar a

comunhão através de concessões compassivas aos escrúpulos dos judeus conscienciosos. Como Lutero disse, Paulo era forte na fé e manso no amor. Assim, "quanto à fé, devemos ser invencíveis, e mais duros, se possível, do que um diamante; mas quanto à caridade, devemos ser mansos, e mais flexíveis do que uma vara de cana ou uma folha levada pelo vento, e prontos para nos submeter a tudo."[31] Ou como John Newton disse certa vez, durante uma reunião da Sociedade Eclética em 1799, "Paulo era uma vara de cana nos assuntos não essenciais, — e uma coluna de ferro nos essenciais."[32]

Notas:

1. Haenchen, p. 461.
2. Ef 3:2-6; cf. Cl 1:26-27; Rm 16:25-27.
3. Gl 1:7 e 5:10.
4. Veja Colin Hemer, capítulo 7, "Galatia and the Galatians" (pp. 277-307). Seu ponto de vista inclui uma síntese de três elementos: (1) o destino da carta seria o sul da Galácia; (2) teria sido escrita antes do concílio de Jerusalém; (3) haveria uma identificação direta das visitas a Jerusalém: At 9 com Gl 1 e At 11 com Gl 2. Atos 15 teria ocorrido depois da carta"(p. 278).
5. Gl 2:11-12.
6. Gl 2:15-16.
7. Mc 6:3; At 1:14; 1 Co 15:7.
8. Tg 3:17.
9. Gl 1:19.
10. Gl 2:9; cf. At 21:18.
11. A dificuldade da citação que Tiago faz de Amós é que o texto é quase idêntico à LXX, enquanto que no texto massorético (hebraico) a primeira promessa se refere a Israel restaurada e a segunda ao fato de Israel vir a possuir todas as nações. É certo que o texto massorético ainda poderia ser uma citação adequada para Tiago, entendendo Edom como um exemplo das nações a serem "possuídas" pelo verdadeiro Israel. Mas qual dos textos Tiago estava usando? Críticos argumentam que, sendo o líder hebreu da igreja hebraica, ele nunca teria usado a LXX grega. Talvez não. Por outro lado, "como todos os galileus, ele certamente era bilíngüe"(Neil, p. 173), e as discussões do concílio provavelmente foram conduzidas em grego. Se, porém, ele estava falando em aramaico, então é provável que ele estivesse usando um texto hebraico diferente do massorético, que provavelmente serviu de base para a tradução da LXX, e que a comunidade de Qumram parece ter conhecido em uma forma quase idêntica às palavras da LXX.
12. *BC*, IV, p. 177.
13. BAGD

14. Bruce, *English*, p. 135; ele menciona 1 Co 5:1 como exemplo, onde *porneia* significa "incesto".
15. Alexander, II, p. 84.
16. At 15:40; 2 Co 1:19; 1 Ts 1:1; 2 Ts 1:1.
17. 1 Pe 5:12.
18. Rackham, p. 255.
19. Gl 1:21, 23.
20. Calvino, II, p. 60.
21. Bengel, p. 654.
22. 2 Tm 1:5, *cf.* 2 Tm 3:15.
23. 1 Co 4:17.
24. E.g. Gl 1:6-9; 3:1-5; 5:2-6.
25. 1 Tm 4:14; 2 Tm 1:6.
26. Gl 2:14.
27. E.g. Gl 1:6-9; 3:1-5; 5:2-6.
28. Baur, *Paul*, I, p. 11. Veja também (para o contrário) W. W. Gasque, "Book", pp. 64-70.
29. E.g. Rm 14 e 1 Co 8.
30. 1 Co 9:19-20.
31. *Commentary on the Epistle to the Galatians*, de Martinho Lutero, baseado em palestras feitas em 1531 (James Clark, 1953), p. 112.
32. *The Thought of the Evangelical Leaders*, Notes of the Discussions of the Eclectic Society, Londres, durante os anos 1798-1814, ed. John H. Pratt (1856; reeditado por Banner of Truth Trust, 1978), p. 151.

Atos 16:6 - 17:15
12. A missão na Macedônia

O aspecto mais notável da segunda expedição missionária de Paulo, narrada por Lucas nestes capítulos, é que a boa semente do evangelho é plantada pela primeira vez em terra européia. É claro que naquela época não havia uma linha separando a "Ásia" da "Europa", e os missionários que navegavam pelo norte do mar Egeu só tinham consciência de estarem viajando de uma província para outra, e não de um continente para outro, já que ambos os lados do mar Egeu pertenciam ao Império Romano. Mesmo assim, concordo com Campbell Morgan que escreveu: "A invasão da Europa certamente não estava na mente de Paulo, mas, evidentemente, estava na mente do Espírito."[1] Com os conhecimentos históricos de hoje, sabendo que a Europa se tornou o primeiro continente cristão e que até recentemente era a base principal para o avanço missionário em direção ao resto do mundo, podemos ver como foi memorável esse progresso. Foi da Europa que, no seu devido tempo, o evangelho se espalhou pelos grandes continentes: África, Ásia, América do Norte, América Latina e Oceânia, alcançando assim os confins do mundo.

Paulo e seus companheiros tinham consciência de que estavam estabelecendo, durante a segunda viagem missionária, novas igrejas em três províncias romanas que não tinham alcançado na primeira viagem. Na primeira, concentraram-se exclusivamente em Chipre e na Galácia; na segunda, chegaram à Macedônia e Acaia, províncias do norte e do sul da Grécia, respectivamente, chegando a tocar a província da Ásia ao visitar Éfeso, prometendo voltar na próxima viagem. E mais, em todas elas, os missionários incluíram a capital em seu trajeto — Tessalônica, a capital da Macedônia; Corinto, da Acaia, e Éfeso, da Ásia. Além disso, Paulo escreveria a cada uma das igrejas nessas capitais, ou seja, suas cartas aos Tessalonicenses, aos Coríntios e aos Efésios. Neste

capítulo, vamos nos concentrar em sua missão na Macedônia, que incluiu visitas às suas três principais cidades: Filipos, Tessalônica e Beréia.

Como, então, os missionários chegaram à Europa? Paulo tinha iniciado sua viagem em Antioquia da Síria, novamente encomendado pela igreja à graça de Deus, não primeiramente para implantar igrejas, mas para nutrir e fortalecer aquelas que haviam sido fundadas anos atrás, durante a primeira expedição. O verbo traduzido por "visitar" em 15:36 (*episkeptomai*) é ligado a *episkope*, supervisão pastoral, sendo empregado em relação às visitas aos doentes[2] e ao cuidado com viúvas e órfãos.[3] Paulo era mais que um missionário pioneiro; ele se preocupava em ver as igrejas e os convertidos amadurecendo. Assim, primeiro ele e seus companheiros passaram algum tempo em Derbe e Listra, depois em Icônio e Antioquia da Pisídia, o que corresponde provavelmente ao que Lucas chamou de *a região frígio-gálata*, ou seja, "a região da Frígia, dentro da província da Galácia".[4] É muito instrutivo ver como Deus os guiou em seus passos seguintes.

E percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, [7]defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia , mas o Espírito de Jesus não o permitiu. [8]E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade. [9]À noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia, e ajuda-nos. [10]Assim que teve a visão, imediatamente procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho.

Antioquia da Pisídia, o centro da região frígia, também ficava muito perto da fronteira da província da Ásia. Era natural, portanto, que os olhos dos missionários se voltassem em direção ao sudoeste, para a *Via Sebaste* que levava a Colossos (cerca de 240 quilômetros) e depois para Éfeso, no litoral (praticamente a mesma distância). De fato, parecem ter percorrido um trecho dessa estrada, mas de alguma forma não definida, o Espírito Santo os impediu de *pregar a palavra na Ásia* (v. 6). Com a rota sudoeste bloqueada, eles se voltaram para o norte, até defrontarem Mísia, que não era uma região administrada pelos romanos, mas sim um nome antigo para uma grande região, no extremo noroeste da Ásia Menor. Aqui, tentaram continuar para o norte e entrar na Bitínia, a província situada no litoral sul do Mar Negro, incluindo cidades

como Nicéia e Nicomédia. Mas, novamente, de alguma forma que Lucas não explica, *o Espírito de Jesus não o permitiu* (v. 6). Partindo do fato de que Pedro mais tarde escreveu aos cristãos dispersos nessa região, incluindo a Ásia e a Bitínia,[5] alguns conjecturam que Paulo foi impedido de evangelizar ali para dar lugar a Pedro. Mas só podemos imaginar a forma como o Espírito Santo impediu, por duas vezes, que isso acontecesse. Talvez tenha dado uma forte convicção interna comum aos missionários, ou talvez tenha falado através de um profeta cristão, quem sabe o próprio Silas (15:32). Em todo caso, vindo do leste, e encontrando as estradas para o sudoeste e o norte obstruídas, a única direção que lhes sobrava era a noroeste. Assim atravessaram, ou *contornaram*, Mísia, o que pode significar que eles a "negligenciaram", no sentido de não terem parado ali a fim de evangelizar,[6] ou que a "ladearam ", por não haver uma estrada principal que ligasse diretamente esse território ao litoral.[7] Qualquer que seja a rota escolhida, eles chegaram ao porto de *Trôade* (v. 8), no Egeu, perto do que chamamos de Dardanelos. Haviam viajado bastante, na verdade, todo o percurso desde o extremo sudeste até o extremo noroeste da Ásia Menor, por uma rota estranhamente tortuosa. Eles devem ter ficado muito perplexos, perguntando qual seria o plano e propósito de Deus, pois a direção dele havia sido quase que completamente negativa. Apenas agora recebiam uma orientação positiva.

Certa noite em Trôade, Paulo teve um sonho ou uma visão na qual *viu um varão macedônio que estava em pé e lhe rogava*, em alguma postura de apelo, talvez acenando, dizendo: *Passa à Macedônia* (do outro lado do Mar Egeu), *e ajuda-nos* (v. 9). William Barclay fez a sugestão improvável de que o homem do sonho era Alexandre, o Grande, em parte porque "o distrito era permeado de memórias de Alexandre" e em parte porque o alvo de Alexandre fora "unir o Oriente ao Ocidente", construindo assim um único mundo, enquanto que a visão de Paulo era construir "um mundo para Cristo".[8] Sir William Ramsay afirma que o macedônio era Lucas, a quem Paulo acabara de encontrar em Trôade, provavelmente consultando-o como médico. É possível que Lucas tivesse algumas ligações pessoais com Filipos, e certamente estava em Trôade naquela época, já que no próximo versículo (v. 10) ele começa uma das seções narradas em primeira pessoa, pelas quais, de forma silenciosa mas proposital, ele nos informa da sua presença. Mas a identificação do macedônio com Lucas é

totalmente hipotética e Ramsay admite que alguns a considerariam "fantasia de um lunático".[9]

O que realmente sabemos é que, na manhã seguinte, Paulo contou sua visão aos seus companheiros, que juntos discutiram o seu significado e suas implicações, concluindo então que Deus os chamava para pregar o evangelho aos macedônios. Assim, procuraram partir *imediatamente ... para aquele destino* (v. 10). Em *The Acts of the Holy Spirit*, A. T. Pierson atenta para o que identificou como "a dupla orientação do apóstolo e de seus companheiros", ou seja, "de um lado, *proibição e restrição*, do outro, *permissão e coação*. Uma direção lhes é proibida, a outra se abre a eles; de um lado o Espírito fala 'não vá', do outro chama 'venha'." Pierson dá alguns exemplos posteriores dessa mesma "dupla orientação" tirados da história das missões: Livingstone tentou ir para a China, mas Deus o enviou para a África. Antes dele, Carey planejava ir à Polinésia, nos Mares do Sul, mas Deus o guiou à Índia. Judson foi primeiro para a Índia, mas depois foi levado para a Birmânia. Também nós, em nossos dias, conclui Pierson, "precisamos confiar nele para recebermos orientação e regozijar igualmente em suas restrições e coações".[10]

Alguns princípios importantes da orientação divina são, de fato, exemplificados na experiência de Paulo e seus companheiros. Deus os guiou através de uma combinação de fatores durante um certo período, que terminou quando eles decifraram o significado deles. Primeiro veio a dupla proibição, obstruindo de alguma forma seu caminho para a Ásia e Bitínia, levando-os a Trôade, cujo porto ficava de frente para a Macedônia, ao oeste. Isso foi seguido por uma visão noturna que pedia a ajuda de Paulo. Essas circunstâncias formaram a base para a discussão deles, que perguntavam a si mesmos e uns aos outros sobre o significado dessas coisas. Eles então somaram as informações, o negativo (o bloqueio em relação à Ásia e Bitínia) e o positivo (o apelo do macedônio), e concluíram que, através das diversas experiências, Deus os estava chamando para a Macedônia para "ajudar", ou seja, para pregar o evangelho ali. Disso, podemos aprender que, normalmente, a orientação de Deus não é só negativa, mas também positiva (algumas portas se fecham, outras se abrem); não é só circunstancial, mas também racional (devemos pensar na nossa situação); não é só pessoal, mas também conjunta (precisamos compartilhar os dados com outros, para que possamos meditar juntos sobre a questão e chegar a uma conclusão comum). O fato

é que o verbo *symbibazo*, no versículo 10, traduzido "concluindo", significa literalmente "juntar", "encaixar mentalmente" e, portanto, inferir algo a partir de uma variedade de dados.

1. A missão em Filipos (16:11-40)

Tendo, pois, navegado de Trôade, seguimos em direitura a Samotrácia, no dia seguinte a Neápolis, [12] *e dali a Filipos, cidade da Macedônia, primeira do distrito, e colônia. Nesta cidade permanecemos alguns dias.*

"Lucas possui o verdadeiro sentimento grego pelo mar", escreveu Sir William Ramsay,[11] pois, ao se juntar à equipe missionária, e viajando com eles, Lucas nos dá alguns detalhes sobre sua viagem pelo Egeu. Ele menciona *Samotrácia*, uma ilha rochosa cujo cume se levanta a 1.500 metros, onde provavelmente fizeram um pernoite, e *Neápolis*, o porto moderno de Kavala, onde chegaram *no dia seguinte* (v. 11). Eles devem ter tido o vento a favor para completarem a viagem de 240 quilômetros em apenas dois dias, já que a volta lhes custou cinco dias (20:6). De Neápolis, tiveram de fazer uma caminhada de dezesseis quilômetros pela *Via Egnácia* até Filipos. Essa estrada atravessava a península grega em linha reta, indo do Egeu ao Adriático. Seus grandes paralelepípedos ainda podem ser vistos, gastos pelo trânsito dos séculos.

Filipos recebeu seu nome de Filipe da Macedônia, no século IV a.C. Depois de cerca de dois séculos como colônia grega, a cidade se tornou parte do Império Romano, e por volta do fim do primeiro século a.C. ela passou a *colônia romana*, abrigando numerosos veteranos. Lucas também sabe que a província da Macedônia fora dividida em quatro distritos, e chama Filipos de *cidade da Macedônia, primeira do distrito*. Outros eruditos traduzem "uma das principais cidades do distrito da Macedônia", enquanto outros sugerem uma suposta emenda textual que seria traduzida: "uma cidade do primeiro distrito da Macedônia".[12] Qualquer que seja a tradução correta, Lucas expressa orgulho por aquela que provavelmente era a sua própria cidade. A equipe missionária permaneceu *alguns dias* (v. 12), é quase certo que algumas semanas, nessa cidade. Deve ter havido muitas conversões durante esse período de missão, mas Lucas seleciona apenas três, (ao que parece) não por terem sido particularmente notáveis, mas por demonstrarem como Deus rompe barreiras e, em Cristo, pode unir pessoas diferentes.

a. Uma comerciante chamada Lídia (16.13-15)

Quando foi sábado, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que para ali tinham concorrido. [14]*Certa mulher chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.* [15]*Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai. E nos constrangeu a isso.*

Parece que não havia sinagoga em Filipos, mas havia *um lugar de oração* (como os missionários esperavam que houvesse) a pouco mais de um quilômetro e meio da cidade, junto do rio. Talvez fosse algum tipo de construção ou só um terreno ao ar livre. O lugar ficava perto do pequeno rio Gangites, e essa proximidade deve ter sido cômoda para as abluções cerimoniais. Já que Lucas acrescenta que a congregação consistia de mulheres, geralmente se entende que isso explica o fato de não haver uma sinagoga: era necessário um quórum de dez homens para que uma sinagoga pudesse ser estabelecida. De qualquer forma, Paulo e seus amigos se juntaram às mulheres para cultuar no sábado e, assentando-se, esperaram um convite para falar (v. 13).

Uma das mulheres, *chamada Lídia*, vinha de Tiatira, que ficava no vale do Lico, do outro lado do mar Egeu, dentro da província da Ásia. Devido ao fato de aquela área ter sido o antigo reino de Lídia, é possível que "Lídia" não fosse propriamente o seu nome, mas sim, o seu nome comercial; ela pode ter sido conhecida como "a mulher lídia". Tiatira era famosa, havia séculos, pelas suas tinturas, e uma inscrição antiga fala de uma associação de tintureiros na cidade. A própria Lídia se especializara em tecido tratado com uma cara tintura de cor púrpura, e provavelmente era a representante macedônia de um fabricante de Tiatira. Ela também era *temente a Deus*, crendo e agindo como judia, mas sem se tornar judia. Ao ouvir a mensagem, *o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia* (v. 14). Isto é, ele lhe abriu os olhos do coração para ver a Jesus e crer naquilo que Paulo proclamava. Percebemos que a mensagem era de Paulo, mas a iniciativa salvadora vinha de Deus. A pregação de Paulo não era efetiva em si mesma; o Senhor operava através dela. E a obra do Senhor não era direta em si; ele preferiu operar por intermédio da pregação de Paulo. Sempre é assim.

Pouco tempo depois de sua conversão, Lídia *e toda a sua casa (oikos) foi batizada.* Esse é o segundo batismo de uma família relatado por Lucas.[13] A família devia incluir os seus servos. Pode-se discutir se também incluía crianças (supondo que Lídia fôsse viúva), mas é bom lembrar que a palavra *oikos* certamente é usada, às vezes, em relação a uma família com crianças.[14] Lídia então convidou Paulo e seus companheiros para irem a sua casa (que provavelmente se tornou o local de reunião dos cristãos), pois quando o coração se abre, a casa também é aberta . Se eles a consideravam *fiel ao Senhor,* disse Lídia, certamente ela poderia hospedá-los. Ela era muito persuasiva, na verdade, ela insistiu (v. 15). Isso tem provocado várias suposições, por exemplo: que a senhora Lídia teria sido Evódia ou Síntique[15], ou o "fiel companheiro de jugo" de Paulo,[16] e até mesmo que, como tal, ela e Paulo tinham se casado. Mas não passam de especulações absurdas.

b. Uma jovem escrava anônima (16:16-18)

Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possessa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. [17]Seguindo a Paulo e a nós, clamava dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e vos anunciam o caminho da salvação. [18]Isto se repetia por muitos dias. Então Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo eu te mando: retira-te dela. E ele na mesma hora saiu.

Em outro sábado, quando Paulo e seus amigos estavam indo para o *lugar de oração,* lhes *saiu ao encontro uma jovem,* e, evidentemente, bloqueou o caminho deles. Lucas nos conta duas coisas a seu respeito. Primeiro, ela era *possessa de espírito adivinhador,* ou, literalmente, ela tinha "um espírito de píton". É uma referência à cobra da mitologia clássica que vigiava o templo de Apolo e o oráculo de Delfos, no monte Parnasso. Pensava-se que Apolo se encarnava na cobra e inspirava as "pitonisas", suas devotas, dando-lhes clarividência, embora outras pessoas as considerassem ventríloquas. Lucas não se deixa levar por essas superstições, entendendo que a jovem escrava era possessa de um espírito mau. A segunda coisa que ele nos conta é que, sendo escrava, ela era explorada pelos seus donos, para os quais ganhava muito dinheiro *adivinhando* (v. 16). À medida que Paulo

e seus amigos seguiam seu caminho, ela corria atrás deles, gritando: *Esses homens são servos do Deus Altíssimo* (um termo para o Ser Supremo, aplicado pelos judeus a Javé, e pelos gregos a Zeus), *e vos anunciam o caminho da salvação* (v. 17). Já que, naqueles dias, a salvação era um tema popular de conversação, mesmo que significasse coisas diferentes para pessoas diferentes, não é nem um pouco estranho que a jovem proclamasse os missionários como mestres do "caminho da salvação". Nem é estranho o fato de o espírito mau ter gritado, reconhecendo os mensageiros de Deus, pois Lucas documentou a mesma coisa durante o ministério público de Jesus.[17] Mas por que um demônio se engajaria na obra da evangelização? Talvez o motivo final fosse desacreditar o evangelho, associando-o ao ocultismo, nas mentes das pessoas.

Os gritos da jovem continuaram *por muitos dias* até que, finalmente, Paulo resolveu agir. Ele estava *indignado*, escreve Lucas, o que certamente significa que ele estava profundamente "perturbado" (BAGD). O verbo *diaponeomai* poderia ser traduzido como "irritado", mas seria exagero dizer que Paulo teve um ataque de raiva ou que perdeu o controle. É melhor entendermos que ele estava "entristecido", sim, indignado, com a condição da jovem, e também desanimado com esse tipo de publicidade imprópria e indesejável. Essa indignação o fez voltar-se para a jovem e ordenar ao espírito mau que saísse dela em nome de Jesus, o que ele fez imediatamente (v. 18). Apesar de Lucas não se referir explicitamente à sua conversão ou batismo, o fato de sua libertação ter acontecido entre as conversões de Lídia e do carcereiro leva o leitor a deduzir que ela também se tornou membro da igreja de Filipos.

c. O carcereiro romano (16:19-40)

Entretanto, a libertação da jovem escrava foi demais para os seus proprietários. Eles perceberam que, se o espírito mau tinha saído (*exelthen*), *se lhes desfizera* ("saiu", *exelthen* também) *a esperança de lucro*. A repetição do verbo certamente é proposital. Como comenta F. F. Bruce: "Quando Paulo exorcizou o espírito que a possuía, ele exorcizou também a fonte de renda deles."[18] A ira deles teve algumas conseqüências bastante incômodas para os missionários, especialmente para Paulo e Silas.

Vendo os seus senhores que se lhes desfizera a esperança do lucro, agarrando em Paulo e Silas os arrastaram para a praça, à presença das autoridades; [20]*e, levando-os aos pretores, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbam a nossa cidade, propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos.*

[22]*Levantou-se a multidão, unida contra eles, e os pretores, rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas.* [23]*E, depois de lhes darem muitos açoites, os lançaram no cárcere, ordenando ao carcereiro que os guardasse com toda a segurança.* [24]*Este, recebendo tal ordem, levou-os para o cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco.*

[25]*Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam.* [26]*De repente sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas; soltaram-se as cadeias de todos.* [27]*O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido.* [28]*Mas Paulo bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos!*

[29]*Então o carcereiro, tendo pedido uma luz, entrou precipitadamente e, trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas.* [30]*Depois, trazendo-os para fora, disse: Senhores, que devo fazer para que seja salvo?*

[31]*Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa.* [32]*E lhe pregaram a palavra de Deus, e a todos os de sua casa.* [33]*Naquela mesma hora da noite, cuidando deles, lavou-lhes os vergões dos açoites. A seguir foi ele batizado, e todos os seus.* [34]*Então, levando-os para a sua própria casa lhes pôs a mesa; e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus.*

[35]*Quando amanheceu, os pretores enviaram oficiais de justiça, com a seguinte ordem: Põe aqueles homens em liberdade.* [36]*Então o carcereiro comunicou a Paulo estas palavras: Os pretores ordenaram que fôsseis postos em liberdade. Agora, pois, saí e ide em paz.*

[37]*Paulo, porém lhes replicou: Sem ter havido processo formal contra nós nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles, e pessoalmente nos ponham em liberdade.*

[38]*Os oficiais de justiça comunicaram isso aos pretores; e estes ficaram possuídos de temor, quando souberam que se tratava de cidadãos romanos.* [39]*Então foram ter com eles e lhes pediram desculpas; e, relaxando-lhes a prisão, rogaram que se retirassem da cidade.* [40]*Tendo-se*

retirado do cárcere, dirigiram-se para a casa de Lídia e, vendo os irmãos, os confortaram. Então partiram.

O relato de Lucas sobre aquilo que aconteceu em Filipos reflete corretamente a situação em uma colônia romana. Os proprietários da escrava arrastaram Paulo e Silas para dentro da *ágora*, que não era apenas a *praça*, mas o centro da vida pública da cidade (v. 19). Eles então se apresentaram aos *strategoi*, ou seja, os dois *pretores* que agiam como magistrados em uma colônia romana. A acusação era que aqueles *homens, sendo judeus*, "perturbam nossa cidade, propagando costumes que não podemos ... praticar porque somos romanos". As acusações de causar um motim e de introduzir uma religião estranha eram sérias. "Oficialmente, o cidadão romano não podia praticar nenhum culto estranho que não fosse sancionado publicamente pelo estado, mas geralmente podia fazê-lo, conquanto que seu culto não ofendesse as leis e os costumes da vida romana, i.e., enquanto não envolvesse crimes sociais ou políticos" (vs. 20-21).[19] Os proprietários da escrava foram muito inteligentes. Eles não só esconderam o motivo real de sua ira, que era de natureza econômica, como também apresentaram sua acusação legal contra os missionários "em termos que apelavam ao anti-semitismo latente do povo ('estes homens, sendo judeus') e seu orgulho racial ('somos romanos')" e assim "incendiaram as tochas da intolerância".[20]

Levantou-se a multidão, unida contra eles, e os pretores ordenaram que seus lictores rasgassem as vestes deles e lhes açoitassem publicamente (v. 22). A chicotada foi severa, talvez a primeira das três que Paulo mencionou mais tarde,[21] e depois *os lançaram no cárcere*, com uma instrução ao carcereiro para que os guardasse bem (v. 23). Ele, portanto, os colocou no *cárcere interior e lhes prendeu os pés no tronco* (v. 24). É maravilhoso que com tantos sofrimentos, as costas rasgadas e os membros doloridos, Paulo e Silas, *por volta da meia-noite*, pudessem orar e cantar louvores a Deus. Não eram gemidos; eram hinos o que saía de suas bocas. Em vez de amaldiçoar os homens, eles louvavam a Deus. Não é de admirar que *os demais companheiros de prisão* estivessem escutando (v. 25).

Então, de repente, os alicerces da prisão foram abalados por *tamanho terremoto* que *abriram-se todas as portas, soltaram-se as cadeias de todos* (v. 26), e o carcereiro *despertou do sono*. Vendo as portas da prisão abertas, e pensando que todos os presos haviam fugido, ele ia suicidar-se (v. 27), porque seria responsabilizado

pelas fugas. Mas Paulo gritou para que não se matasse, pois todos os prisioneiros ainda estavam ali (v. 28). Haenchen se refere a todo este episódio como "um ninho de improbabilidades",[22] e é o que deve parecer àqueles que o examinam com pressuposições céticas. Mas os olhos da fé, que crêem em um Deus misericordioso e soberano, vêem probabilidades, pois nele todas as coisas cooperam para o bem, neste caso para a conversão do carcereiro e a libertação dos missionários. Convicto do pecado, o carcereiro *trêmulo, prostrou-se diante de Paulo e Silas* e perguntou-lhes o que teria de fazer para ser salvo (vs. 29-30). Talvez ele tivesse ouvido a jovem escrava gritar algo sobre "o caminho da salvação", ou talvez estivesse simplesmente expressando o desejo do seu coração. Qualquer que fosse o caso, os missionários deram-lhe primeiro uma resposta direta: ele precisava crer pessoalmente no Senhor Jesus para ser salvo, juntamente com a sua casa (v. 31), e depois *lhe pregaram a palavra de Deus e a todos os de sua casa*, expondo o caminho da salvação mais detalhadamente (v. 32). Ele não só creu, como também se arrependeu. E como sinal de arrependimento, naquela mesma hora, *lavou-lhes os vergões dos açoites*, e imediatamente depois *ele foi batizado, e todos os seus*, talvez num poço ou numa fonte da prisão, ou talvez com o mesmo vasilhame que ele usara para lavar os ferimentos (v. 33). Assim, como ressaltou Crisóstomo, a lavagem foi recíproca: "ele os lavou e foi lavado; àqueles (sc. os missionários presos) ele lavou os açoites; ele foi lavado dos pecados".[23] A família batizada, então, convidou Paulo e Silas para a sua casa, assim como Lídia o fizera, e *lhes pôs a mesa*. E essa celebração era apenas uma expressão externa da *alegria* interna que toda a família experimentou, *por terem crido em Deus* (v. 34).

No dia seguinte, ao amanhecer, os pretores enviaram seus oficiais de justiça ao carcereiro com a ordem de libertar Paulo e Silas (v. 35), e o carcereiro comunicou isso aos prisioneiros. Sem dúvida, as autoridades acreditavam que um açoitamento público e uma noite no cárcere eram castigo suficiente e esperavam que os prisioneiros tivessem aprendido sua lição e saíssem sem fazer barulho. Mas Paulo reagiu de forma diferente. Ele reivindicou para si mesmo e para Silas os seus direitos de cidadãos romanos. Talvez o tivessem feito na ágora, sem terem sido ouvidos ou recebido crédito. Mas uma grave injustiça fora cometida contra eles, pois, "de acordo com o texto da *lex Julia* ..., o cidadão romano não podia ser açoitado ou preso por um magistrado *adversus*

provocationem ou por qualquer outra pessoa sob qualquer circunstância",[24] muito menos sem julgamento nem condenação. O cidadão só tinha que dizer *civis Romanus sum* e ele estaria imune à punição; penalidades pesadas eram prescritas aos que violavam os privilégios de cidadania. Assim, Paulo respondeu aos oficiais: *Sem ter havido processo formal contra nós nos açoitaram publicamente e nos recolheram ao cárcere sendo nós cidadãos romanos; querem agora, às ocultas, lançar-nos fora? Não será assim; pelo contrário, venham eles, e pessoalmente nos ponham em liberdade* (v. 37). "Paulo parece ter sido o responsável", escreve A. N. Triton, "pela primeira 'greve branca' documentada. Ele se recusou a sair de lá até que as autoridades viessem e pedissem desculpas ... Ele queria compelir as autoridades a reconhecerem e cumprirem a tarefa que lhes fora dada por Deus. Isso pode ter sido muito importante para a liberdade da igreja que ele deixou atrás de si."[25]

Quando os lictores relataram isso aos pretores, estes *ficaram possuídos de temor* (v. 38), e foram à prisão, pedindo desculpas, e *relaxando-lhes a prisão*, como haviam exigido, ao mesmo tempo *rogaram para que se retirassem da cidade*, pelo bem da ordem pública (v. 39). Paulo e Silas fizeram isso, indo primeiro à *casa de Lídia*, a fim de se encontrarem com os membros da igreja, encorajá-los e despedir-se deles. *Então partiram* (v. 40), sem Lucas (20:5), satisfeitos com o fato de terem sido inocentados e a sua missão ter se livrado da ilegalidade.

d. O poder unificador do evangelho

Seria difícil imaginar um grupo mais heterogêneo do que uma comerciante, uma jovem escrava e um carcereiro. Em termos raciais, sociais e psicológicos, eram mundos totalmente diferentes. Mas todos os três haviam sido transformados pelo mesmo evangelho e recebidos na mesma igreja.

Veja primeiro a *nacionalidade* deles. Filipos era uma cidade muito cosmopolita, tendo sido grega antes de se tornar romana; era cortada pela grande *Via Egnácia*, que ligava o Ocidente ao Oriente. Lídia era asiática, talvez não no sentido que damos à palavra, mas no sentido de ter vindo da Ásia Menor. Ela era imigrante em Filipos, não uma nativa. A jovem escrava provavelmente era grega, moradora da cidade. Ela pode ter sido estrangeira, já que escravos eram importados de todos os lugares, mas nada na história indica isso. O carcereiro provavelmente era

como a maioria dos carcereiros da época: um soldado aposentado ou um veterano do exército, sendo, como todos os oficiais da administração legal de uma colônia romana, sem dúvida alguma, romano. Cada um havia sido educado na cultura de um país diferente. É verdade que eles já eram unidos politicamente, pelo Império Romano, mas agora em Jesus Cristo encontravam uma união ainda mais profunda.

Ou veja seus diferentes contextos *sociais*. Lídia parece ter sido uma mulher rica, que ganhara seu dinheiro no comércio com tecidos. Certamente possuía uma casa grande o suficiente para acomodar os quatro missionários, além da própria família e servos (v. 15). A jovem escrava vinha de uma classe social totalmente oposta. Era impossível ocupar um lugar mais baixo no conceito do povo do que ser uma escrava, mulher. Ela não possuía nada, nem a si mesma. Não tinha posses, direitos, liberdade, nem vida própria. Até mesmo o dinheiro que ganhava com suas adivinhações ia direto para o bolso de seus senhores. Em termos sociais, o carcereiro se encontrava a meio caminho entre as duas mulheres. Apesar de ocupar um cargo de responsabilidade na prisão local, ele ainda era um mero oficial subalterno, a serviço do governo. Podemos dizer que ele pertencia à classe média respeitável. Mas todos os três eram membros fundadores da igreja de Filipos, recebidos em igualdade de condições, sem distinções. O cabeça de uma casa judaica fazia a mesma oração matinal todos os dias, dando graças a Deus por não ser gentio, nem mulher, nem escravo. Mas aqui, os representantes de todas essas três categorias desprezadas, estavam remidos e unidos em Cristo. Pois verdadeiramente, como Paulo havia escrito aos Gálatas havia pouco: "não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus."[26]

Em terceiro lugar, considere suas necessidades *pessoais*. Podemos dizer que Lídia tinha uma necessidade intelectual. Pelo menos o que Lucas fala dela é que, enquanto "escutava" (v. 14), o Senhor abriu seu coração, referindo-se na verdade à sua mente, para entender o que Paulo estava dizendo, da mesma forma como ele havia aberto as mentes de seus discípulos para que pudessem entender as Escrituras.[27] Antes, talvez fosse uma oriental desiludida, sendo, então, atraída pelo judaísmo. Mas ela ainda não estava satisfeita. A jovem escrava possuía uma necessidade psicológica. É verdade que ela possuía um espírito mau que

precisava ser exorcizado, mas uma possessão, tanto naquela época como agora, pode ter conseqüências psicológicas terríveis. Como ser humano, ela tinha perdido sua identidade, sua individualidade. Se socialmente, como escrava, ela pertencia aos seus senhores, psicologicamente ela pertencia ao espírito que a controlava. Ela estava numa dupla escravidão. Mas ao encontrar Cristo (pois creio que Lucas quer que entendamos que ela se converteu, além de ter sido liberta), ela se encontrou. Ela voltou a ser uma pessoa integrada. Quanto ao carcereiro, podemos dizer que sua necessidade era de natureza moral. Pelo menos sabemos que sua consciência foi despertada, já que ele implorou para saber como ser salvo. As necessidades dos seres humanos não mudam muito com o passar dos anos, mas Jesus Cristo pode vir ao encontro delas e satisfazer nossas aspirações.

É maravilhoso observar, em Filipos, o apelo universal do evangelho (que conseguiu alcançar pessoas tão diferentes) e seu efeito unificador (que conseguiu juntá-los para formar a família de Deus). É claro que o evangelho também divide uma comunidade, porque alguns o rejeitam, mas ele une aqueles que o aceitam. É lindo ver que Lucas encerra sua narrativa sobre Filipos com uma referência aos 'irmãos" (v. 40). A comerciante rica, a escrava explorada e o carcereiro romano rude foram unidos, numa comunhão fraternal, entre si e com os outros membros da igreja. É verdade que eles tiveram de vencer algumas tensões. Mais tarde, na Carta aos Filipenses, Paulo os exortou a permanecerem "firmes em um só espírito" e a pensarem "a mesma coisa", terem "o mesmo amor", e serem "unidos de alma, tendo o mesmo sentimento".[28] Mesmo assim, todos eles pertenciam à mesma comunidade de Cristo. Nós, que vivemos numa era de desintegração social, também precisamos mostrar o poder unificador do evangelho.

2. A missão em Tessalônica (17.1-9)

"Apesar de maltratados e ultrajados em Filipos", Paulo e Silas receberam a força do Senhor para pregar o evangelho em Tessalônica. Foi isso que escreveram em sua primeira carta aos tessalonicenses. Calvino se referiu à "invencível coragem mental e perseverança infatigável da cruz" em Paulo.[30] Era uma jornada de cento e sessenta quilômetros de Filipos a Tessalônica, seguindo toda a Via Egnácia em direção ao sudoeste. Eles passaram por

Anfípolis e Apolônia (v. 1a), não parando em nenhuma das duas cidades, a não ser, talvez, para passar a noite, indo diretamente ao seu destino, *Tessalônica*, a capital da província da Macedônia. Era uma cidade portuária, localizada na cabeça do Golfo Termaico. Comandando o comércio marítimo através do Egeu e terrestre pela Via Egnácia, esta cidade era um centro econômico florescente, e seu orgulho era ter-se tornado uma cidade livre em 42 a.C. Ali também havia uma sinagoga de judeus (v. 1b). Assim Paulo, seguindo seu costume (mesmo após ter decidido voltar-se aos gentios, 13:46), foi procurá-los, e por três sábados pregou o evangelho naquele lugar (v. 2a).

Paulo e seus amigos devem ter ficado alguns meses em Tessalônica, como mostram suas duas cartas aos tessalonicenses, e a maioria dos convertidos devem ter sido gentios, até mesmo idólatras pagãos.[31] Mesmo assim, Lucas concentra-se em sua missão aos judeus, que durou apenas três semanas, e nos conta como Paulo desenvolveu sua argumentação.

Primeiro, Paulo *arrazoou com eles, acerca das Escrituras, expondo e demonstrando ter sido necessário que o Cristo* (i.e. o Messias esperado) *padecesse e ressurgisse dentre os mortos* (vs. 2b-3a). Essa era a apologética cristã básica para os judeus. A sua base, como o próprio Lucas relatou, fora lançada por Jesus. Durante seu ministério público, ele dizia que o Filho do homem teria de sofrer, morrer e ser ressuscitado.[32] Então, depois de sua ressurreição, ele primeiro advertiu seus discípulos de Emaús por terem custado a crer no testemunho profético que ele destacou ao longo de todas as Escrituras, segundo o qual Cristo teria de sofrer antes de entrar na sua glória,[33] e depois reenfatizou o ensino do Antigo Testamento e do seu próprio ministério: era necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse.[34] Naturalmente, portanto, isto se tornou a essência do *kerygma* apostólico, que Pedro já havia pregado no dia de Pentecoste (2:22ss.) e que Paulo resumiu posteriormente (13:26ss.).[35] É quase certo que as Escrituras citadas por Paulo na sinagoga de Tessalônica eram as mesmas mencionadas nos sermões dos apóstolos, ou sejam, Salmos 2:1-7; 16:8-11; 110:1; 118:22; Isaías 52-53, e provavelmente também Deuteronômio 21:22-23.

Em segundo lugar, Paulo se empenhava em anunciar Jesus (v. 3b). Em outras palavras, ele contou a história de Jesus de Nazaré: seu nascimento, sua vida e seu ministério, sua morte e ressurreição, sua exaltação e a dádiva do Espírito, o seu reino

presente e sua volta futura, a oferta da salvação e o anúncio do julgamento. Não há motivo para duvidar que Paulo tenha dado um relato completo da carreira salvífica de Jesus, do início ao fim.

Em terceiro lugar, ele identificou o Jesus da história com o Cristo das Escrituras, declarando ousadamente: *Este é o Cristo Jesus que eu vos anuncio* (v. 3b). Esta fórmula, "este é o ... que", chamada "pesher", é a que foi usada por Pedro no dia de Pentecoste (2:16). Vale notar que o verbo grego para *demonstrando*, no início do versículo 3, é *paratithemi*. Já que literalmente significa "colocar ao lado", pode se referir à exposição de Paulo que consistia em "colocar o cumprimento ao lado das profecias".[36] Em todo o caso, a identificação da história com as Escrituras e de Jesus com o Cristo era essencial para a apologética de Paulo. Ela continua sendo uma parte indispensável do testemunho cristão hoje, quando alguns teólogos tentam criar um abismo entre o Jesus histórico dos Evangelhos e um Cristo místico da teologia e experiência cristã.

Lucas continua descrevendo as diversas respostas ao ministério de Paulo. Por um lado, muitos creram, pois seu evangelho "não chegou ... tão somente em palavra, mas sobretudo em poder".[37] Por exemplo, *alguns deles* (dos judeus) *foram persuadidos*, convencidos pelos argumentos cuidadosos de Paulo, e *unidos a Paulo e Silas*, deixando, talvez, a sinagoga para se juntarem a uma igreja cristã, *bem como numerosa multidão de gregos piedosos* (lit."tementes a Deus") *e muitas distintas mulheres* (v. 4). "Gregos tementes a Deus" parece uma repetição (todos os "tementes a Deus" eram gentios), por isso, Lucas pode estar se referindo a dois grupos (tementes a Deus e gentios), como indica o texto Ocidental e afirma William Ramsay.[38] Nesse caso, os convertidos afluíam de quatro seções da comunidade: judeus, gregos, tementes a Deus e mulheres distintas. Entre eles estavam Aristarco e Secundo, que mais tarde se tornaram companheiros de viagem de Paulo e até, no caso de Aristarco, seu companheiro na prisão (20:4; 27:2).

Por outro lado, os judeus que não creram, *movidos de inveja, trazendo consigo alguns homens maus dentre a malandragem, ajuntando a turba, alvoroçaram a cidade e, assaltando a casa de Jasom*, o anfitrião de Paulo e Silas (veja v. 7), *procuravam trazê-los para o meio do povo* (v. 5). "Povo"é a tradução de *demos*, o que pode se referir à assembléia do povo, ou conselho dos cidadãos, da qual Tessalônica podia se orgulhar, por ser uma cidade livre. *Porém não*

... *encontrando* os missionários que estavam procurando, *arrastaram a Jasom e alguns irmãos perante as autoridades* (*politarchas*) (v. 6a). A acuidade de Lucas em chamar as autoridades de "politarchas" é confirmada em uma série de inscrições macedônias contemporâneas. "A partir de cinco inscrições que se referem a Tessalônica, conclui-se que cinco politarcas governaram a cidade durante o primeiro século d.C."[40] A acusação contra Paulo e Silas era muito séria: *Estes que têm transtornado o mundo* (*oikoumene*, a terra habitada conhecida, ou seja, o Império Romano) *chegaram também aqui* (v. 6b), *aos quais Jasom hospedou. Todos estes procedem contra os decretos de César, afirmando ser Jesus outro rei* (v. 7). *Tanto a multidão, como as autoridades, ficaram agitadas ao ouvirem estas palavras* (v. 8). A acusação geral levantada contra os missionários era que eles tinham causado *transtorno* (v. 6). Isso não significava que eles tinham "virado o mundo de ponta-cabeça", mas que estavam causando uma sublevação social radical. O verbo *anastatoo* tem uma conotação revolucionária e é usado em relação a um terrorista egípcio em 21:38. Em termos específicos, Paulo e Silas estavam sendo acusados de alta traição. É difícil exagerar o perigo ao qual estavam expostos, pois "uma simples sugestão de traição contra os imperadores muitas vezes era fatal para o acusado".[41] Assim como Jesus fora acusado de rebelião e subversão, afirmando ser ele "o Cristo, rei",[42] o ensino de Paulo sobre o reino de Deus (14:22) e sobre a *parousia* de Cristo (o termo oficial para uma visita imperial), que, como sabemos a partir das cartas aos Tessalonicenses, foi enfatizada naquele lugar, tinha sido mal interpretado. O imperador às vezes era chamado de *basileus* ("rei"),[43] em lugar de *kaiser* ("imperador"). A atribuição do título *basileus* a Jesus (v. 7) não poderia deixar de ser uma traição. A ambigüidade do ensino cristão nesta área permanece. Por um lado, como cristãos, somos chamados para sermos cidadãos conscienciosos e fiéis à lei, não revolucionários. Por outro lado, o senhorio de Jesus possui implicações políticas inevitáveis já que, como servos leais, não podemos dar a nenhuma autoridade ou ideologia a honra suprema e a obediência total que devemos apenas a ele.

A preocupação dos politarcas os levou a cobrar uma *fiança*, antes de soltar *a Jasom e aos mais* (v. 9). A ação dos magistrados provavelmente não se restringiu à cobrança de uma fiança. A expressão de Lucas se refere ao "oferecimento e concessão de garantia, em processos civis e criminais".[44] Eles obtiveram de

Jasom e dos outros a promessa de que Paulo e Silas sairiam da cidade e não retornariam, ameaçando com castigos severos se o acordo fosse quebrado. Provavelmente Paulo se referia a esta proibição legal quando escreveu que Satanás não lhe permitiu retornar a Tessalônica;[45] "esse expediente engenhoso colocou um abismo intransponível entre Paulo e os tessalonicenses".[46]

3. A missão em Beréia (17:10-15)

E logo, durante a noite, os irmãos enviaram Paulo e Silas para Beréia, tirando-os de Tessalônica na escuridão da noite, para evitar outra perturbação pública. *Ali chegados,* depois de uma jornada de oitenta quilômetros em direção a sudoeste, mas não pela *Via Egnácia,* os missionários novamente dirigiram-se primeiro *à sinagoga dos judeus* (v. 10) a fim de compartilhar as boas novas de Jesus. *Ora,* esses judeus, a quem Lucas chama de *estes de Beréia, eram mais nobres* (tinham "mente mais aberta" BAGD) *que os de Tessalônica,* ou seja, seus correligionários de Tessalônica, *pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias,* encontrando-se com Paulo para um diálogo diário, e não apenas semanal, no sábado, *para ver se as coisas eram de fato assim* (v. 11). É evidente que Lucas admira o seu entusiasmo com a pregação de Paulo, juntamente com sua diligência e abertura sem preconceitos no estudo das Escrituras. Eles combinavam receptividade com questionamento crítico. O verbo *anakrino,* "examinar", é usado para investigações judiciais, quando, por exemplo, Herodes interrogou a Jesus,[47] o Sinédrio a Pedro e João (4:9), e Félix a Paulo (24:8). Esse verbo implica em integridade e ausência de preconceito. Desde então, o adjetivo "bereano" tem sido aplicado a pessoas que estudam as Escrituras com imparcialidade e cuidado.

O seu estudo e sua paciência em ouvir, porém, não resultou na aceitação unânime do evangelho. Como em Tessalônica, houve uma divisão. *Com isso muitos deles creram, mulheres gregas de alta posição, e não poucos homens* (v. 12), que provavelmente incluíam Sópatro, filho de Pirro (embora não seja mencionado até 20:4). Ao mesmo tempo, *logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus era anunciada por Paulo também em Beréia, foram lá excitar e perturbar o povo* (v. 13). Dessa vez, *os irmãos* não esperaram para se arriscar a um outro tumulto público, mas *promoveram, sem detença a partida de Paulo para os lados do mar. Porém Silas e Timóteo*

continuaram ali (v. 14) por um tempo. *Os responsáveis por Paulo levaram-no até Atenas*, provavelmente por mar, o que seria uma viagem de mais de 480 quilômetros, *e regressaram trazendo ordem a Silas e Timóteo para que o mais depressa possível fossem ter com ele* (v. 15).

4. Algumas reflexões como conclusão

Lucas relata as missões em Tessalônica e Beréia com uma brevidade surpreendente. Porém, um aspecto importante ao qual ele parece dirigir a atenção do leitor é a atitude perante as Escrituras adotada pelo orador e pelos ouvintes, como demonstram os verbos que ele emprega. Em Tessalônica, Paulo "arrazoou", "expôs", "demonstrou", "anunciou" e "persuadiu", enquanto que em Beréia os judeus "receberam" a mensagem com avidez, "examinando" diligentemente as Escrituras. Na evangelização dos judeus, era inevitável que o Antigo Testamento fosse o livro texto e a corte de apelação. O que nos impressiona é que nem o orador nem os ouvintes usaram as Escrituras de forma superficial, pouco inteligente, ou como simples texto-prova. Pelo contrário, Paulo expôs as Escrituras e os judeus de Beréia as "examinaram" para ver se seus argumentos eram convincentes. E podemos ter certeza de que Paulo gostou dessa reação ponderada e a encorajou. Ele acreditava na doutrina (sua mensagem possuía um conteúdo teológico), mas não no doutrinamento (instrução tirânica que exige aceitação sem crítica). Como escreveu Bengel sobre o versículo 11, "uma característica da verdadeira religião é que ela admite ser examinada e chama para ser avaliada dessa maneira".[48] Assim os argumentos de Paulo e os estudos de seus ouvintes iam de mãos dadas. Não duvido que ele os envolveu com oração, pedindo que o Espírito Santo da verdade abrisse a sua boca para explicar as boas novas da salvação em Cristo e a mente de seus ouvintes para entendê-las.

Notas:

1. Morgan, p.287.
2. Mt 25:36, 43
3. Tg 1:27
4. Ramsay, *St. Paul*, pp.194, 196. Cf. *Church*, p.93
5. 1 Pe 1:1.
6. Ramsay, St. Paul, pp. 195, 197.

7. Veja a nota de Paul Bower sobre Atos 16:8, intitulada "Paul's Route through Mysia" em *The Journal of Theological Studies*, vol. XXX, parte 2, 1979, pp. 507-511.
8. Barclay, p.132.
9. Ramsay, *St. Paul*, p. 204.
10. Pierson, pp. 120-122.
11. Ramsay, *St. Paul*, p. 205.
12. Veja a discussão completa em Metzger, pp. 444-446.
13. Cf. At 10:33; 16:33; 18:8; 1 Co 1:16.
14. E.g. 1 Tm 3:4-5, 12; 5:4.
15. Fp 4:2.
16. Fp 4:3.
17. Lc 4:33-34, 41; 8:27-28.
18. Bruce, *English*, p. 335.
19. Sherwin-White, p. 79.
20. Longenecker, *Acts*, p. 463.
21. 2 Co 11:23, 25.
22. Haenchen, p. 501.
23. Crisóstomo, *Homilia XXXVI*, p. 225.
24. Sherwin-White, p. 71.
25. *Whose World?* de A. N. Triton (IVP, 1970), p. 48.
26. Gl 3:28.
27. Lc 24:45.
28. Fp 1:27; 2:2.
29. 1 Ts 2:2.
30. Calvino, II, p. 91.
31. 1 Ts 1:9-10.
32. E.g. Lc 9:22.
33. Lc 24:25-27.
34. Lc 24:44-46.
35. Cf. 1 Co 15:3-4.
36. Bruce, *English*, p. 343.
37. 1 Ts 1:5.
38. Ramsay, *St. Paul*, p. 227.
39. Cl 4:10.
40. Longenecker, *Acts*, p. 469.
41. Ramsay, *St. Paul*, p. 227.
42. Lc 23:2.
43. E.g. Jo 19:12; 1 Pd 2:13, 17.
44. Sherwin-White, p. 95.
45. 1 Ts 2:18.
46. Ramsay, *St. Paul*, p. 231.
47. Lc 23:14-15.
48. Bengel, p. 662.

Atos 17:16-34
13. Paulo em Atenas

Há algo de fascinante em ver Paulo em Atenas, o grande apóstolo cristão em meio às glórias da Grécia antiga. É óbvio que ele ouvia falar de Atenas desde a infância. Todos ouviam. Atenas era a primeira cidade-estado da Grécia desde o século V a.C. Mesmo depois de ser integrada ao Império Romano, guardava com orgulho a sua independência intelectual e também se tornou uma cidade livre. Gabava-se de sua rica tradição filosófica, herdada de Sócrates, Platão e Aristóteles, de sua literatura e arte, e de seus progressos notáveis na luta pela causa da liberdade humana. Mesmo "vivendo de seu passado"[1] nos dias de Paulo, e sendo relativamente pequena para os critérios modernos, ainda tinha uma reputação inigualável como a metrópole intelectual do Império.

Agora, pela primeira vez, Paulo visita Atenas da qual ouvira tanto, chegando do norte pelo mar. Seus amigos, que haviam lhe servido de escolta segura desde Beréia, voltaram. Ele lhes pediu que enviassem Silas e Timóteo o mais rápido possível (17:15). Esperava voltar à Macedônia, pois era a terra para onde tinha sido chamado (16:10). Enquanto esperava pelos seus companheiros, ficou sozinho na capital cultural do mundo. Qual foi a sua reação? Qual deveria ser a reação de um cristão que visita uma cidade que é dominada por ideologias ou religiões não cristãs, uma cidade que pode ser esteticamente magnífica e culturalmente sofisticada, mas moralmente decadente e espiritualmente morta? A reação de Paulo teve quatro estágios. Lucas nos conta o que ele viu, sentiu, fez e disse.

1. O que Paulo viu

Enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se revoltava, em

face da idolatria dominante na cidade (v. 16). É claro que ele poderia ter passeado por Atenas como turista, como provavelmente teríamos feito, para ver os pontos turísticos da cidade. Agora que tinha oportunidade, ele poderia resolver conhecê-la de ponta a ponta e conferir os espetáculos um por um. Pois os edifícios e os monumentos de Atenas eram únicos. A acrópole, a antiga fortaleza da cidade, que era elevada o suficiente para ser vista a quilômetros de distância, fora descrita como "ampla composição de arquitetura e escultura dedicada à glória nacional e ao culto dos deuses".[2] Mesmo hoje, apesar de parcialmente destruído, o Partenon possui uma grandeza sem igual. Ou Paulo poderia se demorar na *ágora*, com seus muitos pórticos pintados por artistas famosos, a fim de ouvir os debates dos políticos e filósofos da época, pois Atenas era muito conhecida por sua democracia. E Paulo não era um filisteu inculto. Poderíamos dizer que ele havia se formado nas universidades de Tarso e Jerusalém, e que Deus lhe tinha dado um intelecto brilhante. Ele poderia ter ficado fascinado com o esplendor da arquitetura, história e sabedoria da cidade.

Mas nada disso o impressionou. O que ele viu primeiro não foi a beleza nem o brilhantismo da cidade, mas sua idolatria. O adjetivo que Lucas usa (*kateidolos*) não aparece em nenhum outro lugar no Novo Testamento e não foi encontrado em outra literatura grega. Apesar de algumas versões traduzirem "cheia de ídolos", a idéia parece ser que a cidade estava "sob" eles. Podemos dizer que ela estava sendo "sufocada" por eles. Alternativamente, já que o prefixo *kata* muitas vezes expressa um crescimento luxurioso, o que Paulo viu foi "uma verdadeira floresta de imagens".[3] Como diria mais tarde, os atenienses eram "acentuadamente religiosos" (v. 22). Xenofonte se referiu a Atenas como "um grande altar, um grande sacrifício".[4] Em conseqüência disso, "havia mais deuses em Atenas do que em todo o resto do país, e o satirista romano não devia estar exagerando quando disse que era mais fácil encontrar ali um deus do que um homem".[5] Havia inúmeros templos, santuários, estátuas e altares. No Partenon havia uma imensa estátua de Atena feita de ouro e mármore, "e a ponta brilhante da sua lança era visível a sessenta quilômetros de distância".[6] Em toda a parte havia imagens de Apolo, o padroeiro da cidade, de Júpiter, Vênus, Mercúrio, Baco, Netuno, Diana e Esculápio. Todo o panteão grego estava ali, todos os deuses do Olimpo. E as imagens eram lindas. Não eram feitas

apenas de pedra e bronze, mas de ouro, prata, marfim e mármore, e eram elegantes, confeccionadas pelos melhores escultores gregos. Não é preciso supor que Paulo fosse cego à beleza deles. Mas ele não se impressionava com uma beleza que não honrasse Deus o Pai e o Senhor Jesus Cristo. Pelo contrário, ele ficou oprimido pelo emprego idólatra da criatividade artística dada por Deus aos atenienses. Foi isso que Paulo viu: uma cidade submersa nos seus ídolos.

2. O que Paulo sentiu

O seu espírito se revoltava (v. 16). O verbo grego *paroxyno*, de onde vem a palavra "paroxismo", originalmente tinha conotações médicas e se referia a um ataque epilético. Também significava "estimular", em especial "irritar, provocar, causar ira" (GT). A sua única outra ocorrência no Novo Testamento se dá na primeira carta de Paulo à igreja de Corinto, onde ele diz que o amor "não se exaspera".[7] Será que Paulo não praticou em Atenas o que pregou aos coríntios? Será que caiu numa ira pecaminosa por causa da idolatria da cidade? Seria correto dizer que ele estava "irritado" (Moffatt), ou até "exasperado"? Creio que não. Para começar, o verbo está no imperfeito e, portanto, não indica uma perda de controle, mas uma reação progressiva, ponderada, contra aquilo que Paulo viu. Além disso, ele estava sozinho. Ninguém testemunhou seu paroxismo. Então, ele deve ter usado essa palavra para descrever, mais tarde, os seus sentimentos a Lucas; e é evidente que não se envergonhava deles.

A chave para interpretar a natureza do sentimento de Paulo é saber que o verbo *paroxyno* é regularmente empregado na LXX em relação ao Santo de Israel, e em especial (tal é a consistência das Escrituras) à sua reação perante a idolatria. Assim, quando os israelitas fizeram o bezerro de ouro no monte Sinai, quando mais tarde se tornaram culpados de flagrante idolatria e imoralidade em relação a Baal-Peor, e quando o Reino do Norte fez outro bezerro de ouro para adorar na Samaria, eles "provocaram" a ira do Senhor. De fato, ele descreveu Israel como "um povo rebelde ... que de contínuo me irrita abertamente."[8] Assim Paulo foi "provocado" pela idolatria, e provocado à ira, ao desgosto e à indignação, como o próprio Deus, e pela mesma razão: a honra e a glória do seu nome. Às vezes, as Escrituras chamam esse sentimento de "ciúme". Por exemplo: está escrito que "o nome do

Senhor é zeloso; sim, Deus zeloso é" e que "é com ciúme que por nós anseia o Espírito".[9] Ciúme é o ressentimento entre rivais, e se ele é bom ou ruim depende do fato de o rival ter ou não algum direito de estar naquele lugar. Sentir ciúme de alguém que ameaça deixar-nos para trás em beleza, intelecto ou esporte é pecado, porque não podemos monopolizar o talento nessas áreas. Mas se uma terceira pessoa penetra no casamento, o ciúme da pessoa lesada, que está sendo desprezada, é justo, pois o intruso não tem o direito de estar lá. Isso vale em relação a Deus: "Eu sou o Senhor, esse é o meu nome; a minha glória, pois, não a darei a outrem, nem a minha honra às imagens de escultura." O nosso Criador e Salvador tem o direito exclusivo à nossa fidelidade, e tem "ciúmes" quando a transferimos para outra pessoa ou coisa. E mais, o povo de Deus, que ama o nome de Deus, também deve compartilhar desse seu "ciúme". Por exemplo, num tempo de apostasia nacional, Elias disse, "Tenho sido zeloso [ciumento] pelo Senhor, Deus dos Exércitos",[11] de tão perturbado que ficou com o fato de a honra de Deus estar sendo profanada. Semelhantemente, Paulo escreveu aos coríntios relapsos, "zelo por vós com zelo de Deus";[12] seu desejo era que eles permanecessem leais a Jesus, com quem estavam comprometidos.

Assim, a dor, ou o "paroxismo", que Paulo sentiu em Atenas não foi causado por um descontrole emocional, nem pela piedade diante da ignorância dos atenienses, nem pelo medo de que não conseguissem a salvação eterna. Mas foi causada principalmente pela sua aversão à idolatria, que despertou dentro dele uma agitação profunda de ciúmes pelo nome de Deus, ao ver seres humanos tão depravados, a ponto de dar aos ídolos glória devida apenas ao único Deus vivo e verdadeiro. "Inflamava-se-lhe o espírito de indignação com o espetáculo dessa cidade cheia de ídolos"(BJ). Essa dor e sentimento de horror interno que levou Paulo a compartilhar as boas novas com os idólatras de Atenas deveria nos motivar da mesma forma. Os incentivos são importantes em todas as esferas. Somos seres humanos racionais: precisamos saber não apenas o que deveríamos fazer, mas também o porquê. E a motivação para a missão é muito importante, especialmente hoje, quando o estudo das religiões comparadas levou muitos a negarem a infalibilidade e singularidade de Jesus Cristo e a rejeitarem a própria idéia de evangelizar e converter as pessoas. Como, então, em vista da oposição crescente, os cristãos justificam o prosseguimento da

evangelização pelo mundo? A resposta mais comum é apontar para a Grande Comissão, e, de fato, a obediência a ela é um forte estímulo. Mas a compaixão é mais elevada do que a obediência, ou seja, o amor pelas pessoas que não conhecem a Cristo e que por isso estão alienadas, desorientadas e perdidas. Mas o maior de todos os incentivos é o zelo ou o ciúme pela glória de Jesus Cristo. Deus o colocou no lugar de suprema honra, para que todo joelho e toda língua reconhecesse seu senhorio. Portanto, sempre que lhe for negado o seu lugar de direito nas vidas das pessoas, devemos nos sentir feridos por dentro e ter ciúmes pelo seu nome. Como disse Henry Martyn na Pérsia muçulmana no início do século dezenove, "eu não suportaria viver se Jesus não fosse glorificado; seria um inferno para mim, se ele fosse sempre ... desonrado."[13]

3. O que Paulo fez

Por isso dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça todos os dias, entre os que se encontravam ali (v. 17). *E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele* (v. 18a). A reação de Paulo contra a idolatria da cidade não foi apenas negativa (horror e desânimo) mas também positiva e construtiva (testemunho). Ele não se limitou a jogar as mãos para cima em desespero, ou a chorar impotente, ou a praguejar, amaldiçoando os atenianos. Não, Paulo compartilhou com eles as boas novas de Jesus. Através da proclamação do evangelho, ele procurou fazê-los deixar os ídolos para darem ao Deus vivo e a seu Filho a glória devida ao seu nome. A indignação justa que agitou seu espírito abriu sua boca em testemunho. Observamos os três grupos com que ele falou. Primeiro, como de costume, ele ia para a sinagoga no sábado e ali "dissertava" entre os judeus e os tementes a Deus. Assim como em Tessalônica, ele deve ter destacado o Cristo das Escrituras, proclamado o Jesus da história e identificado os dois com o Salvador dos pecadores enviado do céu. Em segundo lugar, ele ia à *ágora*, que hoje já foi totalmente escavada e restaurada, e que servia como mercado e centro da vida social, e ali falava "a todos os que por acaso estivessem lá" (BV), não no sábado, mas *todos os dias*. Parece que ele adotou propositadamente o famoso método do diálogo de Sócrates, que envolvia perguntas e respostas. Na verdade, ele era um tipo de Sócrates cristão, apesar de seu evangelho ser bem melhor do que qualquer coisa que Sócrates pudesse imaginar.

Em terceiro lugar, ele começou a debater com os filósofos epicureus e estóicos, que faziam parte de sistemas contemporâneos, porém rivais. O epicurismo, dos "filósofos do jardim", fundado por Epicuro (morto em 270 a.C.), considerava os deuses tão remotos, a ponto de não se interessarem pelas questões humanas nem terem influência sobre elas. O mundo estaria entregue ao acaso, a um ajuntamento aleatório de átomos, e não haveria vida após a morte, nem julgamento. Assim, os seres humanos deveriam perseguir o prazer, especialmente o prazer sereno de uma vida livre de dor, paixão e medo. O estoicismo, porém, dos "filósofos do pórtico" (a *stoa* ou pórtico pintado perto da *ágora* onde ensinavam), fundado por Zenão (morto em 265 a.C.), reconhecia um deus supremo, mas de forma panteísta, confundindo-o com "a alma do mundo". O mundo seria determinado pelo destino, e os seres humanos deveriam cumprir seus deveres, contentando-se em viver em harmonia com a natureza e a razão, mesmo que fosse doloroso, e desenvolver sua própria auto-suficiência. Para simplificar, era característica dos epicureus enfatizar o acaso, a fuga e o prazer; e dos estóicos enfatizar a fatalidade, a submissão e a importância de suportar a dor. Mais tarde, no discurso de Paulo no Areópago, ouvimos ecos do encontro entre o evangelho e essas filosofias, quando ele se refere à atividade mantenedora de um Criador pessoal, à dignidade do ser humano como sua "geração", à certeza do julgamento e do chamado ao arrependimento.

É impossível deixar de admirar a habilidade de Paulo que falava com a mesma facilidade às pessoas religiosas na sinagoga, aos transeuntes na praça e aos filósofos altamente sofisticados na ágora e na reunião do concílio. Hoje, o equivalente mais próximo à sinagoga é a igreja, o local onde se encontram as pessoas religiosas. Ainda é importante compartilhar o evangelho com pessoas que freqüentam a igreja e com tementes a Deus, que talvez só participem ocasionalmente dos cultos. O equivalente à ágora varia de acordo com o lugar. Pode ser um parque, uma praça ou uma esquina, um *shopping* ou uma feira, um bar, uma discoteca ou uma cantina de escola, qualquer lugar em que as pessoas se encontram para se divertir. Existe uma grande necessidade de evangelistas talentosos, capazes de fazer amigos e conversar sobre o evangelho em locais informais desse tipo. Quanto ao Areópago, não existe um equivalente preciso no mundo contemporâneo. O mais próximo talvez seja a universidade, onde podem ser

encontradas as melhores cabeças do país. A evangelização não os atingiria na igreja ou na rua. Deveríamos promover evangelização nas casas, onde há liberdade para discussões, "agnósticos anônimos", grupos em que não haja nenhuma restrição quanto a convicções, e evangelização por meio de palestras, com conteúdo fortemente apologético. Há uma necessidade urgente de mais pensadores cristãos que dediquem suas mentes a Cristo, não apenas como estudiosos, mas também como escritores, jornalistas, dramaturgos e radialistas, como roteiristas, produtores e personalidades de televisão, e como artistas e atores que empregam várias formas de expressão para proclamar o evangelho. Todos eles podem lutar contra as filosofias e as ideologias não cristãs contemporâneas de uma forma que atinja homens modernos, pessoas que pensam, para, no mínimo, conquistar ouvintes para o evangelho, em função da sensatez de sua apresentação. Cristo deseja mentes humildes, mas não reprimidas.

4. O que Paulo disse

O diálogo evangelístico de Paulo com judeus, tementes a Deus, transeuntes e filósofos, pode ter durado muitos dias. Isso o conduziu a uma das maiores oportunidades em todo o seu ministério: apresentar o evangelho ao Areópago, o supremo conselho de Atenas, famoso em todo o mundo. Como aconteceu isso? Os filósofos epicureus e estóicos reagiram à mensagem de Paulo de duas formas. Alguns o insultaram, perguntando: *Que quer dizer esse tagarela?* (v. 18b). *Tagarela* traduz *spermologos*, que Ramsay chama de "uma palavra característica da gíria ateniense".[14] O seu significado literal é "apanhador de grãos", e era usada em relação a várias espécies de pássaros que se alimentam de grãos ou carniça, como, por exemplo, a gralha na comédia de Aristófanes, *Os Pássaros*. Daí a sugestão de traduzi-la por "pardal".[15] Partindo dos pássaros, começou a ser aplicada a seres humanos, vadios ou mendigos que vivem de restos de alimentos encontrados nas ruas, "catadores de lixo". E, em terceiro lugar, era usada para descrever mestres que, não tendo idéias próprias na cabeça, não tinham escrúpulos em plagiar os outros, apanhando restos de conhecimento daqui e dali, "zelosos catadores de coisas usadas de segunda classe",[16] fazendo de seus sistemas ideológicos nada mais do que um saco de trapos, cheio de idéias e frases de

outras pessoas. De onde vêm: esse "plagiador ignorante",[17] "esse charlatão"(NEB), "esse papagaio" (JB), esse "tagarela intelectual".[18]

E outros (entre os filósofos) diziam: *Parece pregador de estranhos deuses*, uma das acusações feitas contra Sócrates, 450 anos antes. Eles diziam isso, explica Lucas, porque Paulo *pregava a Jesus e a ressurreição* (v. 18c). A palavra usada para *deuses* é *daimonia*, que nem sempre significava "demônios", mas podia significar "deuses secundários" ou, nesse caso, "deidades estrangeiras". É possível que os filósofos, percebendo que a essência da mensagem de Paulo era *ton Jesoun kai ten anastasin* (Jesus e a ressurreição), tenham pensado que ele estava apresentando aos atenienses um novo par de divindades, um deus masculino chamado "Jesus" e sua companheira "Anastasis". Crisóstomo foi o primeiro a fazer essa sugestão,[19] e vários comentaristas adotaram a idéia. F. F. Bruce vai além ao escrever: "Para alguns freqüentadores da ágora, essas duas palavras soavam como se fossem poderes personificados e deificados de 'cura' (*iasis*) e 'restauração' ."[20] Como Dr. Conrad Gempf destacou para mim, é interessante que, em Atos, ambas as palestras de Paulo aos pagãos parecem ter sido ocasionadas por um mal-entendido. "Os atenienses imaginavam dois novos deuses, enquanto que os de Listra pensavam que estavam vendo dois antigos! Será que Lucas estaria alertando seus leitores para os mal-entendidos dos pagãos?"

Qualquer que fosse o motivo exato dos filósofos, *tomando-o consigo, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?* (v. 19) *Posto que nos trazes aos ouvidos coisas estranhas, queremos saber que vem a ser isso* (v. 20). *(Pois todos os de Atenas, e os estrangeiros residentes, de outra coisa não cuidavam senão de dizer ou ouvir as últimas novidades)* (v. 21).

A palavra "Areópago" significa literalmente "o Morro (*pagos*) de Ares (o equivalente grego de Marte)", ou seja, "o Morro de Marte". Situado ao noroeste, junto à Acrópole, era o local em que outrora se reunia a corte judicial mais respeitável da antiga Grécia. Por isso, o nome foi transferido do local à corte. Nos dias de Paulo, apesar de se ouvirem alguns casos, a corte tornara-se mais um conselho, com poderes legais diminuídos. Os seus membros eram mais guardiães da religião, moral e educação da cidade, e normalmente se encontrava no "Pórtico Real" da ágora. Temos duas questões pela frente. Primeiro, Paulo foi levado ao morro, ou à corte/conselho, ou a ambos? Existem várias respostas, mas, com

certeza, é mais natural entender que as expressões: ele levantou-se "no meio" do Areópago (v. 22) e, mais tarde, "se retirou do meio deles" (v. 33), referam-se a pessoas do que a um lugar. Parece quase certo, portanto, que ele se dirigiu àquele grandioso senado, e não importa muito o local em que ocorreu a reunião.

Em segundo lugar, o discurso de Paulo diante da corte do Areópago era uma defesa ou um sermão? Alguns estudiosos, especialmente os que o consideram uma apresentação inadequada do evangelho (já que a cruz não parece ser o centro dela), tentam proteger a reputação de Paulo argumentando que ele estava se defendendo, e não proclamando Cristo. É bem possível, pois a corte ainda tinha algumas funções judiciais. Em específico, ela tinha jurisdição sobre a religião na cidade e, portanto, precisava conhecer e julgar o caso, já que Paulo estava sendo acusado de introduzir novos deuses (v. 18). Assim, a afirmação do versículo 19, "tomando-o consigo, o levaram", poderia ser traduzida por "eles o prenderam". Mas a evidência contra isso é forte. O "contexto não apresenta nenhum vestígio de um processo judicial".[21] Não parece ter havido uma acusação legal, um procurador, um juiz, um veredito ou uma sentença. Ao mesmo tempo, apesar de Paulo não ter se submetido a um interrogatório formal, foi-lhe solicitado que prestasse contas do seu ensino. Podemos, portanto, encarar a situação como uma "investigação informal da comissão de educação", que o via com "indulgência levemente desdenhosa",[22] de modo que "ele poderia receber permissão para pregar na cidade ou ser censurado e silenciado".[23] Assim, ele expôs sua crença e seu ensino à corte, mas com isso fez uma afirmação bem pessoal do evangelho. Como já vimos acontecer quando Pedro e João estavam diante do Sinédrio, e como veremos novamente nas cenas de julgamento em Jerusalém e Cesaréia, os apóstolos pareciam incapazes de se defender sem, ao mesmo tempo, pregar a Cristo. Quanto a Paulo em Atenas, ele precisou de um alto grau de coragem para falar como falou, pois seria difícil imaginar um público menos receptivo ou mais cético.

Então Paulo, levantando-se no meio do Areópago, disse: Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos (v. 22); *porque passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio* (v. 23). O apóstolo tomou como tema, ou melhor, como ponto de referência, o altar anônimo com que se deparou. A literatura

antiga faz referências a tais altares, dedicados a um deus desconhecido. Pausânias, por exemplo, que viajou muito em cerca de 175 d.C. e que relatou em *Viagem pela Grécia* sua admiração com a glória, a história e a mitologia daquele país, começou seu itinerário em Atenas. Chegando à península rochosa chamada Pireu, a oito quilômetros da cidade, ao sudoeste, ele encontrou perto do porto uma série de templos, juntamente com "altares aos deuses chamados Desconhecidos".[24] Tendo visto um desses altares com seus próprios olhos, Paulo podia começar seu discurso com uma referência gentil à religiosidade deles. Ele ainda não estava pronto a desafiar a tolice da idolatria ateniense. Mas Paulo percebeu que eles mesmos reconheciam a sua ignorância. Como, então, deveríamos interpretar sua afirmação de que estava para lhes proclamar aquilo que eles estavam adorando "sem conhecer"? Estaria reconhecendo assim a autencidade do culto pagão deles? Deveríamos, portanto, ver os cultos das religiões não-cristãs com igual benevolência? Por exemplo, Raymond Panikkar estaria certo quando escreveu, em *The Unknown Christ of Hinduism*, que: "Seguindo os passos de S. Paulo, cremos que não só podemos falar do Deus desconhecido dos gregos, mas também do Cristo escondido do hinduísmo"?[25] Estaria correto ao concluir que "o hindu bom e sincero é salvo por Cristo, e não pelo hinduísmo, mas é através dos sacramentos do hinduísmo, através da mensagem de moralidade e vida correta, através do ministério que desce a ele através do hinduísmo, que Cristo normalmente salva o hindu"?[26]

Não, essa interpretação muito difundida não pode ser aceita. Certamente concordamos que há apenas um Deus. Também é verdade que os convertidos, que deixam seus sistemas religiosos não-cristãos e se voltam para Jesus, normalmente não pensam que estejam transferindo o seu culto de um deus para outro, mas que estejam começando a adorar de verdade o Deus a quem, antes, estavam tentando adorar por ignorância, engano ou distorção. Mas N. B. Stonehouse está certo quando afirma que o que Paulo escolheu para comentar foi o fato de os atenienses reconhecerem abertamente a sua ignorância, e que "o que se destaca é a ignorância, e não tanto o culto".[27] E mais, Paulo fez a afirmação ousada de que iluminaria a ignorância deles (um judeu com a pretensão de ensinar atenienses ignorantes!), empregando o *ego* da autoridade apostólica, e insistindo que a revelação especial precisa controlar e corrigir qualquer coisa que a revelação geral

pareça indicar. Passou, então, a proclamar o Deus vivo e verdadeiro em cinco aspectos, expondo, assim, os erros e até mesmo os horrores da idolatria.

Primero, Deus é o Criador do universo: *O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas* (v. 24). Essa visão do mundo é bem diferente da ênfase epicurista numa combinação aleatória de átomos ou do virtual panteísmo dos estóicos. Pelo contrário, Deus é o Criador pessoal de tudo o que existe e o Senhor pessoal de tudo aquilo que ele fez. É absurdo, portanto, supor que ele, que tudo fez e a tudo supervisiona, more num santuário construído por seres humanos. Qualquer tentativa de limitar ou localizar o Deus Criador, de aprisioná-lo dentro de edifícios construídos por homens, é ridícula.

Segundo, Deus é o mantenedor da vida: *Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais* (v. 25). Deus continua sustentando a vida que ele criou e deu às suas criaturas humanas. É absurdo, portanto, supor que aquele que sustém a vida precisa ser sustentado, aquele que supre as nossas necessidades precisa ser suprido por nós. Qualquer tentativa de subjugar ou domesticar a Deus, de reduzi-lo ao nível de um animal doméstico que depende de nossa comida e habitação é, novamente, uma ridícula inversão de papéis. Nós dependemos de Deus; ele não depende de nós.

Terceiro, Deus é o Governador de todas as nações: *De um só* (o texto Ocidental, "de um sangue", certamente está errado; trata-se de Adão, o único progenitor da humanidade) *fez toda raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação* (v. 26); *para buscarem a Deus se, porventura, tateando o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós* (v. 27). *Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos* (v. 28a). Alguns comentaristas pensam que os "tempos" e "limites" citados por Paulo (v. 26) referem-se a Deus preparando o planeta terra para ser habitação humana, e provendo as estações do ano, mencionadas por Paulo em Listra (14:17). Mas os "tempos" e "limites" das raças parecem ser um pouco mais específicos aqui, referindo-se "a época da sua história e limites do seu território" (NEB). Assim, apesar de Deus não poder ser responsabilizado pela tirania ou agressões de cada nação, em última análise, a história e a geografia estão sob seu controle. E

mais, o propósito de Deus é que, através disso, os seres humanos feitos à sua imagem possam "procurá-lo e talvez encontrá-lo" (BLH), ou *tateando* – um verbo que "denota o tatear hesitante de um cego"[28] – *o possam achar*. Mas, como esclarece o restante das Escrituras, essa esperança não se realiza por causa do pecado do homem. O pecado aliena o povo de Deus, mesmo quando tateiam à sua procura por sentirem que essa alienação não é natural. Entretanto, seria um absurdo culpar Deus por essa alienação, ou considerá-lo distante, impenetrável, desinteressado. Pois ele *não está longe de cada um de nós*. Nós é que estamos longe dele. Se não fosse o pecado que nos separa, teríamos acesso direto a ele. *Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos* – uma citação de um poeta do século VI a.C., Epimênides de Cnossos em Creta.

Quarto, Deus é o Pai dos seres humanos: *Como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração* (v. 28b). *Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem* (v. 29). Essa segunda citação vem de Arato, autor estóico do terceiro século a.C., que veio da terra de Paulo, a Cilícia, embora ele possa estar repetindo uma poesia mais antiga de Cleantes, filósofo estóico. É notável que Paulo tenha citado dois poetas pagãos.[29] Esse precedente nos autoriza a fazer o mesmo, e indica que podemos encontrar lampejos de verdade, manifestações da revelação geral, em autores não-cristãos. Ao mesmo tempo, precisamos estar atentos, pois ao afirmar "dele somos geração", Arato estava se referindo a Zeus, e, enfatizamos, Zeus não é idêntico a Deus vivo e verdadeiro. Mas será verdade que toda raça humana é geração de Deus (*genos*)? Sim. Em termos de redenção, Deus só é o Pai daqueles que estão em Cristo, e nós somos seus filhos apenas por adoção, pela graça; mas em termos de criação, Deus é o Pai de toda a humanidade, e todos são geração dele, suas criaturas, e recebem dele a vida. E mais, por sermos sua geração, cuja existência deriva e depende dele, é absurdo pensar que ele seja semelhante *ao ouro, à prata, ou à pedra*, que não possuem vida própria e que devem sua existência à imaginação e arte humana. Paulo cita os próprios poetas deles para lhes expor sua própria inconsistência.

Esses argumentos são poderosos. Toda idolatria é indesculpável, seja antiga ou moderna, primitiva ou sofisticada, sejam suas imagens mentais ou feitas de metal, objetos de culto palpáveis ou conceitos abstratos desprezíveis. Pois a idolatria é a

tentativa de confinar a Deus, limitando-o a um espaço imposto por nós, quando Deus é o Criador do universo; ou de domesticá-lo, tornando-o nosso dependente, domando-o e mimando-o, quando ele é o Mantenedor da vida humana; ou de alienálo, culpando-o por sua distância e seu silêncio, quando ele é o Governador das nações e não está longe de nós; ou de destroná-lo, reduzindo-o a uma imagem concebida ou feita por nós mesmos, quando ele é o Pai de quem recebemos nossa existência. Em suma, toda idolatria é uma tentativa de minimizar o abismo entre o Criador e suas criaturas, para colocá-lo sob nosso controle. E mais do que isso , ela inverte as posições entre Deus e nós, de modo que, em vez de reconhecermos humildemente que Deus nos criou e nos governa, temos a ousadia de imaginar que podemos criar e governar Deus. Não existe lógica na idolatria; ela é uma expressão perversa e confusa da nossa rebelião contra Deus. Isso nos leva ao último ponto de Paulo.

Quinto, Deus é o Juiz do mundo: *Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam* (v. 30); *porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos* (v. 31). Paulo, no final de sua palestra, volta ao assunto inicial: a ignorância humana. Pela inscrição no altar, os atenienses reconheciam ser ignorantes em relação a Deus, e Paulo estava dando provas dessa ignorância. Agora ele declara que eles são culpados dessa ignorância. Pois Deus nunca "se deixou ficar sem testemunho de si mesmo" (14:17). Pelo contrário, ele se revela através da ordem natural, mas os seres humanos "detêm a verdade pela injustiça".[30] *Não levou Deus em conta os tempos da ignorância.* Não significa que ele não percebesse a ignorância, nem que tivesse aquiescido, considerando-a desculpável, mas que em sua longânima misericórdia, não deixou cair sobre eles o juízo que mereciam.[31] *Agora, porém, notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam.* Por quê? Porque é certo que haverá um juízo. Paulo destaca três fatos imutáveis a esse respeito. Primeiro, ele será universal: Deus *há de julgar o mundo.* Os vivos e os mortos, os grandes e os pequenos, todos serão incluídos; ninguém escapará. Segundo, ele será justo: *há de julgar ... com justiça.* Todos os segredos serão revelados. Não haverá nenhuma possibilidade de erro judicial. Terceiro, ele está definido, pois o dia já foi marcado e o juiz escolhido. E apesar de o dia não ter sido revelado, já

sabemos quem será o juiz (10:42). Deus entregou o julgamento ao seu Filho,[32] e o *destinou e acreditou diante de todos*, publicamente, *ressuscitando-o dentre os mortos*. Jesus foi confirmado através da ressurreição e declarado Senhor e Juiz. E mais do que juiz divino, ele também é *varão* ou "homem"(BLH). Todas as nações foram criadas do primeiro Adão; todas as nações serão julgadas pelo último Adão.

Essa referência à ressurreição, que tinha incitado os filósofos a pedirem mais explicações (v. 18), desta vez, foi suficiente para encerrar a reunião de forma abrupta. *Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns*, talvez os epicureus, *escarneceram*, até mesmo "riram" (BLH), *e outros*, talvez os estóicos, *disseram*, sinceramente ou não: *A respeito disso te ouviremos noutra ocasião* (v. 32). *A essa altura Paulo se retirou do meio deles* (v. 33), pois a reunião estava adiada. *Houve, porém, alguns homens que se agregaram a ele, e creram; entre eles estava Dionísio, o areopagita*, a quem Eusébio identificou (embora sem provas suficientes) como o primeiro bispo e mártir ateniense, também mais tarde, *uma mulher chamada Dâmaris e com eles outros mais* (v. 34). Todos eles devem ter respondido ao seu apelo para que se arrependessem, "deixando os ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro".[33]

Quando refletimos sobre a palestra de Paulo no Areópago, precisamos encarar duas críticas a ela: a primeira diz que ela não era autêntica, e a segunda, que ela não era adequada. No início deste século, Martin Dibelius concluiu que Lucas tinha a intenção de apresentá-la como uma amostra do tipo de pregação aos pagãos que ele considerava apropriado, que ela fora composta por Lucas e não por Paulo, e que seria uma palestra "helenística" sobre o conhecimento de Deus, sendo cristã apenas em sua conclusão.[34] Alguns anos mais tarde, Hans Conzelmann escreveu: "Na minha opinião, a palestra é uma criação livre do autor (*sc.* Lucas), pois ela não apresenta os pensamentos e as idéias características de Paulo."[35] Em 1955, porém, o erudito sueco Bertil Gärtner deu uma resposta decisiva a Dibelius em um ensaio intitulado *The Areopagus Speech and Natural Revelation*. A sua tese era (i) que a base da preleção deve ser encontrada no pensamento hebraico e não grego, e especialmente no Antigo Testamento; (ii) que ela possui paralelos na pregação apologética do judaísmo helenístico; e (iii) que ela é genuinamente paulina no sentido de que seus aspectos principais refletem o pensamento de Paulo apresentado em suas cartas,[36] apesar de, é claro, Lucas tê-la resumido e colocado em sua

forma literária atual. Assim, não é difícil afirmar em sã consciência que a voz que ouvimos no Areópago é a autêntica voz de Paulo. Nem é difícil encontrar no Antigo Testamento passagens que antecipam os assuntos principais do sermão – Deus como o Criador dos céus e da terra, em cuja mão está a repiração de todos os seres vivos, que não habita em templos humanos, que dirige a história das nações, que não pode ser associado a imagens esculpidas ou gravadas, mortas e mudas, e que nos adverte do juízo e nos chama ao arrependimento.

A segunda crítica diz respeito à adequação do sermão como apresentação do evangelho. Ramsay tornou popular , em seus dias, a versão de que Paulo "ficou desapontado e talvez desiludido com sua experiência em Atenas", já que os resultados foram mínimos. Assim, "quando foi de Atenas para Corinto, ele deixou de falar em estilo filosófico", "decidido a 'nada saber ... senão a Jesus Cristo, e esse crucificado' (1Co 2:2)".[37] Essa, porém, é uma teoria gratuita que, penso, Stonehouse estava certo em classificar como "um tanto insustentável".[38] Primeiro, a narrativa de Lucas não dá nenhuma indicação de que ele estivesse insatisfeito com a atuação de Paulo em Atenas, quer consideremos sua palestra no Areópago uma defesa, um sermão, ou um pouco de ambos. Pelo contrário, Lucas relata três discursos de Paulo em Atos como amostras de sua proclamação aos judeus e tementes a Deus (Antioquia da Pisídia, capítulo 13), a pagãos incultos (Listra, capítulo 14) e agora a filósofos cultos (Atenas, capítulo 17). Em segundo lugar, não é certo considerar que a visita de Paulo a Atenas tenha sido um fracasso. Além dos dois convertidos mencionados pelo nome, Lucas fala que houve "outros mais" (v. 34). Além disso, "é muito perigoso avaliar a correção do conteúdo de uma mensagem, partindo do número de convertidos".[39] Em terceiro lugar, creio que Paulo pregou a cruz em Atenas. Lucas fornece apenas um esboço curto de sua mensagem, que pode ser lido em menos de dois minutos. Paulo deve ter preenchido consideravelmente esse esboço, e deve ter incluído o Cristo crucificado em sua conclusão (vs. 30-31). Pois como poderia proclamar a ressurreição sem mencionar a morte que a antecedeu? E como poderia chamar ao arrependimento sem mencionar a fé em Cristo, que sempre o acompanha? E em quarto lugar, o que Paulo renegou em Corinto não foi a doutrina bíblica de Deus como Criador, Senhor e Juiz, mas a sabedoria do mundo e a retórica dos gregos. Ele tomou a firme "decisão" de nada pregar senão a Jesus

Cristo, e esse crucificado, por prever as objeções orgulhosas dos coríntios, e não por causa de seu suposto fracasso em Atenas. Além disso, como Lucas mostra em sua narrativa, Paulo não mudou sua tática em Corinto, mas continuou ensinando, debatendo e persuadindo (18:4-5).

5. Como Paulo nos desafia

A palestra diante do Areópago revela a amplitude da mensagem de Paulo. Ele proclamou a Deus em sua plenitude como Criador, Mantenedor, Governador, Pai e Juiz. Ele incluiu toda a natureza e história. Ele reexaminou todo o tempo, da criação à consumação. Ele enfatizou a grandeza de Deus, não apenas como o começo e o fim de todas as coisas, mas como Aquele a quem devemos a nossa existência e a quem precisamos prestar contas. Ele afirmou que os seres humanos já sabem disso pela revelação natural ou geral, e que a sua ignorância e idolatria são, portanto, indesculpáveis. Assim os repreendeu com grande solenidade, para que se arrependessem antes que fosse tarde demais.

Tudo isso faz parte do evangelho. Ou, pelo menos, é o fundamento indispensável do evangelho, sem o qual o evangelho não pode ser pregado efetivamente. Hoje, muitas pessoas rejeitam o nosso evangelho, não porque percebem que seja falso, mas porque o julgam insignificante. As pessoas estão procurando uma cosmovisão integrada que dê sentido a todas as suas experiências. Aprendemos de Paulo que não podemos pregar o evangelho de Jesus sem a doutrina de Deus, ou a cruz sem a criação, ou a salvação sem o juízo. O mundo de hoje precisa de um evangelho maior, o evangelho completo das Escrituras, que Paulo, mais tarde em Éfeso, chamaria de "todo o desígnio de Deus" (20:27).

O que nos impressiona não é apenas a amplitude da mensagem de Paulo em Atenas, mas também a profundidade e o poder da sua motivação. Por que, apesar das grandes necessidades e oportunidades dos nossos dias, a igreja continua dormindo em paz, e tantos cristãos são surdos e mudos, surdos diante da comissão de Cristo e amordaçados em relação ao testemunho? Creio ser essa a razão principal: não falamos como Paulo falou porque não sentimos o que Paulo sentiu. Nunca tivemos o paroxismo de indignação que ele teve. O ciúme divino não se agitou em nós. Oramos constantemente, "Santificado seja o teu

nome", mas não parece que nos importamos realmente com isso, ou que nos preocupamos com o fato de seu Nome ser tão profanado.

Por quê? Precisamos voltar um pouco. Se não falamos como Paulo falou, porque não sentimos como Paulo sentiu, isso se deve ao fato de que não vemos como Paulo viu. Foi nessa ordem: ele viu, ele sentiu, ele falou. Tudo começou com os olhos. Quando Paulo andou pelas ruas de Atenas, ele não se limitou a "reparar" nos ídolos. O verbo grego usado três vezes (vs. 16, 22, 23) é *theoreo* ou *anatheoreo* e significa "observar" ou "considerar". Portanto, ele olhou e olhou, pensou e pensou, até que as chamas da santa indignação se acenderam dentro dele. Pois ele viu homens e mulheres, criados por Deus, à imagem de Deus, dando a ídolos a honra devida a ele somente.

Os ídolos não estão limitados às sociedades primitivas; existem muitos ídolos sofisticados. Um ídolo é um substituto de Deus; qualquer pessoa ou coisa que ocupe o lugar que Deus deveria ocupar. A avareza é idolatria.[40] As ideologias podem ser idolatrias.[41] Assim como a fama, a riqueza e o poder, o sexo, a comida, o álcool e outras drogas, os pais, a esposa, os filhos e os amigos, o trabalho, o lazer, a televisão e as propriedades, até a igreja, a religião e o culto cristão. Os ídolos parecem particularmente dominantes em cidades. Jesus chorou por causa da impenitência da cidade de Jerusalém. Paulo ficou profundamente indignado com a idolatria em Atenas. Será que já fomos perturbados pelas cidades idólatras do nosso mundo atual?

Notas:

1. Haenchen, p. 517.
2. Citado por Conybeare e Howson, p. 275.
3. R. E. Wycherley; citado por Marshall, *Atos*, p. 266.
4. Citado por Alexander, II, p. 145.
5. Conybeare e Howson, p. 280.
6. Blaiklock, *Acts*, p. 137.
7. 1 Co 13:5.
8. Is 65:2-3; veja Dt 9:7, 18, 22; Sl 106:28-29; Os 8:5.
9. Êx 34:14.
10. Is 42:8.
11. 1 Rs 19:10.
12. 2 Co 11:2ss.
13. *Henry Martin: Confessor of the Faith*, Constance E. Padwick (IVF, 1953), p. 146.

14. Ramsay, *St.Paul*, p. 242.
15. *BC*, IV, p. 211.
16. *BC*, IV, p. 211.
17. Ramsay, *St.Paul*, p. 241.
18. Hanson, p. 176.
19. Crisóstomo, Homilia XXXVIII, p. 233.
20. Bruce, *English*, p. 351; *Greek*, p. 333.
21. Alexander, II, p. 149.
22. Gärtner, p. 65.
23. Longenecker, *Acts*, p. 474.
24. *Pausania's Description of Greece* em 6 volumes, Loeb Classical Library, ed. W. H. S. Jones, vol. I, 1918, Livro I.1.4.
25. *The Unknown Christ of Hinduism*, Raymond Panikkar (Darton, Longman and Todd, 1964), p. 137.
26. *Ibid.*, p. 54.
27. Stonehouse, p. 19.
28. Williams, p. 204.
29. Paulo também citou Menander (1 Co 15:33) e novamente Epimênides (Tt 1:12).
30. Rm 1:18.
31. Cf. Rm 3:25.
32. Cf. Jo 5:27.
33. 1 Ts 1:9.
34. Dibelius, "Paul on the Areopagus", em *Studies*, pp. 26-77.
35. Da contribuição de Conzelmann em Keck-Martyn, p. 218.
36. E.g. Rm 1:18ss.
37. Ramsay, *St.Paul*, p. 252.
38. Stonehouse, p. 33.
39. *Ibid.*, p. 34.
40. Ef 5:5.
41. Veja, por exemplo, *Idols of our Time*, de Bob Goudzwaard (1981; IVP, 1984).

Atos 18:1 – 19:41
14. Corinto e Éfeso

"O aparecimento da civilização urbana", escreveu Harvey Cox em *A Cidade do Homem*, é um dos sinais da nossa era."[1] "A urbanização", continua, "constitui uma mudança maciça na maneira de os homens viverem juntos"; eles saíram da tribo para a cidade, e desta para a *tecnópolis*. A experiência urbana inclui um conjunto de coisas como comunicação e mobilidade, a desintegração da religião tradicional, a impessoalidade e o anonimato, o planejamento humano, o controle e a burocracia. E nos centros decaídos do nosso tempo teríamos de acrescentar negligência econômica, desvantagem racial, desemprego, habitação e educação deficientes, crime, violência, famílias arruinadas e tensões entre a polícia e a comunidade.

Em 1850, havia apenas quatro cidades de "categoria internacional", com mais de um milhão de habitantes; em 1980 havia 225, e por volta do ano 2000 pode haver 500. Ou considere as chamadas "megalópoles" ou "megacidades" com mais de 10 milhões de pessoas. Em 1950, apenas Londres e Nova Iorque recebiam essa classificação. Mas por volta do ano 2000, calcula-se que haverá vinte e três cidades desse tamanho, tendo a cidade do México na liderança, com quase 30 milhões de habitantes, seguida por São Paulo e Tóquio chegando aos 25 milhões de habitantes. A maior parte dessas megacidades estará no Terceiro Mundo; apenas quatro estarão na Europa e nos Estados Unidos. Dois quintos da população mundial já moram em cidades; no fim deste século, esse índice chegará perto dos 50%.[2]

O processo de urbanização como fato significativo deste século constitui um grande desafio para a igreja cristã. Por um lado, há uma necessidade urgente de cristãos: projetistas e arquitetos, pessoas ligadas à política municipal, especialistas em urbanização, promotores e assistentes sociais, que trabalhem para que haja

justiça, paz, liberdade e beleza na cidade. Por outro lado, os cristãos precisam se mudar para as cidades e experimentar as dores e pressões de uma vida urbana, a fim de ganhar os seus habitantes para Cristo. Morar em subúrbios saudáveis e freqüentar uma igreja urbana não substitui um envolvimento encarnacional.

Parece que Paulo adotou deliberadamente a política de se transferir de uma cidade estratégica para outra. Provavelmente, o que o atraía às cidades era o fato de conterem sinagogas judaicas, populações maiores e líderes mais influentes. Assim, em sua primeira viagem missionária, ele visitou Salamina e Pafos no Chipre, e Antioquia, Icônio, Listra e Derbe na Galácia; em sua segunda viagem, evangelizou Filipos, Tessalônica e Beréia na Macedônia, e Atenas e Corinto na Acaia; enquanto se concentrou em Éfeso durante a maior parte da terceira viagem. De fato, Lucas faz questão de descrever como o evangelho se espalhou "pelo estabelecimento gradual de centros de difusão ou fontes de influência em certos pontos de destaque espalhados por grande parte do Império".[3]

É verdade que algumas das cidades que Paulo visitou eram pequenas e insignificantes. Mas não se pode dizer isso de Atenas, Corinto e Éfeso. Reconhece-se que Atenas teria menos de 10.000 habitantes, mas Éfeso tinha 500.000, e Corinto, em seu auge, chegou perto dos 750.000. Todas as três eram cidades importantes do Império Romano, localizadas em torno do Mar Egeu, enquanto Corinto e Éfeso também eram capitais de província. Talvez elas possam ser caracterizadas da seguinte forma.

Atenas era o centro *intelectual* do mundo antigo, como vimos no último capítulo, a cidade em que Sócrates, Platão, Aristóteles, Epicuro e Zenão expuseram suas filosofias. Era também o berço da democracia e, das três famosas universidades da antiguidade (Alexandria, Tarso e Atenas), Atenas era a mais ilustre. Apesar de seu resplendor já ter entrado em declínio, os estudantes mais brilhantes de todas as partes do Império, ainda afluíam para lá. Atenas ainda continuava exercendo um magnetismo irresistível sobre os jovens intelectuais do mundo.

Corinto era, sobretudo, um grande centro *comercial*, um mercado de fama mundial. Localizada junto do istmo que unia a península do Peloponeso ao continente, ela controlava o comércio em todas as direções, não apenas de norte a sul por terra, mas também de leste a oeste pelo mar. Pois antes de se construir o canal

de cinco quilômetros, para atravessar o istmo, havia um *diolkos* ou uma rampa que permitia rebocar cargas e até mesmo pequenas embarcações, poupando assim uma navegação perigosa de 320 quilômetros ao redor da extremidade sul da península. Portanto, Corinto gabava-se de dois portos, Lequeo no Golfo de Corinto a oeste, e Cencréia no Golfo de Sarona a leste. Assim, "através de seus dois portos, Corinto cobria o istmo, com um pé em cada mar", o que levou Horácio a chamá-la de *bimaris*.[4] Portanto, Corinto era uma cidade de navegadores, de mercadores marítimos, e não nos surpreende que Posêidon, o deus grego do mar, que os romanos chamavam de Netuno, fosse adorado ali. F. W. Farrar imaginou suas feiras repletas de produtos estrangeiros – "bálsamo da Arábia, papiro do Egito, tâmaras da Fenícia, marfim da Líbia, tapetes da Babilônia, pêlo de cabra da Cilícia, lã da Licaônia, escravos da Frígia".[5] Paulo deve ter reconhecido sua importância estratégica. Se, partindo de Corinto, o comércio se espalhava em todas as direções, o mesmo poderia acontecer com o evangelho.

Éfeso também era famosa por seu comércio. Barclay a chama de "o mercado da Ásia Menor".[6] Ela também possuía importância política, como capital da província romana da Ásia. Mas Éfeso era um dos principais centros *religiosos* do mundo greco-romano. Ali florescia o culto imperial e, certa época, a cidade se orgulhava por abrigar três templos dedicados ao culto do imperador. Acima de tudo, Éfeso era famosa como "guardiã do templo de Ártemis" (19:35). Na mitologia clássica, Ártemis (a quem os romanos chamavam de Diana) era uma caçadora virgem, mas em Éfeso ela foi identificada de alguma maneira com a deusa asiática da fertilidade. Éfeso guardava com imenso orgulho tanto a sua imagem grotesca, cheia de seios, (provavelmente um meteorito) como o templo magnífico que a abrigava. Essa estrutura tinha mais de cem colunas jônicas de dezoito metros de altura, que sustentavam uma cobertura de mármore branco. Quatro vezes maior do que o Partenon de Atenas e decorada com belas pinturas e esculturas, ela era considerada uma das sete maravilhas do mundo. Além disso, superstições e práticas ocultas de todos os tipos floresciam sob o patrocínio de Diana. E as palavras e fórmulas mágicas vendidas aos crédulos eram conhecidas como "cartas efésias".

Eram, portanto, três cidades importantes do mundo greco-romano, e todas, em diferentes graus, centros de estudo, comércio

e religião. Lucas entende claramente sua importância para a disseminação do evangelho. Tendo retratado o apóstolo Paulo entre os filósofos em Atenas (17:16ss.), ele agora descreve sua visita a Corinto (18:1ss.) e a Éfeso (18:18ss. e 19:1ss.). Essas visitas seguiam um esquema semelhante, ou seja, Paulo pregava o evangelho aos judeus, eles se opunham à sua mensagem, o apóstolo se voltava deliberadamente aos gentios, e sua decisão dramática era vindicada de várias formas. Esse é o assunto básico de Lucas nos capítulos 18 e 19.

Primeiro, em ambas as cidades, Paulo começou com uma tentativa séria e sistemática de "persuadir" os seus ouvintes judeus, na sinagoga, de que Jesus era o Cristo (18:4-5; 19:8).

Segundo, em ambas as cidades, Paulo respondeu à rejeição dos judeus, deixando a sinagoga e passando a evangelizar os gentios, usando como base a casa de Tício Justo em Corinto e a escola de Tirano em Éfeso (18:6-7; 19:9).

Terceiro, em ambas as cidades, a ousadia de Paulo foi recompensada por muitas pessoas que ouviram o evangelho e creram (18:8; 19:10).

Quarto, em ambas as cidades, Jesus confirmou sua palavra e encorajou o seu apóstolo – em Corinto através de uma visão noturna e em Éfeso através de milagres extraordinários (18:9-10; 19:11-12).

E quinto, em ambas as cidades, as autoridades romanas rejeitaram a oposição e declararam a legitimidade do evangelho – em Corinto, através do procônsul Gálio; e em Éfeso, através do escrivão da cidade (18:12ss.; 19:35ss.).

1. Paulo em Corinto (18.1-18a)

Depois disto (ou seja, depois da palestra diante do Areópago e suas conseqüências) *deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto* (v. 1). Foi sobre esta viagem (como já notamos no fim do capítulo anterior), prevendo a sua missão em Corinto, que Paulo escreveu posteriormente: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós."[7] Precisamos penetrar mais profundamente nas causas do medo de Paulo e nos motivos para essa decisão. Por que Corinto o deixaria alarmado e exigiria que tomasse a decisão de pregar apenas a Cristo e sua cruz?

Com certeza, foi o orgulho e a imoralidade do povo coríntio que

intimidaram Paulo, já que a cruz entra em choque direto com ambos. Para começar, os coríntios eram um povo orgulhoso. A arrogância intelectual emerge claramente na correspondência de Paulo. Eles também tinham orgulho de sua cidade, lindamente reconstruída por Júlio César em 46 a.C. Eles se gabavam de sua riqueza e cultura, dos Jogos Ístmicos mundialmente famosos, realizados a cada dois anos, e de seu prestígio político como capital da província da Acaia, tendo precedência até sobre Atenas. Mas a cruz consome todo orgulho humano. Ela insiste que nós, pecadores, não temos absolutamente nada com que comprar a nossa salvação, nem mesmo contribuir para isso. Não nos surpreende, portanto, que poucos coríntios sábios, influentes ou de classe alta responderam ao evangelho![8]

Em segundo lugar, todos associavam Corinto à imoralidade. Por trás da cidade, a quase seiscentos metros acima do nível do mar, erguia-se uma montanha chamada Acrocorinto. Em seu topo encontrava-se o templo de Afrodite, ou Vênus, a deusa do amor. Ela era servida por mil escravas que vagavam pelas ruas à noite, como prostitutas. A promiscuidade sexual de Corinto era proverbial, a ponto de *korinthiazomai* significar "praticar imoralidade", e *korinthiastis* ser sinônimo de meretriz. Corinto era a "feira das vaidades do Império Romano".[9] Mas o evangelho do Cristo crucificado chamou os coríntios ao arrependimento e à santidade, e lhes advertiu que os praticantes de imoralidades sexuais não herdariam o reino de Deus.[10]

É nesses aspectos que a cruz de Cristo, com seu chamado à auto-humilhação e autonegação, é uma pedra de tropeço para os orgulhosos e pecadores. Daí "a fraqueza, temor e grande tremor" de Paulo e a necessidade de decidir "nada saber ... senão a Jesus Cristo, e este crucificado".[11]

a. Paulo fica com Áqüila e Priscila (18:2-6)

Lá, em Corinto, *encontrou certo judeu chamado Áqüila, natural do Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma* (v. 2a). Esse casal, a que Paulo mais tarde chamou de seus "cooperadores em Cristo Jesus", que "arriscaram as suas próprias vidas" por ele, [12] exemplificam um grau extraordinário de mobilidade. Nascido em Ponto, no sul do Mar Negro, Áqüila emigrara para a Itália. Não sabemos por quê, nem se essa

mudança aconteceu antes ou depois do seu casamento com Priscila. Juntos, porém, eles deixaram Roma em direção a Corinto, por causa de um decreto imperial. Suetônio referiu-se a isso em *A Vida de Cláudio* (25:4): "pelo fato de os judeus provocarem distúrbios constantes por instigação de Cresto (*impulsore Chresto*), ele os baniu de Roma". Ele chamou as pessoas expulsas de "judeus", mas "Cresto" parece indicar Cristo (a pronúncia de "Chrestus" e "Christus" deviam ser muito parecidas), nesse caso os judeus seriam os cristãos e os distúrbios na comunidade judaica teriam sido causados pelo evangelho. É bem provavel, portanto, que Áqüila e Priscila já fossem convertidos antes de chegarem a Corinto. Mais tarde, fizeram outra mudança, dessa vez de Corinto para Éfeso, em companhia de Paulo, e a igreja, ou parte dela, passou a se reunir em sua casa (18:18, 19, 26). [13]

Paulo agora *aproximou-se deles* (v. 2b), *e, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles, e trabalhavam* (v. 3). Eles dividiam o mesmo ofício e a mesma fé. Qual era esse ofício? Praticamente todas as versões entendem que eles confeccionavam tendas, já que *skene* ou *skenos* significa tenda. Alguns comentaristas preferem artesanato em couro ou selaria, "já que, antigamente, as tendas eram feitas de couro".[14] Outra possibilidade é artesanato em tecido, e isto seria pelo menos plausível (apesar de não provado): que Paulo produziria um tecido ordinário com os grossos pelos de cabra da sua terra, a Cilícia. Chamado *cilicium* em latim, era usado para cortinas, cobertores e roupas, assim como para tendas. O certo é que ele trabalhava com suas mãos. Na verdade, os rabinos precisavam aprender um ofício, e encorajavam todos os jovens a fazerem o mesmo. É verdade que Paulo também insistiu várias vezes no direito de os mestres cristãos serem mantidos pelos seus alunos. [15] Mas ele mesmo renunciou voluntariamente a esse direito e pregou o evangelho sem cobrar, em parte para não ser "pesado" para as igrejas[16] e em parte para não ser acusado de motivações impuras.[17] Os "fazedores de tendas" têm se tornado populares. A expressão descreve mensageiros transculturais do evangelho, que se sustentam com sua própria atividade profissional, ao mesmo tempo que se envolvem com missões. Dr. J. Christy Wilson escreveu sobre isso em *Today's Tentmakers* .[18] O princípio do auto-sustento é o mesmo, e também o desejo de não ser pesado para as igrejas, mas a motivação principal é diferente: essa pode ser a única forma de os cristãos entrarem em países que não concedem vistos para os que se declaram "missionários".

Paulo exercia seu ofício durante a semana, *e todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo* (no tempo imperfeito, demonstrando sua perseverança) *tanto judeus, como gregos*, sendo estes os "tementes a Deus" que participavam do culto na sinagoga (v. 4). *Quando*, porém, *Silas e Timóteo desceram da Macedônia*, após terem ficado em Beréia (17:14) e visitado Tessalônica,[19] eles trouxeram consigo não apenas as boas notícias sobre a fé e o amor dos tessalonicenses,[20] mas também um presente.[21] Com isso, Paulo pôde deixar de fazer tendas. *Ele se entregou totalmente à palavra, testemunhando aos judeus que o Cristo é Jesus* (v. 5), ou seja, identificando o Jesus histórico com o Cristo esperado. Mas essa missão entre os judeus encontrou uma resistência teimosa, que levou Paulo a repetir o passo drástico tomado em Antioquia da Pisídia (13:46, 51) e voltar-se para os gentios. Mas desta vez ele expressou sua decisão em um gesto e uma afirmação dramática: *Opondo-se eles e blasfemando, sacudiu Paulo as vestes* (para que "nenhuma partícula do pó da sinagoga permanecesse" em sua roupa)[22] *e disse-lhes*, ecoando Ezequiel: *Sobre a vossa cabeça o vosso sangue! eu dele estou limpo, e desde agora vou para os gentios* (v. 6).

b. Paulo volta-se para os gentios (18:7-11)

A próxima afirmação de Lucas, de que Paulo, *saindo dali, entrou na casa de um homem chamado Tício Justo, que era temente a Deus, a qual era contígua à sinagoga* (v. 7), é mais do que uma nota geográfica. Significa que o cenário de seus esforços evangelísticos passou da sinagoga pública para uma casa particular, e que assim as pessoas evangelizadas passaram de judeus para gentios. Sabemos que a casa pertencia a alguém chamado Tício Justo, e que ele era temente a Deus, mas é pura especulação sugerir que seu outro nome era Gaio, isto é, o Gaio mencionado em Romanos 16:23 e 1 Coríntios 1:14. É surpreendente que o primeiro convertido da missão entre os gentios tenha sido *Crispo, o principal da sinagoga*, o responsável pelos cultos, que creu no Senhor, *com toda a sua casa* (v. 8a), mas ele foi seguido *por muitos dos coríntios*, provavelmente gentios, que *ouvindo* (a Paulo) *criam e eram batizados* (v. 8b).

A decisão audaciosa de Paulo de passar da sinagoga para uma casa, da evangelização dos judeus aos gentios, logo foi recompensada por Deus, não apenas pela conversão e o batismo de muitos (v. 8), mas também por uma visão de Jesus (vs. 9-10) e pela atitude das autoridades romanas (v. 12ss.). *Teve Paulo durante*

a noite uma visão em que o Senhor lhe disse: Não temas ... (v. 9a). "O Senhor", de acordo com o uso de Lucas, significa "O Senhor Jesus" (veja o v. 8: "Creu no Senhor"). Agora, "a mensagem utiliza a linguagem que o próprio Deus empregava no Antigo Testamento ao dirigir-se aos seus servos".[24] A proibição "Não temas" e a promessa "eu estou contigo" eram regularmente repetidas por Javé ao seu povo. Agora Jesus dizia as mesmas palavras a Paulo: *Não temas; pelo contrário, fala e não te cales* (v. 9b); *porquanto eu estou contigo e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade* (v. 10). Ele deveria continuar testemunhando, fortalecido pela presença e proteção de Cristo, e pela garantia de que Cristo tinha "muito povo" em Corinto (*laos*, a palavra do Antigo Testamento para Israel, agora ampliada para incluir os gentios). A expressão faz lembrar as palavras do Bom Pastor, quando ele afirmou que tinha "outras ovelhas, não deste aprisco" (Israel), i.e., gentios.[25] As pessoas ainda não acreditavam nele, mas acreditariam, pois de acordo com o seu propósito, elas já lhe pertenciam. Essa convicção é o maior encorajamento para um evangelista. Fortalecido, Paulo *ali permaneceu*, isto é, em Corinto, *um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus* (v. 11). Pois a palavra de Deus é o meio divinamente escolhido pelo qual as pessoas chegam à fé em Cristo, identificando-se com ele.

c. Paulo é protegido pela lei romana (18:12-18a)

Em algum ponto desses dezoito meses, explodiu mais uma vez a oposição dos judeus ao evangelho, a qual antes havia levado Paulo a voltar-se para os gentios (v. 6): *levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo, e o levaram ao tribunal* (v. 12b), *o bema*, que era "uma grande plataforma elevada que ficava na àgora ... em frente à residência do procônsul e servia como um fórum onde ele julgava os casos".[26] O fato de os judeus o levarem ao tribunal *quando Gálio era procônsul da Acaia* (v. 12a, quase certamente 51-52 d.C.) harmonizava com a promessa de Cristo de que ninguém o machucaria (v. 10), pois Gálio provou ser amigo da justiça e da verdade. Ele era o irmão mais novo de Sêneca, o filósofo estóico e tutor do jovem Nero. E Sêneca apreciava a gentileza tolerante de seu irmão. Incidentalmente, Lucas estava certo ao chamar Gálio de "procônsul", pois, naquele tempo, "Acaia era uma província 'senatorial' do Império, sendo, portanto, governada por um

procônsul – enquanto que uma província 'imperial' era governada por um legado."[27] O status da província só havia mudado em 44 d.C.

De que ofensa os judeus acusaram Paulo? *Este*, disseram, *persuade os homens a adorar a Deus, por modo contrario à lei* (v. 13). Mas qual era a lei que ele estava infringindo? Galio entendeu que se referiam ao que ele chamou de *vossa lei* (v. 15), mas os judeus sabiam tão bem quanto Gálio que as discussões sobre a lei judaica estavam fora de sua jurisdição. Portanto, eles deveriam estar tentando demonstrar que o ensino de Paulo contrariava a lei romana, pois não era uma expressão autêntica do judaísmo. O judaísmo era uma *religio licita*, uma religião autorizada. Mas o ensino de Paulo era "algo novo e não-judaico ... era, insistiam, uma *religio ilicita*, que, portanto, deveria ser proibida pela lei romana".[28]

O procônsul não deu ao acusado nenhuma oportunidade para se defender, pois ele se recusou a ouvi-lo. *Ia Paulo falar, quando Gálio declarou aos judeus: se fosse, com efeito, alguma injustiça ou crime da maior gravidade* [ou seja, uma ofensa óbvia contra a lei romana], *ó judeus, de razão seria atender-vos* (v. 14); *mas se é questão de palavra, de nomes e da vossa lei, tratai disso vós mesmos, eu não quero ser juiz dessas coisas!* (v. 15). Tendo tomado a decisão de não ouvir o caso dos judeus, Gálio *os expulsou do tribunal* (v. 16). Seguiu-se um exemplo desagradável de movimento popular. Apesar de não sabermos ao certo o que significa *todos* no versículo 17, parece que foram os espectadores gentios que, "numa erupção do anti-semitismo sempre presente no mundo greco-romano",[29] *agarraram a Sóstenes*, que evidentemente teria substituído Crispo, tornando-se *o principal da sinagoga*,[30] e o *espancavam diante do tribunal* (v. 17a). O fato de Lucas acrescentar que *Gálio não se incomodava com essas coisas* (v. 17b) não significa que ele fosse indiferente à justiça, mas que ele considerava prudente fazer vistas grossas diante desse ato de violência.

O fato de Gálio se recusar a levar a sério a acusação dos judeus contra Paulo ou julgá-lo foi muito importante para o futuro do evangelho. Na prática, ele deu um veredito favorável à fé cristã e estabeleceu assim um precedente significativo. O evangelho não podia mais ser acusado de ilegalidade, pois a sua liberdade como *religio licita* fora assegurada pela política imperial. O comentário final de Lucas é lógico: *Paulo ficou muitos dias ... em Corinto* (v. 18a, BLH), dessa vez, não por causa da sua visão de Jesus, mas por causa da decisão judicial de Gálio. Jesus manteria sua promessa de

protegê-lo; a sua principal proteção seria a lei romana.

2. Paulo em trânsito (18:18b-28)

Lucas agora segue Paulo de Corinto a Éfeso, Cesaréia, Jerusalém, Antioquia e novamente para Éfeso, atravessando a Galácia. A sua narrativa é muito resumida, ou por falta de informação (ele ainda estava em Filipos) ou porque o seu propósito era levar Paulo da Acaia à Asia (onde o Espírito lhe havia proibido de pregar,16:6), dos seus dois anos em Corinto aos seus três anos em Éfeso, sem demorar-se com seus meses de viagem.

a. Paulo visita Éfeso, Jerusalém e Antioquia (18:18-23)

Algum tempo depois da recusa de Gálio em tomar conhecimento da acusação dos judeus contra Paulo, o apóstolo *despedindo-se dos irmãos, navegou para a Síria* (v. 18a). É provável que quisesse prestar contas à igreja da Antioquia da Síria que o enviara (13:1ss.; 14:26ss; 15:35ss.). Ele levou *em sua companhia Priscila e Áqüila* que podem muito bem ter-lhe financiado a viagem. Lucas agora acrescenta um detalhe interessante: antes de partir, *raspou a cabeça em Cencréia*, o porto oriental de Corinto, *porque tomara voto* (v. 18b). Os comentaristas ficam perplexos, perguntando quem fez o voto, o que era, quando fora feito, e por quê. Quanto à pessoa, embora a gramática permita que seja Áqüila, o contexto exige que seja Paulo. A referência ao seu cabelo torna quase certo de que era um voto de nazireu,[31] que incluía a abstinência de vinho e de cortar o cabelo durante certo período, no final do qual o cabelo era primeiro cortado e depois queimado, juntamente com outros sacrifícios, como um símbolo de consagração a Deus. Se o voto fosse cumprido fora de Jerusalém, o cabelo ainda podia ser levado até lá para ser queimado. Esses votos eram feitos "ou em gratidão por bênçãos passadas (tais como a proteção divina que Paulo recebeu em Corinto) ou como parte de uma petição por bênçãos futuras (tais quais a salvaguarda na viagem iminente de Paulo)".[32] Uma vez que Paulo fora liberto da tentativa de ser justificado pela lei, a sua consciência estava livre para participar de práticas que, sendo cerimoniais ou culturais, faziam parte das "questões indiferentes", desta vez, talvez para conciliar os líderes cristãos judeus que iria ver em Jerusalém (cf. 21:23ss., relacionado à sua visita subseqüênte).

Chegados a Éfeso, deixou-os ali; ele, porém, entrando na sinagoga, pregava aos judeus (v. 19). A sua missão foi muito mais aceita pelos judeus em Éfeso do que em Corinto (isso teria alguma relação com o seu cabelo raspado?) a ponto de lhe pedirem para ficar. *Rogando-lhe eles que permanecesse ali mais algum tempo, não acedeu* (v. 20), acrescentando (de acordo com o texto Ocidental), "preciso participar da próxima festa em Jerusalém a todo custo", o que, segundo Ramsay, com certeza pode ser entendido como a Páscoa".[33] Qualquer que fosse o motivo da pressa de Paulo, *despedindo-se disse: se Deus quiser, voltarei para vós outros. E, embarcando, partiu de Éfeso* (v. 21).

Chegando a Cesaréia, o porto principal da Palestina, *desembarcou, subindo a Jerusalém e, tendo saudado a igreja, desceu para Antioquia* (v. 22). A igreja que saudou ao desembarcar certamente não foi a de Cesaréia, mas a de Jerusalém, a cerca de cento e quatro quilômetros do litoral, pois "os termos 'subir' e 'descer' são usados com tanta freqüência para indicar uma viagem para dentro e para fora de Jerusalém, que esse uso se consagrou".[34]

Havendo passado algum tempo em Antioquia, provavelmente do início do verão do ano 52 ao início da primavera do ano de 53, e tendo, sem dúvida, relatado à igreja toda a sua segunda viagem missionária, *saiu*, iniciando aquela que seria sua terceira e última viagem. Primeiro, ele deve ter ido em direção ao norte, depois para o oeste, passando pelos Portões da Cilícia, vencendo a cordilheira de Taurus, a*travessando sucessivamente a região da Galácia e Frígia, confirmando todos os discípulos* (v. 23). Isso significa que ele revisitou as igrejas de Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe, que ele havia estabelecido em sua primeira viagem missionária (capítulos 13 e 14) e consolidado na segunda (16:6).

b. Apolo visita Éfeso (18:24-28)

Nesse meio tempo, cerca de um ano desde que Paulo deixara Corinto, *chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo* (v. 24a). Lucas nos conta três fatos interessantes a seu respeito. Primeiro, ele era *um homem instruído* (embora *logios* pudesse significar "eloqüente") e *poderoso nas Escrituras* (v. 24b). Alexandria possuía uma imensa população judaica naquele tempo. Era ali que a LXX tinha sido produzida, cerca de 200 anos antes de Cristo, e era ali que o grande erudito Filo, o contemporâneo de Jesus, havia vivido e trabalhado, lutando com

a interpretação alegórica do Antigo Testamento para conciliar a religião hebraica com a filosofia grega. Será que o próprio Apolo interpretava o Antigo Testamento de forma alegórica? Talvez Lutero estivesse certo ao ser o primeiro a propor Apolo como o autor da carta aos Hebreus. Segundo, *era ele instruído no caminho do Senhor* (i.e., o Senhor Jesus). Ele também falava com grande fervor ("fervoroso de espírito", como em Rm 12:11, provavelmente significando "espiritualmente fervoroso"), combinando assim a erudição com entusiasmo. Além disso, *falava e ensinava com precisão a respeito de Jesus*. Portanto, apesar de judeu, ele era um professor cristão (v. 25a). Em terceiro lugar, porém, conhecia *apenas o batismo de João* (v. 25b), de quem Lucas sabia que era o precursor de Jesus[35] e que pertencia à lei e aos profetas, e não ao reino.[36] Já que Apolo dificilmente poderia conhecer o batismo de João sem conhecer a sua mensagem, ele também deve ter se familiarizado com o testemunho de João sobre Jesus como o Messias. Mas quanto mais ele sabia? Em todo o caso, quando *começou a falar ousadamente na sinagoga*, Priscila e Áqüila o ouviram e perceberam que seu conhecimento era defeituoso. Levaram-no, então, para casa e, *com mais exatidão*, o comparativo do advérbio *akribos* usado no versículo anterior, *expuseram o caminho de Deus* (v. 26).

Não é possível saber com certeza quais as verdades cristãs que Apolo conhecia quando ensinava "com precisão" e quais foram-lhe explicadas "com mais exatidão". Por um lado, Lucas dificilmente poderia tê-lo descrito como "instruído no caminho do Senhor", se naquele estágio, ele ainda ignorasse completamente a morte e ressurreição de Jesus. Por outro lado, se seu conhecimento era basicamente limitado ao batismo e ensino de João, o seu entendimento desses acontecimentos poderia ser mínimo, e ele também precisaria ouvir sobre a grande comissão, a exaltação de Jesus e sobre a dádiva do Espírito. Priscila e Áqüila lhe ensinaram verdades como essas. O ministério deles foi oportuno e discreto. Como nota Bruce, "é muito melhor dar esse tipo de ajuda particular a um pregador cujo ministério é defeituoso do que corrigi-lo ou denunciá-lo publicamente!"[37]

Em seguida, *querendo ele* (Apolo) *percorrer a Acaia, animaram-no os irmãos*, pois agora estava mais bem equipado para um ministério amplo, *e escreveram aos discípulos para o receberem. Tendo chegado, auxiliou muito aqueles que mediante a graça haviam crido* (v. 27); *porque com grande poder convencia publicamente os judeus, provando por meio das Escrituras que o Cristo é Jesus* (v. 28). Em 1

Coríntios 1-4 Paulo demonstrou apreciação pelo ministério de Apolo em Corinto e generosamente o reconheceu como cooperador na obra de Deus. "Eu plantei", escreveu, "Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus".[38]

3. Paulo em Éfeso (19:1-41)

Aconteceu que, estando Apolo em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso (v. 1), cumprindo sua promessa de voltar, se fosse da vontade de Deus (18:21). Portanto, foi durante o ano em que Paulo esteve longe de Éfeso que Apolo veio, ministrou e partiu novamente.

a. Paulo e os discípulos de João Batista (19:1b-7)

Chegando em Éfeso, Paulo achou ali *alguns discípulos*. Pelo menos, era isso que diziam ser. Na realidade, porém, eram discípulos de João Batista, e indiscutivelmente estavam menos informados do que Apolo. Lucas relata o diálogo que se desenvolveu entre eles (vs. 2-4) e o seu resultado (vs. 5-7).

A primeira pergunta de Paulo:
Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?
A resposta deles:
Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo.
A segunda pergunta de Paulo:
Em que, pois, fostes batizados?
A resposta deles:
No batismo de João.
O comentário de Paulo:
João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cressem naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus.

[5]Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus. [6]E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam.[7] Eram ao todo uns doze homens.

Esse acontecimento tornou-se texto-prova em alguns círculos pentecostais e carismáticos, especialmente quando se segue uma tradução imprecisa e injustificada do versículo 2 como a que

segue: "Vocês receberam o Espírito Santo depois que creram?" Partindo desse texto, às vezes argumentam que a iniciação cristã se dá em dois estágios, que começa com a fé e a conversão, seguida mais tarde pelo recebimento do Espírito Santo. Mas não se pode considerar que esses doze "discípulos" forneçam um padrão para a iniciação biestagiária. Pelo contrário, como escreveu Michael Green, está "absolutamente claro que esses discípulos não eram de forma alguma cristãos".[39] Ainda não acreditavam em Jesus, mas passaram a crer através do ministério de Paulo e foram então batizados com água e com o Espírito, mais ou menos simultaneamente.

Quando Paulo os encontrou pela primeira vez, pensou que eles fossem crentes, mas percebeu que suas ações e seu comportamento não davam evidências de que o Espírito Santo habitava neles. Então, ele lhes fez duas perguntas-chave: se eles tinham recebido o Espírito quando creram, e em que tinham sido batizados. A sua primeira pergunta ligava o Espírito à fé, e a segunda, ao batismo. Ou seja, suas perguntas expressavam a pressuposição de que aqueles que crêem recebem o Espírito,[40] e que aqueles que são batizados recebem o Espírito, pois ele não podia separar o símbolo (água) da coisa que simbolizava (o Espírito). Paulo tinha por certo que os crentes batizados recebem o Espírito, como Pedro também ensinou (2:38-39). Ambas as perguntas indicam que crer e ser batizado e não receber o Espírito constitui uma anormalidade extraordinária.

Considere agora as respostas que Paulo recebeu. Em resposta à primeira, disseram que nem sequer tinham ouvido que existisse o Espírito Santo. Isso não significa que nunca tivessem ouvido falar do Espírito, pois ele é mencionado muitas vezes no Antigo Testamento, e João Batista falou que o Messias batizaria as pessoas com o Espírito. É mais provável que, apesar de terem ouvido a profecia de João, não sabiam se ela fora cumprida ou não. Eles não tinham conhecimento do Pentecoste. Em resposta à segunda pergunta de Paulo, eles explicaram que tinham recebido o batismo de João, não o batismo cristão. Em outras palavras, eles ainda estavam vivendo no Antigo Testamento, que culminou em João Batista. Eles não entendiam que a nova era fora iniciada por Jesus, nem que os que nele crêem e são batizados nele recebem a bênção característica da nova era: a habitação do Espírito.

Quando entenderam isso através da instrução de Paulo, colocaram sua fé em Jesus, sobre cuja vinda o seu mestre João

Batista lhes falara. Foram então batizados em Cristo, Paulo lhes impôs as mãos (dando uma confirmação apostólica ao que estava acontecendo, como fizeram Pedro e João em Samaria), o Espírito Santo veio sobre eles, e eles falaram em línguas e profetizaram. Em outras palavras, experimentaram um mini-Pentecoste. Ou melhor, o Pentecoste os alcançou. Ou melhor ainda, eles foram tomados pelo Pentecoste quando receberam as bênçãos prometidas.

A norma da experiência cristã, portanto, é um conjunto de quatro fatores: arrependimento, fé em Jesus, batismo na água e a dádiva do Espírito. Embora a ordem observada possa variar um pouco, as quatro são inseparáveis e são universais na iniciação cristã. A imposição apostólica de mãos, porém, juntamente com as línguas estranhas e a profecia, foram dadas especialmente em Éfeso, como em Samaria, para demonstrar de forma visível e pública que grupos específicos foram incorporados a Cristo através do Espírito; o Novo Testamento não as universaliza. Hoje, já não há samaritanos e discípulos de João Batista.

b. A sinagoga e a escola (19:8-10)

O modelo do ministério evangelístico de Paulo em Éfeso era semelhante ao de Corinto. Primeiro, *Paulo freqüentou a sinagoga*, onde já era conhecido (18:19), *onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo, com respeito ao reino de Deus, durante três meses* (v. 8). Dissertar sobre o reino de Deus a partir do Antigo Testamento é o mesmo que argumentar que Jesus é o Cristo, já que foi Jesus o Cristo que inaugurou o reino (cf. 28:31). Mas, como em Corinto, também em Éfeso, os judeus rejeitaram as boas novas: *alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão*. Mais uma vez, o discipulado cristão é chamado de "Caminho",[41] já que, para os discípulos, o cristianismo era o caminho de todos os caminhos ... por onde deviam andar".[42] Como resultado direto dessa oposição teimosa na sinagoga, Paulo *apartou-se* deles. Ele também *separou os discípulos, passando a discorrer* (*dialegomenos*, "argumentar") *diariamente na escola de Tirano*(v. 9). Esse novo avanço em direção aos gentios, em forma de evangelização dialogada *durou ... por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos* (v. 9). Deixa-nos um pouco atormentados o fato de Lucas não nos contar nada sobre Tirano. Supomos que fosse um filósofo ou algum tipo de educador, que lecionava

durante as horas frescas da manhã, mas que estava disposto a emprestar sua sala de aula (*schole*) ao evangelista cristão durante as horas quentes do dia. Já que *tyrannos* significa tirano ou déspota, "pergunta-se em vão se esse nome lhe fora dado por seus pais ou seus alunos!"[43] O certo é que os dois anos de preleções diárias de Paulo resultaram na evangelização de toda a província.

c. Alguns choques de poder (19:11-20)

Em Corinto, Cristo encorajou seu apóstolo e ratificou seu ensino através de uma visão; em Éfeso, através de sinais e milagres que demonstravam o poder de Cristo sobre doenças, possessões demoníacas e magia. *Deus, pelas mãos de Paulo, fazia milagres extraordinários* (v. 11), *a ponto de levarem aos enfermos lenços e aventais do seu uso pessoal* ("os lenços que ele amarrava ao redor da cabeça e os aventais que ele usava na cintura quando fazia tendas"),[44] *diante dos quais as enfermidades fugiam das suas vítimas e os espíritos malignos se retiravam* (v. 12). Comentaristas liberais ficam desconcertados com essa passagem e tendem a rejeitá-la como lenda. Podemos levantar pelo menos quatro objeções. Em primeiro lugar, o próprio Lucas não se satisfaz em descrever esses acontecimentos como meros "milagres", *dynameis*, demonstrações do poder divino; ele acrescenta o adjetivo *tychousas*, traduzido como "especial", "singular", "notável" e "extraordinário". Ele não os considera típicos, normais, nem mesmo para milagres. Em segundo lugar, ele não os vê como magia, pois os distingue das práticas mágicas que os convertidos de Éfeso logo confessariam e abandonariam, considerando-as más (vs. 18-19). Em terceiro lugar, a atitude mais sábia perante os milagres dos lenços não é a dos céticos, que os declaram espúrios; nem a dos imitadores, que tentam copiá-los, como aqueles televangelistas que oferecem aos doentes lenços abençoados por eles, mas sim a dos estudiosos da Bíblia que lembram que Paulo via seus milagres como credenciais apostólicas[45] e que Jesus mesmo foi condescendente com a fé tímida de uma mulher, curando-a quando ela tocou a orla de sua roupa.[46] Em quarto lugar, assim como nos Evangelhos, a possessão demoníaca é diferenciada da doença, e, portanto, o exorcismo é diferenciado da cura.

A menção do exorcismo leva Lucas a falar de alguns exorcistas judeus que sofreram conseqüências desastrosas ao tentar aproveitar o poder que acreditavam estar contido no nome de

Jesus: *Alguns judeus, exorcistas ambulantes, tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre possessos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus a quem Paulo prega* (v. 13). *Os que faziam isto eram sete filhos de um judeu chamado Ceva, sumo sacerdote,* o que significa que provavelmente este pertencia à família do sumo sacerdote (v. 14). *Mas o Espírito maligno lhes respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?* (v. 16) *E o possesso do Espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa* (v. 16). É certo que há poder – poder para salvar e curar – no nome de Jesus, como Lucas faz questão de ilustrar (e.g. 3:6, 16; 4:10-12). Mas a sua eficácia não é mecânica, nem pode ser empregada levianamente. Mesmo assim, apesar desse mau uso do Nome, o incidente teve um efeito saudável. *Chegou este fato ao conhecimento de todos, assim judeus como gregos, habitantes de Éfeso; veio temor sobre todos eles e o nome do Senhor Jesus era engrandecido* (v. 17).

O choque de poder entre Jesus e o reino de Satanás ainda não tinha acabado. Após a cura e o exorcismo, veio a libertação de práticas ocultas. *Muitos dos que creram vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras* (v. 18). *Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinqüenta mil denários* (v. 19), o denário sendo uma moeda de prata que equivalia ao salário de um dia. Já vimos que Éfeso era famosa por suas "cartas efésias" (*grammata*), que eram "encantamentos, amuletos e talismãs escritos".[47] O fato de os recém-convertidos estarem dispostos a jogar seus livros no fogo, em vez de converter o seu valor em dinheiro, vendendo-os, era uma evidência notável da sinceridade de suas conversões. O exemplo deles levou a outras conversões, pois *assim a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente* (v. 20).

d. Os planos de Paulo para o futuro (19:21-22)

Cumpridas estas coisas, após a evangelização na sinagoga e na escola de Tirano, e após os choques de poder, mas antes do tumulto no teatro, *Paulo resolveu no seu espírito ir a Jerusalém, passando por Macedônia e Acaia* (v. 21a). Lucas não acrescenta aqui a razão desse percurso tortuoso, mas sabemos que ele iria recolher a oferta que pedira que os cristãos do Norte e do Sul da Grécia coletassem para os seus irmãos pobres na Judéia.[48] Os seus olhos, porém, não

estavam voltados para Jerusalém. *"Depois de haver estado ali, importa-me ver também Roma"* (v. 21b), pensou, e ele estava até sonhando com uma visita à Espanha,[49] "o extremo ocidental da civilização romana na Europa".[50] A sua visão não tinha limites. Como Bengel comentou corretamente, "nenhum Alexandre, nenhum César, nenhum outro herói tem uma mente tão aberta como este *pequeno* (um jogo de palavras com seu nome Paulos, "pequeno") benjamita".[51] Enquanto isso, enviou a Macedônia *dois daqueles que lhe ministravam, Timóteo e Erasto,* provavelmente para fazer os últimos preparativos para a oferta, e *permaneceu algum tempo na Ásia,* na própria cidade de Éfeso (v. 22), porque "uma porta grande e oportuna para o trabalho" se abriu, e muitos se opunham a ele.[52] A oportunidade e a oposição exigiam sua presença em Éfeso.

e. O tumulto na cidade (19:23-41)

Lucas fornece aos seus leitores um relato detalhado do tumulto que Demétrio, um artesão que lidava com prata, instigou e que o escrivão da cidade controlou com habilidade. Talvez ele tenha obtido sua informação de Aristarco e/ou Gaio, que foram arrastados no tumulto (v. 29) e que mais tarde se tornaram companheiros de viagem de Paulo e Lucas (20:4-6). As pressuposições de Haenchen o levaram a encontrar "um labirinto de dificuldades" nesse episódio.[53] Ele elabora seis delas. Mas Howard Marshall está certo em dizer que o caso de Haenchen "desaparece sob um exame minucioso". Ele dá uma explicação adequada para cada problema proposto.[54] A narrativa de Lucas divide-se naturalmente em três partes, relacionadas à origem, ao desenvolvimento e ao término do tumulto.

Primeiro, a sua origem. Era inevitável que mais cedo ou mais tarde a autoridade soberana de Jesus desafiasse a má influência de Diana.

[23]*Por esse tempo houve grande alvoroço acerca do Caminho.* [24]*Pois um ourives, chamado Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana, e que dava muito lucro aos artífices,* [25]*convocando-os juntamente com outros da mesma profissão, disse-lhes: Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade,* [26]*e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita*

gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. [27]*Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram.*

Lucas afirma que os tumultos começaram por causa "do Caminho" (NEB, "o movimento cristão"). No fundo, a razão não era de natureza doutrinária, nem ética, mas sim econômica. Demétrio, que Ramsay chama de "provável presidente da sociedade (sc. dos artífices de prata) daquele ano",[55] dirigiu a atenção dos outros artesãos para o sucesso de Paulo em convencer o povo, afirmando "não serem deuses os que são feitos por mãos humanas". Como resultado, as vendas dos "nichos de Diana" (pequenos modelos do templo ou imagens da deusa) estavam diminuindo, ameaçando o alto padrão de vida deles. Não que Demétrio tivesse apelado diretamente à cobiça dos companheiros. Não, ele era sutil o suficiente para desenvolver três motivos de preocupação mais respeitáveis: o perigo de seu ofício perder a fama; seu templo, o prestígio; e sua deusa, a majestade divina (v. 27). Assim, "interesses econômicos foram disfarçados de patriotismo local – neste caso, também sob o manto do zelo religioso".[56]

Demétrio provou ser um ótimo agitador, pois a resposta dos artesãos foi imediata.

[28]*Ouvindo isto, encheram-se de furor, e clamavam: Grande é a Diana dos efésios!* [29]*Foi a cidade tomada de confusão, e todos à uma arremeteram para o teatro, arrebatando os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo.* [30]*Querendo este apresentar-se ao povo, não lhe permitiram os discípulos.* [31]*Também asiarcas, que eram amigos de Paulo, mandaram rogar-lhe que não se arriscasse indo ao teatro.*

[32]*Uns, pois, gritavam de uma forma, outros, de outra; porque a assembléia caíra em confusão. E na sua maior parte nem sabiam por que motivo estavam reunidos.* [33]*Então tiraram Alexandre dentre a multidão, impelindo-o os judeus para frente. Este, acenando com a mão queria falar ao povo.* [34]*Quando, porém, reconheceram que ele era judeu, todos a uma voz gritaram por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios!*

"As ruínas mais impressionantes na Ásia Menor ... Éfeso se

ergue digna e solitária em sua morte", escreveu H. V. Morton.[57] O local da escavação é magnífico; é fácil visualizar o tumulto. De acordo com o texto Bizantino do versículo 28, os trabalhadores furiosos foram "correndo para a rua" antes de gritarem a favor de Diana. Provavelmente era o Caminho Arcádio, a via principal de Éfeso, com uma largura de onze metros, pavimentada com mármore e ladeada de colunas, que ia do porto ao teatro. O próprio teatro, ainda em bom estado de preservação, aninhava-se ao pé do monte Pion e, com quase 150 metros de diâmetro, podia acolher pelo menos 25.000 pessoas. Foi para cá que a multidão arrastou Gaio e Aristarco. E aqui Paulo (talvez confiando demais na imunidade que ele acreditava que a lei romana lhe garantia) foi impedido de sair por causa dos apelos dos discípulos e alguns "oficiais da província" que eram seus amigos (v. 31). Lucas está correto ao chamá-los de "asiarcas". Estes eram cidadãos influentes, membros importantes do conselho da província da Ásia, especialmente os seus "presidentes anuais e talvez ex-presidentes", e/ou os deputados da cidade a que serviam, e/ou "os administradores dos vários templos do culto imperial, que estavam sob o cuidado dos sumo sacerdotes indicados pelo conselho da província".[58] Paulo podia julgar-se feliz por ter a amizade e o conselho de alguns deles. Agora a confusão reinava no teatro. Algumas pessoas gritavam isto ou aquilo, mas a maioria nem sabia por que estava lá. Houve uma mudança quando alguns judeus tentaram apresentar um porta-voz, sem dúvida, para desassociar os judeus dos cristãos, mas a multidão, que não queria entender essa distinção, fizeram-no calar, gritando o nome de Diana por duas horas. Esta sessão começa e termina com gritos histéricos: "Grande é a Diana dos efésios!" (vs. 28, 34). Haenchen está certo ao comentar que "em última análise, a única coisa que o paganismo pode fazer contra Paulo é gritar até ficar rouco".[59]

Lucas agora descreve como a fúria da multidão foi acalmada pelo "escrivão" (*gramatteus*, v. 35), que era "o chefe eleito do poder executivo da cidade"[60] ou "o assistente administrativo principal dos magistrados, anualmente eleito; ele tinha uma equipe de escrivães permanentes, responsáveis pelo trabalho burocrático da cidade".[61]

[35]O escrivão da cidade, tendo apaziguado o povo, disse: Senhores, efésios: Quem porventura, não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Diana, e da imagem que caiu de Júpiter? [36]Ora, não podendo

isto ser contraditado, convém que vos mantenhais calmos e nada façais precipitadamente; [37]porque estes homens que aqui trouxestes não são sacrílegos, nem blasfemam contra a nossa deusa. [38]Portanto, se Demétrio e os artífices que o acompanham têm alguma queixa contra alguém, há audiências e procônsules; que se acusem uns aos outros. [39]Mas se alguma outra coisa pleiteais, será decidida em assembléia regular. [40]Porque também corremos perigo de que por hoje sejamos acusados de sedição, não havendo motivo algum que possamos alegar para justificar este ajuntamento. E, havendo dito isto, dissolveu a assembléia.

Evidentemente, esse escrivão era um homem de grande inteligência e muita habilidade para controlar o povo. Ele mencionou quatro pontos. Em primeiro lugar, todo o mundo sabe que Éfeso é a guardiã do templo de Diana e de sua imagem. Já que isso é inegável, ninguém vai contradizê-lo, e o culto a Diana não corre perigo (vs. 35-36). Em segundo lugar, "estes homens" (Gaio e Aristarco) não são culpados de sacrilégio (roubar o templo) nem de blasfêmia (falar mal da deusa). Eles são inocentes (v. 37). Em terceiro lugar, Demétrio e seus colegas conhecem os processos legais. Se têm uma queixa pessoal, devem levar o caso ao procônsul. Mas se seu caso for mais sério e de interesse público, devem levá-lo à "assembléia legal", o termo técnico correto para designar as reuniões oficiais regulares (três vezes por mês) do *demos* ou conselho da cidade (vs. 38-39). Como comenta Sherwin-White, "Lucas está muito bem informado sobre detalhes das instituições municipais de Éfeso nos séculos I e II".[62] Em quarto lugar, os próprios cidadãos de Éfeso correm o risco de serem acusados de desobediência civil. Se isso acontecesse, eles não conseguiriam se justificar. Cada um desses argumentos era irrefutável; os quatro juntos eram decisivos. Quando o escrivão "dissolveu a assembléia", eles foram para casa com os seus ânimos bem acalmados.

O propósito de Lucas, ao contar esse incidente, era claramente apologético ou político. Ele queria mostrar que Roma não tinha nenhuma acusação contra o cristianismo em geral ou Paulo em particular. Em Corinto, o procônsul Gálio havia se recusado até mesmo a ouvir a acusação dos judeus. Em Éfeso o escrivão deixou bem claro que a oposição era puramente emocional e que os cristãos, sendo inocentes, não precisavam temer os processos legais devidamente constituídos. Assim a imparcialidade de Gálio, a amizade dos asiarcas e o raciocínio do escrivão deram

liberdade para que o evangelho continuasse o seu curso vitorioso.

4. A estratégia de Paulo para a evangelização urbana

Apesar das óbvias diferenças culturais entre as cidades do primeiro século, dentro do Império Romano, e os grandes complexos urbanos de hoje, existem também algumas semelhanças. Podemos aprender, de Paulo em Corinto e Éfeso, importantes lições sobre o lugar, o método e o tempo da evangelização urbana.

a. Os locais seculares que ele escolheu

É verdade que tanto em Corinto como em Éfeso ele começou na sinagoga judaica; esse era o seu costume. Mas quando os judeus rejeitaram o evangelho, ele se retirou da sinagoga e foi para um edifício neutro. Em Corinto ele escolheu uma casa, a de Tício Justo, enquanto que em Éfeso ele alugou a escola de Tirano. E a maior parte de seu ministério evangelístico deu-se nesses locais seculares.

Hoje, ainda precisamos evangelizar os religiosos. O equivalente à sinagoga em nossa cultura é a igreja. É aqui que as Escrituras são lidas, são feitas as orações, os "tementes a Deus" se reúnem – pessoas que são atraídas mas não são comprometidas ainda. O evangelho deve ser pregado a eles. Mas não devemos limitar nossa evangelização aos religiosos, negligenciando os não-religiosos. Se as pessoas religiosas podem ser alcançadas em edifícios religiosos, as pessoas seculares precisam ser alcançadas em edifícios seculares! Paulo usou a casa de Tício Justo. Talvez o seu equivalente seja a evangelização nos lares; e o equivalente à escola de Tirano seja a evangelização através de palestras. Pessoas que nunca chegariam perto da porta de uma igreja aceitam o convite para vir ao lar, para ouvir uma conversa informal e participar de discussões livres, e existe um espaço importante para palestras cristãs apologéticas e/ou dissertativas na universidade local ou em algum outro lugar público, neutro.

b. A apresentação racional de Paulo

Lucas emprega vários verbos para descrever a pregação

evangelística de Paulo. Mas dois deles se destacam neste capítulo. Cada um aparece quatro vezes, quase igualmente divididos entre o seu ministério em Corinto e Éfeso. São os verbos "discorrer" (*dialegomai*) e "persuadir" (*peitho*). Em Corinto, "todos os sábados *discorria* na sinagoga, *persuadindo* tanto judeus, como gregos" (18:4). Então, os judeus reclamaram a Gálio, dizendo: "este *persuade os homens* ..." (18:13). Em Éfeso, Paulo falou ousadamente na sinagoga durante três meses, "*dissertando e persuadindo*, com respeito ao reino de Deus" (19:8), e depois de se retirar da sinagoga ele passou a "*discorrer* diariamente na escola de Tirano" (19:9). Assim, tanto no contexto religioso da sinagoga como no contexto secular da escola, Paulo combinou argumento com persuasão. Como resultado, Demétrio podia queixar-se de que "este Paulo tem *persuadido* ... muita gente ..." (19:26). Martin Hengel conjectura de modo plausível que as cartas de Paulo (especialmente Romanos e partes de 1 e 2 Coríntios) "contêm breves resumos de palestras e ... um sumário muito reduzido da essência do que Paulo ensinou durante aqueles anos na escola de Tirano".[63]

Esse vocabulário mostra que Paulo apresentava o evangelho de modo sério, bem estruturado e persuasivo. Ele acreditava na veracidade do evangelho e por isso não tinha medo de enfrentar as mentes de seus ouvintes. Ele não proclamou a mensagem como se dissesse simplesmente: "pega ou larga"; ele dispôs os argumentos para sustentar e demonstrar sua tese. Ele procurava convencer a fim de converter, e de fato, como Lucas deixa bem claro, muitos foram "persuadidos". Lucas indica também que Paulo usou o mesmo método em Corinto. O que ele renegou em Corinto[64] foi a sabedoria do mundo, não a sabedoria de Deus, e a retórica dos gregos, não o emprego de argumentos. É claro que os argumentos não substituem o Espírito Santo. Mas a confiança no Espírito Santo também não substitui os argumentos. Nunca se deve jogar um contra o outro, como se fossem excludentes. Não, o Espírito Santo é o Espírito da verdade, e ele não leva as pessoas à fé em Cristo apesar da evidência, mas por causa da evidência, quando ele lhes abre a mente para ouvi-la.

c. Os longos períodos de permanência

Lucas faz questão de nos dar os detalhes. Em Corinto, Paulo começou pregando na sinagoga a cada sábado, provavelmente por várias semanas ou meses, e então mudou-se para a casa de Tício

Justo e "ali permaneceu um ano e seis meses, ensinando ... a palavra de Deus" (18:11). Depois, ele permaneceu em Corinto "muitos dias" (18:18), de modo que provavelmente ficou cerca de dois anos na cidade. Em Éfeso ele começou com três meses na sinagoga e depois lecionou durante dois anos na escola de Tirano (19:8, 10). Já que ele ainda "permaneceu algum tempo na Ásia" (19:22), é compreensível que mais tarde ele tenha dito que o seu ministério em Éfeso durou "três anos" (20:31). Assim, permaneceu dois anos em Corinto e três em Éfeso, e em ambos os casos o seu ensino foi amplo e profundo.

O uso da escola de Tirano foi especialmente notável. O texto adotado diz que ele ensinou diariamente durante dois anos, mas o texto Bizantino acrescenta que ele o fazia "da hora quinta à décima", ou seja, das onze horas da manhã às quatro horas da tarde. Bruce Metzger entende que esse acréscimo "pode representar uma informação correta, preservada pela tradição oral antes de ser incorporada no texto de certos manuscritos".[65] De acordo com Ramsay, "a vida pública nas cidades jônicas se encerrava regularmente na quinta hora",[66] ou seja, às onze da manhã, começando ao nascer do sol e continuando durante o frescor da manhã. Mas às onze horas a cidade parava de trabalhar, não para uma refeição leve, mas para uma siesta prolongada! De acordo com Lake e Cadbury, "é bem provavel que à uma hora da tarde houvesse mais pessoas num sono pesado do que à uma da madrugada."[67] Mas Paulo não dormia durante o dia. Até às onze da manhã, ele trabalhava fazendo tendas e Tirano dava aulas. Às onze, porém, Tirano repousava, "a escola ficava desocupada",[68] e Paulo deixava o couro para trabalhar com palavras, durante cinco horas, parando apenas às quatro da tarde, quando toda a cidade reassumia o trabalho. Supondo que o apóstolo separava um dia da semana para cultuar e descansar, ele deve ter ensinado cinco horas por dia, seis dias por semana, durante dois anos, completando 3.120 horas de discussão evangelística! Não nos surpreende que Lucas afirme que "todos os habitantes da Ásia" ouviram a palavra do Senhor (19:10). Pois todas as estradas da Ásia convergiam para Éfeso, e todos os habitantes da Ásia visitavam Éfeso de tempos em tempos, para comprar ou vender, visitar um parente, freqüentar os banhos, ver os jogos no estádio, assistir a um drama no teatro, ou cultuar a deusa. E enquanto estavam em Éfeso, eles ouviam falar desse mestre cristão chamado Paulo, que falava e respondia perguntas durante cinco horas, todos os dias. Evidentemente,

muitos passaram por ali, ouviram e se converteram. Eles então voltavam às suas cidades e aldeias convertidos, nascidos de novo. Assim o evangelho deve ter-se espalhado até o vale do Lico e suas principais cidades: Colossos, Laodicéia e Hierápolis, que Epafras tinha visitado mas Paulo não,[69] e talvez as outras cinco das sete cidades de Apocalípse 2 e 3: Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia. Esta é uma ótima estratégia para as grandes universidades e capitais do mundo. Se o evangelho é exposto no centro da cidade, de forma racional, sistemática e profunda, os visitantes o ouvirão, o abraçarão e o levarão para às suas casas.

Quando comparamos a evangelização contemporânea com a de Paulo, logo transparece a sua superficialidade. A nossa evangelização tende a ser eclesiástica (convidando pessoas à igreja), enquanto que Paulo também levou o evangelho para o mundo secular; muito emocional (apelos para decisão sem uma base adequada de entendimento), enquanto Paulo ensinava, discutia e tentava persuadir; e muito superficial (organizando encontros breves e esperando resultados rápidos), enquanto Paulo permaneceu em Corinto e Éfeso durante cinco anos, semeando fielmente a semente do evangelho e colhendo a ceifa no tempo certo.

Notas:

1. *A Cidade do Homem*, Harvey Cox (Paz e Terra, 1971), p. 11.
2. Veja *World Population Trends and Policies: 1987 Monitoring Report*, United Nations Publications, 1988.
3. Alexander, II, p. xiii.
4. Ramsay em *HDB*.
5. Farrar, p. 315.
6. Barclay, p. 152.
7. 1 Co 2:2-3.
8. 1 Co 1:26ss.
9. Farrar, p. 315.
10. 1 Co 6:9ss.
11. 1 Co 2:2-3.
12. Rm 16:3-4.
13. 1 Co 16:9. Para ver outras referências a Áqüila e Priscila, procure Rm 16:3 e 2 Tm 4:19.
14. *TDNT*, vol. VII, p. 393.
15. E.g. Gl 6:6; 1 Co 9:4ss.
16. 1 Ts 2:9; 2 Ts 3:8; 2 Co 12:13.
17. 1 Co 9:15ss.; 2 Co 11:7ss.

18. *Today's Tentmakers*, de J. Christy Wilson (Tyndale, USA, 1979).
19. 1 Ts 3:2.
20. 1 Ts 3:6.
21. Cf. Fp 4:1ss. e 2 Co 11:8-9.
22. Bruce, *English*, p. 371.
23. Veja Ez 33:1ss.
24. Marshall, *Atos*, p. 278.
25. Jo 10:16.
26. Longenecker, *Acts*, p. 486.
27. Neil, p. 197.
28. Bruce, *English*, p. 374.
29. Longenecker, *Acts*, p. 486.
30. Veja também 1 Co 1:1.
31. Nm 6:1ss.
32. Marshall, *Atos*, p. 282.
33. Ramsay, *St. Paul*, p. 263.
34. *Ibid.*, 264.
35. Lc 3:1ss.
36. Lc 16:16.
37. Bruce, *English*, p. 382.
38. 1 Co 3:6.
39. Green, *I Believe in the Holy Spirit*, p. 135.
40. Cf. Gl 3:2.
41. Cf. At 9:2; 19:23; 22:4; 24:14, 22.
42. Williams, p. 122. É interessante que o hinduísmo, budismo, taoísmo, judaísmo e o islamismo usem, todos eles, em graus diferentes, a imagem do "caminho" ou da "trilha". Na Bíblia também somos confrontados com dois caminhos entre os quais precisamos escolher, geralmente entre a vida e a morte (Dt 30:19ss.; Sl 1; Ec 2; Mt 7:13-14). A comunidade de Qumran também conhecia essa alternativa. Mas as seis ocorrências de Atos não recebem complemento. A origem desse uso absoluto não é conhecida. Pode remontar a Jesus que afirmava ser o único caminho que leva ao Pai (Jo 14:6; *cf.* At 4:12; 16:17) ou pode estar declarando que seguir a Cristo é uma viagem singularmente arrojada.
43. Bruce, *English*, p. 388, nota 18.
44. *Ibid.*, p. 389.
45. E.g. 2 Co 12;12; Rm 15:19.
46. Lc 8:43-44.
47. Alexander, II, p. 200.
48. Veja At 24:17; Rm 15:25ss.; 1 Co 16:1-8; 2 Co 8 - 9.
49. Rm 15:24, 28.
50. Bruce, *English*, p. 394.
51. Bengel, p. 681.
52. 1 Co 16:8-9.
53. Haenchen, p. 576.
54. Marshall, *Atos*, p. 298-300.
55. *HDB*, p. 723.

56. Neil, p. 207.
57. Morton, p. 327.
58. Sherwin-White, p. 90.
59. Haenchen, p. 578.
60. Sherwin-White, p. 83.
61. *Ibid.*, p. 86.
62. *Ibid.*, p. 87.
63. Hengel, p. 11.
64. Veja I Co 1 e 2.
65. Metzger, p. 470.
66. Ramsay, *St Paul*, p. 271.
67. *BC*, IV, p. 239.
68. *Ibid.*
69. Cl 1:7; 2.1; 4:12-13.

Atos 20:1 - 21:17
15. Ainda em Éfeso

Agora Lucas narra como Paulo deixou Éfeso (20:1), tendo passado quase três anos ali durante sua terceira viagem missionária, e depois foi de cidade em cidade, até finalmente chegar a Jerusalém (21:17). É verdade que Lucas nos segreda que Paulo pretendia seguir para Roma, depois de visitar Jerusalém (19:21). Mesmo assim, naquele momento, Jerusalém ocupava sua atenção.

De fato, é difícil repelir a conclusão de que Lucas vê um paralelo entre a viagem de Jesus para Jerusalém, destacada em sua primeira obra, e a viagem de Paulo para Jerusalém, descrita neste volume. É claro que a semelhança está longe de ser exata, e a missão de Jesus era única; mas a correspondência entre as duas viagens é grande demais para ser coincidência. (i) Assim como Jesus, Paulo viajou para Jerusalém com um grupo de discípulos (20:4ss.).[1] (ii) Assim como Jesus, ele sofreu a oposição de judeus hostis que conspiraram contra sua vida (20:3,19).[2] (iii) Assim como Jesus, ele fez ou recebeu três profecias sucessivas sobre sua "paixão" ou seus sofrimentos (20:22-23; 21:4,11) incluindo a sua entrega aos gentios (21:11).[4] (iv) Assim como Jesus, ele declarou sua disposição de entregar a vida (20:24; 21:13).[5] (v) Assim como Jesus, ele estava determinado a completar o seu ministério, sem se desviar dele (20:24; 21:13).[6] (vi) Assim como Jesus, ele expressou sua entrega à vontade de Deus (21:14).[7] Mesmo que não possa insistir em alguns desses detalhes, Lucas certamente quer que seus leitores vejam que Paulo está seguindo os passos de seu Mestre que "manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém".[8]

Cessado o tumulto (v. 1) e reestabelecida a ordem pública na cidade de Éfeso, *Paulo mandou chamar os discípulos* para que viessem até ele (ainda estaria escondido?) *e, tendo-os confortado, despediu-se.* Imagino que o seu encorajamento assumiu a forma de

uma exortação parecida com a que ele daria mais tarde aos seus pastores em Mileto (20:17ss.). Ele deve ter insistido em que permanecessem leais a Cristo apesar da perseguição contínua, para que andassem "de modo digno da vocação" a que tinham sido chamados, como o novo povo santo de Deus.[9] Então *partiu para a Macedônia*, com a intenção de alcançar Timóteo e Erasto, a quem ele tinha enviado antes (19:22). Seja por mar seja por terra, ele deve ter ido em direção ao norte, e parece que sua primeira parada importante foi Trôade. Paulo esperava "pregar o evangelho de Cristo" naquela cidade e, de fato, "uma porta se abriu" para ele.[10] Infelizmente, porém, Paulo não pôde explorar essa oportunidade. Pois ele também esperava encontrar Tito, a quem havia enviado recentemente para Corinto em uma missão importante. Mas Tito não estava lá para encontrá-lo, e assim, por não ter "tranqüilidade no seu espírito", em vez de ficar em Trôade para evangelizar, "partiu para a Macedônia".[11] Foi mais tarde, provavelmente em Filipos, que Paulo finalmente se encontrou com Tito e sua ansiedade transformou-se em alegria.[12] As boas notícias trazidas por Tito, juntamente com outras informações, levaram Paulo a escrever a Segunda Carta aos Coríntios (que, na verdade, foi a quarta).

1. Paulo na Grécia do Sul e do Norte (20:2-6)

Dessa vez, Paulo *atravessou aquelas terras* (v. 2a). Provavelmente gastou alguns meses revisitando as igrejas da Macedônia fundadas durante sua segunda viagem missionária: Filipos, Tessalônica e Beréia. Lucas descreve o ministério de Paulo, dizendo que ele fortaleceu aquelas igrejas *com muitas exortações*. A palavra é *paraklesis* (o substantivo é derivado do verbo *parakaleo* no versículo 1) e possui uma gama de significados que vai de apelo e pedido a conforto e consolo, passando por exortação e encorajamento. Esse é um ministério vital no estabelecimento de discípulos cristãos, e a maneira principal de exercê-lo é usar, literalmente, "muita palavra". Não há nada como a palavra de Deus para encorajar e fortalecer o povo de Deus. É também provável que durante esse período Paulo tenha viajado mais para oeste do que fizera previamente, seguindo a *Via Egnácia*, chegando até o Ilírico, na costa adriática, ao norte da Macedônia.[13]

Depois dessas viagens macedônicas, Paulo finalmente *dirigiu-se para a Grécia* (v. 2b), *onde*, provavelmente em Corinto, ele *se*

demorou três meses (v. 3a). Muita coisa acontecera em seu relacionamento com a igreja de Corinto desde sua primeira visita descrita por Lucas. Nesse meio tempo, ele lhes escreveu quatro cartas, e até lhes prestou uma visita (a chamada "visita dolorosa" de 2 Co 2:1, que Lucas não menciona). Assim ele deveria ter muito assunto para conversar com os líderes da igreja, tanto no campo da doutrina como da ética. Também sabemos que ele completou os preparativos para a coleta da oferta dos coríntios destinada às igrejas da Judéia.[14] Além disso, foi durante essa visita a Corinto que Paulo escreveu seu principal manifesto de fé e vida cristã, a sua Carta aos Romanos. Em Romanos 15, ele diz: "desde Jerusalém e circunvizinhanças, até ao Ilírico tenho divulgado o evangelho de Cristo". E, como resultado disso "não tendo já campo" para trabalhar "nestas regiões", desejava visitar Roma e seguir para a Espanha.[15]

É bem provável que Paulo tenha passado os três meses de inverno em Corinto, enquanto esperava pela primavera que abria a navegação em alto mar. Sua intenção era *embarcar* diretamente *rumo à Síria*, assim como fizera depois de sua primeira visita (18:18). Mas quando estava para embarcar, ouviu que *havia uma conspiração por parte dos judeus contra ele*. Ramsay imagina a situação: "Provavelmente, Paulo pretendia embarcar num navio de peregrinos que levava judeus da Acaia e da Ásia para a Páscoa ... Com o navio cheio de judeus hostis, seria fácil encontrar uma oportunidade para matar Paulo" [16] e jogar seu corpo no mar. Assim Paulo mudou seus planos no último instante e *determinou voltar pela Macedônia* (v. 3). O texto Bizantino acrescenta que "o Espírito lhe ordenou" que fizesse isso. Mesmo assim, a decisão foi dele; os dois não são incompatíveis.

Lucas interrompe sua narrativa neste ponto, para nos dizer quem eram os companheiros de Paulo. Vale a pena notar que Paulo dificilmente viajava sozinho e que, nessas ocasiões, expressava seu anseio por companhia humana, por exemplo em Atenas[17] e na sua prisão final em Roma.[18] É durante as viagens missionárias que fica mais evidente a sua preferência pelo trabalho em equipe. Na primeira, ele foi acompanhado por Barnabé e João Marcos (até o último desertar), na segunda, por Silas e, mais tarde, Timóteo, depois Lucas, e agora, no final da terceira, Lucas nos fornece uma lista dos amigos de Paulo. *Acompanharam-no Sópatro* (talvez o mesmo Sosípatro de Romanos 16:21, que é designado como um dos "parentes" de Paulo) *de Beréia, filho de Pirro;*

Aristarco (19:29; 27:2) *e Secundo, de Tessalônica; Gaio de Derbe* (provavelmente o mesmo de 19:29, onde uma leitura indica que apenas Aristarco era macedônio, e Gaio não), *e Timóteo; bem como Tíquico e Trófimo, da Ásia.* Trófimo era de Éfeso;[19] e, talvez, também Tíquico.[20] Na maioria dos casos, Lucas fornece as cidades de origem juntamente com o nome das pessoas, a fim de identificá-los com exatidão e também (provavelmente) para indicar como eles representavam as diferentes regiões que estavam participando da coleta. Assim, a Macedônia era representada por Sópatro (Beréia), Aristarco e Secundo (Tessalônica), e talvez pelo próprio Lucas (Filipos); a Galácia por Gaio (Derbe) e Timóteo (Listra); e a Ásia por Tíquico e Trófimo (Éfeso). Acaia está ausente, mas pode ter sido representada pelo próprio Paulo e/ou por Tito,[21] que, de acordo com as conjecturas de Ramsay, era parente de Lucas.[22] Isto significaria que a comitiva de Paulo era formada por pelo menos nove homens.

Lucas não menciona a oferta em conexão com eles, mas, com certeza, isso estava em sua mente. Em nossas mentes, quando pensamos sobre os companheiros de Paulo, deve estar o testemunho triplo dado por eles. O primeiro está relacionado ao crescimento, à união, e até mesmo (poderíamos dizer) à "catolicidade" da igreja. Os líderes cristãos do interior e do litoral da Ásia Menor, de ambos os lados do mar Egeu, do norte e do sul da Grécia, sabem que eles pertencem à mesma igreja e, portanto, trabalham juntos na mesma causa. Em segundo lugar, eles testemunharam da fecundidade das expedições missionárias de Paulo, pois Derbe e Listra foram evangelizadas durante a primeira delas, Beréia e Tessalônica durante a segunda, e Éfeso durante a terceira. Todos os nove homens devem ter sido frutos das missões. Mas eles se tornaram agentes da missão. Pois, em terceiro lugar, eles deram evidência da preocupação missionária das jovens comunidades cristãs, que abriram mão de alguns de seus melhores líderes locais para que eles exercessem um ministério e testemunho mais amplo na igreja de Cristo.

Lendo nas entrelinhas da narrativa condensada de Lucas, parece que Paulo e seus companheiros deixaram Corinto juntos e chegaram a Filipos juntos. Foi aqui, talvez, e não antes, que Lucas se uniu ao grupo (já que a última seção em primeira pessoa do plural terminou nesta cidade, 16:12, e a próxima seção começa agora em 20:5). Aqui, também, o grupo aparentemente se dividiu em dois. *Estes*, pelos menos sete ou oito deles, *nos precederam,*

esperando-nos em Trôade (v. 5). Mas nós (apenas Paulo e Lucas?) *navegamos de Filipos*, isto é, de seu porto, Neápolis (16:11), apenas *depois dos dias dos pães asmos*. É provável que isso seja uma nota puramente cronológica. Ele também não está dizendo claramente que Paulo celebrou a Páscoa em Filipos porque foi forçado a desistir do seu desejo de festejá-la em Jerusalém. Será que podemos ter a certeza de que ele continuou a observar as festas judaicas, mesmo que, por um motivo pessoal, quisesse chegar em Jerusalém em tempo para o Pentecoste (20:16)? Eu prefiro a explicação de Howard Marshall: "É provável que celebrasse a Páscoa cristã com a igreja em Filipos (1 Co 5:7-8)."[23] Em todo caso, só deixaram a cidade após a festa, e *em cinco dias*, foram *ter com eles naquele porto (Trôade)*. E devem ter encontrado um vento contrário pois, na ida, a viagem só tinha levado dois dias (16:11). Uma vez em Trôade, porém, eles ali passaram *uma semana* (v. 6).

2. Uma semana em Trôade (20:7-12)

Lucas relata apenas um acontecimento durante essa semana em Trôade: o sono, a queda, a morte e a ressurreição dramática de um jovem chamado Êutico. Mas a história também é instrutiva na área do culto cristão primitivo, porque aconteceu no contexto de um culto.

a. A morte e ressurreição de Êutico

No primeiro dia da semana, eles se reuniram *com o fim de partir o pão* (v. 7a). A interpretação desse "primeiro dia" depende da maneira como pensamos que Lucas contava o dia: como os judeus (a partir do pôr do sol) ou como os romanos (a partir da meia-noite). Alguns optaram pela primeira interpretação, traduzindo "no sábado à noite". E, com certeza, o texto Bizantino de 19:9 "da quinta à décima hora" (11h às 16h) é uma contagem judaica, com o dia começando às seis da manhã. Mas aqui Lucas segue a contagem romana, pois o "romper da alva" do versículo 11 já se refere ao dia seguinte em relação ao versículo 7. F. F. Bruce tem toda razão, portanto, quando afirma que a referência de Lucas ao "primeiro dia da semana", i.e. domingo, "é a evidência inequívoca mais primitiva que temos da prática cristã de reunir-se para a adoração nesse dia".[24] E mais, o propósito da reunião era "partir o pão", que Lucas entendia como a ceia do Senhor no contexto de

uma refeição comunitária, como no cenáculo em Jerusalém.[25] Além disso, *Paulo, que devia seguir de viagem no dia imediato, exortava-os e prolongou o discurso até à meia-noite* (v. 7b).

O próprio Lucas estava presente ("estando nós reunidos", v. 7, e "onde estávamos reunidos", v. 8), podendo assim fornecer vários detalhes que nos ajudam a visualizar a cena. Em primeiro lugar, era uma reunião vespertina, pois se a palestra de Paulo terminou à meia-noite, dificilmente poderia ter começado ao meio-dia! Não, provavelmente, a reunião começou ao pôr-do-sol, com o povo se congregando para a adoração depois de um dia de trabalho. Em segundo lugar, a reunião se realizou numa casa particular, no cenáculo (v. 8), no terceiro andar (v. 9). Em terceiro lugar, *Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos* (v. 8), fazendo com que o ambiente se tornasse abafado, com muito óleo no ar, até mesmo para *Êutico que estava sentado numa janela* (v. 9a) que, por não ser envidraçada, lhe fornecia um pouco de ar fresco para respirar. Em quarto lugar, apesar de Êutico ser chamado de *neanias*, "jovem", no versículo 9, no versículo 12 ele é apenas um *pais*, "rapaz", palavra que normalmente se refere à idade entre oito e catorze anos. Em quinto lugar, Lucas não quer que culpemos o rapaz por adormecer durante o sermão, pois temos a impressão de que ele lutou muito tempo contra o sono. Para começar, ele adormeceu aos poucos, ou melhor, "foi ficando sonolento" (o tempo presente descreve uma ação progressiva) e só *durante o discurso prolongado de Paulo* é que ele, *vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo, e foi levantado morto* (v. 9b). A tradução "foi levantado como morto", indicando que talvez não estivesse realmente morto, é definitivamente errada. Lucas declara que ele estava morto; como médico ele podia garantir isso.

Podemos imaginar a confusão que se instalou, com todo o mundo tentando descer correndo. Imediatamente, Paulo interrompeu o seu sermão e desceu. Então, seguindo, com certeza, o precedente estabelecido por Elias com o filho da viúva de Sarepta[26] e por Eliseu com o filho da mulher sunamita,[27] *inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a vida nele está* (v. 10). Paulo não estava afirmando que o rapaz continuava vivo, apesar da queda desastrosa, mas que ele retornava à vida, como resultado do seu abraço. Então Paulo, *subindo de novo, partiu o pão e comeu*, participando da ceia do Senhor e da refeição comunitária que, evidentemente, não fora servida antes. Paulo também retomou o seu sermão e *falou largamente até o romper da alva. Assim*

partiu (v. 11). Enquanto isso, (os parentes e amigos, supõe-se) *conduziram vivo o rapaz e sentiram-se grandemente confortadados* (v. 12).

b. Alguns princípios de culto cristão

Aquela reunião realizada em Trôade, séculos atrás, pode nos ensinar algo sobre o culto cristão? Seremos sábios se tomarmos muito cuidado ao responder essa pergunta, pois o relato de Lucas é puramente descritivo, e não deve ser visto como uma prescrição. Portanto, não podemos ser simplistas, copiando o que aconteceu (e.g. fazer a reunião em uma casa, no terceiro andar, ao pôr-do-sol, usar lâmpadas de óleo como iluminação e ouvir um sermão excessivamente longo) ou omitindo o que não é mencionado (e.g. orações, salmos, hinos e leitura das Escrituras). Mesmo assim, a história parece conter alguns princípios de culto público que são reforçados pelo ensino de outras passagens bíblicas e podem ser aplicados a nós hoje.

Em primeiro lugar, os discípulos se encontraram no dia do Senhor para a ceia do Senhor. Pelo menos o versículo 7 parece ser uma descrição de uma prática normal, regular, da igreja em Trôade. E há evidências de que, desde o princípio, a eucaristia, como a celebração da morte do Senhor ressurreto, tornou-se a parte central do culto de domingo, dentro do contexto de um *agape*, isto é, uma "festa de amor" ou refeição comunitária.

Em segundo lugar, além da ceia havia um sermão, aliás um sermão muito prolongado, pois sua primeira parte durou desde o pôr-do-sol até à meia-noite (v. 7), e a segunda, da meia-noite ao nascer do sol (v. 11). Não devemos assumir que a mensagem de Paulo tenha sido um simples monólogo, já que Lucas emprega o verbo *dialegomai* duas vezes (vs. 7, 9), que implica discussão, talvez em forma de perguntas e respostas. A outra palavra que ele usa é *homileo* (v. 11), traduzido também como "falar largamente" (ERC) ou "falar muito tempo" (BLH). É evidente que o discurso de Paulo era muito mais livre e aberto do que um sermão formal. Mas, no mínimo, o apóstolo levava a sério sua responsabilidade de ensinar. E nós deveríamos imitá-lo. "Não há nenhuma indicação de que Paulo considerou o incidente como uma repreensão por causa de sua prolixidade."[28] E já que não há apóstolos vivos comparáveis a Paulo para nos ensinar, precisamos ouvir o ensino dos apóstolos de Cristo como é apresentado no Novo Testamento.

Logo nos primeiros dias, as igrejas locais começaram a organizar suas próprias coleções de memórias e cartas dos apóstolos, e obedeceram à injunção apostólica, muitas vezes repetida, de lê-las na reunião pública juntamente com a lei e os profetas.[29]

Assim, em terceiro lugar, a igreja de Trôade foi ministrada com uma combinação de palavra e sacramento, e a igreja universal segue esse exemplo desde então. Pois existem duas maneiras de Deus falar com o seu povo através de sua Palavra: quando esta é lida e exposta através das Escrituras e quando é dramatizada nos dois sacramentos do evangelho: o batismo e a ceia do Senhor. Talvez "palavra e sacramento" não seja a melhor expressão, ou a mais exata, apesar de ser comum. Pois, a rigor, de acordo com Agostinho, o sacramento em si é uma palavra, uma "palavra visível". Acima de tudo, o que mais edifica a igreja é o ministério da palavra de Deus através das Escrituras e sacramentos (esta é a expressão correta), de modo audível e visível, em forma de declaração e em drama.

3. Uma viagem costeira até Mileto (20:13-16)

Este próximo parágrafo da narrativa de Lucas (apenas quatro versículos) é um relato rápido da viagem de Paulo de Trôade (onde falou à igreja local) para Mileto (onde falou aos pastores da igreja de Éfeso). Lucas nos conta que Paulo "não queria demorar-se" (v. 16); ficamos com a impressão de que Lucas também estava com pressa. Ele menciona quatro portos, no continente ou em ilhas, em que Paulo e seus companheiros pararam (Assôs, Mitilene, Quios e Samos) após deixarem Trôade, antes de chegarem a Mileto. A seção escrita na primeira pessoa do plural, que começou no versículo 5, continua, de modo que Lucas deve estar se baseando em seu próprio diário. O navio evidentemente navegava durante o dia e atracava durante a noite. "A razão", explica Ramsay, "é o vento". No Egeu, durante o verão, "ele normalmente sopra do norte, começando bem cedo de manhã". Então, "no fim da tarde ele se esvanece", e "ao pôr-do-sol há uma calmaria total."[30]

Deixando Trôade, Lucas escreve, *prosseguindo, embarcamos e navegamos para Assôs*, um porto no continente asiático, a cerca de sessenta e cinco quilômetros ao sul de Trôade, *onde devíamos receber a Paulo, porque assim nos fora determinado, devendo ele ir por terra* (v. 13). Lucas nos conta dois fatos, sem explicá-los. Primeiro,

Paulo enviou os companheiros à sua frente. Será que ele adiou a viagem para se certificar de que Êutico não apenas vivia, mas estava bem? É apenas um palpite. Em segundo lugar, Paulo arranjou para que seus companheiros viajassem por mar e ele próprio fosse por terra até Assôs. Uma viagem pela estrada costeira seria mais rápida do que uma viagem por mar, contornando o cabo. Mas por que ele queria ficar sozinho? Será que este era o verdadeiro início de sua viagem para Jerusalém? Sabemos que ele ansiava que fosse guardado dos rebeldes da Judéia e que sua oferta fosse aceita pelos santos de Jerusalém, pois ele pediu aos cristãos de Roma que orassem exatamente por isso.[31] Talvez sejam esses assuntos que ocuparam os seus pensamentos e suas orações durante a caminhada solitária de Trôade até Assôs. Mas, de novo, é só um palpite.

Quando se reuniu conosco em Assôs, o encontro marcado com antecedência, *recebemo-lo a bordo e fomos a Mitilene* (v. 14), que era a principal cidade da ilha de Lesbos, e se encontrava na sua costa sudeste. *Dali, navegando, no dia seguinte passamos defronte de Quios* (v. 15a), isto é, ancoraram num porto do continente, em frente à ilha de Quios. *No dia imediato tocamos em Samos*, uma ilha a oeste de Éfeso, e, "depois de permanecer em Trogília" (de acordo com o texto Bizantino), um promontório na entrada do golfo, *um dia depois chegamos a Mileto* (v. 15b), um porto continental, situado na desembocadura do rio Meandro. *Paulo já havia determinado não aportar em Éfeso*, e de fato não fizeram isso para chegar a Mileto, porque ele não queria *demorar-se na Ásia*, considerando impossível fazer uma visita rápida, *porquanto se apressava com o intuito de passar o dia de Pentecoste em Jerusalém, caso lhe fosse possível* (v. 16).

4. Paulo fala com os presbíteros de Éfeso (20:17-38)

De Mileto mandou a Éfeso chamar os presbíteros da igreja (v. 17). Em linha reta, Éfeso ficava a apenas quarenta e oito quilômetros de Mileto, ao norte, mas a estrada um tanto quanto sinuosa era bem mais longa. O mensageiro deve ter levado uns três dias para lá chegar e trazer os presbíteros até Mileto. Mas eles chegaram no devido tempo.

a. Algumas notas introdutórias

Antes de podermos estudar o texto da palestra de Paulo aos

presbíteros de Éfeso, são necessárias algumas notas introdutórias. Em primeiro lugar, entre os discursos registrados em Atos, este é o único dirigido a um público cristão. Todos os outros são sermões evangelísticos, pregados para o povo judeu (2:14ss.; 14:14ss.; 17:22ss.) ou gentio (10:34ss.; 14:14ss.; 17:22ss.), ou defesas legais, diante do Sinédrio nos primeiros dias da igreja (4.8ss.; 5:29ss.; 7:1ss.) ou as cinco palestras diante das autoridades judaicas e romanas que vêm no final do livro (caps. 22 - 26).

Em segundo lugar, os líderes são chamados de "presbíteros" (v. 17), "bispos" (v. 28a) e "pastores" (v. 28b), e é evidente que esses termos se referem às mesmas pessoas. "Pastores" é o termo genérico que descreve a função. Em nossos dias, quando há muita confusão sobre a natureza e o propósito do ministério pastoral, e se questiona muito se os clérigos são, em princípio, assistentes sociais, psicoterapeutas, educadores, facilitadores ou administradores, é importante reabilitarmos a nobre palavra "pastores", que são as pessoas chamadas para guardar, alimentar e proteger o rebanho de Cristo. Essa responsabilidade pastoral pela congregação local parece ter sido partilhada entre diáconos (numa função de apoio)[32] e pelos chamados *presbyteroi* (presbíteros), uma palavra emprestada da sinagoga judaica, ou *episkopoi* (supervisores), uma palavra emprestada do contexto grego. Estes são, muitas vezes, chamados "presbíteros-bispos", para indicar que, durante o período apostólico, os dois títulos se referiam ao mesmo ofício. Naquela época só havia "presbíteros-bispos".[33] Aqueles que pertencem a igreja episcopal (aqui me incluo) e acreditam que é possível defender uma ordem tríplice (bispos, presbíteros e diáconos), partindo das Escrituras, não baseiam o seu argumento na palavra *episkopoi*, mas em pessoas como Timóteo e Tito que, apesar de não serem chamados de "bispos", tinham jurisdição sobre várias igrejas e tinham autoridade para escolher e ordenar os seus presbíteros-bispos e diáconos.

Em terceiro lugar, é evidente que a igreja de Éfeso possuía uma equipe de presbíteros-bispos (*presbyteroi*, no v. 17, e *episkopoi*, no v. 28, estão no plural). Da mesma forma, vimos que Paulo escolheu "presbíteros" em cada igreja da Galácia (14:23) e depois instruiu Tito a fazer o mesmo em Creta.[34] Não há defesa bíblica para um *one-man-band* (um único pastor tocando, sozinho, todos os instrumentos da orquestra) ou para uma estrutura hierárquica ou piramidal na igreja local (um único pastor empoleirado no cume

da pirâmide). Nem sabemos se cada um dos presbíteros era responsável por uma igreja-no-lar. É melhor vê-los como uma equipe, alguns, talvez, encarregados da supervisão dessas igrejas-nos-lares, mas outros com ministérios específicos de acordo com os seus dons, e todos eles participando do cuidado pastoral pelo rebanho de Cristo. Precisamos recuperar esse conceito de equipe pastoral na igreja.

Em quarto lugar, Lucas estava presente e ouviu essa palestra (veja o "nós" em 21:1). Talvez William Neil esteja correto em sugerir que "Lucas pode ter tomado notas na ocasião".[35] Com certeza, esse discurso possui um autêntico sabor paulino. O que impressiona muitos estudantes é a semelhança entre essa palestra e as cartas de Paulo, em termos de vocabulário e conteúdo. Os assuntos de suas cartas também mencionados nesta palestra são: a graça de Deus (vs. 24,32), o reino de Deus (v. 25), o propósito (boule) de Deus (v. 27), o sangue remidor de Cristo (v. 28), o arrependimento e a fé (v. 21), a igreja de Deus e a sua edificação (vs.28, 32), a inevitabilidade do sofrimento (vs. 23-24), o perigo dos falsos mestres (vs. 29-30), a necessidade da vigilância (vs. 28, 31), a carreira cristã (v. 24) e a nossa herança final (v. 32).

b. A mensagem da palestra de Paulo

Pode ser útil dividir a palestra em três partes, relacionadas ao passado, ao futuro e ao presente.

(i) O seu ministério em Éfeso (20:18b-21)

Vós bem sabeis como foi que me conduzi entre vós em todo o tempo desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, [19]servindo ao Senhor com toda a humildade, lágrimas e provações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; [20]jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus [Cristo].

Vós bem sabeis como foi que me conduzi, ele diz (v. 18b). E, mais tarde, diz: "Vós mesmos sabeis" (v. 34). Essa ênfase repetida no fato de eles o conhecerem faz lembrar 1 Tessalonicenses 2, onde escreveu:

"Vós, irmãos, sabeis (v. 1) ... como é do vosso conhecimento (v. 2) ... como sabeis (v. 5) ... vos recordais (v. 9) ... sois testemunhas (v. 10) ... sabeis (v. 11) ... " Uma campanha de difamação maldosa fora lançada contra Paulo em Tessalônica. Seus opositores o acusavam de insinceridade pelo fato de ele ter sido obrigado a fugir da cidade à noite, às escondidas, e não ter voltado. Algo semelhante parece ter acontecido em Éfeso durante o período de cerca de um ano, desde que deixara a cidade. Assim, Paulo precisava defender a sinceridade de seus motivos e, como em Tessalônica, ele o fez lembrando-lhes de sua visita. Eles sabiam como ele vivera durante todo o tempo em que estivera ali, do início ao fim. Paulo apelou à memória deles, especialmente em relação a quatro aspectos de seu ministério – sua humildade (falando, talvez, das suas humilhações), suas lágrimas, suas provações por causa das "ciladas dos judeus"(v. 19) e seu ministério fiel de pregação e ensino em público e nas casas, em que se concentrou na necessidade de os judeus e os gentios se arrependerem e crerem no Senhor Jesus.

(ii) Seus sofrimentos futuros (20:22-27)

E agora, constrangido em meu espírito, vou para Jerusalém, não sabendo
o que ali me acontecerá, [23]senão que o Espírito Santo, de cidade em cidade,
me assegura que me esperam cadeias e tribulações. [24]Porém, em nada
considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a
minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar
o evangelho da graça de Deus.
[25]Agora eu sei que todos vós, em cujo meio passei pregando o reino, não
vereis mais o meu rosto. [26]Portanto eu vos protesto, no dia de hoje, que
estou limpo do sangue de todos; [27]porque jamais deixei de vos anunciar
todo o desígnio de Deus.

Nesta parte, Lucas substitui o "sabeis ... sabeis ...", da parte anterior, pelo "sei (v. 23) ... sei (v. 25) ... sei (v. 29) ...". Pois agora ele deixa o passado, que eles conheciam, e fala do futuro que o Espírito Santo estava lhe ensinando e que agora compartilhava com eles. O mesmo Espírito que, em cada cidade, lhe avisa (talvez através de profetas) sobre cadeias e tribulações (v. 23), compele-o, apesar disso, a continuar viajando para Jerusalém (v. 22). A sua

maior preocupação não é sobreviver a todo custo, mas terminar sua carreira e completar a tarefa recebida de Cristo: testemunhar o evangelho da graça de Deus (v. 24). E Paulo sabe mais que isso. Os seus olhos proféticos transpõem Jerusalém e os sofrimentos pelos quais passará naquele lugar e vêem as suas visitas missionárias a Roma e Espanha, com que continua sonhando.[36] Essa deve ser a razão de Paulo ter tanta certeza de que não verá nenhum deles novamente (v. 25). Esse fato acrescenta um desfecho comovente à ocasião. Paulo declara solenemente que, assim como Ezequiel,[37] ele está limpo do sangue de todos (v. 26). A sua consciência está tranqüila. Ele não deixou de lhes proclamar todo o propósito de Deus na salvação (v. 27). Portanto, não pode ser considerado responsável, caso um deles pereça.

(iii) Sua exortação aos presbíteros (20:28-35)

Depois de rever seu ministério em Éfeso (que eles conhecem) e prever a separação e os sofrimentos que estão para lhe sobrevir (que ele conhece), Paulo agora lhes dá o seu último encargo. O passado e o futuro, juntos, vão modelar o ministério presente deles. Em essência, ele clama por vigilância. "Atendei" (v. 28) ... "vigiai" (v. 31).

Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. [29]*Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes que não pouparão o rebanho.* [30]*E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.* [31]*Portanto, vigiai, lembrando-vos de que por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um.*

[32]*Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados.* [33]*De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes;* [34]*vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo.* [35]*Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber.*

Notamos que os pastores efésios devem primeiro vigiar a si mesmos, e só depois ao rebanho que lhes foi confiado pelo Espírito Santo. Pois eles não podem dar um cuidado adequado aos outros se negligenciam o cuidado e a instrução de suas próprias almas. Eles devem "pastorear" a igreja de Deus; *poimaino*, em termos gerais, significa "cuidar" de um rebanho e, em específico, "levar um rebanho ao pasto para alimentá-lo". Essa é a primeira tarefa dos pastores. "Não apascentarão os pastores as ovelhas ?"[38] E se os pastores se lembrarem que seu rebanho é *a igreja de Deus, a qual ele comprou como o seu próprio sangue*, então, serão mais diligentes em seu ministério. O conceito surpreendente de Deus possuir e derramar sangue, apesar de os Pais da igreja, Inácio e Tertuliano, terem falado sobre isso, parece ter levado alguns escribas a escreverem "a igreja do Senhor", falando do Senhor Jesus. Mas essa expressão não ocorre em nenhum outro lugar do Novo Testamento, enquanto que "a igreja de Deus" é uma expressão paulina comum. Portanto ela deve ser mantida. Então, o resto do versículo deveria ser traduzido "que ele comprou com o sangue do seu Próprio".[39] Este sentido de *idios* ("próprio"), escreve F. F. Bruce, "é bem atestado pelos papiros, onde é 'usado desse modo, como termo carinhoso em referência a parentes próximos' ".[40]

O segundo motivo para estarem atentos são os lobos. Ou seja: Paulo sabe que os falsos mestres entrarão e devastarão o rebanho após a sua partida (v. 29). Alguns deles surgirão até de dentro da igreja. Distorcendo a verdade, eles induzirão as pessoas a negá-la para segui-los (v. 30). Assim, os pastores efésios precisam estar atentos, como Paulo sempre advertia quando estava entre eles (v. 31). Basta ler as duas Cartas a Timóteo e a Carta a Eféso em Apocalipse 2:1ss. para saber que o fato predito por Paulo realmente aconteceu. Talvez fosse diferente se os pastores tivessem sido mais vigilantes.

Depois de exortar os presbíteros efésios para que estivessem atentos consigo mesmos e contra os lobos, o apóstolo passa a encomendá-los a Deus e à sua palavra da graça (v. 32). Então, de repente, como que para reforçar o seu apelo e recomendação, ele lhes lembra novamente o seu exemplo. Assim como Samuel em seu discurso de despedida, Paulo declara que não cobiçou o dinheiro e a roupa de ninguém (v. 33). Pelo contrário, ele sustentou a si mesmo e a seus companheiros. Podemos imaginar

o seu gesto quando se referiu a "estas mãos" (v. 34). E, através de seu duro trabalho manual, ele exemplificou a verdade de um provérbio de Jesus que, se não fosse por ele, seria desconhecido: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (v. 35).

c. A despedida (20:26-38)

Tendo dito estas coisas, ajoelhando-se, orou com todos eles. [37]*Então houve grande pranto entre todos e, abraçando afetuosamente a Paulo, o beijavam,* [38]*entristecidos especialmente pela palavra que ele dissera, que não mais veriam o seu rosto. E acompanharam-no até ao navio.*

d. Os ideais do ministério pastoral

É bom notar que, ao desenvolver a metáfora pastoral, Paulo descreveu o seu próprio ministério (como o "pastor" deles), alertou-os contra os falsos mestres ("lobos") e afirmou o valor dos membros de sua igreja (o "rebanho" de Deus).

(i) O exemplo do apóstolo (o pastor)

Várias vezes ele relembrou o seu exemplo aos presbíteros. E esse exemplo tinha um grau de integridade que deixava sua consciência limpa. Primeiro, seu ensino foi completo. Ele lhes ensinou sobre a graça e o reino de Deus (vs. 24-25) e a necessidade de arrependimento e fé (v. 21). Paulo não relutou em declarar-lhes o que era proveitoso para eles (v. 20) e todo o plano divino de salvação (v. 27). Segundo, seu ministério teve uma abrangência completa. Ele se preocupou igualmente em alcançar toda a população de Éfeso e em ensinar todo o propósito de Deus. Ele queria ensinar tudo a todos! Assim, o ministrou aos judeus e aos gentios, aos residentes e aos visitantes. Em terceiro lugar, seus métodos foram completos. Ele ensinou em espaços públicos (na sinagoga e na escola de Tirano) e particulares (nas casas), continuamente, dia e noite (vs. 20, 31). Ele foi absolutamente incansável. Em termos modernos, a integridade de Paulo nessas três áreas foi um bom exemplo daquilo que chamamos de "evangelização em profundidade". Ele compartilhou todas as verdades possíveis com todas as pessoas possíveis, de todas as formas possíveis. Ele pregou todo o evangelho, a toda a cidade, com toda a sua força. O seu exemplo pastoral deve ter sido uma

inspiração inesgotável para os pastores de Éfeso.

(ii) O surgimento de falsos mestres (os lobos)
Antigamente, no Oriente Próximo, os lobos eram os principais inimigos das ovelhas. Caçando ora sozinhos, ora em grupos, eles eram uma ameaça constante. As ovelhas não tinham como se defender deles. Os pastores não podiam relaxar em sua vigilância. Assim, também, os pastores cristãos. O próprio Jesus alertou contra os falsos mestres, a quem chamou de "lobos disfarçados em ovelhas".[42]

Portanto, os pastores do rebanho de Cristo têm uma tarefa dupla: alimentar as ovelhas (ensinando a verdade) e protegê-las dos lobos (advertindo-as dos erros). Como Paulo disse a Tito, os presbíteros precisam se apegar à palavra fiel, de acordo com o ensino apostólico, para que tenham poder, "assim para exortar pelo reto ensino como para convencer os que contradizem".[43] Hoje essa ênfase é impopular. Ouvimos com freqüência que sempre devemos ser positivos em nosso ensino, e nunca negativos. Mas aqueles que afirmam isso nunca leram o Novo Testamento ou, tendo lido, não concordam com ele. Pois o Senhor Jesus e os seus apóstolos refutaram os erros e exigiram que façamos o mesmo. Pode-se perguntar se a maior causa da confusão teológica de hoje não seria a negligência em relação a essa obrigação. Se os líderes cristãos ficam sentados, ociosos, e não fazem nada, ou viram as costas e fogem quando surgem as falsas doutrinas, receberão o terrível título de "mercenários" que não se preocupam com o rebanho de Cristo.[44] Então, também se dirá dos convertidos, como se disse a respeito de Israel: "assim se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo".[45]

(iii) O valor das pessoas (as ovelhas)
No versículo 28, está implícita a verdade de que a supervisão pastoral da igreja, em última análise, pertence a Deus. De fato, cada uma das três pessoas da Trindade tem sua parte nessa supervisão. Para começar, a igreja é a "igreja de Deus". Depois, quer entendamos que ele a redimiu "com o seu próprio sangue" ou "com o sangue de seu Próprio", é claro que a transação foi paga com o sangue de Cristo. E o Espírito Santo designa supervisores para essa igreja que pertence a Deus e foi comprada por Cristo. Assim, a supervisão também é dele, caso contrário ele não poderia

delegá-la a outros. Esta esplêndida afirmação trinitária, de que a supervisão pastoral da igreja pertence a Deus (Pai, Filho e Espírito Santo), deveria ter um profundo efeito nos pastores. Ela deveria nos humilhar, lembrando-nos de que a igreja não é nossa, mas de Deus. E ela deveria inspirar-nos fidelidade. Pois as ovelhas não são, de modo algum, aquelas criaturas limpas e doces que aparentam ser. Na verdade são sujas, sujeitas a doenças desagradáveis, sendo preciso banhá-las regularmente em remédios fortes para livrá-las de piolhos, carrapatos e vermes. Elas também são geniosas, obstinadas e pouco inteligentes. Hesito em aplicar esta metáfora ao pé da letra, dizendo que o povo de Deus é sujo, piolhento ou estúpido! Mas algumas pessoas são uma grande provação para os seus pastores (e vice-versa). E seus pastores só vão perseverar em cuidar delas se lembrarem como elas são valiosas para Deus. Elas são o rebanho de Deus o Pai, compradas pelo precioso sangue de Deus o Filho, e supervisionadas por pessoas indicadas por Deus o Espírito Santo. Se as três pessoas da Trindade se empenham tanto pelo bem-estar do seu povo, não deveríamos fazer o mesmo?

O grande livro de Richard Baxter, *The Reformed Pastor* (1656), é uma exposição de Atos 20:28. Ele escreveu:

> Ouçamos, então, esses argumentos de Cristo, toda vez que sentimos que estamos ficando insensíveis e descuidados: "Morri por eles, e não olhareis por eles? Valiam eles o meu sangue, e não valem o vosso trabalho? Desci dos céus para a terra para buscar e salvar ao que estava perdido; e não ireis vós até a casa ao lado, a próxima rua, a próxima aldeia, para procurá-los? Quão pequeno é o vosso trabalho e condescendência comparado ao meu? Eu me rebaixei a esse ponto, mas é vossa honra serdes assim empregados. Sofri e fiz tanto pela salvação deles; e desejava fazer de vós meus cooperadores, e recusais o pouco que está em vossas mãos?"[46]

5. Prosseguindo para Jerusalém (21:1-17)

A despedida dos líderes efésios fora uma cena carregada de emoção, especialmente porque eles e Paulo acreditavam que nunca mais se veriam. O grupo de Paulo teve de se apartar deles. E agora começava a parte final de sua viagem a Jerusalém e, obviamente, mais uma vez, Lucas se baseia em seu diário. Ele

menciona três ou quatro paradas (Cós, Rodes, Pátara, e talvez Mira), seguidas de três desembarques (Tiro, Ptolemaida e Cesaréia).

a. De Mileto a Tiro (21:1-6)

Depois de nos apartarmos, fizemo-nos (sem ostentação, Lucas novamente nos informa sobre sua presença) *à vela, e, correndo em direitura, chegamos a Cós* (v. 1a), uma pequena ilha a sul de Mileto. *No dia seguinte, a Rodes,* uma ilha maior a sudeste, cuja cidade com o mesmo nome encontrava-se no extremo nordeste, *e dali, a Pátara* (v. 1b), a leste de Rodes, e o texto Bizantino acrescenta "e Mira", um pouco mais a leste. Pátara e Mira ficam perto do promontório mais meridional da Ásia Menor. "O porto de Mira parece ter sido o grande porto para a travessia marítima direta para o litoral da Síria e do Egito", escreveu William Ramsay. "Pode-se ... concluir com segurança que Mira foi visitada pelo navio de Paulo." [47] Aqui *achando um navio que ia para a Fenícia,* no litoral da Palestina, *embarcamos nele,* ou se transferiram para ele, *seguindo viagem* (v. 2). A sua rota agora os levou para o sudeste, ao centro do Mediterrâneo Oriental, numa viagem de 650 quilômetros de Mira até Tiro. *Quando Chipre já estava à vista, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria.*

Chegamos a Tiro, pois o navio devia ser descarregado ali (v. 3). Ao mesmo tempo, a sua busca por cristãos na cidade foi bem-sucedida. *Encontrando os discípulos, permanecemos lá durante sete dias,* porque o descarregamento (e talvez carregamento) do navio levou esse tempo, ou o navio parou ali e eles tiveram de esperar por outro. Durante essa semana, os discípulos, *movidos pelo Espírito, recomendavam a Paulo que não fosse a Jerusalém* (v. 4). *Passados aqueles dias, tendo-nos retirado, prosseguimos viagem ...* (v. 5a). Mais tarde, tratarei dos sinais contraditórios que estavam vindo do Espírito Santo, acerca da viagem de Paulo a Jerusalém. *... Acompanhados por todos, com suas mulheres e filhos, até fora da cidade; ajoelhados na praia, oramos* (v. 5). Deve ter sido outra despedida emocionada. *E, despedindo-nos uns dos outros, então embarcamos; e eles voltaram para suas próprias casas* (v. 6).

b. De Tiro a Jerusalém (21:7-17)

Quanto a nós, concluindo a viagem de Tiro, chegamos a Ptolemaida, chamada Acre desde a Idade Média, cerca de quarenta quilômetros ao sul de Tiro. Ali *saudamos os irmãos, passando um dia com eles* (v. 7). *No dia seguinte, partimos e fomos para Cesaréia,* uma cidade magnífica construída por Herodes o Grande para servir como porto para Jerusalém, *e, entrando na casa de Filipe, o evangelista* (para distingui-lo do apóstolo Filipe) *que era um dos sete, ficamos com ele* (v. 8). Filipe havia se estabelecido na cidade havia cerca de vinte anos (8:40). Desde então, sua família crescera: *Tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam* (v. 9). Lucas não nos fala o período exato que Paulo e seus companheiros permaneceram em Cesaréia, mas eles devem ter tido muito assunto para conversar com Filipe e suas filhas. Talvez seja essa a ocasião em que Filipe revelou os fatos sobre si mesmo e Estêvão, que Lucas incorporou em Atos 6 a 8. Durante essa permanência, foi-lhes dada outra profecia de grande interesse.

Demorando-nos ali alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágabo (provavelmente aquele mencionado em 11:27ss.) (v. 10). *Vindo ter conosco,* ele copiou a prática da mímica de alguns profetas do Antigo Testamento, como Aías que rasgou a veste de Jeroboão em doze pedaços,[48] Isaías que andou nu e descalço durante três anos[49] e Ezequiel que pôs cerco a uma representação simbólica de Jerusalém.[50] Ele tomou *o cinto de Paulo, ligando com ele seus próprios pés e mãos.* Não se tratava de um cinto curto de couro: "amarrar as próprias mãos e pés com esse tipo de cinto seria uma proeza acrobática".[51] É bem provável que fosse uma tira comprida de tecido, usada como cinto. Então Ágabo disse: *Assim os judeus em Israel farão ao dono deste cinto, e o entregarão nas mãos dos gentios* (v. 11). Esta é a segunda profecia que parece incompatível com aquilo que o Espírito antes dissera a Paulo; vamos tratar desse problema no final deste capítulo. *Quando ouvimos estas palavras* (a profecia de Ágabo), Lucas continua, *tanto nós como os daquele lugar* (ele faz questão de se incluir) *rogamos a Paulo que não subisse a Jerusalém* (v. 12). Desta vez, o apóstolo rejeitou abertamente o pedido deles. *Então ele respondeu: Que fazeis chorando e quebrantando-me o coração* [NEB, tentando enfraquecer minha decisão]? *Pois estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus* (v. 13). Suas palavras são quase idênticas às de Pedro: "Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão, como para

a morte."[52] A diferença é que, na hora, Pedro vacilou e falhou (embora no final ele tenha sofrido e morrido por Cristo), enquanto que Paulo foi fiel à sua palavra. *Como, porém, não o persuadimos, conformados, dissemos* (não em frágil resignação, mas em oração positiva): *Faça-se a vontade do Senhor* (v. 14).

Passados aqueles dias, tendo feito os preparativos, que pode significar tanto "fazer as malas" (NEB) como "equipar os cavalos",[53] *subimos para Jerusalém* (v. 15). Já que a distância entre Cesaréia e Jerusalém era cerca de cem quilômetros, a viagem deve ter levado dois dias, como diz o texto Bizantino, e os cavalos eram necessários. *Alguns dos discípulos também vieram de Cesaréia conosco, trazendo consigo Mnasom, ... com quem nos deveríamos hospedar* ou, como é mais provável: "alguns irmãos da Cesaréia nos acompanharam. Eles nos levaram à casa [de Mnasom] onde íamos ficar hospedados" (BLH). Mnasom era *natural de Chipre, velho discípulo* (v. 16), i.e., provavelmente "um membro fundador da igreja de Jerusalém".[54] *Tendo nós chegado a Jerusalém, os irmãos nos receberam com alegria* (v. 17).

c. A orientação do Espírito

Assim, finalmente, depois de várias semanas de viagem e suspense, e apesar dos avisos sombrios, Paulo chegou ao seu destino. Mas será que ele agiu certo ao ignorar os amigos que lhe imploravam que abandonasse os seus planos? O que dizer das mensagens do Espírito Santo através dos profetas? Deveríamos acusar Paulo de teimosia ou admirá-lo por sua decisão inabalável?

À primeira vista, as advertências do Espírito Santo parecem entrar em conflito direto umas com as outras. Em Mileto, Paulo falou aos presbíteros de Éfeso que ele estava indo para Jerusalém "obedecendo ao Espírito Santo"(BLH), apesar das "cadeias e tribulações" sobre as quase o mesmo Espírito lhe tinha advertido (20:22-23). Em Tiro, porém, "movidos pelo Espírito", certos discípulos lhe pediram (o imperfeito *elegon* implica "várias e várias vezes") que não fosse para Jerusalém (21:4), enquanto que, em Cesaréia, Ágabo começou sua profecia declarando: "Isto diz o Espírito Santo" (21:11). Mas Paulo ignorou as duas mensagens. Recusando-se a desistir (21:14), ele continuou o seu caminho (21:5).

Como podemos resolver esse problema? Com certeza não se pode concluir que o Espírito Santo se contradisse, ordenando a Paulo que fosse, no capítulo 20, e anulando sua instrução no

capítulo 21. Lucas possui uma doutrina do Espírito Santo muito elevada, para retratá-lo como alguém que vive mudando de opinião. Mesmo que 20:22 se refira à compulsão de seu próprio espírito (como está em ERAB), e não ao Espírito Santo, Paulo ainda parece estar indo contra a voz do Espírito Santo no capítulo 21.

Creio que devemos começar afirmando que Lucas acreditava que Paulo estava certo em ir para Jerusalém. Provavelmente, ele atribui ao Espírito Santo a decisão de 19:21 e a compulsão de 20:22, já que ambas eram (*en*) *to pneumati*, "no Espírito". Além disso, já sugerimos que Lucas vê a viagem de Paulo a Jerusalém como a do discípulo que segue os passos de seu Mestre. Então, o que fazer com 21:4 e 11 ? Alguns argumentam que, nesse caso, as referências ao Espírito significam apenas que os que falavam alegavam inspiração, sem estarem necessariamente inspirados. Mas então teríamos de interpretar outras referências ao Espírito da mesma forma ambígua. A melhor solução é fazer uma diferença entre uma predição e uma proibição. Com certeza, Ágabo apenas predisse que Paulo seria amarrado e entregue aos gentios (21:11); os apelos subseqüentes feitos a Paulo não são atribuídos ao Espírito e podem ter sido deduções falíveis (de fato, erradas) feitas por homens, por causa da profecia do Espírito. Pois se Paulo tivesse ouvido os apelos dos seus amigos, a profecia de Ágabo não seria cumprida! É mais difícil interpretar 21:4 dessa forma, já que a "recomendação" fora "movida pelo Espírito". Mas talvez a afirmação de Lucas seja uma forma condensada de dizer que o aviso era divino, mas a recomendação, humana. Afinal de contas, a palavra do Espírito a Paulo combinava a compulsão de ir com um aviso sobre as conseqüências (20:22-23).

Assim, com certeza, Lucas quer que admiremos Paulo por sua coragem e perseverança. Como Jesus havia feito, ele manifestou no seu rosto a resolução intrépida de ir para Jeruslém, e (como Jesus, novamente) as profecias divinas de sofrimento não o fizeram recuar.

O que fortaleceu Paulo durante sua viagem foi a comunhão cristã que ele e seus companheiros experimentaram em cada porto. Em Tiro, encontraram discípulos e permaneceram sete dias com eles (21:4). Em Ptolemaida, saudaram seus irmãos e ficaram com eles por um dia (v. 7). Em Cesaréia, acomodaram-se na casa de Filipe o evangelista e passaram "alguns dia" (vs. 8, 10). Então, os discípulos de Cesaréia os escoltaram pessoalmente até

Jerusalém, onde deveriam ficar na casa de Mnason, um antigo discípulo cipriota (v. 16), e quando chegaram a Jerusalém, eles foram recebidos "com alegria" (v. 17). Seria um exagero chamar isto de "a entrada triunfal" de Paulo em Jerusalém. Mas, pelo menos, essa recepção calorosa o fortaleceu para suportar os gritos da multidão alguns dias mais tarde: "Mata-o!" (v. 36).

Notas:

1. Cf. Lc 10:38.
2. Cf. Lc 6:7, 11; 11:53-54; 22:1-2.
3. Cf. Lc 9:22, 44; 18:31-32.
4. Cf. Lc 18:32.
5. Cf. Lc 12:50; 22:19; 23:46.
6. Cf. Lc 9:51.
7. Cf. Lc 22:42.
8. Lc 9:51.
9. Ef 4:1ss.
10. 2 Co 2:12.
11. 2 Co 2:13.
12. 2 Co 7:5-16.
13. Rm 15:19.
14. 1 Co 16:1-4; cf. At 24:17.
15. Rm 15:17-33; veja versículos 19, 23, 24 e 28.
16. Ramsay, *St.Paul*, p. 287.
17. At 17:15-16; *cf.* 1 Ts 3:1, 5
18. Tm 4:9, 21.
19. At 21:29; cf. 2 Tm 4:20.
20. Veja Ef 6:21-22; Cl 4:7-8; 2 Tm 4:12; Tt 3:12.
21. 2 Co 8:16-24.
22. Ramsay, *St.Paul*, p. 390.
23. Marshall, Atos, p. 304.
24. Bruce, *English*, pp. 407-408; veja também Mc 16:2; Jo 20:19, 26; 1 Co 16:2; Ap 1:10.
25. Lc 22:20; 24:30-35; At 2:42.
26. 1 Rs 17:19ss.
27. 2 Rs 4:32-33.
28. Longenecker, *Acts*, p. 509.
29. E.g. Cl 4:16; 1 Ts 5.27; Ap 1:3; 22:18-19.
30. Ramsay, *St.Paul*, p. 293.
31. Rm 15:30ss.
32. 1 Tm 3:8ss.
33. Fp 1:1.
34. Tt 1:5.
35. Neil, p. 213.

36. At 19:21; Rm 15:23-29.
37. Ez 33:1ss.
38. Ez 34:2.
39. Cf. Rm 8:32.
40. Bruce, *English*, p. 416, nota 59; Bruce está citando J. H. Moulton, *Grammar of New Testament Greek*, (Edinburgh, 1906), p. 90.
41. 1 Sm 12:1ss.
42. Mt 7:15.
43. Tt 1:9.
44. Jo 10:12ss.
45. Ez 34:5.
46. *The Reformed Pastor*, de Richard Baxter (reimpressão Epworth Press, 1939), pp. 121-122.
47. Ramsay, *St.Paul*, pp. 298-299.
48. 1 Rs 11:29ss.
49. Is 20:3ss.
50. Ez 4:1ss.
51. Haenchen, p. 601, nota 5.
52. Lc 22:33.
53. Ramsay, *St.Paul*, pp. 301-302.
54. Bruce, *English*, p. 426.

D. A Caminho de Roma 21:18 – 28:31

Atos 21:18 - 23:25
16. A prisão e a defesa de Paulo

Até aqui, Lucas vem retratando o seu herói na ofensiva, tomando iniciativas ousadas sob liderança do Espírito Santo para evangelizar a maior parte da Ásia Menor e da Grécia. Mas quando Paulo chegou em Jerusalém, toda a sua carreira mudou de forma abrupta. Ele foi atacado, capturado, preso e julgado. Ele se viu na defensiva. Depois das suas três viagens missionárias épicas, Lucas descreve os cinco julgamentos que ele teve de enfrentar. O primeiro foi diante de uma multidão de judeus na área do templo, no canto noroeste (22:1ss.); o segundo, diante do Supremo Conselho dos judeus em Jerusalém (23:1ss.); o terceiro e o quarto em Cesaréia, diante de Félix e Festo, que se sucederam como procuradores da Judéia (24:1ss.; 25:1ss.); e o quinto, também em Cesaréia, diante do rei Herodes Agripa II (26:1ss.).

Esses cinco julgamentos, incluindo as respectivas defesas de Paulo juntamente com as circunstâncias de sua prisão (21:18ss.), somam seis capítulos em nossa Bíblia, ou quase duzentos versículos. Por que Lucas julgou necessário entrar em tantos detalhes? É claro que o material estava pronto, à sua disposição, já que ele acompanhou Paulo nisso tudo. Ele chegou a Jerusalém com Paulo (21:15), e a próxima seção na primeira pessoa do plural (27:1ss.) mostra que ele o acompanhou até Roma. Lucas era um homem livre, sendo natural supor que, durante os dois anos em que Paulo esteve preso em Cesaréia (24:27), tenha permanecido na Palestina, juntando informações para a sua obra em dois volumes e entrevistando pessoalmente alguns de seus personagens principais.

Mas Lucas tinha uma razão melhor para fornecer um relato tão completo dos julgamentos de Paulo do que a mera circunstância de ter tanto material em suas mãos. Pois, como lembramos, ele era mais do que um historiador; era também teólogo. Um dos principais assuntos que ele esteve desenvolvendo são as relações entre os judeus e os gentios na comunidade messiânica. Ele mostrou como Paulo, chamado e comissionado para ser apóstolo aos gentios, deixou a sinagoga e trocou a evangelização dos judeus pela evangelização dos gentios em três ocasiões solenes, Antioquia da Pisídia, Corinto e Éfeso (13:46; 18:6 e 19:8-9). Não é por coincidência que a história de Lucas começa em Jerusalém e termina em Roma.

Em Atos 21 a 23, portanto, o ponto a que chegamos agora, Lucas descreve a reação de duas comunidades em relação ao evangelho – a dos judeus que se tornavam cada vez mais hostis, e a dos romanos que eram francamente favoráveis. Os dois temas – da oposição judaica e da justiça romana – estão entrelaçados na narrativa de Lucas, com o apóstolo cristão preso entre eles, vítima de um e beneficiário do outro.

a. A oposição dos judeus

A oposição dos judeus havia sido evidente desde o início. Lucas não mostra nenhum sinal de anti-semitismo; ele simplesmente relata fatos. Assim, ele documenta como o Sinédrio prendeu Pedro e João, e depois todos os apóstolos, ameaçando-os e proibindo-os de pregar ou ensinar em nome de Jesus (4:1 - 5:42), apesar de também dirigir nossa atenção à cautela, à sabedoria e à justiça de Gamaliel (5:34ss.). Depois vieram o martírio de Estêvão (7:54ss.), e a perseguição dos judeus contra a igreja em Jerusalém(8:1ss.) e contra o antigo perseguidor, Saulo de Tarso (9:23ss.), que continuou eclodindo durante as suas viagens missionárias.[1] Em Jerusalém, porém, as explosões ocasionais transformaram-se numa determinação implacável de se verem livres dele, de uma vez por todas, começando com a tentativa de linchá-lo (21:27ss.), continuando com um clamor histérico exigindo sua morte (22:22-23) e concluindo com um pacto secreto para matá-lo, feito sob juramento por quarenta homens (23:12ss.). Quando Lucas afirma que a multidão arrastou Paulo para fora do templo e "imediatamente foram fechadas as portas" (21:30), com certeza, ele não estava apenas relatando um fato. As portas fechadas

pareciam simbolizar que os judeus estavam rejeitando definitivamente o evangelho. A atitude de Paulo, de se voltar para os gentios, provou ser correta.

Lucas também parece estar apresentando paralelos entre os sofrimentos ("a paixão") de Cristo e os sofrimentos de seu apóstolo, Paulo. Vimos no último capítulo a semelhança entre as suas viagens a Jerusalém. Agora Lucas leva essa comparação adiante, embora, obviamente, os sofrimentos de Paulo não tivessem uma natureza redentora como os de Cristo. Mesmo assim, Jesus e Paulo (1) foram rejeitados pelo seu próprio povo e presos sem motivo; (2) foram acusados injustamente e desvirtuados intencionalmente por testemunhas falsas; (3) foram batidos no rosto diante do tribunal (23:2); (4) foram vítimas infelizes dos planos secretos dos judeus (23:12ss.); (5) ouviram o barulho aterrorizante de uma multidão que gritava "Mata-o" (21:36; cf. 22:22); e (6) foram sujeitados a uma série de cinco julgamentos – por Anás, pelo Sinédrio, pelo rei Herodes Antipas e duas vezes por Pilatos, no caso de Jesus; e pela multidão, pelo Sinédrio, pelo rei Herodes Agripa II e por dois procuradores, Félix e Festo, no caso de Paulo.

b. A justiça romana

O segundo assunto paralelo de Lucas é a justiça romana. Ele apresenta as autoridades romanas como amigos do evangelho, não como inimigos. Já tivemos oportunidade de notar isso. Não apenas porque o primeiro gentio a se converter foi um centurião romano, Cornélio, ou porque o primeiro convertido das viagens missionárias de Paulo foi o procônsul romano de Chipre, Sérgio Paulo (13:12). Mas, sim, porque sempre que tinham oportunidade, as autoridades romanas defendiam os missionários cristãos. Em Filipos, por exemplo, os magistrados até pediram desculpas a Paulo e Silas pelo espancamento e pela prisão deles, cidadãos romanos, e vieram pessoalmente à cela para tirá-los dali (16:35ss.); em Corinto, Gálio, o procônsul da Acaia, recusou-se a ouvir as acusações dos judeus contra Paulo, rejeitando o caso (18:12ss.); e em Éfeso, o escrivão da cidade declarou inocentes os líderes cristãos, advertiu a multidão por provocarem um tumulto público, e os enviou para casa (19:35ss.). Agora, em Jerusalém e em Cesaréia, Cláudio Lísias, o comandante militar, coloca Paulo sob sua proteção. Por duas vezes, ele o salva de ser linchado,

mantendo-o sob sua custódia (22:25ss.); e logo o isenta de ser torturado ao descobrir que Paulo é um cidadão romano (22:25ss.), e o protege do plano assassino, transferindo-o para a jurisdição do procurador de Cesaréia (23:23ss.).

Essa proteção da justiça romana torna-se ainda mais clara nos julgamentos de Paulo. Embora fosse acusado pelos judeus, ele foi julgado pelos romanos. O mesmo acontecera com Jesus. Aqui, Lucas encontra um terceiro paralelo. Ele faz de tudo para demonstrar que, apesar das acusações que os judeus levantaram contra Jesus e o seu apóstolo Paulo, os romanos não conseguiam encontrar nada de errado neles. No caso de Jesus, Lucas relata três ocasiões em que Pilatos afirmava que, em sua opinião, Jesus era inocente. Aos principais sacerdotes e à multidão ele disse, "Não vejo nesse homem crime algum".[2] Ao mesmo povo, após Jesus ter sido julgado por Herodes, Pilatos disse: "tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que os acusais. Nem tão pouco Herodes ..."[3] E quando a multidão não parava de gritar "Crucifica-o", Pilatos falou pela terceira vez: "Que mal fez este? De fato nada achei contra ele para condená-lo à morte."[4]

O paralelo no caso de Paulo é impressionante. Lucas não está dizendo que a justiça romana era perfeita (pois ele menciona que Félix estava pronto para ser subornado, 24:26), mas afirmando que Paulo não a tinha violado. Não é só ele que declara a sua própria inocência ("Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César", 25:8), mas os seus juízes concordaram com ele. Cláudio Lísias, em sua carta a Félix, afirmou que não havia nenhuma acusação "que justificasse morte, ou mesmo prisão" (23:29). O procurador Festo falou ao rei Agripa: "Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte" (25:25). E Agripa, depois de terminada toda a série de julgamentos, concluiu com as seguintes palavras: "Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão ... Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César" (26:31-32).

Assim, três vezes no caso de Jesus e três vezes no caso de Paulo, o acusado fora declarado inocente por um tribunal da lei. Sir William Ramsay deu grande importância a isso em *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1895): "Baseados em nossas hipóteses, não há dúvida de que o espaço dedicado à prisão de Paulo e os sucessivos interrogatórios faz dela a parte do livro mais importante para o autor."[5] Ramsay prossegue argumentando que,

quando finalmente Paulo compareceu perante César, ele foi absolvido, como indicam as epístolas pastorais, e que o seu julgamento, com "a decisão formal do supremo tribunal do Império", "foi um verdadeiro alvará de liberdade religiosa, e nisso está a sua imensa importância".[6] Ele conclui que Lucas tinha em vista um terceiro volume, documentando o julgamento em Roma, a absolvição, um resumo dos esforços missionários do apóstolo, sua prisão subseqüente, e sua morte sob Nero. Pois Ramsay acreditava que Lucas estava escrevendo durante o reinado de Domiciano, "quando os cristãos passaram a ser tratados como criminosos e proscritos, e a mera confissão do nome era vista como ofensa". Numa situação como aquela, Atos não era "uma apologia do cristianismo; era um apelo à verdade da história contra a política imoral e desastrosa do Imperador".[7]

Aceitando ou não todos os detalhes da reconstrução de Ramsay (incluindo a data de Atos e a intenção de Lucas de escrever outro livro), certamente precisamos concordar quanto ao propósito de Lucas. Ele faz questão de demonstrar que, aos olhos da lei romana, Jesus (o Evangelho de Lucas) e Paulo (Atos) eram inocentes, dirigindo a atenção para o precedente que estabeleceu a legalidade da fé cristã, como resultado de seus julgamentos. O trabalho de Lucas tem mostrado à igreja de todas as épocas e lugares como se comportar sob perseguição. Ela precisa ser capaz de provar que as acusações de crimes contra o estado e contra a humanidade (como foram levantadas muitas vezes, nos primeiros séculos) não têm fundamento; que ela não transgrediu a lei; e que os seus membros são cidadãos conscienciosos, isto é, submissos ao governo até onde as suas consciências permitem. Então a liberdade para confessar, praticar e propagar o evangelho será (dentro das possibilidades da igreja) preservada, e a única pedra de tropeço que os cristãos poderão oferecer será a cruz.

1. Paulo encontra Tiago e aceita sua proposta (21:18-26)

Já notamos que, quando Paulo e seus amigos chegaram a Jerusalém, eles foram recebidos com alegria genuína (v. 17). Agora, porém, Lucas explica a tensão que existia sob essa recepção (vs. 18ss.). *No dia seguinte*, sem demora, *Paulo foi conosco*, os que o acompanhavam desde Corinto, inclusive Lucas, *encontrar-se com Tiago*. Tiago ainda era o líder reconhecido da igreja de Jerusalém e da comunidade de judeus cristãos em todo o mundo,

especialmente naquele momento quando, ao que parece, os apóstolos Pedro e João tinham deixado a cidade. Não que Tiago estivesse sozinho quando recebeu Paulo e seus amigos, pois *todos os presbíteros se reuniram* (v. 18). Já que eram "dezenas de milhares" de cristãos judeus (vs. 20), seria necessário um grande número de presbíteros para pastoreá-los. Paulo os saudou (v. 19a).

Ao apresentar Paulo e Tiago face a face, Lucas confronta os seus leitores com uma cena dramática, carregada de riscos e possibilidades. Pois Tiago e Paulo eram líderes que representavam dois cristianismos: o judaico e o gentio. É claro que esse não foi o primeiro encontro deles. Era pelo menos o quarto. Paulo esteve com Tiago durante a sua primeira visita a Jerusalém anos antes,[8] e novamente quando foi para lá quatorze anos depois.[9] Naquela ocasião, ambos haviam sido figuras importantes no Concílio de Jerusalém (15:12ss.). Mas nos anos seguintes, os movimentos que lideravam haviam crescido muito sob a mão de Deus. Agora ao se cumprimentarem, cada um estava escudado com frutos que eram exemplos de suas respectivas missões. Paulo trazia seus companheiros das igrejas gentias e Tiago, os presbíteros da igreja de Jerusalém. Sem dúvida, algumas pessoas estavam afirmando, como no Concílio de Jerusalém, que as posições doutrinárias de Tiago e Paulo eram incompatíveis (15:1-2); Paulo ensinando a salvação pela graça e Tiago, a salvação pelas obras. Esta possibilidade causou uma inquietação em Lutero, levando-o a classificar a carta de Tiago como "epístola de palha". Não que quisesse excluir a epístola do cânone, mas ele sentia que não podia incluí-la entre os livros principais, que ensinam sem ambigüidade a justificação somente pela fé. Quando, então, Paulo e Tiago se encontraram em Jerusalém, poderia acontecer um confronto doloroso.

Mas os dois apóstolos tinham uma disposição conciliatória. Veja primeiro Tiago. Quando Paulo *contou minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério* (v. 19, i.e. não o que *Paulo* fizera com a ajuda de Deus), Tiago e os presbíteros não só *ouviram*, prestando atenção em seu relato, mas *deram eles glória a Deus* (v. 20a). Não se ouviu nenhum murmúrio de desaprovação. Assim como no caso da conversão de Cornélio (11:18), a evangelização dos gregos em Antioquia (11:22-23) e a primeira viagem missionária (14:27; 15:12), a evidência da graça de Deus para com os gentios era indiscutível, e a única resposta adequada era a adoração. O louvor jubiloso de Tiago e dos presbíteros não

era forçado, mas espontâneo e genuíno.

Mas Paulo também estava preocupado em ser conciliatório para com a comunidade cristã dos judeus, e mostrou isto de duas formas. A primeira, que Lucas, por algum motivo, menciona apenas em 24:17, foi a entrega da oferta levantada pelas igrejas gentias do Ocidente para a igreja judaica. Parece-me provável que Paulo tenha feito isso no início de sua visita a Tiago. Talvez ela tenha causado, em parte, a recepção calorosa no versículo 17. É certo que essa oferta era muito importante para Paulo. Ele não só se ocupou com isso por vários anos, mas até adiou sua visita a Roma e Espanha, a fim de entregá-la pessoalmente em Jerusalém (19:21).[10] A oferta era importante em si mesma, e uma expressão da responsabilidade amorosa dos cristãos pelos pobres.[11] "O amor do dinheiro é raiz de todos os males";[12] mas o uso do dinheiro pode ser uma prova concreta de amor. Entretanto, o significado principal da oferta estava em seu simbolismo. Ela ilustrava a solidariedade entre os convertidos gentios e os seus irmãos judeus no corpo de Cristo. É por essa razão que os representantes das igrejas gentias saíram de Corinto e viajaram todo esse percurso para estarem presentes no momento da doação, e ainda continuavam com Paulo. Além disso, a oferta era o reconhecimento humilde das dívidas recíprocas. É verdade que as igrejas gentias contribuíram com prazer, por amor, mas também (escreveu Paulo) "lhes são devedores; porque se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais".[13] Com certeza, foi essa natureza simbólica da oferta que causou tanta preocupação em Paulo. Ele queria ter certeza de que ela não seria mal interpretada, talvez como um paternalismo inoportuno, ou como uma tentativa de comprar o seu favor, e que a sua aceitação não fosse entendida como um tipo de capitulação dos cristãos judeus diante da postura pró-gentílica de Paulo. Foi por isso que Paulo rogou que os cristãos romanos orassem com ele para que o seu serviço em Jerusalém fosse "bem aceito pelos santos".[14] Ele queria expressar sua comunhão em Cristo dando-lhes um presente; será que os judeus retribuiriam, aceitando-o?

Lucas, porém, se concentra no segundo exemplo da atitude conciliatória de Paulo, ou seja, a forma como ele atendeu à proposta feita por Tiago. Essa proposta surgiu devido à existência de convertidos judeus (v. 20) e gentios (v. 25). A questão era: como ajudá-los a viverem em harmonia, tendo em vista, em especial, os

escrúpulos dos cristãos judeus quanto à observância da lei? Tiago e os presbíteros *disseram: Bem vês, irmão* [um reconhecimento espontâneo e, por isso, tocante da união deles, dentro da família de Deus], *quantas dezenas de milhares há entre os judeus que creram, e todos são zelosos da lei* (v. 20) [isto é, seus defensores leais]; *e foram informados* [ou melhor, mal-informados] *a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios* [na dispersão] *a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não devem circuncidar os filhos nem andar segundo os costumes da lei* (v. 21). Qual era a preocupação exata de Tiago? Em primeiro lugar, não se tratava do caminho da salvação (Tiago e Paulo concordavam que este era através de Cristo e não da lei), mas do caminho do discipulado. Em segundo lugar, não era sobre aquilo que Paulo ensinava aos gentios convertidos (ele lhes ensinava que a circuncisão era desnecessária;[15] Tiago e o concílio de Jerusalém haviam dito a mesma coisa), mas sobre o que ele estava ensinando aos "judeus entre os gentios" (v. 21). Em terceiro lugar, não era sobre a lei moral (Paulo e Tiago concordavam que o povo de Deus deve levar uma vida santa de acordo com os mandamentos de Deus),[16] mas sobre os "costumes" dos judeus (v. 21). Em outras palavras, os crentes judeus deveriam continuar observando as práticas culturais judaicas? Havia rumores de que Paulo estava ensinando que não.

Que se há de fazer?, Tiago perguntou a Paulo. Os cristãos judeus, zelosos da lei, *certamente saberão da tua chegada* (v. 22). *Faze, portanto, o que te vamos dizer: Estão entre nós quatro homens que voluntariamente aceitaram voto* (v. 23); *toma-os, purifica-te com eles, e faze a despesa necessária para que raspem a cabeça; e saberão todos que não é verdade o que se diz a teu respeito; e que, pelo contrário, andas também, tu mesmo, guardando a lei* (v. 24). A referência aos quatro cristãos judeus que tinham raspado a cabeça indica que eles fizeram o voto de nazireu.[17] Tiago lhe apresentou uma dupla proposta. Em primeiro lugar, Paulo deveria participar dos rituais de purificação, junto com eles. Os comentaristas não chegaram a um acordo sobre o que Tiago tinha em mente. Talvez ele quisesse que Paulo se identificasse com os quatro ao final do período de trinta dias de seu voto ou em algum ritual necessário pelo fato de eles terem se tornado impuros durante esse período. Ou pode significar que Paulo passou por uma cerimônia de purificação de sete dias porque, de acordo com os judeus, ele teria se tornado leviticamente impuro durante sua longa ausência de Jerusalém.[18] Em segundo lugar, Tiago propôs que Paulo pagasse as despesas,

que podem ter sido razoavelmente altas.

Depois de falar dos escrúpulos dos cristãos judeus (vs. 20-24), Tiago passou a tratar da responsabilidade paralela dos cristãos gentios. *Quanto aos gentios que creram*, a controvérsia fora resolvida alguns anos antes, no Concílio de Jerusalém, como Paulo bem sabia, pois *já lhes transmitimos decisões para que se abstenham das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas* (v. 25; cf. 15:20, 29) – quatro práticas culturais, como já demonstrei no capítulo 11.

Paulo concordou com a proposta de Tiago e a colocou em prática o mais rápido possível. *Então Paulo, tomando aqueles homens, no dia seguinte tendo-se purificado com eles, entrou no templo, acertando o cumprimento dos dias de purificação, até que se fizesse a oferta em favor de cada um deles* (v. 26).

Só nos cabe agradecer a Deus pela generosidade de espírito demonstrada por Tiago e Paulo. Eles já concordavam em termos doutrinários (a salvação é pela graça em Cristo, através da fé) e éticos (os cristãos precisam obedecer à lei moral). O problema entre eles dizia respeito à cultura, tradição e cerimônia. A solução a que chegaram não comprometia nem sacrificava um princípio doutrinário ou moral, mas fazia uma concessão na área prática. Nós já testemunhamos o espírito conciliatório de Paulo, quando ele aceitou os decretos de Jerusalém e quando circuncidou Timóteo. Agora, nesse mesmo espírito tolerante, ele estava disposto a passar por alguns rituais de purificação a fim de acalmar os escrúpulos dos judeus. Parece que Tiago foi longe demais ao esperar que Paulo vivesse "guardando a lei" (v. 24) em todos os aspectos, todo o tempo, se foi isso o que ele quis dizer. Mas Paulo certamente estava disposto a fazê-lo em ocasiões especiais, pelo bem da evangelização[19] ou – como aqui – pelo bem da solidariedade judaico-gentia. De acordo com as suas convicções, as práticas culturais judaicas pertenciam à categoria das "questões indiferentes", das quais ele fora liberado, que podia praticar ou não, de acordo com as circunstâncias. Como F. F. Bruce expressou com clareza, "um espírito verdadeiramente emancipado como o de Paulo não está escravizado à sua própria emancipação".[20] Mas Tiago manifestou uma atitude similar, branda e generosa, ao louvar a Deus pela missão entre os gentios e ao aceitar a oferta das igrejas gentias. Não era um *quid pro quo*, quase uma barganha, como alguns comentaristas apresentam ("Nós nos identificaremos com vocês, aceitando esta oferta gentia,

se você se identificar conosco, aceitando as observâncias judaicas"). Era, muito mais, uma indulgência cristã recíproca, sensível. O preconceito inflexível e a violência fanática dos judeus incrédulos, que Lucas descreve a seguir, destaca-se em um terrível contraste.

2. Paulo é atacado e preso (21:27-36)

a. Paulo é atacado pelos judeus (21:27-32)

Quando já estavam para findar os sete dias, os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram, [28]*gritando: Israelitas, socorro! Este é o homem que por toda parte ensina todos a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado.* [29]*Pois antes tinham visto a Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade, e julgavam que Paulo o introduzira no templo.*

[30]*Agitou-se toda a cidade, havendo concorrência do povo; e, agarrando a Paulo, arrastaram-no para fora do templo, e imediatamente foram fechadas as portas.* [31]*Procurando eles matá-lo, chegou ao conhecimento do comandante da força de que toda Jerusalém estava amotinada.* [32]*Então este, levando logo soldados e centuriões, correu para o meio do povo. Ao verem chegar o comandante e os soldados, cessaram de espancar a Paulo.*

Paulo estava no templo porque o ritual de purificação de sete dias estava para terminar. Ele foi reconhecido por alguns judeus da Ásia proconsular, provavelmente de Éfeso, que parecem também ter reconhecido Trófimo, o efésio (v. 29). Eles provocaram a multidão de adoradores, levando-a à loucura através de duas acusações. A primeira era um equívoco, pois eles apresentavam Paulo como se ensinasse a todos em todos os lugares "a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar" (v. 28a). "É irônico", comenta Marshall com justiça, "que essa fosse a acusação num período em que ele mesmo estava passando pela purificação a fim de não profanar o templo!"[21] A acusação era parecida com a levantada contra Estêvão, que foi denunciado pelas falsas testemunhas de "falar contra o santo lugar e contra a lei" (6:13). Mas os judeus não entenderam Estêvão e Paulo, assim como não entenderam Jesus. Jesus falou de si mesmo como o cumprimento do templo, do povo e da lei. Isso não era para rebaixá-los, mas sim para revelar a sua verdadeira glória. Estêvão e Paulo apenas

seguiram os ensinamentos de Jesus.

A segunda acusação, de que Paulo levara gregos ao templo, contaminando-o (v. 28b), simplesmente não era verdade. Não era uma mentira proposital, como Lucas acrescenta com benevolência, mas uma dedução da parte deles (v. 29). Eles haviam visto Trófimo (que sabiam ser gentio) com Paulo na cidade, e logo concluíram que Paulo também o levara ao pátio interno do templo, que era proibido aos gentios. Eles só podiam entrar no pátio externo, o Pátio dos Gentios. Para evitar que entrassem no Pátio de Israel, havia "um muro de pedra que servia de divisória", com um metro e meio de altura, contendo "uma inscrição que, sob pena de morte, proibia a entrada de qualquer estrangeiro". Essa é a descrição de Josefo, e ele acrescentou que havia muitas inscrições desse tipo, escritas em grego e latim, colocadas lado a lado, a distâncias regulares.[22] F. F. Bruce acrescenta: "Duas dessas inscrições (ambas em grego) foram encontradas – uma em 1871 e a outra em 1935 – cujo texto diz: 'Nenhum estrangeiro pode atravessar a barricada que cerca o templo e seu recinto. Qualquer um que for pego fazendo isso será culpado por sua própria morte'."[23] Tito (o general romano e, mais tarde, imperador) lembrou aos judeus que os romanos lhes haviam dado permissão para matar qualquer um que passasse por ela (sc. a barricada), mesmo que fosse romano".[24] É certo que Paulo estava pensando nesse muro quando escreveu sobre a "parede de separação ... a inimizade" entre judeus e gentios.[25]

A combinação dessas duas acusações – uma meia verdade e uma mentira – foi suficiente para "agitar toda a cidade" e juntar pessoas de toda parte (v. 3), que agarraram Paulo, arrastaram-no para fora do pátio interno e tentaram matá-lo. Felizmente, alguns soldados da guarnição romana, sempre atentos a qualquer desordem pública em Jerusalém, viram o que estava acontecendo e o salvaram num momento oportuno. O quartel deles ficava na fortaleza de Antônia, que Herodes o Grande havia construído no canto noroeste da área do templo. Em geral, a guarnição era composta de mil homens. Quem os comandava era um *chiliarchos*, que pode ser traduzido como "comandante da força", "tribuno da coorte" (ERC; BJ), "comandante das tropas" (BLH). Sabemos que, na época, este era Cláudio Lísias (23:26). Ao ouvir que a cidade estava alvoroçada, desceu pessoalmente com alguns guardas e oficiais, e, imediatamente, os agitadores pararam de bater em Paulo.

b. Paulo é preso pelos romanos (21:33-36)

Aproximando-se o comandante, apoderou-se de Paulo e ordenou que fosse acorrentado com duas cadeias, perguntando quem era e o que havia feito. [34]*Na multidão, uns gritavam de um modo, outros de outro; não podendo ele, porém, saber a verdade por causa do tumulto, ordenou que Paulo fosse recolhido à fortaleza.* [35]*Ao chegar às escadas, foi preciso que os soldados o carregassem, por causa da violência da multidão.*

É bom notar que o mesmo verbo *epilambanomai* é empregado para indicar que a multidão "agarrou" Paulo (v. 30) e o comandante "apoderou-se" dele (v. 33), apesar de terem objetivos opostos. A multidão estava empenhada em linchar Paulo, e o comandante em mantê-lo sob custódia para protegê-lo. Esse é um exemplo marcante do contraste entre a hostilidade dos judeus e a justiça romana, que Lucas queria demonstrar. O comandante não conseguia descobrir quem era o seu prisioneiro e o que ele fizera, por causa da algazarra. Então, Paulo foi levado, na verdade foi carregado (devido à violência da multidão) , até o quartel. Enquanto isso, a multidão gritava "Mata-o", da mesma forma como, quase trinta anos antes, outra multidão gritara contra outro prisioneiro.[26]

3. Paulo se defende diante da multidão (21:37 - 22:22)

E quando Paulo ia sendo recolhido à fortaleza, disse ao comandante: É-me permitido dizer-te alguma coisa? Respondeu ele: Sabes o grego? [38]*Não és tu, porventura, o egípcio que há tempos sublevou e conduziu ao deserto quatro mil sicários?* [39]*Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia; e rogo-te que me permitas falar ao povo.*

[40]*Obtida a permissão, Paulo, em pé na escada, fez com a mão sinal ao povo. Fez-se grande silêncio e ele falou em língua hebraica, dizendo:*

[22:1]*Irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós.*

[2]*Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio. E continuou:*

[3]*Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos*

antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós sois no dia de hoje. [4]*Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres, homens e mulheres,* [5]*de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos.*

[6]*Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim.* [7]*Então caí por terra, ouvindo uma voz que dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?*

[8]*Perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues.* [9]*Os que estavam comigo viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo.*

[10]*Então perguntei: Que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acerca de tudo o que te é ordenado fazer.* [11]*Tendo ficado cego por causa do fulgor daquela luz, guiado pela mão dos que estavam comigo, cheguei a Damasco.*

[12]*Um homem, chamado Ananias, piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam,* [13]*veio procurar-me e, pondo-se junto a mim, disse: Saulo, irmão, recebe novamente a vista. Nessa mesma hora recobrei a vista e olhei para ele.*

[14]*Então ele disse: o Deus de nossos pais de antemão te escolheu para conheceres a sua vontade, ver o Justo e ouvir uma voz de sua própria boca,* [15]*porque terás de ser testemunha diante de todos os homens, das coisas que tens visto e ouvido.* [16]*E agora, por que te demoras? Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados invocando o nome dele.*

[17]*Tendo eu voltado para Jerusalém, enquanto orava no templo, sobreveio-me um êxtase,* [18]*e vi aquele que falava comigo: Apressa-te, e sai logo de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho a meu respeito.*

[19]*Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti.* [20]*Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam.*

[21]*Mas ele me disse: Vai, porque eu te enviarei para longe aos gentios.*

[22]*Ouviram-no até essa palavra, e então gritaram, dizendo: Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva.*

Cláudio Lísias, como soldado romano honesto e liberal, sai-se muito bem em comparação à multidão. Eles concluíram, sem se dar ao trabalho de verificar, que Paulo tinha levado Trófimo ao pátio interno do templo; Cláudio Lísias pensou que Paulo era um

terrorista egípcio, mas mudou de opinião assim que soube a verdade. O revolucionário a quem Lísias se referia foi descrito por Josefo como um "falso profeta egípcio" que, cerca de três anos antes, juntara 30.000 homens (Josefo era propenso ao exagero!) e os levara ao Monte das Oliveiras, prometendo-lhes que, quando, com uma ordem sua, os muros de Jerusalém caíssem, eles poderiam invadir a cidade e dominar os romanos. Mas o procurador Félix e seus soldados intervieram e os *sikarioi* ("homens com adaga", i.e. assassinos nacionalistas fanáticos) foram mortos, presos ou dispersados.[27] Contudo o egípcio desapareceu, e o comandante a princípio pensou que ele estava de volta. Mas Paulo esclareceu sua identidade. Ele falou com orgulho de Tarso, sua cidade natal, que era "a primeira cidade da Cilícia, não apenas em termos de riquezas materiais, mas também em excelência intelectual, como uma das grandes cidades universitárias do mundo romano".[28] Paulo, então, pediu e recebeu permissão para falar à multidão.

Quando Paulo se pôs a falar da escada de pedra que ligava o templo à fortaleza de Antônia, proferindo seu discurso ou sua defesa (*apologia*, 22:1) com ousadia diante da multidão hostil, ele o fez com grande sensibilidade e adequação. Sua sensibilidade é vista na cortesia ao se dirigir à sua audiência chamando-a de *Irmãos e pais* e ao falar em hebraico (ou mais provavelmente em aramaico, que era a língua corrente do povo), o que foi suficiente para calá-los. Mas será que suas palavras eram adequadas à ocasião? Esta é a segunda vez que Lucas nos fornece um relato da conversão de Paulo. Antes, ele o fez em suas próprias palavras, mas desta vez (e também na terceira, diante do rei Agripa) ele usa as palavras de Paulo. Em todos eles, o esboço é o mesmo, mas a ênfase específica de cada testemunho é adequada ao seu contexto. Diante da multidão em Jerusalém, cuja acusação furiosa era que, por toda a parte, ele ensinava todos a serem contra o povo, contra a lei e contra o templo (21:28), Paulo enfatizou sua lealdade pessoal à sua origem e fé judaicas.

Primeiro ele falou do seu nascimento e sua educação dentro do judaísmo, e de seu treinamento *na lei de nossos antepassados* aos pés de Gamaliel (*cf.* 5:34), o mestre mais eminente daquela época e o líder da escola de Hillel, de quem fora discípulo. Assim a sua identidade judaica era incontestável. Ele era um "hebreu de hebreus".[29] Segundo, Paulo chamou a atenção para o seu zelo por Deus, que era tão grande quanto o deles, pois havia perseguido os

seguidores do Caminho, tanto homens como mulheres, chegando a prendê-los e matá-los. O Sinédrio podia testificar isso, já que foi esse mesmo conselho que expediu a ordem de extradição que Paulo levou para Damasco.

Em terceiro lugar, Paulo contou as circunstâncias da sua conversão, que se devia inteiramente à intervenção divina, e, de modo algum, à sua própria iniciativa. Uma luz do céu o cegou e a pessoa que lhe falou identificou-se como Jesus de Nazaré. Em quarto lugar, Paulo mencionou o ministério de Ananias, a quem fez questão de descrever como *piedoso conforme a lei, tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam*, ou seja, em Damasco (v. 12). Foi ele que lhe devolveu a visão; quem lhe falou que *o Deus de nossos pais* o escolhera para que soubesse a sua vontade, visse o Justo, ouvisse "uma voz de sua própria boca" (v. 14) e fosse sua testemunha; e quem o batizou. Então, em quinto lugar, Paulo falou de sua visão, que aconteceu no próprio templo que ele foi acusado de ter contaminado, na qual *o Senhor* (Jesus não é mencionado pelo nome) lhe ordenou que deixasse Jerusalém imediatamente, apesar de sua hesitação e objeções. *Vai*, disse o Senhor, *porque eu te enviarei para longe aos gentios*. Isto é, *exapostelo se*, quase "Eu te farei um apóstolo", o apóstolo aos gentios (vs. 21; 26:17).[30]

Nesse ponto é que Paulo foi interrompido pela multidão que, esquecendo o silêncio, exigia, aos gritos, a sua morte (v. 22). É importante que entendamos o porquê. Aos seus olhos, o proselitismo (transformar gentios em judeus) não era problema; mas a evangelização (transformar gentios em cristãos, sem transformá-los primeiramente em judeus) era uma abominação. Era como dizer que não havia diferença entre judeus e gentios, pois ambos precisavam vir a Deus através de Cristo, sob idênticas condições.

Revendo a defesa de Paulo, talvez possamos dizer que ele ressaltou dois pontos principais. O primeiro ponto é que ele mesmo era um judeu leal, não apenas pelo nascimento e pela educação, mas pela vida presente. É verdade que agora ele testemunhava sobre aquilo que antes perseguia. Mas Paulo ainda cultuava o Deus de seus pais. Ele não tinha se desviado da fé dos seus ancestrais, muito menos apostatado; Paulo continuava em conexão direta com ela. Jesus, o Nazareno, era o "Justo" em quem a profecia tinha sido cumprida. E o segundo ponto de Paulo é que aqueles aspectos da sua fé que haviam mudado, especialmente o fato de ter reconhecido Jesus e a sua missão entre os gentios, não

eram idéias próprias, excêntricas. Essas verdades haviam sido reveladas diretamente a ele dos céus, uma em Damasco e a outra em Jerusalém. De fato, somente uma intervenção divina poderia deixá-lo transformado de forma tão completa.

4. Paulo é protegido pela lei romana (22:23-29)

A lei e a justiça romana vêm ao socorro de Paulo ainda duas vezes neste curto trecho. Primeiro, Cláudio Lísias novamente o salva de um linchamento e, segundo, tendo descoberto sua cidadania romana, impede que seja açoitado.

Ora, estando eles gritando, arrojando de si as suas capas, atirando poeira para os ares, [24]*ordenou o comandante que Paulo fosse recolhido à fortaleza, e que, sob açoite, fosse interrogado para saber por que motivo assim clamavam contra ele.* [25]*Quando o estavam amarrando com correias, disse Paulo ao centurião presente: Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?*

[26]*Ouvindo isto, o centurião procurou o comandante e lhe disse: que estás para fazer? Porque este homem é cidadão romano.*

[27]*Vindo o comandante, perguntou a Paulo: Dize-me, és tu romano? Ele disse: Sou.*

[28]*Respondeu-lhe o comandante: A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão. Disse Paulo: Pois eu o tenho por direito de nascimento.*

[29]*Imediatamente se afastaram os que estavam para o inquirir com açoites. O próprio comandante sentiu-se receoso quando soube que Paulo era romano, porque o mandara amarrar.*

a. Salvo do linchamento (22:23-24)

A multidão não se deu por satisfeita gritando e berrando (v. 22); começaram a sacudir suas roupas, levantando poeira (v. 23). H. J. Cadbury sugere que esses gestos podem ter expressado não tanto agitação, ira e hostilidade, mas horror diante de uma blasfêmia.[31] Em todo caso, o comandante impediu qualquer tentativa de agarrá-lo, dando ordens (pela segunda vez) para que ele fosse levado à fortaleza e interrogado sob açoite (v. 24). Essa provação medonha era procedimento padrão para extrair informações de um prisioneiro. "O açoite (latim, *flagellum*) era um instrumento de

tortura temível, feito de tiras de couro, carregadas de pedaços toscos de metal ou osso, presas num cabo feito de madeira forte. Se o homem não morresse sob o açoite (o que acontecia freqüentemente), decerto ficaria coxo para o resto da vida."[32]

b. Salvo do açoitamento (22:25-29)

Paulo estava sendo preparado para a tortura quando anunciou que era cidadão romano. Semelhantemente, em Filipos ele não revelou a cidadania romana até ser espancado, preso e colocado no tronco (16:37). Parece que, por algum motivo, ele não quis tirar vantagem do fato de ser romano a não ser em algumas situações extremas. Dr. Sherwin-White reconhece que a situação legal exata dos cidadãos romanos em uma jurisdição provincial, naquela época, não está bem documentada.[33] Nem se consegue definir com precisão os privilégios de um cidadão, apesar de se concordar que ele estava isento de ser interrogado sob açoite, i.e., de tortura sem julgamento. A cidadania era adquirida por direito (pelos de posição ou ofício elevado) ou por merecimento (pelos que tinham prestado bons serviços ao Império). Era transmitida de pai para filho (o caso de Paulo); e também podia ser comprada, não por uma taxa, mas através de suborno dado a algum oficial corrupto "da secretaria imperial ou administração provincial",[34] que era o caso de Cláudio Lísias. Na verdade, esse tipo de corrupção era corrente durante o reinado do imperador Cláudio, o que pode explicar por que o comandante havia acrescentado o *nomen* Cláudio, em honra ao imperador, ao seu *cognomen* Lísias.

Apesar de o comandante ter se sentido *receoso quando soube que Paulo era romano, porque o mandara amarrar* (v. 29), não parece que o livrou das cadeias. Pelo menos, ele continuou algemado nos dias seguintes.[35] Como se explica isso? "Talvez seja necessário distinguir duas espécies de cadeias: umas mais pesadas e que constituem já de si uma punição, e que foram tiradas de Paulo; e as cadeias mais leves, necessárias para a devida guarda dos prisioneiros".[36]

5. Paulo perante o Sinédrio (22:30 - 23:11)

No dia seguinte, querendo certificar-se dos motivos por que vinha ele sendo acusado pelos judeus, soltou-o e ordenou que se reunissem os

principais sacerdotes e todo o Sinédrio e, mandando trazer Paulo, apresentou-o perante eles.

23:1Fitando Paulo os olhos no Sinédrio, disse: Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje. 2Mas o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam perto dele que lhe batessem na boca. 3Então lhe disse Paulo: Deus há de ferir-te, parede branqueada; tu estás aí sentado para julgar-me segundo a lei, e contra a lei mandas agredir-me?

4Os que estavam a seu lado disseram: Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus?

5Respondeu Paulo: Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo.

6Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra de fariseus, exclamou: Varões, irmãos: Eu sou fariseu, filho de fariseus; no tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado. 7Ditas estas palavras, levantou-se grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu. 8Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas.

9Houve, pois, grande vozearia. E levantando-se alguns escribas da parte dos fariseus contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado? 10Tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo espedaçado por eles, mandou descer a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza.

11Na noite seguinte, o Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma.

O comandante estava determinado a *certificar-se dos motivos por que vinha ele sendo acusado pelos judeus* (22:30). Ele já tentara interrogar a multidão, mas só havia conseguido respostas diferentes (21:33-34). Ele ia usar a tortura, mas a cidadania romana de Paulo o impediu (22:24ss.). Então, optou por um terceiro método – o julgamento pelo Sinédrio (22:30). O sumo sacerdote Ananias era uma pessoa totalmente repugnante. Ele foi descrito por Josefo como "um grande acumulador de dinheiro"; chegando a "usar da violência para tomar dos sacerdotes o dízimo que lhes pertencia".[37]

Embora o relato desse julgamento seja curto, ele levanta pelo menos três problemas muito desconcertantes: os dois primeiros

referem-se a Paulo e Ananias, e o terceiro, a Paulo, aos fariseus e aos saduceus.

a. Paulo e o sumo sacerdote Ananias (23:15)

Em primeiro lugar, por que o sumo sacerdote ficou tão furioso com as primeiras palavras de Paulo, a ponto de ordenar que lhe batessem na boca? Dificilmente seria uma questão de ordem, por Paulo ter falado antes de receber permissão. Também não parece que sua lógica e sua experiência tivessem sido questionadas, visto que qualquer um que afirmasse ter vivido com a consciência totalmente pura seria (para ele) um grande mentiroso. Não se pode conceber facilmente que o sumo sacerdote estivesse exasperado por ele ter alegado inocência. A explicação mais provável é que Ananias entendeu as palavras de Paulo como uma afirmação de que, apesar de ser cristão, ele ainda era um bom judeu, tendo servido a Deus com uma boa consciência durante toda a sua vida (tanto antes como depois da sua conversão), "até ao dia de hoje". Com certeza era isso o que Paulo estava alegando em 2 Timóteo 1:3. Para Ananias isso era o cúmulo da arrogância ou, até, da blasfêmia.

Em segundo lugar, por que a réplica de Paulo foi tão rude? Parece que Jerônimo foi o primeiro comentarista que chamou a atenção para o contraste entre Jesus e Paulo diante de seus juízes. Jesus respondeu com muito mais calma quando foi batido no rosto.[38] Além disso, Paulo havia escrito recentemente sobre si mesmo e seus companheiros: "Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos."[39] Talvez Paulo realmente tivesse perdido o controle, pois, de uma forma ou de outra, ele pediu desculpas, indicando que teria respondido de outro modo se soubesse que estava se dirigindo ao sumo sacerdote. Mas, então, como ele não reconheceu o sumo sacerdote? Muitas respostas foram sugeridas. De fato, de acordo com Haenchen, a afirmação de Paulo é "tão inacreditável que levou os teólogos a esforços desesperados".[40] Alguns pensam que se tratava de uma reunião informal no Sinédrio e que, portanto, Ananias não estava com sua roupa sacerdotal, nem presidia a reunião, de modo que era fácil não reconhecê-lo. Outros imaginam que, na confusão de vozes, Paulo não conseguiu identificar a pessoa que tinha dado a ordem para batê-lo. Uma terceira interpretação diz que Paulo estava sendo sarcástico, como se

dissesse, "Eu não sabia que um homem como você poderia ser o sumo sacerdote".[41] Mas para mim a explicação mais provável se encontra na vista fraca de Paulo. Nesse caso, "parede branqueada" não seria uma referência à hipocrisia, mas uma alusão a uma figura vestida de branco, do outro lado do tribunal, que Paulo só conseguia ver vagamente.

b. Paulo, os fariseus e os saduceus (23:6-10)

Várias perguntas também nos confrontam quando lemos esta parte da narrativa. Paulo agiu de forma justa ao jogar os fariseus contra os saduceus, e vice-versa? E estava certo em se denominar fariseu? Certamente não é necessário atribuir motivações indignas ou uma afirmação mentirosa a Paulo. Ele estava genuinamente preocupado com a doutrina, e ele cria (como nós também deveríamos) que a ressurreição é fundamental para o cristianismo. O anti-sobrenaturalismo dos saduceus era incompatível com o evangelho. Como Jesus mesmo disse, a razão de estarem errados era que eles não conheciam nem a palavra nem o poder de Deus.[45] Paulo, porém, era fariseu, não só pela linhagem e educação (v. 6), mas também porque compartilhava com os fariseus a grande verdade e esperança da ressurreição, que era o motivo de seu julgamento.

Depois do tumulto que se formou, os fariseus defenderam Paulo, declarando que nada conseguiam encontrar de errado nele. Isso parece ter provocado outra discussão que se tornou tão violenta que, pela terceira vez, o comandante teve que resgatá-lo e levá-lo à fortaleza de Antônia, para guardá-lo em segurança.

c. Paulo e o Senhor Jesus (23:11)

Depois do confronto entre Paulo e Ananias, e a discussão acalorada entre os fariseus e os saduceus, é um alívio ler que, na noite seguinte, o Senhor Jesus veio, ficou ao lado de Paulo e falou com ele. A violência dos últimos dois dias, e especialmente a inimizade dos judeus, devem tê-lo deixado ansioso quanto ao futuro. Aparentemente, havia pouca chance de ele deixar Jerusalém vivo, muito menos de viajar para Roma. Assim, nesse momento de desânimo, Jesus o confortou com a promessa direta e clara de que, assim como testemunhara dele em Jerusalém, também precisava testemunhar em Roma. Seria difícil exagerar a

calma e a coragem que esta afirmação deve ter levado a Paulo durante os três primeiros julgamentos, os dois anos de prisão e sua viagem atribulada até Roma.

6. Paulo é salvo de uma conspiração dos judeus (23:12-35)

Quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que
não haviam de comer nem beber, enquanto não matassem a Paulo. [13]*Eram*
mais de quarenta os que entraram nesta conspirata. [14]*Estes, indo ter com*
os principais sacerdotes e os anciãos, disseram: Juramos, sob pena de
anátema, não comer coisa alguma enquanto não matarmos a Paulo.
[15]*Agora, pois, notificai ao comandante, juntamente com o Sinédrio, que*
vo-lo apresente como se estivésseis para investigar mais acuradamente a
sua causa; e nós, antes que ele chegue, estaremos prontos para assassiná-
lo.

[16]*Mas o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido a trama, foi, entrou na*
fortaleza e de tudo avisou a Paulo.

[17]*Então este, chamando um dos centuriões, disse: Leva este rapaz ao*
comandante, porque tem alguma coisa a comunicar-lhe. [18]*Tomando-o,*
pois, levou-o ao comandante, dizendo: O preso Paulo, chamando-me,
pediu-me que trouxesse à tua presença este rapaz, pois tem algo que dizer-
te.

[19]*Tomou-o pela mão o comandante e, pondo-se à parte, perguntou-lhe:*
Que tens a comunicar-me?

[20]*Respondeu ele: Os judeus decidiram rogar-te que amanhã apresentes*
Paulo ao Sinédrio, como se houvesse de inquirir mais acuradamente a seu
respeito. [21]*Tu, pois, não te deixes persuadir, porque mais de quarenta*
entre eles estão pactuados entre si, sob anátema, de não comer nem beber,
enquanto não o matarem; e agora estão prontos, esperando a tua
promessa.

[22]*Então o comandante despediu o rapaz, recomendando-lhe que a*
ninguém dissesse ter-lhe trazido estas informações.

[23]*Chamando dois centuriões, ordenou: Tende de prontidão, desde a hora*
terceira da noite, duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos
lanceiros para irem até Cesaréia; [24]*preparai também animais para fazer*
Paulo montar e ir com segurança ao governador Félix, [25]*a quem escreveu*
uma carta nestes termos:

[26]*Cláudio Lísias,*
ao excelentíssimo governador Félix,
saúde.

[27]Este homem foi preso pelos judeus, e estava prestes a ser morto por eles, quando eu, sobrevindo com a guarda, o livrei por saber que ele era romano. [28]Querendo certificar-me do motivo por que o acusavam, fi-lo descer ao Sinédrio deles; [29]verifiquei ser ele acusado de coisas referentes à lei que os rege, nada, porém, que justificasse morte, ou mesmo prisão. [30]Sendo eu informado de que ia haver uma cilada contra o homem, tratei de enviá-lo a ti, sem demora, intimando também os acusadores a irem dizer na tua presença o que há contra ele. Saúde.

[31]Os soldados, pois, conforme lhes foi ordenado, tomaram a Paulo e, durante a noite o conduziram até Antipátride; [32]no dia seguinte, voltaram para a fortaleza, tendo deixado aos de cavalaria o irem com ele; [33]os quais, chegando a Cesaréia, entregaram a carta ao governador, e também lhe apresentaram Paulo. [34]Lida a carta, perguntou o governador de que província ele era; e, quando soube que era da Cilícia, [35]disse: Ouvir-te-ei, quando chegarem os teus acusadores. E mandou que ele fosse detido no pretório de Herodes.

a. A conspiração é tramada (23:12-22)

Os judeus da Ásia tinham sido frustrados em suas tentativas de linchar Paulo, e o Sinédrio fora incapaz de condená-lo por qualquer ofensa. Assim um grupo de mais de quarenta judeus tramaram uma conspiração para matá-lo, jurando que não comeriam nem beberiam nada até que ele estivesse morto. Então convenceram os principais sacerdotes a persuadirem o Sinédrio para que este pedisse ao comandante que cooperasse com eles. O plano era fazer com que Paulo fosse levado ao tribunal pelas ruas estreitas da cidade, onde seria fácil interceptá-lo e assassiná-lo. Parecia que todos estavam envolvidos nessa conspiração e que, agora, Paulo corria um perigo extremo.

Mas nem mesmo os planos humanos mais cuidadosos e astutos podem ser bem-sucedidos quando Deus se opõe a eles. Nenhuma arma forjada contra ele prevalecerá.[46] Dessa vez, a intervenção de Deus envolveu o sobrinho de Paulo. É perturbador ler essas referências à irmã e ao sobrinho de Paulo e não ter nenhuma outra informação a respeito deles. Eram convertidos? Tinham alguma ligação com os líderes judeus que tornaria natural o fato de o sobrinho de Paulo ficar sabendo da conspiração sem levantar qualquer suspeita? E como ele teve acesso tão fácil ao quartel, se,

além de tudo (como indica o versículo 19) não passava de um rapaz? Lucas não satisfaz nossa curiosidade em relação a essas questões. O que sabemos é que a notícia da conspiração passou do sobrinho de Paulo para Paulo, de Paulo para um centurião, e do centurião para o comandante, que tomou conhecimento da trama através dos lábios do jovem. Sem dúvida, lembrando a cidadania romana de Paulo, o comandante resolveu agir imediatamente.

b. A conspiração é frustrada (23:23-35)

O destacamento de *duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros* soa como um suprimento exagerado, extraordinário, que representava cerca de meia guarnição. Será que eram, mesmo, necessários quatrocentos soldados e setenta cavalos para garantir a segurança de um único prisioneiro? É esta pergunta que levou os eruditos a perguntarem se "lanceiros" é a tradução correta de *dexiolaboi*, que não aparece em nenhuma outra passagem bíblica nem na literatura grega contemporânea. Kirsopp e Lake sugerem que essa palavra significa "levaram cavalos", o que incluiria cavalos de reserva, para a longa viagem noturna de quase setenta quilômetros, e também cavalos de carga.[47] Alguns comentaristas mais recentes adotam essa explicação.

O seu destino era Cesaréia que, sendo a capital da província da Judéia, era a cidade em que morava o governador Félix. Félix governou como procurador da Judéia por sete ou oito anos, desde 52 d.C. Ele devia o cargo a seu irmão Palas, que era muito estimado na corte do imperador Cláudio e, depois, de Nero. Félix era implacável ao abafar as sublevações dos judeus. Apesar de ter sido libertado, parece que ele nunca deixou sua mentalidade servil, o que fez Tácito escrever que "ele exercia o poder de um rei com a mentalidade de um escravo."[48]

Naturalmente, as pessoas perguntam como Lucas obteve a carta oficial do comandante para o procurador, para conseguir publicar o seu conteúdo. Não é impossível que ela tenha sido lida no tribunal, ou que Félix tenha revelado o seu conteúdo a Paulo durante uma das ocasiões em que ele o interrogou em particular (23:34; 24:24). Por outro lado, Lucas fala que Cláudio Lísias escreveu a Félix *da seguinte forma* (v. 25) e, portanto, ele pode estar dizendo que são apenas os pontos principais da carta. Em todo caso, não podemos deixar de sorrir ao ler essa carta. O comandante foi muito preciso em descrever como ele resgatou

Paulo, concedeu-lhe um tratamento especial como cidadão romano, levou-o à presença do Sinédrio, descobriu que as acusações eram apenas de caráter religioso (sobre "Moisés e um certo Jesus", de acordo com o texto Ocidental do v. 29), e não civil ou criminal, frustrou a conspiração dos judeus contra ele, o enviou ao governador e ordenou que os seus acusadores apresentassem o caso à corte. Ao mesmo tempo, Lísias manipulou os fatos para retratar-se de forma mais favorável, colocando a descoberta da cidadania de Paulo antes, e não depois, do resgate, silenciando discretamente a séria ofensa de ter amarrado e preparado uma tortura para um cidadão romano. Nove dos principais verbos estão na primeira pessoa do singular. A carta era bem honrosa, mas, sem dúvida, egocêntrica.

Após relatar o texto da carta, Lucas descreve a transferência militar de Paulo, de Jerusalém, via Antipátride, onde as tropas passaram a noite, até Cesaréia, onde a carta e o prisioneiro foram entregues a Félix. O governador leu a carta, perguntou sobre a província de Paulo, a fim de confirmar se o problema de Paulo era da sua jurisdição, decidiu ouvir o caso quando os acusadores de Paulo viessem e ordenou que, enquanto isso, ele ficasse detido no magnífico palácio que Herodes o Grande havia construído para si mesmo e que agora era o *praetorium*, a residência oficial do governador. Lucas não explica o que significava "detido", mas podemos te certeza de que, como cidadão romano, e sem acusações criminais, Paulo não era maltratado.

A grande habilidade de Lucas como historiador-teólogo, sem falar da inspiração do Espírito Santo, é vista claramente nestes capítulos. O futuro do evangelho estava em jogo: forças poderosas se alinhavam para lutar a favor e contra ele. De um lado, os perseguidores judeus eram preconceituosos e violentos. Do outro, os romanos eram liberais e tentavam manter os padrões da lei, da justiça e da ordem, dos quais os seus melhores líderes eram compreensivelmente orgulhosos. Quatro vezes eles salvaram Paulo da morte, por linchamento ou assassinato,[49] guardando-o sob custódia até que as acusações contra ele pudessem ser esclarecidas e, se convincentes, apresentadas na corte. Então três vezes na narrativa de Lucas, como vimos, Paulo é declarado inocente.

Paulo se achou preso, indefeso e completamente vulnerável entre estes dois poderes, o religioso e o civil, o hostil e o amigável, Jerusalém e Roma. Não se pode deixar de admirar a sua coragem,

especialmente quando se colocou nos degraus da fortaleza, sem nenhum poder além da Palavra e do Espírito de Deus, encarando uma multidão furiosa que acabara de maltratá-lo severamente. Lucas parece apresentá-lo a nós como um exemplo de bravura cristã para que, como Crisóstomo expressa no fim de sua qüinquagésima quinta e última homilia sobre Atos, possamos "competir com Paulo e imitar essa alma nobre, inquebrantável".[50] A fonte de sua coragem era a sua serena confiança na verdade. Ele bem sabia que os romanos não tinham nenhuma acusação contra ele. Ele estava convencido de que os judeus também não tinham, porque a sua fé era a fé de seus pais, e o evangelho era o cumprimento da lei. E, acima de tudo, ele sabia que o Senhor e Salvador Jesus Cristo estava com ele e que manteria a sua promessa de que algum dia, de alguma forma, ele testemunharia em Roma.

Notas:

1. E.g. At 13:50; 14:2, 19; 17:4ss., 13; 18:6ss., 12ss.;19:8-9; 2:3, 19.
2. Lc 23:4.
3. Lc 23:14-15.
4. Lc 23:22.
5. Ramsay, *St. Paul*, p. 303.
6. *Ibid*, p. 308.
7. *Ibid*., p. 309.
8. Gl 1:18-19.
9. Gl 2:1, 9.
10. Cf. Rm 15:23ss.
11. E.g. At 11:27-30; 20:35; Gl 2:10; 2 Co 8:9ss.
12. 1 Tm 6:10.
13. Rm 15:27.
14. Rm 15:31.
15. E.g. 1 Co 7:19; Gl 6:15.
16. E.g. Rm 7:12; 8:4; Tg 1:25; 2:8.
17. Nm 6:1ss; cf. At 18:18ss.
18. Veja a discussão completa em Bruce, *English*, pp. 430-432; Haenchen, pp. 611-612; Marshall, *Atos*, pp. 322; e Longenecker, *Acts*, p. 520.
19. 1 Co 9:20.
20. Bruce, *English*, p. 432, nota 39.
21. Marshall, *Atos*, p. 324.
22. Josefo, *Antiguidades*, XV.11.5; *Guerras*, V.5.2.
23. Bruce, *English*, p. 434.
24. Josefo, *Guerras*, VI.2.4.
25. Ef 2:14.
26. Lc 23:18; cf. At 22:22.

27. Josefo, *Antiguidades*, XX.8.6; *Guerras*, II.13.5.
28. Sherwin-White, p. 180.
29. Fp 3:5.
30. Cf. Gl 1:16; 2:7-8.
31. Veja Cadbury, "Dust and Garments", nota xxiv, em *BC*, V, pp. 269-277.
32. Bruce, *English*, p. 445.
33. Sherwin-White, p. 57.
34. *Ibid.*, p. 155.
35. At 22:30; 23:28; 24:27; 26:29
36. *BJ*, versículo 29, nota x.
37. Josefo, *Antiguidades*, XX.9.2.
38. Jo 18:22-23; cf. 1 Pe 2:23.
39. 1 Co 4:12.
40. Haenchen, p. 640.
41. Calvino segue Agostinho ao crer que a explicação de Paulo foi "irônica". O que ele quis dizer foi: "Eu, irmãos, não reconheço nenhum traço sacerdotal neste homem"; ele estava negando que Ananias tivesse o direito de ser considerado sacerdote de Deus (Calvino, II, pp. 229-230).
42. E.g. Gl 4:13-16; 6:11.
43. Ez 13:8ss.; Mt 23:27.
44. E.g. At 4:2; 17:18, 31; 24:21; 26:6ss.; 28:20.
45. Lc 20:27ss.
46. Is 54:17.
47. *BC*, IV, p. 293.
48. Tácito, *Histories*, V.9, citado e.g. por Bruce, *English*, p. 462.
49. At 21:32-33; 22:23-24; 23:10; 23:23ss.
50. Crisóstomo, Homilia LV, p. 328.

Atos 24:1 - 26:32
17. O julgamento de Paulo

Jerusalém e Roma eram os centros de dois blocos de poder extremamente fortes. A fé de Jerusalém remontava a Abraão, dois mil anos antes. O domínio de Roma se estendia por uns dois milhões de quilômetros quadrados ao redor do mar Mediterrâneo. A força de Jerusalém estava na história e na tradição, a de Roma, na conquista e na organização. O poder combinado de Jerusalém e Roma era invencível. Se um dissidente solitário como Paulo ousasse enfrentá-los, o resultado seria inevitável. As suas chances de sobrevivência seriam iguais às de uma borboleta diante de um rolo compressor. Ele seria esmagado, totalmente eliminado da face da terra.

Mas podemos afirmar com segurança que essa possibilidade nunca passou pela cabeça de Paulo. Pois ele via a situação a partir de uma perspectiva completamente diferente. Ele não era traidor da igreja nem do estado, para entrar em colisão com eles, apesar de seus acusadores tentarem incriminá-lo nesse sentido. Os inimigos de Jesus haviam seguido o mesmo esquema. Em sua própria corte, eles o acusaram de blasfemar e ameaçar destruir o templo,[1] enquanto que diante de Pilatos eles o apresentaram como alguém culpado de sedição – de subverter a nação, opondo-se aos impostos de César e afirmando ser rei.[2] Agora, os inimigos de Paulo o acusavam de coisas semelhantes, ou seja, que ele estava "contra a lei dos judeus", "contra o templo" e "contra César" (25:7-8).

Mas, quanto a esses aspectos, Paulo era tão inocente quanto Jesus. Ele não tinha nada contra o *status* que Deus havia concedido a Jerusalém e a Roma. Pelo contrário, como havia escrito aos cristãos romanos, ele reconhecia que a autoridade de Roma[3] e os privilégios dados a Israel vinham de Deus.[4] O evangelho não subvertia a lei, fosse ela judaica ou romana, pelo contrário,

"confirmava-a".[5] Claro que os romanos poderiam fazer um mau uso da autoridade recebida de Deus e os judeus poderiam deturpar a sua lei como meio de salvação. Nessas ocasiões, Paulo se oporia a eles. Mas, no momento, a questão não era essa. Durante o seu julgamento, a asserção de Paulo era que, a princípio, o evangelho apoiava o domínio de César (25:8-12) e cumpria a esperança de Israel (26:6ss.). Em sua defesa diante dos juízes, ele se apresentou como um leal cidadão romano e, também, um leal filho de Israel.

A dupla negação de traição e a dupla insistência na lealdade é o fio que percorre todos estes capítulos. Até agora, ele se defendeu diante de uma multidão de judeus (21:40ss.) e do Sinédrio (23:1ss.). Agora, ele terá de ser julgado diante dos procuradores Félix (25:23ss.) e Festo (25:1ss.), e do rei Agripa II (25:23ss.). Em todos esses cinco julgamentos, nos quais a acusação era ora de natureza política (sedição), ora religiosa (sacrilégio), o público presente era em parte romano e em parte judeu. Assim, quando Paulo falou com a multidão de judeus e com o Sinédrio, Cláudio Lísias, o comandante romano, estava presente, ouvindo, e quando ele se apresentou a Félix e Festo, representantes de Roma, os judeus estavam ali, como seus acusadores. Então, no quinto julgamento, o *grand finale*, o rei Agripa II juntou ambas as autoridades em si mesmo, pois ele fora escolhido por Roma e também era uma autoridade reconhecida em questões judaicas.

1. Paulo diante de Félix (24:1-27)

No fim do capítulo anterior, Félix, tendo lido a carta de Cláudio Lísias, mandou chamar os acusadores de Paulo em Jerusalém, mantendo-o sob custódia em Cesaréia nesse ínterim. *Cinco dias depois*, provavelmente após a chegada de Paulo, desceu *o sumo sacerdote, Ananias*, respondendo ao chamado do procurador, *com alguns anciãos e com certo orador, chamado Tértulo*. Assim que a corte foi convocada, *apresentaram ao governador libelo contra Paulo* (v. 1). Não sabemos se as acusações foram apresentadas por escrito ou oralmente, mas depois que o procurador as recebeu, Paulo foi *chamado* e *passou Tértulo a acusá-lo* (v. 2a).

a. A acusação de Tértulo (24:2b-9)

Advogado treinado e experiente, Tértulo começou com o que era chamado de *captatio benevolentiae*, ou seja, uma tentativa de conquistar a simpatia do juiz. Tradicionalmete, isso era uma adulação que beirava a hipocrisia e muitas vezes incluía uma promessa de brevidade. Mas desta vez, o nível caiu, chegando a "uma bajulação que quase dá náuseas".[6] Pois Tértulo expressou sua gratidão pela "paz" conseguida por Félix e pelas "reformas" introduzidas enquanto, na realidade, ele debelou alguns tumultos com tanta brutalidade e barbárie que conquistou não a gratidão, mas o horror da população judaica. Aqui estão as palavras de Tértulo: *Excelentíssimo Félix: tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene; e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício deste povo, sempre e por toda parte isto reconhecemos com toda a gratidão. Entretanto, para não te deter por longo tempo, rogo-te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco* (vs. 2b-4).

Tértulo, então, enumerou três acusações contra Paulo. Em primeiro lugar, *verificamos que este homem é uma peste, e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo* (v. 5a). Isso era uma acusação séria, devido às suas implicações políticas. Havia muitos agitadores judeus naquela época, falsos Messias que ameaçavam aquela "paz" que Tértulo havia atribuído a Félix.

Em segundo lugar, continuou Tértulo, Paulo *é o principal agitador da seita dos nazarenos* (v. 5b). A palavra *hairesis* significava "seita, partido, escola" e era aplicada tanto aos saduceus (5:17) como aos fariseus (15:5; 26:5), como tradições dentro do judaísmo. E é nesse sentido que é aplicada aos cristãos. Ela ainda não significava "heresia", apesar de seu uso neste capítulo (vs. 5, 14) e a sua repetição em 28:22 "aproximarem-se" do sentido de "seita herética" (BAGD).

A terceira acusação contra Paulo era que ele *também tentou profanar o templo* (v. 6), porque pensavam que ele levara Trófimo, o efésio, para dentro do recinto proibido (21:29). Esta era uma acusação especialmente prejudicial e perigosa, pois os romanos haviam dado aos judeus amplos poderes para lidar com os assuntos relacionados com o seu templo. *Nós o prendemos*, disse Tértulo, usando um eufemismo desonesto para a tentativa de linchamento da parte dos judeus (21:30-31). O texto Ocidental, então, acrescenta os versículos 6b-8a: "com o intuito de julgá-lo

segundo a vossa lei. Mas sobrevindo o comandante Lísias, o arrebatou das nossas mãos com grande violência, ordenando que os seus acusadores viessem à tua presença." A intenção desse acréscimo é completar a inversão dos fatos, atribuindo a violência a Lísias, e não à multidão de judeus, assim como a prisão regulamentar fora atribuída aos judeus, e não a Lísias.

Tértulo concluiu a sua acusação com um apelo direto a Félix: *Tu mesmo, examinando-o, poderás tomar conhecimento de todas as coisas de que nós o acusamos* (v. 8). Quando terminou, *os judeus também concordaram na acusação, afirmando que estas coisas eram assim* (v. 9).

b. A defesa de Paulo (24:10-21)

Tendo-lhe *o governador feito sinal que falasse*, Paulo iniciou a sua defesa. Ele também começou com uma *captatio benevolentiae*, apesar de ser consideravelmente mais modesta e moderada do que a de Tértulo: *Sabendo que há muitos anos és juiz desta nação, sinto-me à vontade para me defender* (v. 10). Ele então passou a refutar, uma por uma, as acusações dos promotores.

Em primeiro lugar, ele não era absolutamente um perturbador. *Visto poderes verificar que não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar* (v.11); *e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tão pouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou fosse na cidade* (v. 12); *nem te podem provar as acusações que agora fazem contra mim* (v. 13). Em outras palavras, nos poucos dias de que dispunha, ele não teve tempo para fomentar uma insurreição; nem teve a intenção de fazê-lo, já que fora a Jerusalém como peregrino, para adorar, não como agitador, para provocar um motim; e seus acusadores não podiam levantar prova nenhuma de que ele tivesse causado algum distúrbio ou mesmo se envolvido numa discussão no templo, nas sinagogas ou na cidade.

Em segundo lugar, Paulo também falou sobre a acusação de ser ele "o principal agitador da seita dos nazarenos". Isso o levou a uma afirmação e, também, a uma negação. De fato ele era um "seguidor do Caminho", mas isso não era uma "seita", como eles a chamavam, pois ele adorava o Deus de seus pais e cria no ensinamento das Escrituras.

Porém, confesso-te isto que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei, e nos escritos dos profetas, [15]*tendo esperança*

em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. [16] *Por isso também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens.*

Paulo faz, aqui, a sua confissão pública de fé (*homologo*, "confesso", v. 14). Ela é composta de quatro afirmações: (i) "eu sirvo ao Deus de nosso pais"; (ii) "acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e ... os profetas"; (iii) "tendo esperança em Deus, como também estes a têm"; e (iv) "me esforço por ter sempre consciência pura ..." O propósito de Paulo nisso tudo não era apenas fazer uma declaração pessoal, mas também insistir que ele a trazia juntamente com todo o povo de Deus. Ele adorava o mesmo Deus ("o Deus de nossos pais"), acreditava nas mesmas verdades (a lei e os profetas), compartilhava a mesma esperança (a ressurreição dos justos e dos ímpios) e acalentava a mesma ambição (manter uma consciência pura). Portanto, ele não era um inovador, mas fiel à fé ancestral. Ele também não era um sectário ou desviado herético, pois permanecia exatamente na corrente principal do judaísmo. O culto, a fé, a esperança e o alvo de Paulo não eram diferentes. "O Caminho" gozava de uma continuidade direta com o Antigo Testamento, pois as Escrituras testemunhavam de Cristo Jesus como aquele em que seriam cumpridas as promessas de Deus.

A terceira acusação contra Paulo era que ele havia profanado o templo (v. 7). O apóstolo negou energicamente.

[17] *Depois de anos vim trazer esmolas à minha nação, e também fazer oferendas,* [18] *e foi nesta prática que alguns judeus da Ásia me encontraram já purificado no templo, sem ajuntamento e sem tumulto,* [19] *os quais deviam comparecer diante de ti e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim.* [20] *Ou estes mesmos digam que iniqüidade acharam em mim, por ocasião do meu comparecimento perante o Sinédrio,* [21] *salvo estas palavras que clamei entre eles: Hoje sou eu julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos.*

Longe de querer profanar o templo, o propósito da visita de Paulo a Jerusalém era religioso ("vim trazer esmolas à minha nação, e também fazer oferendas", v. 17) e sua condição, quando foi encontrado no templo fazendo isso, era de pureza cerimonial (v. 18). Não havia multidão nem tumulto. Foram certos judeus da Ásia que o perturbaram e causaram um tumulto (apesar de Paulo

não ter concluído a frase), exatamente quando ele estava demonstrando seu amor pela nação e o seu respeito pelas leis. Por que esses homens não estavam na corte para fazerem as suas acusações (v. 19)? A ausência deles era uma séria violação da lei romana, "muito dura contra os acusadores que abandonavam as suas acusações".[7] Já que aqueles judeus asiáticos não estavam presentes para testemunhar, os que ali estavam deveriam apresentar o crime pelo qual o Sinédrio o havia condenado (v. 20). O fato é que os fariseus haviam declarado que ele era inocente de qualquer crime (23:9); só os saduceus o julgaram culpado, apenas por uma crença teológica a respeito da ressurreição dos mortos (v. 21).

c. Félix adia o julgamento (24:22-27)

Então Félix, conhecendo mais acuradamente as coisas com respeito ao Caminho (talvez por causa da sua esposa judia, Drusila), *adiou a causa*. Ele se viu nas garras de um dilema. Não podia condenar Paulo, já que Lísias, o tribuno, não encontrara nenhuma falta nele (23:29), nem o Sinédrio (23:9); e Tértulo não fora capaz de comprovar suas acusações. Por outro lado, Félix não queria soltar Paulo, em parte porque esperava um suborno (v. 26) e em parte porque ele queria adular os judeus (v. 27). A única opção que restava era adiar o julgamento sob o pretexto de que ele precisava do conselho do comandante: *Quando descer o comandante Lísias, tomarei inteiro conhecimento do vosso caso* (v. 22). Enquanto isso, *mandou ao centurião que conservasse a Paulo detido, tratando-o com indulgência e não impedindo que os seus próprios o servissem* (v. 23). Os romanos tinham vários níveis de prisão. Pelo fato de Paulo ser cidadão romano e não ter sido condenado por nenhum crime, Félix ordenou que lhe fosse dada *custodia libera*, pela qual, apesar de nunca ser deixado sem guarda, os seus amigos podiam visitá-lo livremente. Podemos crer que Lucas o visitou, como também o evangelista Filipe e suas quatro filhas que viviam em Cesaréia (21:8-0), juntamente com outros membros da igreja local.

Não haveria outro julgamento público nos próximos dois anos (v. 27). Durante esse período, porém, Félix fez investigações particulares. O texto Ocidental confere a iniciativa à sua esposa Drusila, "que pediu permissão para ver Paulo e ouvir a palavra". "Querendo satisfazê-la", Félix mandou chamá-lo.[8] Drusila era a filha mais nova do rei Herodes Agripa I, cuja oposição e morte foi

descrita antes por Lucas (12:1-23). Portanto, ela era irmã do rei Agripa II e de Berenice, que serão apresentados por Lucas no próximo capítulo (25:13, 23; 26:30). Ela era célebre por sua beleza vigorosa e arrebatadora. Por conta disso Félix a seduziu com a ajuda de um mágico cipriota, tomando-a de seu verdadeiro marido e guardando-a para si mesmo. Na realidade, Drusila era a sua terceira esposa. O baixo padrão moral de Félix e Drusila ajuda a entender os assuntos sobre os quais Paulo discorreu diante deles.

[24]*Passados alguns dias, vindo Félix com Drusila, sua mulher, que era judia, mandou chamar Paulo e passou a ouvi-lo a respeito da fé em Cristo Jesus.* [25]*Dissertando ele acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro, ficou Félix amedrontado e disse: Por agora podes retirar-te e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei;* [26]*esperando também ao mesmo tempo que Paulo lhe desse dinheiro; pelo que, chamando-o mais freqüentemente, conversava com ele.*

[27] *Dois anos mais tarde Félix teve por sucessor Pórcio Festo; e, querendo Félix assegurar o apoio dos judeus, manteve Paulo encarcerado.*

Em geral, Paulo discorria sobre a *fé em Cristo Jesus* (v. 24). Já que Drusila era judia, ele deve ter repetido os fatos ligados à vida, morte e ressurreição de Jesus, empregando os seus argumentos habituais para demonstrar que esse Jesus de Nazaré era o Cristo das Escrituras. Ele também deve ter apresentado Jesus não só como um personagem histórico e o cumprimento da profecia, mas também como o Senhor e Salvador, em quem Félix e Drusila deveriam depositar a fé. Entretanto, Paulo nunca proclamou as boas novas num vácuo, mas sempre num contexto, no contexto pessoal dos ouvintes. Assim, ele passou a discursar *acerca da justiça, do domínio próprio e do juízo vindouro* (v. 25). A maioria dos comentaristas relaciona a "justiça" à bem conhecida crueldade e opressão da qual Félix era culpado, e o "domínio próprio" à sua lascívia desenfreada que o levou e uniu a Drusila, enquanto o "juízo vindouro" seria o castigo inevitável por sua injustiça e imoralidade. E isto pode estar correto. Mas para mim, é possível que a *dikaiosyne* (justiça) da qual Paulo falou era precisamente a "justiça de Deus" ou o ato divino de justificação que ele elaborara em sua Carta aos Romanos. Nesse caso, os três tópicos da conversa seriam "os três tempos da salvação", ou seja, como ser justificado ou ser considerado justo por Deus, como vencer a tentação e obter

o domínio próprio, e como escapar do terrível juízo final de Deus. Não nos surpreende que Félix tenha se *amedrontado* quando esses assuntos solenes foram expostos, declarando que ele tinha ouvido o suficiente naquele momento.

Durante os próximos meses, porém, Félix (embora, ao que parece, Drusila) *chamando-o mais freqüentemente, conversava com ele* (v. 26). Lucas diz explicitamente que Félix esperava um suborno, uma prática muito comum, embora ilegal. Ramsay até argumentou, pensando nas grandes despesas de Paulo com o rito de purificação (21:23), o longo processo legal, o apelo a César e a sua moradia alugada em Roma (28:30), além da esperança de Félix por um suborno, que o apóstolo teria acabado de herdar alguma propriedade da família.[9] Em todo caso, a cobiça do governador (pela qual também era conhecido) fora despertada. Entretanto, seria cínico supor que o único motivo para Félix segurar Paulo era o resgate. Eu creio que ele sabia que Paulo tinha algo mais precioso do que o dinheiro, algo que o dinheiro não pode comprar. Se a sua consciência estava alarmada por causa do ensino de Paulo, então ele devia estar à procura de perdão e paz. Com certeza, para Paulo, o fato de Félix ser libertado do pecado era mais importante do que ele próprio ser libertado da prisão. Mas, infelizmente, não há nenhuma evidência de que Félix tenha se rendido a Cristo, sendo remido. Pelo contrário, quando Pórcio Festo o sucedeu como procurador, Félix *manteve Paulo encarcerado* (v. 27), ultrapassando os dois anos que eram "o período máximo de uma custódia preventiva",[10] a fim de ganhar o favor dos judeus, o que significa que "ele não só cobiçava dinheiro, mas também glória".[11]

2. Paulo diante de Festo

De acordo com Josefo, Félix foi chamado a Roma a fim de explicar a repressão selvagem de uma disputa entre judeus e sírios sobre os respectivos direitos civis em Cesaréia, e teria sido punido severamente, não fosse o apelo de Palas, seu irmão, a Nero.[12] Não se sabe muito a respeito de Pórcio Festo, que o substituiu, pois ele morreu em seu cargo apenas dois anos mais tarde. Mas parece que foi mais justo e moderado do que seu predecessor ou seus sucessores.

O novo procurador não perdeu tempo, tentando logo se familiarizar com as questões judaicas, incluindo a acusação contra Paulo. Lucas o apresenta aos seus leitores como "um trabalhador

vigoroso e enérgico"[13] e resume o seu envolvimento neste caso: (a) ele recusou o pedido dos líderes judeus que desejavam julgar Paulo em Jerusalém, (b) ouviu a defesa de Paulo e seu apelo a César, e (c) consultou o rei Agripa II quanto ao que deveria ser feito em seguida.

a. Festo recusa o pedido dos líderes judeus (25:1-5)

Tendo, pois, Festo assumido o governo da província, três dias depois subiu de Cesaréia para Jerusalém; [2]e logo os principais sacerdotes e os maiorais dos judeus lhe apresentaram queixas contra Paulo, e lhe solicitavam, [3]pedindo como favor, em detrimento de Paulo, que o mandasse vir a Jerusalém, armando eles cilada para o matarem na estrada. [4]Festo, porém, respondeu achar-se Paulo detido em Cesaréia; e que ele mesmo muito em breve partiria para lá. [5]Portanto, disse ele, os que dentre vós estiverem habilitados que desçam comigo; e, havendo contra este homem qualquer crime, acusem-no.

Embora Festo tivesse um caráter mais conciliatório do que Félix, permaneceu firme em sua primeira visita a Jerusalém. Ele recusou os pedidos fervorosos dos líderes judeus para que transferisse Paulo a Jerusalém para ser julgado ali. Será que suspeitou que eles tinham outras intenções, ou que até (como revela Lucas) estavam preparando uma emboscada para matá-lo (v. 3)? Não sabemos. O que aparece é que Festo estava determinado a deixar a justiça seguir seu curso. O procedimento romano seguia três estágios. Primeiro, as acusações eram formuladas e sustentadas pelo litigante. Depois, havia um "ato formal de acusação pela parte interessada". E finalmente, o caso era ouvido pelo "representante do *imperium* em pessoa", neste caso, o procurador.[14] O acusado e os seus acusadores eram confrontados dessa maneira (vs. 15-16).

b. Festo ouve a defesa de Paulo e seu apelo a César (25:6-12)

E, não se demorando entre eles mais de oito ou dez dias, desceu para Cesaréia; e no dia seguinte, assentando-se no tribunal, ordenou que Paulo fosse trazido. [7]Comparecendo este, rodearam-no os judeus que haviam descido de Jerusalém, trazendo muitas e graves acusações contra ele, as quais, entretanto, não podiam provar.

[8]Paulo, porém, defendendo-se, proferiu as seguintes palavras: Nenhum

pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César.

[9]Então Festo, querendo assegurar o apoio dos judeus, respondeu a Paulo: Queres tu subir a Jerusalém e ser ali julgado por mim a respeito destas coisas?

[10]Disse-lhe Paulo: Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus como tu muito bem sabes. [11]Caso, pois, tenha eu praticado algum mal, ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrario, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém para lhes ser agradável pode entregar-me a eles. Apelo para César.

[12]Então Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Para César apelaste, para César irás.

Lucas não especifica as muitas acusações sérias (v. 7), mas a defesa de Paulo indica que ele fora acusado de ofender a lei judaica, o templo e o imperador (v. 8). Mais uma vez, combinam-se acusações políticas e religiosas, mas nesta ocasião César é mencionado pela primeira vez. Os distúrbios atribuídos a Paulo eram religiosos em sua origem, mas políticos em seu caráter. E esse era o motivo de o representante de César ser obrigado a tomar conhecimento deles. Os judeus sabiam que os governadores romanos "relutavam em condenar com base em acusações puramente religiosas e, portanto, tentaram dar um aspecto político à acusação religiosa".[15] E o julgamento se prolongava porque "a acusação era política ... mas a prova era teológica".[16]

Foi essa referência a César que determinou o curso do julgamento de Paulo diante de Festo. Por alguma razão não aparente, a não ser a de querer prestar um favor aos judeus, Festo deu a Paulo a opção de ser julgado por ele em Jerusalém (v. 9). Ele tinha todo o direito de fazer essa oferta. "Nada o impedia de usar o Sinédrio, ou alguns de seus membros, como seu próprio *concilium*. Era isso que Paulo temia."[17] Paulo sabia muito bem que poderia esperar justiça e absolvição apenas dos romanos, não dos judeus. Não cometera nenhuma ofensa contra os judeus, como Festo sabia perfeitamente. Se ele era culpado de alguma ofensa capital, então, estava disposto a aceitar o castigo. Mas se as acusações dos judeus eram falsas, ninguém – nem mesmo o procurador – tinha o direito de entregá-lo a eles. Assim só lhe restava uma opção: *Apelo para César* (v. 11). Parece que Festo não estava preparado para esse desdobramento. O que faria agora?

Não podia condenar Paulo, pois temia infringir a justiça romana, nem podia soltá-lo, pois temia ofender os judeus. Assim, após se aconselhar com o seu *concilium*, seus conselheiros legais, percebeu que não tinha nenhuma alternativa a não ser atender o apelo de seu prisioneiro. *Para César apelaste, para César irás* (v. 12).

Este não era o *apellatio* de um período posterior, que era um apelo a um tribunal superior contra uma sentença emitida por outro inferior, mas o *provocatio*, antigo direito de cidadão romano que o protegia de "castigo sumário, execução ou tortura sem julgamento, de prisão particular ou pública, e de um julgamento feito por magistrados fora da Itália".[18]

Se, no julgamento diante de Félix, Paulo enfatizou que "o Caminho" era uma sequência do judaismo, em seu julgamento diante de Festo, ele enfatizou a sua lealdade a César. César é mencionado oito vezes neste capítulo, cinco vezes como *Kaisar*, duas vezes como *Sebastos* (vs. 21, 25), o equivalente grego para Augusto, e uma vez como *ho Kyrios* (v. 26), "o Senhor". Paulo sabia que não ofendera a César (v. 8) e que ele se encontrava no tribunal de César (v. 10). Era apenas lógico que ele fizesse uso de seus direitos de cidadão apelando para ele (vs. 11, 12, 21).

c. Festo pede conselho a Agripa (25:13-22)

Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar a Festo. [14]Como se demorassem ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo, dizendo: Félix deixou aqui preso certo homem, [15]a respeito de quem os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixas, estando eu em Jerusalém, pedindo que o condenasse.

[16]A eles respondi que não é costume dos romanos condenar quem quer que seja, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação. [17]De sorte que, chegando eles aqui juntos, sem nenhuma demora, no dia seguinte, assentando-me no tribunal, determinei fosse trazido o homem; [18]e, levantando-se os acusadores, nenhum delito referiram dos crimes que eu suspeitava. [19]Traziam contra ele algumas questões referentes à sua própria religião e particularmente a certo morto, chamado Jesus, a quem Paulo afirma estar vivo. [20]Estando eu perplexo, quanto ao modo de investigar estas coisas, perguntei-lhe se queria ir a Jerusalém para ser ali julgado a respeito destas coisas. [21]Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido, até que eu o enviasse a César.

[22]*Então Agripa disse a Festo: Eu também gostaria de ouvir este homem. Amanhã, respondeu ele, o ouvirás.*

Herodes Agripa II era filho de Herodes Agripa I, de Atos 12, e neto de Herodes o Grande. Berenice era sua irmã, e havia inúmeros rumores de que o relacionamento deles era incestuoso. Ele tinha apenas 17 anos quando perdeu o pai, sendo considerado jovem demais para assumir o reinado da Judéia, que foi transferido para um procurador. Em seu lugar, deram-lhe um reino pequeno e insignificante no norte, situado dentro da região que conhecemos como Líbano, que foi aumentado posteriormente pelo acréscimo de um território na Galiléia. Mesmo assim ele era um homem influente na sociedade judaica, pois o imperador Cláudio havia lhe confiado o cuidado pelo templo e a escolha do sumo sacerdote.[19] Ele e Berenice vieram a Cesaréia para uma visita de cortesia ao novo procurador. Durante a estada deles, Festo mencionou o caso de Paulo, que herdara de Félix. Ele contou ao rei três coisas que fizera.

Em primeiro lugar, em sua visita a Jerusalém, tinha ouvido os líderes judeus acusarem Paulo e pedirem a sua condenação, mas ele insistira que, de acordo com o costume romano, o acusado tinha o direito de confrontar os seus acusadores e defender-se deles (vs. 15-16). Em segundo lugar, quando os líderes judeus vieram a Cesaréia, Festo convocara o tribunal imediatamente, apenas para descobrir que Paulo não estava sendo acusado de nenhum crime contra o estado, mas de ofensas religiosas, e de afirmar que um morto chamado Jesus estava vivo (vs. 17-19). Em terceiro lugar, por Festo não ter base para julgar questões religiosas como essas, ele perguntara se Paulo desejava ser julgado em Jerusalém, mas ele apelara para César e Festo lhe atendera o apelo (vs. 20-21).

Intrigado com o resumo de Festo sobre o caso, Agripa disse que gostaria de ouvir Paulo pessoalmente, e Festo concordou (v.22). Paulo havia despertado a sua curiosidade, assim com Jesus despertara a curiosidade de seu tio-avô, Herodes Antipas.[20]

3. Paulo diante de Agripa (25:23 - 26:32)

O julgamento de Paulo diante de Agripa é o maior e o mais elaborado de todos os cinco. Lucas descreve a cena em detalhes, e a defesa de Paulo é mais polida em estrutura e linguagem do que

as outras. Pergunto-me se Lucas estava presente no plenário. Caso contrário, Paulo (ou outra pessoa) deve ter retratado tudo a ele mais tarde, apesar de ser possível que Lucas também tivesse acesso aos documentos oficiais do caso.

No dia seguinte, vieram Agripa e Berenice, com grande pompa (v. 23a). "Eles deviam estar usando seus mantos reais de púrpura e a coroa dourada sobre a cabeça. Sem dúvida, honrando a ocasião, Festo também estava usando o manto vermelho usado pelos governadores em ocasiões oficiais."[21] *Tendo eles entrado*, foram seguidos no esplendor da procissão, pelos *oficiais superiores*, os comandantes militares que eram "membros da equipe do procurador",[22] *e pelos homens eminentes da cidade*. Quando se assentaram, *Paulo foi trazido por ordem de Festo* (v. 23). De acordo com a tradição, Paulo era pequeno e pouco atraente, calvo, com sobrancelhas salientes, nariz adunco e pernas tortas, mas mesmo assim "cheio de graça".[23] Não vestia manto nem coroa, apenas algemas e, talvez, uma túnica simples de prisioneiro, mesmo assim ele dominou a corte com sua dignidade e confiança tranqüila semelhante a Cristo.

a. Festo introduz o caso (25:24-27)

Então disse Festo: Rei Agripa e todos vós que estais presentes conosco, vedes este homem, por causa de quem toda a multidão dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convinha que ele vivesse mais. [25]*Porém eu achei que ele nada praticara passível de morte; entretanto, tendo ele apelado para o imperador, resolvi mandá-lo.* [26]*Contudo, a respeito dele, nada tenho de positivo que escreva ao soberano; por isso eu o trouxe à vossa presença, e mormente à tua, ó rei Agripa, para que, feita a argüição, tenha eu alguma coisa que escrever;* [27]*porque não me parece razoável remeter um preso, sem mencionar ao mesmo tempo as acusações que militam contra ele.*

O relato de Festo sobre a situação era uma mistura de verdade e erro. Era verdade que por duas vezes a comunidade judaica exigira a morte de Paulo, e que Festo não o considerava culpado de nenhum crime capital (vs. 24-25). Porém não era verdade que Festo não tinha "nada de positivo" definido para escrever ao imperador sobre Paulo (v. 26) e que não conseguia mencionar as acusações contra ele (v. 27). Pois, como vimos, as acusações dos judeus eram definidas e específicas. O que faltava a Festo não

eram acusações, mas evidências para comprová-las. Na falta delas, ele deveria ter tido a coragem de declarar Paulo inocente e soltá-lo.

b. Paulo faz a sua defesa (26:1-23)

A seguir, Agripa, dirigindo-se a Paulo, disse: É permitido que uses da palavra em tua defesa. Então Paulo, estendendo a mão, passou a defender-se, nestes termos:

[2]Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, pelo privilégio de, hoje, na tua presença, poder produzir a minha defesa de todas as acusações feitas contra mim pelos judeus; [3]mormente porque és versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus; por isso eu te peço que me ouças com paciência.

Foi um momento dramático quando esse santo e humilde apóstolo de Jesus Cristo colocou-se diante desse representante da família Herodes, mundana, ambiciosa e moralmente corrupta que, geração após geração, havia se colocado em oposição à verdade e à justiça. "O seu fundador, Herodes o Grande", escreveu R. B. Rackham, "tentou matar o menino Jesus. O seu filho Antipas, o tetrarca da Galiléia, decapitou João Batista, e ganhou do Senhor o título de "raposa". O seu neto Agripa I assassinou Tiago filho de Zebedeu com a espada. Agora vemos Paulo diante do filho de Agripa."[24] Foi também Rackham o primeiro (em 1901) a chamar a defesa de Paulo diante de Agripa de *apologia pro vita sua*.[25] Mas Paulo não estava nem um pouco intimidado. Ele estava certo ao dizer que Agripa estava familiarizado com "os costumes e questões que há entre os judeus" (v. 3), e a nota explicativa do revisor do texto Ocidental, apesar de não fazer parte do texto original de Lucas, deve estar correta quando diz que Paulo estava "confiante, encorajado pelo Espírito Santo" (v. 1).[26]

Paulo conta a história da sua vida, dirigindo a atenção às três fases principais. Ele se retrata como (i) o fariseu rigoroso, (ii) o perseguidor fanático, e (iii) o apóstolo comissionado.

Primeiro, o apóstolo descreve *a sua educação dentro do farisaísmo.*

[4]Quanto à minha vida, desde a mocidade, como decorreu desde o princípio entre o meu povo e em Jerusalém, todos os judeus a conhecem; [5]pois na verdade eu era conhecido deles desde o princípio, se assim o quiserem testemunhar, porque vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa

religião. 6E agora estou sendo julgado por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, 7a qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar; é no tocante a esta esperança, ó rei, que eu sou acusado pelos judeus. 8Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?

Saulo deve ter sido uma figura familiar em Jerusalém quando ainda sentava-se aos pés de Gamaliel, o rabino (22:3). É provavel que tivesse adquirido boa reputação por sua erudição, retidão e zelo religioso. Muitos judeus da Palestina ainda vivos sabiam como tinha sido a sua infância, primeiro em Tarso, depois em Jerusalém. E mais do que isso, eles o conheciam pessoalmente e podiam testificar por experiência própria que ele pertencera ao partido mais rigoroso do judaísmo, os fariseus (vs. 4-5). Era muito estranho, portanto, que agora fosse julgado por sua esperança na promessa de Deus aos patriarcas, que eles também compartilhavam, ou seja, que Deus enviaria o seu Messias (profetizado e prenunciado no Antigo Testamento) para salvar e redimir o seu povo. As doze tribos ainda aguardavam, ansiosas, o cumprimento dessa promessa. Mas Paulo acreditava que ela já fora cumprida em Jesus, cuja ressurreição era a prova de sua messianidade e também a garantia da nossa ressurreição. Por que alguém deveria julgar inacreditável a ressurreição? Os fariseus acreditavam nela. E agora Deus a tinha demonstrado, ressuscitando Jesus dentre os mortos.

Em segundo lugar, Paulo descreve a *sua perseguição fanática de Cristo* (vs. 9-11).

9Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; 10e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, contra estes dava o meu voto, quando os matavam. 11Muitas vezes os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia.

Saulo, o fariseu, estava convencido de que sua solene tarefa era opor-se ao nome e às reivindicações de Jesus o Nazareno, como se ele fosse um impostor. E mais, Paulo estava à altura de suas convicções. Ele começou o seu programa de perseguições em Jerusalém. Armado com a autoridade recebida dos principais

sacerdotes, não só prendeu muitos discípulos de Jesus, como também votou contra eles quando eram condenados à morte. Vasculhou as sinagogas à procura de cristãos, a fim de puni-los. "Isso deve ser uma referência ao açoitamento, o castigo usado nas sinagogas."[27] Ele tentou fazê-los blasfemar à força (a frase indica que nem sempre era bem sucedido), e em sua obsessão os perseguiu "mesmo por cidades estranhas".

Em terceiro lugar, Paulo descreve a *sua conversão e o seu comissionamento como apóstolo* (vs. 12-18).

[12]Com estes intuitos parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado. [13]Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. [14]E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões.

[15]Então eu perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. [16]Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; [17]livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, [18]para lhes abrir os olhos e convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.

Damasco era uma das "cidades estranhas" para onde Paulo viajou, equipado com a ordem de extradição do sumo sacerdote. Mas antes de chegar ao seu destino, aconteceu a intervenção divina. Uma luz celestial mais forte do que o sol ao meio-dia, brilhou ao redor de Paulo e seus companheiros, caindo, todos, por terra. Então uma voz, falando com Paulo em aramaico, perguntou por que ele estava a persegui-lo e, citando um conhecido provérbio, declarou que ele sofria por chutar contra os aguilhões. Dr. Longenecker menciona obras de Eurípedes, Ésquilo, Píngaro e Terêncio, em que este provérbio ocorre como metáfora para uma inútil "oposição à deidade".[28]

À pergunta da voz anônima, "Por que me persegues?", Saulo respondeu com outra pergunta: "Quem és tu a quem persigo?" O acréscimo de "Senhor" pode não significar mais do que simples forma de tratamento, mas o fato de Paulo introduzir a resposta de Jesus com as palavras "o Senhor respondeu", fazendo com que

kyrie e *kyrios* apareçam juntos no texto de Lucas, sugere que ele tinha um significado maior. Com certeza, quando a voz declarou "Eu sou Jesus, a quem tu persegues", pelo menos duas verdades devem ter sido registradas na consciência de Saulo. A primeira é que o Jesus crucificado estava vivo e tinha sido, portanto, vindicado; a segunda é que Jesus se identificou tão intimamente com os cristãos que persegui-los era o mesmo que persegui-lo, portanto devia considerá-los como o próprio povo de Deus.

Em seu relato diante de Agripa, entretanto, o que Paulo enfatizou não foi a conversão, mas a sua comissão, não a maneira como se tornou discípulo de Cristo, mas como foi escolhido para ser um apóstolo. A primeira ordem para ele foi *"levanta-te e firma-te sobre teus pés"* (v. 16). Isso não pode significar que tivesse errado ao cair por terra, pois é nessa queda que ele foi humilhado e se humilhou. Também não há nenhum indício de que ele estivesse ratejando, prostrado, numa posição imprópria para um ser humano e um cristão. Não, a ordem para que se levantasse era uma preliminar necessária para a ordem de ir; era o prefácio do seu comissionamento. Lembramos de Ezequiel, que caiu "com o rosto em terra" quando viu "a aparência da glória do senhor".[29] Mas Deus lhe ordenou imediatamente, "Filho do homem, põe-te em pé ... eu te envio aos filhos de Israel ... tu lhes dirás as minhas palavras."[30] De fato, o comissionamento de Saulo como apóstolo de Cristo foi moldado deliberadamente para lembrar os chamados de Isaías, Ezequiel, Jeremias e outros para serem profetas de Deus. Em todos eles foi empregado o termo "enviar". Assim como Deus "enviou" os seus profetas para anunciarem a sua palavra ao seu povo, Cristo também "enviou" os seus apóstolos para pregarem e ensinarem o seu nome, incluindo Paulo que fora "enviado" para ser apóstolo dos gentios (v. 17).[31]

A comissão de Saulo assumiu a forma de três verbos, todos na primeira pessoa do singular, em discurso direto, apesar de estarem respectivamente no tempo passado, futuro e presente. Primeiro, *por isto te apareci para te constituir ministro e testemunha* (v. 16a). O chamado geral para ser "ministro" é especificado no chamado especial para ser "testemunha". Lucas já combinou as idéias de serviço (ministério) e testemunho ao referir-se às testemunhas oculares que eram os apóstolos originais, e usou a mesma palavra para "ministros" (*hyperetes*).[32] Também no ministério de Paulo, como no deles, a ênfase está em ser uma testemunha ocular, pois ele deveria testemunhar sobre o que ele

tinha visto de Jesus e o que ele lhe mostraria mais tarde (v. 16b). Em segundo lugar, *livrando-te do povo e dos gentios* (v. 17). Uma promessa semelhante de salvamento foi feita a Jeremias.[33] Isso não garantia imunidade ao sofrimento. Pelo contrário, suportar o sofrimento era parte da vocação dos profetas e dos apóstolos (cf. 9:16). Mas significava que o testemunho deles não seria silenciado até que tivessem terminado a obra indicada por Deus.

Em terceiro lugar, *eu te envio* (*ego apostello se*). O *ego* ("eu") enfático, o *se* ("te") pessoal e o verbo *apostello* ("enviar") quase poderiam ser traduzidos "eu mesmo te faço apóstolo"; pois esse era o comissionamento de Paulo para ser um apóstolo, em especial um apóstolo aos gentios, que era comparável à comissão dos doze que foi renovada pelo Senhor ressurreto na primeira Páscoa com as palavras "eu vos envio".[34] Para que Paulo estava sendo enviado? Em essência, *para lhes abrir os olhos* (v. 18b). Pois o mundo gentio estava cego perante a verdade de Deus em Jesus Cristo.[35] Mas "abrir os olhos" não significava apenas ser um esclarecimento intelectual, mas levar à conversão: para *convertê-los das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus* (v. 18b). Pois a conversão inclui a mudança radical de um exército para outro e, por conseguinte, uma mudança de ambiente. É libertar-se da escuridão do reinado satânico para viver em liberdade, dentro da maravilhosa esfera da luz e do poder de Deus. Em outras palavras, significa entrar no reino de Deus. E mais, as bênçãos do reino são *remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé* em Cristo (v. 18c). A promessa de perdão fazia parte do evangelho apostólico desde o início,[37] assim como a oportunidade de pertencer ao povo messiânico (2:40-41, 47). Pois a nova vida em Cristo e a nova comunidade de Cristo sempre andam de mãos dadas. O fato especialmente significativo na comissão de Paulo era que os gentios deveriam ter certeza de que teriam assegurada uma participação plena, idêntica aos judeus, nos privilégios reservados aos santificados pela fé em Cristo, ou seja, o povo santo de Deus.

Assim, a fórmula da comissão era "eu te envio". E o propósito da comissão de Paulo era que ele abrisse os olhos cegos e convertesse as pessoas da escuridão para a luz, de Satanás para Deus. Não que ele mesmo tivesse autoridade ou poder para abrir os olhos ou converter pessoas. Isso só podia ser realizado por Cristo, através da sua palavra e do seu Espírito. Além disso, o equipamento essencial para a sua missão era o fato de Cristo ter aparecido para ele, fazendo com que pudesse ser uma testemunha

ocular, e a segurança necessária estava na afirmação de que Cristo o guardaria dos inimigos do evangelho até que seu curso fosse completado e seu ministério, cumprido.

Paulo agora passa da comissão de Cristo para a sua resposta a ela e, ao descrevê-la, substitui a narrativa por um discurso direto a Agripa:

[19]Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, [20]mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus praticando obras dignas de arrependimento. [21]Por causa disto alguns judeus me prenderam, estando eu no templo, e tentaram matar-me. [22]Mas, alcançando o socorro de Deus, permaneço ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequeno como a grande, nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, [23]isto é, que o Cristo devia padecer, e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.

Paulo começa sua declaração com uma negação dupla: *Não fui desobediente.* Como poderia ter sido? Era evidente que a visão vinha do céu, e tinha um efeito esmagador. Sua oposição fanática foi vencida num instante, e suas dúvidas secretas foram respondidas. Cristo apareceu para ele e o comissionou; sua obediência correspondia exatamente à carga recebida. Primeiro em Damasco, depois em Jerusalém e na Judéia, e depois também aos gentios, ele anunciou as boas novas para que as pessoas *se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento* (v. 20). A palavra "converter" no versículo 20 é *epistrepho*, como no versículo 18, apesar de lá ser transitivo, já que Paulo era chamado para "converter" as pessoas, enquanto aqui é intransitivo, pois as pessoas é que são exortadas a se "converterem" em resposta à pregação de Paulo. Essas expressões não são contraditórias; uma explica a outra. Percebemos também que Paulo sabia desde o início que, apesar de a salvação ser pela fé (v. 18), ela devia ser evidenciada pelas boas obras.

Foram a proclamação e as promessas de Paulo aos gentios (vs. 17, 20-21), indicando que eles poderiam receber vida nova e participar diretamente da nova comunidade, sem a necessidade de se tornarem primeiro judeus, que provocaram a oposição dos judeus. De fato, eles o prenderam no templo e tentaram matá-lo (v. 21). Mas ele foi resgatado de suas mãos, de acordo com a promessa

de Cristo (v. 17), e a ajuda de Deus estivera com ele até aquele momento. Por isso *permaneço* (v. 22a), exclamou ele (como Martinho Lutero diria na Dieta de Worms, alguns séculos depois), *dando testemunho* (como Jesus lhe ordenara) *tanto a pequeno como a grande*, às nulidades de 1 Coríntios 1:26ss., e aos dignitários que estavam na corte, *nada dizendo senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer* (v. 22b). Esta nova afirmação de que Paulo não era um inovador, mas sim um expositor fiel das Escrituras, também teve os seus paralelos em Lutero e nos outros reformadores do século XVI. Eles foram acusados pela Igreja Católica Romana de ensinarem novidades. Mas eles negaram: "Não ensinamos coisa nova", proclamou Lutero, "mas repetimos e demonstramos coisas antigas, que os apóstolos e todos os mestres piedosos ensinaram antes de nós."[38] Ou, como Lancelot Andrewes diria um século mais tarde, "somos renovadores, e não inovadores".[39]

E o que Moisés e os profetas disseram que aconteceria? Eles predisseram três eventos: primeiro, *que Cristo deveria padecer*, segundo, que ele seria *o primeiro da ressurreição dos mortos*, e, como tal, em terceiro lugar, que ele *anunciaria a luz ao povo e aos gentios* (v. 23).[40] Ou de forma mais simples ainda, Jesus o Cristo era o "servo sofredor" de Isaías, que padeceria e morreria por nossos pecados,[41] seria ressuscitado, exaltado e elevado,[42] e se tornaria uma luz para os gentios.[43] E mais, quando o evangelho focaliza a expiação, a ressurreição e a proclamação de Cristo (através de suas testemunhas), a ressurreição é vista como algo indispensável. Paulo continuou mencionando-a durante os seus julgamentos, não para provocar uma discussão entre fariseus e saduceus, ou apenas para mostrar que ele era leal às tradições judaicas, mas porque a ressurreição de Jesus é o início e a promessa de uma nova criação e, portanto, a própria essência do evangelho.

c. A reação dos juízes (26:24-32)

Em vez de um resumo ordenado para concluir o julgamento, Lucas registra uma discussão bem pouco ortodoxa entre o juiz e o réu. Captamos melhor o seu conteúdo altamente dramático quando a dispomos em forma de diálogo:

Festo para Paulo (a esta altura, o interrompeu em alta voz): *Estás louco, Paulo; as muitas letras te fazem delirar* (v. 24).

Paulo para Festo (replicando com grande compostura e dignidade): *Não estou louco, ó excelentíssimo Festo; pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso* (v. 25). *Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou aí, nalgum recanto* (v. 26).

Paulo para Agripa (confrontando o rei com ousadia, de quem estivera falando a Festo, na terceira pessoa): *Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas* (v. 27).

A corte prendeu a repiração. Será que algum prisioneiro havia tido a coragem de dirigir-se à Sua Alteza Real com tal impertinência? Agripa fica desmontado. Embaraçado demais para uma resposta direta a uma pergunta direta, e orgulhoso demais para permitir que alguém dite o assunto do diálogo, ele assume uma atitude evasiva, usando uma pergunta ambígua.

Agripa para Paulo: *Você pensa que assim, em pouco tempo, vai me tornar cristão?* (v. 28, BLH).

A corte prendeu a respiração de novo. Era uma resposta inteligente, o rei recuperou a iniciativa. Todo o auditório murmura, tentando descobrir o seu significado exato. Isso foi "interpretado de várias maneiras: uma zombaria inconseqüente, um sarcasmo amargo, uma ironia sombria, uma explosão de raiva, e uma expressão de convicção sincera".[41] Como Paulo responderia?

Paulo para Agripa (sem duvidar sobre a maneira como deveria interpretar as palavras do rei, e determinado a explorá-las em função do evangelho): *Pois eu peço a Deus que, em pouco tempo ou muito, não somente o senhor, mas todos os que estão me ouvindo hoje cheguem a ser como eu, mas sem estas correntes* (v. 29, BLH).

Com essas palavras, Paulo ergueu as mãos, fazendo barulho com as cadeias que o prendiam. Ele era sincero, o prisioneiro Paulo. Ele realmente acreditava naquilo que falava. Paulo queria que todos fossem iguais a ele, inclusive o rei – todos cristãos, mas ninguém prisioneiro. Era impossível deixar de admirar sua integridade. Havia também um tom de irreversibilidade nessa afirmação, pois os juízes nada mais tinham para dizer. *Assim levantou-se o rei, e também o governador e Berenice, bem como os que estavam assentados com eles* (v. 30); *e havendo-se retirado* (da corte), *falavam uns com os outros.*

Os juízes falando entre si (perplexos, sem saber o que fazer): *Este homem nada tem feito passível de morte ou de prisão* (v. 31).

Todos concordavam. O prisioneiro podia ser louco, mas, com certeza, ele não era um criminoso. O veredito secreto deles foi unânime: "inocente". Agripa, então, teve a última palavra, embora isso tenha apenas aumentado o dilema do governador.

Agripa para Festo: *Este homem bem podia ser solto, se não tivesse apelado para César* (v. 32).

Agripa estava até certo em teoria. Mas libertar Paulo agora seria anular o seu apelo e invadir o território do imperador. Nenhum juiz provincial ousaria fazê-lo.[45]

Saem todos.

Conclusão

Revendo os três últimos capítulos (24-26) e os três julgamentos que eles relatam, parece que Lucas quer retratar Paulo de duas formas, primeiro negativa, na defesa, e depois positiva como testemunha.

a. Paulo na defesa

Por trás de todos os três julgamentos, como já vimos, encontra-se a dupla acusação dos judeus de que Paulo falou ou agiu contra Moisés e contra César. Mas Paulo foi enérgico em negar ambas as acusações (25:8).

Diante de Félix, Paulo rejeitou a acusação de sectarismo e enfatizou que havia uma continuidade entre o evangelho e o Antigo Testamento. Ele servia ao Deus de seus pais com consciência pura.[46] Paulo acreditava em todas as palavras da lei e dos profetas, e nada ensinava que eles não tivessem ensinado.[47] Ele nutria uma firme esperança no cumprimento das promessas de Deus em relação ao Messias.[48] O que resumia sua atitude em relação a Moisés e os profetas não era a apostasia, e sim a continuidade.

Diante de Festo, Paulo rejeitou a acusação de sedição. Ele não fora responsável por nenhuma perturbação da paz ou da ordem pública. Paulo estava tão certo de que nada fizera contra César que achou necessário apelar para ele a fim de limpar o seu nome (25:8,11). O que resumia sua atitude em relação a César não era a

anarquia, e sim a lealdade.

Não se produziram novas acusações diante de Agripa. Parece que Paulo se preocupou mais em responder a uma pergunta não expressa: por que os judeus estavam tão ansiosos para se livrarem dele (25:24; 26:21). Tinha a ver com o seu ministério aos gentios, com que estava comprometido de forma inescapável, em obediência à visão e à voz de Jesus.

As três defesas de Paulo foram bem sucedidas. Nem Félix, nem Festo, nem Agripa o julgaram culpado. Pelo contrário, cada um indicou que Paulo era inocente das acusações feitas contra ele.[49] O apóstolo, porém, não estava satisfeito com isso. Ele foi além. Ele proclamou, na corte, a sua tripla lealdade – a Moisés e aos profetas, a César e, sobretudo, a Jesus Cristo, que o encontrara na estrada para Damasco. Ele era um judeu fiel, um romano fiel e um cristão fiel.

b. Paulo como testemunha

O propósito de Lucas em descrever as cenas de tribunal não era apenas apologético, mas evangelístico. Ele queria que seus leitores lembrassem que Paulo fora comissionado para ser "ministro e testemunha" de Cristo (26:16). Ele deve ter-se sentido muito frustrado durante esses dois anos de prisão que interromperam a sua carreira missionária. Mas quando surgiam oportunidades para testemunhar, ele as enfrentava com muita confiança e coragem. Os principais exemplos dados por Lucas são a entrevista particular com Félix e a confrontação pública com Agripa. Paulo foi destemido em ambos os casos.

Félix tem sido descrito como "um dos piores oficiais romanos".[50] Já mencionamos sua crueldade, lascívia e cobiça. Parece que ele não tinha escrúpulos morais. Mas Paulo não teve medo dele. Considerando que ele lhe falou sobre justiça, domínio próprio e juízo vindouro, é razoável supor que tenha repreendido o governador por seus pecados, com a mesma coragem de João Batista, quando advertiu Herodes Antipas,[51] e que o tenha convidado a se arrepender e a crer em Jesus.

Quanto ao julgamento diante de Agripa, Paulo não se deixou impressionar com a demonstração de pompa e poder que caracterizou a ocasião, nem com a reunião de personagens notáveis na corte. "Veja o público que se reuniu por causa de Paulo!" exclamou Crisóstomo.[52] Mas Paulo não fez nenhuma

tentativa de comprar o favor das autoridades. Ele queria a salvação do rei, não o seu favor. Assim, não parou na história de sua própria conversão; ele também se preocupava com a conversão de Agripa. Três vezes, portanto, Lucas registra Paulo repetindo os elementos do evangelho aos ouvidos do rei. Primeiro, ele resumiu a comissão que recebeu para levar o povo à luz, ao poder, ao perdão e à nova comunidade em Cristo (v. 18). Em seguida, ele descreveu sua obediência à visão celestial, pregando que o povo precisava se arrepender, voltar-se para Deus e fazer boas obras (v. 20). Depois, detalhou a sua missão contínua "até ao dia de hoje", que era testificar que, como haviam profetizado as Escrituras, Cristo morreu, ressurgiu e proclamou a aurora da nova era (v. 23). Portanto, cada vez que Paulo repetia o evangelho na corte, estava na verdade, pregando-o a ela. Festo podia chamá-lo de louco, como alguns haviam chamado Jesus,[53] mas Paulo sabia que estava "em perfeito juízo" (v. 25, BLH). E quando, por fim, dirigiu-se diretamente ao rei, Paulo tinha certeza de que ele não só acreditava nos profetas (v. 27), como também estava familiarizado com os fatos sobre Jesus o suficiente para ser persuadido de sua verdade (v. 26).

Graças a Deus pela coragem de Paulo! Reis e rainhas, governadores e generais não o intimidaram. Jesus avisou os seus discípulos que eles seriam "levados à presença de reis e governadores" por causa de seu nome, e prometeu que lhes daria "boca e sabedoria".[54] Jesus também disse a Ananias (que provavelmente passou esta informação adiante) que Paulo era o "instrumento escolhido" para levar o seu nome "perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel" (9:15). Essas profecias tornaram-se verdade, e Paulo não falhou.

Um comentário sobre os três relatos da conversão de Saulo

É surpreendente que, dentro da história de Atos, relativamente pequena, Lucas tenha incluído três narrações da conversão de Saulo – a primeira, como parte da sua narrativa (9:1-19); a segunda, nas palavras de Paulo diante da multidão de judeus em Jerusalém (22:5-16); e a terceira, novamente nas palavras de Paulo, diante de Agripa (26:12-18). "Lucas emprega essas repetições",

escreveu Haenchen, "apenas quando atribui uma importância extraordinária a alguma coisa e deseja que ela fique impregnada de forma inesquecível no leitor. É o que acontece aqui."[55] Se a repetição é explicada pela importância do tema, como então explicar as diferenças entre os três relatos?

Com certeza, elas indicam que Lucas não era um adepto do literalismo: ele não viu nenhuma necessidade de garantir que cada relato fosse uma réplica exata e literal das outras. Pelo contrário, já que a cada vez que a história é contada, o público e , portanto, o propósito são diferentes, naturalmente isso reflete na apresentação detalhada. Quando estudamos como um único autor (Lucas) conta a mesma história de três formas diferentes, isso nos ajuda a entender como os evangelistas sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) também conseguiram contar a mesma história de formas diferentes. Assim, a prática de Lucas lança luz sobre a "crítica da redação", mostrando como a obra de um redator (editor) pode ser influenciada por seu propósito teológico.

O esboço da história da conversão de Saulo é idêntico em todos os três relatos. Todos os três nos contam (i) que Saulo se lançou numa campanha violenta de perseguição contra os seguidores de Jesus e que o sumo sacerdote a sancionou; (ii) que na estrada de Jerusalém para Damasco, uma forte luz do céu brilhou sobre ele e o jogou ao chão; (iii) que a voz do Senhor ressurreto dirigiu-se a ele com a pergunta: "Saulo, Saulo, por que me persegues?"; que Paulo respondeu: "Quem és tu, Senhor?" e que Jesus replicou: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues"; e (iv) que Saulo recebeu a ordem de levantar-se e, depois, foi comissionado, indicando que ele fora escolhido para ser testemunha de Jesus junto aos gentios.

Mas algumas partes da história divergem muito; cada relato acrescenta algo que os outros omitem. Vou me referir aos relatos como sendo *A* (9:1-19), *B* (22:5-16) e *C* (26:12-18). Quanto ao local da conversão, *A* e *B* dizem "perto de Damasco", *C* apenas "no caminho". Quanto ao horário, *B* e *C* dizem "ao meio-dia", enquanto *A* não faz nenhuma referência ao horário. Em relação à luz, todos os três dizem que ela vinha do céu, mas apenas *C* a descreve como "mais resplandecente que o sol". Em relação à voz, apenas *C* diz que ela falou em hebraico (na verdade, em aramaico), e acrescenta o provérbio sobre recalcitrar contra os aguilhões. Apenas *B* relata a segunda pergunta de Saulo "Que farei, Senhor?" *A* e *B* dizem que ele foi cegado, mas apenas *A* conta como ele foi curado, enquanto *C* não menciona a cegueira nem a cura. *A* e *B*

mencionam o batismo de Saulo, *C* não.

Essas variações são bem triviais; os seus detalhes diferentes completam, e não contradizem, um ao outro. Duas outras, porém, são consideradas discrepâncias por alguns comentaristas. A primeira diz respeito à experiência dos companheiros de Saulo. *A* diz que eles ficaram emudecidos, mas *C* diz que eles caíram por terra. *B* fala que eles viram a luz, mas *A* diz que eles não viram ninguém. *A* afirma que eles ouviram uma voz, mas *B* diz que eles não ouviram (ou não entenderam) a voz daquele que falava com Paulo. Mas não é difícil harmonizar essas discrepâncias aparentes. É provável que os homens tenham caído com Paulo, levantando-se também com ele. Quanto à visão e a voz, eles viram a luz, mas não viram a pessoa de Jesus (como Saulo), e eles ouviram o som, sem conseguir entender as palavras.[56] Ou, como Crisóstomo sugeriu muito tempo atrás, "Eles ... ouviram a voz de Paulo, mas não viram a pessoa com que ele falava."[57]

A segunda suposta divergência diz respeito à comissão de Saulo e ao papel de Ananias. Apenas *A* conta toda a história de Ananias, como ele teve a visão de Jesus, como recebeu a ordem de procurar Saulo, como ele levantou objeções, como recebeu a garantia de que Saulo era o instrumento escolhido para levar o nome de Cristo aos gentios bem como aos judeus, e também para sofrer por esse mesmo nome, como ele foi até a rua Direita, como ele impôs as mãos em Saulo e como o recebeu na comunhão. *B* omite toda a conversação entre Jesus e Ananias, mas diz que Ananias foi até Saulo, devolveu-lhe a vista e transmitiu a ele a comissão de Cristo para ser uma testemunha diante de todos os homens. *C*, por outro lado, não faz nenhuma menção de Ananias, mas dá a impressão de que Cristo comissionou a Saulo na estrada, antes de entrar em Damasco, enquanto que os termos da comissão são muito mais completos e parecem incluir não só as palavras de Ananias mas também o que Jesus falou a Paulo mais tarde, no templo, quando entrou em êxtase (22:17ss). Lucas (ou o próprio Paulo) evidentemente está fundindo o que Jesus falou nas três ocasiões: na estrada, com e através de Ananias e, mais tarde, em Jerusalém. Se, como parece estar claro, a sua intenção é juntar as várias partes da comissão de Cristo, e não especificar onde e quando cada parte foi dada, precisamos permitir-lhe essa liberdade e não acusá-lo de inexatidão.

Finalmente, é compreensível que Lucas desse um relato detalhado do papel de Ananias em sua própria narrativa, e que

Paulo, dirigindo-se a judeus hostis nos degraus da fortaleza de Antônia enfatizasse que Ananias era "piedoso conforme a lei; tendo bom testemunho de todos os judeus que ali moravam" (22:12). Mas diante de Agripa e Festo, Paulo omitiu completamente a história de Ananias. Em primeiro lugar, Ananias poderia ser desconhecido para eles. Depois, Paulo queria enfatizar a imediação do seu encontro com Cristo. Cristo o comissionou de forma pessoal e direta, e ele não foi desobediente à sua visão celestial.

Notas:

1. Mc 14:55-64; Lc 22:66-71.
2. Lc 23:1-3.
3. Rm 13:1ss.
4. Rm 9:4-5.
5. Rm 3:31.
6. Barclay, p. 184.
7. Sherwin-White, pp. 52.
8. Metzger, p. 491.
9. Ramsay, *St.Paul*, pp. 310-313.
10. JB, nota o.
11. Crisóstomo, Homilia LI, p. 304.
12. Josefo, *Antiguidades*, XX.8.7,9; *Guerras*, II.13.7.
13. Haenchen, p. 668.
14. Sherwin-White, pp. 17, 48.
15. *Ibid.*, p. 50.
16. *Ibid.*, p. 51.
17. *Ibid.*, p. 67.
18. *Ibid.*, p. 58. Veja a discussão completa de Sherwin-White em "The Citizenship of Paulo", pp. 57-70.
19. Veja Josefo, *Antiguidades*, XX.9.4,7.
20. Lc 9:9; 23:8.
21. Barclay, pp. 191-192.
22. Bruce, *English*, p. 484.
23. De *The Acts of Paul and Thecla*; veja James, p. 273.
24. Rackham, p. 457.
25. *Ibid.*, *e.g.* pp. 458, 462.
26. Metzger, p. 494.
27. Haenchen, p. 684.
28. Longenecker, *Acts*, p. 552.
29. Ez 1:28b.
30. Ez 2:1, 3, 7.

31. Para os profetas do Antigo Testamento, veja e.g. Is 6:8-9; Jr 1:4, 7; 7:25; 14:14ss.; 29:9, 19; Ez 2:3; 3:4ss.; Am 7:14-15. Para os apóstolos do Novo Testamento, veja Mt 10:1-5, 16; Mc 3:14; 6:7; Lc 6:12-13; 9:1-2.
32. Lc 1:2.
33. Jr 41:8.
34. Jo 20:21.
35. Cf. 2 Co 4:4.
36. Cf. Cl 1:12-13; 1 Pe 2:9.
37. Lc 24:47; At 2:38; 3.19; 13:39.
38. *Commentary on St.Paul's Epistle to the Galatians* de Lutero (1531; James Clarke, 1953), p. 53.
39. Lancelot Andrewes, *Works*, vol. III (Oxford, 1843), p. 26.
40. Cf. Lc 24:45-47.
41. Is 53:4ss.
42. Is 52:13; 53:12.
43. Is 42:6; 49.6; cf. 60:3.
44. Alexander, II, p. 428.
45. Sherwin-White, p. 65; cf. Hemer, p. 132.
46. At 24:14, 16; cf. 22:14; 23:1; cf. 2 Tm 1:3.
47. At 24:14; cf. 26:22-23, 27; 28:23; também 1 Co 15:3-4.
48. At 24:15; cf. 23:6; 26:6-7; 28:20.
49. E.g. At 24:22ss.; 25:25; 26:31-32.
50. Rackham, p. 306.
51. Mc 6:17ss.; Lc 3:19-20.
52. Crisóstomo, Homilia LII, p. 308.
53. Mc 3.41; Jo 10.20.
54. Lc 21.12ss.
55. Haenchen, p. 327.
56. Cf. Dt 4:12; Jo 12:28-30.
57. Crisóstomo, Homilia XIX, p. 124.

Atos 27:1 – 28:31
18. Roma – finalmente!

Roma, a maior e mais esplêndida das cidades antigas, agia como um ímã sobre as pessoas, pois era a capital e o símbolo do Império Romano, cuja fundação foi chamada de "a maior conquista política de todos os tempos".[1] Roma presidia magistralmente sobre todo o mundo conhecido. Ela tratava os povos conquistados e as suas religiões com certa tolerância benevolente; conseguia, de alguma forma, integrar romanos, gregos, judeus e "bárbaros" em sua vida social; protegia a cultura e a língua grega; inculcou o respeito pelo código de lei; ficou famosa pela eficiência de sua administração e comunicação postal; e facilitou as viagens através de um sistema ambicioso de estradas e portos, vigiados por suas legiões e sua marinha, preservando assim, para todos, o benefício da *pax romana*. Não nos surpreende que as pessoas viessem de perto e de longe para admirar a grande cidade de onde emanavam essas bênçãos! Os seus edifícios eram famosos – as suas três arenas com suas intrépidas corridas de bigas, os palácios dos Césares, os túmulos dos mortos ilustres, os templos (especialmente o Panteão construído por Augusto), as basílicas, os teatros, os banhos e aquedutos, e, em particular, o fórum, sempre movimentado – o centro da vida comercial, social, política e religiosa da cidade.

Assim, Paulo ansiava por visitar Roma. É verdade que Sêneca a chamara de "cloaca de iniqüidade" e Juvenal "um esgoto imundo",[2] e o próprio Paulo havia descrito essa decadência moral no início de sua Carta aos Romanos,[3] mas isto só significa que ela tinha de ouvir o evangelho urgentemente. É verdade que João, no livro de Apocalipse, retratou Roma como um monstro perseguidor e como "a mãe das meretrizes e das abominações da terra",[4] mas ele escreveu isso pelo menos vinte anos mais tarde, no reinado de Domiciano; Nero, na época da visita de Paulo, ainda não tinha exposto toda a sua terrível crueldade. E é também

verdade que Paulo era um "fariseu dos fariseus", que saiu de Tarso para Jerusalém a fim de estudar, mas, tendo herdado a cidadania romana de seu pai, deve ter sonhado desde a infância com uma visita à cidade.

Não sabemos como e quando o evangelho chegou a Roma e foi fundada uma igreja ali. Lucas afirmou que a multidão de Jerusalém no dia de Pentecoste incluía alguns visitantes de Roma (2:10). Talvez alguns deles tenham se convertido naquela ocasião, levando o evangelho para casa. Em todo caso, cerca de vinte e cinco anos mais tarde, Paulo escreveu o seu grande manifesto do evangelho à igreja em Roma, e quando finalmente ele se aproximou da cidade, alguns membros da igreja saíram ao seu encontro (28:15). Se Roma pudesse ser totalmente evangelizada, ele deve ter pensado sozinho, muitas vezes, e suas igrejas aumentadas, consolidadas e consumidas por uma visão missionária, poderia tornar-se um grande centro de irradiação do evangelho! "Para o romano, a cidade de Roma era o centro do mundo; do miliário de ouro, no fórum romano, partiam estradas em todas as direções, para todas as partes da Europa."[5]

Assim, na Carta aos Romanos, Paulo expressou sua ansiedade em visitar a cidade e a sua igreja. No início da carta, ele escreveu que estava orando para que finalmente pudesse visitá-los,[6] pois desejava se encontrar com eles para fortalecê-los e para que pudessem encorajar-se uns aos outros.[7] De fato, muitas vezes tinha planejado visitá-los para colher algum fruto entre eles, mas sempre fora impedido.[8] Agora, portanto, estava pronto para pregar o evangelho a eles em Roma.[9] Então, no fim de sua carta, Paulo volta a falar sobre o mesmo assunto. Ele se esforçava para pregar o evangelho onde Cristo não era conhecido, a fim de não construir sobre os fundamentos de outro. Esse era o motivo pelo qual fora impedido de visitá-los.[10] Mas agora que a Grécia já havia sido evangelizada, não havia mais lugar para Paulo naquelas regiões. E já que vinha alimentando o desejo de vê-los por tantos anos, ele esperava e planejava vê-los de passagem, durante sua viagem para a Espanha.[11] Primeiro devia ir para Jerusalém, entregar as ofertas que havia recolhido. Mas Paulo estava confiante de que, cumprida essa tarefa, iria para Roma com toda a bênção de Cristo.[12] Assim lhes pediu que entrassem na sua luta, orando para que o seu ministério em Jerusalém fosse aceito e que depois, pela vontade de Deus, pudesse chegar até eles com alegria.[13] O que Paulo escreveu aos romanos era extremamente

pessoal: "Suplico ... desejo ... estou pronto ... penso ... espero ... " E tudo era lógico. A sua esperança, o seu desejo e a sua prontidão transformaram-se em um plano e, depois, em uma oração, da qual eles deveriam participar. A idéia dessa visita era tão importante que ele deve tê-la compartilhado com Lucas e os outros amigos. Roma dominava o seu horizonte.

De fato, tanto no Evangelho como em Atos, Lucas parece arranjar o seu material propositalmente de forma a ressaltar o que Floyd V. Filson chamou de "o tema da viagem" como o fio condutor da narrativa. Dois quintos do Evangelho descrevem a viagem de Jesus da Galiléia a Jerusalém,[14] e o último terço de Atos descreve a viagem de Paulo de Jerusalém a Roma (19:21 – 28:31). Dessa forma, Lucas indica que Jerusalém e o seu templo não são indispensáveis para a igreja. "Captaríamos a perspectiva geográfica geral se o Evangelho de Lucas fosse intitulado 'Da Galiléia a Jerusalém' e o livro de Atos 'De Jerusalém a Roma' ", pois Jerusalém era o alvo do ministério de Jesus, e Roma, o alvo de Paulo.[15] Apesar de divergirem quanto à direção e o destino final, as viagens de Jesus e de Paulo são semelhantes quanto ao padrão, pois ambas incluíam uma determinação resoluta, uma prisão, uma série de julgamentos em tribunais judaicos e romanos, e até morte e ressurreição. Pois a incursão de Paulo pela escuridão e o perigo da tempestade foi uma espécie de túmulo, enquanto o seu resgate do naufrágio e a viagem posterior para Roma, na primavera, poderiam ser considerados uma ressurreição. "A maior apologia de Paulo", feita por Lucas, foi retratá-lo como alguém "tão conformado à vida do Senhor que até mesmo os seus sofrimentos e a sua libertação são paralelos".[16]

1. De Cesaréia a Creta (27:1-12)

Muitos leitores de Atos 27 comentam a precisão, a acuidade e a vividez da narrativa. Com certeza, a explicação não é que Lucas as tomou emprestadas de alguma testemunha ocular da viagem marítima e do naufrágio (como alguns críticos liberais sugerem, sem fundamentos), mas sim, que ele acompanhou toda a viagem de Paulo, desde Jerusalém até Roma, como é indicado pela quarta e última seção na primeira pessoal do plural, que vai de 27:1 a 28:16, e que registrou um diário de bordo, em que se baseou mais tarde. "Não há nenhum relato tão detalhado do trabalho de um navio antigo", escreveu Thomas Walker, "em toda a literatura

clássica."[17]

O escritor que mais fez para defender a acuidade de Lucas em Atos 27 foi James Smith, da Escócia, cujo livro *The Voyage and Shipwreck of St. Paul* foi publicado em 1848.[18] Ele era soldado de profissão, iatista entusiasmado, com trinta anos de experiência, geólogo e geógrafo amador, e membro da Real Sociedade. Ele viveu sucessivamente em Gibraltar, Lisboa e Malta, e passou o inverno de 1844-45 em Malta, enquanto investigava a viagem de Paulo. Smith era muito letrado, estava familiarizado com as condições climáticas do Mediterrâneo, e fez um estudo de navegação e marinhagem tanto no mundo moderno como no antigo. A sua conclusão geral foi que Atos 27 era obra de uma testemunha ocular que, entretanto, era um homem da terra e não alguém do mar, profissional: "nenhum marinheiro teria escrito com este estilo tão pouco parecido com a de um marinheiro; nenhum homem, senão um marinheiro, poderia ter escrito uma narrativa de uma viagem marítima tão consistente em todas as suas partes, a não ser que partisse de uma observação concreta."[19]

Quando foi decidido que navegássemos para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da Coorte Imperial.

Supõe-se (embora não se afirme especificamente) que eles partiram de Cesaréia, já que foi ali que Paulo esteve sob custódia por dois anos, sendo julgado por Félix, Festo e Agripa. Quem eram os *outros presos* que também estavam a bordo? Ramsay sugere que, "Segundo todas as probabilidades", eles já estavam "condenados à morte, e viajavam para suprir Roma, que exigia incessantemente das províncias o envio de vítimas humanas para entreter a população com a morte delas na arena."[20]

Parece que não havia nenhum navio disponível para transportar os prisioneiros diretamente até a Itália. Por conseguinte, a viagem de Cesaréia a Malta deu-se em dois estágios, em dois navios, que vinham respectivamente de Adramítio (v. 2) e Alexandria (v. 6).

a. Um navio adramitino (27:2-5)

Embarcando num navio adramitino, que estava de partida para costear a Ásia, fizemo-nos ao mar, indo conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica.

[3]No dia seguinte chegamos a Sidom, e Júlio tratando Paulo com humanidade, permitiu-lhe ir ver os amigos e obter assistência. [4]Partindo dali, navegamos a sota-vento de Chipre, por serem contrários os ventos; [5]e, tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mirra, na Lícia.

Adramítio estava situada no litoral nordeste do mar Egeu, não muito longe de Trôade. Esse navio deve ter sido uma embarcação costeira que estaria voltando para o seu porto de origem. Mas como Lucas e Aristarco (que tinham acompanhado Paulo até Jerusalém, 20:4) conseguiram permissão para seguir viagem com Paulo? Ramsay faz uma sugestão plausível: "eles devem ter seguido como seus escravos".[21] Isto deve ter aumentado a importância de Paulo aos olhos do centurião e talvez tenha sido em parte responsável pelo respeito com que ele foi tratado. Por outro lado, Paulo mais tarde falaria que Aristarco era "prisioneiro comigo".[22]

O primeiro porto de escala foi Sidom. Deve ter sido uma parada comercial para o navio, mas para Paulo foi uma oportunidade valiosa de ter algumas horas de comunhão com amigos cristãos (v. 3). Já que os ventos mais fortes devem ter vindo do oeste,[23] navegar a "sota-vento de Chipre" significava navegar em direção ao norte de Chipre (v. 4). Isso também explica como eles atravessaram o mar aberto e navegaram longe do litoral da Cilícia (onde se encontrava Tarso, a cidade natal de Paulo) e da Panfília (onde haviam atracado em sua primeira viagem missionária), e chegaram a Mirra (v. 5), onde trocaram de navio. De acordo com o texto Ocidental, essa viagem levou duas semanas.

b. Um navio alexandrino (27:6-12)

Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que estava de partida para a Itália, nele nos fez embarcar. [7]Navegando vagarosamente muitos dias e tendo chegado com dificuldade defronte de Cnido, não nos sendo permitido prosseguir, por causa do vento contrário, navegamos a sota-vento de Creta, na altura de Salmona. [8]Costeando-a, penosamente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia.

[9]Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação perigosa, e já passado o tempo do Jejum, admoestava-os Paulo, [10]dizendo-lhes: Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito

prejuízo, não só de carga e do navio, mas também das nossas vidas. [11]*Mas o centurião dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia.* [12]*Não sendo o porto próprio para invernar, a maioria deles era de opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice, e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, o qual olhava para o nordeste e para o sudeste.*

Só agora Júlio o centurião (que, no decorrer da narrativa de Lucas, ganha a nossa admiração pela sua gentileza e bom senso) encontrou o que havia procurado antes, ou seja um navio que navegasse para a Itália. Esse navio trazia uma carga de cereais (veja v. 38) e vinha de Alexandria, no Egito, que era o maior celeiro de grãos de Roma. Navegando entre o continente e a ilha de Rodes, mas muito devagar devido ao vento contrário, eles chegaram em Cnido, que se encontra no extremo sudoeste da Ásia Menor. Mas lá, em vez de continuar seguindo para o oeste, atravessando a parte inferior do mar Egeu, o vento os forçou para o sul, quase em linha reta, rumo a Creta, e de fato um vento noroeste "é precisamente o que se pode esperar naqueles mares no final do verão".[24] Contornando o Cabo de Salmona, costearam o sul de Creta até chegarem a Bons Portos. Todos sabiam que não poderiam continuar a sua viagem até a Itália: teriam de passar o inverno em algum lugar. A única questão era se deveriam permanecer em Bons Portos ou procurar um porto melhor, mais a oeste. As condições climáticas adversas haviam provocado um sério atraso. Já havia passado o Dia da Expiação que, de acordo com Ramsay, teria caído no dia 5 de Outubro, em 59 d.C.[25] Assim, tinham entrado numa época perigosa para a navegação, que sempre precisava parar no início de novembro. Paulo, que já tinha viajado muito no Mediterrâneo, os advertiu de que continuar a viagem poderia causar dano à carga, ao navio e às vidas (v. 10). Mas o piloto e o proprietário do navio pensavam de forma diferente e o centurião concordou com eles (v. 11) porque Bons Portos não era seguro o suficiente para hibernar. Assim, eles decidiram prosseguir mais sessenta e quatro quilômetros, até Fenice, apesar de haver algum debate sobre a identidade dessa cidade: se é Lutro (aberta para o leste) ou Fineka (voltada para o oeste). A tradução natural do final do versículo 12 é "o qual olhava para o sudoeste e para o nordeste", o que favorece Fineka, apesar de Smith ter defendido Lutro traduzindo "na mesma direção" dos ventos noroeste e sudoeste, i.e. leste![27]

2. A tempestade no mar (27:13-20)

Soprando brandamente o vento sul e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora, e foram costeando mais de perto a ilha de Creta. [14]*Entretanto, não muito depois, desencadeou-se do lado da ilha um tufão de vento, chamado Euro-aquilão;* [15]*e, sendo o navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar.* [16]*Passando a sota-vento de uma ilhota chamada Clauda, a custo conseguimos recolher o bote,* [17]*levantando o qual usaram de todos os meios para cingir o navio, e, temendo que dessem nà Sirte, arriaram os aparelhos e foram ao léu.* [18]*Açoitados severamente pela tormenta, no dia seguinte já aliviavam o navio.* [19]*E, ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio.* [20]*E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se afinal toda a esperança de salvamento.*

A suave brisa do sul os iludiu, fazendo-os pensar que conseguiriam navegar mais sessenta e quatro quilômetros (v.13). Mas *um tufão de vento* (*typhonikos*), *chamado Euro-aquilão* ("*Eurakylon*, um composto de *Euros*, o vento leste e de *Aquilo*, do latim, o vento norte"),[28] precipitou-se das montanhas de Creta (v. 14), forçando o navio a se "deixar levar" por ele (v. 15).[29]

A embarcação já estava em grande perigo, pois uma vez levado para longe de Creta, não havia mais portos, apenas o mar aberto. É fascinante ler as quatro medidas de precaução tomadas pela tripulação em sua tentativa desesperada de salvar o navio. Primeiro, aproveitando-se da ligeira proteção que a pequena ilha de Clauda lhes oferecia, com muito esforço conseguiram puxar a bordo o seu bote de salvamento (v. 16). Lucas escreve "conseguimos recolher o bote", porque ele também ajudou, e acrescenta que foi "a custo, provavelmente lembrando as suas bolhas!"[30] Segundo, eles "cingiram" o navio, passando cabos por baixo do casco para manter suas tábuas unidas ou amarrando a proa à popa, por cima do convés, para evitar que ele quebrasse no meio (v. 17a).[31] Terceiro, temendo os bancos de areia de Sirte que, apesar de estarem muitas milhas ao sul, na costa da Líbia, eram o terror de todos os marinheiros do Mediterrâneo, "arriaram os aparelhos", ou mais provavelmente "a ancôra flutuante" para agir como freio à medida que eram empurrados para a frente (17b). Quarto, no dia seguinte, vendo que a tempestade continuava implacável, jogaram parte da carga no mar (v. 18). Quinto, no

terceiro dia da tempestade, lançaram fora o máximo de aparelhagem do navio que podiam (v. 19). E, por fim, depois de muitos dias (onze, para ser exato) de tempestade avassaladora, sem sol nem estrelas para guiá-los, e, obviamente pela época, sem bússola nem sextante, parece que toda a tripulação perdeu qualquer esperança de ser salva. Mas foi nessa crise de desespero que Paulo se levantou com algumas palavras de encorajamento.

3. As três intervenções de Paulo (27:21-38)

Até aqui, Lucas descrevera Paulo como o apóstolo dos gentios, o pioneiro das três expedições missionárias, o prisioneiro e o réu. Agora, porém, ele o retrata sob outra luz. Ele já não é um apóstolo honrado, mas um homem comum, igual aos outros, um cristão solitário (exceto por Lucas e Aristarco) entre cerca de trezentos incrédulos: soldados ou prisioneiros, ou talvez mercadores ou tripulantes. Ainda assim, seus dons de liderança, recebidos de Deus, emergem claramente. "É quase certo", escreve William Barclay, "que Paulo fosse o viajante mais experiente a bordo daquele navio."[32] Até mesmo Haenchen, que rejeita com desdém o retrato de Paulo feito por Lucas, considerando-o "apenas ... um poderoso super-homem",[33] reconhece que Lucas não chama a nossa devida atenção à experiência de Paulo como viajante marítimo calejado. Ele alista as onze viagens do apóstolo pelo Mediterrâneo *antes* de partir para Roma e calcula (apesar de deixar conosco o trabalho da adição) que Paulo viajou pelo menos 5.500 quilômetros por mar.[34] Mas não foi só a sua maturidade quanto à experiência marítima que fez com que Paulo se destacasse como líder naquele navio; foi, muito mais, o seu caráter e a fé cristã inabalável.

Paulo já havia falado uma vez, expressando a sua opinião quanto ao local em que o navio deveria hibernar, mas seu conselho tinha sido ignorado (vs. 9-12). Agora Lucas relata as suas três intervenções seguintes, sendo, cada uma delas, um apelo claro à tripulação do navio.

a. O apelo para que mantivessem o ânimo (27:21-26)

Havendo todos estado muito tempo sem comer, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. [22]*Mas, já agora vos*

aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. [23]*Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo,* [24]*dizendo: Paulo, não temas; é preciso que compareças perante César, e eis que Deus por sua graça te deu todos quantos navegam contigo.* [25]*Portanto, senhores, tende bom ânimo; pois eu confio em Deus, que sucederá do modo por que me foi dito.* [26]*Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.*

Eu não creio que devamos interpretar o "era preciso terem-me atendido" de Paulo como uma forma barata de marcar um tento sobre eles (v. 21). Apesar de tudo, a sua opinião minoritária estava correta. Talvez eles o levassem mais a sério no futuro. Em todo caso, agora ele tinha plena confiança naquilo que estava para dizer. Duas vezes, Paulo lhes pediu que mantivessem o bom ânimo (vs. 22, 25). Com que base? Porque nenhum deles, mas apenas o navio, se perderia (v. 22). Como ele podia ter tanta certeza disso? Porque na noite anterior, um anjo do Deus a quem ele pertencia e servia, tinha estado ao seu lado (v. 23), dizendo-lhe para que não temesse, prometendo que ele teria de se apresentar a César, e acrescentando que Deus lhe daria (em resposta a suas orações?) as vidas de seus companheiros de viagem (v. 24). Essas promessas divinas eram o fundamento do apelo de Paulo para que todos mantivessem o bom ânimo. Pois ele acreditava em Deus, em seu caráter e em sua aliança, e estava convencido de que ele cumpriria suas promessas (v. 25), embora o navio tivesse de encalhar em alguma ilha (v. 26).

b. O apelo para que permanecessem juntos (27:27-32)

Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no Mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra. [28]*E, lançando o prumo, acharam vinte braças; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças.* [29]*E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras, e oravam para que rompesse o dia.* [30]*Procurando os marinheiros fugir do navio e, tendo arriado o bote no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa,* [31]*disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos.* [32]*Então os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se.*

Agora já fazia duas semanas que o navio fora arrastado do abrigo de Creta e estava sendo levado pelo Adriático (uma palavra que no emprego popular antigo cobria toda a parte centro-leste do Mediterrâneo). Mas na décima quarta noite, perto da meia-noite, os marinheiros sentiram a proximidade da terra (v. 27), provavelmente porque conseguiam ouvir as ondas quebrando na praia. Calculando a direção e a velocidade do barco (um procedimento necessariamente impreciso), Smith concluiu que "um navio que partisse de Clauda tarde da noite estaria, à meia-noite do décimo quarto dia, a menos de cinco quilômetros da entrada da baía de São Paulo", em Malta.[35] Assim os marinheiros fizeram sondagens, descobrindo primeiro vinte e, depois, quinze braças de profundidade (v. 28). Temendo rochas ou um arrecife, jogaram quatro âncoras da popa, para manter o navio seguro, e oraram pedindo que amanhecesse (v. 29). Foi então que, como nos conta Lucas, os marinheiros tentaram fugir. Fingindo querer soltar mais âncoras, eles baixaram o bote, desta vez da proa (v. 30). Mas, de alguma forma, Paulo soube o que estava acontecendo, "por sagacidade natural, experiência náutica ou revelação especial",[36] e disse a Júlio e aos seus soldados: *Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos* (v. 31). Evidentemente, a promessa de Deus de que ele lhe daria a vida de todos os que estavam a bordo pressupunha que eles permanecessem juntos. Assim os soldados cortaram os cabos do bote, deixando-o ir (v. 32).

c. O apelo para que comessem (27:33-38)

Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. 34Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo. 35Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer. 36Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer. 37Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo. 38Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar.

O sol estava para nascer quando Paulo interveio pela terceira vez, rogando a todos que comessem, pois não se alimentavam havia duas semanas, ou por causa da tensão constante de espera (v. 33), ou de enjôos marítimos, ou porque a comida estava encharcada,

ou ainda porque era impossível cozinhar durante a tempestade. Mas agora ele os forçou a comer para que sobrevivessem, pois, acrescentou, numa aparente alusão ao ensino de Jesus, [37]nenhum deles perderia sequer um fio de cabelo (v. 34). A seguir, ele lhes deu um exemplo: agradeceu publicamente pela comida e começou a comer. Devido à seqüência – ele pegou o pão, agradeceu, partiu-o e comeu – alguns a retratam como uma eucaristia. Mas nem a situação nem o grupo, formado de soldados, marinheiros e prisioneiros, todos incrédulos, eram propícios para isso. Decerto era uma refeição normal, embora a comida tenha sido consagrada em ações de graças.[38] Como resultado, o restante do grupo recuperou o *ânimo* (a mesma palavra dos vs. 22 e 25) e seguiu o seu exemplo (v. 36). Só agora Lucas menciona que havia 276 pessoas a bordo (v. 37); será que eles foram contados por causa da distribuição da comida? Depois de comerem tudo o que quiseram, jogaram o resto do trigo no mar (v. 38).

Portanto, eis aqui os aspectos do caráter de Paulo que o engrandecem diante de nós como um cristão íntegro, que combinava a espiritualidade e o bom senso, a fé e as obras. Ele acreditava que Deus cumpriria suas promessas e teve a coragem para dar graças na presença de pagãos calejados. Mas a sua confiança e santidade não o impediram de ver que o navio não deveria se arriscar no começo do inverno, ou que não se podia permitir que os marinheiros fugissem, ou que a tripulação e os passageiros esfomeados precisavam comer para sobreviver, ou (mais tarde, na praia) que ele precisava juntar lenha para manter o fogo aceso. Que homem! Ele era homem de Deus e homem de ação; homem do Espírito e homem de bom senso.

4. O naufrágio em Malta (27:39 – 28:10)

a. Salvos do mar (27:39-44)

Quando amanheceu não reconheceram a terra, mas avistaram uma enseada, onde havia praia; então consultaram entre si, se não podiam encalhar ali o navio. [40]*Levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia.* [41]*Dando, porém, num lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam ali o navio; a proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar.*

[42]*O parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum*

deles, nadando, fugisse; [43]mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra. [44]Quanto aos demais, que se salvassem uns em tábuas, e outros em destroços do navio. E foi assim que todos se salvaram em terra.

Mesmo sendo dia, a tripulação não reconheceu a ilha que, mais tarde, descobriram ser Malta (28:1). James Smith estava convencido de que o local do naufrágio é o lugar tradicionalmente conhecido como Baía de São Paulo, na costa nordeste da ilha. Certamente a combinação de pedras (v. 29), que ele identificou como um ponto baixo e rochoso de Koura, a "enseada, onde havia praia" (v. 39), e o "lugar onde duas correntes se encontravam" (v. 41), literalmente um "lugar de dois mares", que ele acreditava ser a enseada lodosa, entre a ilhota de Salmoneta e a ilha de Malta, o levou a comentar "como esses aspectos ainda distinguem a costa com perfeição".[39] É claro que nos dezenove séculos subseqüentes, as baías, as praias, os bancos de areia e até mesmo as rochas devem ter mudado de aspecto; mesmo assim não existe motivo para questionar essa identificação.

Os marinheiros "levantando as âncoras, ... largando as amarras do leme" (lit."amarras dos remos", que serviam como leme nas embarcações antigas), "alçando a vela de proa ao vento, dirigiram-se para a praia" (v. 40). Mas o navio encalhou na areia ou no lodo, provavelmente submerso, e apesar de a proa ficar imobilizada, a popa se quebrou por causa do vento (v. 41). Quando os soldados, agindo por conta própria, pretendiam matar os prisioneiros (v. 42), sabendo que seriam punidos pela lei romana, caso alguém escapasse, foram impedidos pelo centurião. Ele, então, ordenou que os que sabiam nadar saltassem primeiro (v. 43), enquanto os outros deveriam usar tábuas e os destroços do barco para chegarem até a praia. "Assim tornou-se realidade", escreveu J. B. Phillips, provavelmente para expressar o cumprimento do objetivo e da promessa de Deus, "que todos alcançaram a terra em segurança" (v. 44).

b. A fogueira na praia (28:1-6)

Uma vez em terra verificamos que a ilha se chamava Malta. [2]Os bárbaros trataram-nos com singular humanidade, porque, acendendo uma fogueira, acolheram-nos a todos por causa da chuva que caía, e por causa

do frio. 3Tendo Paulo ajuntado e atirado à fogueira um feixe de gravetos, uma víbora, fugindo do calor, prendeu-se-lhe à mão. 4Quando os bárbaros viram a bicha pendente da mão dele, disseram uns aos outros: Certamente este homem é assassino, porque, salvo do mar, a Justiça não o deixa viver. 5Porém, ele, sacudindo o réptil no fogo, não sofreu mal nenhum; 6mas eles esperavam que ele viesse a inchar, ou cair morto de repente. Mas, depois de muito esperar, vendo que nenhum mal lhe sucedia, mudando de parecer, diziam ser ele um deus.

O substantivo usado nos versículos 2 e 4 é *barbaroi*, mas a tradução "bárbaros" é incorreta. Os gregos empregavam essa palavra para todos os estrangeiros que falavam a sua própria língua nativa, e não o grego. A *humanidade singular* que eles demonstraram para com os náufragos, fazendo uma fogueira cedo de manhã, no frio e na chuva (v. 2), indica que eles não eram selvagens rudes, muito pelo contrário. Paulo fez a sua parte juntando *um feixe de gravetos*, de onde saiu uma víbora, expulsa pelo calor. Lucas não fala explicitamente que Paulo foi picado, mas o fato de afirmar que a cobra *prendeu-se-lhe à mão* (v.3) e que estava *pendente da mão dele* (v. 4) parece implicar isso. É certo que os habitantes da ilha acreditavam que ele fora mordido, e, então, concluíram que Paulo era um assassino que, tendo escapado do naufrágio, estava sendo perseguido e envenenado pela deusa *Dikê*, a personificação da justiça e da vingança. Mas enquanto ficavam observando, Paulo sacudiu a víbora no fogo e não inchou nem caiu morto. Está claro que Lucas se diverte com o fato de eles conseguirem mudar de opinião imediatamente, chamando-o de deus. O povo é tão volúvel que, em Listra, Paulo foi adorado como deus e depois apedrejado (14:11-19), enquanto em Malta foi chamado de assassino e depois de deus. Mas a verdade não estava em nenhum dos extremos. Em vez de ser afogado ou envenenado pela *Dikê*, Paulo fora protegido de ambos os acidentes por Jesus.[40]

c. As curas na ilha (28:7-10)

Perto daquele lugar havia um sítio pertencente ao homem principal da ilha, chamado Públio, o qual nos recebeu e hospedou benignamente por três dias. 8Aconteceu achar-se enfermo de disenteria, ardendo em febre, o pai de Públio. Paulo foi visitá-lo e, orando, impôs-lhe as mãos e o curou. 9À vista deste acontecimento, os demais enfermos da ilha vieram e foram curados, 10os quais nos distinguiram com muitas honrarias; e, tendo nós

de prosseguir viagem, nos puseram a bordo tudo o que era necessário.

A terra perto da praia pertencia a um homem chamado Públio, a quem Lucas chama de o *protos* da ilha, a "primeira" pessoa da ilha, ou a mais proeminente, talvez o seu chefe (BLH), ou oficial principal, ou magistrado chefe, ou até mesmo o seu governador. Ele "nos recebeu" em sua casa, conta Lucas, provavelmente alguns dos náufragos, não todos os 276 (!), e por três dias foi generoso em sua hospitalidade (v. 7). Enquanto estavam na casa, ficaram sabendo que o pai de Públio também estava lá, de cama, doente. Lucas descreve sua doença como sendo "disenteria e febre", que o Dr. Longenecker tenta diagnosticar como "febre de Malta", que, acrescenta, "era muito comum em Malta, Gibraltar e em outras partes do Mediterrâneo". Parece que o microorganismo que a causa foi identificado em 1887, no leite das cabras maltesas. Desenvolveu-se uma vacina, mas, em geral, a febre dura cerca de quatro meses e às vezes persiste por dois ou três anos.[41] Mas esse não foi o caso do pai de Públio: Paulo o curou de imediato, através da oração e da imposição das mãos (v. 8). Quando a notícia se espalhou, todos os *enfermos da ilha vieram e foram curados* (v. 9). Apesar de Lucas empregar aqui um outro verbo (*therapeuo*), que era usado para o tratamento médico, e que ele mesmo deve ter usado em seu ofício de médico, não existe nenhum indício de que ele queira que nós consideremos milagrosa a cura do pai de Públio e medicinais a dos outros. As curas sobrenaturais faziam parte do ministério do apóstolo,[42] e a gratidão dos habitantes da ilha foi expressa através de presentes e suprimentos (v. 10).

5. A chegada em Roma (28:11-16)

Ao cabo de três meses, embarcamos num navio alexandrino, que invernava na ilha, e tinha por emblema Dióscuros. [12]Tocando em Siracusa, ficamos ali três dias, [13]donde, bordejando, chegamos a Régio. No dia seguinte, tendo soprado vento sul, em dois dias chegamos a Potéoli, [14]onde achamos alguns irmãos que nos rogaram ficássemos com eles sete dias; e foi assim que nos dirigimos a Roma. [15]Tendo ali os irmãos ouvido notícias nossas, vieram ao nosso encontro até à Praça de Ápio e às Três Vendas. Vendo-os Paulo, e dando por isso graças a Deus, sentiu-se mais animado. [16]Uma vez em Roma, foi permitido a Paulo morar por sua conta, tendo em sua companhia o soldado que o guardava.

Os náufragos passaram os três meses de inverno na ilha, talvez de meados de novembro a meados de fevereiro. Então recomeçava a navegação e eles estavam prontos para embarcar no terceiro navio, outro barco alexandrino (cf. 27:6), que havia passado o inverno num dos portos seguros de Malta. A figura esculpida e pintada no navio era a representação de *Dioskouroi*, ou seja, "os Deuses Gêmeos" (BLH), ou "os gêmeos celestiais", chamados Castor e Pólux (v. 11) que, na mitologia greco-romana, eram os filhos de Júpiter (Zeus), os deuses da navegação e os padroeiros dos navegadores.

Lucas baseia-se novamente em seu diário de bordo e descreve a última parte de sua viagem para Roma, por mar e por terra, em quatro estágios.

Primeiro, eles navegaram de Malta, rumo ao nordeste, para Siracusa, a capital da Sicília, onde ficaram três dias (v. 12).

Depois, navegaram mais para o norte e atracaram em Régio, no "dedo" da Itália (v. 13a). A palavra "bordejando" provavelmente significa que eles tiveram que navegar em zigue-zague.

No dia seguinte, eles continuaram navegando com a ajuda de um vento do sul e fizeram um progresso tão excelente que, em dois dias, viajaram cerca de trezentos e vinte quilômetros, até Potéoli, no golfo de Nápoles (v. 13). Ali passaram uma semana com irmãos e irmãs em Cristo, provavelmente enquanto Júlio aguardava as instruções finais em relação aos prisioneiros.

A quarta etapa da viagem foi feita por terra, e não por mar. Depois de poucos quilômetros eles devem ter encontrado a famosa Via Ápia, que apontava diretamente para Roma, ao norte, e que Richard Longenecker chamou de "a estrada romana mais antiga, mais reta e mais perfeita".[43] Os cristãos em Roma ouviram de sua chegada e mandaram uma delegação para encontrar Paulo e seus companheiros no caminho. Alguns enfrentaram os cinqüenta e poucos quilômetros até Três Vendas, enquanto outros perseveraram por mais quinze quilômetros até a cidade-mercado chamada Praça de Ápio. Deve ter sido uma experiência emocionante para Paulo encontrar pessoalmente os primeiros moradores da cidade de seus sonhos e os primeiros membros da igreja à qual ele havia escrito o seu grande tratado teológico e ético. Não nos surpreende que ele tenha dado "graças a Deus" sentindo-se "mais animado" ao vê-los (v. 15b). Eles então o acompanharam, seguindo a Via Ápia, por onde tinham vindo. Quando chegou, Lucas nos conta que Paulo recebeu *custodia militaris*, o que lhe

permitia viver em sua própria casa, embora permanecesse sob a vigilância de um soldado romano, a quem ficava acorrentado pelo seu pulso direito (v. 16). Porém, antes disso, o texto Ocidental insere que "o centurião entregou os prisioneiros ao *stratopedarch*",[44] que a BAGD traduz como "comandante militar, comandante do acampamento". Há muita discussão sobre quem seria essa pessoa. Pensava-se que o *stratopedarch* era o prefeito (comandante) da guarda pretoriana (imperial), responsável pelos prisioneiros provinciais e que naquela época seria Afrânio Burrus. Mas, de acordo com Sherwin-White, "a identificação mais provável ... é ... com o oficial conhecido como *princeps castrorum*, o administrador chefe do *officium* da guarda pretoriana", pois "é mais provável que esse oficial fosse a pessoa que tinha o controle executivo dos prisioneiros que estavam em Roma, aguardando julgamento ..."[45]

6. O evangelho para judeus e gentios (28:17-31)

a. Paulo dirige-se aos judeus (28:17-23)

Três dias depois, ele convocou os principais dos judeus e, quando se reuniram, lhes disse: Varões irmãos, nada havendo feito contra o povo ou contra os costumes paternos, contudo vim preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos; [18]os quais, havendo-me interrogado, quiseram soltar-me sob a preliminar de não haver em mim nenhum crime passível de morte. [19]Diante da oposição dos judeus, senti-me compelido a apelar para César, não tendo, porém, nada de que acusar minha nação. [20]Foi por isto que vos chamei para vos ver e falar; porque é pela esperança de Israel que estou preso com esta cadeia.

[21]Então eles lhe disseram: Nós não recebemos da Judéia nenhuma carta que te dissesse respeito; também não veio qualquer dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum. [22]Contudo, gostaríamos de ouvir o que pensas; porque, na verdade, é corrente a respeito desta seita que por toda parte é ela impugnada.

[23]Havendo-lhe eles marcado um dia, vieram em grande número ao encontro de Paulo na sua própria residência. Então, desde a manhã até à tarde, lhes fez uma exposição em testemunho do reino de Deus, procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela lei de Moisés, como pelos profetas.

Sendo coerente com o seu princípio de que o evangelho é o poder

de Deus para a salvação "primeiro do judeu, e também do grego",[46] mesmo na capital gentia do mundo, Paulo dirigiu-se primeiro aos judeus. Três dias depois de sua chegada (Paulo não se permitiu mais tempo para descansar de sua viagem árdua) ele convocou os líderes judeus para encontrarem-se com ele. O apóstolo enfatizou três pontos. Primeiro, ele não fizera nada contra o povo judeu ou seus costumes ancestrais ("costumes paternos"). Em segundo lugar, ele foi preso, entregue aos romanos (v. 17), e interrogado por eles, mas estes queriam libertá-lo porque nada conseguiram encontrar que justificasse a pena de morte (v. 18). E, em terceiro lugar, foi o fato de os judeus se oporem à sua libertação que o fez apelar para César, apesar de não ter nada contra o seu próprio povo (v. 19). Assim, Paulo não tinha feito nada contra os judeus, os romanos não tinham nada contra Paulo, e ele não tinha nada (i.e. nenhuma acusação) contra os judeus. Ele havia solicitado a reunião para esclarecer essas coisas. Ele era um judeu fiel em todos os aspectos: na verdade, estava preso por causa da esperança de Israel, a expectativa messiânica de Israel cumprida em Jesus (v. 20).

Como resposta, os líderes judaicos declararam, de um modo surpreendente, que não haviam recebido nenhuma carta oficial da Judéia e que nenhum visitante judeu havia dito alguma coisa a seu respeito (v. 21). Eles, porém, queriam aprender mais sobre suas idéias, porque sabiam que a "seita" nazarena era contestada em toda parte (v. 22).

No dia marcado, os judeus se reuniram na casa de Paulo em grande número. Então, durante todo o dia, da manhã até a tarde, Paulo se concentrou em duas coisas. Primeiro ele expôs, explicando e testemunhando, o caráter do reino de Deus e a sua vinda (será que ele o contrastou com o reino de César?) e, segundo, tentou convencê-los a respeito de Jesus, partindo das Escrituras (v. 23). Isto parece significar que, como em outras ocasiões em que falou a judeus, Paulo demonstrou que era necessário identificar o Jesus histórico com o Cristo bíblico.

b. Paulo volta-se aos gentios (28:24-28)

Houve alguns que ficaram persuadidos pelo que ele dizia; outros, porém, continuaram incrédulos. [25]*E, havendo discordância entre eles, despediram-se, dizendo Paulo estas palavras: Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por intermédio do profeta Isaías, quando disse:*

[26]Vai a este povo e dize-lhe: De ouvido ouvireis, e não entendereis; vendo vereis, e não percebereis.

[27]Porquanto o coração deste povo se tornou endurecido; com os ouvidos ouviram tardiamente, e fecharam os seus olhos, para que jamais vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos para que não entendam com o coração, e se convertam, e por mim sejam curados.

[28]Tomai, pois, conhecimento de que esta salvação de Deus foi enviada aos gentios. E eles a ouvirão.

A longa exposição persuasiva de Paulo dividiu a audiência em dois grupos, como muitas vezes, antes. Alguns foram convertidos pelo seu raciocínio, outros permaneceram céticos ou, uma vez que parece indicar uma atitude consciente, recusaram-se a crer (v. 24). Em outras palavras, ficaram profundamente divididos entre si e começaram a voltar para casa – mas só depois do resumo de Paulo, cujo tom de desfecho solene não escapou a ninguém. Ele aplicou com ousadia as palavras que o Santo Espírito havia falado aos seus pais nos dias de Isaías,[47] e que Jesus, bem como João, havia citado em relação aos seus contemporâneos incrédulos.[48] Essa citação distingue entre ouvir e entender, entre ver e perceber (v. 26), atribuindo esse não-entendimento à decisão deliberada de manterem os corações duros, os ouvidos surdos e os olhos cegos, porque assim não fosse, poderiam ver, ouvir, entender, serem convertidos e salvos (v. 27). "Nesse processo temerário", escreveu J. A. Alexander, "podem-se distinguir três ações, descritas de forma implícita ou explícita: a ação ministerial do profeta, a ação judicial de Deus, e a ação suicida do próprio povo." Em outras palavras, se perguntarmos por que as pessoas não entendem e não se voltam para Deus, a descrença poderia ser atribuída (e é, de fato, atribuída nas Escrituras) ora à pregação do evangelista, ora ao juízo de Deus, e ora à teimosia do povo. Alexander ressalta que em Isaías, o primeiro fator é o mais proeminente; em João 12:40, o segundo; e nas passagens de Mateus e Marcos, bem como em Atos 28, o terceiro.[49] Apesar de nossas mentes terem dificuldades em conciliar essas perspectivas, já que é difícil atribuir a mesma situação simultaneamente a três agentes, todos os três são verdadeiros e devem ser mantidos com igual tenacidade.

Os judeus rejeitaram o evangelho conscientemente, e Paulo quer que eles saibam que a salvação de Deus foi enviada para os gentios, que ouvirão com ouvidos abertos, enquanto os judeus

fecharam os deles. Já por três vezes, a oposição teimosa dos judeus fizera Paulo voltar-se para os gentios – em Antioquia da Pisídia (13:46), Corinto (18:6) e Éfeso (19:8-9). Agora, pela quarta vez, na capital mundial, e de forma mais decisiva ainda, ele o faz novamente (v. 28). O versículo 29 pertence ao texto Ocidental e diz que os judeus então saíram "tendo entre si grande contenda".

c. Paulo recebe todos os que o visitam (28:30-31)

Por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia a todos que o procuravam, [31]*pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo.*

Nesses últimos dois versículos de Atos não há nenhuma referência aos judeus ou aos gentios, como havia nos parágrafos anteriores. A explicação mais natural para isso é que "todos que o procuravam" incluía ambos. Os terríveis versículos de Isaías 6 não significavam que nenhum judeu se converteria nem que os judeus convertidos seriam rejeitados. Mesmo assim, a ênfase da conclusão de Lucas está nos gentios que foram ver Paulo, e eram símbolos e precursores do mundo gentio, vasto e faminto, lá fora. *Eles a ouvirão!* profetiza Paulo (v. 28). E eles ouviram. Por dois anos inteiros, vieram e ouviram enquanto Paulo permaneceu em Roma, em sua própria casa alugada. Provavelmente, ele voltou a fazer tendas, a fim de pagar suas contas. Mas quando chegavam as visitas, Paulo deixava o trabalho manual de lado, para evangelizar. E sobre o que ele falava? Falava, de novo, do "reino de Deus" e do "Senhor Jesus Cristo" (como no versículo 23) e, em especial, da relação entre eles. Lucas diz que ele "pregava" o primeiro e "ensinava" o segundo. Isso parece significar que ele proclamou as boas novas da irrupção do domínio gracioso de Deus na história humana através de Cristo, que ele ligou isso às "coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo", e que ele também ensinou: os fatos referentes ao seu nascimento e vida, morte e ressurreição, exaltação e a dádiva do Espírito. Foi através desses acontecimentos salvíficos que nasceu o reino de Deus. Mas é provável que essa distinção entre "pregar" e "ensinar" seja exagerada, pois toda a pregação de Paulo tinha um conteúdo doutrinário, e todo o seu ensino tinha um propósito evangelístico.

As últimas palavras do livro (que a ERAB não coloca no devido

lugar) são a expressão adverbial *meta pases parresias*, "com toda a intrepidez", e o advérbio *akolutos*, "sem impedimento". *Parresia* é uma palavra característica de Atos desde que os doze mostraram intrepidez e oraram, pedindo mais (4:13, 31). E Paulo havia pedido aos efésios que orassem para que o seu ministério pudesse apresentar essa mesma marca.[50] *Parresia* descreve um discurso franco (sem omissão de verdades), clara (sem expressões obscuras) e confiante (sem medo das conseqüências). "Sem impedimento" significa que, apesar da contínua vigilância militar, as autoridades não haviam proibido Paulo de falar. Apesar de sua mão ainda estar presa, sua boca estava livre para Jesus Cristo. Apesar de estar acorrentado, a Palavra de Deus não estava.[51] Juntos, os dois advérbios de Lucas descrevem a liberdade que o evangelho gozava, não tendo impedimentos internos nem externos. Como resultado, podemos ter a certeza de que muitos se converteram, inclusive Onésimo, um escravo fugitivo.[52]

Conclusão: A providência de Deus

Muitos leitores de Atos, que não encontram nenhuma dificuldade com o capítulo 28 (a chegada de Paulo e o seu ministério em Roma), encontram muitos obstáculos no capítulo 27 (a viagem, a tempestade e o naufrágio). Por que, afinal, Lucas dedicou tanto do seu espaço precioso a essa história pitoresca, mas que, aparentemente, não edifica? É verdade que sua reputação como cronista preciso é realçada com isso, e seu retrato de Paulo numa situação de crise é de muita ajuda. Mesmo assim, o tamanho parece desproporcional ao seu valor.

Foi esse sentimento que levou alguns estudiosos a mergulharem na história, à procura de significados mais profundos e espirituais. Um deles foi August van Ryn, que nasceu na Holanda em 1890, mas que se tornou pregador e professor americano. Em seu livro *Acts of the Apostles: The Unfinished Work of Christ*,[53] ele desenvolveu uma alegoria elaborada. O navio é a igreja visível, cuja história é uma viagem, partindo de "sua antiga perfeição" em Jerusalém no dia de Pentecoste, passando "por muitos ventos contrários e tempestades violentas" (perseguições e doutrinas falsas) até o "seu naufrágio moral e espiritual em Roma", ou seja, na Igreja Católica Romana. As pessoas a bordo são uma multidão heterogênea. Alguns se parecem com o centurião, que acreditou mais no piloto e no proprietário do navio (os líderes

da igreja) "do que nas coisas ditas por Paulo", enquanto outros, mesmo em meio à escuridão, tempestade e medo, ouvem o ensino de Paulo e são salvos. Esses também jogam o trigo no mar, lançando o seu pão sobre as águas, ou seja, espalham amplamente a semente do evangelho. A tripulação tenta amarrar o navio (pessoas bem-intencionadas que tentam manter a unidade da igreja através de projetos de união). Mas eles não conseguem impedir que ela naufrague e se parta em milhares de fragmentos. A alegoria é forçada, van Ryn admite, mas acrescenta que "pessoalmente gosto dessa afetação". Eu, porém, espero que meus leitores não gostem . Alegorias infundadas levam as Escrituras ao descrédito e causam confusão, não iluminação.

Qual, então, seria a lição principal que deveríamos aprender de Atos 27 e 28? Ela diz respeito à providência de Deus, que "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade",[54] declara que "não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o Senhor",[55] e manipula até o mal "para o bem" daqueles que o amam.[56] Essa atividade providencial de Deus é vista nestes capítulos de duas formas complementares: primeiro, levando Paulo até Roma, o seu alvo desejado, e, segundo, levando-o até lá como prisioneiro, numa condição não-desejada. Era uma combinação inesperada de circunstâncias: o que estaria por trás disso?

Em primeiro lugar, Lucas quer que nos maravilhemos com ele, pelo fato de Paulo ter chegado a Roma em segurança. Não tanto porque Paulo disse "importa-me ver também Roma" (Rm 19:21), mas porque Jesus disse "importa que também o faças em Roma" (23.11). Mas cada circunstância parecia estar programada para tornar isso impossível. Paulo havia expressado sua intenção de sair de Jerusalém direto para Roma.[57] Em vez disso, ele foi preso em Jerusalém, submetido a julgamentos intermináveis, encarcerado em Cesaréia, ameaçado de morte pelos judeus, e depois quase se afogou no Mediterrâneo, quase foi morto pelos soldados e quase foi envenenado por uma cobra! Cada incidente parecia programado para impedir que ele chegasse ao destino programado e prometido por Deus. Já que Lucas se concentra na tempestade, precisamos lembrar que, no Antigo Testamento, o mar, que relembra o caos primevo, era um símbolo comum dos poderes malignos em oposição a Deus. Não eram as forças da natureza (a água, o vento e a cobra) ou as maquinações dos homens (estratégias, conspirações e ameaças) que se levantavam

contra Paulo, mas sim as forças demoníacas que agiam por trás delas. As Escrituras estão cheias de exemplos de tentativas do diabo para frustrar o plano salvífico de Deus por meio de seu povo e de seu Cristo. Através do Faraó, ele tentou afogar Moisés, ainda pequeno; através de Hamã, tentou aniquilar os judeus; através de Herodes o Grande, tentou destruir o menino Jesus em Belém, e através do Sinédrio, tentou abafar o testemunho apostólico e sufocar a igreja que estava nascendo. E agora, através da tempestade no mar, ele tentou impedir que Paulo levasse o evangelho à capital do mundo.

Mas Deus obstruiu seu caminho. Lucas deixa sua história mais emocionante, contando-nos seu segredo: Jesus prometera a Paulo que ele chegaria a Roma (23:11). Assim sabemos desde o início que ele chegará. Mas à medida que a narrativa se desenvolve e a tempestade torna-se mais violenta, até que toda a esperança se perde, ficamos imaginando como ele será resgatado. Será que conseguirá? Sim, conseguirá! Ele consegue! Pois foi resgatado pela providência divina, que Lucas deixa bem clara, repetindo a palavra "salvação".[58]

Assim, pela providência de Deus, Paulo chegou a Roma são e salvo. Mas chegou como prisioneiro! A promessa de Cristo, dizendo que ele testemunharia em Roma, não incluía essa informação. Como isso poderia ser compatível com a providência de Deus? Parece-me legítimo afirmar que o apóstolo, que fora levado a Roma para testemunhar, viu o seu testemunho sendo expandido, enriquecido e autenticado pelos dois anos sob custódia naquela cidade.

Em primeiro lugar, seu testemunho foi expandido, não apenas devido ao fluxo constante de visitas, mas especialmente porque ele testemunhou de Cristo na presença de César. Isto, de fato, foi questionado. Sherwin-White escreve que "até a época de Nero os imperadores ouviam pessoalmente os casos que caíam sob seu *cognitio*", mas que, nos seus primeiros anos, "Nero evitava a jurisdição pessoal, aceitando apenas algum caso se houvesse motivos especiais". Normalmente, ele delegava o julgamento de casos que poderiam implicar pena de morte, embora "as sentenças fossem depois confirmadas por ele".[59] Nesse caso, será que o julgamento de Paulo foi uma exceção? Creio que sim. Deixando de lado a possibilidade de que a libertação de Paulo "da boca do leão" era uma referência ao fato de ter sido libertado por Nero,[60] o argumento mais forte é a promessa de Jesus no navio, *é preciso*

que compareças perante César (27:24). Se a primeira promessa (de ele chegar a Roma) foi cumprida, será que Lucas teria incluído a segunda promessa (de testemunhar diante de César) se não soubesse que ela foi cumprida? Creio que não. Nesse caso, podemos imaginar que o prisioneiro que esteve diante de Félix, Festo e Agripa, também esteve diante de Nero, e que ele proclamou a Cristo fielmente na corte mais prestigiada do mundo, à pessoa mais prestigiada do mundo. Sim, o próprio Nero, aquele que possuía talento artístico mas tinha sede de sangue, ouviu o evangelho da boca do apóstolo dos gentios. Isso não seria possível se Paulo não fosse um prisioneiro em julgamento.

Em segundo lugar, o testemunho de Paulo foi enriquecido naqueles dois anos. É difícil imaginarmos como um ativista nato, como Paulo, conseguiu suportar quase cinco anos de inatividade (dois anos na prisão de Cesaréia, dois em sua casa em Roma, e cerca de seis meses de viagem entre Cesaréia e Roma). Será que foram anos desperdiçados? Será que ele estava sacudindo os arreios e dando patadas no chão, como um cavalo agitado e rebelde? Não, suas cartas da prisão exalam uma atmosfera de alegria, paz, paciência e contentamento, porque ele acreditava na soberania de Deus. E mais, como resultado de seu recolhimento parcial de dois anos em Roma, Paulo legou à posteridade uma herança espiritual muito mais rica, através de suas quatro cartas da prisão. É provável que Paulo não soubesse nem entendesse essas coisas. Mas nós, sim.

É claro que Paulo não escreveu todas as suas cartas na prisão. Aos Gálatas, ele escreveu no calor do debate teológico, a caminho do Concílio de Jerusalém; escreveu as duas cartas aos Tessalonicenses algumas semanas depois de evangelizar a cidade deles; e aos Coríntios e aos Romanos em meio à agitação de seu movimentado ministério. Portanto, Paulo não precisava de uma temporada na prisão para manter seus escritos em dia! Mesmo assim, creio que, na providência de Deus, há algo especial e diferente nessas cartas da prisão. Não foi apenas o fato de que ele agora tinha mais tempo para refletir e orar; a essência dessas cartas deve muito à sua experiência na prisão. Paulo tinha pela frente um julgamento e a possibilidade de morrer, mas sabia que já havia ressuscitado com Cristo. Ele estava aguardando a sentença do imperador, mas sabia que a autoridade suprema diante da qual havia de se curvar não era César, mas Cristo, o Senhor.

Assim (com o Espírito Santo usando o seu período sob custódia

para esclarecer e reforçar essa verdade), as três principais cartas da prisão (Efésios, Filipenses e Colossenses), mais que todas as outras, apresentam de forma poderosa o supremo, soberano, inquestionável e inigualável senhorio de Jesus Cristo. A pessoa e a obra de Cristo assumem proporções cósmicas, pois Deus criou e reconciliou todas as coisas através de Cristo. A plenitude da divindade, que habitava em Cristo, também operava através dele. Cristo é o agente de toda a obra de criação e redenção de Deus. Além disso, tendo se humilhado na cruz, Deus o exaltou sobremaneira. Todas as três cartas afirmam isso. Deus lhe deu o nome e a posição que estão acima de todos.[61] Todas as coisas foram colocadas sob os seus pés.[62] É da vontade de Deus que ele tenha a primazia em tudo.[63] Não teria sido o próprio confinamento que abriu seus olhos, fazendo-o ver a vitória de Cristo e a plenitude da vida, do poder e da liberdade que são dados aos que a ele pertencem? Sua experiência na prisão ajustou sua perspectiva, expandiu seus horizontes, clareou sua visão e enriqueceu seu testemunho.

Em terceiro lugar, seu ministério foi autenticado por seus sofrimentos. A melhor prova da sinceridade de nossas crenças é a nossa disposição de sofrer por elas. Assim, Paulo precisava sofrer e ser visto sofrendo pelo evangelho que estava pregando. Em Isaías, o servo que leva a luz às nações precisa sofrer; o chamado para o ministério e para o sofrimento estão ligados; a testemunha e o mártir são iguais (*martys*); e a semente que se multiplica é a semente que morre.[64] Mas isso não é tudo. Paulo também estava sofrendo pelo "seu" evangelho,[65] pelo "mistério" revelado a ele, segundo o qual judeus e gentios eram iguais como membros de Cristo. É por isso que ele podia escrever sobre as "minhas tribulações por vós",[66] e descrever-se como o prisioneiro de Cristo "por amor de vós, gentios".[67] A prisão e os julgamentos de Paulo se deviam, todos, ao seu compromisso inabalável com a causa dos gentios. Foi seu testemunho aos gentios que fez com que os judeus se levantassem contra ele com tanta fúria. Paulo pagou caro por ser leal à liberdade e universalidade do evangelho. Mas seus apelos às igrejas para que vivessem de um modo digno do evangelho tornaram-se muito mais autênticos porque ele mesmo estava preso por causa do evangelho.[68] Paulo estava pronto a morrer por ele, elas deviam viver para adorná-lo.

Será que Paulo foi libertado após os dois anos mencionados por Lucas (v.30)? É certo que ele esperava por isso.[69] As cartas

pastorais dão evidências nesse sentido, pois ele reassumiu suas viagens por mais dois anos, antes de ser preso novamente, julgado, condenado e executado em 64 d.C. Então pôde escrever que havia combatido o bom combate, completado a carreira e guardado a fé.[70] Agora, a próxima geração precisava calçar os seus sapatos e continuar a obra. Assim como o Evangelho de Lucas termina com uma promessa de missão para todas as nações,[71] Atos termina com a promessa de uma missão irradiando para todo o mundo, a partir de Roma. Quando Lucas descreve Paulo pregando "com intrepidez" e "sem impedimento", isso simboliza uma porta aberta, pela qual nós, hoje, precisamos passar. Os Atos dos Apóstolos terminaram há muito tempo. Mas os atos dos seguidores de Jesus continuarão até o fim do mundo, e a palavra deles vai se espalhar até aos confins do mundo.

Notas:

1. Artigo de S. Angus, "Roman Empire", em *The International Standard Bible Encyclopaedia*, primeira edição 1951, ed. James Orr.
2. Citado por Farrar, p. 187.
3. Rm 1:21ss.
4. Ap 13:1ss.; 17:1ss.
5. Do ensaio de Floyd V. Filson, "The Journey Motif in Luke-Acts", em Gasque e Martin, p. 76.
6. Rm 1:10
7. Rm 1:11-12.
8. Rm 1:13.
9. Rm 1:15.
10. Rm 15:20-22.
11. Rm 15:23-24.
12. Rm 15;25-29.
13. Rm 15:30-32.
14. Lc 9:51 - 19:44.
15. Floyd V. Filson, em Gasque e Martin, p. 75.
16. Rackham, págs. 477-478.
17. Walker, p. 543.
18. Citação da quarta edição, de 1880, revisada e corrigida por Walter E. Smith e publicada por Longmans.
19. *Ibid.*, p. xlvi.
20. Ramsay, *St. Paul*, p. 314.
21. *Ibid.*, p. 316.
22. Cl 4:10.
23. Smith, p. 68.
24. *Ibid.*, p. 76.
25. Ramsay, *St. Paul*, p. 322.

26. Bruce, *Greek*, p.456.
27. Smith, p. 88. Veja também Hemer, p. 139.
28. Metzger, p. 497.
29. Smith, p.98.
30. Bruce, *English*, p. 509.
31. Veja a nota xxviii de Cadbury, em *BC*, V, págs. 345-354.
32. Barclay, p. 201.
33. Haenchen, p. 176.
34. *Ibid.*, págs. 702-703.
35. Smith, p. 128.
36. Alexander, II, p. 460.
37. Lc 21:28; cf. Mt 10:30.
38. 1 Tm 4:3-5.
39. Smith, p. 141.
40. Lc 10:19; cf. Mc 16:18.
41. Longenecker, *Acts*, p. 565.
42. Cf. 2 Co 12:12.
43 Longenecker, *Acts*, p. 568.
44. Metzger, p. 501.
45. Sherwin-White, p. 110.
46. Rm 1:16.
47. Is 6:9-10.
48. Mt 13:14-15; Mc 4: 11-12; Jo 12:37ss.
49. Alexander, II, p. 493.
50. Ef 6:19-20.
51. Cf. 2 Tm 2:9.
52. Fm 10.
53. *Acts of the Apostles: The Unfinished Work of Christ*, de August van Ryn (Loixeaux Brothers, Nova York, 1961).
54. Ef 1:11.
55. Pv 21:3); cf. Is 8:10; 54:17.
56. Rm 8:28; cf. 50:20.
57. Rm 15:25-29.
58. At 27:20, 31, 34, 43, 44; 28:1, 4.
59. Sherwin-White, págs. 110-111.
60. 2 Tm 4:17.
61. Fp 2:9
62. Ef. 1:22
63. Cl 1:18
64. Jo 12:24
65. 1 Tm 2:8-9
66. Ef 3:13; Cl 1:24.
67. Ef 3.1; cf. Cl 4.3.
68. E.g. Ef 4:1; 6.19-20.
69. Fp 1:19-26; Fm 22.
70. 2 Tm 4:7.
71. Lc 24.47; cf. At 1:8.

Bibliografia

Alexander, J. A. *A Commentary on the Acts of the Apostles* (1857; Banner of Truth, 1963, volumes I e II).

Barclay, William. "The Acts of the Apostles", em *The Daily Study Bible* (St. Andrew Press, 1953; 2ª ed., 1955).

Barrett, C. K. *Luke the Historian in Recent Study* (Epworth, 1961).

Baur, F. C. *Paul, The Apostle of Jesus Christ, His Life and Works*, em dois volumes (traduzido para o inglês, 1836; Londres: Williams & Norgate, 1873-75).

Bengel, Johann Albrecht. *Gnomon of the New Testament*, vol. II, 1742; traduzido para o inglês por Andrew R. Fausset (T. & T. Clark, 6ª ed., 1866).

Blaiklock, E. M. *Cities of the New Testament* (Pickering & Inglis, 1965). *The Acts of the Apostles: An Historical Commentary* (Tyndale Press, 1959).

Bruce, F. F. *The Acts of the Apostles: The Greek Text with Introduction and Commentary* (Tyndale Press, 1951).

Commentary of the Book of Acts: The English Text with Introduction, Exposition and Notes, em *The New London Commentary on the New Testament* (Marshall, Morgan and Scott/Eerdmans, 1954).

The Speeches in the Acts of the Apostles (Tyndale Press, 1943). *No texto, mencionamos como *Speeches* (1).

"The Speeches in Acts - Thirty Years After", em *Reconciliation and Hope: New Testament Essays and Eschatology*, ensaios em homenagem a L. L. Morris, ed. Robert Banks (Paternoster Press, 1974). *No texto mencionamos como *Speeches* (2).

Cadbury, Henry. *The Making of Luke-Acts* (Macmillan, 1927; 2ª ed., SPCK, 1958).

Calvino, João. *The Acts of the Apostles*, uma exposição em dois volumes: vol. I, caps. 1-13 (1552); vol. II, caps. 14-28 (1554).

Crisóstomo, João. *As Homilias sobre os Atos dos Apóstolos*, pregadas

em Constantinopla em 400 d.C.; de *A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers*, ed. Philips Schaff, vol. XI, 1851 (Eerdmans, reimpressão, 1975).

Coggan, Donald. *Paul: Portrait of a Revolutionary* (Hodder & Stoughton, 1984).

Conybeare, W.J. e J. S. Howson. *The Life and Epistles of St. Paul* (Longmans Green, nova edição, 1880).

Conzelman, Hans. *The Theology of St. Luke* (Faber, 1960; sendo a tradução para o inglês de *Die Mitte der Zeit*, 1954).

Debelius, Martin. *Studies in the Acts of the Apostles* (escrito entre 1923 e sua morte em 1947, traduzido para o inglês, SCM, 1956).

Dunn, James D. G. *Baptism in the Holy Spirit* (SCM Press, 1970).

Jesus and the Spirit: A Study of the Religious and Charismatic Experience of Jesus and the First Christians as Reflected in the New Testament (SCM, 1975).

Dupont, Dom Jacques. *The Salvation of the Gentiles: Essays on the Acts of the Apostles* (1967; traduzido para o inglês por Paulist Press, 1979).

Edersheim, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah*, 2 volumes (Longmans, 1883).

Sketches of Jewish Social Life in the Days of Christ (Religious Tract Society, s.d.).

Farrar, F. W. *The Life and Work of St. Paul* (Cassell, edição popular, 1891).

Gärtner, Bertil. *The Aeropagus Speech and Natural Revelation* (Uppsala, 1955).

Gasque, W. Ward. "The Book of Acts and History", em *Unity and Diversity in New Testament Theology*, ensaios em homenagem a G. E. Ladd, ed, Robert A. Gueloch (Eerdmans, 1978).

A History of the Criticism of the Acts of the Apostles (Mohr, Tübingen/Eerdmans, 1975).

Gasques, W. Ward e Ralph P. Martin, eds. *Apostolic History and the Gospel: Biblical and Historical Essays* (Paternoster, 1970).

Gomme, A. W. *A Historical Commentary on Thucydides*, em 5 volumes, vol. I (1945), vols. II e III (1956), vol. IV (1970) e vol. V (1981), de A. W. Gomme, A. Andrews e K. J. Dovey (Oxford: Clarendon Press).

Green, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva* (1970, Vida Nova, 1984).

I Believe in the Holy Spirit (Hodder & Stoughton, edição revista, 1985).
The Meaning of Salvation (Hodder & Stoughton, 1965).
Haechen, Ernst. *The Acts of the Apostles; A Commentary* (1956; 14ª edição alemã, 1965; traduzido para o inglês, Basil Blackwell, 1971).
Hanson, R. P. C. *The Acts* (1967; Oxford, Clarendon Press, 1982).
Harnack, Adolf. *The Acts of the Apostles* (traduzido para o inglês, Williams & Norgate, Londres, 1909).
Luke the Physician (1906; traduzido para o inglês, Williams & Norgate, Londres, 1909).
Hemmer, Colin. *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, ed. Conrad H. Gempf (Tübingen: Mohr, 1989).
Hengel, Martin. *Acts and the History of Earliest Christianity* (SCM, 1979).
Hobart, W. K. *The Medical Language of St. Luke* (Dublin University Press, 1882; reimpresso por Baker, 1954).
Horton, Stanley M. *The Book of Acts: A Commentary* (Springfield, Missouri: Gospel Publishing House, 1981).
Irineu, *Contra Heresias*, em *The Ante-Nicene Fathers*, vol. I, ed. Alexander Roberts e James Donaldson (1885; Eerdmans, 1981).
Josefo, Flávio. *A Antiguidade dos Judeus*, 93-94 d.C., traduzido por William Whiston, 1737; de *Josephus: Complete Works* (Pickering & Inglis, 1981).
As Guerras dos Judeus, c.78-79.
Keck, Leander E. e J. Louis Martyn, eds. *Studies in Luke-Acts* (Abingdon, 1966; SPCK, 1968; Fortress, 1980).
Knowling, R. J. *The Acts of the Apostles*, em *The Expositor's Greek Testament* (Hodder & Stoughton, 1900, 2ª ed., 1901).
Lenski, R. C. H. *The Interpretation of the Acts of the Apostles* (1934; Augsburg, 1961).
Longenecker, Richard N. *The Acts of the Apostles: Introduction, Text and Exposition*, em *The Expositor's Bible Comentary*, ed. Frank Gaebelein, vol. 9 (Regence Reference Library, Zondervan, 1981).
Biblical Exegesis in the Apostolic Period (Eerdmans, 1975)
Marshall, I. Howard. *Atos: Introdução e Comentário*, em *Série Cultura Bíblica* (Vida Nova & Mundo Cristão, 1980).
Luke: Historian and Theologian (Paternoster, 1970).
Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New*

Testament (United Bible Societies, edição corrigida, 1975).
Morgan, G. Campbell. *The Acts of the Apostles* (Fleming H. Revell, 1924; Pickering & Inglis, 1946).
Morton, H. V. *In the Steps of St. Paul* (Richard Cowan, 1936).
Neil, William. *The Acts of the Apostles*, em *New Century Bible* (Oliphants/Marshall, Morgan and Scott, 1895).
Pierson, A. T. *The Acts of the Holy Spirit* (Marshall, Morgan and Scott, 1895).
Rackham, R. B. *The Acts of the Apostles: An Exposition*, em *Westminster Commentaries Series* (Methuen, 1901; 4ª ed., 1909).
Ramsay, Sir William M. *The Church in the Roman Empire before AD 170* (Hodder & Stoughton, 1893).
The Cities of St. Paul: their Influence on his Life and Thought (Hodder & Stoughton, 1907). *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (Hodder & Stoughton, 1895; 11ª ed., s.d.).
Ridderbos, H. N. *The Speeches of Peter in the Acts of the Apostles* (Tyndale Press, 1962).
Sherwin-White, A. N. *Roman Society and Roman Law in the New Testament* (Oxford University Press, 1963; Baker, 1978).
Smith, James. *The Voyage and Shipwreck of St. Paul*, revisto e corrigido por Walter E. Smith (4ª ed., Longmans, 1880).
Stanton, Graham N. *Jesus of Nazareth in New Testament Preaching* (Cambridge University Press, 1974).
Stonehouse, N. B. *Paul before the Areopagus: and other New Testament Studies* (Tyndale Press, 1957).
Strondstad, Roger. *The Charismatic Theology of St. Luke* (Hendrickson, 1984).
Torrey, C. C. *The Composition and Date of Acts* (Harvard University Press, 1916).
Vermes, Geza. *The Dead Sea Scrolls in English* (1962; 2ª ed., Penguin, 1975).
Walker, Thomas. *The Acts of the Apostles* (1910, Moody Press, 1965).
Williams, C. S. C. *A Commentary on the Acts of the Apostles*, em *Black's New Testament Commentaries* (A. & C. Black, 1957; 2ª ed., 1964).